

COLEÇÃO NEGRA



# Mistério à Americana 2

Uma antologia dos melhores contos  
norte-americanos de mistério da atualidade

*Lawrence Sanders (editor convidado)*

*Edição da série de Otto Penzler*

"Uma antologia marcante." - Publishers Weekly





# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

*A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo*

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

*O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).*

---

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e*

*poder, então nossa sociedade poderá enfim  
evoluir a um novo nível."*

---





# MISTÉRIO À AMERICANA 2

The Best American Mystery Stories 2001

Mistério à Americana 2  
Organização e introdução de Lawrence Block  
TRADUÇÃO DE Roberto Muggiati  
Editora Record Rio de Janeiro • São Paulo 2003  
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos  
Editores de Livros, RJ.

Mistério à americana 2 / organização e introdução de  
M664 Lawrence Block; tradução de Roberto Muggiati. —  
Rio de Janeiro: Record, 2003. - (Coleção Negra) 448p.

Tradução de: The best american mystery stories 2001  
ISBN 85-01-06284-7

1. Antologias (Conto americano). 2. Ficção policial  
americana. I. Block, Lawrence, 1938-. II. Muggiati,  
Roberto, 1937-. III. Série. 03-0061

CDD-813.008

CDU-821.111(73)-3(082)

Título original norte-americano The best American  
mystery stories 2001

Copyright © 2001 by Houghton Mifflin Company

Introduction copyright © 2001 by Lawrence Block

Ilustrações: Rogério Borges

Projeto de miolo: Glenda Rubinstein

Composição: DFL

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no  
todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa  
somente para o Brasil adquiridos pela Distribuidora Record  
de Serviços de Imprensa S.A.

Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 —  
Tel.: 2585-2000 que se reserva a propriedade literária  
desta tradução Impresso no Brasil ISBN 85-01-06284-7

Pedidos pelo reembolso postal

Caixa Postal 23.052 Rio de Janeiro, RJ — 20922-970



# Contracapa

Vinte contos de mestres como Russell Banks, Joyce Carol Oates e Bill Pronzini ao lado de autores absolutamente inéditos.

Em *Mistério à americana 2*, os leitores vão encontrar mais um panorama da atual ficção policial produzida nos Estados Unidos, país onde nasceu e mais se popularizou. São histórias selecionadas de importantes revistas e que mostram a vitalidade do gênero policial. Não são contos de detetive apenas, mas mistérios muito diferentes, espalhados por todo o território americano.

**Mistério à americana 2** é uma boa amostra da produção atual, e apresenta autores que, no futuro, certamente serão grandes nomes do gênero.

Mais um título da Coleção Negra, dedicada aos maiores mestres da literatura policial.

## Orelhas

Uma policial em período de experiência persegue um estuproador por entre os vinhedos da Califórnia. Um raríssimo livro é roubado de um centro de cultura irlandesa em Boston. Uma jovem fica obcecada pelo assassinato de uma colega de colégio. Um agente funerário é assombrado pela morte violenta de uma bela mulher. Para esta nova edição da antologia *Mistério à americana 2*, o editor convidado Lawrence Sanders, um dos grandes nomes da literatura policial americana, selecionou 20 contos

sombrios, de atmosfera densa, mas, acima de tudo, com tramas de primeira.

[Neste volume com as melhores} histórias curtas de mistério publicadas na virada do século XX, grandes autores como Russell Banks e Joyce Carol Oates estão ao lado de nomes desconhecido como Jennifer Anderson, John Salter Roxana Robinson para provar que o gênero criado por Edgar Allan Poe no século XIX está vivo, com um frescor renovado, e promessas de um terceiro século de novos roubos e assassinatos literários. Uma antologia que prende a atenção do leitor até o desfecho de sua última história.

Capa de Glenda Rubinstein sobre ilustração de Rogério Borges



# Sumário

Prefácio de Otto Penzler

Introdução de Lawrence Block

JENNIFER ANDERSON

*Coisas que fazem seu coração bater mais rápido*

RUSSELL BANKS

*Noite da lagosta*

MICHAEL DOWNS

*Comida de prisão*

LESLIE EDGERTON

*No ozônio*

WILLIAM GAY

*O forrador de papel*

JEREMIAM HEALY

*Um livro de Kells*

STEVE HOCKENSMITH

*O último dia de Erie*

CLARK HOWARD

*Sob suspeita*

MICHAEL HYDE

*A Hollywood dela*

DAN LEONE

*Família*

THOMAS LYNCH

*Esporte sangrento*

DAVID MEANS

*O parque*

KENT NELSON

*Marés*

JOYCE CAROL OATES

*A garota com o olho roxo*

T. JEFFERSON PARKER  
*Numa boa*  
BILL PRONZINI  
*A grande mordida*  
PETER ROBINSON  
*Desaparecido em ação*  
ROXANA ROBINSON  
*A plástica facial*  
JOHN SALTER  
*Rancho grande*  
NATHAN WALPOW  
Um empurrão e tanto  
Colaboradores

# Prefácio

Este é o segundo volume da série de Mistério à Americana, antologia com os melhores contos norte-americanos de mistério da renomada editora Houghton Mifflin e, não sei, mas pode bem ser o melhor deles até agora.

Existem muitos autores aqui que me eram desconhecidos. Muitos dos nomes mais familiares do gênero não estão presentes nesta coleção, ou porque deixaram de escrever histórias curtas no ano que passou ou porque algumas destas novas vozes simplesmente produziram trabalho superior. Isto, para todos os leitores sérios como nós, de ficção de mistério ou de qualquer tipo de ficção, é uma coisa muito boa. E um consolo saber que as reservas estão cheias e que o futuro do conto está assegurado.

Notei uma mudança muito importante desde que me tornei o editor da série há cinco anos: Naquele primeiro ano, havia um punhado de histórias publicadas como originais eletrônicos. No ano seguinte houve mais um pouco. Neste ano, provavelmente vi de 250 a 300 delas, mantendo o número total de histórias examinadas bem acima de mil.

Para ser franco, a maioria das histórias publicadas eletronicamente não é muito impressionante. Nem um trabalho intenso de edição ocorre em muitos sites do mundo das publicações eletrônicas e geralmente também não há muita seletividade, por isso não é surpreendente que a vasta massa destas histórias nada tenha de original, nem consiga atrair do ponto de vista estilístico. No entanto,

e isto é significativo, nenhuma história no volume de 1997 chegou sequer a figurar na galeria de honra. Este ano, várias delas o conseguiram e várias outras chegaram bem perto. Só posso concluir que, cada vez mais, material de qualidade aparecerá nestes sites entre toda a escória e não vai demorar muito para que uma história, ou mais de uma, rompa o gelo e venha a fazer parte do livro.

Algumas coisas não mudam muito. A maioria das histórias são de crime ou de suspense — histórias de personagens e de motivação — em vez de histórias de detetive.

Isto provavelmente porque a história de detetive pura talvez seja o tipo mais difícil de ficção curta de se escrever. Por outro lado, é possível que os autores mais jovens estejam mais interessados em investir na personalidade e na psicologia do que em enigmas. Seja como for, este fenômeno dá à antologia um alcance que seria impossível se todos os contos fossem de observação e detecção.

Lawrence Block, o editor convidado deste ano, teve histórias publicadas em volumes anteriores, foi nomeado Grande Mestre pelo grupo Mystery Writers of America por suas realizações no mundo da literatura policial. É um ex-presidente daquela organização e um múltiplo vencedor do prêmio Edgar Allan Poe, tanto na categoria de Melhor Romance, como na de Melhor Conto. Como editor-convidado, ficou inelegível para ter alguma história selecionada neste volume. Seria, de qualquer modo, um tanto improvável ele selecionar uma de suas próprias histórias, por mais merecedora que fosse.

Estou seguro de que vocês concordarão que valeu aquele sacrifício quando lerem sua divertida introdução e se deleitarem com suas escolhas. Desejei que ele tivesse encontrado espaço para uma ou duas histórias que eu adorei e ele não, mas as coisas são assim mesmo. Imediatamente depois de receber sua lista das histórias selecionadas para o livro, telefonei a Block para dizer que

eu também fizera minha avaliação e, surpreendentemente, dezoito das minhas vinte melhores histórias figuravam na lista dele. Só posso recomendar seu soberbo gosto.

Nenhum volume desta série deveria ser publicado sem o meu sincero voto de gratidão a Michele Slung, a leitora mais veloz e mais esperta deste planeta, sem a qual este livro exigiria três anos para ser feito. Ela examina literalmente milhares de histórias para determinar se têm a ver com mistério ou com crime e depois decide se são suficientemente boas para serem examinadas com seriedade. Vocês encontrarão várias indicações, tanto entre as histórias selecionadas, como entre as da galeria de honra, daquilo que pode ser definido como as fontes arcanas deste gênero, e isto é um tributo ao talento de detetive da própria Michele em pinçar ficção de qualidade para estas páginas.

Também cabe aqui uma palavra de agradecimento aos editores e às empresas que publicam pequenas revistas por todos os cantos dos Estados Unidos, favorecendo-nos com assinaturas e inscrições de seus trabalhos. Nenhuma destas pessoas trabalha pelo dinheiro, mas puramente pela alegria de contribuir para a criação e a disseminação dos textos de qualidade.

O.P.

# Introdução

O conto de mistério americano, tenho o agradável dever de informar, está em muito boa forma.

Se vocês passassem por cima desta introdução e seguissem diretamente para as histórias, descobririam isto sozinhos. E, devo dizer, todo impulso, exceto aquele do ego, me induz a insistir para que façam justamente isto. As histórias, sem dúvida, são a razão de estarmos todos juntos aqui.

Elas são as melhores da safra de 2001 e a safra, em si, foi uma das mais generosas. E foram escritas, cada uma delas, por amor amor às ideias que as impelem, amor aos personagens que as povoam, amor à pura tarefa de sonhar com mundos imaginários e colocar palavras bem escolhidas no papel (ou na tela, ou no que você quiser).

Esta introdução, por outro lado, foi escrita por dinheiro. E parte do meu trabalho como editor-convidado, que consiste principalmente em ler as cinquenta melhores histórias selecionadas por Otto Penzler, com a assistência de Michele Slung, e escolher vinte dentre elas para este volume. Depois de executar esta agradável tarefa, tenho ainda de alinhar uma centena de frases com o objetivo de produzir algo que sirva para apresentar vinte belas histórias que, a bem da verdade, dispensam apresentação.

Minhas palavras, porém, ajudarão a justificar a presença do meu nome na capa do livro e também me ajudarão a ganhar o meu cachê.

Devo me desculpar por minha motivação mercenária? Acho que não. Sou guiado, afinal, pelas palavras imortais de Samuel Johnson: "Nenhum homem, exceto um bloqueado, escreveria por outra coisa que não o dinheiro."

Será que as palavras do bom Dr. Johnson ecoariam tão forte na minha alma, me perguntei muitas vezes, caso tivesse escolhido outra palavra? Um retardado, digamos, ou um otário, ou um idiota, ou um palhaço ou um parvo? "Nenhum homem exceto um pretensioso, senhor, escreveria por outra coisa que não o dinheiro." Tem, devo admitir, um belo som e deixa também meu inocente sobrenome ("bloqueado", *Block*) fora da jogada.

Ah, bom. Sempre me pareceu que o significado preciso da tirada de Johnson seja sujeito a interpretações. Talvez ele esteja dizendo que a pessoa que escreve com a feliz antecipação de algo além da recompensa financeira estaria fazendo o papel de tola. Se você espera fazer nome ou atingir a imortalidade literária ou mudar o mundo, ou acumular pontos de escoteiros no céu, então seguramente você é um bloqueado — porque o dinheiro é tudo o que você pode honestamente esperar em troca dos seus esforços.

Porque, certamente, o próprio Johnson estava longe de ser o mercenário que a frase aqui citada o faz parecer. Ele escrevia por dinheiro, indiscutivelmente, e poderia muito bem ter parado de escrever caso não lhe pagassem mais, mas escrevia também com a clara intenção de contribuir com o acervo de conhecimento da humanidade e de abrilhantar a literatura inglesa. Na verdade, sua máxima funciona tão bem, e soa tão característica da sua lavra, se a virarmos ao avesso: "Nenhum homem, exceto um bloqueado, escreve unicamente por dinheiro."

E quem pode refutar isto? Existem maneiras mais fáceis de ganhar a vida — quase todas as outras, a bem da verdade — e poucas menos prováveis de acumular uma fortuna.

Voltemos a nossas vinte fabulosas histórias, e aos vinte bloqueados que as escreveram. Por que, podem me perguntar, insisto em chamá-los assim? Como posso ter

certeza de que não foi o dinheiro que escreveu essas histórias?

É simples: não existe incentivo econômico hoje em dia para escrever contos.

Sem cair na armadilha da história, deixem-me contar apenas que nem sempre foi assim. As principais revistas populares impressas em papel acetinado dos anos 1920 pagavam aos escritores mais famosos até 5.000 dólares por um conto. (Isso equivale a quanto, segundo o poder aquisitivo atual? 100.000 dólares? Mais?) Nos anos 30 e 40 as revistas policiais — as *pulps* — garantiam ao escritor de competência genuína um mercado para toda ficção curta que ele fosse capaz de produzir — pagando uma tarifa baixa por palavra, certamente, mas o bastante para garantir um sustento.

Não mais. Pode ser tecnicamente possível ganhar a vida escrevendo ficção curta, mas só conheço uma pessoa que o faz, entra ano, sai ano. (É o extraordinário Edward D. Hoch, cuja imaginação incrivelmente fértil provou-se fonte ilimitada de ideias para contos breves.) Histórias curtas, para a maioria de nós, são difíceis de escrever e difíceis de vender, e aquelas que vendem não pagam muito.

Por que, então, escrevê-las?

Alguns de nós não o fazem. Quando comecei a escrever profissionalmente, pouco depois da invenção do tipo móvel, a maioria dos aspirantes a autor de mistério estreava publicando contos em revistas. Em uma década, a maioria daquelas revistas tinha desaparecido e muitas vezes o primeiro romance de um escritor era sua primeira obra publicada. Hoje é cada vez mais comum ver escritores que alcançaram algum reconhecimento com seus romances serem convidados a contribuir com contos para antologias originais e frequentemente isto os induziu a escrever ficção curta pela primeira vez.

Eu mesmo comecei como contista. O jovem escritor que eu era não podia de modo algum se sentar e escrever um



romance imediatamente. Precisei escrever e publicar duas dúzias de contos antes que estivesse pronto para tentar algo mais longo.

Assim que pude, comecei a escrever romances e foi o romance que garantiu o pão na minha mesa ao longo dos anos. Mas nunca deixei de escrever contos e espero continuar escrevendo-os enquanto tiver fôlego e massa cinzenta disponível para a tarefa.

Por quê?

Porque é satisfatório. Porque o conto, apesar de todo o trabalho que exige, é aquilo que mais se aproxima em nosso ramo de atividade da satisfação instantânea. Todo romance que escrevi apresentou momentos não muito diferentes da guerra de trincheiras. Já os contos, escritos às vezes em uma única sentada, raramente ocupando mais do que uma semana ao todo, são menos desgastantes e mais estimulantes.

Porque é uma atividade libertadora. Posso tentar a mão em temas, cenários e tipos de personagens num conto com os quais eu não me sentiria à vontade num romance inteiro. Posso correr riscos, sabendo que o fracasso significa que joguei fora dias, não meses ou anos.

Porque é divertido.

Suspeito de que os autores destas vinte histórias acharam a tarefa de escrevê-las satisfatória, libertadora e divertida. Certamente me diverti com a sua leitura e confio que o leitor também se divirta.

Acho que vocês vão ficar impressionados, como eu fiquei, com a riqueza dessas histórias e com a extraordinária variedade — de tema, de atmosfera, de estilo — encontrada aqui. O único ponto comum, realmente, além da sua excelência, é que todas são histórias de crime — vale dizer, que um crime ou a ameaça de um crime é o elemento central em cada uma delas.

A variedade que isso permite é ilimitada. Ao mesmo tempo, porém, eu sustento que o crime é um elemento

definidor de um jeito que vários temas tópicos não o são.

Houve pessoas que fizeram antologias em que todas as histórias são sobre cachorros, digamos, ou se passam a bordo de um navio, ou envolvem crianças, e este tipo de tema pode ensejar uma coletânea de sucesso, mas o elemento comum não define as histórias. O crime é de certo modo mais genérico — o que, suponho, ajuda a explicar por que o mistério é um gênero literário marcante — e duradouro.

É, como vocês vão ver, um gênero com um teto muito amplo, uma casa com muitas mansões.

Vocês ficarão também impressionados com o número de nomes pouco familiares no sumário deste volume. Dois terços dos escritores cujas histórias selecionei são homens e mulheres cujos nomes e cujo trabalho são novos para mim.

E isso me sugere que o conto — o conto de mistério — ainda é a porta pela qual muitos novos escritores emergem.

Acho que isso é uma coisa boa. Todo gênero de mistério, não devíamos esquecer, se originou no conto. É, afinal, o que Poe escreveu.

E aqui estão vinte escritores imensamente talentosos seguindo suas sombrias pegadas. Vocês têm um maná a sua espera.

Aproveitem!

LAWRENCE BLOCK

JENNIFER ANDERSON

## **Coisas que fazem seu coração bater mais rápido**

Se eu fosse uma pintora é assim que pintaria Napa Valley: não como naquelas cenas de galeria com mostardas em flor ou frutas maduras para a colheita, mas esta paisagem prateada espectral e secreta, as videiras adormecidas e brancas de geada, a lua cheia, lebres se espalhando pelo piso da estrada diante de mim como contas de mercúrio.

Em certa ocasião fui policial por pouco tempo em Saint Amelia, uma cidadezinha exclusiva do tamanho de um selo postal, e adquiri conhecimento íntimo desta paisagem, dez quilômetros quadrados, na escuridão da "ronda do cemitério". Os emblemas em nosso uniforme eram cômicos — nada de estrelas ou águias autoritárias, mas uvas em tons de orquídea sobre fileiras de vinhedos em laranja e verde, de aparência lustrosa e esmaltada, do jeito que eu pensava da cidade. Eu ansiava pelo sono, desejava abraçar o corpo do meu marido adormecido, dirigia pelas mesmas ruas sem parar, contornava as mesmas fronteiras, esperava que algo acontecesse. Como uma bola de pinball em movimento constante, esbarrando contra os seus limites.

Quando meu turno terminava, eu disparava para minha casa na cidade de Napa, trinta minutos ao sul. Meu marido e eu não tínhamos recursos para morar em Saint Amelia; nenhum dos tiras que lá faziam patrulha tinha, exceto um ou dois veteranos que compraram propriedade muito tempo atrás. Eu corria para o meu quarto de dormir com as

janelas forradas de papel laminado, onde podia preservar a ilusão da noite e dormir. Os desejos — de sono, do meu marido, de algo indescritível — convergiam. Meu marido, jovem assistente de um produtor de vinhos, cheirava a descolorante, chãos de cimento úmidos, a ponta salobra de uma rolha empapada de vinho, a aço inoxidável molhado, suor, carvalho, sol. Quando trabalhava nas adegas de calcário, onde vicejam fungos e bolor, seus cabelos e sua pele ficavam impregnados de um intenso odor artificial de rosas. Quando dormia, sua pele era tão quente, como chocolate deixado ao sol assim que chega ao ponto de derreter, coberto por gotas de umidade. Eu queria apertar tantos planos do meu corpo frio contra o seu quanto possível, coxa sobre quadris, estômago contra as costas, maxilar contra o maxilar.

Eu me despia e colocava minha arma sobre a mesinha de cabeceira debaixo de um livro aberto e então, assim que desdobrava um canto do cobertor, dançando de alegria interior como quem está para entrar num banho quente, seu despertador tocava, a campainha da terceira ou quarta soneca, aquela que lhe dizia que estava atrasado.

Em nossos vinte e poucos anos, vivíamos totalmente duros e meu emprego na polícia era importante para nós por causa do seguro-saúde. Napa Valley havia perdido seu encanto bucólico e em momentos de desespero tentei convencer meu marido a mudar para a República Checa, a Argentina, a África do Sul e outras regiões produtoras de vinho no mundo em que existiriam oportunidades para um americano jovem e ambicioso com talento, mas sem ligações. A produção de vinho em Napa Valley era uma espécie de Hollywood, que, ironicamente, foi onde meu marido trabalhou primeiro: era formado em cinema. Idealista, insistia que o trabalho só podia ser aprendido pela experiência, que os diplomas de vinicultor não valiam nada. Assim, éramos desde o início estranhos numa indústria fechada e incestuosa em que a demarcação entre

os "de dentro" e os "de fora" era absoluta. E então, ao mesmo tempo que Saint Amelia me contratou, ele foi contratado como assistente por um produtor de vinhos *cult* que tinha listas de espera para comprarem seu mítico e perfeito *cabernet*. Ainda estávamos duros — mas com uma diferença. Teríamos um caminho para a confraria, meu marido me garantia, se fizéssemos as coisas certas. Ele desabafava espontaneamente que possuía um "bilhete premiado" e depois se preocupava de que, se parecesse feliz demais, os deuses pudessem arrebatá-lo.

Nossa principal forma de diversão quando estávamos sozinhos era contar um ao outro histórias que desmistificavam o vale. Ele me contava de tanques de vinho branco bombeados acidentalmente para dentro de tanques de vinho tinto e dizia: "Este vale é pequeno, pense nas carreiras arruinadas." Advertia-me de que algumas pessoas poderiam tentar arrancar informação de mim. "Oh, por favor", eu dizia. "Você não teve de assinar um contrato de confidencialidade como eu." Eu lhe contava sobre o mistério do homem nu morto, encontrado de rosto para o chão diante de um castelo vinícola. Presumia-se no início que ele caíra — ou fora empurrado — da janela do terceiro andar. (Na verdade, na medida em se podia adivinhar, ele acordara no meio de um porre e confundira as portas envidraçadas, que se abriam para uma queda de dez metros, com o banheiro dos hóspedes.) E eu lhe contava toda a coleção de histórias de pervertidos-nos-vinhedos que os outros tiras gostavam de me contar durante as rondas em que nada acontecia. No começo achei que estavam brincando comigo, mas aprendi que toda cidade, grande ou pequena, tem um crime, o crime sexual. No mês anterior à minha contratação, duas mulheres ambas moravam em residências luxuosas que davam para os vinhedos — relataram que acordaram no meio da noite com um estranho em sua cama, tocando nelas. Ao primeiro sinal de resistência, ele desapareceu na escuridão como algum

espírito maligno do vinhedo, deixando-as sem saber ao certo se não teria sido apenas um sonho.

Eu não podia acreditar que me houvessem contratado. Não podia acreditar que me tivessem dado um distintivo de verdade e uma arma de verdade. Comecei a trabalhar no período diurno durante uma semana quente de novembro, o ar pesado com o mosto de uva deteriorado, e tudo parecia colorido de erotismo, do estalido de meu novo cinturão de couro à voz do meu oficial de treinamento, Ken, uma voz que me fazia pensar na palavra patina. Minha primeira semana no trabalho foi uma semana de experiência, um tempo para circular e observar, livre das tarefas e multas diárias, enquanto Ken dirigia. Ken mostrou-me as estradas secretas que cortavam os vinhedos, as mansões escondidas, os atalhos através do cascalho, tudo aquilo uma rotina para ele, mas uma fonte de emoção para mim. Mostrou-me lugares onde cogumelos comestíveis podiam ser colhidos depois da chuva. À primeira luz do dia, mostrou-me a "dama dos caracóis", rastejando através dos quintais cobertos de orvalho dos vizinhos, catando lesmas e as colando em seus braços, no peito, nas faces até que, com o corpo todo coberto, ela as levava para casa, junto a caixas de vime trançado, as alimentava, limpava e as vendia aos restaurantes. Eu às vezes me sentia como uma garota passeando de carro com o namorado e, quando Ken me levava até o isolado Reservatório Superior e comentava sobre a qualidade da luz sobre a água e as ruínas enredadas de hera de uma vinícola fantasma, eu via uma imagem ridícula e doentia de nós dois nos abraçando, as conchas duras de nossa armadura corpórea se entrechocando, nossos cinturões utilitários eriçando-se em torno de nós como pontas de porcos-espinhos.

Comprei uma bolsa especial com um coldre de velcro escondido para levar comigo quando estivesse de folga. No começo fiquei aterrorizada de que a arma disparasse acidentalmente; depois de algum tempo em me esquecia de

que ela estava em minha bolsa, exceto pelo peso constante. Eu sabia atirar muito bem para alguém que nunca atirara antes da academia, mas não gostava daquilo por causa do barulho (fazia meu coração bater) e de um medo irreprimível de que a arma tivesse um defeito e explodisse com minha mão. Às vezes meu marido reverentemente polia a coronha com uma camurça e dizia "Você é tão feliz", mas a arma era um fardo para mim, um fardo complicado pela natureza banal da maioria dos chamados em Saint Amelia — "10-91, beija-flor à solta dentro da La Dolce Vita Cantinetta. Central pede assistência." Eu fora treinada em tática na Academia de Napa Valley pela equipe da SWAT de São Francisco e muitas das coisas que eles recomendavam — nunca aperte a mão, por exemplo; alguém poderia estar preparado para aplicar-lhe uma manobra de luta livre — não fazia sentido em Saint Amelia. Eu observava Ken, para minha tristeza, rotineiramente em pé num meio-fio, balançando sobre os calcanhares, mãos no bolso, braços cruzados ou segurando um refrigerante, em vez de plantar seus pés numa postura de noventa graus, as mãos alertas.

Ao rodar de carro pela cidade em minha segunda semana, senti — como posso explicar? — sexo e morte ao redor de mim. Poderia parecer rebuscado, como se eu estivesse inventando. Mas foi assim desde o início. Saint Amelia nunca contrata. É "anticrescimento". Então um veterano sofreu uma embolia e eu me tornei nível 7. Durante o almoço mostraram-me um videotape do seu enterro e o celebrante chorou e disse: "Ninguém poderá substituir Tony, nunca." (Colegas que eu encontrava às vezes diziam: "Então você é a substituta de Tony.") A morte de Tony levava outro veterano a se aposentar, por isso eles ficaram com dois policiais a menos, mas eu fui a única nova contratação. Todo mundo parecia nervoso e tinha a postura tensa porque o tarado dos vinhedos ainda estava à solta. A "ronda do cemitério" acabara de receber a denúncia de uma mulher que fizera sexo com ele porque achava que seu

marido, chegando mais cedo de uma viagem de negócios, a acordara no meio da noite, erguendo sua camisola de seda, desarranjando sua cama ornada em forma de concha que cheirava a alfazema. E, no curso dos acontecimentos, ela tivera a percepção incrivelmente sinistra de que não se tratava do seu marido. Quando gritou e chutou, ele desapareceu por uma porta de correr de vidro e saltou para o vinhedo. E ela era incapaz de descrevê-lo.

— Você tem sorte — disse Ken para mim. — Esta é uma boa oportunidade para aprender, que frequentemente não temos por aqui.

Ele me fez ler relatórios de crimes sexuais e estudar códigos de crimes sexuais e protocolos de estupro. Então um dos veteranos, Hash, desocupou um acampamento de lavradores migrantes e os tiras disseram que aquilo certamente dava cabo do nosso tarado, esperem só e vejam, não vamos mais ouvir falar nele. A rotina policial era chata — carro rebocado, cão latindo ou bicicleta perdida ou um tanto cômica. Mesmo quando envolvia violência, era coisa leve, como quando dois homens sacaram pistolas semiautomáticas num restaurante e levaram uma garrafa de vinho, que nem chegava a ser das mais caras. Mas eu ainda podia senti-lo por ali, anônimo e oculto, especialmente agora que eu vira a paisagem secreta de Saint Amelia.

Algo mais estava deixando todos os dez policiais juramentados — e quatro atendentes e dois oficiais de serviços comunitários em meio expediente — com os nervos à flor da pele. Eu sabia que os edifícios da cidade haviam tido recentemente suas fechaduras trocadas e quando perguntei por que precisávamos trazer as espingardas e fuzis AR-15 dos carros durante a mudança de turno, encostando-os contra a parede ao lado da mesa de reuniões empilhada de tortas de Ação de Graças e pães doados por cidadãos solidários, Ken me contou. O segundo sargento Donald fora demitido, abrira processo, apelara e perdera, e



agora havia levado seu caso à Suprema Corte, flexionando os músculos atrofiados do seu diploma de bacharel (nunca conseguira ser admitido no fórum) e esperavam que ele não estivesse descontente. Aos poucos, durante minhas primeiras semanas de emprego, ouvi a história, contada pelas burocratas fofoqueiras: no vestiário, o segundo sargento Donald puxara sua arma para um policial que estava tendo um caso com a mulher de Donald. O policial que estava tendo o caso se chamava "Camaradinha", embora ninguém o chamasse de Camaradinha na sua cara — todos o chamavam de Bill. O Camaradinha era um nível 1, o policial com maior número de anos na força, mas era preguiçoso e por isso ninguém gostava dele. O catalisador, aparentemente, não foi o caso em si, ou o divórcio que se seguiu, mas o acordo de divórcio que presenteou a mulher de Donald com a sua van novinha e o fato de que o Camaradinha começou a usar a van da ex-mulher de Donald para ir ao trabalho.

Aquela segunda semana, quando comecei a dirigir, foi um desastre cômico. Tentei saltar para fora do carro a fim de atender a uma chamada de um bebê que estava sufocando mas não consegui, porque ainda estava presa ao cinto de segurança. Derrubei meu bloco de multas numa poça. Uma vez, meu desajeitado cassetete lateral acionou os botões de ajuste dos assentos, movendo gradualmente meu banco para a frente e imprensando meus joelhos contra o painel enquanto eu entrava em pânico e batia com o ombro. Havia um novíssimo manual de treinamento, grosso como uma lista telefônica, que eles tiveram de produzir para atender às novas exigências estaduais. A ideia era de que todo dia Ken cobriria uma área de treinamento no livro, discutindo-a comigo enquanto fazíamos a ronda de carro; eu demonstraria competência e nossas iniciais apareceriam ao lado das colunas nas páginas do livro. Ken nunca abriu o livro. Ele me fez levá-lo para o carro e, como não havia lugar para colocá-lo, eu o

enfiei sobre o aparelho de radar. Ken também tinha a responsabilidade de preencher uma avaliação de desempenho diária, que pontuava minha atuação em trinta diferentes categorias numa escala de um a dez. Ele preenchia os formulários e os entregava ao chefe no final de quase todos os dias, geralmente me pedindo para refrescar sua memória quanto ao que tínhamos feito. No dia em que não consegui sacar o radar de baixo do livrão a tempo de flagrar um excesso de velocidade, ele me deu notas baixas.

Ken, concluí, era um homem nos primeiros estágios do autoquestionamento sobre o significado da vida e a frustração decorrente tinha tornado sombria sua natureza normalmente passiva. Quando tentei puxar conversa perguntando-lhe por que se tornara um tira, ele disse: "Tenho feito esta pergunta a mim mesmo muitas vezes, ultimamente."

Sua única filha, uma menina de cinco anos nascida tardiamente em sua vida, acabara de fazer quimioterapia contra uma forma rara de câncer do cérebro. No turno diurno, Ken gostava principalmente de ir à escola onde ele ensinava os princípios da assistência comunitária e conversar com as professoras na sala dos professores durante os intervalos. Elas arranjavam um pratinho com alguma gororoba de abacaxi e lhe perguntavam sobre os progressos da filha, enquanto o olhavam extasiadas e se agarravam a cada palavra sua. Da sua parte, achava que aquela atenção concentrada era merecida, porque a doença da filha era o traço mais esmagador de sua, fora isso, plácida existência.

Ken falava muito lentamente e meu impulso era de interrompê-lo, terminar suas frases e desenhar arabescos em torno de seus pensamentos, mas ele era obstinado e me ignorava, completando suas frases até que finalmente eu dirigia em silêncio. Assim, aprendi todos os detalhes do drama da quimioterapia e, a partir daí, a fixação de Ken

pela aposentadoria, como parecia distante, as possibilidades que o aguardavam etc., como se estivesse à espera de que sua vida verdadeira fosse começar. Ou como se estivesse adormecido e a doença da filha o tivesse despertado. A semana inteira era assim que operávamos: eu dirigia e ele contava histórias, e eu ouvia e às vezes o aconselhava, tentando até injetar nele alguma inspiração. No fim do dia voltávamos ao Departamento de Polícia e eu me sentava à mesa de reuniões mordiscando pão de abóbora enquanto ele se debatia com o meu formulário de desempenho. Passava-o para mim, eu examinava a coluna das notas baixas, sentia o ferrão da humildade, assinava a folha para mostrar que a tinha lido e empurrava do outro lado da mesa para ele.

As rotinas de Ken eram arraigadas. Pare perto da escola primária e procure carros estacionados em fila dupla. Então passávamos no posto Exxon para a sua Coca Diet gigante. Rodávamos um pouco. Voltávamos então ao celeiro para que ele pudesse esvaziar a bexiga. Saíra para pegar um sanduíche um dia enquanto eu comia meu lanche à mesa de reuniões e quando voltou disse: "Vamos. Eu dirijo." Um voluntário na escola primária, contou-me, observara um estimado professor, na verdade um conhecido de Ken, bolinando um garoto na sala de aula, colocando a mão nas calças do garoto e segurando uma almofada de sofá sobre seu colo enquanto lia uma história. O episódio tinha um potencial capaz de causar histeria. Crianças com sobrenomes que você reconheceria se costuma beber vinho de Napa Valley teriam de ser entrevistadas, uma quantidade de crianças, com pais poderosos. Depois que conversamos com o diretor, Ken dirigiu pelo perímetro da cidade, em becos silenciosos margeando os vinhedos.

Batucava com as mãos no volante. Entendi que não ia me deixar dirigir. "Uma boa coisa a fazer em situações como essa é elaborar uma lista. Listas detalhadas de tudo o

que você tem a fazer." "A-hã", eu disse. "Vamos voltar ao celeiro", ele falou.

Eu passava horas na mesa de reuniões tentando estudar o mapa de Saint Amelia; dizia repetidas vezes para mim mesma "norte, leste", que é como os números da rua estão ordenados, enquanto Ken fazia suas listas e falava ao telefone no pequeno escritório ao lado da sala de reuniões, interminavelmente, em sua voz lenta e baixa. Tinha começado a fazer entrevistas com crianças nos fins de tarde e havia confirmado quatro vítimas. "O importante num caso destes, numa cidade como esta", disse-me Ken, "é não apressar as coisas. Não queremos causar pânico. É a principal coisa que não queremos." E eu disse: "Mas temos um molestador na sala de aula, que não tem motivo algum para suspeitar de que alguém saiba e que portanto continuará a molestar." Ouvi Ken no escritório do chefe tentando se livrar do caso e o chefe dizendo, "Você é o único que pode cuidar do caso no momento, Kenny, estamos todos sob pressão".

Devo admitir a vocês que sou uma sonhadora de olhos abertos e não fiz melhor uso do meu tempo de estudos porque detestava decorar códigos. Na saleta de material de escritório, encontrei os velhos livros de registros da polícia que datavam do começo do século, escritos a lápis como uma névoa que se dissipa. Parei de escutar o telefonema de Ken — ele falava com alguém do FBI sobre como acessar o disco rígido do professor — e eu li os registros, concentrada apenas em cada um deles.



Tão concentrada estava que não ergui os olhos ao som da porta dos fundos sendo destravada, nem vi quando um homem parrudo e barbudo, o ex-segundo sargento Donald, entrou na sala de reuniões carregando uma espingarda. Houve alguns momentos confusos depois, quando a burocrata, que o viu entrando pela porta dos fundos no monitor do vídeo, se trancou no banheiro e ignorou o telefone. Ken pediu a Donald que pusesse a espingarda no chão, enquanto eu observava, marcando minha posição no livro de registro com o dedo. Finalmente o chefe, que estava fora numa reunião, foi alcançado por telefone e a coisa toda foi resolvida. O chefe, um sueco naturalizado que enrubescia num tom vermelho-vivo toda vez que falava — comigo, com qualquer um — tinha bobeadado e não contara a ninguém que Donald havia ganho seu último apelo e fora reintegrado, embora tenha perdido a patente de oficial de patrulha.

— Não estou dizendo que você devia ter sacado sua arma para Donald; isso certamente não teria sido bom — disse Ken —, mas minha opinião é que devia ter reagido de alguma forma. Devia tê-lo visto primeiro de onde estava sentada.

Ken estava furioso comigo. Eu não tinha vontade de discutir com ele, dizendo que sujeitos da patrulha rodoviária e até detetives à paisana do departamento do xerife entravam pela porta dos fundos o tempo todo para fazer suas refeições ou preencher seus relatórios e

ninguém os explicava ou apresentava a mim. Eu sentia que a maneira mais rápida de acabar com este sermão era o silêncio, a obediência.

— Você ficou simplesmente sentada lá! Lendo ou seja lá o que for — disse Ken. Esta observação renovou sua indignação. Pouco depois, fui transferida para o segundo turno, para dirigir com Jason, devido à natureza intensiva do caso de Ken.

Foi aí que tudo começou, eu acho, quando decidiram que eu não enxergava, que me faltavam as faculdades de um observador treinado. Que minha competência como policial era fatalmente comprometida por uma incapacidade de processar detalhes do mundo concreto e físico ao meu redor e que apenas um plano para garantir que eu notasse cada carro estacionado numa zona vermelha ou azul, cada talão de estacionamento vencido, cada silencioso estourado ou para-brisa com vidro fume teria o potencial de me redimir.

Jason, ou Tira Neném, como era conhecido, parecia ter doze anos de idade. Sua mulher acabara de dar à luz sua primeira filha e ele distribuía barras de chocolate Hershey com embalagem personalizada que dizia "Ela chegou", dando-me extras "para manter minha taxa de glicose elevada". Era sua primeira vez como oficial de treinamento e queria que eu gostasse dele.

— Ken me disse que você precisa muito aperfeiçoar os seus poderes de observação — disse. — O que vamos fazer, talvez depois, é treinar algumas técnicas de observação — falou. — Vou dizer o nome de um objeto e você vai falar quando avistar um. Por exemplo, pode me dizer de saída onde existe um tomate gigante?

— Está falando sério? — disse eu, um pouco ofendida. — E a Pizzaria Pomodoro.

— Bom, muito bom — disse ele, como se eu tivesse executado um truque com muita mestria. — Pode me dizer

um endereço onde existe um jóquei? — falou, dando o troco.

— Não tenho a menor ideia — falei. Oh, como ficou feliz de ter me pegado. Ficou radiante.

— Vamos trabalhar um pouco mais nisso depois. Não se preocupe. Virá com o tempo.

Jason me disse que eu deveria trocar os colchetes de latão no meu cinturão para que todos os colchetes fossem uniformemente prateados, como indicava o código de vestimenta. Talvez eu também quisesse investir num conjunto combinado de caneta e lapiseira como o seu, para usar no meu bolso. Recomendava o uso de uma lapiseira porque, Ken talvez tivesse deixado de me dizer, já que o trânsito não era sua seara, o grafite era necessário para escrever comentários nas costas das multas. Pedi para ver meu bloco de multas.

— Está uma grande confusão — disse. — Vamos ver se endireitamos isto.

Mostrou-me como arranjara seu bloco de multas, onde colara sua tabela e onde guardava seu resumo de normas e o *crayon* para marcar pneus. Depois que prometi trocar meus colchetes, comprar um conjunto caneta-lapiseira e reorganizar meu bloco de multas, Jason pareceu relaxar.

— E uma pena que Tony não possa estar aqui para treinar você — disse, referindo-se ao falecido que tornara minha contratação possível. Tony era o oficial de treinamento mais graduado.

Naquele primeiro turno coloquei minha capa de chuva e botas de borracha, verifiquei meu rádio e preparei o carro, examinei o livro de ocorrências policiais e esperei chegar a hora. Sentei-me à mesa de reuniões agarrando meu manual de treinamento durante uma hora até perceber que o chefe e o sargento estavam fora, e por isso o ritmo ia ser mais devagar. Meu coração se abateu quando o sol sumiu, como se fosse um caminhante perdido. Eu queria dirigir nas horas preciosas que restavam da luz do dia, acostumar

meus olhos antes de mergulhar na escuridão molhada. Jason falou três horas com Rolando, que tentava sem entusiasmo acompanhar os relatórios que chegavam ao computador.

Rolando e Jason eram as mais novas contratações e seu assunto favorito, quando estavam a sós, era como ficaria o departamento quando todos os veteranos se aposentassem.

Quando Rolando e Jason não falavam do futuro do departamento, falavam de mulheres. Jason sempre começava essas conversas e aos poucos fazia Rolando se soltar. Uma vez Rolando chegou a salivar e lambe os lábios ao descrever uma namorada italiana que tinha "a mais fabulosa penugem de pêssgo negro" por todos os braços e pernas — como um *connoisseur* descrevendo um queijo fedorento ou um vinho feito de uvas mumificadas.

Meu melhor trabalho como policial sempre envolveu investigações ou a confecção de relatórios, coisas que eu podia fazer com independência e eficiência, ao contrários dos deveres de trânsito. O que quer dizer que eu não me encaixava no perfil do policial comum, eu o invertia. Por exemplo, depois que detivemos Wexler pela posse criminosa de armas de fogo, eu segui meu instinto e descobri que era uma detenção inválida e fiz ver isso ao chefe e ao promotor substituto a fim de que pudessem estar preparados para encarar um processo. Wexler era outro tarado, o que me levou a pensar que Saint Amelia tinha uma taxa de tarados *per capita* muito alta. Lembro-me de um velho padre que se mudou de Chicago para Napa Valley me dizendo certa vez que acreditava que o baixo índice de criminalidade devia estar diretamente relacionado com a extrema beleza física do lugar. Eu agora me pergunto se a beleza tenta a perversão, como em *Sick Rose* de Blake.

Wexler, que frequentava a biblioteca de Saint Amelia para ver pornografia pela Internet, fora expulso um dia por se masturbar enquanto espiava uma colegial lendo.



Como a garota estava totalmente alheia e as bibliotecárias não tinham chegado a ver o que ele fazia debaixo da sua revista, não houve nenhuma vítima e tecnicamente nenhum crime. Wexler fez uma cena na biblioteca, depois no consultório de sua psicóloga e finalmente no vestíbulo do Departamento de Polícia, onde queria apresentar queixa contra "aquelas bibliotecárias-putas". Quando me apresentei para o segundo turno, encontrei o chefe, a atendente, o oficial do serviço civil e o sargento do dia se comprimindo atrás da porta do vestíbulo, vendo pela janela do atendimento Wexler conversar no vestíbulo com Donald. Estavam quieta e alegremente rindo de Wexler, que achavam parecido com um lobisomem, por causa dos cabelos e da barba cerrados, e a um unicórnio, por causa de um calombo grande e bulboso no alto da sua cabeça.

— Veja só — disseram-me — parece uma segunda cabeça.

Enquanto estávamos gozando Wexler, que fedia tão terrivelmente a alho que o cheiro havia se infiltrado pelo vidro balístico que nos separava dele, sua psicóloga telefonou e disse que temia por sua segurança. Wexler se dispusera a "mostrar a ela o que fizera na biblioteca", e quando começou a abrir o zíper das calças (era um impulsivo), ela mandou que saísse. Wexler deixou o consultório enraivecido, duas vezes lançado à rua por mulheres no mesmo dia, e ela sabia que ele possuía uma arma, ou possivelmente mais de uma.

A atendente verificou sua ficha e licenças para porte de armas e quando descobriu que ele fora condenado por crime de agressão física contra um policial em outro estado dez anos antes, o chefe disse "Bingo" e me encarregou da detenção. Todo mundo queria saber quando ocorreria a prisão, se eu estava nervosa, vendo que aquilo seria um rito de passagem: minha primeira prisão de um criminoso. Não sentia nenhuma agressividade contra este homem

desgrenhado com seus punhos de garota; eu sentia náusea diante do pensamento desagradável de ter que tocar nele. Também intuía que ver uma morena de um metro e oitenta algemar e revistar um diminuto pervertido sexual poderia parecer aos outros policiais algo interessante de observar.

Às oito da noite tínhamos um mandado de busca assinado para o apartamento de Wexler no terceiro andar acima de uma garagem num complexo fechado por portões de uma igreja Adventista do Sétimo Dia nos arredores de Saint Amelia. Jason, com quem eu normalmente rodava de carro, estava em seus dias de folga e o sargento Tom, com quem eu rodava nos dias de folga de Jason, estava ocupado com uma colisão de trânsito. Por isso o grupo consistia no chefe (cuja sigla de chamada era A-1) de Donald (ele achava que havia estabelecido uma boa relação com Wexler), de um subdelegado (uma vez que se tratava da jurisdição do condado) e de mim. Soubemos pelo senhorio de Wexler que ele estava fora a uma reunião dos Sexólatras Anônimos e provavelmente chegaria em casa as nove e meia ou dez horas, o que era ótimo, porque podíamos encontrá-lo separado de suas armas e o plano era esperar. Segui de carro com Donald, que havia feito um reconhecimento do lugar, difícil de achar à noite. Notei que as mãos de Donald tremiam visivelmente e me perguntei se estaria sob medicação ou apenas particularmente nervoso.

Estava escuro com nossos faróis apagados, e lembro-me de olhar para as estrelas acima enquanto esperávamos por Wexler. O único som era o latido dos dois rottweilers do senhorio atrás do portão. Donald teve a ideia de que ele e eu deveríamos convencer o senhorio de Wexler a nos deixar entrar no apartamento para examinar o território e procurar as armas, o que não me deixava muito feliz, legalmente e porque significava ter de encarar os rottweilers, mas nós o fizemos mesmo assim. O senhorio de Wexler nos observava com um ar de dúvida enquanto revistávamos gavetas e armários em busca de armas.

— Ele é uma doce criatura — disse o senhorio. — Não faria mal a uma mosca.

Era como olhar para uma manifestação física da mente ao mesmo tempo maluca e organizada de Wexler. No quarto da entrada havia três catres vazios, mas Wexler dormia no chão no segundo quarto, num travesseiro feito de sacos plásticos de mercado, centenas deles enfiados uns dentro dos outros. No balcão de sua cozinha havia miríades de sacos plásticos de lentilhas e feijões secos presos com elásticos, cuidadosamente espaçados em fileiras. E, dominando o quarto, um imenso cofre no qual se podia entrar, fechado. Voltamos aos carros e todo mundo ansiava para saber, especulando sobre o que haveria dentro do cofre — não só o tipo de armas, mas as provas eventuais da perversão. Videoteipes, talvez. Às dez e meia saímos, pois nosso mandado não fora endossado para serviço noturno.



No dia seguinte apresentei-me cedo para o meu turno. Jason e Donald e o subdelegado e eu deveríamos tentar a detenção à luz do dia. O senhorio de Wexler disse que ele estava em casa, portanto o plano era que o senhorio chamasse Wexler quando nós chegássemos e o fizesse descer sob algum pretexto. Mas quando chegou a hora, o telefone de Wexler tocou repetidamente.

— Talvez ele o tenha tirado da tomada — disse o senhorio. — Seu carro está aqui.

Olhei por aquele estreito lance de escadas para o apartamento de Wexler no terceiro andar e segui Jason,

que estava atrás de Donald, em fila indiana, subindo aquelas escadas. Donald sacou a sua arma e segurou-a atrás da perna, e Jason fez o mesmo. Olhei para trás de mim, para o subdelegado que tinha sacado sua arma, e saquei a minha e disse: — Oh, acho que estamos sacando nossas armas agora — percebendo como aquilo soava inadequado.

— Acho interessante eu não ficar sexualmente excitado por você, porque é tão maior do que eu — foi o que Wexler disse quando o algemei. Ele estava estudando cálculo quando Donald bateu na porta e abriu-a tão amistosamente que Donald recolocou a arma no coldre e entrou. Donald apresentou o mandado de busca e, enquanto eu algemava Wexler como medida de segurança, ele pediu a combinação do cofre de armas. Vocês podem imaginar o suspense quando a pesada porta finalmente se abriu. Todo mundo ficou quase desapontado ao ver que o cofre só continha duas pistolas e uma espingarda, cada uma delas carregada e com o cão travado e 105 cartuchos, inclusive seis pentes carregados de munição 45 com ponta oca.

— Reviste-o agora — disse Jason, e todos os olhos caíram sobre minha técnica de revista.

Wexler não queria se calar. Continuava dizendo "Isto não está certo". Não posso lhes dizer a repulsa que eu sentia ao pegar nele, puxando sua camisa fina e encardida, abrindo seu cinto ("Minhas calças vão cair até os joelhos", advertiu, e quase caíram), segurando suas pernas ossudas, inalando o odor de alguém que raramente tomava banho e até tocando seus cabelos emaranhados. O suor escorria de minha testa enquanto eu desamarrava seus sapatos por trás dele. Eu dizia a mim mesma, seja lenta, seja metódica, não deixe passar nada, porque certa vez eu deixei passar uma gilete enfiada debaixo de um cinto durante uma prática de revista na academia. Disse a mim mesma, faça de conta que não a estão observando, porque os três tiras

estavam praticamente sobre mim, como se mal pudessem se conter de revistar Wexler eles próprios.

— O que você faria se eu me virasse e roçasse contra sua coxa? Eu podia fazer isso, você sabe — ele falou.

Calmamente eu disse: — Se fizesse isto eu seria forçada a usar uma técnica de submissão e jogá-lo ao chão para a sua segurança e a minha.

Wexler replicou que talvez gostasse daquilo (aquele velho clichê) e subitamente todo mundo na sala estava falando, sufocando minha voz. Estavam todos insuportáveis e precisavam brigar, correr ou tomar um chuveiro frio.

Na noite da prisão de Wexler, Jason não me deixou jantar porque estava muito estressado em relação a colocar em caixas e etiquetar toda prova que nós havíamos recolhido.

Eu teria colocado tudo numa caixa grande, etiquetada "Wexler", passado uma fita gomada de prova nela e estaria satisfeita porque ainda tínhamos de conduzir Wexler para a cadeia do condado em Napa. Mas Jason me obrigou a encontrar uma caixa com o formato apropriado para cada item. Eu tinha de selar cada caixa com fita de prova e rubricar minhas iniciais e colocar a data, e ele dizia, "Espere, não toque em nada! Deixe a tinta secar". Então ficava todo nervoso e dizia, "Onde foi parar minha folha de papel?" No fim da noite estávamos exaustos e Jason não conseguia achar a pequena lanterna recarregável que estava sempre em nosso carro. Praguejou diante do pensamento de Hash descobrir que ele havia perdido equipamento, a gozação que teria de suportar. Eu lhe disse para não ser criança; de qualquer maneira, sempre podia botar a culpa em mim.

— Me diga uma coisa. Como é que foi esta noite? Em sua avaliação.

— Bem, você estava lá. Quero dizer, além do seu plano inicial de abordagem não ter funcionado, as coisas correram com tranquilidade.

— E do ponto de vista tático?

Eu disse que não esperava que Donald de repente subisse as escadas sem nenhuma discussão.

— Não estou satisfeito com Donald — disse ele. Então me perguntou se ouvira corretamente, se eu havia dito, "Oh, acho que estamos sacando nossas armas agora" enquanto nos aproximávamos? — Bem, vamos fazer nossa avaliação amanhã — disse ele. — Queria só saber o que você pensa de uma coisa: O que teria feito se eu tivesse levado um tiro? Se eu estivesse caído nas escadas sangrando até morrer? Porque agora sou pai.

No dia seguinte consegui ligar para o Departamento de Polícia do outro estado que prendera Wexler dez anos antes. Decidi nada dizer a Jason sobre a preocupação de que a detenção pudesse ser inválida porque ele sempre dissera, "Se seus lábios estão se movendo, eles estão mentindo". Telefonei ao centro correcional onde Wexler cumprira pena, ao escritório do promotor, ao funcionário da Corte Superior e à junta de condicional e requisitei a ficha do caso, o relatório da pré-sentença da condicional e a declaração de sentença pós-condenação do promotor público. Nas duas noites seguintes recebi faxes e fiquei sabendo que sua condenação fora revertida e convocado um novo julgamento, e que o tribunal anulou a condenação e o soltou; a ficha policial de Wexler nunca fora emendada para mostrar isso. Legalmente, ele tinha o direito de possuir armas. Escrevi um relatório suplementar e anexei um memorando ao chefe enquanto Jason convidava o pessoal da ambulância para comer pizza e *eggnog*. Inclui uma cópia de uma avaliação psiquiátrica ordenada pelo tribunal que descrevia Wexler como tendo esquizofrenia paranoica latente com a probabilidade de se tornar um psicótico ativo, de modo que teríamos de armar uma estratégia para retermos legalmente suas armas. Se Jason houvesse perguntado no que eu estava trabalhando, eu teria mostrado a ele. Mas Jason estava flertando com a

mulher do socorro médico, mostrando a ela como seus músculos funcionavam e, a certa altura, caçando-a ao redor da mesa de reuniões e colocando um pedaço de torta de maçã dentro de sua blusa.

O chefe pediu para falar comigo em seu escritório. Jason sentou-se do meu lado. A porta estava aberta. Eu sempre tivera motivos para achar que o chefe gostava de mim porque uma ou duas vezes, quando me vira trabalhando no computador, dissera, "Como está nosso futuro sargento?" E quando me contratara parecera quase se desculpar em relação ao departamento, como se quisesse me dar uma oportunidade de pensar duas vezes. Mas agora ele parecia alguém profundamente decepcionado. Fez-me uma rápida série de perguntas que pareciam insanas na sua falta de contexto.

— Do que você mais gosta neste trabalho?

— O fato de que a gente nunca sabe o que vai acontecer a seguir. — Eu o vi ficar rosado num tom de rosa-gerânio.

— A-hã. E o que o seu marido acha de você trabalhar no dia de Natal?

— Ele me dá muito apoio — o rosa aprofundou-se um pouco.

— Como se sentiria se encontrasse um cadáver?

— Horrível, eu acho.

— E se eu arranjar para que você assista a uma autópsia?

— Seria ótimo — eu disse. — Apreciaria muito.

— Escolheu as palavras erradas — disse ele secamente.

— Mas veremos o que podemos fazer. Vou entrar em contato com o legista e pedir algo medonho, se possível. Vamos ter que ser pacientes.

Fiquei confusa. Será que ver um corpo morto deveria ter algum efeito sobre o meu casamento?

O chefe começou a falar da escuridão arrepiante que invade a vida de um policial, com o trabalho dos turnos, os feriados passados longe da família (Jason, por exemplo,

perderia o primeiro Natal de sua filha) e o fato de observar quase sempre o lado negativo da natureza humana.

— Todo mundo aqui gosta realmente de você — disse. — Não queremos que mude.

Fez uma pausa e olhou para mim como se quisesse uma resposta, um sinal sobre como prosseguir, que eu não lhe estava dando. Ele tinha a vantagem, pensei, de conhecer o conteúdo do meu perfil psicológico em profundidade; eu desejava ter podido ler a ficha para saber que botões ele estava apertando. O chefe estendeu minha avaliação de desempenho da noite em que detivemos Wexler.



Quando revistei Wexler, fiquei com o meu lado da arma virado para ele por dois minutos — Jason havia contado — oportunidade em que Wexler, embora algemado, poderia ter alcançado a arma. Iam dar uma nota corretiva à minha avaliação e eu teria que assistir a um vídeo sobre segurança do policial e depois demonstrar técnicas de revista competentes.

— Tendo dito isto, eu li seu relatório sobre Wexler. Você está trabalhando com o nível de um investigador experiente sob certos aspectos. Mas de que vale isso se você não multa seus infratores de trânsito?

Perguntou-me por que eu ainda deixava escapar infratores potenciais. Tinha medo da confrontação? Trabalhando no segundo turno na temporada sem turistas, não havia uma porção de incidentes e, era verdade, eu às vezes os deixava passar, como peixes pequenos.



— Existe algo que possamos fazer melhor da nossa parte? — perguntou o chefe, de uma maneira concisa, como se estivesse embrulhando as coisas e esperasse que eu dissesse não e obrigada por perguntar. Mencionei que ninguém havia aberto ainda meu manual de treinamento, que eu nunca fora sabatinada e que não estava seguindo nenhum programa formal de treinamento como os *trainees* que eu conhecia trabalhando em Napa, Fairfield, West Sacramento, Vallejo, Antioch e Richmond. "Vamos dar um jeito nisto", disse o chefe.

No dia de Natal, o sargento Tom me disse que eu tinha uma rara oportunidade. Nunca haviam recebido antes a visita de um desenhista da polícia e ele estava seguro de que eu podia me beneficiar ao observá-lo em ação, porque o processo do desenho se baseia principalmente em prestar atenção ao detalhe. Uma mulher de cabelos ruivos num vestido de seda girava na sua cadeira e lambia sua colher do café. Não parecia uma vítima. Estava rindo e contando ao artista, um tira da área da baía de São Francisco, como preparava um ravióli de lagosta para a ceia de Natal. A mulher, instalada numa casa de hóspedes à beira de um vinhedo, acordou no meio da noite e viu um homem ao pé de sua cama. Ela berrou e o escorraçou para fora da casa no vinhedo, agarrando um sapato de salto alto que atirou contra ele.

— Foi um gesto idiota — disse a ela o desenhista. — O que teria feito se o agarrasse?

— Não sei. Eu não estava pensando tão à frente. Só estava puta. Acho que o atingi com meu sapato!

Eu podia ver esta mulher descrita como "corajosa" ou "um verdadeiro foguete" e me sentia um tanto enciumada. O desenhista tinha esboçado o formato de um rosto e agora pedia à mulher que visse um livro com todos os possíveis tipos de olhos. A mulher ficou frustrada porque nunca conseguiria encontrar os olhos certos, e queria uma pausa para fumar e então subitamente disse: "Estes aqui!"

Gradualmente um rosto surgiu, com cabelos compridos, ossos malares destacados, olhos amendoados. Um rosto bonito. "Não, não posso lembrar", disse a mulher, parecendo deprimida pela primeira vez.

— Ouça, me diga o que está errado e nós corrigimos — falou o desenhista.

Eu sentia um fluxo constante, uma pressão profética depois daquele dia e às vezes imaginava que eu era uma farpa sendo arrancada de um dedo. Pensava no ensaio de George Orwell sobre como atirar num elefante e como ele chamava sua carreira na polícia de uma "profissão inadequada". Cada impulso da minha personalidade parecia em conflito com a natureza extrovertida, pé no chão e sensorial de um tira. Mesmo assim eu não me entregava, embora me ocorresse que eu me tornara como alguém que adora ver pombos serem alimentados — oh, adoráveis, adoráveis, todas aquelas migalhas — tão circunscritos haviam se tornado os prazeres da minha vida. Quando cadetes magrelos com marcas de acne, desajeitados de terno e gravata, eram entrevistados para a vaga de *trainee* que restava, eram rotulados de "muito agressivos" e "não vão durar muito" e "sem experiência de vida suficiente" até que um pouquinho de esperança se reacendia em mim, de que eu era, afinal, uma escolha adequada.

Em janeiro havia uma rotação de turnos e a descrição que me davam da "ronda do cemitério" era esta: Nada acontece. Mas se algo acontece, tem forte probabilidade de ser algo perigoso. Minha vida estava silenciosa e escura como a superfície da lua. Por mais que eu dormisse, à noite eu ficava lenta, pesando como chumbo e doente, um falso vampiro trabalhando contra meu próprio vigoroso metabolismo diurno.

Tudo o que queria no mundo era dormir, o que era perigoso. Mas quando dirigia para casa de manhã, no céu que clareava, sentia uma espécie estranha de euforia que não entendia, uma espécie de surto químico em meu

sangue, pruridos de calor e uma expansividade, como os primeiros calafrios de uma febre. Eu dirigia com as janelas abertas e o ar era tão doce, era como respirar fundo um botão de cravo. Eu queria gritar coisas ao vento, "Amo meu marido" ou coisas malucas como "Vou viver para sempre". Em casa, eu preparava ovos para nós, café para ele, às vezes um martíni para mim e depois dormia e sonhava. Corria pelas ruas de Saint Amelia nos vinhedos enluarados e não sentia nenhuma dor ou cansaço, nenhum pulmão ardente ou dores nos lados, mas uma espécie de êxtase e força crescente, como se pudesse correr para sempre. Às vezes eu voava por sobre os telhados de Saint Amelia e todos os telhados das casas se soltavam suavemente e voavam para longe, de modo que eu podia observar as plantas dos pavimentos e até voar para uma visão mais próxima dos cidadãos adormecidos.

Era assim que eu pensava das rondas sepulcrais: cento e cinquenta quilômetros, dez quilômetros quadrados. Porque eu percorria cento e cinquenta quilômetros de carro em uma noite, dirigindo pelas mesmas ruas repetidamente, em dez quilômetros quadrados de cidade. Alguns policiais, descobri, dormiam a maior parte da noite e depois levavam o carro para um longo giro no território do condado, de modo que quando verificavam o odômetro no final da ronda parecia que haviam estado em patrulha. Os limites da cidade causavam emoção, mas uma vez, quando eu quis fazer uma incursão em Beaujolais, pouco além da divisa, não para invadir a propriedade alheia ou nada parecido, apenas para uma mudança de cenário, meu oficial de treinamento me disse que eu não conhecia detalhes suficientes de Saint Amelia ainda. Eu precisava me aprofundar, disse — ainda que conhecesse cada travessa, cada beco sem saída, cada cinturão verde, cada perímetro de vinhedo. A intimidade do patrulhamento, consignando na memória cada nuance daquele pedaço de terra altamente cultivado e celebrado, parecia-me semelhante à

intimidade do amor, com uma diferença: eu era motivada pelo desejo de conhecer a geografia do corpo do meu marido, mas carecia de tal motivação por Saint Amelia. Ken havia encerrado sua investigação e passou para a ronda "do cemitério" e me perguntou que tipo de fechadura tinha a porta do Margaritas de Rita. Eu não sabia, por isso fomos de carro até a travessa.

— Vamos — disse ele — apague o seu farol. Está vendo esta fechadura de tranca? Repare bem naquela silhueta e vai saber que está fechada.

Uma ou duas vezes em dez anos ele tivera que acordar Rita porque quem fechou a porta se esquecera de trancar. Mais tarde naquela noite ele disse: "Quer ver uma coisa maravilhosa? Acenda o farol de milha." Eu o acendi e não vi nada maravilhoso. "Não está vendo?" Era um vagão de trem no quintal de alguém, com galinhas aninhadas nele. As vezes eu pegava Ken me olhando como alguém que observa inutilmente uma mulher que se afogava. Mas como podia fracassar — ou então ter sucesso — quando nada acontecia nunca?

Eu temia as noites em que tinha que rodar com o sargento Tom, o que acontecia a metade do tempo. Na primeira ronda que fiz com ele, falou, "Odeio estes merdas de produtores de vinho. São todos um bando miserável de chatos". Como uma regra, eu adotava com ele um tom leve e cheio de risos, como se tudo o que dissesse fosse engraçado, e às vezes isto funcionava e ele acabava rindo involuntariamente. A conversa de Tom era dominada por rondas, balas, cartuchos, pólvora, placas de veado, placas de urso, cápsulas de precisão e megabytes. Toda noite ele acabava cultivando uma raiva quase incontável contra a estupidez de todo *mundo-à-solta-todos-eles-uns-idiotas-fedidos!* A única coisa que tínhamos em comum é que gostávamos de ouvir o programa de rádio de Art Bell sobre encontros com extraterrenos das onze da noite às duas da madrugada — embora me ocorresse que nós éramos

exatamente o tipo de tiras de ronda sem rosto, sacrificáveis, dirigindo no meio da noite, que sempre encontram a nave alienígena, decidem investigar sozinhos e são horrendamente esmagados ou explodidos nos primeiros quinze minutos de um filme.



É a Tom que eu atribuo o resultado final de meu treinamento em Saint Amelia, porque Tom tinha graduação e paulatinamente decidiu que meu tempo seria mais bem aproveitado não patrulhando a cidade, mas aprendendo a abrir cadeados Master Lock, a cortar pedaços de arame farpado com alicates gigantes, a copiar impressões digitais com Krazy Glue, a manipular um kit de análise de narcóticos, a verificar o seu software de formulários, a ouvir várias versões de Stairway to Heaven na sua coleção de arquivos de MIDI — qualquer coisa que me impedisse de ficar sentada à mesa de reunião do Departamento de Polícia ou em suas proximidades, como lavar o carro de patrulha ou brincar com o equipamento de visão noturna no quartinho de limpeza que chamávamos de nosso "arsenal". Como os jogos mentais são parte importante da cultura e do treinamento policial, a começar pelo *eu-te-derrubo-e-depois-te-levanto* da academia, para mim era difícil saber se Tom me aceitara como um deles no seu coração preguiçoso ou se me excluía. Eu deveria começar em breve a fase do meu treinamento em que eu rodaria sozinha num carro e um oficial de treinamento me seguiria enquanto eu atendia a chamadas. Minhas notas de

avaliação estavam na média, acima da média em certas áreas (asseio e aparência), embora houvessem caído recentemente, acompanhadas por comentários absurdos. "Oficial bate em obstáculos de estrada", por exemplo. Eu não havia batido em nada e por isso perguntei a Tom o que ele queria dizer.

— Uma coisa sua que realmente me irrita — disse ele — é o jeito de dirigir. Você passa sobre buracos e quebra-molas. E você é detalhista demais no uso do pisca-pisca e em parar de chofre nos sinais. Quem você acha que vai reparar às três da manhã?

Mas quando eu furava os sinais, ele me tirava pontos por aquilo. Minha única chance de escapar até o Departamento de Polícia acontecia às duas da manhã, quando os dois bares na rua principal fechavam. Tom gostava de observar os fregueses dos bares saindo e me fazer tentar pegar alguém em excesso de velocidade e depois dar uma caminhada pela rua principal e verificar todas as portas comerciais, o que o impedia de sentir-se sonolento. Às três da manhã nós sempre voltávamos ao DP para comer (ele sempre escolhia espaguete ou galinha frita e pudim de tapioca) e depois ler os jornais da manhã no momento em que eram entregues. Quando Rolando estava trabalhando, ele e Tom discutiam negociações de salários pendentes entre a Associação dos Policiais e a municipalidade. Ocasionalmente, levavam estas conversas até o escritório do sargento e fechavam a porta. Havia novas exigências educacionais. O chefe queria que Tom, que tinha feito dois anos de justiça criminal na universidade local, voltasse aos estudos para conseguir um diploma. Quando nos conhecemos, Tom perguntou se era verdade que eu tinha um mestrado em inglês, e depois daquilo ele me fazia dirigir para locais quietos e escuros onde a vida selvagem rastejava no mato, os olhos brilhando como selenitas, e me interrogava sobre o Código de Veículos, a maior parte do qual ele memorizara, ao contrário dos policiais, que usavam

as fichas de "cola", até que finalmente decidiu que minha memória estava abaixo do normal.

Eu sempre achava que estávamos fazendo algo ligeiramente sórdido, nossos joelhos quase se tocando, a luz do teto cintilando em seus cabelos gomalinados e nos óculos espessos, tintos de um amarelo sutil como o daquela cola da escola primária, mucilagem.

Certa madrugada, por volta das duas e meia, eu dirigia ao longo de becos sem saída e ruas transversais que margeiam os vinhedos porque chovia e Tom não queria caminhar pelo centro da cidade. Se estivesse sozinha, poderia ter fechado os olhos um momento sob o luar, mas não estava sozinha, o sargento Tom rodava comigo. Era como dirigir com alguém que tem a síndrome de Tourette. A cada buraco ou quebra-molas, "Porra! Puta que pariu! Merda! Santa Mãe de Deus!" Foi por isso que tive a ideia de ir até uma certa alameda particular não pavimentada de um vinhedo que quase nunca patrulhávamos, porque era o único lugar ao qual eu realmente não queria ir com Tom ao meu lado.

Foi uma manobra furtiva da minha parte. Dirigi em torno do minúsculo parque industrial, passei pelo depósito de madeira e pela creche e virei à direita para os vinhedos. Eu estivera aqui antes com Ken, atendendo a uma chamada de emergência. No final da alameda, vocês jamais acreditariam, havia uma soberba mansão em estilo italiano, propriedade de uma família cujo sobrenome pode ser visto nos cartões de crédito. Naquela noite eu estava possuída; insisti em dirigir pela alameda longa e lamacenta, salpicando cascalho pelo ar e quase atolando o carro nas vinhas, acordando os cachorros nos terrenos vizinhos. Virei uma curva e meus faróis iluminaram os olhos de um imenso cervo morto, seus chifres de uma alvura reluzente.

— Santa Mãe — disse Tom, saltando pela porta do passageiro antes que eu tivesse parado o carro completamente. — Está fresco. Vou ligar para meu pai —

disse subitamente com bom humor. — Vou me arranjar com um bocado de salsicha de veado.

Mandou-me abrir o porta-malas e apanhar as luvas descartáveis e eu o ajudei a arrastar a carcaça para a beira da estrada. Tom voltou para o carro.

— Vamos voltar — disse. — E hora de lanchar. Vou comer e depois acordar o meu velho.

— O que você acha que o matou? — perguntei, arrancando com o carro.

— Algum veículo. Quem se importa? Vamos indo.

Cacarejou como um pavão e remexeu-se no assento com prazer. A estrada era estreita demais para fazer uma curva em U, por isso continuei até o final da alameda por uns oitocentos metros, planejando fazer a volta no semicírculo de cascalho diante da mansão. Mas, antes de virar, meus faróis iluminaram as janelas de um carro estacionado de tal maneira que tive a impressão de que alguém dormia dentro dele. A alameda continuava mais um pouco depois da mansão e do seu semicírculo, terminando depois abruptamente. O carro estava parado ali, como se o motorista tivesse saído da estrada e não soubesse o que fazer.

— Cantinho dos amantes? — perguntei.

Encostei atrás do carro, uma caminhonete azul-pálida dos anos 70 com um cobertor pendurado dentro da janela traseira.

— O que está fazendo? — perguntou Tom irritado.

— Acho que alguém poderia estar dormindo aí dentro; vou dar um flagrante de parágrafo 28.

— Deixe para o turno do dia; é provavelmente um trabalhador do vinhedo. Estou com fome.

— Me deixe só verificar uma coisa — falei. Liguei para a Central e a burocrata me disse para esperar; o sistema tinha caído.

— Foda-se, vamos embora — disse Tom.



— Só um segundo — eu disse. Estacionei o carro, liberei o cinto de segurança, acionei o rádio portátil e apanhei minha lanterna. Dei à Central minha localização, e quando Rolando perguntou pelo rádio se eu queria apoio, eu disse que sim. Aproximei-me pela traseira do lado do motorista e aponte a lanterna para as janelas, opacas e embaçadas. Não tinha certeza do que estava vendo; cores difusas no interior pareciam se mover, como peixes num aquário sujo. O capô estava danificado e manchado de sangue. Meu coração batia alto o bastante para acordar um homem adormecido; minha respiração encurtou e eu me forcei a aspirar fundo e espaçado; minha visão se estreitou até um ponto pequeno diante de mim. Eu tremia violentamente, enxugando com os dedos gelados meu nariz que escorria. Afastei-me da porta numa postura de espadachim e bati na janela de trás com a lanterna em minha mão esquerda, mantendo a direita a postos.

Tom estava parado ao lado do carro de patrulha na sombra, de braços cruzados, olhando para o céu como se pedindo a Deus que o ajudasse a suportar o fardo de ter que patrulhar comigo. Ele não tinha nenhuma ideia de quem estava dentro daquele carro; se tivesse, com toda a certeza não teria me deixado tomar conta das coisas.

Só foi entender, bem mais tarde, depois que a burocrata voltou a falar no rádio e o homem fugiu como um raio para o vinhedo, depois que eu o persegui, alcancei e imobilizei no chão do vinhedo numa espécie de paralisação em que ele tentou abrir meu coldre mas não conseguiu e eu tentei aplicar-lhe uma chave na carótida mas não consegui. Tom o algemou e nós o pusemos em pé, e Tom disse, "Que merda! Que merda! Porra! Porra! Porra!" para toda a desgraçada da criação. Fiquei embaraçada por ele, um agente da lei devia possuir mais autocontrole, pensei. Percebi que estava furioso não porque o suspeito correria para o vinhedo, ou porque seu uniforme estava enlameado, mas porque eu havia mudado seus planos. Pareceu-me ridículo que ele

ficasse tão furioso por perder seu lanche de meio de noite ou perder o veado quando me parecia provável que tínhamos agarrado o nosso estuprador dos vinhedos.

— Eu dirijo — berrou. — Rolando está preenchendo o formulário CHP 180.

Não falou comigo durante o percurso e quando chegamos ao departamento, disse: — Vá comer e ler os jornais.

Estava mais calmo agora, o que me encheu de terror.



Às cinco da manhã o chefe entrou pela porta dos fundos vestindo jeans. O chefe nunca chegava antes das sete. Ele e Tom foram até o vestiário, e quando saíram o chefe estava de uniforme completo. O chefe tamborilou com os dedos no balcão da cozinha enquanto seu café fervia. Colocou-o lentamente numa xícara e caminhou até a sala de reuniões, onde eu estava sentada, tentando esconder o fato de que lia o jornal.

— Tem um minuto?

Tom acompanhou-nos até o escritório do chefe e fechou a porta. Talvez não tivéssemos o estuprador dos vinhedos sob custódia, afinal.

Tom não olhava para mim. Sua pele parecia fluorescente e de cera ao lado do rosto cor de beterraba do chefe.

— Você concordou com suas notas de avaliação diária, na maioria? — perguntou o chefe.

— Não creio que esteja em posição de concordar ou discordar — falei.

— Sendo este o caso — e o chefe passou-me uma breve carta de dispensa por não ter preenchido os padrões do programa de treinamento de campo. — Achamos que não é uma pessoa combativa e o trabalho todo gira em torno disso — disse o chefe. Ambos tiveram um sobressalto quando eu liberei o pente da minha arma. Me debati com o pente até retirar todas as balas. Esperavam que eu colocasse a arma carregada na mesa, com meu distintivo?

Consegui apertar as mãos de ambos e dizer algo completamente mentiroso e absurdamente agradável, que talvez provasse o argumento do chefe. Se eu fosse o tipo de *trainee* que riscava os dias que passavam no calendário, saberia que a data era exatamente três meses depois do dia em que fora contratada, o dia em que deveria ter começado a rodar sozinha. Nunca mencionamos os acontecimentos da manhã, nunca discutimos o fato de que eu tinha apanhado o estuprador dos vinhedos. Pergunto-me agora há quanto tempo minha demissão já estava decidida. Semanas, suponho. Por isso, uma vez tomada a decisão, uma mudança no último minuto pareceria muito desconcertante, muito embaraçosa, para se tornar viável.

— Não se torne uma estranha — foi a última coisa que Tom disse.

Durante muito tempo eu não podia ir de carro até os limites de Saint Amelia sem sentir pânico. Isso era difícil, porque os eventos no calendário social cada vez mais intenso do meu marido — degustações, jantares — eram quase sempre em Saint Amelia ou arredores. Ao dormir, eu sonhava com grupos de homens sem nome e sem rosto me rejeitando, ou homens feridos com as costas quebradas implorando socorro para mim. Assumi um cargo de consultoria em São Francisco e disse a mim mesma que ganharia mais dinheiro em seis meses do que o chefe ganhava em um ano, se é que isto era importante. E tentei encontrar consolo tornando-me de certa forma inatingível aos homens com os quais havia patrulhado — uma mulher

muito bonita. Minhas unhas sempre brilhavam, eu pintava minhas pálpebras como uma *chanteuse*. Os homens enxameiam ao meu redor, como mariposas em torno de uma chama. E se suas asas se queimarem, sei que a culpa não é minha, eu cantava com Marlene Dietrich. Enfiava gardênia atrás de minhas orelhas. Mas ainda não usava — embora não precisasse mais me preocupar com a possibilidade de ter de brigar — brincos, colares ou anéis. Numa noite de sábado, uns cinco meses depois de ser dispensada, fomos convidados para uma festa no meio de um vinhedo bem ao sul de Saint Amelia. Um casal idoso do Texas, que havia ganhado uma fortuna em propano para empilhadeiras, havia comprado a vinícola como hobby de sua aposentadoria e, em busca de autenticidade, contratara o chefe do meu marido como enólogo consultor. O que significava que meu marido fazia o vinho deles. A festa era para comemorar o engarrafamento dos seus Sauvignon *blanc* e Merlot e tinham convidado toda a parentada, filhos, netos e bisnetos, para ajudar no engarrafamento. Eu não conhecia ninguém e embora ficasse aliviada porque ninguém me perguntaria sobre meus progressos na carreira de agente da lei, coisa que fora uma espécie de *amuse-gueule* em certos jantares festivos — tinha vontade de sair imediatamente. Uma pequena área fora liberada de parreiras e coberta por serragem, com mesas decoradas e gambiarras com lâmpadas que pareciam pimentas, e fogueiras e churrasqueiras foram acesas.

Havia uma mesa cheia de bebida alcoólica e os velhos texanos começaram entornando copos de gim, ou uísque, com Coca. Um dos filhos, que viera de Los Angeles e fazia perguntas ao meu marido sobre a produção de vinhos, comentou: "Não é irônico que os habitantes locais bebam uísque e não vinho?" E meu marido, que tomava uma cerveja, trocou um olhar comigo e nós sorrimos, porque este pessoal estava tão obviamente por fora.

Comemos bifés em mesas redondas, debaixo de uma lua cheia da colheita, cor de mel, que parecia deslocada, uma vez que estávamos na primavera. Fiz uma amizade no jantar, uma nora de Pasadena com cabelos louros pálidos. (Nos conhecemos quando perguntei a ela onde ficavam as toaletes, já que estávamos no meio de um vinhedo. Ela disse que alguém havia roubado o toalete portátil dos operários do vinhedo — todas as mulheres estavam muito perturbadas — mas que tinha Kleenex se eu precisasse ir até as parreiras.) Eu vinha cortando o efeito do meu Sauvignon *blanc* com água a noite toda, pensando em ir embora. Oh, estava apenas começando. Espere até meia-noite, disse. A essa altura, várias mulheres decidiram formar uma expedição em grupo até as parreiras para urinar. Sei que isso parece muito estranho, mas vocês precisam entender, ninguém queria ir lá sozinha. Houve uma conversa inicial sobre se alguém estava sóbrio o suficiente para nos levar de carro até a cidade para usar as instalações do hotel. Eu estava segura de que seríamos expulsas — aquele imenso grupo de bêbadas — se tentássemos. Troquei um olhar com meu marido ao passar por ele e pensei como ia rir se adivinhasse o que estávamos fazendo. Eu podia ouvi-lo conversando sobre permissões e licenças com homens ansiosos para colocar suas mãos no hobby vinícola paterno de 150 caixas e fazê-lo crescer, homens salivando à ideia de possuírem uma vinícola em Napa Valley.

Seguimos tropeçando em torrões de lama seca sob a lua sobrenatural.

— O que é isso? — uma das mulheres me perguntou, como se eu soubesse, pelo tipo de folha, se estávamos caminhando em meio a uvas *merlot*, *cabernet* ou *cabernet blanc*.

Algumas das mulheres faziam adivinhações educadas como "isso deve ser *merlot*, a folha é maior do que a palma da minha mão". Comecei a me sentir inquieta. Lá estava eu

no meio de um vinhedo numa noite fria de primavera — é engraçado quando penso a respeito agora — cada vez mais tensa, irritada e sóbria. As mulheres estavam todas muito bêbadas e tontas, rindo, perdendo os sapatos, enquanto nos afastávamos das luzes brilhantes, Frank Sinatra cantarolando, penetrando nas parreiras frias e verdes.

Eu caminhava com uma postura equilibrada, minhas mãos em posição de alerta, girando a cabeça de um lado para o outro, forçando-me a ver — o quê? (Pensei em Ken falando "Projete sua visão para lá".) Não havia nada na escuridão. Sentindo que algum espírito maligno estava rindo e esperando pelo momento em que baixaríamos nossas calças ou ergueríamos nossas saias e regariamos o vinhedo.



RUSSELL BANKS

## Noite da lagosta

Stacy não pretendia contar a Noonan que aos dezessete anos tinha sido atingida por um raio. Raramente contava a alguém e nunca a um homem por quem se sentia atraída ou com quem esperava dormir em breve. Sempre, no último segundo, um alarme soava no centro do seu cérebro e ela mudava de assunto, fazia uma pergunta do tipo "Como vai sua mulher?" ou "Está pronto para outra?" Ela era garçonete de verão no Noonan's, uma edificação de toras esparramada, a entrada principal e a porta da cozinha dando para a estrada e três imensas janelas de vidro laminado nos fundos e uma ampla varanda de madeira suspensa sobre um relvado de onde era possível apreciar as grandes paisagens do pôr-do-sol das montanhas Adirondacks. A placa dizia RESTAURANTE FAMILIAR DO NOONAN, mas na verdade era um café de beira de estrada, um bar que — exceto na temporada de esqui e nos fins de semana de verão, quando turistas de passagem com crianças paravam equivocadamente para almoçar ou jantar — atendia principalmente a beberrões das várias aldeias da vizinhança.

A noite em que Stacy contou a Noonan sobre o raio foi também a noite em que ela atirou nele e o matou. Ela havia alugado um chalé a preço de baixa temporada numa das cidadezinhas da redondeza e ia trabalhar para Noonan até que as neves do inverno soprassem de Quebec e de Ontário. De maio a novembro, geralmente servia nas mesas ou no bar de um ou outro restaurante da área e no resto do ano ensinava esqui alpino na montanha Whiteface. Aquela

era a sua verdadeira ocupação, sua profissão. Stacy possuía a saudável beleza loura-prateada de uma garota de pôster promovendo os esportes femininos nórdicos: alta, os ombros largos, os músculos retesados, um queixo quadrado e maçãs do rosto salientes. Mas, apesar das aparências, ela se via como uma ex-atleta de rosto comum com vinte e oito anos, com a ênfase no ex. Oito anos atrás, era a capitã da equipe de esqui de rampa da Universidade de St. Regis, que estava no ranking nacional, apenas uma segundanista e já uma estrela.

Então, no campeonato regional do leste, abusou da sorte e levou um tombo espetacular em salto mortal no slalom gigante e esfacelou a coxa esquerda. O vídeo da sua queda ainda era mostrado na abertura do segmento de esportes do noticiário da noite em Plattsburgh.

Um ano de fisioterapia e ela voltava à universidade e às encostas, mas tinha perdido o seu destemer e, com ele, o interesse pelos estudos, e acabou deixando a universidade antes das férias de outono. Seus pais tinham há algum tempo trocado a casa por um trailer e se aposentado num *camping* semipermanente nos arredores de Phoenix; os três irmãos mais velhos haviam descido o estado mais para o sul, até Albany, para trabalhar em construção; mas Stacy voltou ao lugar onde havia crescido. Tinha amigos do colégio aqui, na maioria mulheres, que ainda a consideravam uma estrela: "Stace estava a caminho dos Jogos Olímpicos, vocês sabem", elas contavam a estranhos.

Ao longo do tempo, ela viveu brevemente e em sequência com três homens locais de trinta e poucos anos, homens a quem chamava de fracassados mesmo quando morava com eles sujeitos de fala lenta com barba e rabo-de-cavalo, picapes enferrujadas e cachorros grandes com bandanas em volta do pescoço. Fora isso, a maior parte do tempo, vivia sozinha.

Stacy nunca atendera no bar para Noonan antes, e o local era um pouco mais barra-pesada do que estava



acostumada. Mas era experiente e tinha cultivado uma série de técnicas como a cara aberta, um ar de sabichona e um jeito relaxado que a protegiam das presunções de seus clientes masculinos. Coisa de que precisava, apesar de seus modos e postura: era uma garota tímida do norte que, quando se tratava de questões pessoais, revelava muito pouco de si mesma, não porque possuísse segredos, mas porque havia muito a seu respeito que ainda não entendia. Sabia, porém, que a última coisa que queria ou que necessitava era um caso amoroso com um homem como Noonan — casado, vinte anos mais velho que ela e seu patrão. No entanto, se sentia seriamente atraída por ele. E não só sexualmente. Motivo por que foi apanhada com a guarda baixa.



Era final de agosto, uma quinta-feira, a tarde da Noite da Lagosta. O lugar estava vazio e ela e Noonan estavam em pé, quadril contra quadril, estudando o tanque das lagostas. Em junho, Noonan, que fazia toda a comida sozinho, decidira que podia atrair uma classe melhor de clientela e simplificar o menu ao mesmo tempo se, durante a semana, oferecesse jantares especiais, que anunciaria numa lousa pendurada junto ao cartaz RESTAURANTE FAMILIAR do lado de fora. Segunda-feira virou a Noite Mexicana, com margaritas a um dólar e todo o arroz e os feijões fritos — e refritos — que o comensal pudesse engolir. Terça-feira era a Noite do Fígado e das Cebolas Fritas. Quarta, a Noite do Milho Fresco da Terra, embora até meados de agosto o

milho não viesse das hortas de Adirondack, mas do sul de Nova Jersey e da Pensilvânia, através do supermercado Grand Union em Lake Placid. E quinta-feira — quando o pessoal da região raramente jantava fora e portanto precisava de algo mais do que meramente especial — foi designada a Noite da Lagosta. Os fins de semana, na sua opinião, davam conta do recado sozinhos.

Noonan instalara o aquário de peixes tropicais abandonado por seu filho na extremidade do balcão, enchera-o com água da torneira e arranjava com o atacadista de Albany, em suas incursões das segundas-feiras em Lake Placid, para que estocasse o tanque com uma dúzia de lagostas vivas. A semana toda, as lagostas subiam e desciam no tanque nebuloso como pensamentos obscuros. Geralmente, já na tarde da terça-feira os frequentadores regulares do bar tinham dado às lagostas nomes como Marsh, Redeye e Honest Abe, em homenagem a figuras lendárias entre os beberrões, caçadores e brigões locais, e faziam apostas sobre a ordem da sua execução. Nas cidadezinhas da região, a quinta-feira logo se tornou a noite preferida para jantar fora e em pouco tempo Noonan estava dobrando a sua encomenda semanal, apinhando o tanque e fazendo da Noite da Lagosta um acontecimento quase misericordioso para as pobres criaturas espremidas no tanque.

— Você devia conseguir um tanque maior ou então não comprar tantas delas — disse Stacy. Noonan riu.

— Stace — falou. — Comparado com as caixas de papelão em que esses caras vieram, o aquário é um paraíso das lagostas. Quatro dias nadando aqui, elas se sentem praticamente no mar.

Ele passou a mão pesada por cima do ombro dela e batucou na sua clavícula com a ponta de um dedo.

— Elas não sabem a diferença, de qualquer maneira. São mais estúpidas do que os peixes, sabia?

— Você não sabe o que elas sentem ou não sentem. Talvez passem os últimos dias antes de morrer enlouquecidas por estarem tão confinadas. Eu certamente ficaria.

— Tá, tudo bem, eu é que não entro nessa, Stace. Tentar imaginar o que as lagostas sentem é um bom caminho para o vegetarianismo. O caminho das leguminosas.

Ela sorriu. Como a maioria dos homens de Adirondack que conhecia, Noonan fora um caçador fanático a vida inteira — principalmente de veados, mas também de aves e coelhos, que preparava para sua família e às vezes colocava no cardápio do restaurante também. E também fuzilava e prendia em armadilhas animais que não comia — raposas, coiotes, lince, até mesmo ursos — e vendia suas peles. Normalmente isso enojaria Stacy, ou, pelo menos, comprometeria seriamente sua aceitação do caráter de Noonan. Ela não tinha o coração mole ou era particularmente sensível no que dizia respeito a animais, mas capturar e atirar em criaturas que você não tencionava comer não fazia sentido para ela. Tinha certeza de que aquilo era cruel e estava quase disposta a dizer que era sádico. Em Noonan, porém, isto estranhamente a atraía, essa crueldade. Era um homem alto, bonito de um jeito desajeitado e rude, com ombros e braços grandes, um rosto bem escanhado e uma cabeça cortada a serra, dois tamanhos menor em relação ao corpo. Isto o fazia parecer infantil a ela e sempre que lhe mostrava sinais de crueldade — sua provocação incansável, nem sempre de boa índole, para cima de Gail, sua garçonete regular, e dos irmãos LaPierre, dois colegas que contratava no verão para lavar os pratos e servir as mesas — parecia ainda mais infantil do que de costume. Tudo aquilo era de certa forma inocente, achava. Possuía a mesma inocência estranha e alheia dos animais que gostava de matar. Um homem tão masculino, tão diferente de uma mulher, podia na verdade fazê-la sentir-se mais feminina — como se pertencesse a

uma espécie diferente. Aquilo a desobrigava de ter de se comparar com ele.

— Já tentou isso? O vegetarianismo? — perguntou Noonan. Bateu no vidro do tanque com o nó do dedo, como se fazendo sinal para que uma das lagostas se aproximasse.

— Uma vez. Aos dezessete anos. Fui fiel por algum tempo... dois anos, na verdade. Até que estourei minha perna e tive de deixar a universidade.

Ele conhecia a história do acidente; todo mundo conhecia. Ela fora uma heroína local antes do acidente e se tornara uma celebridade depois.

— É difícil manter uma dieta vegetariana no hospital. Foi por isso que parei.

— Não brinca. O que foi que levou você a ser vegetariana? Foi então que ela lhe contou.

— Fui atingida por um raio. Olhou para ela.

— Um raio! Jesus! Está me gozando? Como foi que isso aconteceu?

— Do jeito que sempre acontece, acho. Eu estava fazendo algo na ocasião. Subindo as escadas para ir para a cama, na verdade, na casa de meus pais. Caía uma tempestade e eu botei o dedo no interruptor de luz e bom! Como eles dizem, com a rapidez de um raio.

— Mas não matou você -observou Noonan com ternura.

— Não. Mas com toda a certeza podia ter matado.

— Mas não matou.

— É. Mas quase me matou. Não é o mesmo que "Não me matou". Você entende o que quero dizer.

— Sim, mas você está OK agora, não está? Nada de efeitos colaterais retardados, quero dizer. Exceto, naturalmente, pelo seu flerte com o mundo vegetariano — ele apertou a carne do ombro dela e sorriu calorosamente.

Ela suspirou. E depois retribuiu o sorriso — gostava do toque dele — e tentou de novo: — Não, aquilo realmente me modificou. Mudou mesmo. A descarga do raio percorreu meu corpo e meu cérebro e eu quase morri, embora só

demorasse uma fração de segundo e passasse rápido. Uma coisa destas muda você, Noonan. Com certeza.

— Mas você está bem agora, não é?

— Claro.

— Qual é a sensação de ser atingido por um raio? Ela hesitou um momento antes de responder.

— Bem, pensei que tivesse levado um tiro. Com um revólver. Sério, houve um grande barulho, como uma explosão, e quando acordei estava caída ao pé da escada, e papai e mamãe estavam parados sobre mim como se eu estivesse morta e eu disse: "Quem atirou em mim, pai?" Fiquei com a cabeça confusa por muito tempo, tentei descobrir se alguém que eu conhecia tinha sido atingido por um raio, mas não havia ninguém, embora poucas pessoas dissessem que conheciam alguém, ou tinham ouvido falar de alguém que fora atingido por um raio e sobrevivera. Mas ninguém do meu conhecimento jamais passara por aquilo. Eu era a única pessoa que eu conhecia que tivera esta experiência particular. Ainda sou. É estranho, mas quando você é a única pessoa conhecida que passou por algo que a transformou em alguém completamente diferente, por algum tempo é como se você estivesse em seu próprio planeta, como se fosse um veterano do Vietnã e não conhecesse mais ninguém que esteve no Vietnã também.

— Posso sacar isso — disse Noonan sombriamente, embora nunca tivesse estado no Vietnã.

— Mas você acaba se acostumando com isso. E então fica muito parecido com a vida. Quero dizer, existe você e existe todo o resto. Só que, ao contrário de como são as coisas para as outras pessoas, isso aconteceu comigo num relâmpago, não ao longo de anos, nem tão lentamente, então você nem chega a perceber como é verdadeiro. Entende o que estou dizendo?

— Como é verdadeiro o quê?

— Bem, apenas isso, existe você e existem todos os outros. E a vida é assim.

— Claro, posso entender isso.

Afastou-se do tanque e fitou os olhos azuis de Stacy.

— É a mesma coisa comigo. Só que no meu caso foi tudo por causa daquele maldito urso. Já lhe contei do urso que arrasou com o meu acampamento?

Ela disse: — Não, Noonan. Você nunca me contou.

— É a mesma coisa, como ser atingido por um raio e depois se sentir um homem mudado.

Foi há muitos anos, ele explicou, quando estava entre dois casamentos e bebendo muito e morando num acampamento de caça na montanha Baxter porque sua primeira mulher ficara com a casa no divórcio. Embriagava-se toda noite na cidade, no Spread Eagle ou no Elm Tree, ou no velho Dew Drop Inn, e depois, quando voltava à montanha Baxter, parava sua picape do lado da estrada porque a trilha era muito dura até mesmo para um 4x4 e caminhava os três quilômetros e meio através da mata até o seu acampamento. Era uma cabana de um só aposento açoitada pelo vento, com um jirau para dormir e um fogão a lenha; e uma noite, depois de subir cambaleando após uma noitada na cidade, achou que seu barraco fora invadido por um urso.

— Um macho adolescente, imaginei, por ser primavera, que fora expulso de sua própria casa e do seu lar. Não muito diferente de mim. Senti uma certa simpatia por ele, portanto. Mas havia arruinado minha cabana em busca de comida e arrebentara uma janela para entrar e eu sabia que ia voltar, por isso teria que enfrentá-lo.

Na noite seguinte, Noonan apagou sua lâmpada de querosene, pulou no jirau-dormitório com uma garrafa de Jim Beam, sua Winchester 30-06 e uma lanterna e esperou.

Por volta da meia-noite, como se afastando uma teia de aranha, o urso rasgou uma lâmina de poliuretano que Noonan pregara sobre a janela arrombada, rastejou para

dentro da cabana e seguiu na direção do mesmo armário que havia esvaziado na noite anterior. Noonan, meio bêbado a essa altura, acendeu a lanterna, pegou o urso espantado no seu facho, e atirou, mas apenas o feriu. Enlouquecido pela dor, o urso rugiu e ficou em pé sobre as patas traseiras, arremessando as patas dianteiras no ar, à esquerda e à direita e, antes que Noonan pudesse atirar de novo, o urso agarrou a viga que suportava o jirau e a arrancou do lugar, dilacerando o madeirame de sustentação até que a cabana toda desmoronou sobre Noonan e o urso ferido. A estrutura de qualquer maneira era fraca, feita de madeira velha de entulho pregada apressadamente vinte anos atrás e nunca reconstruída, nunca renovada, e caiu sobre a cabeça de Noonan com a maior facilidade. O urso escapou na noite, mas Noonan ficou preso sob o teto da cabana, incapaz de se mexer, com o braço direito fraturado, supunha, e possivelmente várias costelas quebradas.

— Foi então que aconteceu — disse ele.

— O quê?

Stacy mergulhou uma dúzia de canecas de cerveja, duas de cada vez, na água fria, recolheu-as e colocou no freezer para ficarem geladas.

— Foi quando eu soube que havia eu e havia todo o resto. Como você falou. Mudou minha vida.

— Não brinque. Como?

Ela reabasteceu os saleiros no bar.

— Bem. Parei de beber, por exemplo. Mas isso foi poucos anos depois. Fiquei deitado lá a noite toda e grande parte do dia seguinte. Até que uma bela jovem, procurando o seu cachorro perdido, apareceu por lá. E também Stace — disse ele, abaixando a voz de repente — eu me casei com ela.

Ela colocou as mãos nos quadris e perguntou: — Sério? Ele sorriu.

— Bem, sim, de certo modo. Na verdade eu a conhecia há muito tempo e ela me visitara algumas vezes no

acampamento, digamos. Mas, sim, casei com ela... finalmente. E fomos muito felizes. Por um tempo.

— A-hã. Por um tempo.

Noonan concordou com um gesto de cabeça, sorriu e piscou. Então bateu com o seu quadril no dela e disse: — Vamos arrumar a cozinha. Podemos continuar com isso depois, Stace. Se você quiser.

Ela não respondeu. Começou a enfiar garrafas de cerveja na escuridão do refrigerador. Quando ergueu o olhar, ele havia desaparecido e dois operários da estrada estavam entrando pela porta, acalorados, queimados do sol e sedentos.

O dia fora claro, com finos leques de nuvens no leste, prometendo um pôr-do-sol ameno de final de verão nas montanhas para o pessoal que jantaria no Restaurante Familiar do Noonan. Aquela noite estava incomumente agitada, mesmo para uma Noite da Lagosta. Deprimida por uma briga que tivera com sua filha grávida a respeito de dinheiro, Gail rapidamente começou a se atrapalhar e a atrasar o serviço e, depois de ser alvo dos gritos, primeiro dos fregueses famintos no salão e depois de Noonan na cozinha, onde sete ou oito lagostas de um vermelho vivo em suas bandejas aguardavam para serem servidas, ela teve um ataque de nervos e correu soluçando para a toailete das mulheres. Só acabou saindo depois que Stacy foi atrás dela e prometeu ajudá-la a atender às mesas do salão, onde quinze crianças de três famílias franco-canadenses sem nenhum parentesco estavam batendo ritmadamente com os talheres nos copos. Na cozinha, na metade do horário do jantar, Donny LaPierre jogou seu pano de prato e mandou Noonan pegar o seu emprego e enfiá-lo naquele lugar — não tinha se formado no colegial para ser tratado como um idiota por um salário mínimo. Seu irmão mais moço, Timmy, que se formaria no ano seguinte, bateu com as palmas das mãos erguidas nas palmas do irmão e disse, "Uau! Maneiríssimo, D.L.", e os dois saíram juntos.



Noonan ficou parado na porta e berrou, "Nem ousem pensar em receber o dinheiro desta semana!", e os garotos o mandaram tomar naquele lugar com um gesto do dedo médio no estacionamento e começaram a seguir de carona para Lake Placid.

Gail e Stacy acabaram resolvendo as coisas entre si e servindo a todos satisfatoriamente, os comensais e suas crianças sossegaram e a ordem foi restaurada — até na cozinha, onde Noonan, quase agradecido pela chance de fazer as coisas corretamente, assumiu ele mesmo a tarefa de lavar os pratos. No bar, quatro fregueses regulares, solitários e entediados, homens de hábito, bebiam, fumavam cigarros e viam Montreal perder para os Mets na televisão. Stacy ofereceu-lhes uma rodada por conta da casa pela sua paciência e todos os quatro sorriram, agradeceram e voltaram a assistir ao jogo. No aquário, a última lagosta chocava-se preguiçosamente contra o vidro.

Stacy enxugou o balcão do bar com um pano e parou lentamente diante do tanque. Debruçou-se e observou o que acreditava que fosse um dos olhos da lagosta — parecia mais um botão esverdeado do que um globo ocular, anatomicamente absurdo para ela — e tentou imaginar como parecia o mundo do Restaurante Familiar do Noonan visto através daquele botão e da cela de cem litros de água turva que o cercava e, além daquilo, da lente da parede de vitral imitando algas. Provavelmente pareceria um planeta alienígena e distante, pensou. Ou incompreensivelmente estranho, como um filme chinês antigo, em que você não precisa saber a história, nem quem é o mocinho ou o bandido. Ou talvez, em vez de um lugar ou uma coisa de verdade, aquilo parecesse a uma lagosta apenas uma ideia. Isso lhe metia medo.



Deve haver algum tipo de comunicação entre os sentidos, ela raciocinou, como ocorria com as pessoas cegas e surdas. Se um sentido é fraco, outro deve ser forte e vice-versa. As lagostas, imaginava, provavelmente não podiam enxergar muito bem, vivendo como viviam nas profundezas escuras do mar. Para distinguir comida de amigo e amigo de inimigo elas precisavam de poderosos sentidos de olfato e de audição. Colocou o rosto bem próximo do vidro e quase o tocou com o nariz. A lagosta dançava e balançava um pouco adiante, como se lutando para usar seus fracos olhos, sua audição prejudicada pelo tanque e seus dons olfativos para determinar se Stacy era uma coisa que se podia comer, ou com a qual se podia reproduzir, ou então se era algo que a podia comer. Tanta coisa, na vida de qualquer criatura, depende da capacidade de identificar as outras criaturas com exatidão, pensou Stacy. No tanque e fora dele também. E esta pobre besta, dependendo apenas de seus olhos ridículos, estava perdida, estava totalmente perdida. Estendeu a mão para a lagosta, como se para a acariciar, consolar e tranquilizar.

A mão grande de Noonan caiu do alto sem ser vista, como se através de águas escuras, e veio pousar sobre a mão dela. Virou-se, espantada, e lá estava o rosto dele a poucos centímetros de distância, seus grandes olhos castanhos injetados de sangue e sua pele porosa cor de pêssego com costeletas negras avançando como ramos cortados, cavernas suaves de narinas, lábios vermelhos,

dentes manchados de tabaco, língua úmida. Ela desvencilhou bruscamente a mão e deu um passo para trás, colocando-o sob um foco mais adequado e seguro, com o bar entre eles como uma cerca, mantendo-o do lado de fora e ela no lado de dentro, não tinha certeza, mas não importava, contanto que estivessem em lados opostos. — Você me assustou! — disse ela.

Ele se inclinou sobre o bar e sorriu com indulgência. Atrás dela, os homens bebiam cerveja e assistiam ao beisebol. Ouviu a multidão no estádio dar vivas, na expectativa do ponto. Do salão vinha o ronco surdo das famílias distribuindo comida entre si e seus comentários sussurrados enquanto avaliavam a qualidade e o tamanho de suas porções, elogio e desapontamento expresso em vozes igualmente baixas, como se ambos fossem mexericos, e o tinir dos seus garfos e facas, tragos e dentadas, a risada súbita de um velho, o estalido das garras e pernas de lagostas se quebrando.

— Stace, assim que tiver uma chance venha comigo à cozinha. Tem algo que quero lhe falar.

Ele se virou e caminhou bruscamente até a o salão, falando um momento com Gail, simpaticamente deixando que fosse mais cedo para casa, depreendeu Stacy, livrando-se de testemunhas, e apanhou uma tina cheia de pratos sujos deixada por Donny LaPierre. Enquanto desaparecia na cozinha, Noonan olhava para Stacy e, embora um estranho o julgasse inexpressivo, ela o viu praticamente falando com o seu rosto, viu-o usando o rosto para dizer numa voz baixa e fria: "Stace, assim que ficarmos sozinhos aqui esta noite eu vou pegar você."

Ela decidiu forçar a questão, ir imediatamente à cozinha, antes que Gail fosse embora, enquanto ainda havia um número relativamente grande de pessoas no salão e os quatro sujeitos no bar e, se Noonan dissesse o que esperava que ele diria e fizesse o que esperava que faria, então ela sairia porta afora exatamente como os garotos

LaPierre haviam feito, iria embora no seu carro, portas e janelas fechadas, rodas girando, espalhando cascalho e guinchando os pneus enquanto deixava o estacionamento e pegava a estrada para Lake Placid.

Quem ele achava que ela era, afinal, assediando-a daquele jeito, um homem casado, praticamente de meia-idade? Claro, ela se sentira atraída por ele desde a primeira vez que o vira, quando a entrevistou para o emprego, e a fez rodar e rodar de novo enquanto ficava sentado no tamborete do bar e a examinava atentamente, com interesse genuíno, quase com inocência, como se ela fosse um buquê de flores silvestres que houvesse encomendado para a mulher. "Vire-se, Stace. Deixe-me ver o outro lado."

Ela realmente gostara do seu ímpeto, do seu jeito destemido e impessoal de lhe dizer exatamente o que queria dela, instruindo-a a vestir uma camiseta branca justa e jeans ou shorts pretos no trabalho e a ser amável com os frequentadores, especialmente os homens, porque ele queria clientes que voltassem, não ocasionais, e os homens vão voltar e ficar até tarde toda noite se acharem que a garota bonita do outro lado do balcão gosta deles pessoalmente. Ela sorria como um companheiro de conspiração quando ele lhe falou aquilo e dissera: "Nenhum problema, Sr. Noonan."

— Ei, você pode me chamar de Charlie ou pode me chamar de Noonan. Simplesmente não telefone para minha casa e nunca me chame de senhor. Está contratada, Stace. Vá trocar de roupa e esteja aqui de volta às seis.

Mas tudo isso foi antes que ela lhe tivesse contado que tinha sido atingida por um raio. Até então, ela achara seguro flertar com ele; era casado, afinal, e era tão diferente dos fracassados com os quais ela geralmente se envolvia, portanto concluiu que seria inofensivo, bem como interessante, ser atraída por ele e aquilo não daria em nada, de qualquer maneira; e não era uma atitude

inteligente, afinal, para uma mulher jovem, desejar a atenção e a aprovação de um homem mais velho? Não era assim que você aprendia sobre a vida e sobre si mesma?

Mas, de certa forma, nesta tarde tudo havia mudado. Ela não podia dizer como mudara, nem por que, mas tudo estava diferente agora, especialmente entre ela e Noonan.

Não era algo que ele tivesse ou não tivesse feito, ou sequer algo que ele tivesse dito. Era o que ela havia dito.

Uma mulher atingida por um raio não é como outras pessoas. Na maior parte do tempo Stacy podia esquecer o fato, podia até esquecer como fora aquela noite horrível, quando tinha apenas dezessete anos e achava que fora alvejada na cabeça. Mas tudo o que tinha a fazer era dizer as palavras, restabelecer o fato, e a coisa toda voltava com força total — seu espanto, a dor física e mental, e o medo duradouro, mesmo hoje, de que lhe acontecesse de novo. As únicas pessoas que diziam que raios nunca caíam duas vezes no mesmo lugar jamais haviam sido atingidas uma vez. Era por isso que ela relutava tanto em falar no assunto.

Mas Noonan a levava a contar aquilo e, de repente, a sensação estava de volta, como se uma parede de vidro houvesse aparecido entre ela e as outras pessoas, especialmente Noonan. O homem não tinha nenhuma ideia de quem ela era. Mas não era culpa dele. Era dela. Ela o havia desorientado. Havia desorientado a si mesma. Verificou os drinques dos fregueses no bar. Então, para mostrar a Gail aonde ia, deu um giro pela sala de jantar e caminhou de volta à cozinha.

Quando entrou, Noonan estava encostado na beira da pia, seus grandes braços nus cruzados sobre o peito, a cabeça abaixada: um homem absorvendo um pensamento de sobriedade.

Stacy disse: — O que queria me dizer?

Ela ficou ao lado da porta, mantendo-a aberta com o pé. Ele sacudiu a cabeça como se acordando de um cochilo.

— O quê? Oh, Stace! Desculpe, eu estava pensando. Na verdade, Stace, estava pensando em você.

— Em mim?

— Sim. Feche a porta. Entre.

Olhou por cima dela para a sala de jantar.

— Gail está OK? Não está chorando mais ou coisa parecida, está?

— Não.

Stacy deixou a porta fechar atrás de si. As pás do exaustor giravam sobre o fogão e a lavadora de pratos chapinhava suavemente ao lado da pia, tilintando os copos e talheres no seu interior e balançando os pratos. Numa prateleira perto da porta dos fundos, um rádio portátil tocava música country em volume baixo — música doce e melancólica. Havia um ar de calma e paz na cozinha, uma domesticidade em surdina que, embora o espaço lhe fosse tão familiar quanto a cozinha do seu chalé alugado, surpreendia Stacy. Por um momento, sentiu-se culpada de ter suspeitado de Noonan e ter sido tão rápida em julgá-lo e condená-lo. Gostava da sua agradável aparência juvenil, não gostava? Apreciava sua voz de barítono enfumaçada e do sotaque nortista assumido e ficava satisfeita e lisonjeada com seus súbitos lampejos de intimidade.

— O que é que você queria me dizer, Noonan? — repetiu ela, suavemente desta vez.

Ele se inclinou para a frente, os olhos cintilando, malícia em sua cabeça, e olhou para a direita e a esquerda, não desejando ser ouvido.

— Que tal a gente cozinhar esta última lagosta e dividir entre nós dois?

Deu-lhe um sorriso amplo e esfregou as mãos.

— Não conte a Gail. Vou cozinhar e resfriar o bicho e tirar a carne, colocar um pouco de suco de limão, e nós a comemos mais tarde, depois de fechar, só nós dois. Podemos abrir uma garrafa de vinho. O que acha?

Aproximou-se dela e colocou o braço em seu ombro e a guiou até a porta.

— Vá libertar o animal do seu tanque enquanto eu boto a chaleira no ponto de ebulição, como dizem.

— Não — disse ela, desvencilhando-se do braço dele.

— Como assim? Que quer dizer com "não"?

— Simplesmente isso. Não. Não quero um *tête-à-tête* quieto aqui com você depois de fecharmos. Não quero transar com você, Noonan. Você é casado e me incomoda o seu jeito de agir como se isso não importasse. Ou pior, o meu jeito! Como se o fato de ser casado não fosse importante para mim.

Noonan ficou confuso.

— Que merda! Quem falou de transar? Jesus!

Ela inspirou com força.

— Desculpe — falou. — Você está certo. Não sei no que está pensando, Noonan. De verdade. Não sei por que disse aquilo tudo. É que estou... estou só assustada, eu acho.

— Você? Assustada? Há!

Ela era jovem, bonita e saudável; era uma atleta, uma mulher que podia escolher à vontade entre homens muito mais jovens, mais disponíveis, mais bonitos e mais ricos do que ele. Do que poderia ter medo? Não dele, com toda a certeza.

— Cara, você é uma dona muito doida, deixa eu lhe dizer.

Sacudiu a cabeça lentamente com frustração e desagrado.

— Olha, estou me lixando se não quer participar comigo desse troço, como foi que chamou, um *tête-à-tête*. Faça o que bem entender, Mas eu vou comer lagosta, de qualquer maneira. Sozinho! — disse ele e partiu através da porta para o salão.

Stacy cruzou lentamente a cozinha até a porta dos fundos, usada pela última vez pelos irmãos LaPierre a caminho do estacionamento e da estrada mais além. Era

uma porta de tela e mariposas e mosquitos batiam as asas contra ela, enxameando em torno da lâmpada amarela na parede do lado de fora. Neste lado do restaurante já estava escuro. Nos fundos, onde o edifício dava para as montanhas a oeste, o céu era de um laranja pálido, com longas nuvens cinza-prateadas banhadas de púrpura flutuando no alto e faixas de nuvens vermelho-sangue perto do horizonte. Ela decidiu que era melhor voltar para o bar. Haveria alguns comensais, ela sabia, que iam querer levar um drinque para a varanda depois do jantar e apreciar o crepúsculo.

Antes que pudesse atravessar a porta, Noonan, o rosto sombrio com raiva confusa, voltou à cozinha a passos largos, carregando a última lagosta em sua mão molhada, pingando água. A lagosta debilmente agitou suas pinças no ar e sua cauda grossa e blindada enrolou-se sobre si mesma, retesando de novo numa fraca tentativa de afastar Noonan.

— Aqui, faça as honras — disse Noonan a Stacy, segurando a lagosta à altura do seu rosto. Com a mão livre acendeu o bico de gás abaixo do panelão passando o fogo de baixo para alto. — Você já ferveu uma lagosta viva, Stacy? Oh, é um verdadeiro barato — disse com um olhar de soslaio raivoso. — Vai adorar, Stacy, especialmente quando ela ficar toda vermelha assim que você a jogar na água fervendo. Ela não vai afundar imediatamente, claro, porque ainda está viva, e vai lutar para saltar fora da panela, exatamente como você também faria. Mas mesmo tentando sair da água ela vai ficando vermelha e de repente ela desiste e, quando isso acontece, está cozida e pronta para ser comida. Uuummm!

Empurrou a lagosta sobre ela e o bicho lançou as pinças na sua direção como se fosse ela que a agarrava pela carapaça, não Noonan. Stace não tremeu ou recuou. Ficou firme onde estava e olhou para o que devia ser o rosto do animal, procurando alguma expressão, alguma indicação de sentimento ou pensamento que guiasse seus próprios



sentimentos e pensamentos. Mas não havia nenhum e, quando percebeu que não podia haver nenhum sinal, isso a agradou e ela sorriu.

— Isso está mexendo com você, não? — perguntou Noonan. — Estou vendo, está lhe dando um barato, não é?

Ele devolveu o sorriso, quase a perdoando por tê-lo julgado de modo tão injusto, e segurou a lagosta acima da panela de água fervente. O vapor se condensou em torno do corpo da criatura que se contorcia e Stacy observava, transfixada, quando do salão ouviu as vozes dos comensais se elevarem, suas exclamações em voz alta e convocações de uns aos outros para que viessem ver, *venham correndo, venham ver o urso!*

Stacy e Noonan se entreolharam, ela perplexa, ele com irritada resignação.

— Merda! — falou. — Esta deve ser a pior noite na porra da minha vida.

Deixou cair a lagosta na pia vazia e desapareceu na despensa, voltando à cozinha poucos segundos depois com uma carabina aninhada em seu braço.

— Filho-da-puta, esta é a última vez que aquele viado vai mexer no meu lixo! — declarou, e partiu para a sala de jantar, com Stacy o seguindo, pouco atrás.

Ela nunca vira um urso negro de perto, embora não fosse incomum topar com um deles nas redondezas, especialmente no meio do verão, quando os regatos da montanha secavam e obrigavam as criaturas, normalmente tímidas, a descer até as encostas mais baixas e aos vales, onde os seres humanos viviam. Uma vez, quando voltava de carro para a universidade depois das férias de verão, teve a impressão de ver um grande urso atravessar a estrada uns cem metros adiante, e no início achou que não podia ser um urso, devia ser um cão imenso, um terra-nova, deslocando-se lentamente, até que ouviu seu carro se aproximando e rompeu num galope rápido, inclinando-se para a frente, e desapareceu no mato enquanto ela

passava. Ela parou o carro e foi até o local onde o animal entrara na floresta, mas não havia nenhum sinal de que tivesse jamais estado ali, nenhum capim amassado ou folhas recém-caídas.

Desta vez, no entanto, ela tencionava ver aquele urso de perto, se possível, e saber ao certo que não imaginara aquela cena. Quando chegou ao salão, todo mundo, inclusive Gail e os fregueses habituais do bar, estava em pé diante das janelas, olhando para o relvado nos fundos, onde a terra descaía a partir do prédio, apontando e murmurando pequenos ruídos de apreciação — exceto as crianças, que ficaram quietas diante da visão, não tanto assustadas pelo urso, mas o admirando. Os adultos pareciam principalmente contentes com a sua sorte, pois teriam uma novidade para contar aos amigos e à família quando voltassem para casa. Esta seria a noite em que viram o urso no Noonan's.

Então Stacy viu Noonan e vários outros comensais, todos eles homens, saírem para a varanda. Eles também olhavam para o gramado abaixo do salão e na direção da porta do porão, onde Noonan empilhava seu entulho e os barris de lixo numa gaiola de treliça trancada. Os homens estavam sombrios e atentos, tensos e quase tremendo, como cães de caça no momento do ataque.

Stacy se apertou contra a vidraça. Atrás das montanhas distantes, o sol se punha gloriosamente. Seus últimos raios dourados banhavam o gramado impecavelmente cortado atrás do restaurante e brilhavam como um refletor suave no corpo do urso, coberto de espessos pelos negros. Era um macho adulto, com mais de um metro e oitenta de altura, em pé sobre as patas traseiras, arrebatando com método e calma os lados e o topo da gaiola de treliça, arremessando pedaços de madeira ao ar como se fossem gravetos, trabalhando com eficiência mas no seu próprio ritmo plácido, como se estivesse totalmente só e não houvesse nenhum público de homens, mulheres e crianças

olhando para ele lá de cima das janelas do salão, nem um pequeno punhado de homens na varanda observando-o como um grupo de caça reunido no alto de um rochedo acima de um olho-d'água e como se Noonan não estivesse empunhando a carabina contra o ombro, fazendo a mira e atirando.

Atirou uma vez e errou completamente o urso. Atirou uma segunda vez.

O urso foi atingido no alto das costas e um tufo de pelos negros saltou do seu peito no ponto onde a bala saiu. A multidão no salão grunhiu e berrou. "Está atirando no urso!" Uma mulher ganiu, "Mandem ele parar!", e as crianças começaram a ulular. Um homem gritou, "Pelo amor de Deus, ele está maluco?" Gail olhou em súplica para Stacy, que simplesmente sacudiu a cabeça lentamente de um lado para o outro, pois nada podia fazer para detê-lo agora. Ninguém podia. As pessoas clamavam e urravam, umas poucas soluçavam e as crianças uivavam, e Noonan atirou uma terceira vez. Acertou o urso no ombro e o animal rodopiou, ainda em pé, procurando a fonte desta dor terrível, sem entender que devia olhar para o alto, que o homem com a carabina, a menos de cinquenta metros, estava postado fora do seu campo de visão, acima dele e, por causa de sua raiva extrema, porque se recusava a ser impessoal neste episódio pavoroso, era incapaz de matá-lo e assim feria a criatura de novo, e de novo, no peito, numa pata, e atravessava o seu focinho com um tiro, até que finalmente o urso caiu de quatro e, sem saber ao certo para onde escapar, rolou para longe do restaurante gramado abaixo na direção da mata e então, atingido nas costas, virou-se e veio pesadamente, sangrando e tomado pela dor, diretamente para a varanda, onde Noonan desferiu um último tiro, acertando o urso desta vez no meio da testa e o urso rolou para a frente, como se tivesse tropeçado acidentalmente, e morreu.

Carabina na mão, Noonan caminhou em silêncio contra a multidão que partia, seu olhar fixado rigidamente em algo lá dentro, na sua mente o alvo de um urso em silhueta.

Ninguém falou ou cruzou o olhar com ele ao passar; ninguém olhou para suas costas, sequer, quando se dirigiu para a cozinha e fechou a porta atrás de si. Os homens que estiveram ao seu lado na varanda agora se sentiam envergonhados. Minimizando sua participação, juntaram-se a suas mulheres e seus amigos, todos fazendo fila na caixa registradora, pagando a Gail, deixando moedas na mesa, ou pagando a Stacy no bar e partindo rapidamente para o estacionamento e para seus carros. Havia algumas exceções atordoadas e silenciosas, crianças maiores chocadas demais para chorar, ou orgulhosas demais, mas a maioria das crianças chorava e algumas gemiam, enquanto os pais tentavam consolá-las em vão, ou assegurar-lhes que os ursos não sentem dor do mesmo jeito que os seres humanos, que o homem que atirou no urso teve que atirar nele porque estava danificando sua propriedade e não se preocupem, nunca mais vamos voltar a este restaurante, haja o que houver.

Quando todo mundo se foi, Gail caminhou lentamente do salão até o bar, onde tirou o avental, dobrou-o cuidadosamente e o colocou sobre uma banqueta diante do bar.

— Acabou para mim — disse a Stacy. Com as mãos trêmulas, arrancou um cigarro do maço, acendeu-o e tragou fundo. — Diga a ele que pode mandar meu pagamento pelo correio — falou. — O filho da puta.

Encaminhou-se até a porta e parou abruptamente. Sem se virar, disse:

— Stacy? Por que vai ficar?

— Não vou.

Numa voz tão baixa que parecia estar falando consigo mesma, Gail disse: — Sim, garota, você vai ficar — e partiu.

Stacy apagou as luzes do bar e do salão uma a uma, desligou a tomada do letreiro da beira da estrada e trancou a porta da frente. Quando abriu a porta da cozinha, Noonan, em pé na extremidade do longo balcão de aço inoxidável, ergueu a cabeça e lançou-lhe um olhar mal-humorado. Havia cozido a última lagosta e a estava comendo, comendo no balcão com as mãos; cascas quebradas e os restos da carcaça despedaçada estavam espalhados diante dele. Enfiou um dedo indicador na cauda grossa e musculosa e empurrou um naco de carne branca para a outra ponta, agarrou-o e jogou-o para dentro da boca.

— Tive que dar oito tiros de merda! — disse, mastigando. — É o que dá guardar a porra daquela desgraçada 22 aqui em vez de arranjar uma arma de verdade.

Acenou desdenhosamente com as costas da mão para a carabina encostada no balcão e com a outra mão enfiou mais carne de lagosta na boca. Seu rosto estava vermelho, ele respirava rápida e pesadamente.

— Errei o primeiro tiro, sabe, só porque estava tão puto que não me concentrei. Mas se tivesse uma arma de verdade, aquele segundo tiro teria dado conta do serviço. Por Deus, amanhã vou trazer minha 30-06 para cá! — declarou.

Stacy pegou a carabina 22 e a examinou. Deslizou-a na posição de tiro contra seu ombro direito e mirou ao longo do cano a porta de tela e o bando de mariposas esvoaçantes junto à lâmpada de fora.

— Ainda está carregada? — perguntou.

— Tem quatro cartuchos ainda, portanto não brinque com isso.

Ele arrancou as finas patas da barriga da lagosta e sugou a carne em cada uma delas, deixando cair os canudos vazios, um a um, no balcão à sua frente.

Lentamente, Stacy girou a carabina e mirou o crânio de Noonan.

— Noonan — falou.

— Sim, o que é?



Ela fechou os olhos, apertou o gatilho e ouviu a explosão, e quando abriu os olhos viu no meio da testa ampla e branca de Noonan um furo negro do tamanho de uma moeda de dez centavos, que se expandiu imediatamente para um quarto de dólar, enquanto seu corpanzil sacudia como se eletrocutado e caía para trás, seu rosto espantado sumindo completamente de sua visão, e viu então a parte de trás da cabeça dele e um buraco do tamanho de um dólar de prata. Seu corpo, como um grande saco de água emborrachado, caiu ao chão, afastando-se dela ao descer, acabando de costas, com os olhos esbugalhados de Noonan olhando para a prateleira de compotas acima do balcão. O sangue jorrava do buraco atrás da cabeça no linóleo verde-pálido e se espalhou lentamente numa poça vermelho-escura espessa até os pés dela.

Ela colocou a carabina no balcão ao lado dos restos destroçados da lagosta, foi até o fogão, onde a panela de água ainda estava fervendo, e apagou a chama de gás.

Devagar, como sem saber ao certo onde estava, olhou ao redor da sala, pareceu tomar uma decisão e se empoleirou numa banqueta ao lado do frigorífico. Encostou a cabeça na porta fria de aço inoxidável e fechou os olhos. Nunca na

vida, nunca, Stacy conhecera o alívio que sentia naquele momento. E nunca desde o momento em que fora atingida por um raio conhecera a liberdade.

Uma picape Ford se aproximou chocalhando e encostou ao lado do cartaz apagado na beira da estrada. Os irmãos LaPierre, Donny e Timmy, saltaram da caçamba para o acostamento.

— Ei, boa sorte com o velho Noonan, seus babaquinhas! — disse o motorista, e ele e um passageiro na cabine romperam em gargalhadas. Dois carpinteiros expansivos, empapuçados de cerveja, eram primos dos LaPierre, que voltavam tarde para casa, para a mulher e os filhos, depois de uma noitada nos bares de Lake Placid. Acenaram animadamente para os garotos e se afastaram.

Donny e Timmy, o cascalho rangendo sob os pés, cruzaram o estacionamento. A luz da cozinha e a lâmpada do lado de fora ainda estavam acesas, e quando os rapazes se achavam no meio do caminho viram Stacy através da porta de tela, sentada no tamborete ao lado da câmara frigorífica. Estava adormecida, parecia, ou talvez apenas morrendo de tédio por ter de ouvir uma das histórias de caça imbecis de Noonan.

— Acha que ele está trepando com Stacy? — perguntou Timmy.

— Para com isso, cara, Stacy é um bebê. E ele é um ancião, cara — disse Donny. — É legal ela ainda estar aqui — acrescentou. — Ela gosta de nós e ele vai nos contratar de novo só para dar uma de bonzinho.

— Eu bem que gostaria de dar uma beliscada.

— Uma beliscada no quê?

— Stacy, cara!

Donny bateu com o punho no ombro do irmão mais moço.

— Ora, ora, mas você vai ter que esperar a sua vez, maninho! — disse rindo. Afastou com a mão o enxame de mariposas e abriu a porta de tela. Timmy entrou primeiro e

Donny, ocultando com a mão o sorriso que se apagava,  
entrou em seguida.





## Comida de prisão

A mesa de Shelly Wolanski dava para uma parede e à direita, depois da bandeja de entrada de documentos, havia a única janela na cozinha da prisão. Era uma janela pequena, não maior do que uma tábua de cortar carne, com uma vista que Shelly podia dispensar: arame farpado e implacáveis muros de concreto, e além deles hectares de vegetação morta fechada por cerca de arame e mais arame farpado e, à distância, a Route 5 e a loja de *donuts* onde os agentes penitenciários podiam comprar creme bávaro e chocolate glacê com vinte por cento de desconto. Bastou Shelly olhar uma vez e já foi demais.

Sua cabeça doía. Sua mesa estava uma bagunça. Puxou a camisa para fora, abriu o botão superior da calça — a cintura apertava quando ela se sentava, o preço que pagava por ter deixado de fumar — e releu o memorando do diretor do presídio. Ele precisava que ela trabalhasse na noite de quinta-feira — a noite da execução — para preparar a última refeição.

O diretor prometera a sexta-feira livre — a quinta também, exceto as poucas horas daquela noite. Ótimo para ela. Não trabalhar na sexta significava que poderia comparecer ao torneio de hóquei de Chuck em New Haven, ficar de olho nele. Deus sabe que ele precisava ser vigiado, especialmente depois do episódio de dois meses atrás com o carro daquele outro garoto. Aquilo foi o pior, mas ela não gostava do jeito como ele vinha cometendo faltas no gelo, também. O treinador de Chuck dissera que fazia parte do jogo, que os jogadores de hóquei precisavam de atitude.

— Sim, o que ele precisa é de uma atitude mais correta — ela dissera.

Se Hank ainda estivesse vivo...

*Ah, pare com isso*, Shelly falou a si mesma. Talvez, se, talvez, se. Você não pode continuar nesse jogo. Quatro anos é muito tempo.

As panelas batendo e os exaustores chocalhando na cozinha não ajudavam muito sua dor de cabeça e quando Danny, o preso de confiança, deixou cair uma panela de sopa que lavava, ela gritou com ele.

— Desculpe, Julia Child! — ele gritou de volta.

— Ela se viu forçada a sorrir. Gostava quando as pessoas na prisão a chamavam de Julia Child, a famosa *chef* de cozinha. Gostava do que aquilo implicava sobre a maneira como dirigia a cozinha.

Shelly rolou para trás em sua cadeira — os relatórios de estoque podiam esperar — e olhou pela janela. Estava nevando. De certo modo isso deixava a paisagem ainda mais difícil de suportar. Na distância, passando a cerca de arame, ela podia ver pequenas pessoas que pareciam palitos acenando com cartazes. Já havia manifestantes protestando, e a execução ainda estava a dois dias de distância. Todas aquelas pessoas em pé no frio — boas notícias para a loja de *donuts*.

As lâmpadas fluorescentes da cozinha da prisão piscaram. O aço inoxidável exibiu um brilho opaco na luz vacilante. Ela precisava ter as mãos na comida, precisava picar alguma coisa. Abotoou a calça, colocou luvas de látex e parou perto de uma tábua de cortar para passar abobrinhas na faca. Estava curiosa para saber o que o sujeito ia pedir para sua última refeição. Embora trabalhasse na prisão há três anos, o estado não tinha executado ninguém desde que ela começara. Um novo governo agora mudara tudo. Ela deduziu que esta ceia de última noite seria a primeira de muitas, e a ideia lhe revirou o estômago.

— O que é que há, Julia Child?

Danny deu-lhe uma cutucada, ombro contra ombro, como se estivessem dançando.

— Você está olhando para o espaço — disse ele, dobrando-se para ver o rosto dela. Exibiu o seu sorriso de gasosa, o sorriso de um vigarista, atividade que exercera até que um casal de velhos o mandou para trás das grades. A ficha que Shelly leu relatava como Danny, solto sob fiança enquanto aguardava julgamento, passara pela casa do casal e o hospitalizara por seis semanas cada um. Aquele acesso de fúria lhe valera o seu lugar na ala de segurança máxima. Bom comportamento e provavelmente aquele sorriso o liberaram para a cozinha. Aquilo e o fato de que o diretor gostava de escolher seus presos de confiança entre os brancos.

— Você não está autorizado a tocar nos funcionários — disse ela. Ele a ignorou e apontou para a faca.

— Se você não se concentrar, pode perder um dedo. Está pensando no quê?

Shelly largou a faca. Era fácil ver como ele conseguia engambelar as pessoas — seu riso gentil, seu rosto sincero e curioso. Shelly ouvira empregados da cozinha confessarem ansiedades profundas a Danny. Mas ele metia medo, também, por causa do que fizera. Porque era de segurança máxima. Porque, quando olhava atentamente, Shelly notava cicatrizes paralelas nos seus pulsos e o lóbulo da orelha que faltava, e quando prestava atenção a sua voz ouvia aquele dialeto que os brancos só falam quando passaram muito tempo dentro das paredes de uma prisão.

— Vou preparar a comida daquele cara na noite de quinta-feira.

— Doyle? — ele riu. — É um canalha malvado, aquele cara.

— Não quero saber. Tenho certeza de que foi há muito, muito tempo.

— Nada disso, Julia Child. Não faz muito, soltaram Doyle com o resto de nós no pátio e ele disse algo que irritou um dos Reis Latinos. Você não deve irritar os Reis.

Apunhalaram ele. O filho da mãe simplesmente apertou uma meia sobre o buraco na sua barriga, para não parecer fraco. Depois, ele vai caminhando por um corredor com guardas dos dois lados, mãos e pernas algemadas, e eles passam pelo cara que o apunhalou. Doyle arranca o nariz do sujeito com uma mordida. E agora Julia Child vai preparar o seu jantar.

— Não tem bandejas para lavar?

— Cinco anos delas, por bom comportamento.

De volta à pia, ele trabalhou com a mangueira de alta pressão, borrifando até que o vapor o engoliu. Ter Danny por perto era tão ruim quanto ter aquela janela do lado de sua mesa, lembretes de que ela não precisava. Quando o via, não podia deixar de ver o taco de beisebol que quebrara a caixa torácica do velho e esmigalhou as mãos artríticas da velha. Por mais que Danny risse ou piscasse, não podia ocultar a sua história. Ele a levava consigo tão visível como sua camisa azul de prisioneiro, por fora da calça e abotoada no colarinho, como todos os detentos.

Às vezes Chuck se vestia para a universidade do mesmo jeito.

— É um estilo — argumentava. — Nada demais.



No ringue aquela noite, Shelly acenou com a cabeça para os outros pais ao escolher um lugar nas

arquibancadas atrás do banco do time. Os garotos entraram no retângulo de gelo deslizando em seus patins, saudados por aplausos e pelo rock gargarejado pelos altofalantes da arena, e Shelly lembrou-se de como mais cedo, quando deixara a prisão a caminho da arena, os manifestantes tinham cantado Amazing Grace e encostado cartazes no seu para-brisa quando ela saía pelo portão. Como se dependesse dela se o sujeito ia viver ou morrer, como se tivesse outra responsabilidade que não a de dirigir a cozinha e cozinhar.

Uma adolescente veio e sentou-se ao lado de Shelly. A namorada de Chuck.

— Olá, Tina — disse Shelly, amistosa apesar do que realmente sentia.

— Oi.

Tina usava uma jaqueta de brim e seus cabelos laqueados pendiam sobre os olhos como um escudo púrpura. Por que será, pensou Shelly, que garotos colegiais adoram loucas como cães adoram anticongelante? Como podia Chuck amar esta garota, que o deixava se contorcendo dias a fio antes de responder a seus telefonemas, que flertava com outros sujeitos e que até os convidava para saírem juntos quando tinha um encontro com Chuck? Foi assim que ele demoliu o seu Chevrolet Novo, estourando o Firebird de outro cara que Tina estava seduzindo. Chuck teve sua carteira de motorista cassada e dois anos de sursis. Tina nunca pediu desculpas. Logo depois daquilo, Shelly começou a ter pesadelos: Tina, um anel de noivado no dedo, os braços abertos para um abraço, dizendo "Oi, Mamãe". No sonho Shelly nunca sabia se devia abraçar a nora ou espancá-la.

Chuck estava na boca do gol agora, rebatendo com a lâmina do taco o disco arremessado com força, monstruoso com as suas proteções e a máscara de goleiro. Shelly olhou para a máscara, tentando ver o que estava escrito em vermelho na testa.

- O que quer dizer aquilo? — perguntou, apontando.
- Mutilar — disse Tina.
- Mutilar? Como ferir?
- Arrebente. Estropie. É isso aí — e Tina riu.
- Não é engraçado, Tina.
- Eu acho que é.

Testosterona adolescente, Shelly disse a si mesma. Como quando ele colou nas paredes do seu quarto fotos de jogadores de hóquei brigando. Como quando ficava até tarde da noite jogando videogames empapados de sangue no seu computador. Mas e a noite em que arrebentou os carros? Podia ela culpar a testosterona por aquilo? Ele não teria ultrapassado uma linha? E quanto a "mutilar"?

Hank, Hank... quando você morreu ele ainda era um menino, pedindo permissão para gastar sua mesada em barras de chocolate, cheio de por favores e obrigados. Quatro anos depois se transformou em outra coisa, fora do meu controle. Ele me assusta, Hank.

Pensar no marido a tranquilizava, porque vira Hank lidar com os piores tipos de gente, dos bêbados em suas tavernas favoritas aos marginais que enfrentava todo dia como tira em Hartford. Às vezes ela ia de carro à cidade e esperava no vestíbulo do distrito para se encontrar com ele para o almoço e ele voltava da patrulha com um olhar no rosto que fazia qualquer bandido que conduzisse algemado andar gingando como se tivesse se mijado. Algumas vezes o bandido tinha realmente mijado nas calças. Mas Hank nunca erguia um punho. Nunca usava o cassetete. Seus olhos é que faziam o trabalho. Os olhos de Hank — assustadores e frios quando estava zangado — prometiam algo pior do que uma surra. E aquele olhar, aquela promessa, davam a ela uma fé de que nada jamais o machucaria, que ele sempre voltaria para casa. Esperança tola. Porque a campainha da porta tocou uma noite. Não quando ele estava de serviço, não. Tocou bem tarde, quando ele saía com os rapazes, e desta vez eram os tiras

de Enfield em vez dos tiras de Hartford. Hank tomara umas e outras. Tinha avançado um sinal vermelho. Não. Mutilo não era engraçado.

Shelly olhava para seu filho para ver se ele a notava e se sentia castigado. Mesmo que aquilo não funcionasse. No meio do terceiro tempo, Chuck saiu do gol e com o seu taco achatou o centroavante do outro time, dobrou ao meio o garoto. O garoto se levantou querendo briga, mas Chuck bateu primeiro e continuou socando até que os juizes os separaram. O tempo todo no banco, mesmo com o treinador na sua cara, Chuck nunca chegou a tirar a máscara.

Terminado o jogo, Shelly esperou diante da porta do vestiário, mas manteve distância dos outros pais. Não queria ouvir sua conversa fiada quando tudo no que estavam pensando era que diabo havia de errado com o filho dela. Tina ficou por perto mas não falou nada. Depois de um tempo, o treinador saiu e disse a Shelly que não tinha outra escolha: Mais uma briga e Chuck estaria fora do time.

— Talvez se tivesse feito algo mais cedo... — disse ela.

— Não sou seu pai — falou ele. — Existe um limite.

Quando o treinador voltou ao vestiário, um homem muito mal vestido deslizou para fora, com óculos de lentes grossas e levando uma caderneta debaixo do braço. Chuck apareceu poucos minutos depois, seu casaco acolchoado com o zíper aberto, sua camisa amarrotada, sua gravata de dia de jogo com o nó afrouxado. Não tinha feito a barba e suas faces brilhavam de acne e exaustão.

Colocou o braço em volta de Tina. Ambos disseram "Oi".

— Demorou um bocado — disse Shelly.

— Eu estava falando com um cara do jornal.

— Querem fazer uma reportagem sobre você?

— É. Acho que foi por isso que falou comigo.

Fora do estádio, Shelly abriu o porta-malas do velho Buick. Chuck jogou seu saco de lona com tanta força que

um bloco de neve encrostada — marrom de sujeira e ferrugem — caiu do para-choque e se espalhou pela rua.

Na casa de Tina, Shelly ajustou o espelho retrovisor para poder ver. Com a descarga do carro os envolvendo em nuvens azuis, Chuck tentava beijar Tina. Ela deu um passo para trás. Sussurraram, suas palavras formando lufadas de bafo congelado. Agarrou-a pelo pulso. Ela se desvencilhou. Shelly pensou em partir, deixando-os sozinhos para se devorarem vivos.

Então Tina empurrou Chuck e marchou até sua porta. Um ar gelado entrou com ele no Buick.

— De onde veio todo esse jeito de ator canastrão? — perguntou Shelly enquanto rodavam para casa.

— Com Tina?

— Com tudo. O treinador disse que você está fora do time se continuar aprontando.

— Não vai me tirar. Não tem mais ninguém para jogar no gol.

— Eu não gosto, de qualquer maneira.

— Isso me dá força — disse ele. Da mochila tirou uma barra de chocolate, arrancou o papel e engoliu em duas mordidas. — Aquele outro time é dos caras maus. Você não aperta a mão dos caras maus. Você só dá porrada neles.

— Seu pai lidava com caras maus todo dia. Nunca bateu num deles. Ele...

— ... avançou bêbado um sinal vermelho, portanto não chega a ser um bom exemplo.

— Cale a boca.

Ela queria esbofeteá-lo, mas receava que o Buick derrapasse e batesse numa árvore.

Subitamente Chuck se ergueu e, com uma graça que parecia impossível, dado o seu tamanho, pulou para o banco traseiro. Shelly olhou por cima do ombro e ele tinha fechado as pálpebras.

— Você não entende nada de hóquei — resmungou e não disse mais nada aquela noite.





Shelly acordou na manhã de quarta-feira com os olhos turvos e irritadiça devido ao excesso de preocupação e à falta de sono, desejando um cigarro pela primeira vez em meses. No trabalho, encontrou um memorando do diretor com a lista do menu de Doyle: *cheeseburger* simples com fatias de cebola, batatas fritas, gelatina de laranja, um copo de leite e balas de menta para depois. Embaixo, o diretor rabiscou: Não complique a coisa. Dê ao sujeito o que ele quer.

O pessoal da cozinha se atarefava ao redor das grelhas e das chaleiras soltando vapor e o ar cheirava a manjeriço e frango grelhado — o prato principal daquela noite. Não complique a coisa. Ótimo. Ela era capaz de fazer um *cheeseburger*. Fizera milhares de *cheeseburgers* quando Hank era vivo e Chuck ainda era um bebê. Bolo de carne também. Toda a cozinha básica: carne, batatas, legumes enlatados. De vez em quando, num aniversário ou no Dia das Mães, Hank a levava a algum lugar com velas e toalhas de renda e eles comiam coisas finas, mas ela nunca imaginara que pudesse criar o que aparecia naqueles pratos. Então Hank morreu e ela teve um sonho com ele sentado à mesa da cozinha tomando sopa de tomate e comendo pão preto e ele disse: "Você devia tentar um curso de culinária. É uma maneira de ganhar a vida."

Ela sempre imaginara que era preciso ter um salário de Rockefeller e um diploma de Harvard para fazer os pratos que via preparados na televisão. Mas depois de alguns

meses de aula na Escola de Culinária de Hartford, Shelly descobriu que tudo o que uma pessoa precisava para ir além do bolo de carnes e das batatas era tempo para desfrutar a cozinha. Ficava horas em pé diante do fogão, do processador de alimentos, da tábua de cortar, descascando alho, salpicando açafrão ou limpando camarão, amando o trabalho de um modo como nunca amara antes outra coisa. Não chegou a se formar — o dinheiro encurtou —, mas tivera aulas suficientes para conseguir o emprego na cozinha da prisão e em pouquíssimo tempo galgou posições até chegar a supervisora da cozinha.

Aquilo lhe dava tempo e dinheiro. E tinha ideias de como usar ambos.

Vira como as pessoas se tornavam respeitáveis quando sentadas diante de um prato de filé de porco marinado e se perguntava como os prisioneiros se comportariam se tomassem sopa de castanha em vez de sanduíches de galinha, *fettucine* de espinafre em vez de carne moída, galinha mole em vez de bolo de carne. Não era idiota. Não achava que iria transformar um assassino em guarda de trânsito escolar, mas achava que talvez uma boa comida o tornasse menos raivoso. Não era fácil mudar o cardápio — o orçamento da cozinha não era muito grande, afinal — mas ela aprendeu a substituir presunto por *prosciutto*, queijo suíço por Gruyère.

Os prisioneiros refugaram a comida no início. Shelly continuou tentando, até que começaram a comer o que ela servia. Alguns chegaram mesmo a gostar. O diretor a elogiava, especialmente quando ganhou um prêmio do governo estadual por iniciativa e criatividade, mas o novo menu não mudou o comportamento de ninguém. Depois de um tempo, isto não importava mais para Shelly. Se tinha de cozinhar, queria cozinhar boa comida.

Quando chegou o seu intervalo, ela encontrou Danny na lanchonete. Estava sentado a uma mesa redonda, lendo um

jornal e palitando os dentes com um garfo plástico que tinha todos os dentes quebrados, exceto um.

— Estava lendo sobre o seu rapaz.

— Chuck disse que ia sair uma reportagem sobre ele.

Não sabia que ia ser tão rápido.

— Não sobre Chuck.

Passou o jornal por cima da mesa. Ela o apanhou e leu a manchete da primeira página:

#### O APELO DE UMA MÃE

#### *Implora ao governador pela vida do filho*

Viu duas fotografias, uma nova e em cores de uma mulher de uns sessenta anos com um rosto macerado por uma vida inteira de dois maços por dia. Segurava uma foto do filho, o assassino, no pré-escolar. Aquela foto era reproduzida — ampliada — ao lado da foto dela.

Provavelmente tirada no seu aniversário. Usava um chapéu de papel pontudo e uma camisa branca de manga curta com uma gravata escura. Segurava um leãozinho de pelúcia. Seus cabelos eram encaracolados e louros, sua pele de um rosado irlandês. A legenda dizia: "Bobby Doyle, aos cinco anos."

— Bonitinho — disse ela.

— Impressionante como sua mãe lhe dá apoio. Minha mãe a esta altura já me esqueceu. Quero dizer, ela guarda as provas de que me teve — meus distintivos dos lobinhos e um retrato grande meu com roupa de coroinha. Nada mais depois daquilo.

— Você foi coroinha?

— Até o dia em que roubei uma vela — ele riu. — A maioria dos caras aqui dentro vai lhe dizer que já foi um bom menino.

— Posso ficar com isso? — disse ela.

Danny fez que sim com a cabeça — Você é quem manda, Julia Child — palitando os dentes.



Naquela noite no seu sofá, gelada apesar do pijama de flanela e do cobertor de lã enrolado nas pernas, Shelly leu a história do jornal até as páginas internas.

Ele adorava cães, dizia sua mãe. Jogava damas como um ás. O artigo também mencionava que tinha matado duas garotas depois de estuprá-las — as filhas de sua namorada na época. Na página interna havia um retrato da polícia de Doyle: seus lábios encrespados numa carranca e seus maxilares cerrados sobressaindo das faces. A pior parte eram seus olhos. Não como os de Hank, que assustavam pelo que prometiam. Os olhos de Doyle fuzilavam, injetados de sangue e raiva. Shelly olhou alternadamente para Doyle o menino e Doyle o assassino.

Teve um sobressalto quando Chuck escancarou a porta da frente, voltando de um treino de hóquei. Passou por ela sem uma palavra — apesar do seu "Olá" — um jornal debaixo de um braço e a máscara de goleiro na mão. Pegou um pacote de biscoitos da cozinha e fechou-se no quarto.

Quando ela bateu, não houve resposta.

— Chuck?

— Estou ocupado.

— E eu não estou com vontade de falar através de uma porta.

Girou a maçaneta e entrou.

Ele lançou um canivete na parede, tentando enfiar a lâmina no jornal que havia colado ali. No meio da página estava a foto de um goleiro de hóquei.

— Que está fazendo?

Jogou o canivete de novo. Bateu de lado contra o jornal e caiu.

— Eu perguntei...

— Ficando com raiva.

— De quem?

— Churchill Bannerman. O goleiro do Avon.

— Que foi que ele fez?

— Nada. É uma coisa do hóquei.

Continuava jogando, errando e apanhando o canivete...

— Me dê o canivete, Chuck. Se sabe o que é bom para você, me dê o canivete agora.

Ele jogou uma vez mais, errando de novo, e então desabou de costas no monte de roupas sujas que cobria sua cama.

Ela fechou o canivete, respirou fundo e deu uma olhada no quarto.

— Já jantou?

Ele acenou com o pacote de biscoitos.

— Que tal se eu esquentar uma lasanha de berinjela para você?

— Se é comida de prisão, eu não quero.

— Que diferença faz?

— Se é comida de prisão, não quero.

Parecia um desafio, como se forçá-lo a jantar equivalesse a procurar encrenca. Ele olhou, respirando quietamente, se é que respirava.

— Como quiser — disse ela e saiu, deixando a porta aberta. Ele a fechou assim que ela pisou no corredor.



Na cama, leu a história do jornal uma vez, depois duas, enquanto mordida a tampa de uma caneta esferográfica. Divagou sobre Chuck e Danny e Doyle — todos bons meninos, até certa altura da vida — e a divagação se transformou em preocupação ao pensar o curto passo que devia separar uma canivetada numa parede de uma canivetada num corpo. Antes de apagar a lâmpada de sua mesa de cabeceira, enterrou o canivete de Chuck numa gaveta da cômoda debaixo de suas meias e calcinhas.

No Dia da Execução, Shelly escovou os dentes e pensou se Doyle estaria escovando os seus também, ou se não se daria ao trabalho. O que fazia um homem no seu último dia? Ao enxaguar a pasta de dente de sua boca, ele reviveria o que havia feito? Se arrependeria? Ou pensaria em dias mais felizes do passado? Ela se indagava sobre os dias mais felizes de Doyle. Imaginava se ele teria jogado hóquei no colégio.

Encontrou Chuck na sala de estar comendo batata frita de um saco e vendo desenhos animados na TV.

— Isto é o seu café da manhã? Um aceno de cabeça.

— Café da manhã dos campeões. Pelo menos sente-se comigo à mesa enquanto eu como. Faça de conta que somos uma família.

Ele encolheu os ombros e a seguiu. Suas calças largas, destinadas a fazê-lo parecer um arruaceiro, só o faziam parecer a ela um menino em roupas de homem. Usava o

boné virado de modo que a pala ficava para o lado e deixara a etiqueta do preço grudada. Parecia tolo.

— Debateremos nas aulas de assuntos da atualidade a respeito da execução — disse. — Alguns de nós pensamos em ir dar uma olhada.

Shelly colocou um omelete de prisão no micro-ondas. Sobras do dia anterior. Apertou os botões do forno, tocando sua única nota repetidamente.

— Dar uma olhada no quê? Vocês não vão ver nada.

— Pensamos em levar cartazes: "Fã Clube de Bobby Doyle". Seria maneiro.

Seu rosto se abriu um pouco e ele sentou numa cadeira. Dedilhou um canto da mesa da cozinha onde o laminado estava descascando, puxando-o com as unhas.

— Quero você em casa. Temos de levantar às cinco para o torneio.

— Mas não é um negócio incrível? Logo depois da meia-noite, a Hora da Bruxa, e o cara está morto. Pffffit. Nada. Nosso professor disse que vão prendê-lo por correias a uma mesa com o formato de uma cruz — sorriu. — Uma enfermeira vai limpar o local onde vão espetar a injeção intravenosa, como se ele precisasse se preocupar com infecção. Eles o paralisam. É assim que vai morrer. E como está paralisado, seus órgãos e tudo mais não vão relaxar, por isso não vai cagar nas calças.

Tudo certinho e limpo, sem nenhuma gritaria ou coisa parecida. Como se ele adormecesse. Nana, neném, pequeno Bobby — Parou de falar e olhou para ela. — Ei, mamãe.

— Hmm?

— O micro-ondas está bipando.

Shelly abriu a porta do forno, mas deixou sua comida lá dentro.

— Chuck, você não me choca, OK? Funde um "Fã Clube de Bobby Doyle". Eu não me importo. Só não vire um Bobby Doyle.

— Mãe...

— Ouça. Estou de serviço esta noite. Vou preparar a sua última refeição. E não quero falar mais sobre isso.

— Vai fazer sua última refeição? Que tremendo barato.

— Você acha que é um barato?

— Totalmente. Uma coisa tão doida. Quero dizer, um desperdício de comida, não é?

Meteu a mão no seu saco de fritas, enfiou algumas na boca.

— Aposto que ele não vai comer as sobras.

Shelly estacionou na rua diante da Biblioteca Pública de Hartford esperando que as portas se abrissem, sua preocupação com Chuck fermentando em raiva. Verificou os cinzeiros do Buick em busca de pontas de cigarro, só encontrou poucos traços de cinza e queria culpar Chuck por isto também.

Dentro da biblioteca seu ânimo piorou ainda mais com a náusea que lhe deu rodar os microfimes de volta para os assassinatos.

BRISTOL — Quem quer que tenha estuprado e assassinado as duas irmãs Williams no começo desta semana primeiro as amarrou com fios de telefone e encheu suas bocas com papel laminado, disse a polícia ontem.

A garganta de Shelly se contraiu, obstruindo-se em simpatia com as vítimas.

Marcas de mordidas no papel laminado indicam que as garotas Nancy, de 13 anos, e Kim, de 11 — estavam vivas quando suas bocas foram cheias de papel e provavelmente estupradas depois disto, segundo o detetive de Homicídios Glenn Falzarrano do Departamento de Polícia de Bristol. Cada garota levou então um tiro na cabeça com uma arma de mão calibre 38.

Falzarrano pediu que qualquer informação que pudesse conduzir a uma prisão fosse encaminhada ao seu escritório imediatamente...



Uma bibliotecária prestativa interrompeu para mostrar-lhe uma reportagem de destaque numa revista de circulação nacional sobre os assassinatos.

— Muitas pessoas requisitaram esta semana — disse a mulher. A revista revelava detalhes terríveis. As garotas, contara o promotor ao júri, "contorceram-se como minhocas em sua própria sala de estar". A polícia apanhou Doyle escondido nas ruínas de uma casa de fazenda perto de Litchfield, onde ele matara um cão vadio para comê-lo.

Mas o artigo também oferecia a história de Doyle: lobinho até conquistar seu distintivo de urso, praticara salto na vara na Bristol Central High, depois um vendedor externo de uma *body shop*. Confiável, disse seu patrão. Um bom olho para cores. Além de tudo isso, uma foto de Bobby no colégio com alguns amigos num porão, cercados por halteres, pesos e concreto, os rapazes magrelos em camisetas apertadas, cada um tentando parecer ameaçador, tentando tanto que pareciam inofensivos.

E havia fotos de colégio das meninas. Nancy, a mais velha, tinha cabelos escuros com topete, usava aparelho nos dentes, e tinha ombros magros que pareciam frágeis demais para suportar seu pescoço. Kim, também morena, mas com um tom de pele mais claro, apertava os lábios como se sorrir fosse um ato de rendição. Shelly olhou por muito tempo.

Um ás no jogo de damas, dissera sua mãe. E ele matava cães.

A casa estava quieta, Chuck ainda não voltara do treino, mas estivera em casa para almoçar e deixara uma caixa de leite no balcão para estragar. Ela derramou o leite na pia e pensou que precisava de música durante o jantar, algo para afugentar imagens de Bobby Doyle com aquelas irmãs, suas bocas cheias de papel laminado, o último gosto em suas línguas. Country, talvez. Alguma voz fanhosa e sedutora. Apertou o botão que ligava o rádio.

Guitarras de heavy metal estraçalhando tudo e vozes ululantes saltaram dos alto-falantes. Entrou em pânico e desligou o rádio. Tomou fôlego. Aquele fedelho miserável.

Aquele merdinha.

Requentou o *fettucine* de galinha e os legumes *sauté*, deixou-os fumegando à sua frente e lembrou-se de como Chuck e ela costumavam partilhar a hora do jantar. Fazia refeições, até mesmo requentadas da prisão, e mãe e filho sentavam-se com o jogo americano sob os pratos e guardanapos e a comida em pratos de servir, tudo apresentado como aprendera na escola de culinária. Ele perguntava sobre a prisão, mas ela queria saber o que havia acontecido na escola. À medida que ele ficou mais velho e a exaustão dela aumentou no fim de cada dia, às vezes não se lembrava de colocar o jogo americano. As vezes requentava sobras e queria ver comédias na TV comendo no sofá. E então o às vezes se tornou o sempre.

O *fettucine* e os legumes deixaram de fumar e ela os devolveu à geladeira, pensando que talvez Chuck tivesse permanecido um garoto dócil se ela continuasse colocando o jogo americano, se as refeições tivessem continuado especiais. A comida, pensava, seria sempre uma ocasião.

A caminho da prisão naquela noite, o aquecimento do Buick soprando ar quente ruidosamente, ela semicerrava os olhos sob o brilho dos faróis que vinham no sentido oposto e mantinha o pé esquerdo alerta acima do pedal do freio. Não valia a pena morrer antes de preparar a última refeição para Doyle, aquele filho da puta.

Deu-se conta de que havia cozinhado para ele antes sem o perceber. Os guardas deviam ter levado para ele bandejas de sua comida do refeitório onde o resto da população partia o pão. Agora ela imaginava Doyle comendo o *cheeseburger* com fatias de cebolas, a gelatina, as batatas fritas. Ela o imaginava enxugando a boca enquanto os oficiais da correccional observavam. Talvez algum parente estivesse lá. Um irmão, sua mãe. Certamente sua mãe, que

se vestiria em cores vivas, uma blusa de bolinhas em rosa e azul, pulseiras e braceletes nos braços como se fosse a um piquenique familiar. Eles se sentariam na iluminada sala de visitas do corredor da morte, pintada de branco e banhada pela luz crua de uma lâmpada de 120 watts. Ele teria correntes ao redor dos tornozelos e os pés cobertos por chinelos. A tatuagem de uma aranha esgueirava-se do seu pescoço, saindo da camisa, as malhas da teia como um colar. Ele se encostaria na parede de blocos de concreto, dobraria um guardanapo sobre suas fritas, piscaria e diria, "Acho que vou guardar estas para amanhã".

Cheeseburgers. Gelatina. Fritas. Nem uma só verdura em toda a desgraçada refeição. Aquilo a ultrajou por algum motivo que não podia explicar, a fez afastar o pé do freio e pisar mais fundo no acelerador, como se pudesse pegar Doyle atravessando a estrada e o atropelar. Nenhum verde. O patife.

Estômago embrulhado, punhos cerrados no volante, lembrou agora como Chuck rira porque ela ia alimentar um homem que ia morrer, rira diante do desperdício de comida, mas não era isso que a incomodava. Ela teria feito comida gloriosa para Hank se soubesse que ia perdê-lo. Teria preparado uma torta de maçã com creme recheada de nozes e pitadas de amêndoa; teria feito um *chutney* de uva-do-monte para passar sobre presunto defumado em noqueira; teria decorado uma mesa com cristais, porcelanas e prata e comprado água mineral gasosa e vinho, e no final café holandês forte — uma despedida inesquecível cheia de sabor e graça.

Mas, Deus, ela não conseguia lembrar. O que dera a Hank para comer antes de morrer? Os manifestantes marchavam agora em frente do portão fechado a corrente — uma fileira de freiras, crianças e adultos com guarda-chuvas —, recusando-se a sair da frente, até que ela buzinou. Chuva fria caiu sobre ela ao descer do Buick, a mão puxando a gola da capa de chuva, e ela se virou para

ver os manifestantes acenderem velas que o vento apagava e tentá-las acender de novo. À pequena distância, equipes de TV se amontoavam perto de suas vans, acendendo de vez em quando as luzes das câmeras sobre os manifestantes, que gritavam e acenavam seus cartazes de confecção caseira: ASSASSINATO PELO ESTADO AINDA É ASSASSINATO! e NÃO MATARÁS!

Mas as letras sangravam na garoa.

Ela nunca entrara na prisão sozinha. Mesmo no primeiro dia de trabalho, se juntara a um grupo de novos funcionários reunido no estacionamento em busca de orientação, e todo dia desde então Shelly atravessara a porta dos funcionários com outros, falando com a pessoa mais próxima sobre o tempo, os programas da TV, os filhos. Em grupo, era fácil ignorar as torres, as luzes implacáveis, o vazio do pátio, a paranoia onde ninguém respirava sem autorização de alguém.

Na porta de entrada, atrás de um escudo de vidro à prova de bala, estava sentado um agente penitenciário do plantão noturno que Shelly não conhecia, cuja voz crepitou através de um microfone pedindo para ver sua carteira funcional. Ela passou por câmeras de vigilância, caminhou ao longo de corredores silenciosos, através de portas que se abriam com um zunido cujo eco fazia ranger os dentes, até chegar à cozinha, banhada de azul numa penumbra de pisca-piscas e lâmpadas-piloto. Nenhum exaustor chacoalhava.

Abriu o zíper de sua capa molhada, sacudiu-a e a pendurou nas costas da cadeira diante de sua mesa. Luzes através da janela chamaram sua atenção. Não apenas as luzes da prisão, mas os refletores das câmeras de TV que iluminavam os manifestantes, os faróis de carros passando pela Route 5 e o néon colorido da loja de *donuts*. Shelly tremeu e sentiu vontade de comer um *donut* comum, molhado no café. Acendeu as lâmpadas fluorescentes da cozinha e encontrou uma mensagem nova pregada no

quadro de avisos, rabiscada na letra de Danny. "Bem-vinda à Cozinha da Última Chance", dizia. "Se a comida não matar você, o Estado mata." Shelly amassou o bilhete e o jogou na cesta de lixo.

A gelatina exigiria tempo para solidificar, por isso ela abriu uma caixa, ferveu água e misturou a água numa tigela com o pó alaranjado. Jogou cubos de gelo na tigela e enfiou-a no freezer. Aqueles manifestantes. Que sabiam eles sobre as pessoas dentro destes muros e se estas pessoas deveriam viver ou morrer? Já tinham trabalhado ao lado de alguém como Danny? Já tinham sentido medo de alguém como ele? Dois golpes mais daquele taco, ou uma ambulância detida no tráfego, e ele poderia ser o cara atado a uma mesa por correias esta noite.

Entrou no frigorífico e encontrou carne moída descongelada e a levou para a bancada ao lado do Fogão nº 2. O canalha estúpido. Aquele era o crime desta noite, não era? Que Doyle pudesse escolher o seu último menu enquanto muitos outros — gente decente, crianças, velhos, garotas, pais — não podiam planejar um último gostinho de algo salgado ou doce, acre ou cremoso ou picante ou tudo isso junto num último bocado deslumbrante. Ela imaginava Hank na taverna aquela noite descascando amendoins e deixando as cascas caírem aos pés do tamborete do bar. Cerveja em sua língua e um drinque também. Uísque. Fogo na garganta depois de um longo dia nas ruas encurralando aqueles bandidos. Ah, mas você levava a coisa com jeito, Hank. Só tinha de se conter para não os matar. Nunca se sentou ao lado deles na cantina. Nunca cozinhou para eles. Seria capaz de fazer isso? Seria capaz de falar educadamente com uma garota que fazia gato e sapato do seu filho? Seria capaz de conviver com Chuck sabendo que, quando ele destroçou o carro daquele outro garoto, o garoto cruzou os braços diante do rosto para se proteger dos estilhaços do vidro? Cozinhar para o seu filho?

Aquelas meninas. Aquelas pobres meninas assustadas. Shelly fatiou as cebolas. Girou o botão da grelha para 275. Depois, com tesouras de cozinha, cortou uma folha de papel laminado em pedacinhos. Como confetes para uma festa.

Fazemos o que temos de fazer, Hank. Fazemos o que temos de fazer.

Shelly varreu os pedacinhos de papel laminado da bancada para a palma da mão e os colocou na carne, rolou e bateu a massa com a mão até que ficasse cheia destes lembretes cintilantes que Bobby Doyle receberia em cada mordida, ou passaria suas últimas horas catando.

Talvez perdesse o emprego. Talvez ele berrasse que alguém botou porcaria no seu *cheeseburger*. Isto a preocupou por um momento, mas ela se lembrou do que Danny disse sobre o ferimento a faca e a meia, e Doyle não desejando que ninguém pensasse que podia pegá-lo, que ele era fraco. O burger crepitou na grelha, e quando ela o virou, o alumínio havia queimado e ficara preto e gorduroso.

Quando tudo estava pronto, colocou a comida quente num *réchaud* portátil e pôs a gelatina num pequeno pote térmico. Telefonou para um oficial da correccional e um sujeito jovem entroncado chegou poucos minutos depois.

— Que noite, hein? — disse ao se debruçar sobre o *réchaud* sobre rodinhas e o empurrar pela porta.

— Está terrivelmente quieto para um lugar onde tem tanta coisa acontecendo — disse ela. — Me dá vontade de cantar só para ouvir uma voz humana.

— Faça isso — disse ele. — Até que eu gostaria de ouvir uma canção.

Enquanto ele se deslocava pelo corredor, ela tentou pensar numa canção, mas nada lhe veio à cabeça. Ouviu, em vez disso, o chocalhar das rodinhas do *réchaud* no corredor.

Quando chegou em casa — tarde, tendo parado para botar gasolina e comprar cigarros — a casa estava escura, nem mesmo uma lâmpada na varanda, por isso achou que Chuck já estava dormindo. Na porta da frente, enquanto procurava seu chaveiro, sobressaltou-se ao ouvir suspiros e o ranger da cadeira de balanço.

— Oi, mamãe — disse Chuck.

No escuro, mal podia divisar Chuck na cadeira e alguém do seu lado.

— Podia ter falado antes — disse ela.

— Podia — disse Chuck. — Ia assustar você de qualquer maneira.

— Quem está aí com você?

— Tina.

— Oi, Sra. Wolanski.

Shelly acenou e entrou. Com passos medidos, caminhou em cada cômodo — até no de Chuck — e acendeu cada luz da casa antes de fechar a porta do seu quarto. Abriu uma janela, deixou entrar o ar frio, e colocou um cinzeiro no peitoril. Fumou um cigarro, depois outro, esperando um telefonema ou uma batida à porta, mas nada quebrou o silêncio. Tirou a roupa, colocou uma camisola de flanela e deslizou por entre os lençóis e tremeu.

Poucas horas depois, ainda muito tempo antes do amanhecer, Chuck arremessou seu saco de lona no porta-malas do Buick e sentou-se no banco traseiro. Carregava sua máscara "mutilada", que estivera em suas mãos desde que deixara o quarto naquela manhã.

— E então, está morto? — perguntou Chuck, colocando a máscara sobre seu rosto. Olhando pelo retrovisor, Shelly leu "ELITUM".

— Acho que sim. Vamos pegar um jornal para saber. Pararam na loja de *donuts* na Route 5. Enquanto a mulher atrás do balcão se concentrava em olhar para a sua caixa registradora e nada mais, Chuck, com sua máscara, pedia três *donuts* com cobertura de chocolate e uma caneca de

leite achocolatado. Shelly pediu um domo. simples e uma xícara de café. Com o troco comprou um jornal da caixa do lado de fora, sua manchete pesada e negra: DOYLE MORRE.

Ali, na calçada, leu à luz do néon como ele foi deitado na mesa, com fones de ouvido e um toca-CDs portátil preso ao cinto. Não olhou para o painel espelhado atrás do qual estavam sentadas as testemunhas: o tio das meninas, o diretor da prisão, dois repórteres e o advogado da promotoria que o processou. Estava ouvindo, dizia o jornal, Pink Floyd quando morreu: *The Great Gig in The Sky*.<sup>1</sup>

"Não comeu muito", o jornal reproduzia as palavras do diretor. "Apenas algumas batatas fritas. Um naco de *cheeseburger*."

Shelly ficou parada, silenciosa por um momento, sem ler, sem pensar, surpresa de que sentisse pena de Doyle, surpresa diante de sua dor e de seu arrependimento.

Inspirou rapidamente, num reflexo, e então se lembrou de que Chuck esperava lá dentro e que ela também tinha pedido um *donut* e um café. A comida parecia mais do que podia engolir.

Dentro da loja, Chuck estava sentado num reservado, a máscara fora do rosto agora e colocada sobre a mesa. Havia comido um *donut* e meio. — E então? — disse.

— Morreu.

Sentou-se diante dele na fórmica vermelha rachada.

— E comeu sua comida? Cara, você ficou quase famosa, hein?

— Chuck, deixa para lá. Ela enxugou suas lágrimas.

— Ei — disse ele. — Qual é o problema?

— Qual é o problema? Qual é o problema?

Ela virou o rosto para as lâmpadas fluorescentes e depois para as fileiras de *donut* atrás do balcão.

Finalmente, olhou pela janela para a prisão do outro lado da rodovia, para os refletores de busca, as cercas, o concreto. Um monstro de um edifício cheio de monstros.



Danny. Doyle. A pior espécie de gente. Queria fechar os olhos, mas a prisão enchia a moldura da janela, obrigando-a a olhar, obrigando-a a ver. A pior espécie de gente.

— O problema é que você era um garoto tão bom, sabe, e agora me preocupo com você. De verdade. Pó, detesto chorar.

— Então pare.

— Tive uma noite difícil, OK? Me faça um favor. Apague aquela palavra da sua máscara. Aperte a mão do outro time. Já é difícil o bastante fazer comida para todos aqueles bandidos na prisão. Não posso fazer comida para os bandidos de casa, também.

Ele começou a rir.

— Não estou brincando — as palavras saíram dela estranguladas.

— Use aquela máscara de novo e pode comer porcaria o resto da vida. Coma batatas salgadas até que suas entranhas se desidratem, estou me lixando.

— Como se você ainda cozinhasse para mim — disse ele mordendo um *donut*, o chocolate escorrendo por sua boca franzida, com aquela carranca que armava para bancar o homem mau. Não estava com essa bola toda, pensou ela. Não chegava nem a estar na categoria da sua mãe.

Ela o esbofeteou, tão rápido, tão forte, que ele deixou cair o *donut*. O lado do glacê grudou no chão.

— É exatamente para quem eu cozinho — disse ela, a palma da mão ardendo. — Nos últimos três anos, todo dia da semana, cozinhando naquele lugar horrível. Para quem mais? Estupradores? Assassinos? Cresça, Chuck. Eu cozinhei para você.

Os outros fregueses pararam de falar e Shelly sabia que eles olhavam, preocupados de que pudessem ser envolvidos. A sineta da porta tocou enquanto dois agentes penitenciários do turno diurno entravam para sua boquinha matutina e acenavam para Shelly, mas ela os ignorou. Chuck escorou-se perto da parede, afastando-se dela.

Ela viu como a marca de sua mão avermelhara a bochecha pálida dele. Podia enfrentá-lo com aquela rapidez. Podia machucá-lo com aquela rapidez. Queira Deus. Lembrava-se do rosto de Hank, lembrava-se daqueles momentos em que seus olhos revelavam, e ocultavam, tanta fúria, e agora queria beijar cada olho de gratidão porque entendia, ela conhecia a raiva e a violência que Hank havia sufocado.

Quando Chuck ergueu o rosto parecia assustado e raivoso, e Shelly queria, mais do que tudo, que ele puxasse mais a seu pai, e não a sua mãe, que aprendesse a largar o taco e a embainhar a faca. Estava parada, com a mão na bolsa, procurando as chaves do carro, mas Chuck ficou sentado, sem saber o que fazer com os dedos, retorcendo a ponta da sua gravata de dia de jogo.

---

<sup>1</sup> O grande concerto no céu. (N. do T.)



LESLIE EDGERTON

## No ozônio

Contei a Manny a história toda. Não tínhamos saído naquela manhã de sábado em que todo o resto do pessoal fora ao cinema. Sentamos diante da mesa da frente tomando banho de sol, comendo pastilhas de chocolate e fumando Gameis. Dando uma de dia de folga da prisão.

— Eu estava a fim dela, mano — falei, tentando explicar a ele. Ela tinha total poder sobre mim.

— Já estive nessa — falou, e do jeito que falou eu sabia que era verdade.

— Estávamos brigados e eu andava saindo com outras minas continuei. — Num fim de semana, um domingo, recebi quatro garotas diferentes, em horas diferentes, e trepei com todas. Estava me divertindo, mas era loucura. Por mais que me divertisse, não conseguia tirar Donna da cabeça. Eu estava fodido, cara. Pois bem, a última garota saiu às onze daquela noite e fui para a cama. Para dormir.

Manny explodiu, recostou-se na cadeira e riu com a cabeça caída para trás e a boca bem aberta.

— Acho que não ia brincar com a minhoca dentro das suas calças — disse.

— Acho que não. Só queria dormir quando a campainha tocou e eu me levantei e era Donna. "Preciso falar com você", disse ela. — "Foda-se, Donna", eu disse. "Estou quase dormindo. Acabou pra nós, querida. Por que não me deixa em paz?" "Não", disse ela. "Preciso mesmo falar com você". "Bem", eu disse, "estou quase dormindo e se não voltar já para a cama não vou conseguir. Se dormir demais perco o meu emprego e meu oficial da condicional vai me

enquadrar numa violação." "OK," disse ela, entrando na marra. "Volte para a cama. Eu vou com você e conversamos de manhã. É realmente importante." Olhei para Manny.

— Sabe como é quando você está quase dormindo? Falei a ela: "Tudo bem, entre, mas não vamos fazer nada, Donna. Só quero dormir." Pois bem, ela entrou e eu voltei para a cama e um minuto depois ela veio e se enroscou em mim, peladinha. Fiquei firme no que tinha dito. Não ia trepar com ela. Me virei e fechei os olhos, tentei pegar no sono de novo. Uns cinco minutos depois a campainha volta a tocar. Era uma garota com quem eu tinha saído umas duas vezes naquela semana. Patsy. "Patsy", falei, "eu tenho companhia." "Oh", disse ela, "que legal. Então vejo você amanhã." E saiu. Quando voltei para a cama, Donna saltou e me perguntou quem era. "Ninguém", falei, "só uma amiga. Já foi embora." Donna correu até a porta da frente e deve tê-la visto se afastando. Voltou e estava tinindo. "Está trepando com aquela garota", disse. Eu falei: "Não, não estou, mas não é de sua conta de qualquer maneira. Estamos separados", eu disse. "Então é isso aí," disse ela, virando-se e colocando as roupas. "Estou fora." "Esta era a ideia original", retruquei e ela saiu, só faltando arrebentar a porta. "E isso aí", estou pensando e voltei para a cama e me deitei. Mas daí ouvi vozes e me levantei, abri a porta e, não podia deixar de ser, lá está Patsy sentada numa cadeira à beira da piscina e Donna partindo pra cima dela, berrando com ela.

— "Donna!", gritei. "Arraste sua bunda pra fora daqui agora ou vou chamar os tiras." Não disse nada para Patsy, embora soubesse que ela não sacava nada do que estava acontecendo, mas sabia que Patsy era legal. Achava que se dissesse alguma coisa a ela aquilo esquentaria Donna de novo, era só contar a Patsy no dia seguinte o que estava se passando e ela ia entender. Pois bem, as duas se levantam e seguem para seus carros. Patsy sempre estacionava num lado do bloco de apartamentos. Observei por um minuto, vi

que Donna estava indo numa direção diferente e voltei logo para dentro de casa. Me deitei, mas então comecei a pensar... conheço esta encrenca... Donna... é melhor estar seguro de que foi embora.

"Voltei à porta da frente de novo e, com toda a certeza, lá está Donna acoçando Patsy, partindo atrás dela, gritando com ela. Saí correndo do apartamento ao longo da passarela. Só estava vestindo a minha sunga. Existe um pequeno espaço de onde você pode olhar para o estacionamento e corri até lá. Patsy está encostada num carro e Donna botou seu rosto bem em frente do rosto de Patsy. Corri para baixo, dobrando a esquina e assim que dobrava a esquina vi o punho de Donna tomar impulso e vi ela golpear Patsy. Bateu com força, cara. Nunca vi um sujeito bater em outro sujeito como aquela dona bateu na outra. Corri até as duas e quando vou chegando Donna está erguendo a mão para socar Patsy de novo. Só que não estava batendo nela. Estava apunhalando. Mas não registrei realmente aquilo. Cheguei justamente quando ela vinha baixando o canivete e agarrei seu braço com uma das mãos e Patsy com a outra e as separei. Donna caiu de joelhos e começou a se levantar, tentando me cortar.

Esquivei a barriga para trás e ao mesmo tempo que ela errava eu agarrava a mão com a lâmina e a batia contra meu joelho. Tudo isso aconteceu rápido, cara. Realmente rápido.

"Ela perdeu o canivete quando sua mão bateu no meu joelho e meu primeiro pensamento foi... encontre o canivete. Eu sei que se encontrar o canivete primeiro ela não pode me machucar. Estamos os dois escarafunchando o chão em busca da faca... estava escuro naquele estacionamento... e eu o achei primeiro. Era um grande canivete de mola, na verdade eu é que tinha dado a ela de presente há muito tempo, eu o encontro e pego o canivete e ela vê que estou com ele e então sai correndo. Estou parado ali com esse canivete de mola e tentei fechá-lo mas

não consegui, porque entortou em dois ou três lugares. Fico simplesmente em pé ali até que vejo o reflexo dos faróis do carro dela no outro estacionamento e ouço os pneus guincharem e então vou até Patsy, que está em pé encostada num carro.

"Bem, isso parece estranho, mas é a verdade, Manny. Estou com esse canivete na minha mão e tudo mais, mas ainda não me passou pela cabeça que Patsy foi apunhalada.

Tudo aconteceu tão rápido. Patsy também não sabia que tinha sido cortada.

"Chego perto dela e digo: 'Você está bem?' Ela está usando esta blusa de seda branca e calças de sarja bege e eu posso ver pequenos salpicos de sangue na blusa, como se alguém tivesse jogado sal vermelho de um saleiro, ou molho tabasco... sim... parecia mais molho tabasco. 'Você foi ferida', eu disse. 'Está com o nariz sangrando.'

'Não', diz ela, 'ela errou. Eu me abaixei e ela me atingiu nas costas'.

"Ela se virou e, cara! As suas costas estavam todas cobertas de vermelho-vivo e o sangue escorria pelas calças como se ela estivesse se mijando. 'Você foi apunhalada', eu disse, finalmente me dando conta do que tinha acontecido. 'Fui?' disse ela. Ela mesma nem sabia."

Justamente nessa hora o guarda do dormitório veio e gesticulou para que nos aproximássemos. Estava fazendo a contagem. Embora nos conhecesse, obrigou-nos a dizer nossos nomes e leu os números de nossas camisas, fez marcas de checagem na sua prancheta e partiu, provavelmente para um cochilo no andar de baixo, onde sua mesa ficava.

Voltamos e nos sentamos de novo à mesa.

— Tem certeza de que quer ouvir o resto desta história?  
— perguntei a Manny.

— Porra, claro que sim — disse ele sorrindo. — É uma tremenda história!

Segui em frente com o relato.

— Bem, eu queria levá-la ao Charity Hospital, mas ela disse não. Queria que fôssemos ao meu apartamento dar uma olhada no local onde fora ferida. Subimos as escadas e estou pensando que ela não está tão ruim assim, vendo que consegue subir as escadas e tudo mais. Quando entramos no meu apartamento, eu tirei sua blusa e tudo o que posso ver é um ferimento de entrada deste tamanho [ergui os dedos para mostrar cerca de uns quatro centímetros], por isso minha cabeça diz que a lâmina só entrou alguns centímetros e atingiu um osso. Foi isso que entortou a lâmina, estou pensando. Todo mundo sabe que você pode sangrar muito até de um ferimento pequeno. O sangue não está correndo mais, está só borbulhando um pouco. Eu faço uma bandagem nela com uma toalha de banho e fita isolante e então ela diz que talvez seja melhor levá-la ao hospital, que está se sentindo um pouco zozza. Garota esperta, digo a ela, e descemos as escadas.

"Eu a levo de carro ao Charity e encosto na entrada da emergência, e o guarda de segurança se aproxima e eles trazem uma cadeira de rodas depois que explico o caso e a levam para dentro.

"Eu conto ao guarda de segurança o que aconteceu e ele chama um tira de verdade e, quando o cara chega, um tira uniformizado, eu conto a mesma história e lhe entrego o canivete. Digo onde pode encontrar Donna. 'Procure no Godfather em Metairie', eu digo. 'Como a garota foi apunhalada?' ele pergunta e eu lhe digo que não sei, não acho que seja tão grave e lhe dou o meu raciocínio sobre o canivete ter tocado no osso e tudo mais. 'Mas verifique com o médico', eu disse.

"Bem, ele não verifica com o médico, simplesmente sai e eles pegam Donna na manhã seguinte e tudo de que a acusam é de agressão simples, não de agressão com arma letal ou tentativa de assassinato ou coisa parecida, só que eu não fico sabendo nada disso até o dia seguinte.

"Cerca de uma hora depois de ter trazido Patsy, estou sentado sozinho na área de espera e aparecem esta senhora e este homem. O homem parece exatamente igual àquele cara que trabalhava em Miami Vice, a série de TV. Sabe qual, o capitão? Aquele com as marcas de acne? Está lembrado? Pois bem, esta senhora vem a mim, nada de *como-vai*, e diz, 'Se minha filhinha morrer, você morre, e esta cara vai matar você'. Está se referindo ao *scarface* do lado dela. Deve ser a mãe de Patsy, eu adivinho, e é, e tento explicar que não foi minha culpa, que se não fosse por mim Patsy estaria morta, pois Donna ia dar outra apunhalada nela quando interferi.

"'Isso não faz diferença", diz ela. 'Se ela não estivesse na sua casa, não teria sido apunhalada, para começo de conversa.' Acho que ela havia conversado com os tiras, ou com o hospital, ou com alguém, e colhera uma ideia do que tinha acontecido. Não era possível argumentar com ela. Este cara com quem ela estava, soube depois, é aparentado, teria feito o que ela disse, acabado com a minha raça. Com ele eu nunca falei. Na verdade, o tempo todo, as quatro horas que ficamos sentados ali, só nós na sala de espera, ele nunca disse uma palavra para mim ou para ela. Simplesmente ficou ali me encarando sem nenhuma expressão no rosto. Era sinistro.

"Fui ao banheiro uma duas vezes e cada vez estou pensando, será que devia me mandar agora, ir para a Califórnia ou coisa assim? Sabe, eu estava convencido de que se Patsy morresse sua mãe ia botar pra quebrar. Não havia dúvida na minha cabeça. A única coisa que me prendia ali era que eu ainda achava que Patsy não tinha sido ferida com muita gravidade.

"Merda. Era grave mesmo. Por volta do amanhecer, o tal médico vem falar conosco. 'Achamos que ela vai conseguir sair dessa', diz ele à mãe de Patsy, 'mas o quadro ainda está um pouco instável'. Acontece que a lâmina entrou toda, quase saiu do outro lado. Atingiu um osso e foi isso que a



salvou. 'Estamos procurando verificar se a lâmina atingiu o pulmão', disse ele. 'Se tivesse sequer pegado de raspão, não teríamos conseguido salvá-la. Os pulmões se teriam enchido de sangue e ela teria basicamente se afogado'. Acabaram tendo que lhe dar seis unidades de sangue e o doutor disse que ela morreu duas vezes para eles e tiveram de trazê-la de volta dos mortos. Tiveram de esperar até que o sangue coagulasse e se afastasse do pulmão para obter um quadro mais claro. O raio X mostrou que a lâmina não tinha acertado o pulmão, mas como isso aconteceu ele não sabia. Foi um milagre.

"Para ela e para mim. Assim que soubemos que estava fora de perigo, todos nós partimos. Antes, a mãe virou-se para mim e disse, 'Você ainda está pendurado, Mayes. Ela ainda pode morrer. Se isso acontecer, você está morto'. Acabou que Patsy ficou ótima, embora estivesse um pouco magoada."

— Então por que você tentou se matar? Eu não entendo.

— Espere um minuto. Estou chegando lá.

Eu vi que Manny estava ficando impaciente agora que a parte sangrenta tinha passado, por isso abreviei uns dois detalhes intermediários e parti para o *gran finale*.

— Patsy deixa o hospital, magoada mas OK, e então começamos a sair juntos, embora tivéssemos de trepar bem de mansinho para não reabrir o seu ferimento. Sua mãe decide que gosta de mim e diz que o que me falou no hospital era para valer, que eu seria um presunto se sua filhinha querida batesse as botas. Diz que está feliz que isso não aconteceu porque agora gosta de mim, mas de certo modo aquilo não me fez sentir muito melhor. É uma mulher legal, mas toda vez que a vejo ainda fico um pouco nervoso.

"Pois bem, duas semanas se passam e então começo a receber telefonemas de Donna. Ela não diz alô, vai tomar no cu ou nada quando eu pego o fone, simplesmente começa a falar como se nunca tivéssemos nos separado. 'Passo pelo seu trabalho todo dia quando saio do meu', diz

ela, 'e aponto minha arma para você enquanto estou passando. Um dia desses vou apertar o gatilho, filho da puta.' A primeira vez que ela vem com essa, eu saio com uma risada, mas depois de uma semana inteira desse tipo de conversa eu já estava cansado e liguei para o promotor público. 'Não há nada que possamos fazer,' diz ele, 'até que ela faça alguma coisa, mas vou tomar nota disso e se ela chegar a atirar em você ou coisa parecida nós vamos pegá-la.' Aquilo fez com que eu me sentisse tão bem e seguro como se descobrisse que tinha sangue na urina. Pensei uma ou duas vezes que devia apagá-la antes que ela me apagasse, mas quando começo a tramar como iria fazer isso, percebo que ainda estou gamado por ela."

— Ainda está gamado por essa bruxa maluca depois de toda a merda que ela aprontou? — disse, e eu não sabia que os olhos de Manny podiam se escancarar tanto. A cara dele e o que falou me fizeram pensar que o maluco nessa história era eu. — Como pode sequer querer estar no mesmo planeta que ela?

— Porque sou um babaca?

Eu não estava nem um pouco brincando. Olhei para a ponta do cigarro que fumava.

— Sim, é uma coisa, né? Imagine só. Quer que eu minta sobre isso?

— Não, cara. É só que... bem, não imagino você amarrado numa boceta, só isso.

— Espere só, Manny. Bem, eu não sabia o que fazer. Sabia que ela era doida o bastante para usar um truque daqueles, passar e me dar um tiro... não seria difícil... eu trabalho diante deste janelão de vidro laminado a meio metro da rua... e então recebo esse telefonema dela.

— O que foi que ela disse? — ele era todo ouvidos.

— Ela disse, "Só quero lhe contar por que fui à sua casa aquela noite".

— Tá. Você disse que ela falou que queria falar com você sobre alguma coisa.

— É. E o que era, o que ela disse que era, é que estava grávida e tinha assassinado o bebê. Estas foram as palavras que ela usou.

— Quer dizer...

— Aborto. Ela fez um aborto. Cara, para mim é uma coisa terrível, não suporto abortos! Ela sabe disso, aquela piranha! Pensar de novo em tudo aquilo me trouxe de volta os mesmos sentimentos que tive na época.

"Comecei a pensar nesse bebê... eu sei que era um menino... e cara, eu tinha ficado sem ele. Comecei a beber então, saí e comprei uma garrafa de Jack e mergulhei fundo. Comecei a pensar todo tipo de coisas. Sabe, o tipo de coisas em torno 'daquilo que podia ter sido'. Eu e ela. Eu e ela e o nosso menino. Eu simplesmente extrapolei do meu crânio. Provavelmente não ajudou nada o fato de estar neste quarto de motel no Esplanade por três dias sem fazer nada, só mamando Jack e ficando doido da cabeça. Foi então que fiz a besteira."

Contei-lhe sobre o fio do barbeador Norelco e como arrebentou quando tentei me enforcar com ele. Eu não sabia por que estava contando tudo isso para Manny. Talvez para desabafar, talvez para me fazer sentir melhor. Só que não fez. Me sentir melhor, isto é. Me senti pior. Me senti exatamente como naqueles três dias, só que não tinha uísque para ajudar a segurar a barra. Sei de uma coisa — se estivesse na rua naquele minuto eu não estaria me qualificando para aquelas fichinhas brancas de pôquer que eles distribuem nos Alcoólatras Anônimos. Na hora de ir para a cama aquela noite eu havia de certa forma recuperado o controle. A única coisa é que eu continuava vendo a porra da cara de Donna e detestava o jeito como me sentia. Ainda querendo que a gente estivesse junto. Não é uma merda?

Como se não bastasse ter Donna na minha cabeça, aquele filho da puta do Boles tinha voltado, aquele que eu apunhalei no telhado da lavanderia. Você imagina que um

cara com trinta e tantos furos de grampo de lavanderia no corpo teria o bom senso suficiente para deixar esta triste vida. Eu estava cortando os cabelos de um sujeito quando Manny apareceu e me contou. Tinha conversado com o guarda de serviço naquele dia. Tinham colocado Boles na enfermaria. O guarda achava que ele ficaria lá pelo menos uma semana antes que o botassem de volta na população e lhe dessem deveres limitados. Provavelmente o colocariam na biblioteca algum tempo, o guarda disse a Manny. Aquilo fazia sentido. Colocar um analfabeto para cuidar da inestimável coleção de livros de bolso de Zane Grey do presídio de Angola. Estava fora de discussão que eu tinha de pegá-lo. Era óbvio que ele ainda não tinha me dedurado, mas eu sabia que era só uma questão de tempo.

É difícil se locomover na prisão. Nos filmes, parece que os caras vão e vêm à vontade. Tudo o que precisam fazer é subornar um guarda ou um preso de confiança. Podia ser assim em Hollywood, mas em Angola a história era outra. Você não podia dar uma cagada sem um passe. E você vai subornar os guardas com o quê? Maços de cigarro?



Eu ainda estava tentando bolar um esquema quando a situação mudou apenas três dias depois. Para melhor. Boles deu baixa da enfermaria e, exatamente como aquele guarda tinha previsto, foi colocado na biblioteca. Seria muito mais fácil pegar ele lá. Eu só tinha que arranjar um jeito de chegar lá sem ser apanhado. Isso significava que eu não podia usar um passe para a biblioteca porque constaria do

registro de passes de alguém. A coisa mais esperta era pegar Boles rapidamente. Ainda estava enfraquecido dos ferimentos. E, também, ainda não tinha falado. Se eu esperasse muito tempo, ele não só ficaria mais forte e mais difícil de apagar, mas podia mudar de ideia e me entregar.

E então meu homem Dusty apareceu providencialmente. Exatamente como nos filmes.

— Tenho uma coisa para você — disse ele quando voltávamos aquela noite do rango.

— O quê?

— Você precisa apagar aquele cara da biblioteca, né?

Ele sabia que eu precisava.

— Você me disse que podia precisar de alguma ajuda um dia com relação a esse cara.

Fiquei surpreso de que ele lembrasse, e depois não fiquei mais. Dusty não era nenhum retardado.

— Vamos lá, o que é que você tem?

— Tome.

Colocou um pedaço de papel na minha mão. Era um passe. Um dos passes de "circulação livre", como nós chamávamos. Só os prisioneiros de confiança conseguiam esse tipo de passe. Permitia livre movimentação aonde quer que você quisesse ir dentro dos muros da prisão. A melhor coisa era que não tinha o seu nome nele. Um passe de ouro sólido, feito especialmente para o que eu precisava.

Dusty me disse outra coisa.

— Faça o negócio amanhã de manhã — falou. Eu quis saber por quê.

— Porque, seu babaca, talvez vá precisar de um álibi e eu posso dar um a você. Tenho de levar as toalhas da barbearia para a lavanderia e vou pedir que você me ajude.

Você tem vinte minutos para fazer a coisa. Tenho um amigo na lavanderia com quem já falei. Ele vai dizer que você veio comigo para entregar a roupa na lavanderia.

São coisas como essa que fazem você descobrir quem é amigo de verdade.

Tudo o que fiz aquela noite foi ter um pesadelo atrás do outro. Praticamente toda noite eu tinha um sonho — pesadelos a maior parte do tempo — enquanto estava atrás das grades. Dentro dos tijolos eu nunca sonhava.

Acordei no meio do décimo sonho em que era perseguido por Donna com a porra do seu canivete, meu coração batendo como se estivesse cheirando ampolas de nitrato de amila e estou rindo como alguém num manicômio e havia um merda nos fundos do dormitório arrancando do peito aqueles terríveis soluços.

Senti o suor congelar enquanto jogava longe meu cobertor. Gritei: "Alguém bote um caralho na boca deste babaca!" Caminhei descalço até a janela e olhei para fora, e a turma da cozinha estava se dirigindo para o pátio a caminho do rancho em seus aventais brancos e calculei que fosse quatro e meia, porque era a hora em que iam à cozinha para começar a destruir o café da manhã.

Não havia nenhum sentido tentar voltar a dormir. De qualquer maneira iam tocar a alvorada para nós dentro de uma hora, por isso segui em frente com meu aparelho de barbear, tomei um banho de chuveiro e fiz a barba, escovei os dentes. Bom menino, pensei. Você podia cagar sem ter dez mil caras gritando a três metros de você.

Tinha de me lembrar disso e me levantar cedo a partir de agora.

Sentei-me no vaso mais tempo do que o necessário, simplesmente pensando. Sobre o sonho, sobre Donna, sobre Boles e todo tipo de merda como aquela. Simplesmente fiquei sentado ali, com uma raiva que crescia. Não como se estivesse fazendo o caralho crescer para que pudesse enrabar Boles depois. Nunca precisei daquela merda. Sabe, ficar com raiva para que pudesse partir para cima de alguém. Aquele tipo de merda é para bandidos. A melhor maneira de fazer a coisa é nem chegar a pensar nela.

É só fazer.

Esta é a única maneira de fazer algo grandioso. Especialmente quando você tem uma escolha, tem dois caminhos à sua frente para escolher. Como se eu pudesse apagar Boles ou pudesse fazer qualquer outra coisa. Ou nada. Simplesmente não fazer nada, ver o que acontecia depois.

Que se foda. Boles ia ser apagado. Eu não podia acreditar que um cara pudesse ser espetado tantas vezes e ainda conseguisse viver. Quem era ele, alguma espécie de vampiro? Trinta e tantos furos nesse cara com um grampo de lavanderia desentortado e lá está ele trabalhando na biblioteca como se tivesse acabado de sair de uma gripe. Eu devia colocar uma estaca de madeira através do seu coração filho da puta, é o que devia ter feito, evitando toda esta merda de agora.

E como um assalto. A maioria dos condenados com quem falei foi apanhada porque planejou demais. Esquematize o que vai fazer, se isso vai acontecer, ou se aquilo vai acontecer. A melhor maneira é nem saber que você vai fazer até que simplesmente acontece. Tipo, se você está num supermercado comprando um par de maços de cigarro e, ao sair, vê todas as garotas da caixa caminhando para o escritório com suas bandejas de dinheiro porque vai haver troca de turno. Antes de entrar no mercado, roubar alguém era talvez a última coisa na sua cabeça. Você vê aquilo, todas aquelas bandejas empilhadas na mesa do escritório, o cofre aberto, e a coisa mais esperta que pode fazer é entrar lá, sacar o seu berro e mandar o sujeito de gravata botar tudo num saco e passar para você. Zip, bum, bang, você sai do lugar e vai zarpando pela estrada antes mesmo de sacar o que fez. Tranquilamente.

Nunca na minha vida fui apanhado num trabalho quando funcionei assim. Aqueles em que me apanharam foram os cuidadosamente estudados, planejados e esquematizados um montão de anos antes e sempre — sempre — o único

detalhe minúsculo em que você não pensou acontece e a coisa seguinte de que você se dá conta é de que está tentando tirar tinta preta dos dedos com aquela toalhinha de papel que sempre lhe dão, e você sente que está acordando de um pesadelo. E entrando em outro pior.

Estou pensando em tudo isso e então de repente entrei em outra. Joguei um lençol sobre todos os outros pensamentos sobre Donna e até Boles e simplesmente entrei numa outra parte da minha mente.

Estávamos saindo do dormitório depois do café da manhã e Manny estava dizendo algo para mim. Na verdade, quase aos gritos, antes que eu notasse qualquer coisa.

— O quê? — eu disse, me perguntando por que ele estaria gritando comigo e então Dusty, que caminhava conosco, falou:

— Deixa ele em paz, Manny. Ele está voando. Manny me encarou e deu uma rápida olhada ao seu redor, e então sua mão tocou na minha e eu sabia o que era. Enfiei dentro da minha camisa. Sem olhar, eu podia sentir que era um facão, um verdadeiro facão de caça, de metal, comprado em loja. Esta era uma arma de matar séria. O que ele fez, o que eu tinha em minha mão, ficou registrado não na parte frontal da minha mente, mas na parte traseira, que é onde eu estava.

Fomos até a escola de barbeiros e eu simplesmente me postei em pé atrás da minha cadeira, em vez de ficar zanzando com os outros. Um par de caras entrou, disse algo e eu simplesmente acenei com a cabeça. Não tenho a menor ideia do que me disseram.

Então o Sr. Dillsie veio à porta do seu escritório e gritou, me mandando ajudar Dusty com as toalhas. Eu podia ver Dusty atrás do vidro. Havia cinco grandes sacos.

Agarrei três deles e Dusty os outros dois e saímos pela porta dos fundos.

— Corra — disse Dusty. — Vai!



Larguei meus sacos e parti de novo, na direção do pátio, passando pelo refeitório e a sorte estava do meu lado. Não cruzei com um único guarda, apenas um presidiário.

Mantive a cabeça baixa e não creio que o cara tenha sequer reparado em mim. A biblioteca, ficava dois edifícios depois do refeitório e não tinha ninguém no caminho à minha frente. Barra limpa. Esta era a melhor ocasião. Não haveria ninguém mais na biblioteca, exceto o bibliotecário, durante pelo menos uma hora.

Não havia.

Entrei rapidamente, fechei a porta atrás de mim. Podia sentir a faca onde a colocara debaixo da minha camisa, o cabo preso atrás do meu cinto.

No início achei que não havia ninguém lá, e então ouvi algo que parecia um livro caindo nos fundos da sala. Voltei e entrei pela porta. Lá estava ele, abaixando-se.

Aprumou-se, um livro na mão, e olhou para mim.

— Boles — eu disse. Podia ver medo em seus olhos.

— Eu não entreguei você, cara — disse, colocando o livro sobre a mesa à sua frente e dando um passo para trás. Mexia-se de um jeito um tanto rígido, acho que eu faria o mesmo também, com tantos furos no meu corpo.

— Eu sei. Eu não poderia estar aqui se você tivesse me entregado, podia?

Puxei minha faca.

— Por que vai fazer isso?

— Você sabe por quê.

Deu outro passo para trás e ficou contra a parede. Parti para cima dele.

— Oh, cara — sua voz vacilou. Colocou as mãos para cima, as palmas voltadas para mim, e começou a deslizar ao longo da parede em direção da porta. — Cara, você está limpo. Não vou contar quem foi que me espetou. Se fosse, já teria feito isso. Desculpe o que fiz a você, cara. Estamos quites. Não vê que estamos quites?

De certa maneira ele estava certo. Eu tivera o mesmo pensamento. O sofrimento que eu o fizera atravessar certamente quase empatava com o que ele me fizera. De certo modo o placar estava igual.

Eu nem sequer sentia a mesma raiva que sentira quando ele me estuprou. No dia em que o enchi de furos no telhado da lavanderia a raiva desaparecera, esvaindo-se aos poucos a cada buraco que eu abria nele, até sumir por completo. Não havia vingança mais no meu coração, nenhuma. Ele fora purgado de tudo, de toda a maldade.

Caminhei até ele e ficou simplesmente parado ali. Não creio que seus joelhos o deixassem andar. Seus olhos me revelavam isso. Parei a centímetros dele. Suas mãos caíram do lado do corpo.

— Não vai falar? Nunca?

— Oh, cara! Não! Juro por Deus! Você está limpo, cara. Só quero cumprir minha pena, sair dessa porra de lugar, só isso.

Acreditei nele. Podia sentir na sua voz.

— Você nem mesmo sabe o meu nome, sabe? — falei.

— Não.

Estava dizendo a verdade.

— Meu nome é Jake Mayes — eu disse. E depois o apunhalei. Sei lá por quê. Simplesmente apunhalei. Penetrou fácil no começo, então bateu em algo sólido e tive de enfiar, imprimindo mais força ao cabo, até que entrou tudo. Eu olhava nos olhos dele o tempo todo. Pareceu durar horas, nós dois ali em pé e seus olhos mudaram, só um pouquinho, ao perceber o que estava acontecendo, eu acho, e suas pálpebras começaram a tremer como se estivesse tentando se impedir de piscar, como se no momento em que piscasse tudo acabaria e então todos os ossos pareceram fugir do seu rosto. Estendi minha outra mão, agarrei sua camisa e o deixei deslizar até o chão. Seus olhos ainda estavam abertos. Não havia piscado, mas estava morto.

Voltei à lavanderia e Dusty ainda estava lá falando com o seu amigo. Sabia que ficara afastado mais tempo do que devia.

— Que está fazendo? — perguntou Dusty quando eu cheguei. — Está caminhando como se tivesse todo o tempo do mundo, seu mongol. Vamos lá, vamos sair dessa porra agora.

O outro sujeito se virou e voltou para dentro da lavanderia, e nós começamos a andar de volta à escola de barbeiros. No caminho, Dusty me fazia perguntas.

— Livrou-se da faca? Alguém viu você?

De volta à barbearia, eu tinha um freguês à espera. Dusty também. O cara queria um corte curto, tipo escovinha. Saquei a máquina triplo-zero, lavei-a numa solução estéril. Quando acabei, dei um passo para trás e olhei. Era o melhor corte à escovinha que eu já fizera. Era uma tremenda obra-prima, com certeza. Você podia pousar um avião naquele porta-aviões. Acabava de largar as máquinas de corte quando o apito a vapor soou. Eu sabia o que aquilo significava. Olhei para Dusty, ele olhou para mim e, com a mão abaixada para que ninguém pudesse ver, me mostrou o polegar para cima. Eu só acenei com a cabeça. Frio como gelo, era como me sentia.

Gelado. Em paz. Quando aquele apito tocou, algo aconteceu dentro de mim. O tempo, como um conceito, simplesmente desapareceu. Foi simplesmente carregado pelo vento, para além dos muros.



Uns dois meses depois, meu velho camarada Bud veio de Kenner depois do seu julgamento e Dusty o colocou no dormitório com a gente. Foi Kimmie quem ele matou, e isso o trouxe de volta à prisão, mas disse que foi um acidente. Ela andava perturbando ele, reclamando que ficava sempre na rua até tarde, um papo morrinha desse tipo, e ele a apagou.

— Nem cheguei a bater forte nela — disse. — Tinha batido nela muito mais forte outras vezes. Foi só um acidente sinistro.

— A porra da vida é um acidente sinistro — eu disse e todos nós rimos: eu, ele, Dusty e Manny. Estávamos todos do lado de fora, no campo de futebol, sentados junto a uma das mesas de piquenique, comendo biscoitos Oreos, fumando Gameis e jogando dominó.

Melhor que isso, impossível, pensei, olhando à minha volta. Vi um pássaro subir até o topo do muro e então partir, voar para o outro lado. Estava certo, pensei.

Bons ventos o levem, seu porra. Isso também era legal, ficar sentado na grama com meus camaradas. O verde, a verde grama de casa. Nada de garotas aporrinhando a gente, só amigos sentados em roda, se divertindo. Comecei a pensar em Donna, mas tirei aquela merda da cabeça. Pensar em garotas é o que fode com o seu tempo aqui.

Tudo o que quero agora é cumprir minha pena.

Oito anos mais, graças a Boles. Sim, descobriram que fui eu. Foda-se. Estou me lixando.

Sou capaz de cumprir mais oito anos e passar esse tempo cochilando, agora que expulsei Donna do meu crânio.

Estou com a cabeça no lugar agora. Estou no ozônio, cara, a zona que todos nós buscamos desde o minuto em que nascemos. No ozônio, você é um cara que ninguém perturba.

Você é a porra do Mestre do Universo. As pessoas saltam de lado quando você passa. Você encara qualquer

filho da puta que quiser, o dia inteiro, tem vontade de encarar.

Fico espantado, o jeito como esses caras tentam, e conseguem, ficar invisíveis, quando me veem caminhando pelo passeio.

Invisível, cara, digo na minha cabeça quando vou passando e então faço tudo o que quiser, tudo o que tiver vontade de fazer. A porra que me der na cabeça. Numa boa, amigo.



## O forrador de papel

O desaparecimento da filhinha da mulher do médico em plena luz do dia foi um acontecimento tão cataclísmico que dividiu para sempre o tempo entre o passado e o agora, o antes e o depois. Em anos posteriores, fortalecida por uma jarra de martinis de vodca secos como sílica, ela possuía motivos para reencenar os acontecimentos que precederam o sumiço. Eram vulgares e banais, mas agora pareciam carregados de ameaça, um prenuncio do que estava por vir, como um lacaio ou um bufão precedendo a entrada de um rei num aposento.

Ela estava discutindo com o forrador de papel de parede. Sua filha de quatro anos, Zeineb, estava em pé diretamente atrás do forrador de papel, onde ele se ajoelhava expulsando bolhas de ar com uma ampla talocha de plástico. Zeineb tinha seus dedos nos cabelos do forrador. Os cabelos do forrador caíam sobre seus ombros e eram cor de linho e a criança se deliciava com eles. O forrador estava acostumado que ela fizesse isso e nem mesmo se virou. Simplesmente prosseguiu o seu trabalho. Seus braços eram lisos, bronzeados e encordoados de músculos, e na luz que caía sobre ele, atravessando os painéis de vitral, a mulher do médico podia ver que eram levemente recobertos por uma fina penugem dourada. Estudava estes braços inebriada enquanto formulava seus pensamentos.

Você me diz tanto por rolo, falou. A mulher do médico era do Paquistão, e sua fala ainda tinha um forte sotaque. Não sei a diferença de bobina simples e bobina dupla.

Você me dá o preço da bobina dupla, mas está instalando rolos de bobina simples. Minha amiga me disse. Talvez isso me custe o dobro.

O forrador, ainda de joelhos, virou-se. Sorriu para ela. Tinha olhos azuis pálidos. Eu lhe disse tanto por rolo, falou. Você comprou os rolos. A criança, ainda não desaparecida, observava os olhos do forrador. Era um clone em escala reduzida da mãe, a mãe vista pelo lado inverso do telescópio, e o forrador suspeitava que, quando crescesse, nem suas feições nem sua expressão se alterariam, ela simplesmente cresceria, como algo inflado de ar com uma bomba manual.

E você deixar bolhas, disse a mulher do médico, gesticulando para a parede. Não estou deixando bolhas, disse o forrador. A senhora já viu meu trabalho antes. Isto não são bolhas. O papel está úmido. A cola está úmida. Tudo vai encolher e aplainar. Sorriu de novo. Tinha dentes limpos e alinhados. E, além do mais, disse ele, eu dei à senhora meu preço especial de promoção. Não sei do que é que está se queixando.

A boca da mulher contorceu-se convulsivamente. Pareceu por um momento como se ele a tivesse esbofeteado. Quando as palavras vieram, elas saíram num fino borrifo de saliva. Você é lixo, disse ela. Você é escória.

As mãos nos joelhos, ele se punha em pé, os dedos escuros da menina escorrendo fora dos seus cabelos. Não me chame de lixo, disse, como se fosse perfeitamente aceitável chamá-lo de escória, mas ele já estava retrucando com ela. Ela havia girado nos calcanhares e partira sacudindo os quadris através de uma porta em arco até a catedral da sala de estar. O forrador baixou o olhar até a criança. O rosto dela brilhava com uma alegria constrangida, como se ela e o forrador compartilhassem algum segredo que o resto do mundo ainda não conhecia.

Na sala de estar o mestre de obras supervisionava a instalação de um candelabro que pendia do teto abobadado

preso a uma longa corrente dourada. O mestre de obras era um homem baixo e barbudo que dançava ao redor dela, mostrando-lhe os detalhes do candelabro, sorrindo obsequiosamente. Ela lhe deu um olhar seco e zangado. Acenou a mão, com o ar de quem não se importa, na direção do teto. Tanto faz, disse ela.

Saiu pela porta da frente para a varanda e desceu uma rampa improvisada de tábuas até a área da frente, onde seu carro estava parado. O carro era um Mercedes cinza-prateado que o marido lhe dera no aniversário de casamento. Quando deu a partida no motor, sua marcha lenta era quase imperceptível.

Acionou o botão e a janela desceu. Zeineb, chamou. Do outro lado da terra arrasada da área da frente ainda não ajardinada, um homem numa camiseta manchada de graxa estava abaixando as correntes que prendiam uma escavadeira a uma caçamba enganchada num caminhão de cascalho. O sol estava baixo no oeste e vermelho-sangue atrás desta cena, e homem e trator pareciam achatados e sem dimensão, como algo decorativo estampado em lata. Tocou a buzina. O homem virou-se, ergueu um braço como se ela o tivesse cumprimentado. Zeineb, chamou de novo.

Saiu do carro e subiu a rampa impaciente. Atrás dela o caminhão de cascalho deu a partida e o caminhão e a escavadeira deixaram o terreno da casa e pegaram a estrada.

O forrador de papel estava colocando sua régua T e suas talochas na caixa de ferramentas de madeira. Onde está Zeineb?, perguntou a mulher do médico. Ela foi atrás da senhora, disse o forrador. Olhou ao seu redor, como se a garotinha pudesse estar se escondendo em algum lugar. Não havia lugar algum para se esconder. Onde está minha filha?, ela perguntou ao mestre de obras. O electricista desceu da escada. O forrador saiu do banheiro com suas ferramentas. O mestre de obras procurava por toda parte. Suas feições de elfo estavam marcadas pela aflição, como



se esta criança perdida fosse algo mais a ser acrescentado à sua carga de responsabilidades.

É provável que esteja trancada num armário, disse o forrador de papel. Fazendo alguma brincadeira com a senhora.

Zeineb não faz brincadeiras, disse a mulher do médico. Seus olhos continuavam dardejando ao redor da sala imensa, das sombras que se ocultavam nos cantos. Havia já uma insinuação de pânico em sua voz e toda a sua pose e autoconfiança pareciam ter desaparecido com a criança.

O forrador de papel depôs sua caixa de ferramentas e começou a percorrer a casa, abrindo e fechando portas. Era uma casa imensa e havia uma porção de armários embutidos.

Não havia criança alguma em nenhum deles.

O electricista procurava no andar superior. O mestre de obras atravessara as portas envidraçadas que davam para a varanda inacabada e estava olhando para a área dos fundos. O quintal era um labirinto de valas em espiral escavadas para a tubulação da fossa séptica e além dele só havia o bosque. Ela está brincando naquelas valas, disse o mestre de obras, descendo os degraus de lajes.

Mas não estava. Não estava em lugar algum. Procuraram na casa e no bosque. Locomoviam-se com uma pressa espasmódica. Continuavam olhando para o mato, onde o dia estava se apagando primeiro. O mestre de obras continuava sacudindo a cabeça. Ela tem de estar em algum lugar, falou.

Chamem alguém, disse a mulher do médico. Chamem a polícia. É um pouco cedo para a polícia, disse o mestre de obras. Ela tem que estar aqui.

Chamem de qualquer maneira.

Tenho um telefone no meu carro. Vou chamar meu marido.

Enquanto ela telefonava, o forrador e o electricista continuavam a procurar. Tinham procurado por toda parte

e se viam forçados a buscar em lugares que já haviam examinado. Essa é a coisa mais maluca que já vi, disse o electricista.

A mulher do médico saiu do Mercedes e bateu a porta. Subitamente parou e apertou a testa com a mão. Gritou. O homem do trator, gritou. Vai ver minha filha sumiu com o homem do trator. Oh, Jesus, disse o mestre de obras. No que é que fomos nos meter?



O xerife principal naquele ano era um homem pensativo chamado Bellwether. Estava em pé ao lado do carro de patrulha do condado falando com o forrador de papel enquanto seus subdelegados davam uma busca no terreno. Outros homens estavam dentro da casa procurando em locais que haviam sido revistados inúmeras vezes. Bellwether estivera no bosque e catava carrapichos de suas calças caqui e das meias. Olhava para o mato, onde a escuridão chegava e se espalhava pelo campo como uma mancha.

Tenho de colocar uns homens lá, disse Bellwether. Uma porção de homens e uma porção de luzes. Temos que procurar em cada centímetro desta mata.

Vai ser um inferno isso, disse o forrador de papel. Esta mata se estende até o condado de Lawrence. Aqui é a margem do Harrikan. Lá adiante é onde ficavam todas aquelas velhas minas. O arroio de Allen.

Estou me lixando se se estenderem até Fairbanks, no Alasca, disse Bellwether. Temos que procurar em toda a

mata. Só vai ser preciso alguns homens.

O pátio de terra crua estava cheio de carros. O doutor Jamahl chegara num Lexus preto lustroso. Ralhou com a mulher. Por que não estava tomando conta dela?, perguntou.

Ao contrário de sua mulher, a fala do médico era impecável. Ela cobriu o rosto com a palma das mãos e chorou. O médico ainda vestia seu jaleco de cirurgião, que estava salpicado de pingos brilhantes de sangue, como o avental de um açougueiro.

Preciso alimentar umas vacas, disse o forrador. Vou dar comida rapidamente para o meu rebanho e volto para ajudar na busca.

Não se incomoda se eu der uma olhada na sua caminhonete?

Fazer o quê? Tenho que proteger meu rabo. Se aquela garotinha não aparecer bem rápido essa coisa vai degradingolar. TB1, FBI, noticiários das redes de TV. Tenho que eliminar tudo o que for possível.

Então elimine, disse o forrador de papel.

O xerife revistou o piso da picape do forrador. Assestou sua possante lanterna debaixo do banco e com a mão apalpou a parte de trás do banco.

Eu tinha que revistar, disse, em tom de desculpa. Claro que tinha, disse o forrador de papel.

Estava totalmente escuro antes que ele voltasse. Tinha alimentado o seu gado, guardado suas ferramentas e apanhado uma caixa de meia dúzia de cervejas San Miguel, e sentou-se na traseira da picape para beber. O forrador estivera na marinha, estacionado nas Filipinas, e San Miguel era a única cerveja que conseguia beber. Tinha de sair da cidade para comprá-la, mas achava que valia a pena. Gostava dos rótulos exóticos, do gosto amargo escuro no fundo da língua, da sensação das garrafas geladas contra a sua testa.

Uma multidão variada de curiosos e pessoas ajudando na busca enchia o terreno diante da casa. Havia um ar vagamente festivo. Ele observou tudo isso com um olho imparcial, como se estivesse encarregado de dar notas aos participantes, comparando este com outros espetáculos que havia visto. Cafeteiras com torneira tinham sido trazidas e colocadas nas mesas, sanduíches preparados e distribuídos às pessoas cansadas que participavam das buscas. Um guindaste fora deslocado até os fundos e a fossa séptica desenterrada. Balançava na ponta de um cabo esticado enquanto homens com lanternas examinavam a terra impactada debaixo dela em busca de uma criança, do traço que fosse de uma criança. Entre as árvores escuras à distância, luzes cruzavam e recruzavam, dardejavam de um lado para o outro como vaga-lumes. O médico e a mulher do médico estavam sentados em cadeiras dobráveis de acampamento parecendo esgotados, atordoados, à espera de que sua filhinha fosse entregue em seus braços.

O médico era um homem baixo e imponente com uma expressão benévola. Tinha um rosto em forma de lua, com áreas da pele claras e escuras que pareciam dispostas em redemoinhos, como se a coloração do seu pigmento não tivesse sido misturada adequadamente. Fora educado em Princeton. Quando estabeleceu sua clínica, voltou ao Paquistão para encontrar uma esposa à altura do seu status. A mulher que selecionou fora escolhida com base em sua beleza. Pensando nisso agora, talvez devesse ter dispensado mais consideração a outras qualidades. Ela ainda era bonita, mas ele achava que certas falhas poderiam ter mais peso do que isso. Parecia ter problemas em cuidar da prole. Era capaz de perder uma criança de quatro anos numa sala não maior do que cinquenta metros quadrados e não conseguir achá-la mais.

O forrador de papel secou sua garrafa e colocou-a a seus pés no piso da picape.

Estudou o rosto arrasado da mulher do médico através da luz azul profunda. Na primeira vez em que a vira, ela o contratara para pintar um quarto de dormir na casa em que moravam enquanto a mansão do doutor era construída. Havia uma arrogância nela que pedia para ser rebaixada um ou dois pontos. Ela flertava com ele, recuava, flertava de novo. Tratava-o como se fosse uma mancha no tapete do banheiro e depois ficava perto dele enquanto trabalhava até que o deixava tonto com o seu perfume, com o calor que parecia irradiar do seu corpo. Ficou em pé ao lado dele, enquanto ele se ajoelhava para pintar rodapés e depois de um momento infinito apoiou cuidadosamente o peso de uma coxa contra o seu ombro. E melhor se afastar, ele pensou. Ela não se afastou. Ele riu e afundou o rosto na virilha dela. Ela deu um grito estrangulado e o esbofeteou com força. O pincel voou longe e salpicou as paredes rosa-escuro de patina branca. Seu animal sujo, disse ela. Você é um monstro. Ela saiu do quarto e ele podia ouvi-la batendo portas atrás de si.

Bem, eu estava procurando trabalho quando apareceu este. Sorri filosoficamente consigo mesmo.

Mas não foi demitido. Na verdade, foi contratado de novo. Talvez houvesse algo nisso que exigia uma análise.

À meia-noite desistiu da sua vigília. Algumas almas mais valorosas que a sua continuaram na busca. A terra desbastada ficara macia pelo tráfego inútil dos homens que faziam a busca. Ao sair, encontrou uma barreira de picapes com escudos da defesa civil. Homens de rostos sombrios estavam sentados nas caçambas, alinhados. Alguns seguravam frouxamente rifles por seus canos, como se fossem exterminar qualquer monstro, homem ou besta, que arrebatasse uma criança em suas mandíbulas cheias de baba e desaparecesse, presa e predador, no espaço entre duas batidas de coração.

Lembretes ainda mais dúbios da civilização ficaram para trás. Ele rodou até o Harrikan, onde morava. Um mundo

tão escuro e abandonado que a própria luz parecia um tesouro. Bacuraus surgiam de olhos vermelhos no acostamento. Velhas fundições e fornalhas desertas passavam ao lado da estrada, sombrias e obscuras como prisões abandonadas. Numa encosta ficava um cemitério abandonado, se você soubesse onde procurar. O forrador de papel sabia. Havia desenterrado algumas das sepulturas, examinara com curiosidade o que restava, botões, fivelas de cintos, um broche de camafeu. Os ossos ele dispusera como uma criança com um brinquedo de lata, arranjando-os de modo que estivessem a postos para o júri da ressurreição.

Pisou forte no freio numa curva, a picape girando no cascalho. Um lince atravessara a estrada, gracioso como uma aparição, feroz e com olhos de lanterna à luz dos faróis, passando tão rápido que poderia ter sido um mecanismo cenográfico que cruzara a estrada deslizando ao longo de cabos.

Bellwether e um subdelegado foram até a casa do operador da escavadeira. Ele vivia numa estrada de pedregulho que serpenteava através de uma grande extensão de cedros.

Morava numa casa de tábuas com um telhado de zinco castanho-escuro de ferrugem. Estacionaram diante da casa e saíram, ajustando as armas no cinturão.

Bellwether tinha um mandado de busca com a tinta ainda úmida. O operador da escavadeira ficou injuriado.

Encare a coisa assim, explicou Bellwether pacientemente. Tenho que garantir o meu rabo. Tudo tem que ser levado em conta. Sabe como as crianças são. Nunca pensam.

E se ela se metesse debaixo das rodas do seu caminhão quando você estava dando ré? E se você colocasse rapidamente o corpo no caminhão para se livrar dele em outro lugar?

E se você se mandasse rapidamente da minha propriedade?, disse o operador.

Tudo tem que ser levado em conta, disse o xerife de novo. Ninguém está acusando ninguém de nada ainda.

A mulher do operador ficou em pé, fuzilando todo mundo com os olhos. Para ter algo que fazer com suas mãos, o operador começou a preparar um cigarro. Tinha mãos grandes avermelhadas, cobertas de sardas marrons. Elas tremiam. Não tenho nada a esconder neste planeta, disse ele.

Bellwether e seus homens revistaram tudo e buscaram todos os lugares de que eram capazes de pensar. Finalmente, ficaram parados na entrada da casa do operador da escavadeira, constrangidos em suas calças caqui, seu couro lustroso.

Agora saiam da porra da minha terra, disse o operador. Se tudo o que pensam de mim é que eu atropelaria uma garotinha e a jogaria no mato como um gato morto ou uma coisa qualquer, então não quero nem ver mais a desgraçada da cara de vocês. Quero que vão embora e, por Deus, quero que vão embora agora.

Tudo tinha que ser levado em conta, disse o xerife.

Então talvez precise levar em conta o forrador de papel.

O que é que tem ele?

Aquele forrador de papel é um cara doente.

Ele ainda estava lá quando eu cheguei, disse o xerife.

Três testemunhas juraram que ninguém saiu, nem mesmo por um minuto, e uma delas era a mãe da criança. Eu mesmo revistei a picape dele.

Então ele é um cara doente com um álibi danado de bom, disse o operador.

Foi tudo. Não houve nota de resgate, nenhuma criança apareceu com amnésia nos dois condados. Era uma folha virada, uma porta fechada, uma bola perdida no mato alto.

Era uma criança pequena como uma boneca, mas o vazio que deixou era inestimável. E, no entanto, não havia

um objetivo. Nenhuma finalidade. Não houve nenhum momento em que alguém pudesse dizer, virando as costas para uma sepultura fresca, bem, isso foi insuportável, mas vocês têm que continuar vivendo.

A vida não continuou.

Por insistência da mulher do médico, uma investigação intensiva foi enfocada no operador da escavadeira. Especialistas de perícia do FBI examinaram cada milímetro do caminhão de cascalho, prestando atenção especial a suas rodas. Foram examinadas com todos os dispositivos modernos de combate ao crime que o governo possuía e não encontraram uma partícula microscópica de tecido ou sangue, nenhum fragmento revelador de unha ou de cabelo.

As obras pararam na mansão. Alguns subempreiteiros foram imediatamente dispensados, enquanto outros simplesmente se afastaram. Não havia ninguém interessado nas obras, ninguém para pagar. A madeira crua da varanda semiacabada ficou cinzenta no outono, veio então o inverno, as chuvas. As valas ficaram abandonadas, descobertas e começaram a se encher de água. A madeira começou a deteriorar. As malvas rosas e os oleandros que a mulher do médico plantara se enroscaram e cresceram desordenadamente.

As janelas importadas foram apedrejadas por moleques que se mandaram. A essa altura, a casa onde uma criança desaparecera já estava adquirindo uma reputação mórbida e doentia.

O médico e sua mulher ficavam sepultados em prisões separadas, reencenando ressentimentos reais e imaginários. O médico achava que a negligência de sua mulher transformara sua filha numa abstração. A mulher do médico bebia martinis de vodca e assistia a *talk shows* pelos quais passava uma procissão interminável de pessoas vingativas que não tinham filhos desaparecidos e sentiam,



talvez acertadamente, que o destino lhe aprontara uma boa e ela rezava com intensidade por um milagre.



Então um dia ela se foi. A Mercedes e parte de suas roupas e posses pessoais também se foram. Ele imaginou em vão onde ela estaria, mas não a procurou.

Sentado em sua poltrona de braços aninhando um grande gato cor de marmelada e uma garrafa de J&B e observando com um distanciamento embotado as gradações da luz na janela, o médico se lembrou de que estudara literatura em Princeton. Tinha uma razão particular para reconsiderar a poesia de William Butler Yeats. Pois com que inexorabilidade as coisas se desfaziam, com que inexorabilidade o centro das coisas não conseguia se sustentar.

Sua clínica se arruinou. Seus colegas lhe faziam concessões simpáticas no início, mas existem limites nestas questões. Ele fazia diagnósticos errados, receitava os remédios errados, não uma ou duas vezes, mas rotineiramente.

Assim como existe uma progressão que se aprofunda no infortúnio, também existe um ponto além do qual as coisas só podem ficar piores. E ficaram. Uma mulher de meia-idade que ele operava morreu.

Ele fizera uma incisão para remover um apêndice supurado e a carne seccionada foi presa por grampos laterais enquanto ele se preparava para extirpar o apêndice. Só que ele não estava ali. Olhou em pleno

estupor. Começou a buscar debaixo de outras coisas, órgãos, intestinos, numa maré de sangue. O apêndice não estava lá. Partira para o espaço, atrofiado, fora removido vinte e cinco anos antes, ele cortara ao longo da mesma cicatriz. Ficou remexendo na cavidade abdominal da mulher como um homem irritado procurando numa gaveta um par de meias limpas, finalmente berrando de raiva e retorcendo as mãos num vexame sanguinolento enquanto as enfermeiras começavam a gritar, outro cirurgião foi chamado para fechar o corte e ele foi retirado da sala de cirurgia.

Vieram então os dias sentado na poltrona enquanto era sitiado por advogados, equipes de noticiários e uma longa fila de oficiais de justiça. Não havia nada que pudesse fazer. O caso estava fora de suas mãos e nas mãos das pessoas que são pagas para fazer estas coisas. Ficava sentado embalando a garrafa de J&B com o gato cor de marmelada aninhado em sua opulenta barriga. Estudava a janela, onde a luz se escoava num processo do qual não tinha mais compreensão, bebericava o *scotch* de vez em quando e aflagava a cabeça do gato gentilmente. O gato ronronava contra seu peito, tranquilizador como o zumbido de um ar-condicionado.



Partiu no meio da noite. Começou a carregar suas posses no Lexus. No começo escolheu os itens com um grande grau de consideração. A primeira coisa que colocou no carro foi um jogo de tacos de golfe com o seu

monograma feito sob encomenda. Depois seu equipamento de som estereofônico Denon AC3, de 1.750 dólares. Um exemplar de Este lado do paraíso, autografado por Fitzgerald, que comprou como investimento. Quando o Lexus estava carregado pela metade, começou a apanhar coisas a esmo e enfiá-las no banco traseiro, uma pizza comida pela metade, meia caixa de ração de gato, um pé de pantufa com brocados.

Dirigiu o carro para o oeste, passando pelo hospital, pelo country club, pela placa dos limites da cidade. Não tinha nenhum pensamento e o seu destino era a parte da rodovia que os faróis do carro lhe mostravam.

Nas chuvas lentas do final de outono, a mulher do médico voltou a mansão inacabada. Costumava sentar-se numa cadeira de acampamento na varanda arruinada e bebia martinis gelados que servia de uma jarra protegida por isopor. Escurecia cedo nesses dias de novembro. Corvos acasalando em algum milharal distante piavam através do enevoado ar outonal. O som era agudamente evocativo, lembrando-a de algo, mas ela não podia dizer o quê. Caminhou até a sala onde perdera a criança. A luz estava fraca. Os cantos mais altos do aposento estavam numa sombra profunda mas podia ver os ninhos de pintamonos em cachos no rico papel de parede, uma aranha balançando de um candelabro em meio a contas de vidro. As fezes enegrecidas de algum animal estavam enroscadas junto aos rodapés. O silêncio na sala era enorme. Um dia ela chegou e ficou surpresa de encontrar o forrador de papel lá. Ele estava sentado num quatro por quatro amarelo bebendo uma garrafa de cerveja. Fez menção de partir quando a viu, mas ela acenou para que voltasse. Fique e fale comigo, disse. O forrador estava muito mudado. Seus cachos louros haviam sido desbastados num corte improvisado, como se tesourados no escuro por um barbeiro cego, e suas faces estavam cobertas por uma barba macia e crespa.

Você deixar crescer uma barba.

Sim.

Fica estranho com ela.

O forrador sorveu sua San Miguel. Sorriu. Eu ficava estranho sem ela, disse. Saiu do jipe e se aproximou, sentando-se nos degraus de laje. Olhou através do terreno mutilado na direção da linha das árvores. O quintal era como um labirinto de um parque de diversões, suas curvas e esquinas despojadas de mistério.

Está trabalhando em algum lugar agora?

— Não. Não estou mais pegando muito trabalho. Sou sozinho e não preciso de muito. Que fim levou o doutor?

Ela encolheu os ombros. Muita coisa mudou, disse ela. Ele foi embora. Os bancos penhoraram. Que carro é o seu?

Um ATV. Um 4x4.

Anda bem no bosque?

Foi feito para isso.

Você podia me levar para o bosque. Quanto cobraria por isto?

Pelo quê?

Para entrar no bosque. Podia me levar no carro. Eu pago.

Por quê?

Para procurar o corpo da minha filha.

Eu não cobraria nada de ninguém para procurar o corpo de uma criança, disse o forrador. Mas ela não está neste bosque. Nada podia ficar oculto, do jeito como este bosque foi revirado pelo avesso.

Às vezes eu acho que ela simplesmente saiu andando. Talvez simplesmente andando para longe dos homens que olhavam para longe dentro do bosque.

Dentro do bosque, pensou o forrador. Se ela simplesmente continuasse andando numa linha reta sem tempo para comer ou dormir, onde estaria? Kentucky, Algiers, quem pode saber?

Eu levo você quando as chuvas pararem, disse ele. Mas não vamos encontrar nenhuma criança.

A mulher do médico sacudiu a cabeça. É um mistério, ela disse. Bebeu da sua taça de coquetel. Aonde ela podia ter ido? Como podia ter desaparecido?

Havia um homem chamado David Lang, disse o forrador. Em Galletin, lá pelo final dos 1800. Estava atravessando o terreno de um celeiro bem à vista da mulher e dos dois filhos e simplesmente desapareceu. Evaporou. Havia um juiz numa carroça chegando no terreno e ele também viu. Era como se ele desse um passo neste mundo e seu pé pisasse em outro mundo. Nunca mais foi visto.

Ela lhe deu um sorriso triste, amargo, do canto da boca. Está brincando comigo.

Não. É verdade. Tenho isso num livro. Vou mostrar a você.

Tenho um livro com dragões e fadas. Um livro em que *hobbits* vivem no centro da terra. São mentiras. Acho que a maioria dos livros são mentiras. Talvez todos os livros. Rezei por um milagre mas não mereço. Rezei para que ela voltasse dos mortos e então simplesmente para achar o seu corpo.

Isso seria um milagre para mim. Não existem milagres.

Ela se levantou cambaleando, balançou levemente, debruçando-se para apanhar a jarra.

O forrador de papel a observou.

Preciso ir agora, ela disse. Quando as chuvas pararem, vamos procurar.

Pode dirigir?

Claro que posso dirigir. Dirigi até aqui.

Quero dizer, pode dirigir agora? Parece um pouco embriagada.

Bebo para esquecer, mas não é o bastante, disse ela. Posso dirigir. Depois de um tempo ele a ouviu partir no Mercedes, os pneus guinchando no terreno de cascalho. Acendeu um cigarro. Ficou sentado fumando, observando a

chuva bater no telhado. Parecia estar à espera de algo. A noite caía como uma mortalha, o mundo escuro e amorfo, como tudo começara. Bebeu o resto da cerveja, ficou sentado segurando a garrafa, a espuma amarga no fundo da sua garganta. Foi tomado por um calafrio. Sentia alguém que o observava. Virou-se. Do canto da varanda arruinada, uma criança o olhava. Ficou em pé. Ouviu a garrafa de cerveja quebrar nas lajes. A criança continuou correndo, passando pelas malvas rosas em direção do matagal na beira do quintal, criança sépia minúscula com um rosto atento de olhos escuros, mais real do que nunca, translúcida como uma luz de inverno através de uma vidraça suja.

As mãos da mulher do médico estavam enlaçadas frouxamente na cintura dele enquanto atravessavam um trecho pequeno de sassafrás, que margeava a encosta onde havia o fantasma de uma estrada, uma estrada mais sentida do que vista que dava para vinte ares de pedras inclinadas para cima e lápides de granito desbotadas. Outras sepulturas eram marcadas apenas por seus declives na terra, seus mortos tão além dos limites que até a legibilidade de suas identidades fora apagada pela ação do tempo.

Folhas eram arrastadas pelo vento, imensas folhas de álamos com veias de um âmbar tão dourado que poderiam ser a moeda de acesso a um mundo melhor que este. Desligou a ignição do 4x4 e desceu. Além das árvores mais baixas, o céu exibia um azul de uma intensidade improvável, um azul cobalto ardente injetado de densa luz dourada.

Ela deslizou da traseira do jipe e se firmou por um instante com a mão no ombro dele. Onde estamos? Perguntou. Por que estamos aqui?

O forrador de papel desvencilhara o seu braço e passeava entre as lápides lendo as inscrições ainda legíveis, como se pudesse encontrar um ancestral ou

antepassado nesta terra quase desfeita em pó. A mulher do doutor foi resgatar seus martínis do bagageiro do ATV. Estava parada olhando em volta com incerteza. Um anjo esculpido de asas quebradas se debruçava sobre uma coluna de mármore truncada como uma gárgula. Seus olhos de pedra a fitavam com uma benignidade cega. Algumas destas sepulturas foi roubada, disse ela.

Não se pode roubar os mortos, disse ele. Eles não têm nada que se possa roubar.

É um sacrilégio, disse ela. É proibido perturbar os mortos. Você fez isso.

O forrador pegou um maço de cigarros do bolso e o apalpou, mas estava vazio e ele o amassou numa bola e jogou fora. A linha entre roubar sepulturas e a arqueologia sempre pareceu muito tênue para mim, disse ele. Eu estava estudando sua cultura, tentando ter uma ideia de como foram suas vidas.

Ela o observava com uma espécie de horror entorpecido. Em pé, mãos nos quadris, perdida como uma paródia do seu antigo eu. Estranha e anômala em suas roupas caras e mal combinadas, como se tivesse vestido o primeiro traje que lhe veio à mão.

Um dia, ele pensou, ela se levantaria da cama e sairia para o mundo à luz do sol sem vestir nada, do jeito que chegara a ele. Com seu relógio de diamantes e a taça de coquetel que levava como um talismã gasto.

Você violar a lei, disse ela.

Ganhei uma bolsa do governo — disse o forrador de papel desdenhosamente.

Por que estamos aqui? Devíamos estar procurando minha filha.

Se você está procurando um corpo, o primeiro lugar a procurar é no cemitério, disse ele. Se quer um livro, não vai à biblioteca?

Estou pagando a você, disse ela. Você é meu empregado. Não quero ficar aqui. Quero que faça o que eu digo ou

então que me leve até o carro.

Na verdade, disse o forrador, eu tinha uma história para lhe contar. Sobre minha mulher.

Fez uma pausa, como se deixando um espaço para o comentário dela, mas quando não fez nenhum, ele prosseguiu. Tive uma mulher. Minha namorada de infância. Tornou-se enfermeira, foi trabalhar num daqueles centros de recuperação de drogados. Depois de algum tempo lá, ganhou um olhar distante nos olhos. Olhava para mim sem me ver.

Ficou muito ligada a seu supervisor. Começaram a ter que comparecer a reuniões. Conferências. Às vezes iam conferenciar, só os dois, geralmente num motel. Na noite em que os vi entrar no Holiday Inn de Franklin decidi matá-la. Não uma coisa impetuosa no calor do momento. Foi tudo bem pensado e seria o crime perfeito.

A mulher do médico não falou nada. Só ficou a observá-lo.

Uma sepultura é o melhor lugar para se livrar de um corpo, disse o forrador de papel. A sepultura é o destino final, de qualquer maneira. Eu podia escavar uma sepultura e então simplesmente continuar escavando. Separar tudo cuidadosamente. Colocar meu corpo ali e cobrir de terra e depois restaurar tudo como era antes. O caixão, se é que ainda restava alguma coisa. Os ossos e coisas mais. Uma boa chuva para acomodar tudo e as folhas de outono e você vai para casa livre. Eis aí a eternidade para você.

Você matou alguém, ela sussurrou. Sua voz mal era audível.

Matei ou não matei, disse ele. Você decide. Tem os poderes de um deus. Pode fazer de mim um assassino ou um sujeito de coração partido cuja mulher o abandonou. De qualquer maneira, não tenho uma mulher. Imagino que ela tenha evaporado no vazio como aquele cara Lang de que lhe contei.



Quero ir embora, disse ela. Quero ir até onde meu carro está.

Ele estava sentado na pedra de um túmulo olhando para ela com seus olhos azuis-claros. Parecia não ter ouvido.

Vou a pé.

Como quiser, disse o forrador. Abruptamente, estava diante dela. Ela não o vira se levantar do túmulo ou caminhar entre as sepulturas, mas, como uma emenda brusca num filme, estava na sua frente, as mãos em concha em cada um de seus seios, olhando-a bem no rosto.

Sob o peso implacável do sol, o rosto dela estava atordoado e vazio. Ele o estudou atentamente, sem perder nenhum detalhe. Finas rugas se esgueiravam dos cantos de seus olhos e de sua boca como rachaduras capilares numa porcelana. Fuligem aderira a seus poros, à carne crepe de sua garganta. Com que inexorabilidade tudo nela caíra: beleza, riqueza, posição social, arrogância. A própria humanidade, pois a essa altura ela mal parecia humana, assolada de tal maneira pelo destino que suportou a mão dele em seus seios como uma cruz a mais para carregar, uma indignidade a mais para suportar.

Até onde você chegou, disse o forrador assombrado. Acredito que desceu até o meu nível agora, não foi?

Não tem importância, disse a mulher do médico. Não existe mais nada que tenha importância.

Lentamente e com enorme lassidão, o corpo dela desabou sobre o dele e na sua exultação aquilo parecia não um gesto em si, mas simplesmente a conclusão de um gesto iniciado muito tempo atrás com o peso profético de uma coxa, um movimento que começou num mundo e se completou em outro.

Do que parecia uma grande distância ele a viu cair em sua direção como um anjo descendo, as asas estendidas, de uma altura infinita, pousando na terra gentilmente, inclinando-se e depois se endireitando.

O peso do luar passando pelo rosto do forrador o acordou de onde repousava. Filigranas de luz através de cortinas de gaze varriam seu corpo em silêncio faustoso como os fantasmas translúcidos de insetos. Mexeu-se, ficou quieto por um momento, orientando-se, tentando descobrir onde estava.

Estava em sua cama, deitado de costas. Podia ver uma imensa lua alaranjada pousada além da janela do quarto de dormir, galhos de árvores que pareciam esboços de nanquim e que roçavam em seu rosto como garras. Podia ver seus pés adiante da garrafa de San Miguel que sua mão segurava, ereta sobre o abdome, a garrafa âmbar de contornos firmes e definida contra a janela pálida, um monólito obscuro e atávico delineado contra um luar de outono.

Podia sentir o cheiro dela. Um almíscar composto de suor rançoso e álcool, o odor forte do seu sexo. Dissolução, ruína, perda. Virou-se para estudá-la enquanto jazia adormecida, sua boca aberta uma cavidade escura no seu rosto. Estava nua, as pernas abertas, os seios pálidos empoçados como cera derretida. Mexia-se inquietamente, gemia em seu sono. Seu hálito no rosto dele era fétido, corrupto, com um cheiro de sepultura. Ele a observava com nojo, com uma apática repulsa de si mesmo.

Bebeu da garrafa, abaixou-a. Às vezes, falou para o rosto adormecido dela, você faz coisas que não pode desfazer. Você quebra coisas que não pode consertar. Antes mesmo de ter a intenção, antes de saber que o fez. E você estava certa, existem coisas que só um milagre pode resolver.



Ficou sentado segurando a garrafa. Tocou seus cabelos mal cortados, os pelos macios de sua barba. Esquecera-se da sua aparência, não via seu reflexo num espelho há muito tempo. Espontaneamente, o rosto de Zeineb assomou à sua memória. Lembrou-se do olhar no rosto da criança quando a mulher do doutor girara nos calcanhares: o desprezo cruzara por ele como o clarão de um relâmpago. Ela mostrou a língua para ele. Sua mão coleou como uma serpente e quebrou o pescoço dela antes que a pudesse recolher, olhos escuros atormentados e escancarados, língua rosada presa entre dentinhos em pérolas miúdas como um botão de rosa mordido. Os cabelos dela tombaram para o lado, sua cabeça amoleceu na mão apertada dele. A bandeja da caixa de ferramentas já estava fora antes que se desse conta, ele a estava enfiando na caixa como uma boneca de pano. Tão pequena, tão pequena, era quase um nada.

Levantou-se. Em silhueta nua contra a janela encharcada de luar, ele secou a garrafa. Procurou um lugar onde pousá-la, debruçou-se e encaixou-a no meio da carne pesada das coxas internas da mulher. Ficou em silêncio, olhando para ela. Sentia-se filosófico, possuído de alguma sabedoria duramente conquistada. O forrador de papel sabia muito bem que enquanto uns poucos são merecedores de um milagre, pouquíssimos ainda são capazes de operar um milagre.

Saiu do quarto. Portas se abriram, portas se fecharam. Passos suavemente subindo uma escada, descendo. Ela continuava sonhando. Quando ele voltou ao quarto, segurava rigidamente nos braços uma trouxa embrulhada em plástico. Colocou-a gentilmente ao lado da mulher embriagada. Desenrolou a camada de plástico como uma coifa.

O que havia sido uma criança. O que a terra do cemitério poupava, o freezer preservava. Cristais de gelo capturados entre os cabelos como flocos de neve trazidos pelo vento rodopiavam neles e nos cílios. Uma boneca da linha de montagem de um asilo de loucos.

Pegou o braço da mulher e colocou-o enlaçando a criança. Ela o recolheu por causa do frio. Ele colocou o braço de novo com firmeza, arranjando-os como manequins, madona e criança. Estudou este quadro e então saiu de sua casa pela última vez. A porta fechou-se suavemente atrás de si, puxada por sua mola.

O forrador de papel partiu no Mercedes, dirigindo para o oeste na paisagem aberta, cortando vastos territórios que ele poderia infectar como um esporo maligno. Sem o saber, seguiu a mesma estrada que o médico escolheu uns oito meses antes e, num mundo de infinitas possibilidades onde todas as jornadas compartilham um fim comum, talvez estejam juntos, tomando o ar da noite numa varanda arruinada entre as malvas-rosas e os oleandros, o médico bebericando o seu *scotch* e o forrador de papel a sua San Miguel, cavalheiros de lazer discutindo os caprichos da vida e meditando noite adentro não só sobre a possibilidade, mas sobre a inevitabilidade dos milagres.



## Um livro de Kells

O centro da memória irlandesa-americana ficava num prédio de tijolos vermelhos a três quarteirões da East Broadway no sul de Boston. Crescendo na vizinhança, eu me lembrava da estrutura como uma escola primária pública, mas quando a cidade entrou em dificuldades nos anos 70, o prefeito e o conselho venderam várias propriedades municipais para impedir um aumento astronômico nos impostos sobre imóveis. Ao estacionar meu velho Honda junto ao meio-fio, tive a impressão de que o Centro fizera muito mais bem ao edifício do que o departamento escolar em qualquer ocasião.

A entrada principal consistia em três portas separadas, a da esquerda com uma insígnia em caracteres dourados dizendo TENTE ESTA PRIMEIRO, o que achei um toque simpático.

Dentro da área do vestíbulo, as mesmas letras ornadas enfeitavam as paredes, incluindo um mural com a homilia DAS DUREZAS TE LIBERES/COM A FELICIDADE NO CENTRO/QUE TUDO SEJAM FLORES/POR TUA CASA ADENTRO.

A minha direita havia um conjunto de escritórios, provavelmente onde o diretor trabalhava. Uma mulher sentada atrás de um balcão de recepção levantou-se quando me viu.

— John Cuddy — falei —, para um encontro com Hugh McGlachlin.

— Oh, sim — e sua expressão mudou de preocupada a aliviada. — Entre, por favor.

Uma campainha tocou. Ela abriu a porta mais próxima do balcão e conduziu-me a uma segunda porta interna.

— Hugh, o Sr. Cuddy — disse.

Uma voz com apenas um leve sotaque irlandês disse: — Obrigado, Grace. E anote os telefonemas para mim, por favor.

Grace assentiu com a cabeça e fechou a porta interna atrás de mim.

O homem que se levantou do outro lado da mesa de teca entalhada tinha cerca de um metro e setenta e cinco, um corpo franzino e vestia uma camisa social de mangas compridas com gravata. Seus cabelos eram cinzentos e curtos, penteados um pouco para a frente como os de um imperador romano. Apesar dos cabelos grisalhos, seu rosto não tinha rugas em torno dos olhos azuis e seu sorriso era brilhante o suficiente para um anúncio de dentifrício.

Uma mulher ocupava uma das cadeiras à frente da mesa de McGlachlin, mas em vez de ficar em pé ela se virou para mim enquanto retorcia um lenço rendado no seu colo.

Coloquei-a em meados da casa dos quarenta, com pele rosada e um ninho de rato de cabelos ruivos. Usava as roupas folgadas e desmazeladas de alguém ocupada nos serviços domésticos e uma sacola de mão de lona a seus pés já vira dias melhores.

O homem contornou a mesa e estendeu sua mão direita.

— Hugh McGlachlin, diretor executivo deste Centro.

Muito obrigado por ter vindo tão rapidamente.

Apertei sua mão e McGlachlin virou-se para a mulher sentada.

— Esta é a Sra. Nora Clooney.

Ela engoliu em seco e apertou minha mão, a sua tremendo entre a minha.

— Bem — disse McGlachlin, tocando nas costas da outra cadeira diante de sua mesa —, não estou seguro quanto ao protocolo, mas acho que seria mais confortável usar os nomes.

— Está ótimo para mim.

Ele e eu nos sentamos ao mesmo tempo e McGlachlin me estudou brevemente.

— Eu não disse a Michael O'Dell por que precisávamos de um investigador particular — falou.

O'Dell era um advogado em Back Bay que me passara uma porção de casos ao longo dos anos.

— Provavelmente por isso ele não me contou. O sorriso dentifrício de novo.

— Mike é membro de nossa junta consultiva. E ele me garantiu que você é a alma da descrição e alguém em que se pode confiar.

— Vou agradecer-lhe com toda a certeza. McGlachlin recostou-se na sua cadeira.

— Acho que você pode ser o homem certo para o caso, John.

— Que é?

Mordeu os lábios.

— O que você sabe a respeito do Centro da Memória?

— Só o que vi até agora nesta manhã.

Huch McGlachlin levantou-se de novo, apanhando um envelope pardo do canto de sua mesa.

— Neste caso, creio que um breve giro poderia ser instrutivo. Nora?

Clooney precedeu-nos à porta interna.

— Fomos incorporados como uma organização não-lucrativa em 75 — disse McGlachlin — e nos mudamos para este prédio quatro anos depois. Não me importo de lhe dizer, John, a municipalidade o havia deixado em estado deplorável — fez um gesto abrangente com o envelope. — Mas, graças a alguns homens de negócios irlandeses-americanos, que generosamente doaram seu tempo e seu talento, pudemos renovar o interior pouco a pouco e rejuvenescer a comunidade a que servimos.

Senti que a palavra eficaz para mim era doar.



Nós três caminhávamos ao longo de um corredor engrinaldado com os vários timbres dos trinta e dois condados da Irlanda, com aquela mesma caligrafia dourada apontando os seus nomes. À esquerda, portas duplas se abriam para uma sala de casa de campo, ampla e belamente decorada, ostentando um teto de vigas aparentes, um piso de ardósia e uma lareira maciça de pedras rústicas na parede menor. Na fornalha, um caldeirão pendia de barras de metal sobre um fogo apagado, uma botija de leite maior do que uma caneca de cerveja ao lado. Eu disse: — Hugh, qual é exatamente o problema do Centro?

McGlachlin simplesmente parou, mas Clooney pareceu congelar no meio do caminho. Ele olhou para os timbres acima de nossas cabeças.

— Você saberia de onde vieram seus ancestrais, John?

— Condado de Kerry, do lado de meu pai. Cork, do da minha mãe.

— Ah — McGlachlin apontou primeiro para um escudo com um castelo branco e uma harpa dourada. — Kerry... — e então para um timbre com um galeão navegando entre duas torres -... Cork.

Deu um passo para dentro da sala.

— Nos dois condados, John, eles quebrariam as costas carregando botijas como aquela numa pequena carroça puxada por um pônei para levar o leite de suas vacas até a cidade.

Fitou-me com aqueles olhos azuis.

— E uma coisa maravilhosa que nós, que emigramos, sejamos mais afortunados, não acha?

— Hugh — disse eu —, enquanto eu não souber por que você telefonou para Michael O'Dell, e provavelmente por que a Sra. Clooney parece nervosa como um gato molhado, não conseguirei lhe dizer se vou ajudar o Centro de graça.

McGlachlin sorriu desta vez, mas sem mostrar os dentes, e tive a sensação de que, apesar de ser quinze

centímetros mais alto e vinte quilos mais pesado, eu detestaria ter de enfrentá-lo num beco.

Ele disse: — Sim, eu acredito que você é o homem certo para nosso trabalho. Venha por aqui, por favor.

Pegamos um elevador para o segundo andar. Enquanto seguia McGlachlin pelo corredor, tentei ficar do lado de Clooney. Mas, por mais que ajustasse meu passo, ela sempre ficava atrás de mim.

McGlachlin parou de novo, desta vez do lado de fora de uma grande sala de aula onde as cadeiras e mesas estavam amontoadas contra as paredes. Talvez uma dúzia de meninas e garotas jovens se locomoviam num círculo, suas mãos unidas e erguidas.

— Temos aulas de dança aqui — disse ele —, embora também recebamos dança folclórica lituana de nossos vizinhos daquela origem. Os Dedais Destros ensinam trabalhos de agulha aqui e toda quarta-feira temos aulas de gaélico.

Acenei com a cabeça. Outro sorriso cheio de dentes.

— Pois bem. O andar seguinte é aquele que mais nos preocupa no momento.

Este é o nosso museu, John.

McGlachlin usou uma chave para abrir uma pesada porta de segurança num corredor cheio de restos de material de construção, toda superfície recoberta por poeira de gesso. A área no final do corredor ainda era um espaço indefinido, com apenas alguns montantes no lugar. A porta de segurança abriu-se para uma grande sala de exposição, com estantes envidraçadas ao longo de duas paredes exibindo porcelanas de todos os formatos e tamanhos e uma quantidade de "glacê" verde pastel nas bordas de pratos e de jarras.

— Reconhece? — perguntou McGlachlin.

Minha mãe tinha uma peça que ela prezava muito.

— Belleek.

— Muito bem. A mais fina das porcelanas irlandesas.  
Acenou para a terceira parede.

— E aqui está uma das mais adoráveis coleções de rendas que você jamais terá a oportunidade de ver.

Observei os panos brancos estendidos sobre bandejas de veludo verde.

— Disse lá embaixo que...

—... este é o andar que nos preocupa mais neste momento. Sim, de fato, falei isso.

A voz de McGlachlin baixou ao tom abrandado de um devoto entrando numa igreja.

— Por aqui, John.

Atravessamos uma porta para uma sala menor com iluminação suave e indireta. No centro havia uma caixa isolada de meio metro quadrado. Seu topo, ou tampa, fora evidentemente de vidro, embora fosse difícil ter alguma ideia porque se despedaçara em migalhas de cristal espalhadas sobre o veludo verde vazio.

Eu disse: — Vocês sofreram um roubo.

McGlachlin olhou na minha direção enquanto Clooney começou a retorcer seu lenço de novo. Depois de olhar para ela, ele se virou para mim.

— John, você reconheceu o Belleek. Saberá também o que é *O Livro de Kells*?

— Algo que os monges irlandeses fizeram na idade Média?

— Bem próximo. Durante os séculos oitavo e nono, escribas celtas copiaram minuciosamente cada passagem dos quatro Evangelhos em "papel" feito do forro do estômago de carneiros. Cada página é uma paleta de artista de caligrafia fluente e cores gloriosas, com o livro original cuidadosamente guardado no Trinity College em Dublin. No entanto, em 1974, algumas reproduções foram permitidas, chamadas de "fac-símiles". Apenas quinhentas cópias, mas são obras de arte também, incluindo até os furos de traças nas páginas.

Olhei para a caixa quebrada.

— E vocês tinham uma destas.

— O Centro adquiriu seu fac-símile em 1990 por vinte mil dólares. Pensei nos meus tempos de investigador para companhias de seguros.

— Vocês comunicaram ao seu agente de seguros.

McGlachlin sacudiu a cabeça.

— No mercado colecionador de hoje, o preço equivale a dez vezes o que nós pagamos, mas o dinheiro é totalmente irrelevante. ninguém que possua um fac-símile está disposto a se desfazer dele.

— Mesmo assim, a apólice pagaria...

— Não é um cheque que eu quero, John. É o próprio livro. Não serão produzidos mais fac-símiles, pelo menos não no nosso tempo de vida. O Centro precisa do seu exemplar de volta por uma questão de — outro gesto amplo com o envelope pardo — memória.

— Deixe-me economizar-lhe algum tempo. A polícia de Boston tem um excelente...

— Ainda não, John — McGlachlin parecia condoído. — Eu espero que isso possa ser resolvido sem termos de recorrer à nossa companhia de seguros ou à polícia.

Abriu o envelope pardo e puxou uma folha solta de papel dele.

— Isto estava em cima dos estilhaços da caixa.

Dei um passo de lado para que pudesse ler sem pegar no papel. Em letras maiúsculas simples sobre um papel branco de fotocópia, as palavras eram LEVADO, MAS NÃO ROUBADO, E SERÁ DEVOLVIDO.

— Quem encontrou isso?

— Eu, senhor — disse Clooney, as primeiras palavras que a ouvi falar.

McGlachlin clareou a garganta.

— Nora é voluntária nossa e cede seu tempo ao trabalho de limpeza. Levando em conta toda essa poeira de gesso levantada pelas obras de renovação, não é tarefa pequena.

Olhei para ela.

— Onde estava este pedaço de papel quando o encontrou? Clooney olhou para o chefe.

— Foi exatamente como o Sr. McGlachlin lhe contou. A nota estava sobre os cacos de vidro.

O sotaque irlandês entrelaçava-se em sua Voz, muito mais denso do que o do chefe.

— E o vidro não foi mexido desde então? McGlachlin disse: — Eu mantive a sala fechada desde que Nora me procurou esta manhã com a notícia.

Deixei meus olhos percorrerem o ambiente antes de voltarem a Clooney.

— Limpa esta sala à mesma hora todo dia?

— No começo da manhã, senhor. As oito horas. Não daria para os visitantes verem o livro com a poeira de gesso cobrindo sua abençoada caixa.

— E não havia nada de errado ontem às oito horas?

— Não, senhor — e o lenço de renda era retorcido ainda mais. Olhei em volta de novo.

— Além da porta trancada, que tipo de segurança vocês têm para esta sala?

— Nenhum — disse McGlachlin. — Temos gasto cada centavo disponível nas reformas.

Olhei para ele: — E quanto a visitantes que pudessem penetrar aqui?

— O acesso a estas salas do museu é restrito somente àqueles de nós que possuem uma chave daquela porta. Como todos podem ver claramente, não houve nenhuma tentativa de arrombá-la, ou de abrir à força as janelas, mesmo presumindo que o canalha... perdão, Nora... tenha pensado em trazer uma escada para encostá-la à parede externa.

Pensei nisso.

— Posso perceber por que não procuraram a polícia. McGlachlin suspirou.

— Exatamente. Isso tinha de ser feito por alguém de dentro. Virei-me para Clooney.

— Então o incidente deve ter ocorrido em alguma hora entre as oito da manhã de ontem...

— Mais provavelmente nove, senhor, a hora em que terminei o trabalho aqui...

— E as oito desta manhã?

— Sim, senhor.

Olhei para McGlachlin.

— Muito bem, quantas pessoas possuem chaves daquela porta?

— Eu, como diretor executivo. E Nora para a limpeza e a virada.

— Virada?

Ela disse: — Todo dia, senhor, eu vou ao livro e viro uma página. McGlachlin apontou para as janelas.

— Para que o sol só desbote a tinta num pequeno grau, e mais ou menos por igual.

Olhei para o vidro quebrado.

— E como foi que abriu? Ambos olharam para mim.

— A cobertura de vidro, ou tampa. Como a abria para virar as páginas?

— Oh — disse Clooney, e dirigiu-se a um painel na parede. Acionou um botão e a estrutura da tampa de vidro que sobrava ergueu-se com um clique.

McGlachlin foi demonstrar.

— Então você pode levantar isso...

— Não toque — disse eu. — Impressões digitais.

— Ah, sim. Naturalmente.

Gesticulei para o papel que ainda tinha na sua mão.

— E por favor não deixe ninguém mais tocar nisto. No caso, a polícia vai precisar de digitais suas e...

— Voltando ao que eu disse antes, John, esperamos não precisar da polícia, graças a você.

Esprei antes de perguntar: — Quem mais possui as chaves da porta de segurança? McGlachlin ergueu um

dedo.

— O presidente de nosso comitê consultivo, Conor Donnelly. É professor de assuntos irlandeses — e citou a universidade. Outro dedo se levantou. — O irmão de Conor, que fez uma contribuição generosa para o Centro, também recebeu uma chave.

— Denis Donnelly, o capitalista das grandes especulações?

— Ele mesmo.

— O sujeito entra, bota uma grana preta e leva a sua chave? McGlachlin clareou a garganta de novo.

— Considerando o vulto da contribuição de Denis, John, seria uma desconsideração negar seu pedido.

— Alguém mais?

— Só Sean Kilpatrick. O carpinteiro que doou seu tempo para fazer os trabalhos do nosso vestíbulo. Olhei ao redor uma última vez.

— Essas salas de museu parecem bem acabadas. Por que Kilpatrick precisaria ter acesso a elas?

— Caso algo saísse errado — disse ele. — Mas, John, Sean é alguém totalmente confiável.

— Hugh, pelo menos alguém com uma dessas chaves obviamente não é confiável.

Estávamos de volta ao escritório do diretor executivo, a porta fechada.

— Sr. McGlachlin, o senhor ou o Sr. Cuddy ainda vão precisar de mim por hoje?

McGlachlin olhou para mim e sacudi a cabeça.

— Vá para casa então, Nora — disse. — E diga a Bill que passarei para visitá-lo depois do trabalho.

Depois que Clooney pegou a sacola de lona e nos deixou, eu disse: — Bill é o marido dela?

— Exato. É um homem excelente e generoso, mas sofre de câncer. Sabe como são estas coisas.

Embora achasse que McGlachlin fizera um comentário meramente retórico, eu ainda podia imaginar minha mulher

Beth, deitada na encosta da sua colina, a um quilômetro de distância.

— Eu sei.

Ele sacudiu a cabeça tristemente, — Eles se conheceram aqui numa das primeiras reuniões sociais do Centro. Na verdade, demos a partida para uma quantidade de uniões graças a nossas atividades.

— Quem mais além de Nora — e de você — sabia que a tampa da caixa do Livro de Kells se abria?

McGlachlin ficou cauteloso.

— E que diferença isto faria, John? A tampa foi quebrada.

— Aquela nota de "resgate" estava em cima do vidro quebrado. Sendo uma folha solta de papel, é muito leve.

Mais cauteloso ainda.

— Concordo, mas...

— ... por isso a nota não teria alterado muito a disposição dos estilhaços debaixo dela, ou nada, na verdade.

McGlachlin pareceu absorver meu raciocínio.

Para economizar tempo, falei: — E como os cacos de vidro estavam dispostos quase por igual...

O diretor executivo fechou os olhos.

— ... o livro foi provavelmente tirado da caixa antes que a tampa fosse quebrada.

— Alguém queria que você pensasse que o vidro teve de ser quebrado a fim de o livro ser retirado. Então minha pergunta ainda está em pé: Quem mais tinha conhecimento do mecanismo da tampa?

McGlachlin fixou-me com seus olhos azuis.

— John, simplesmente não sei. Mas Nora não faria aquilo com o nosso livro. E ela é honesta como o dia é longo.

Arquivei aquilo ao lado do seu endosso ao carpinteiro, Sean Kilpatrick.



— Você não mencionou se Grace, sua recepcionista, também tinha uma chave.

— Ela não tem. Mas de onde fica sentada, Grace pode ver quem entra e sai.

— Supondo que todo mundo entre pelas portas principais.

— As outras portas externas dispõem de alarmes, John. Além disso, Grace me disse que viu todos os três portadores desta chave passaram por ela ontem.

— Entrando e saindo?

— Não, mas cada um deles levava uma mochila, uma pasta ou uma caixa de ferramentas grande suficiente para ocultar o livro.

— Tem alguma sugestão de onde eu deveria começar?

— É mais uma questão sobre como deveria começar — e McGlachlin fez uma pausa. — Até agora só Nora, Grace e você sabem o que aconteceu.

— E, dado o teor daquela nota de resgate, você espera que o livro esteja de volta antes que alguém mais deva saber?

— Acertou na mosca, John. Temos uma reunião da junta consultiva aqui na próxima semana — daqui a cinco dias, para ser exato. Os membros têm a tradição de ler uma passagem do livro — como uma bênção, poderíamos dizer.

— Quer dizer que o livro é tirado da caixa?

— Não. Não, todos nós vamos até a sala e, graças a Nora virar a página toda manhã, existem sempre passagens diferentes para escolher.

— Algo mais sobre esta situação que não me contou?

— Uma das razões por que estou tentando resolver as coisas rapidamente — McGlachlin mordeu os lábios. — Sabe, Conor, o nosso presidente do conselho, recebeu um pedido do irmão, Denis, há alguns meses, para que emprestasse o livro para uma festa. Denis ia oferecer uma grande recepção em sua casa e queria ter o fac-símile exibido para os seus convidados.

— E o que foi que Conor disse?

— Que teria de submeter a questão à junta consultiva, e foi o que fez. E o conselho votou contra, não permitindo que o livro saísse da sua caixa.

— E como Denis recebeu a decisão?

— Não muito bem. Entrou aqui a mil no dia seguinte e bateu boca comigo. Achou que eu pudesse talvez permitir que levasse o livro emprestado de qualquer maneira.

— Por um pequeno... estipêndio? Assentiu com a cabeça.

— Eu lhe disse que não podia fazer aquilo — e McGlachlin estremeceu. — Você podia ouvi-lo berrando em todo o edifício.

— Denis achava que poderia haver boa vontade por causa da grande contribuição que fizera?

— Foi mais específico do que isto, receio. Sabe, John, foi o dinheiro de Denis que permitiu que o Centro comprasse o livro.

Depois de pegar o telefone da casa de McGlachlin — "Ligue, John, a qualquer hora do dia ou da noite" — segui de carro do Centro até outro repositório de memórias, irlandês-americano também, mas diferente. E mais pessoal.



Deixando o Honda na entrada, caminhei pelo jardim de lápides até que encontrei a dela. As palavras ELIZABETH MARY DEVLIN CUDDY nunca mudaram, mas tornaram-se mais apagadas, o congelamento e o degelo dos invernos de Boston cobrando o seu tributo até mesmo do granito polido.

— Pediram-me para achar um livro, Beth.

Um livro?

Expliquei o problema a ela. Depois de uma pausa, ela disse, eu me lembro de ter visto uma página com iluminuras do livro, um texto sobre história da arte, eu creio.

— Isso faria sentido.

Uma incrível peça de colecionador.

Acenando a cabeça diante do seu comentário, meu olho divisou a movimentação de um lagosteiro no porto, arrastando-se com o motor pipocando contra um leve vento nordeste que cheirava a chuva se aproximando. O seu comandante parecia ocupado em recolher as painéis antes que a tempestade começasse a...

John?

Voltei à lápide dela.

— Sim, desculpe?

Como você vai abordar estes três homens sem deixar que saibam quem é e o que está fazendo?

— Levou algum tempo, mas vir até aqui me mostrou o caminho. Eu me enganei ao pensar que podia ouvir a confusão na pergunta seguinte de Beth, não enunciada.

Imagine o tipo de campus que traria lágrimas de alegria a um conselheiro do curso colegial. Os edifícios das salas de aula e dos dormitórios eram em estilo gótico, assim como as estruturas inferiores e auxiliares que escoravam as catedrais — imponentes janelas com mainéis, a hera escalando do chão até quase a linha dos telhados.

Depois de parar três estudantes com piercings de orelhas suficientes para encher uma caixa de joias, fui encaminhado por um deles a um descorado prédio de quatro andares. Dentro dele, setas vermelhas com pequenas placas abaixo me dirigiram ao segundo andar e uma recepcionista enxameada por estudantes apanhando papéis de exames me acenou até o escritório à sua direita imediata. O estêncil na porta me lembrava do meu próprio vidro granulado do escritório, mas em vez do JOHN FRANCIS

CUDDY, INVESTIGAÇÕES CONFIDENCIAIS em preto, este DR. CONOR DONNELLY, ESTUDOS IRLANDESES em verde.

Bati a recebi um "Entre" repetido três vezes como uma ladainha entoada com frequência.

A porta abria para um grande escritório com um pé-direito alto e duas fileiras de luzes fluorescentes suspensas sobre a parede coberta de estantes. A parede oposta tinha cinco janelas de muitos painéis lançando tanta luz do sol quanto o dia oferecia sobre a cabeça e os ombros do homem em pé.

Conor Donnelly escrevia num caderno de notas sobre uma daquelas estantes feitas de caixa de pão que se pode colocar em cima de uma mesa para transformar num pódio.

Seus ombros se arredondavam debaixo de um suéter com a gola em V sobre uma camisa de flanela. Os cabelos castanhos rareavam a ponto de fazê-lo recorrer a um daqueles penteados baixos laterais, o escalpo aparecendo entre as mechas que haviam sobrado. Suas sobrancelhas espessas compensavam as falhas na cabeleira, no entanto. Ao se aproximar de mim, Donnelly teve de se esgueirar por entre pilhas de papéis no chão. Seus olhos cinzentos piscaram.

— Você não é um estudante — Brooklyn, em vez do sotaque irlandês na voz.

— Não, mas espero que você seja Conor Donnelly.

— Uma suposição razoável, considerando onde me encontrou. Donnelly voltou ao seu caderno de notas.

— Mas estas horas de trabalho são reservadas para os estudantes, de modo que não posso ceder-lhe muito tempo, Sr....

— Francis, John Francis — disse eu, o que equivalia a apenas um terço de uma mentira. — Gostaria de falar com o senhor sobre *O Livro de Kells*.

Aquilo pareceu captar o interesse de Donnelly, porque me indicou uma cadeira de capitão diante da sua mesa, embora continuasse no pódio.

— Podemos falar a respeito, mas você está a uns bons cinco mil quilômetros do original.

— Tudo bem, um Livro de Kells, então. Represento um colecionador que gostaria muito de possuir um daqueles fac-símiles em edição limitada e presumo que o senhor tenha acesso a um deles.

Donnelly inclinou a cabeça.

— Num sentido funcional, sim. No entanto, receio que o nosso exemplar no Centro da Memória não esteja à venda.

— Não importa a quantidade de dinheiro envolvida? Agora Donnelly franziu a testa.

— Bem, como presidente da junta consultiva, eu teria a responsabilidade de ouvir qualquer proposta séria, sujeita, naturalmente, à aprovação do conselho.

— Professor, estou ciente de que o valor atual de uma reprodução equivale a dez vezes o que o Centro pagou e meu cliente está disposto a ir até além deste preço inflacionado. Contanto que, naturalmente, o senhor possa abrir aquela tampa de vidro sobre o livro para que ele possa inspecionar o item.

Nenhuma reação ao meu comentário sobre "abrir a tampa", o que me fez ver que Donnelly sabia a respeito do mecanismo.

— Bem, Sr. Francis, o senhor é bem-vindo para fazer a sua oferta por escrito, mas devo informar-lhe de que duvido que o conselho a aprove. Temos grande orgulho de nosso exemplar do livro e, francamente, não conheço nenhum proprietário — a não ser que estivesse desesperado por dinheiro, que se separaria de um dos fac-símiles.

Decidi explorar o que poderia ser uma jogada de Donnelly.

— Seria preciso que o proprietário técnico estivesse desesperado por dinheiro?

Ele pareceu confuso.

— Não estou entendendo.

Inclinando-me para a frente em minha cadeira de capitão e baixando a voz, eu disse: — Ou uma pessoa teria de estar desesperada por dinheiro para se interessar em ter um pouco, não, uma porção mais dele?

— Ah — disse Donnelly — faz-se a luz. Um suborno, hein?

Encolhi os ombros.

Conor Donnelly sorriu e voltou de novo ao seu caderno.

— Sr. Francis, queira por favor deixar meu escritório e ir para o inferno antes que eu chame a segurança do campus e o mande expulsar.

A recepcionista do seu irmão, num encantador conjunto de escritórios dando para Faneuil Hall, disse-me polidamente, mas com firmeza, que Denis Donnelly não estaria no trabalho naquele dia. Os dois jornais diários de Boston tinham publicado matérias sobre ele, no entanto, e em cada reportagem sobressaía a obsessão do capitalista especulador por sua residência em Weston Hills. Não demorei a encontrar o local — leiam propriedade — e assim que dei ao homem de olhos duros na guarita da segurança junto à entrada de carros dois terços da minha identidade e mencionei o Livro de Kells, fui escoltado por um guarda mais jovem, também de olhos duros, até uma mansão que era páreo para a sede da assembleia estadual em Beacon Hill e sua cúpula dourada.

O segundo guarda me observou admirando — sem tocar — uma dúzia de pinturas, esculturas e vasos na antessala com ar de sala de estar antes que um par de portas douradas se abrisse e um homem que reconheci pelas fotos dos jornais saísse de um átrio espetacular para me cumprimentar.

O financista era uma versão lustrosa do irmão, o professor. Uma trama capital de algum tipo fazia este Donnelly parecer como se uma mata luxuriante tivesse sido plantada no meio da sua cabeça e se espalhasse simetricamente para fora. Pintava as sobrancelhas para

combinarem com a nova cabeleira e seus olhos cinzentos possuíam aquela centelha que associa a pilotos de corrida e *serial killers*. Vestia uma camisa de seda sobre os ombros arredondados. Um jeans *stonewashed* penosamente casual acabava três centímetros acima dos mocassins, sem o benefício de meias.

Depois de apertarmos as mãos, Donnelly olhou para o seu segurança.

— Estou bem aqui com o Sr. Francis, Rick — falou, o sotaque do Brooklyn do seu irmão em suas palavras também. — Mas avise a Curt para não admitir mais nenhum visitante até que eu termine aqui.

Rick acenou com a cabeça, lançou-me um olhar que dizia Não me faça voltar atrás de você e nos deixou.

Donnelly sugeriu que o sofá Queen Anne para duas pessoas me acolheria e sentou-se numa poltrona de fumante de couro com tachas de cobre.

— Então, Sr. Francis, o senhor mencionou a Curt um Livro de Kells.

— Na verdade, o Livro de Kells, mas estou seguro de que falamos da mesma coisa.

Um olhar de franca avaliação, — Quer comprar um fac-símile ou vender um?

— Comprar, como intermediário para um cliente. Nenhuma mudança de expressão.

— Incursiono com frequência no mercado de arte. Não me lembro de alguém com julgamento, que eu conheça, que tenha chegado a mencionar o seu nome.

— É um nome fácil de esquecer.

Um esgar que não se podia chamar exatamente de um sorriso.

— Meu amigo, está tentando me enganar. Por quê?

— Nada de enganar. Meu cliente quer uma das reproduções e pelo que sei o senhor tem um irmão com, digamos, com acesso a uma delas.

— Hah! — disse Donnelly, embora saísse mais como um zurro. Não tenho sequer cuspidão na cara de Conor há uns bons dois meses.

Tentei parecer desapontado.

— Por quê?

Donnelly espreguiçou-se em sua poltrona.

— Imagino que já deve saber. Imagino também que está fazendo um jogo comigo por algum motivo que ainda não posso conceber. Mas também não posso conceber que esta pequena informação poderia me machucar. Venha comigo.

Eu o segui até o átrio, mesmo num dia escuro espetacularmente iluminado por uma claraboia em forma de rotunda. Eu não conseguiria descrever o mobiliário ainda que tivesse uma hora para escrever a respeito. Com exceção de uma peça. Repousava sobre um pedestal num canto, protegida da luz solar potencial por um cubo de vidro que era *fumé* na parte de cima, mas claro como cristal nas paredes laterais. Donnelly caminhou diretamente para ela, fazendo-me um sinal para que o seguisse.

Quando olhei para o grande livro aberto, Donnelly disse: — Nunca viu um desses antes, viu?

— Não — falei, minha voz um tanto embargada enquanto examinava, de perto e emocionado, os detalhes filigranados da capitular no topo da página da esquerda, representando pessoas e animais — alguns reais, outros fantásticos — ocupando as margens e esgueirando-se depois do final de parágrafos, admirando apenas a caligrafia do texto, alguma versão do latim, pensei.

— Meu irmão acha que eu queria tomar emprestado o exemplar do Centro só para exibi-lo durante uma festa aqui. E eu queria — a voz de Donnelly vacilou. — Mas assim que dei uma olhada nele, naquela caixa de vidro de bombons com a tampa automática na sua sala do museu, alguma coisa — uma espécie de memória tribal, talvez — me arrebatou. O que Conor pareceu esquecer foi que eu



poderia ter em meu poder a própria cópia do Centro simplesmente a comprando para mim mesmo há dez anos. E quando ele e seu desprezível conselho recusaram o meu pedido para a ideia da festa, eu saí em campo no mês passado e — em silêncio — comprei outro exemplar.

Desviei meus olhos das páginas à minha frente.

— Por quantas vezes os vinte mil que desembolsou da primeira vez?

Donnelly dirigiu-se a duas colunas gêmeas que se projetavam da parede. Apertou um botão e eu olhei de novo para o pedestal do livro, esperando que sua tampa de vidro abrisse como aquela do Centro o fizera. Passaram-se talvez cinco segundos até que o propósito do botão me viesse à cabeça.

Ouvi um ruído atrás de minhas costas e me virei. Os dois caras de olhos duros da segurança estavam parados junto às portas duplas do átrio, braços cruzados no peito. Olhando um pouco mais criticamente agora para cada um, eu não via nenhum sinal evidente de armas.

Falei a Donnelly: — Aquela história de "não admitir mais nenhum visitante" era um código para "fiquem por perto", não era?

Um aceno de cabeça com um sorriso mau.

— E agora, uma vez que obviamente desperdiçou meu tempo sob falsos pretextos, acho que vou me divertir vendo Curt e Rick baterem uma bolinha com você.

Inclinei minha cabeça em direção da porta, meus olhos ainda em Donnelly. — Só eles dois?

Os olhos do capitalista especulador se acenderam como néon.

— Bem, eu poderia entrar em campo na hora adequada. Virei-me para Rick e Curt.

— Denis, você tem um homem a menos.

Rick, o mais jovem, pisou no ringue primeiro. Estendeu as duas mãos para empurrar o meu peito, exatamente como numa demonstração de defesa desarmada na arena de

serragem quando eu era tenente da polícia. Dancei conforme a música de Rick por dois passos e depois reverti meus pés e o derrubei com um golpe de quadril. Quando caímos no chão, o som de seus pulmões expurgando ar era muito mais agradável aos ouvidos do que o arquejo e o engulho seco que se seguiu.

Curt estava sobre mim antes que eu pudesse me virar, aplicando-me uma gravata na garganta com um de seus antebraços. Golpeei com força seu peito do pé esquerdo com o meu calcanhar esquerdo e ele deu um grito, erguendo o pé. Martelei então com o cotovelo esquerdo e acertei suas costelas, sentindo algumas cartilagens se separando enquanto eu me enfiava entre elas.

Curt se separou de mim e segurou seu lado esquerdo com as duas mãos, os olhos semicerrados como os de um garotinho que não quer chorar mas não tem como evitar.

Quando olhei para Rick, ainda estava tentando aplicar ressurreição boca a boca em si mesmo.

Denis Donnelly disse: — Apenas ouse tocar em mim e eu processo você e seu cliente, e prometo arrancar até o último centavo de vocês.

Caminhei até ele, Donnelly aparentemente esquecendo que aquelas colunas gêmeas atrás dele limitavam significativamente sua mobilidade. Tentou me chutar na virilha, mas eu peguei sua canela em minha mão direita e entortei para cima até que ele começou a gemer.

— Denis, se eu levantar mais uns quinze centímetros, você vai perder pelo menos um tendão do jarrete e quem sabe um tendão de Aquiles também. Estamos nos comunicando?

Um estrangulado "Sim."

— OK. Eu nunca estive aqui.

— Certo, certo.

— E nunca vou ter que me preocupar se Rick ou Curt ou qualquer um de seus sucessores vai tentar me encontrar, vou?

— Não. Claro que não.

Deixei-o então, mas não sem antes dar uma última olhada no *Livro de Kells* de Denis Donnelly. Eu encontrara um fac-símile, mas a arrogância de Donnelly parecia mais coerente com sua história fantástica de ter comprado um fac-símile para si mesmo do que com roubar um exemplar que havia, na essência, doado ao Centro. O que me deixava apenas com um último detentor da chave que abria as salas do museu.



Estava quase escuro quando a picape de carpintaria de Sean Kilpatrick encostou na entrada do outro lado da rua de onde eu estava sentado atrás do volante do Honda.

Quando a picape se aproximou da garagem do modesto rancho, luzes de segurança se acenderam, banhando o pátio fronteiro de um brilho amarelado. Graças às luzes, eu podia ver que seu utilitário tinha um para-lama da frente amassado e portinhola traseira estava presa por cordas elásticas com ganchos nas pontas.

Quando Kilpatrick saiu de seu veículo, eu saí do meu e comecei a atravessar a rua na sua direção. Ao som de meus passos, ele se aprumou e virou para mim.

Kilpatrick tinha cerca de um metro e oitenta de altura, ombros largos e cabelos pretos crespos. Usava suéter de malha com as mangas cortadas na altura das axilas, sobre jeans e botas de trabalho. Quando cheguei a sua entrada de automóvel, a mão direita dele segurava um martelo de orelha. Parei um pouco antes de seu para-choque traseiro.

— Sr. Kilpatrick?

— E o senhor seria? — num sotaque irlandês tão pesado que se você não ouvisse ao ritmo da cadência, poderia não entender as palavras.

— John Francis. Soube que está fazendo um trabalho no Centro da Memória. — Esperava que ficasse mais tenso à menção do local, mas, ao contrário, ele relaxou visivelmente, jogando o martelo do banco do passageiro da picape antes de esfregar a palma da mão direita na coxa e se aproximar para apertar minha mão. De perto, tinha um rosto agradável enquadrando um sorriso genuíno com dentes da frente tortos.

— Sr. Francis, prazer em conhecê-lo. O que posso fazer pelo senhor?

Desvencilhando minha mão da sua, eu disse: — Um cliente meu é colecionador.

Confusão no rosto agradável.

— Coletor? Quer dizer de contas, a esta hora?

— Não. Colecionador de arte, escultura, livros... raros.

— E o que tem isso a ver comigo? — Kilpatrick gesticulou para a picape. — Sou só um carpinteiro.

— Mas um carpinteiro com acesso ao museu do Centro da Memória.

— Sim — e ele começou a puxar um anel de chaves do bolso traseiro da calça, o anel em si ancorado no cinto por um gancho e um cordão enrolado. — Eu tenho... — e Kilpatrick fez uma pausa de repente. — Espere aí. O que é que está dizendo?

— Estou dizendo que existe um livro particularmente valioso debaixo de uma caixa de vidro numa daquelas salas do museu e uma comissão considerável a ser ganha pela pessoa que o obtiver para nós.

Kilpatrick perdeu o sorriso, seu rosto agora podendo parecer tudo, menos agradável.

— Está querendo que eu roube o *Livro de Kells*?

— Não vamos falar em "roubar". Vamos dizer que você simplesmente abre a tampa daquela caixa antes de ir embora uma noite dessas e enfie o livro dentro de uma...

— Cara, se não sumir da minha frente em dez segundos vou enfiar cada um dos seus malditos dentes na porra da sua maldita garganta.

Não era necessário ouvir o ritmo da sua fala para saber o que ele queria dizer.

— Desculpe tê-lo incomodado — falei.

Virei-me, esperando ouvir aquelas pesadas botinas de trabalho virem no meu encalço. Mas, quando voltei ao Honda, Sean Kilpatrick ainda estava em pé na traseira da picape arrebentada, os punhos nos quadris, olhando para mim.



Mesmo depois de escurecer, você pode ver a cúpula da assembleia legislativa de Massachusetts da janela do meu escritório em Tremont Street. É um efeito muito impressionante, as folhas de ouro meticulosamente reaplicadas por artesãos poucos anos atrás pela soma que provavelmente custou à Marinha a compra de um porta-aviões. Mas a cúpula também me ajuda a pensar, de certo modo, especialmente quando estou num bloqueio mental. E eu estava bastante bloqueado naquela noite. Uma reprodução muito valiosa do *Livro de Kells* desaparece da sala fechada em que é guardada, a tampa da sua caixa de vidro despedaçada. A maioria das pessoas com acesso ao museu sabe que esta tampa se abre para permitir que Nora

Clooney vire uma página todo dia, mas o ladrão a destroça mesmo assim, talvez para desviar a suspeita para outros menos informados.

Hugh McGlachlin, como diretor executivo do Centro, tem uma chave, embora tenha sido ele quem me chamou para investigar o caso, através de um membro da junta consultiva, Michael O'Dell. Por outro lado, reagir imediata e internamente desse modo podia oferecer uma boa cobertura para o próprio McGlachlin. Das três pessoas que ele "relutantemente" suspeita, nenhuma age de maneira suspeita — ou até mesmo presumidamente — diante da minha sugestão de que o livro podia ser surrupiado: o professor Conor Donnelly me manda deixar seu escritório. O irmão Denis quer me dar uma surra por "enganá-lo" e o carpinteiro Sean Kilpatrick quase chega a me agredir fisicamente quando sugiro que ele poderia roubar o exemplar do Centro para mim.

O que, segundo a nota deixada sobre o vidro quebrado, não foi na verdade o que aconteceu. "Levado, mas não roubado, e será devolvido." Nenhum sarcasmo aparente nas palavras ou sequer um duplo sentido.

Se a única pessoa que pedira para levar o livro emprestado agora havia aparentemente adquirido um exemplar para si mesma, quem precisaria do fac-símile apenas temporariamente?

Então, observando a cúpula da assembleia estadual, ocorreu-me outra coisa que eu vira no Centro. Era um tiro no escuro, mas valia pelo menos uma ligação para um certo telefone residencial.

Depois de discar, ouvi um vacilante "Alô?"

— Hugh? É John Cuddy.

— Ah, John. Descobriu alguma coisa, então?

— Talvez, mas preciso lhe fazer uma pergunta antes.

Quem fez todo aquele trabalho com os caracteres no Centro?



A porta da frente do triplex em Southie só abriu dez centímetros na sua corrente interna. O olho único que eu podia ver pela fresta parecia perturbado.

— Oh, céus. Sr. Cuddy, no que poderia ajudá-lo a esta hora?

— Gostaria de conhecer seu marido — falei. Nora Clooney tentou endurecer.

— Ele está dormindo. Talvez de manhã?

Sacudi a cabeça.

Ela apertou seus lábios numa linha fina.

— Então me deixe só dar um pulinho até lá antes para ver se Bill não...

— Nora, nós dois sabemos o que eu vou ver. Por que não acabar logo com isso?

A cabeça dela baixando em derrota, abriu a corrente da porta.

— Seria a melhor coisa, eu suponho.

O câncer terminal possui uma certa aura. Mas nem sempre um cheiro. É mais alguma coisa no ar, a sensação de que algo está muito errado, mas também irreparável. O quarto de dormir de Bill Clooney projetava aquela aura.

Sua mulher conduziu-me ao espaço de três por quatro metros. Havia cômodas combinadas, de mogno com puxadores de latão, e fotos emolduradas de um casal mais jovem envergando as roupas e os penteados do final dos anos 70. A cama era de mogno também, uma cama de baldaquino que eu podia ver recém-casados comprando

pouco depois da cerimônia. Um móvel para durar a vida inteira.

Bill Clooney estava deitado debaixo dos lençóis e de uma colcha, a cabeça aninhada numa nuvem de travesseiros. Havia algumas mechas de cabelos grisalhos no alto da sua cabeça, e uma franja desigual ao lado das orelhas. Seus olhos estavam fechados, mas a boca estava aberta, um ronco tão fraco que você podia perdê-lo no zunido do aquecedor de ambiente elétrico perto de um canto do quarto. Suas mãos estavam sobre a colcha, ossudas e densamente cobertas de veias.

Centrada entre a garganta e a cintura de Clooney, uma bandeja de cama cobria seu torso. Um livro muito grande estava aberto sobre a bandeja, uma almofada de sofá apoiando o texto num ângulo voltado para o seu rosto.

— Meu Bill era um artista gráfico — disse Nora Clooney, sua voz quase tão inaudível como o ronco do seu marido. — Veio da Irlanda cinco anos antes de mim e era dez anos mais velho, para início de conversa. O sedutor me disse que se apaixonou assim que pôs os olhos em mim, mas eu não estava segura em relação a ele até que vi sua maravilhosa caligrafia, depois de uma reunião social no Centro naquela mesma noite. Mas meu Bill era modesto e me disse que eu não usaria a palavra maravilhosa para a sua caligrafia depois que visse *O Livro de Kells*.

Mantive minha voz baixa também.

— Queria trazer o livro para casa para que seu marido pudesse vê-lo de novo.

— Vê-lo, sim, senhor, e tocá-lo e até mesmo respirar suas páginas. Mas depois da terrível discussão entre o Sr. McGlachlin e aquele Sr. Donnelly no Centro, eu sabia que a junta jamais concederia ao meu Bill o que recusara a um homem rico.

— Tirou o livro da caixa antes de quebrar o vidro.

— Sim, senhor — e fez o sinal da cruz. — Eu nunca me perdoaria se danificasse uma página que fosse do livro.



— E levou o livro em sua sacola de lona.

— Descaradamente. Passei bem pela Grace atrás do balcão de recepção e ela não suspeitou nada.

— E por que deixou a nota?

Ela soltou o ar dos pulmões.

— Achei que podia impedir que o Sr. McGlachlin chamasse a polícia imediatamente, senhor. Ganharia tempo para deixar que meu Bill se fartasse admirando o livro em seus últimos dias antes que eu o levasse de volta ao Centro, ileso.

Virou-se agora para o marido e tive a sensação de que Nora Clooney sempre olhava para ele desta maneira, com a mesma expressão. Uma expressão de amor que ia além do dever e talvez até mesmo da devoção.

— Toda manhã, quando tinha saúde, meu Bill me acompanhava até o Centro. Oh, seus olhos brilhavam, senhor, vendo-me virar a página daquele dia, sentindo-se honrado como se fosse o primeiro homem moderno a apreciar o trabalho daqueles escribas do passado.

Esperiei um momento antes de falar: — Nora, tenho que dar um telefonema.

Ela fechou os olhos e abaixou a cabeça de novo.

— Use o da cozinha, por favor. Para a gente não perturbar meu Bill.

Quando eu a seguia escada abaixo, falei: — Você saberia dizer se Hugh McGlachlin tem identificador de chamadas no seu telefone residencial?

Pelo olhar no seu rosto inclinado, eu podia dizer que Nora Clooney achava que eu estava louco.

Na cozinha, eu disquei e ouvi aquele alô vacilante.

— Hugh? John Cuddy de novo.

— John, você está telefonando dos Clooney então?

— Não — menti — de um telefone público. Receio que Nora e Bill não puderam me ajudar. Mas, ouça, Hugh. Consegui localizar seu *Livro de Kells*.

— Localizou? — sua voz estava carregada de esperança.

— Sim — falei. — Seu livro estará de volta ao Centro antes da reunião da junta na próxima semana.

Uma longa pausa do outro lado.

— John, há algo que você não está me contando?

— Há.

Uma pausa ainda mais demorada.

— Michael O'Dell disse que eu podia confiar em você.

— E você pode.

Nenhuma pausa agora, mas um suspiro considerável.

— Então vou confiar. Boa noite, John Cuddy, e obrigado a você.

Ao colocar o fone no gancho na cozinha de Nora Clooney, ela piscou três vezes antes de beijar as pontas do indicador e do dedo médio da mão direita e tocar na minha testa com eles.



## O último dia de Erie

**7h00 AM:** O despertador ao lado da cama de solteiro de Larry Erie foi acionado. Um locutor de voz grave começou a contar a Erie os principais assuntos da manhã. Erie realmente não ligava para os principais assuntos da manhã, mas ficou deitado por um tempo e deixou o locutor tagarelar. Não havia ninguém ali para lhe dar um chute brincalhão e mandar desligar aquele barulho. Não havia ninguém ali para quem preparar o café da manhã. Não havia ninguém ali para quem ir buscar comprimidos. Eram só ele e o locutor.

**7h19 AM:** Erie finalmente se arrastou da cama e foi até a varanda de pijama e roupão apanhar o jornal da manhã. Fazia frio lá fora, assim como as pessoas alegres no rádio disseram que ia fazer. Uma tempestade que havia passado de noite tinha deixado poças na calçada.

Examinou o terreno em busca da pequena forma preta que às vezes vinha saltitando até ele, saída de trás de arbustos ou latas de lixo, miando saudações para ele como se fosse um parente perdido há muito tempo. Mas a gata não estava lá. Erie voltou para dentro de casa.

Tomou o café da manhã sentado na beira da cama. Era um hábito que não conseguira perder, embora não houvesse mais ninguém ali para fazer companhia.

**7h42 AM:** Erie tomou um banho de chuveiro, fez a barba, passou fio dental, escovou os dentes, gargarejou, enxaguou e repetiu a operação. Depois escolheu cuidadosamente suas roupas. Colocou sua melhor camisa branca, seu melhor terno, sua gravata favorita. Lustrou

seus sapatos antes de colocá-los. Olhou-se no espelho, endireitou a gravata, colocou no lugar alguns cabelos errantes. Então tirou sua arma da cômoda e a prendeu no cinto.

Alguns tiras começavam a ficar um pouco desleixados anos antes de se aposentar. Outros esperavam até alguns meses ou semanas antes do seu último dia para se descuidar.

Erie lembrava-se de um tira, um colega detetive, que foi trabalhar no seu último dia de camisa havaiana e bermudas. Deu umas boas gargalhadas ao pessoal.

Mas aquele não era o estilo de Erie. Ele estava decidido a fazer que cada dia do seu tempo na força contasse. Até mesmo o último.

**8h07 AM:** Erie estendeu a mão para abrir a porta do seu carro quando ouviu a gata. Ela veio correndo pela entrada de automóveis na sua direção, miando bem alto. Ajoelhou-se e estendeu o braço direito. Como sempre, a gata esfregou seu rosto na sua mão várias vezes antes de se deitar de costas e esticar as pernas. Acariciou a barriga dela. Seu pelo era longo e emaranhado.

— Gosta disso, camaradinha? Gosta disso? — perguntou Erie à gata.

A gata ronronou.

Erie nunca tivera um gato, nunca conhecera realmente um gato, nunca se interessara por eles. Não tinha ideia da idade da gata preta. Ela vinha rondando pela vizinhança há cerca de um mês. Ficara visivelmente maior desde que a vira pela primeira vez. Ficara também mais amistosa. Não tinha nenhuma coleira ou plaqueta de identificação.

De vez em quando, Erie se dera conta de que se preocupava com a gata. Onde dormia? O que andava comendo? Ele a vira uma vez na Green River Road, e a ideia da gata tentando atravessar aquelas ruas movimentadas o perseguira durante horas.

Mas Erie sempre lembrava a si mesmo de que não era um amante de gatos. Tinha coisas maiores com que se preocupar do que animais patetas.

— Por hoje chega — disse à gata ao se erguer. Ela rolou sobre a barriga e olhou para ele esperançosa. — Não. Nem pensar. Até logo.

Entrou no carro e deu a partida. Saiu de ré lentamente, ficando de olho na gata para que ela não pulasse e corresse por baixo dos pneus. Mas ela ficou onde estava, olhando para ele, aparentemente intrigada com o seu desejo de deixar este local maravilhoso e esta gata perfeita e maravilhosa.

**8h33 AM:** A caminho do estacionamento para o QG da polícia, Erie foi parado por três tiras. Eram todos homens que não vira ou com os quais não falara na última semana. Cada um deles o levou de lado separadamente e disse a mesma coisa.

— Meus sentimentos por sua mulher. Erie disse a única coisa que podia: — Obrigado.

Quando passava pelo escritório dos Recursos Humanos, uma colega gritou: "Vejam só quem chegou cedo! Ei, Larry, não sabe que não devia chegar antes do meio-dia no seu último dia de trabalho?"

— O pássaro que madrugada pega a minhoca — disse Erie. Uma policial de uniforme parou enquanto passava por ele.

— Você não precisa se preocupar mais em apanhar minhocas, detetive Erie. Por que não embarca para o Arizona e vai pegar um pouco de sol? Deixe as minhocas com a gente.

**8h45 AM:** Erie já havia dado uma limpa no seu escritório quase todo. As paredes estavam nuas, sua mesa estava livre de objetos, as gavetas estavam praticamente vazias, além de poucas canetas e cliques de papel e formulários velhos. Por isso era impossível deixar de ver a nota em Post-it colada bem no centro de sua mesa. Era de Hal Allen, diretor dos Serviços de Detetives/Homicídio —

seu chefe. A nota dizia "Venha ao meu escritório assim que puder." Erie esperava que fosse uma missão especial, um favor que pudesse fazer para Allen ou para o departamento, algo que recorreria a suas décadas de experiência, algo que faria suas últimas oito horas como policial terem importância.

**8h48 AM:** Erie sabia que estava enrascado no momento em que pisou no escritório de May Davis, a assistente administrativa de Allen e sua guardiã especial. Caíra numa armadilha e não tinha saída.

Vinte pessoas estavam amontoadas atrás da mesa de Davis. Atrás delas havia uma faixa com os dizeres VAMOS SENTIR SUA FALTA, GAROTÃO! Nela, dezenas de assinaturas cercavam os desenhos de algemas e distintivos policiais e de homens em uniformes listrados de presidiários. As pessoas que o esperavam, toda a divisão de homicídios, reforçada por alguns técnicos da perícia e alguns velhos camaradas de outros departamentos, começaram a cantar Ele é um bom companheiro.

Erie ficou parado, sorrindo devidamente, e suportou aquilo como um homem.

**9h09 AM:** Erie aguentou a cantoria e os abraços e os tapinhas nas costas e a torta de baunilha com os contornos do Arizona e a cobertura de laranja. Aguentou o discurso de Allen sobre trinta e três anos de serviço e cento e doze assassinatos atrás das grades. Aguentou tudo sem sequer perguntar, "E quanto àqueles vinte e nove assassinatos não solucionados?" ou "Por que eu me mudaria para o Arizona sem Nancy?" E depois que a provação terminou e os festeiros se dispersaram, ficou claro que ele deveria se dispersar, também. Havia formulários a preencher e gavetas a esvaziar, certo? Em vez disto, perguntou a Hal Allen se podiam conversar no seu escritório.

— O que é que você tem em mente, Larry? Allen era uma estirpe diferente de tira. Era mais jovem que Erie. Trabalhava fora todo dia. Suas paredes não estavam

cobertas por retratos de seus filhos ou artigos de jornais sobre suas grandes prisões. Tinha seus diplomas — um bacharel em justiça criminal, um mestrado em psicologia — e pôsteres motivacionais sobre Liderança e Metas. Para ele, ser tira não era um apostolado, era uma opção de carreira. Mas Erie gostava dele e esperava que entendesse.

— Eu queria saber se poderia ter de volta um de meus casos.

— Ora, Larry, vamos lá — disse Allen. — Vai ter de largar o osso.

— Só por hoje, Hal. Só quero fazer algumas perguntas, ver se consigo botar a bola para rolar de novo. No fim do dia eu passo o caso para Dave Rogers com um resumo completo.

Allen sacudiu a cabeça.

— Já ouvi falar desse problema. Chama-se dedicação ao dever. Vamos ter de curá-lo disso. Eu lhe receito um dia jogando paciência no computador, seguido por uma merecida aposentadoria precoce no belo e ensolarado Arizona.

— Nancy gostava do Arizona, íamos nos mudar para lá por causa dela.

— Oh — o sorriso derreteu-se do rosto de Allen. — Então você não vai...

— Não sei. Não tínhamos assinado nada quando Nancy piorou pela última vez. Não tenho certeza de que queira deixar Indiana. Vivi aqui toda a minha vida — Erie mexeu-se nervosamente no seu assento. — Mas isto não vem ao caso. Estou só pedindo mais um dia para proteger e servir.

Allen inclinou-se para a frente em sua cadeira giratória e deu a Erie um olhar longo e pensativo, como se realmente o visse pela primeira vez.

— Você não vai resolver o seu centésimo décimo terceiro homicídio hoje, Larry. Vai apenas correr atrás de pistas frias sem chegar a lugar algum.

— Eu adoro dias assim. Allen assentiu com a cabeça.

— OK. Faça o que tem a fazer. Mas dê uma passada pelo meu escritório antes de ir para casa esta noite. Quero falar com você de novo.

Erie praticamente pulou da sua cadeira. Pela primeira vez naquele dia se sentiu realmente acordado.

— Sim, senhor — disse. — Será como quiser.

**9h31 AM:** O detetive David Rogers estava ao telefone quando Erie apareceu na porta de seu escritório. Rogers acenou para ele, e falou "Não tem problema" e desligou.

— O chefe disse que você quer pegar um bandido hoje — falou. — Só quero tomar de volta um de meus casos. Tudo bem para você?

Rogers sorriu e apontou para uma pilha de pastas num canto da sua mesa.

— Cada um com a sua mania — disse. — Se insiste em trabalhar no seu último dia, não vou impedi-lo.

Erie vasculhou as pastas de casos. Ia querer o traficante de crack de quinze anos, morto há quatro meses? A mulher não identificada de vinte e poucos anos achada morta no bosque de Lloyd Park há seis meses? Ou o corretor de seguros de meia-idade, morto há dez meses?

Olhos sem vida o encaravam de Polaroids presas por cliques de papel às fotocópias dos relatórios de autópsia. Olhavam para dentro dele e lhe diziam: "Faça alguma coisa. Vingue-me. Vingue-me."

Mas a justiça não é para os mortos. Aquilo foi uma das coisas que aprendeu em seus anos de trabalho em homicídios. Não adianta lutar uma cruzada por um cadáver. Ele ainda será um cadáver mesmo que alguém transforme o assassino num cadáver também. Mas a família, os entes queridos, os vivos — eles podem ser ajudados.

Escolheu uma pasta e saiu.

**10h07 AM:** Ao contrário dos bairros mais velhos de classe média baixa ao redor da cidade, Pine Hills na verdade fazia jus ao seu nome. Possuía pinheiros e colinas, embora não muito de cada. Tinha também a fama, entre os



colegas tiras de Erie, de produzir garotos rebeldes. No Halloween, carros de patrulha rondavam pela vizinhança como se ela fosse a área mais violenta de Los Angeles, e equipes de socorro médico de emergência ficavam de prontidão para os inevitáveis ferimentos provocados por coquetéis Molotov, M-80s, vidro quebrado e caixas de correio explosivas.

O'Hara Drive era uma rua curta e torta em declive no coração do bairro. Tinha uma quadra de comprimento e ficava entre duas ruas mais longas que subiam em curva até as colinas mais altas da região. Do alto de uma delas se podia ver o aeroporto a menos de dois quilômetros de distância. Da outra, era possível ver o depósito de lixo do condado.

A casa no número 1701 de O'Hara Drive não era apenas o local onde Joel Korfmann, corretor de seguros, havia morado. Era também onde ele tinha morrido. Havia dois veículos na entrada quando Erie chegou — um Ford Taurus prateado de meados dos anos 90 e uma picape Ford mais nova, vermelha. Do Taurus ele se lembrava.

Estacionou junto ao meio-fio e caminhou em direção à casa. Todas as cortinas estavam fechadas. Uma lata de lixo grande de plástico estava caída de lado no começo da entrada de carros.

Tocou a campainha. E esperou. Bateu no metal frouxo da porta de tela. As cortinas da janela da frente se agitaram e o rosto de uma mulher hesitou nas sombras além.

Erie tentou dar um sorriso tranquilizador. Puxou o seu distintivo.

— E o detetive Erie, Sra. Korfmann.

O rosto desapareceu. Erie esperou de novo. Finalmente a porta da frente se abriu. A porta de tela diante dela ficou fechada.

Todas as luzes da casa estavam apagadas. Candace Korfmann afastou-se da porta, fugindo da luz do sol.

— Olá.

— Olá, Sra. Korfmann. Estou só de passagem esta manhã para fazer algumas perguntas no seguimento da investigação. E uma hora boa para conversar?

— Claro — replicou ela sem vida. Estava vestida num roupão de banho. Erie se lembrou de que ela era o que as pessoas costumavam chamar dona de casa ou uma mulher de prendas domésticas. Não tinha um emprego para colocar sua vida de novo em foco depois da morte do marido. E não tinha filhos que a mantivessem ocupada, que impedissem seu pensamento de ficar atrelado ao passado, ao que acontecera em sua própria cozinha. Ele a via meditando na escuridão da casinha branca o dia inteiro, todo dia, sozinha.

— Bem — disse Erie. — Primeiro, receio ter de lhe dizer que ainda não encontramos nenhuma nova pista. Mas vamos colocar um novo investigador no caso na próxima semana, o detetive David Rogers. Por isso, não perca a esperança, Sra. Korfmann. É um bom homem.

Depois de um momento de pausa, ela acenou com a cabeça.

— OK, não vou perder.

— Muito bem. Agora, em segundo lugar, eu gostaria de saber se existe algo novo que a senhora pudesse me contar — quaisquer novas lembranças ou pensamentos que teve que talvez pudessem ajudar nossa investigação.

A Sra. Korfmann olhou impassivelmente para ele. em pé nas sombras, perfeitamente imóvel, ela parecia achatada, unidimensional, como o mero contorno de uma mulher. Sua figura — os ombros caídos, os cabelos desgrenhados e a cabeça um pouco inclinada — lembrava a ele Nancy perto do fim, quando estava tão fraca que mal podia ficar em pé.

— Podia ser qualquer coisa, até mesmo um boato que correu na vizinhança — ele sugeriu. — Cada pequeno detalhe ajuda, Sra. Korfmann.

Ela sacudiu a cabeça lentamente.

— Não sei o que lhe dizer. Não ouvi nada.

— Está bem. Não há nenhum motivo para a senhora fazer o nosso serviço por nós. Tem só mais uma coisa que gostaria de falar com a senhora — e puxou um cartão do bolso do paletó. — Gostaria de lhe dar isto. É o número de uma mulher que conheço. Ela dirige um grupo para... aqueles que foram deixados para trás. Um grupo de apoio aos sobreviventes. Talvez a senhora quisesse telefonar para ela.

A Sra. Korfmann não se moveu por um longo momento. Então abriu a porta e estendeu a mão para apanhar o cartão. Ao inclinar-se para a luz, Erie pôde ver que sua pele estava pálida, os olhos vazios. Notou um pequeno inchaço no lábio inferior e uma mancha escura, azulada, de carne machucada debaixo do olho esquerdo.

— Obrigada — disse ela.

— De nada. Passe bem, Sra. Korfmann. Ela acenou com a cabeça e fechou a porta.

**10h24 AM:** Erie deu a partida no carro. O relógio digital no painel veio à vida. Não estava nem uma hora de volta ao caso Korfmann e a coisa já ia mal. Rodara de carro até o outro lado da cidade para despertar lembranças dolorosas numa mulher triste e solitária. Nada havia a fazer agora senão voltar ao escritório e bater papo com quem estivesse lá de bobeira. Trocar reminiscências sobre os velhos tempos, contar velhas histórias e lendas, ficar à toa. E depois ir para casa.

Cortou a ignição e saiu do carro. Caminhou até a casa do outro lado do 1701 de O'Hara Drive e tocou a campainha. Um velho abriu a porta. Usava óculos tão grossos que Erie não podia ver seus olhos, apenas grandes e brilhantes ovais de azul pálido.

— Sim?

Erie tirou o distintivo.

— Bom dia, Sr. Wallender. Sou o detetive Erie. O senhor e eu conversamos há cerca de dez meses.

O velho debruçou-se para examinar o distintivo.

— Claro que me lembro do senhor, detetive. Entre, por favor. Seguiu arrastando os pés à frente de Erie até a sala seguinte.

— Sente-se aqui que vou buscar um café. Desapareceu atrás de um canto.

— Tenho um pouco no fogão. Todo dia faço um bule de café e bebo duas xícaras. Não sei por que faço isto. Jogo mais café pelo ralo numa manhã do que as pessoas tomam numa semana.

Erie podia ouvir portas e gavetas do armário abrindo e fechando, porcelana deslizando pelo balcão, o ronco de uma geladeira aberta.

— Vou tomar o meu café puro, Sr. Wallender — gritou ele.

— Já prendeu o assassino de Joel Korfmann?

— Ainda não. É por isso que estou aqui. Estou fazendo algumas investigações complementares.

Wallender arrastou os pés até a sala de estar com uma caneca em cada mão. Deu uma a Erie. O líquido tinha a tonalidade reveladora de café com leite desnatado. Erie não tomou nem um gole.

— Gostaria de saber se o senhor ouviu ou viu alguma coisa mais que pudesse ter alguma relação com o caso.

Wallender abaixou-se lentamente numa espreguiçadeira.

— Estou de olho na garotada do bairro. Estão sempre tramando alguma brincadeira de mau gosto. Chamei a polícia há uns dois meses. Achei que vi um garoto com dinamite.

Um policial veio verificar. Conhece o policial Pyke?

— Sim, conheço.

A visão e audição do velho podiam ser precárias, mas sua memória estava ótima.

— Chegou a falar com a Sra. Korfmann? Saber como ela está? Wallender aproximou a caneca dos seus lábios, suas mãos tremendo muito.

— Ela desapareceu por algum tempo. Acho que foi visitar a família ou coisa assim — disse o velho. — Ficou fora talvez dois meses. Quando voltou, parecia estar bem.

Eu me comprometi comigo mesmo a visitá-la e conversar com ela de tempos em tempos.

— E o seu ânimo parecia bom? Wallender encolheu os ombros.

— Até onde eu pude avaliar. Sempre foram pessoas distanciadas, tanto ela como o marido. Pareceu um pouco mais amistosa por algum tempo lá, mas então o seu garotão começou a aparecer e ela voltou a ser a velha Candace de sempre.

— O seu garotão? Quer dizer que ela tem um namorado?

— Acho que pode chamá-lo assim, considerando que a sua picape passa lá quase todas as noites.

— E há quanto tempo isto vem acontecendo?

— Talvez dois meses, talvez um pouco mais — e os lábios finos e trêmulos de Wallender se curvaram num sorriso dissimulado. Vamos, não comece a ter maus pensamentos, detetive Erie. Ela precisava de um homem em casa e encontrou um. É compreensível. As pessoas se sentem solitárias. Conheço um pouco disso também. Não é fácil viver sozinho.

Erie tentou retribuir o sorriso mas viu que não conseguia. Sua boca, todo o seu rosto, estavam rígidos, mortos.

— Não estou com pensamentos maus, Sr. Wallender. Estou apenas curioso. É o meu trabalho.

— Claro, claro, eu entendo. Acho que sou curioso também. Só que quando é um vizinho que se sente curioso, as pessoas chamam de intromissão.

— Já falou com o garotão da Sra. Korfmann?

— Bem, eu tentei. Não é um sujeito muito falante. Fui lá uma ou duas vezes puxar conversa quando o vi mexendo na sua picape.

Não tinha muito a dizer. Na verdade, me lembra muito Joel — o Sr. Korfmann.

— Chegou a pegar o seu nome?

— Ray. Não mencionou o sobrenome. Trabalha na DeRogatis Ford como mecânico — e o velho sorriu de novo. — Foi tudo o que consegui arrancar dele, chefe. Se quer que eu tente de novo, talvez consiga o seu número da previdência social para o senhor.

Erie finalmente recuperou a capacidade de devolver um sorriso.

— O senhor é uma figura e tanto, Sr. Wallender.

— Seguramente sou — disse o velho com um orgulho óbvio. — Só gostaria que mais pessoas soubessem disso.

**10h43 AM:** Erie estava de volta ao seu carro, de novo com a perspectiva de ter de voltar ao distrito, de passar a tarde matando o tempo, o anoitecer matando o tempo, os anos matando o tempo até que o tempo finalmente o matasse.

Pensou em Candace Korfmann. Seu olhar vago, o jeito como ficara afastada da luz, seu olho roxo. Tentou não ter maus pensamentos em relação a Ray. Mas não pôde evitar.

Tiras bons e assistentes sociais são capazes de cheirar abuso a quilômetros de distância e Erie sentira um bafejo de algo no ar no número 1701 de O'Hara Drive. Talvez não pudesse agarrar um assassino num dia, mas com toda a certeza podia farejar um agressor de mulheres. O que podia fazer a respeito, não tinha a certeza.

Deu a partida no carro e engrenou a marcha. Ao se afastar do meio-fio, notou movimento numa das janelas da casa dos Korfmanns — uma forma escura rapidamente substituída pelo fechamento de uma persiana. Alguém o estivera observando.

Dirigiu até a interseção da Oak Hill Road com a Route 41, a sede da DeRogatis Ford.

**11h10 AM:** Um vendedor caiu sobre Erie antes que ele pudesse saltar do carro.

— Boa tarde amigo! Em que posso lhe ser útil hoje? Erie sacou o seu distintivo.

— Gostaria de ter uma palavra com a pessoa que dirige a sua oficina mecânica.

O suor materializou-se instantaneamente na testa do vendedor.

— Não se preocupe. Estou fazendo uma investigação de rotina. O vendedor ainda parecia tomado de pânico.

— Não tem nada a ver com a DeRogatis Ford — acrescentou Erie. — Estou tentando localizar alguém que pode ser um empregado. Não está em nenhuma encrenca. Como eu disse, é uma coisa de rotina.

O vendedor assentiu com a cabeça e deu a Erie um sorriso que não convenceu.

— Certamente, policial. Ficamos sempre felizes em ajudar os tiras da nossa cidade. Venha por aqui.

O vendedor o levou através do *show room* até uma movimentada garagem. Cerca de oito carros estavam em conserto, alguns com os capôs levantados, outros sobre plataformas hidráulicas. Ao lado da oficina, os fregueses estavam sentados numa sala de espera vendo o Jerry Springer Show. O vendedor apontou para um asiático baixo de meia-idade debruçado sobre o motor de um Escort.

— Aquele é Frank Takarada. Ele dirige as coisas aqui.

O vendedor tirou um cartão do bolso da camisa.

— Se algum dia quiser conversar sobre carros, sou o homem certo. Estou aqui de terça a sábado — apertou a mão de Erie e saiu apressadamente.

Erie embolsou o cartão e se dirigiu a Takarada. O mecânico notou sua chegada e olhou-o meio desconfiado.

— Sr. Takarada, eu poderia ter uma palavrinha com o senhor, por favor?

— Estou muito ocupado. Quem sabe mais tarde?

Às vezes a rotina da exibição do distintivo conseguia resultados rápidos, às vezes — especialmente em lugares públicos cheios de gente — ela só irritava ou embaraçava

as pessoas. Takarada parecia do tipo irritável. Erie inclinou-se perto dele e abaixou a voz.

— Sou detetive da polícia, Sr. Takarada. Prometo que só vou tomar cinco minutos do seu tempo. Tem um escritório onde a gente possa conversar?

Takarada puxou um pano sujo de graxa do bolso e começou a limpar as mãos.

— Vamos — grunhiu. Conduziu Erie até um canto nos fundos da garagem. Peças de automóvel em sacos plásticos pendiam de ganchos numa grande divisória. Takarada contornou-a e Erie o seguiu, encontrando um escritório improvisado completo com mesa, terminal de computador, ventilador e fichários cobertos com montes de papéis amarrotados.

Um grande quadro coberto com ganchos estava preso à parede. Chaves de carros pendiam dos ganchos.

— Então, o que deseja? — perguntou Takarada.

— Gostaria de saber se tem um mecânico aqui com o nome de Ray ou Raymond.

— Não.

Erie sentia-se um pateta. Seguiria um palpite cego, algo que nada tinha a ver com seu trabalho, baseado na memória de um velho recluso decrépito. Ia se desculpar e partir quando Takarada falou de novo.

— Não mais. Tivemos um até poucos meses atrás, no entanto. Ray Long.

— O que aconteceu?

— Tivemos que dispensá-lo — disse Takarada com falsa gentileza. E nada mais disse.

— Isto não é oficial, Sr. Takarada. Só entre mim e o senhor. Pode falar com franqueza.

— OK — disse Takarada, que parecia contente de ter permissão para ser franco. — Ele é um babaca. Sempre foi. Eu o aturei por dois anos e então... — fez um gesto de deixar cair uma bola e chutá-la.

— Quando foi isto?



— Seis semanas, talvez dois meses atrás, mais ou menos.

— O que aconteceu?

— Em vez de chegar atrasado uma vez ou duas vezes por semana, chegava atrasado todo dia. Em vez de vir de ressaca de vez em quando, vinha de ressaca todo dia.

— Como reagiu quando o demitiu?

Takarada riu com amargor.

— Com aquela merda de machismo típico — e sua voz assumiu de repente um sotaque do sul da Indiana: "Oh, é assim, cara? Pois bem, não preciso da porra desse trabalho, de qualquer maneira! Estou com a vida ganha, cara! Por isso, vá se foder!"

Os dedos das mãos e dos pés de Erie começaram a coçar do jeito que sempre acontece quando sente que descobriu algo. Forçou-se a relaxar antes de falar de novo.

— Ele disse "Estou com a vida ganha?"

— Algo parecido, sim.

— Pode me dizer se uma Candace Korfmann teve seu carro consertado nesta oficina nos últimos meses? Ela dirige um Taurus prateado, parece ser de 95 ou 96.

O mecânico pareceu aborrecido.

— Eu teria de verificar isso.

— Eu agradeceria muito, Sr. Takarada. É muito importante.

Takarada suspirou fundo.

— Como se escreve?

Caminhou até o terminal de computador e sentou-se.

A cabeça de Erie estava correndo à frente de Takarada enquanto ele digitava. Os registros da empresa mostrariam que Candace comprara seu carro há cerca de dois meses, talvez três. Raymond Long trabalhara no carro. Ele a notara na sala de espera — não era uma mulher sem atrativos. Chamou-a para mostrar-lhe algo, começou a flertar. Podia sentir que ela era vulnerável. Convenceu-a a marcar um encontro. Descobriu que era viúva. Seu marido

era corretor de seguros. Ela havia recebido uma grande soma de dinheiro quando ele morreu. Raymond Long viu uma oportunidade. Insinuou-se no coração dela, em sua casa. Agora achava que o show era todo seu. Erie ia descobrir um meio de provar que ele estava errado.

— Sim, temos aqui uma Candace Korfmann. Dirige um Taurus 1995, como falou.

— Aparece aí quem trabalhou no carro dela da última vez?

— Claro. Tem as iniciais bem aqui. "R.L."

Erie acenou a cabeça com satisfação.

— Raymond Long. Isso foi por volta de junho ou julho?

— Não chegou nem perto.

— O quê?

Takarada afastou-se do computador.

— Tente maio... do ano passado.

Erie olhou com um ar vago para o mecânico, sua cabeça a mil. Sua teoria de estimação fora derrubada.

Em segundos, outra teoria começou a tomar o seu lugar. Fez um gesto para as chaves no quadro na parede.

— Estas são dos carros no conserto?

— E daqueles esperando lá atrás, sim.

— Chega a receber vans aqui?

Takarada encolheu os ombros.

— Seguramente, de vez em quando.

Erie ruminou sobre aquilo por um momento.

— Mais alguma coisa? — Takarada estava obviamente ansioso para voltar ao trabalho.

— Se pudesse imprimir isso para mim, eu agradeceria.

Antes que Takarada pudesse gemer, suspirar ou rolar os olhos, Erie acrescentou: — E depois eu vou embora. O senhor foi de grande ajuda. Obrigado.

Takarada começou a sentar-se de novo diante do teclado e então parou.

— Pode me dizer? Se Long está metido em alguma encrenca?

Erie deu a resposta segura do tira: — Não, isso é apenas uma investigação de rotina.

Mas sabia que havia problemas a caminho para Raymond Long. Erie esperava entregar pessoalmente antes que o dia terminasse.

**11h44 AM:** Erie almoçou no Denny's do outro lado da rua da concessionária Ford. Um punhado bem considerável de pessoas esperava talvez que aparecesse no Peppy's, a lanchonete dobrando a esquina depois do QG da polícia. Mas ele queria uma oportunidade para pensar.

Seu sanduíche de peru com fritas ficou de lado. A pasta do assassinato de Joel Korfmann estava espalhada na mesa à sua frente.

Erie ficou satisfeito ao ver que o relatório era limpo, meticuloso, preciso. Ele mesmo o preparara alguns meses antes.

Na véspera do Ano Novo, aproximadamente às nove e quinze da noite, Joel Korfmann fora golpeado por algum objeto até morrer em sua casa. A vítima, de quarenta e um anos, era representante dos Seguros da Família Luterana e passara o dia visitando clientes em potencial. No fim da tarde, estivera no escritório cuidando de documentos.

(Em parênteses depois desta informação vinham as palavras "Indicativo do caráter da vítima?" Eram palavras cifradas. O que significavam era "Que tipo de sujeito faz visitas geladas vendendo seguros na véspera do Ano Novo? E depois passa o começo da noite lidando com papelada quando podia estar com família e amigos?") Fitas das câmeras de vigilância mostravam que deixara o trabalho às oito e quarenta e três da noite. Teria levado cerca de meia hora de carro para chegar em casa.

A mulher da vítima, Candace Lane Korfmann, com trinta e oito anos, passara o início da noite com sua irmã, Carol Lane Biggs, e o cunhado, Rudy Biggs. Testemunhas os colocaram no Dew Drop Inn, em Division Street, das oito e meia da noite até meia-noite e meia.

Carol e Rudy Biggs levaram Candace de carro para casa, chegando à meia-noite e cinquenta e cinco. Todos os três entraram na casa. A Sra. Korfmann imediatamente notou que vários itens uma televisão GoldStar, um videocassete Sony, um estéreo Sony estavam faltando. Na cozinha, Rudy Biggs descobriu o corpo de Joel Korfmann. Fora atingido por trás por um objeto grande e pesado. A perícia concluiu depois que ele fora golpeado cinco vezes com a coronha de sua própria espingarda, que também foi dada como desaparecida.

A maioria dos vizinhos dos Korfmann estava fora naquela noite, comemorando o feriado. Mas James Wallender, um senhor idoso que vivia sozinho do outro lado da rua, relatou que viu uma van escura estacionada na rua perto da casa aproximadamente às oito e meia da noite. Depois, Wallender disse que a viu na entrada de carros dos Korfmann. (Entre parênteses aqui: "A testemunha parece ansiosa em auxiliar a investigação." Aquela era a maneira de Erie insinuar que o velho podia não ser a mais confiável das testemunhas. Às vezes pessoas solitárias desejavam tanto agradar que se "lembravam" de coisas que nunca tinham visto.) O relatório concluía que a vítima surpreendera alguém na casa — um indivíduo, ou indivíduos, no processo de roubá-la. Vendo a casa às escuras num feriado, os criminosos deviam ter presumido que os residentes estavam fora da cidade ou passariam a noite toda fora festejando. Era um cenário comum.

Não havia nenhuma prova quando Erie escreveu seu relatório. Não havia impressões digitais, cabelos, marcas de pneus que pudessem ser associadas ao crime e os itens roubados nunca haviam aparecido. E não houvera nenhuma mudança. Erie ainda não tinha nenhuma prova. Mas tinha algo novo — um palpite.

Dirigindo de volta para o QG depois do almoço, seu pensamento concentrou-se em Raymond Long. Ele o via como um caipira de cabelos compridos com braços

musculosos e olhos ferozes. Ele o via matando Joel Korfmann. Ele o via surrando Candace Korfmann, finalmente matando-a num acesso de fúria — ou simplesmente porque estava a fim. Ele via tudo, cristalino em sua mente. Long, o manipulador. Long, o assassino. Joel e Candace Korfmann, as vítimas.

A única coisa que interrompeu esses pensamentos foi uma ideia solta que se esgueirou de outra parte do seu cérebro enquanto manobrava no tráfego da tarde. Era a imagem de carros e caminhões passando para cima e para baixo na Green River Road, deixando atropelados atrás de si no asfalto, à margem da rua, caindo pelas valas.

Esperava que a gatinha preta estivesse a salvo.

**1h10 PM:** No distrito, Erie verificou se "Long, Raymond" tinha uma ficha criminal. Não ficou desapontado. Havia três acusações de perturbação da ordem, duas de espancamento, duas de conduta desordeira, uma de agressão e a inevitável acusação de dirigir alcoolizado e resistir à prisão. Ao longo dos anos ele cumprira um invejável total de quinze meses na prisão do condado de Vanderburgh.

As fotografias surpreenderam, no entanto. Long tinha trinta e sete anos e aparentava cada dia desse tempo. Estava ficando calvo, tinha o nariz achatado e uma queixada.

Não parecia o tipo de jovem demônio bonito capaz de seduzir uma viúva vulnerável — ou candidata a viúva. Erie imaginou que devia ter uma lábia infernal.

Erie voltou ao seu escritório (acolhendo uma quantidade de apertos de mão e capinhas nas costas no trajeto) e começou a telefonar para todas as empresas de guarda-móveis da cidade. As pessoas com as quais falou o conheciam e sabiam o que estava procurando, mas não podiam ajudar. Não, não tinham alugado espaço para um Raymond Long no ano passado. Sim, telefonariam se um Raymond Long aparecesse.

Depois de dizer "Obrigado, passe bem" pela oitava vez, Erie desligou o telefone e deixou seu escritório. Era hora de ter uma conversa com Raymond Long.

**2h17 PM:** Havia algo diferente no 1701 de O'Hara Drive quando Erie se aproximou. Caminhou em direção à casa lentamente, tentando descobrir o que era.

As cortinas ainda estavam fechadas. O Taurus e a picape ainda estavam na entrada de carros. A lata de lixo ainda estava caída de lado na frente da casa.

Caminhava pela entrada passando pela picape quando percebeu o que era. O carro estava salpicado de lama — lama que não estivera lá naquela manhã. Erie atravessou a rua e tocou a campainha de James Wallender.

— Olá, chefe — disse o velho ao abrir a porta. — Estava pensando se o senhor não ia voltar. Por que não entra?

— Desculpe, Sr. Wallender. Não tenho tempo para visitá-lo agora. Só queria perguntar se viu alguma atividade na casa dos Korfmann hoje.

— Bem, devo ter olhado pela janela uma ou duas vezes desde que estive aqui — piscou Wallender. — Espere um minuto.

Arrastou os pés para dentro da casa e voltou um momento depois com um pequeno bloco de anotações seguro por uma mão trêmula. — O senhor saiu daqui aproximadamente às dez e quarenta e cinco da manhã. Por volta das onze aquele sujeito Ray entrou com a sua picape na garagem e fechou a porta. Às onze e vinte ele saiu de novo e ficou fora por algum tempo.

— Havia alguma coisa na picape quando ele saiu?

— Sim. Uma coisa grande e verde.

— Verde?

Wallender checou o seu bloco.

— Sim, verde. Pelo menos foi o que pareceu para mim — e tocou nos seus óculos. — Tenho de ver tudo através destas garrafas de Coca-Cola.

— Podia ser uma lona jogada sobre alguma coisa na caçamba da picape?

Wallender assentiu com a cabeça.

— Claro, podia ser.

— E quanto tempo Ray ficou fora? Wallender consultou seu bloco de novo.

— Quarenta e cinco minutos.

Erie estendeu uma mão. Wallender a apertou.

— Sr. Wallender, pelos poderes em mim investidos pelo estado de Indiana, eu o declaro um agente da polícia júnior.

Wallender sorriu: — Eu sempre disse que queria ser um detetive quando crescesse.

**3h10 PM:** Os sapatos que Erie lustrara tão cuidadosamente naquela manhã agora estavam cobertos de lama, pó de café e misteriosos flocos de sujeira. Suas calças também estavam salpicadas e havia um novo rasgão onde um pedaço de metal rombudo rasgara a perna de sua calça. Até sua gravata começava a cheirar mal.

No começo, havia dois outros fuçadores de lixo, um casal atarracado com barrigas prodigiosas esparramando-se para fora de suas camisetas encardidas. Eles o tinham visto — um homem de meia-idade bem vestido remexendo nas pilhas de lixo do depósito do condado — como se fosse um animal exótico e perigoso caminhando de um lado para o outro numa jaula do zoológico. Guardaram distância e acabaram se mandando numa caminhonete surrada cheia de brinquedos jogados fora, roupas e eletrodomésticos quebrados.

Erie disse a si mesmo que só iria procurar por outra meia hora. Se não conseguisse encontrar nada, voltaria a Pine Hills e teria aquela conversa com Raymond Long.

Não que fosse causar uma impressão muito forte neste estado. Talvez depois de outros trinta minutos chafurdando no lixo cheirasse tão podre que Long confessaria, simplesmente para se livrar dele.

O ridículo da situação o fez sentir saudades de Nancy. Queria voltar para casa e contar a ela tudo o que tinha acontecido. Não podia sequer dizer se o seu último dia fora triste, engraçado, triunfal ou desastroso sem ter o rosto dela como referência.

À distância ouviu o ruído de pneus rolando sobre o cascalho. Mais abutres humanos chegavam à entrada do lixão. Erie ia se aventurar de novo. Pensou em abandonar sua teoria maluca e simplesmente ir para casa tomar um bom e demorado banho.

E foi então que encontrou. Estava debaixo de uma grande caixa achatada de papelão, do tipo que embala as máquinas de lavar. Uma TV GoldStar. A tela fora quebrada e o plástico trincado, mas estava relativamente livre de lama e de limo. Erie verificou a parte de trás. Ainda que alguém tivesse se esforçado para quebrar a televisão e fazer com que parecesse velha, não se dera ao trabalho de raspar o número de série.

Erie remexeu na pilha de detritos mais próxima, jogando para o lado sacos de lixo e caixas com uma energia maníaca. No fundo encontrou um videocassete Sony, a parte de cima esmagada como se alguém tivesse pisado nela. Apanhou a peça e olhou nas costas.

De novo, o número de série ainda estava lá.

Só foi preciso outro minuto cavando para encontrar o aparelho de som. Estava perto, debaixo de uma pilha de jornais. Quase não fora danificado. E ainda havia um número de série nas costas.

Só faltava um item — o mais importante de todos. Assim que o descobrisse, poderia chamar os técnicos da perícia para procurarem digitais e marcas de pneus que combinassem com os da picape de Raymond Long. As marcas deviam estar nas proximidades. Erie virou-se para olhar.

Raymond Long caminhava em sua direção.

— É isso que está procurando? — disse.



Segurava uma espingarda. Estava apontada para Erie. Seu dedo estava no gatilho.

No tempo que levou para Long dar mais dois passos, Erie estudou cinco diferentes opções: mergulhar, rolar e sacar sua arma; partir para cima de Long e apanhar sua espingarda; colocar as mãos para cima e fingir ignorância; colocar as mãos para cima e tentar convencer Long a se entregar; correr como um louco. Aqueles poucos segundos eram tudo de que Erie precisava para saber que todas as suas opções não valiam nada. Mas escolheu uma, de qualquer maneira. Ergueu as mãos e começou a falar.

— Não faça nenhuma besteira, Ray. Um monte de pessoas sabe onde estou. Se alguma coisa acontecer comigo, vão saber exatamente o que fazer.

Long parou a uns sete metros de Erie. Àquela distância não havia muita dúvida sobre o resultado de um balaço.

— Tudo bem, quando vierem atrás de mim já vou estar a quilômetros de distância.

Sua voz estava cheia da bravata do machão raivoso. Mas Erie podia ver o suor no seu rosto, as manchas de umidade nas axilas da sua camiseta.

Erie sacudiu a cabeça.

— Não vai dar para você. Aonde quer que vá. Assassinos de tiras nunca se safam. Outros tiras vão reagir pessoalmente. Você vai acabar de volta a Indiana para enfrentar uma acusação capital de assassinato.

— Não está querendo dizer duas acusações capitais de assassinato? — Long escarneceu. Tinha um bom rosto para o sarcasmo. Parecia que vinha praticando aquilo ao longo dos anos.

— Devia parar de falar, Ray. Devia largar esta arma e deixar que eu leve você. É o que um advogado diria para você fazer. Você ainda não cruzou a linha, você ainda não se desgraçou. Se largar a arma agora, a coisa ainda poderia funcionar para você e Candace.

Erie soube instantaneamente que tinha cometido um erro. Assim que disse Candace, o escárnio de Long se transformou num esgar de ódio. Erie apertara o botão errado.

Agora tinha que tentar se esquivar.

Erie jogou-se para a esquerda, girando no meio do voo para receber o chumbo grosso nas costas, nas nádegas ou nas pernas em vez de no rosto e no peito. Houve uma explosão e uma dor lancinante percorreu o lado do seu corpo. Mas não era tão ruim a ponto de fazê-lo parar. Rolou para o lado e apoiou-se com a arma apontada para Long.

Mas Long não estava mais em pé ali. Estava caído no chão. Erie observou-o por um segundo, perplexo. Long não se mexia.

Erie ficou em pé e estremeceu quando um relâmpago de agonia atingiu um ponto familiar: sua acrobacia forçara demais a parte inferior das costas, já comprometida.

Manquejou até Long, cada passo irradiando dor para a sua espinha.

Long era uma massa de sangue. E estava morto.

Erie adivinhou que ele havia entortado o cano da espingarda ou bloqueado a câmera quando massacrara Joel Korfmann com a coronha. Podia até ter usado a arma para arrebentar a TV, o videocassete e o estéreo. E quando tentou atirar em Erie, a espingarda explodiu, lançando estilhaços de metal e madeira em todas as direções — mas principalmente no corpo de Long.

Erie verificou o lado direito da barriga, onde sentira a fisgada um momento antes. Fora ferido, mas não pelo chumbo grosso ou por estilhaços. Sua camisa estava rasgada e um talho pequeno e superficial estava sangrando no algodão branco. Quando pulou, devia ter caído sobre algo pontiagudo.

Começou a caminhar, muito, muito lentamente até o carro, tentando se lembrar da última vez em que tomara uma injeção antitetânica.

**3h55 PM:** Um carro da patrulha o esperava no 1701 de O'Hara Drive quando chegou, como pedira ao distrito.

— Pô, Larry, onde foi que o furacão te pegou? — um dos oficiais lhe perguntou enquanto manquejava até o carro.

— Bem em cima de mim. Não dá para ver?

— Qual é a história? — perguntou o outro tira.

— Preciso encontrar alguém para fazer algumas perguntas. Não espero nenhuma confusão, mas gostaria de um apoio por simples prevenção. Podem ficar por aí de olho aberto?

— Ficar por aí de olho aberto — disse o primeiro tira, prestando a Erie uma continência. — É o que eu faço melhor.

Erie caminhou até a casa e tocou a campainha. Candace Korfmann abriu a porta quase imediatamente.

— Estava à sua espera — disse ela. Usava jeans e suéter de malha do River City Community College. — Estou pronta para acompanhá-lo.

Deu um passo para fora da casa, fechou a porta da frente e passou roçando por Erie.

— É o seu, não é? — perguntou, apontando para o carro de Erie.

— Sim.

Caminhou até o carro rapidamente. Erie a seguiu.

— Quer que sente na frente ou atrás? — perguntou.

— Na frente está bem.

A Sra. Korfmann abriu a porta e entrou no carro. Erie deslizou cautelosamente para o assento do motorista e acionou a partida. Deu aos tiras que o observavam do seu carro de patrulha um sinal de "tudo sob controle".

— Espero que não tenha se machucado — disse a Sra. Korfmann enquanto Erie afastava o carro do meio-fio.

— Não está sob detenção, Sra. Korfmann. Eu a estou levando para um depoimento, é tudo. Não tem que dizer nada que não queira.

— Ele morreu?

Erie tirou os olhos da estrada por um momento para observá-la.

— Sim, Raymond Long está morto. Morreu há cerca de meia hora.

Ela gemeu. Por um longo trecho de estrada rolou em silêncio.

— Foi culpa dele próprio — anunciou ela subitamente. — Ele se matou quando puxou aquele gatilho.

Não olhou para Erie enquanto falava. Olhou direto para a frente, sem piscar.

— O que quer dizer?

— Enchi o cano com calafate na semana passada — e ela ainda olhava para o vazio, mas as lágrimas começaram a correr por suas faces. — Tinha medo de que a usasse contra mim.

— Ele era violento?

— Sim.

Erie deu outra olhada para ela. As lágrimas ainda escorriam, mas seu rosto estava impassível, sem expressão.

— Era o seu amante — disse.

— Sim.

— Ele matou seu marido.

— Sim — ela replicou sem hesitar.

— Usou a van da DeRogatis Ford para simular um assalto.

— Sim.

— Tirou as coisas de casa e as trouxe quando se mudou para morar com a senhora.

— Sim — cuspiu a palavra desta vez. — Aquele idiota.

— A senhora vai repetir isso quando chegarmos à delegacia? Num depoimento formal?

— Sim.

Outro quilômetro rolou debaixo das rodas antes que Erie falasse de novo.

— Por que embarcou nessa história? — disse. — A senhora o amava?

A Sra. Korfmann finalmente se virou para encará-lo. Naquela manhã ela o fizera lembrar de Nancy. Mas qualquer lembrança que tivesse visto nela desaparecera agora, esmagada com o resto do espírito dela.

— Joel também me surrava — disse ela. — Ray falou que ia me proteger.



**5h25 PM:** Ela repetiu tudo no depoimento, como tinha prometido. Erie ficou na sala de interrogatório apenas o suficiente para se certificar de que estava tudo gravado.

Mas deixou Dave Rogers preparar o depoimento dela e pegar sua assinatura. Simplesmente ficou em pé e disse: "Estou cansado, Dave", e foi embora.

Hal Allen o esperava do lado de fora.

— Eu nunca poderia imaginar — disse Allen. — Você vem escondendo o jogo da gente esses anos todos. Se eu soubesse que era capaz de resolver um caso de homicídio todo dia, nunca o teria deixado se aposentar.

— Agora é tarde demais, chefe — replicou Erie. — Tudo bem se eu for para casa?

— Num segundo. Queria vê-lo no fim do dia, está lembrado?

— Oh, está certo. Acho que precisa disso — Erie tirou o distintivo do cinto e entregou-o a Allen. — E isso — tirou o revólver do coldre e o entregou também.

— Bem, sim, vamos precisar — e Allen colocou os objetos no seu bolso do paletó. — Mas não é por isso que eu

queria vê-lo. Você ainda tem um daqueles cartões de Julie Rhodes, a conselheira de pessoas que sofrem?

— Tenho.

— Podia me dar um deles?

Erie puxou um dos cartões. Entregou-o a Allen, que o observou por um momento antes de devolvê-lo.

— Tome — disse Allen. — Acho que você podia usar isso.



**5h50 PM:** Erie parou num mercado a caminho de casa. Pegou o vinho tinto mais barato e colocou quatro garrafas no carrinho.

Mas, a caminho do caixa, mudou de ideia.

Encontrou o setor de Alimentos de Animais e pegou um saco de ração de gato, uma dúzia de latas de comida de gato e colocou no carrinho. Deixou três garrafas de vinho na gôndola ao lado dos acepipes felinos.

Ao chegar em casa, abriu uma das latas de comida de gato e colocou o conteúdo num prato pequeno. Levou o prato para a varanda da frente com seu vinho, um copo e um abridor de garrafas. Colocou o prato na calçada ao lado da entrada de carros e então relaxou, sentando-se no primeiro degrau da varanda.

Abriu o vinho e esperou.



CLARK HOWARD

## Sob suspeita

Frank Dell entrou no Three Corners Club pouco depois das cinco, como geralmente fazia todo dia, e sentou-se na extremidade do bar. O *barman*, ao vê-lo, preparou, sem que ele pedisse, um gim Tanqueray duplo sobre dois cubos de gelo com duas azeitonas grandes e colocou-o à sua frente sobre um descanso de cortiça. No meio do bar, Dell viu dois assaltantes sem grande importância dos quais se lembrava de algum lugar e começou a olhar para eles sem tocar no seu drinque. O olhar de Frank Dell era glacial e firme. Depois de três minutos desconcertantes, os dois assaltantes pagaram seus drinques e saíram. Só então Dell ergueu o seu copo.

Tim Callan, o dono do bar, aproximou-se e sentou-se à frente de Dell.

— Bem, estou vendo que me custou mais dois fregueses, Frankie — disse com ironia.

— Desordeiros — replicou Dell. — Estou só o ajudando a manter o local respeitável, Timmy.

— Traga alguns de seus camaradas da polícia para beberem sugeriu Callan. — Isso vai me manter respeitável e lucrativo.

— Não pode se queixar de lucros — disse Dell. — Não com aquele pôquer da madrugada que rola no apartamento aqui em cima.

Callan riu.

— Ah, Frankie, Frankie. Resposta rápida a vida inteira. Devia ter sido advogado. Até meu velho, que descanse em paz, costumava dizer isso.



— Não sou desonesto o bastante para ser advogado — disse Dell, bebericando o seu drinque.

— Não é desonesto o bastante! Você não é nem um pouco desonesto, Frankie. E talvez o tira mais correto de Chicago — Callan inclinou-se para a frente apoiado num cotovelo. Há quanto tempo nos conhecemos, Frank?

— O que é que tem em mente, Tim? — perguntou Dell com conhecimento de causa. Reminiscências, ele aprendera, frequentemente levam a outras coisas.

— São trinta anos, já se deu conta disto, Frank? — replicou Callan, ignorando a suspeita de Dell. — O primário na escola de St. Mel, lá no West Side.

— O que é que tem em mente, Tim? — a expressão de Dell endureceu um pouco. Detestava fazer a mesma pergunta duas vezes.

— Lembra-se da minha irmã caçula, Francie? — perguntou Callan, baixando a voz.

— Claro. Garotinha simpática. Cabelos cor de cenoura. Sardas. Oito ou dez anos mais nova que nós.

— Nove. Agora ela tem vinte e sete. Casou-se com aquele carcamano há poucos anos, o nome dele é Nicky Santore. Mudaram-se para Milwaukee onde o tio do cara conseguiu emprego para ele numa cervejaria. Bem, começaram a ter problemas. Você conhece esses italianos, são todos Don Juans, correndo atrás de garotas o tempo todo...

— Direto ao assunto, Tim — disse Dell. Ele detestava floreios.

— OK. Francie o deixou e voltou para morar com meu irmão, Dennis — você conhece, o do corpo de bombeiros. Pois bem, depois que voltou, descobriu que estava grávida.

Então Nicky soube e voltou também. O cara implora a Francie para aceitá-lo de volta e ela aceita. Ora, o único emprego que consegue aqui é como frentista no posto de gasolina da Texaco, que só paga um salário mínimo. Ele anda preocupado com as contas do médico e tudo o que

tem a ver com a chegada do bebê e por isso concorda, em troca de uma comissão, em deixar um primo dele usar o depósito do posto para guardar produtos roubados. Tudo corre bem por algum tempo, mas então o primo é apanhado e leva os tiras ao posto. Encontram um monte de laptops. Nick é acusado como receptor de propriedade roubada. Vai apresentar-se para uma audiência preliminar dentro de três semanas.

— Vida dura — comentou Dell, bebericando de novo. — Mas pode ficar em liberdade condicional, se não tiver antecedentes.

— Mas ele tem um antecedente — disse Callan, olhando para o balcão.

— O que é?

— Roubo. Ele e o mesmo primo assaltaram alguns quartos de hotel no Hilton quando trabalhavam lá como mensageiros. Anos atrás. Os dois pegaram condicional por causa disso.

— Então tem a perspectiva de pegar entre um e quatro anos neste outono — disse Dell.

Callan engoliu em seco.

— Pode me ajudar a sair dessa, Frankie?

Dell olhou duro para ele.

— Você não quer que eu ajude você, Tim. O que quer é que eu ajude Nicky Santore. Que acha que posso fazer?

— Dar sua referência pessoal em favor dele.

— Está falando sério? Quer que eu procure um assistente da promotoria que cuida de um caso de receptação de propriedade roubada e me comprometa pessoalmente por um carcamano com antecedentes criminais que eu sequer conheço?

— Frank, é por Francie...

— Não, não é. Se Francie fosse acusada, eu a tiraria dessa em um minuto. Mas não é Francie, é um fracassado barato com quem ela se casou.

— Frank, por favor, escute...

— Não. Esqueça.

Houve um zunido suave no pager preso ao cinto de Dell. Colocando a mão sob o paletó, ele pegou o aparelho e deu uma olhada. Era uma chamada de emergência do distrito de Lakeside, no South Side da cidade, onde estava destacado.

— Tenho de responder a isso — falou a Callan. Tirando um telefone celular do bolso do paletó, abriu-o e discou um dos números do distrito que não constavam da lista.

Quando alguém respondeu, ele disse: — Aqui é Dell. Recebi uma mensagem 911.

— Sim, é do capitão Larne. Aguarde na linha.

Um momento depois, uma voz mais velha e rouca falou.

— Dell? Mike Larne. Onde está Dan? — perguntou por Dan Malone, o parceiro de Dell, um viúvo na casa dos cinquenta anos.

— Provavelmente em casa — disse Dell ao capitão. — Eu o deixei lá há menos de uma hora. Qual é o problema, capitão?

— Edie Malone foi encontrada morta em seu apartamento faz pouco tempo. Parece que foi estrangulada.

Dell não falou nada. Congelou, absolutamente imóvel, o pequeno fone no ouvido. Edie era a única filha de Dan.

— Dell? Ouviu o que falei?

— Sim, ouvi. Capitão, eu não posso contar a ele...

— Não vai ter de contar. O capelão do departamento e o padre da paróquia de Dan ficam com este trabalho sujo. O que quero que faça é que me ajude a impedir Dan de chegar a extremos por causa disso. Sabe como ele é. Não queremos vê-lo transtornado e achando que é ele quem vai resolver isto sozinho.

— Que quer que eu faça?

— Vou designá-lo em serviço provisório junto à equipe de homicídios que trabalha no caso. Se Dan souber que você está nele, pode se acalmar. Entende a minha posição?

— Sim, senhor.

Dell estava ainda congelado, imóvel.

— Anote este endereço — disse. Dell se animou, pegando uma pequena caderneta espiral e uma esferográfica do bolso da camisa. Anotou o endereço que Larne lhe dera.

— Os rapazes de homicídios só estão lá há pouco tempo. Kenmare e Garvan. Conhece?

— Conheço Kenmare, ligeiramente. Sabem que estou indo?

— É claro. Tudo isto foi aprovado pelo quartel-general. Larne fez uma pequena pausa e então disse: — Você conhecia a garota, não?

— Sim, senhor.

— Bem — Larne suspirou fundo. — Detesto fazer isto com você, Frank...

— Tudo bem, capitão. Eu entendo.

— Ligue para minha casa depois.

— Certo.

Dell fechou o telefone e colocou-o de novo no bolso. Afastou-se do bar e saiu do clube sem nenhuma palavra para Tim Callan.

O endereço de Edie Malone era um dos novos prédios da moda, apartamentos remodelados de velhos blocos comerciais no North Side. O sexto andar fora isolado para permitir que apenas moradores daquele andar deixassem o elevador, com a recomendação de que fossem direto para o seu apartamento. O apartamento de Edie Malone estava assinalado como uma cena de crime. Além dos detetives da homicídios Kenmare e Garvan, havia ali meia dúzia de policiais uniformizados guardando os corredores e escadarias, pessoal do laboratório criminal da cidade dentro do apartamento e um legista assistente e membros do necrotério do condado de Cook esperando para transportar a vítima até o complexo hospitalar do condado para uma autópsia.

Quando Frank Dell chegou, Kenmare e Garvan o levaram ao quarto de dormir para ver o corpo. Edie Malone usava uma suéter de algodão branca com os dizeres MONICA PARA PRESIDENTE e um short de retalhos de brim. Descalça, estava deitada sobre as costas, os cotovelos dobrados, as mãos a poucos centímetros das orelhas, os pés separados como se estivesse descansando, os cabelos ruivos compridos espalhados no tapete felpudo como tinta esparramada. Seus olhos estavam arregalados num rosto inchado, o pescoço enlaçado por feias marcas roxas. Olhando para ela, Dell teve de reprimir as lágrimas.

— Acho que você a conhecia, a filha do seu parceiro e tudo mais — disse Kenmare. Dell concordou com um aceno de cabeça.

— Quem a encontrou?

— O síndico do edifício — disse Garvan. — Ela não apareceu no trabalho hoje e não respondeu ao telefone quando seu chefe ligou. Então uma colega ficou nervosa com aquilo e disse ao chefe que a vítima tinha acabado de romper com um sujeito e temia que ele fosse reagir com violência. Finalmente foram até lá e convenceram o síndico a dar uma olhada no apartamento.

O chefe e a colega estavam no escritório dele quando chegamos lá. Nós os interrogamos brevemente e mandamos para casa. Foram instruídos a nada dizer a respeito até que a gente fale com eles amanhã.

Os três detetives foram à cozinha e sentaram-se na mesa de Edie, onde os dois da homicídios continuaram passando suas anotações para Dell.

— O legista diz que parece que estava morta há dezesseis ou dezoito horas, o que significaria que aconteceu no final da noite ou no início da madrugada — disse Garvan.

— Trabalhava para a agência de publicidade Able, Bennett e Crain, no Loop — disse Kenmare, fazendo uma

pausa e acrescentando: — Talvez você já saiba muita coisa sobre ela, contada pelo seu parceiro.

Dell sacudiu a cabeça.

— Dan e a filha estavam afastados há algum tempo. Ele não aprovava o estilo de vida de Edie. Ele e a mulher fizeram economias durante anos para mandá-la à Universidade de Chicago para que se tornasse professora, mas aí a mulher de Dan morreu e pouco depois Edie deixou a universidade e saiu de casa para ficar por conta própria.

Dan não falava muito sobre ela depois disso.

— Mas o capitão Larne ainda acha que Dan poderia atropelar a hierarquia e querer resolver o caso sozinho?

— Claro — Dell encolheu os ombros. — Claro, ainda era sua filha, sua única herdeira.

— OK — disse Kenmare —, vamos lhe passar toda informação, então. O chefe dela era Ronald Deever, um dos executivos da agência de publicidade. A colega que lhe deu a dica sobre o ex-namorado é uma redatora chamada Sally Simms.

— Ela sabia o nome do cara? — perguntou Dell.

— Sabia — e Kenmare virou uma página do seu caderninho. — Bob Pilcher. É uma espécie de caipira. Trabalha como leão de chácara numa daquelas danceterias em Hee-Haw.

Essa dona, Simms, o encontrou uma ou duas vezes em saídas com a vítima.

Fechou o caderninho.

— É o que temos até agora.

— E para onde vamos a partir daqui? — perguntou Dell. Kenmare e Garvan trocaram olhares.

— Ainda não traçamos um plano — disse o primeiro. — Você foi designado por um capitão de distrito, com aprovação do QG e consentimento de nosso próprio comandante e a vítima é filha de um tira veterano que é o seu parceiro sênior. Vamos ser honestos, Dell: Não temos muita noção da sua agenda aqui.

Dell sacudiu a cabeça.

— Sem agenda — disse. — Estou aqui para causar uma boa impressão em Malone, de modo que ele possa atravessar esta coisa tão tranquilamente quanto possível. Mas o caso é de vocês. Só quero que os dois me digam no que posso ajudar e faço o que disserem. Ou simplesmente vou ficar por aí e observar, se é o que querem. Vocês decidem.

Kenmare e Garvan olharam um para o outro por um momento e depois os dois acenaram a cabeça.

— OK — disse Kenmare — podemos conviver com isso. Vamos trabalhar juntos no caso.

Os dois detetives de homicídios apertaram a mão de Dell, a primeira vez que o faziam. Então Kenmare, que era o policial mais velho, disse: — Vamos alinhar o caso. A primeira coisa é revistar o quarto assim que o corpo tenha ido embora e os sujeitos da perícia tenham encerrado o seu serviço. Talvez a gente tenha sorte, encontre um diário, cartas de amor, coisas assim. Você revista o quarto, Frank. Você a conhecia; poderia tropeçar em algo que nós não acharíamos importante. Enquanto faz isso, nós revistamos este andar, o andar de cima e o andar de baixo, falando com os vizinhos. Mandaremos policiais de uniforme fazerem o mesmo nos outros andares. E então nos reagrupamos.

Decidido isto, os detetives foram em frente.

Passava das dez quando se reencontraram.

— O quarto? — perguntou Kenmare. Dell passou para ele um pequeno caderninho vermelho de endereços.

— Só isso. Parece velho. Um monte de nomes da vizinhança onde Dan ainda mora. Nenhuma das novas linhas telefônicas nele.

— Só isso?

— Tudo o mais me pareceu normal — Dell acenou com a cabeça. — Roupas, maquiagem, uns dois romances em edição de bolso, Valium e pílulas anticoncepcionais no

armário de remédios, esse tipo de coisa. Mas eu me sentiria melhor se um de vocês fizesse uma revista complementar.

— Boa ideia — e Kenmare fez um gesto a Garvan, que entrou no quarto.

— Os vizinhos? — perguntou Dell.

— Bulhufas — disse Kenmare.

Kenmare e Dell rodaram pela sala de estar e pela pequena cozinha, estudando tudo de novo, até que Garvan voltou do quarto e anunciou: — Está limpo.

Então os homens se sentaram de novo ao redor da mesa da cozinha.

— Vamos alinhar o dia de amanhã — disse Kenmare.

— Dell, você e eu vamos trabalhar juntos enquanto Garvan assiste à autópsia; ele também pode trabalhar com alguns dos nomes no caderninho de endereços pelo telefone, antes e depois. Nós vamos visitar Ronald Deever e Sally Simms na agência de publicidade, talvez entrevistar alguns dos outros funcionários também. Temos de localizar este cara, o Pilcher, também. Vamos nos encontrar às sete para o café da manhã e ver se há algo mais que a gente precise fazer antes disto. Frank, existe uma pequena lanchonete chamada Wally's quase na esquina da Décima terceira com a State. Podemos comer e depois caminhar até o QG e colocar uma mesa provisória para você em nossa baia.

— Parece uma boa ideia — disse Dell.

Kenmare deixou um policial uniformizado na porta do apartamento de Edie Malone, um em cada extremidade do corredor do sexto andar, um no elevador e dois na entrada do prédio. Quando os detetives se despediram do lado de fora, Dell seguiu de carro até o South Side, onde morava. Quando entrou em seu próprio apartamento, pouco depois da meia-noite, ligou para a casa de Mike Larne.

— É Dell, capitão — disse quando Larne atendeu, sonolento. Como está a coisa? — perguntou Larne.

— Nada boa — respondeu Dell. — Só uma possível pista até agora: um ex-namorado que ameaçou dar uma surra



nela. Vamos começar um trabalho mais aprofundado amanhã.

— Ela foi estuprada?

— Não parecia.

— Graças a Deus por isso, pelo menos.

— Vou colocá-lo a par com certeza depois da autópsia.

— Está bem. Como está se entendendo com Kenmare e Garvan? Encontrou alguma resistência?

— Não, está tudo bem. Eles são legais. Vão me dar uma mesa provisória na cidade amanhã. E Dan, como vai?

— O pobre homem está completamente arrasado. O capelão e o padre da paróquia conseguiram embriagá-lo e o botaram na cama. Jim Keenan e alguns dos rapazes vão ficar na casa até que as irmãs de Dan cheguem da Flórida. Ouça, vê se dorme um pouco. Falo com você amanhã.

— OK, capitão.

Dell desligou e foi direto ao armário onde guardava sua garrafa de gim.



Na agência de publicidade Able, Bennett e Crain no dia seguinte, no quadragésimo andar de um edifício no Loop, Kenmare estava sentado no escritório de Ronald Deever para entrevistá-lo, enquanto Dell conversava com Sally Simms num canto da cantina da firma. Sally era uma loura esperta que criava textos para uma conta de uma empresa de produtos dentais. Contou a Dell que Edie fora contratada pela empresa há cerca de oito meses como

recepcionista e era querida por todos que trabalhavam com ela.

Sally saía com ela em programas de dois casais uma meia dúzia de vezes, duas com o homem chamado Bob Pilcher.

— Ele é da Carolina do Norte e fuma sem parar — disse. — Esta foi a razão principal por que Edie deixou de sair com ele. Não gostava de fumantes. Dizia que beijá-lo era como lamber um cinzeiro.

— Qual é o nome do clube onde ele trabalha? — perguntou Dell.

— Chama-se Memphis City Limits. Uma espécie de estabelecimento caipira. Em Fullerton, perto de Halsted.

— Por que disse ao seu chefe que receava que Pilcher pudesse machucar Edie?

— Foi o que Edie me falou. Me contou que Bob disse a ela que não estava acostumado a ser chutado por uma mulher e que talvez ela precisasse de algumas pancadas para entrar na linha. Edie não tinha certeza se ele falava sério, mas eu sim. Quero dizer, este é o tipo de cara que não anda, simplesmente, mas se pavoneia. E usa aquelas Wranglers realmente apertadas para exibir o seu equipamento. Tem cabelos bem ondulados e um pequeno cacho sempre cai sobre a testa. Para mim, é definitivamente o tipo de cara que bateria numa mulher. Falei a Edie que ela se daria melhor saindo com sujeitos como Bart Mason.

— Quem é ele? — perguntou Dell.

— Bart? É um jovem executivo simpático que trabalha para a sede de uma companhia de seguros no vigésimo segundo. Eles saíram juntos por um tempo, mas se separaram quando Edie começou a andar com outro sujeito.

— Com quem ela começou a sair?

Sally encolheu os ombros.

— Não sei. Ela saiu com vários caras.

— Já contou a Bart Mason que Edie morreu?

— Não. Aquele detetive no escritório de Ron Deever disse para não contarmos nada.

— Agradecemos por não ter contado — disse Dell. — Além deste Bart Mason, sabe de mais algum homem neste edifício que estivesse saindo com Edie?

— Não — disse Sally, sacudindo a cabeça.

Neste momento Kenmare entrou na sala. Não falou nada, sem querer interromper o andamento da entrevista de Dell. Mas Dell se levantou, dizendo:

— OK, muito obrigado, Srta. Simms. Entraremos em contato se precisarmos de mais alguma coisa.

— Ainda preciso guardar silêncio a respeito? — perguntou Sally.

— Não, já pode falar. Vai estar nos jornais da tarde, de qualquer maneira. Mas não ligue para Bart Mason ainda. Queremos falar com ele antes.

Quando Sally deixou a sala, Dell disse a Kenmare: — Bart Mason, o cara trabalha para uma companhia de seguros no vigésimo segundo, costumava sair com Edie. Supostamente ainda não sabe que ela morreu.

— Vamos ver — disse Kenmare. Descendo no elevador, Dell perguntou: — Algo com Deever?

— Nada de interessante.

A companhia de seguros ocupava todo o vigésimo segundo andar e os detetives fizeram que uma recepcionista os levasse à sala de Bart Mason sem serem anunciados. Uma vez lá, Kenmare agradeceu à moça e fechou a porta atrás deles. Identificaram-se e Kenmare disse: — Sr. Mason, conhece uma mulher chamada Edie Malone?

— Claro. Trabalha para uma agência de publicidade no quadragésimo — disse Mason. — Saíamos juntos.

Era um jovem de aparência agradável, correto como um instrutor de ordem unida. — Por quê, qual é o problema?

— Foi encontrada morta no seu apartamento.

— Edie?

A cor se esvaiu do rosto de Bart Mason e seus olhos se arregalaram.

— Não posso acreditar...

— Pode nos dizer onde esteve durante as últimas quarenta e oito horas, Sr. Mason?

Mason olhou incrédulo para eles.

— Edie... assassinada...?

— Precisamos saber onde esteve nos últimos dois dias — disse Kenmare.

— O quê? Oh, claro.

Mason pegou o telefone e discou uma extensão de três números. Quando sua chamada foi atendida, disse: — Jenny, poderia vir ao meu escritório agora? É importante. — Quem era? — perguntou Dell quando Mason desligou.

— Minha noiva. Jenny Paula. Trabalha na seção de pagamentos de seguros. Vivemos juntos. Estamos juntos o tempo todo: tomamos o café da manhã juntos, chegamos ao trabalho juntos, almoçamos, voltamos para casa, jantamos, dormimos juntos. Não nos separamos desde uma semana atrás, no domingo, quando Jenny foi passar o dia com a mãe.

Tomou fôlego.

— Meu Deus, Edie...

Uma jovem bonita, com um ar italiano, entrou no escritório. Olhou curiosamente para os dois detetives. Mason os apresentou.

— Precisam saber onde estive nos últimos dias — disse ele.

— Mas por quê? — perguntou ela.

— Simplesmente diga a eles onde estive, querida. Jenny encolheu os ombros.

— Comigo.

— O tempo todo? — perguntou Kenmare.

— Sim, o tempo todo.

— Como falei, fazemos tudo juntos — reiterou Mason. — Trabalhamos juntos, fazemos as compras do mercado

juntos, ficamos em casa ou saímos juntos, até tomamos banho de chuveiro juntos.

— Bart! — disse Jenny Paula, envergonhada. — Mas o que é isso tudo, afinal?

— Explico depois. Ela já pode ir embora, policiais?

— Claro — disse Kenmare. — Obrigado, Srta. Paula.

Ela saiu, um pouco agastada, e Kenmare disse a Mason: — Talvez a gente precise falar com ela de novo, com um pouco mais de profundidade.

— Estamos disponíveis, os dois, a qualquer momento — garantiu Mason.

— Quanto tempo namorou Edie Malone? — perguntou Dell.

— Cerca de seis meses, eu acho.

— Eram íntimos?

— Claro — Mason deu de ombros.

— Quando terminaram?

— A certa altura do verão passado. No Dia do Trabalho, eu acho.

— Por que terminaram?

— Edie começou a sair com outro sujeito. Eu não gostava dele. Por isso rompi com ela.

— Sabe quem era o sujeito com o qual ela começou a sair?

— Sim. Ron Deever, o chefe dela na agência de publicidade. Dell e Kenmare trocaram olhares rápidos. Continuaram a interrogar Mason por alguns minutos mais, pegaram o endereço do seu apartamento e saíram.

De volta ao quadragésimo andar, um Kenmare irritado, referindo-se a Deever, disse: — Aquele filho da mãe. Nunca mencionou que saía com ela. Acho que vou massacrar ele e tomar um depoimento formal.

— Vai botar um advogado para cima de você — predisse Dell.

— Pode botar.

Quando voltaram à Able, Bennett e Crain, Kenmare entrou no escritório de Ron Deever de novo, enquanto Dell levava Sally Simms de volta à cantina.

— Sabia que Ron Deever estava saindo com Edie Malone? perguntou sem rodeios. Sally baixou os olhos.

— Sabia.

— Eu lhe perguntei se sabia de outros homens no prédio que tivessem saído com Edie e você disse que não. Por que mentiu?

— Desculpe — disse ela, suas mãos começando a tremer. — Olha só, esse cara é o meu chefe. Sou mãe solteira com um filho pequeno na creche. Não queria correr o risco de perder o meu emprego — e ela começou a querer chorar. — A primeira coisa que ele me perguntou quando vocês saíram foi se lhes contei sobre ele e Edie.

— Por que estava tão preocupado?

— Ele é casado.

— Edie sabia disso quando começou a sair com ele?

— Claro. Esse tipo de coisa não era problema para ela.

Dell suspirou suavemente. Estendendo o braço, afagou as mãos trêmulas da jovem.

— OK, relaxe. Vou dar um jeito de fazer com que Deever saiba que não foi você quem nos contou. Mas se tiver de interrogá-la de novo, não minta para mim a respeito de nada. Entendido?

— Certo — e Sally enxugou os olhos com um lenço de papel. Obrigada, sim?

Dell mandou-a de volta ao trabalho e entrou no escritório de Deever, onde Kenmare fazia uma grave advertência ao executivo.

— Que diabo acha que isso é, um programa de TV? Isso é uma investigação de homicídio, meu senhor! Quando omite informação relevante está obstruindo a justiça!

Virou-se para Dell.

— Ele é casado. Foi por isso que não quis se abrir.

— Também dei um aperto na Srta. Simms — disse Dell. Expliquei a enrascada em que podia se meter por acobertá-lo.

— Muito bem — disse Kenmare —, vamos começar tudo de novo, Sr. Deever, e eu quero toda a verdade, completa, desta vez.

Um Ron Deever trêmulo acenou com a cabeça em sinal de obediência.

Quando voltaram à sala da delegacia de homicídios, Garvan estava à espera deles e uma mesa extra fora instalada para Dell.

— Ela não foi estuprada ou atacada sexualmente — relatou. — A causa da morte foi estrangulamento, por trás. O legista fixou a hora da morte entre nove da noite e uma da manhã. Melhor palpite: entre as onze e a meia-noite.

Jogou a caderneta de endereços de Edie na mesa.

— Tinha razão quanto a isso, Dell: é velho. Algumas pessoas não ouviam falar dela há três ou quatro anos. Aqueles que ainda mantinham algum contato, não sabiam dizer nada sobre sua vida particular. E vocês conseguiram alguma coisa?

— Na verdade, não — disse Kenmare. — Temos um cara que podia escapar enquanto a noiva dormia e ter feito a coisa, mas não é provável. Outro cara, casado, estava no jogo de basquete do filho no começo da noite e depois em casa com a família em Arlington Heights o resto da noite. Um de nós vai ter de sair e entrevistar sua mulher sobre isso esta tarde.

— Deixa comigo — disse Garvan. — Preciso de ar livre depois daquela autópsia. Oh, quase esqueci. — Entregou cinco recados telefônicos para Dell. — Foram mandados de Lakeside para cá. Três são do seu parceiro, duas do seu capitão.

— Se precisar ficar a sós para responder às chamadas — disse Kenmare —, Garvan e eu podemos sair para um café.

Dell sacudiu a cabeça.

— Não há nada que eu não possa dizer na frente de vocês. Os dois estão por dentro da situação.

Podia ver por suas expressões, enquanto discava o número de Mike Larne primeiro, que ficaram contentes por não serem excluídos.

— É Dell, capitão — falou quando Larne atendeu. — Eu lhe disse que telefonaria quando tivesse os resultados da autópsia. Edie não foi estuprada ou coisa parecida.

Alguém a estrangulou por trás, entre as nove da noite de terça-feira e uma da manhã de quarta.

Ouviu por um momento e disse: — Uma ou duas pistas frouxas, é tudo. Muito frouxas. E então: — Sim, ele me ligou três vezes. Acho que é melhor retornar as chamadas.

Ao terminar sua ligação com Larne, Dell discou para a casa de Dan Malone. O telefone foi respondido no terceiro toque.

— Alô.

— Quem fala? — perguntou Dell.

— Quem é você? — perguntou a voz.

— Frank Dell. É você, Keenan?

— Oh, Frank. Sim, sou eu. Desculpe. Não reconheci sua voz. Como é que vai a coisa?

— Muito devagar. Dan me procurou, eu acho. Como está ele?

— Arreventado, por dentro e por fora. Mas os rapazes e eu o mantemos sob controle. E suas duas irmãs estão aqui com ele. Está dormindo agora. É muito importante para ele que você esteja trabalhando no caso, Frank. Ele tem uns dois nomes a serem verificados: ex-namorados de Edie dos quais ele não gostava. Não fosse você estar no caso, Dan provavelmente ia tocar a coisa ele mesmo.

Passando os caras na pistola, talvez.

— Você tem os nomes?

— Tenho, ele deixou aqui ao lado do telefone.

Dell anotou os nomes e pediu a Keenan que dissesse a Dan que ele o visitaria amanhã com um relatório completo



sobre o andamento do caso. Depois de desligar, passou os nomes a Kenmare.

— Ex-namorados — disse. Kenmare passou os nomes a Garvan.

— Comece a checar os caras antes de sair para entrevistar a mulher de Deever. Frank e eu vamos até aquela danceteria, a Memphis City Limits, para interrogar Bob Pilcher. Voltamos a nos encontrar aqui no fim do turno.



A Memphis City Limits só tinha música ao vivo a partir das sete horas da noite, mas já no meio da tarde havia uma jukebox tocando música country e poucas pessoas na pista de dança em torno da qual a boate era disposta. O prédio era uma espécie de um imenso celeiro que fora um mercado de móveis por atacado e depois ficara vazio durante vários anos até que um cérebro empresarial concluiu que poderia haver lucro num clube que atendesse ao grande influxo, na área, de sulistas que vinham em busca de emprego no norte.

Dell e Kenmare encontraram Bob Pilcher bebendo cerveja numa mesa com duas garotas que faziam o gênero vaqueira e um homem corpulento numa camisa de lenhador. Identificaram-se e Kenmare perguntou se podiam falar em particular com Pilcher para fazer-lhe algumas perguntas. Pilcher sacudiu a cabeça.

— Tudo o que quiser saber sobre Edie Malone pode me perguntar aqui na frente de testemunhas.

— O que o faz pensar que é sobre Edie Malone? — perguntou Kenmare.

— Não há nenhuma outra razão para quererem falar comigo. O noticiário da TV ficou passando a manhã toda a história do seu assassinato.

Pilcher falava com um sotaque nasal arrastado que parecia propositadamente exagerado.

— Quando a viu pela última vez? — perguntou Dell.

— Mais ou menos uma semana atrás — e piscou para Dell. — Ela estava viva, também.

— Pode dizer onde esteve nas últimas setenta e duas horas? — Kenmare queria saber, expandindo o período de tempo mais do que precisava para observar a atitude de Pilcher.

— A maior parte do tempo, eu acho — replicou Pilcher. — Estou aqui todo dia exceto os domingos, nunca depois das seis da tarde até a hora do fechamento, às duas da madrugada. Geralmente chego aqui uma ou duas horas antes das seis, como podem ver hoje. Quanto ao resto do meu tempo, teriam que me dar horários específicos e eu veria o que posso dizer.

Sua expressão endureceu um pouco.

— Vou lhes dizer uma coisa, rapazes, estão jogando fora o seu precioso tempo de cana em mim. Eu não apaguei a mina.

— Temos motivo para acreditar que você batia nela de tempos em tempos — tentou Dell.

— E daí? — desafiou Pilcher. — Não podem me prender por isso: ela morreu, cara, que porra!

Tomou um longo gole de cerveja.

— De qualquer maneira, uma das razões por que as mulheres gostam de mim é que eu sou duro com elas. Esta não era diferente das outras.

— Então batia nela?

— Batia, sim. — Pilcher o desafiou, acendendo um cigarro. Vamos lá, faça alguma coisa a respeito, se puder.

— Onde podemos encontrar o seu empregador — perguntou Kenmare — para verificar se esteve aqui nas últimas três noites?

Pilcher deu um sorriso que na verdade era um esgar desagradável.

— Então ela foi apagada de noite, hein? Com toda a certeza, vão ter de acusar outra pessoa.

Acenou com a cabeça para o outro lado do clube.

— O escritório do gerente fica naquela porta à direita do bar.

Pilcher soprou anéis de fumaça na direção dos dois detetives enquanto o deixavam na mesa com seus amigos e iam procurar o gerente do clube. Ele confirmou que Pilcher realmente estivera de serviço de pelo menos as seis até as duas toda noite desde que o clube fechara no último domingo.

— Meu irmão, como eu gostaria de acusar aquele caipira desse crime — Kenmare ruminou enquanto caminhavam de volta para o carro. — Seria capaz de plantar provas falsas para pegar aquele filho da mãe.

— Eu também — admitiu Dell. — Só que não existe nenhuma prova para plantar. E, de qualquer maneira, os horários não combinam. Um estudante do segundo ano de direito conseguiria tirá-lo desta.

Quando voltaram à sala da delegacia, Garvan já estava lá.

— Nada feito — anunciou. — A mulher de Deever diz que ele estava em casa desde cerca de dez e meia, depois do jogo de basquete do seu filho, até a manhã seguinte por volta das oito horas, quando saiu para o trabalho.

Virou-se para Dell.

— E aqueles dois namorados de que o seu parceiro não gostava: um deles está na Marinha, estacionado em Okinawa; o outro se casou, mora no Oregon, e não saiu daquele estado desde julho último. E vocês?

— Pilcher é um canalha, mas seu álibi é seguro — disse Kenmare. Olhou para o relógio. — Vamos encerrar o dia por aqui. Quinta-feira é uma grande noite para minha mulher e eu — disse a Dell. Chamamos uma babá, saímos para jantar num chinês e depois vamos ao cinema.

Dell apenas acenou com a cabeça, mas Garvan disse: — Vá ver um bom filme de tiras esta noite. Algum estrelado por Bruce Willis. Talvez possa receber algumas dicas sobre como ser um detetive.

— Vai se foder, seu novato eterno — disse Kenmare e saiu. Garvan virou-se para Dell: — Pago um drinque para você, que tal Lakeside?

— Por que não? — disse Dell. — Abra caminho, Homicídios.

Às duas horas da manhã seguinte, Dell estava em seu carro, parado na viela de entrada do estacionamento dos fundos da boate Memphis City Limits. Vestia calças escuras e um blusão preto e calçava Nikes pretos. As duas mãos estavam enluvadas e usava um gorro de marinheiro de lã bem baixo na testa e um cachecol escuro em volta do pescoço. O fusível das luzes internas do seu carro fora retirado.

Estava ali há meia hora, observando enquanto os últimos fregueses da noite deixavam a boate, entravam em seus carros e partiam. Às duas e dez só havia poucos carros, pertencentes aos empregados do clube, que se dispersavam para voltar a suas casas. O estacionamento não era muito bem iluminado, mas a porta dos fundos da boate era, por isso ficava fácil distinguir as pessoas que saíam.

Eram duas e quinze quando Bob Pilcher apareceu e caminhou num passo arrogante através do estacionamento até uma picape Dodge Ram. Dell saiu do seu carro sem que a luz acendesse e pisou com seus Nikes rápida e silenciosamente na sua direção, apertando o cachecol na parte inferior do rosto. Quando chegou ao alcance de um braço de Pilcher, falou: — Ei, garanhão.

Pilcher se virou, esboçando um meio sorriso, e Dell o golpeou na face com um porrete de chumbo forrado de couro. Ouviu parte do rosto de Pilcher estalar.

Segurando-o antes que caísse ao chão, Dell arrastou o homem inconsciente para trás da picape, fora de visão da porta dos fundos do clube. Derrubando-o, rolou seu corpo até ficar de rosto para baixo. Puxando os dois braços acima da cabeça, ele apertou as palmas das mãos de Pilcher contra o asfalto, segurou pelo pulso e com o porrete desferiu golpes curtos e agudos para quebrar sistematicamente as quatro juntas superiores dos dedos e a junta superior do polegar de cada mão. Então voltou rapidamente para a viela, entrou no carro e partiu. A coisa toda durou menos de dois minutos.

*Vai levar algum tempo para que você possa bater numa mulher de novo, pensou sinistramente enquanto se afastava. Ou até segurar uma escova de dentes.*

Então pensou: *Esta foi para você, Edie.*



No dia seguinte, Dell foi ao encontro de Dan Malone quando ele veio à agência funerária para ver Edie no seu caixão pela primeira vez. O agente funerário apanhara o corpo dela quando o legista terminou seu trabalho e uma das tias de Edie e duas primas foram à loja Marshall Field e compraram um vestido malva simples para ela ser enterrada com ele.

Havia uma quantidade de tias, tios, primos e outros parentes presentes quando a capela do velório foi aberta e

grupos de vizinhos se reuniam do lado de fora, facilmente superados em número por grupos de policiais, fardados ou à paisana, que haviam conhecido Dan Malone durante todos os seus trinta e dois anos na força, ou parte deles, e tinham vindo de metade dos distritos policiais da cidade para oferecer seus pêsames.

Dell ficou chocado ao ver Dan quando o homem arrasado chegou. Parecia ter envelhecido dez anos nos três dias desde que Dell o vira pela última vez. Dois homens da família o ajudaram a descer do carro e o amparavam na sua caminhada instável na direção da entrada, quando os olhos de Dan caíram sobre Dell e ele se afastou dos parentes, insistindo em conversar um momento com o parceiro. Dell correu até ele, os dois se abraçaram e aproximaram-se do prédio, onde as pessoas abriram um espaço para que falassem a sós.

— Encontrou aqueles dois canalhas cujos nomes Keenan lhe passou? — perguntou Dan roucamente.

— Sim, Dan, mas eles estão limpos — disse Dell. — Não estão nem mais por aqui.

— Tem certeza? Nunca fui com a cara de nenhum dos dois.

— Estão limpos, Dan. Eu lhe garanto. Ouça — disse Dell para amaciá-lo, falando no seu ouvido. — Encontrei um cara. Está limpo quanto ao assassinato, mas surrou Edie algumas vezes.

— O filho da puta. Quem é ele?

Os olhos lacrimosos do homem mais velho flamejaram de raiva.

— Está tudo OK, Dan. Já cuidei dele.

— Cuidou? O que foi que fez?

— Dei um jeito nas suas mãos. Com um porrete.

— Bom, bom — Malone umedeceu os lábios inchados de uísque. — Sabia que podia contar com você, Frankie. Escute, venha comigo lá dentro para ver a minha garotinha.

— Vá com a sua família, Dan. Eu já a vi — mentiu Dell. Não tinha nenhuma intenção de ver o corpo de Edie Malone de novo. Dell gesticulou e vários parentes vieram buscar Dan. Então Dell voltou até um grupo de policiais que incluía Mike Larne, dois tenentes, Keenan e outros camaradas de Dan e um subcomissário. Larne colocou um braço em volta dos ombros de Dell.

— Seja lá o que disse a ele, Frank, parece que ajudou.

— Espero que sim — disse Dell. — Ouça, capitão, acho que vou voltar para a Homicídios.

— Vá, sim — disse Larne. — De volta ao trabalho, garoto. Encontre o patife que causou todo esse sofrimento.



Nos dias que se seguiram imediatamente ao funeral e ao enterro de Edie Malone, os três detetives do caso trabalharam e retrabalharam nas velhas pistas, bem como em umas poucas novas. Um subpromotor estadual, Ray Millard, foi designado para analisar e avaliar as provas à medida que surgissem. Para seu desapontamento, havia pouca coisa de natureza positiva para analisar.

— É tudo muito inconsistente — Millard lhes disse na primeira reunião. Era um advogado jovem, preciso e intenso. — Primeiro vocês têm o sujeito para quem ela trabalhava: um homem mais velho, casado, ocultou a relação quando o questionaram da primeira vez. Álibi sólido para as horas pouco antes, durante e depois do jogo de basquete do seu filho, que ele assistiu na noite do assassinato. Álibi decente para o resto da noite: uma

declaração da mulher de que estava em casa. Poderia ter escapado do seu lar suburbano enquanto todo mundo dormia, dirigido até a cidade e cometido o crime — mas por que teria feito isto e quem vai acreditar nesta tese?

"Segundo, vocês têm o ex-namorado bom moço. Está muito bem com uma nova namorada e os dois têm praticamente os quadris colados: moram juntos, trabalham juntos, se divertem juntos. Novamente, ele poderia ter escapado do seu apartamento por volta da meia-noite quando a noiva dormia, ter ido ao apartamento da garota Malone, a uma distância relativamente curta, e matado ela. Mas, de novo, por quê? Vamos lembrar que foi ele quem a largou, e não o inverso. Inconsistente, muito inconsistente.

"Terceiro, o ex-namorado cara mau. O leão de chácara caipira. Millard fez uma pausa.

— A propósito, eu soube que uma noite depois que vocês o entrevistaram alguém partiu para cima dele fora do clube e quebrou o seu nariz, o osso da face e as duas mãos. Souberam de algo a respeito?

Os detetives encolheram os ombros em sintonia, como se coreografados.

— Não me surpreende — disse Kenmare.

— Nem a mim — disse Dell. — Canalhas da sua laia sempre têm pessoas que não gostam deles.

— Bem, de qualquer modo — o jovem advogado continuou —, o namorado cara mau seria uma beleza no tribunal. Eu podia julgá-lo diante de um júri de seus parentes e provavelmente conseguiria uma sentença de morte — a não ser por uma coisa: ele tem um álibi irrefutável no seu trabalho. De jeito algum poderia se afastar do clube tempo suficiente para fazer a coisa sem que sua ausência fosse notada. Ele é o leão de chácara; tem de estar à vista o tempo todo.

Millard recostou-se na cadeira e tamborilou com os dedos.

— Algo mais rolando? Kenmare sacudiu a cabeça.



— Voltamos a interrogar os vizinhos, mas nada até agora. Tivemos um pequeno momento de empolgação anteontem quando uma velhinha aposentada do edifício da vítima disse que ouvira falar que o síndico fora demitido do último emprego por ter feito sugestões lascivas às inquilinas. Verificamos e não havia nada disso. Acabamos sabendo que a velhinha estava com bronca dele por ter reclamado que o cachorro dela tinha feito sujeira no vestíbulo do prédio algumas vezes.

— Que pena — disse Millard. — O síndico daria um bom acusado. Tinha uma chave do apartamento dela, encontrou o corpo, enfim, tinha tudo na mão. Tudo certo com o álibi dele?

— Certíssimo. Mora com a mulher no segundo andar. Saíram para um cinema, voltaram às onze e foram direto para a cama. Tem uma boa reputação, a não ser com a velhinha do cachorro.

— Tinha de ser alguém que ela conhecia. Nada de estupro, nada de roubo. Este foi um crime pessoal. Ela deixou o cara entrar. Empurrou a pasta através da mesa para Kenmare.

— Encontrem o sujeito e nós vamos espetar a agulha no braço dele.

Os três detetives saíram cedo e foram a um barzinho no Loop, onde se instalaram num reservado dos fundos. Dell podia sentir uma certa tensão, mas não puxou assunto.

Sabia que Kenmare acabaria chegando lá.

— Gostamos de ter você trabalhando com a gente, Frank — o detetive sênior finalmente disse. — Tivemos dúvida quanto à sua designação, mas acabou dando tudo certo.

— Sim, tivemos nossas dúvidas — confirmou Garvan —, mas a coisa acabou funcionando bem.

— Tentei não interferir — disse Dell.

— Não, na verdade você foi de grande ajuda — Garvan lhe assegurou. — Me livrou por uns momentos desse chato — e apontou o queixo para Kenmare.

— Veja só ele — disse o mais velho. — Não fosse por mim estaria dirigindo o trânsito na travessia de rua de alguma escola.

— Qual é o jogo, rapazes? — perguntou Dell, decidindo não esperar.

Kenmare suspirou.

— E um pouco delicado, Frank.

— Sou maior de idade. Chute.

Os dois se inclinaram na direção dele para implicar confidencialidade.

— Naquela primeira noite no apartamento dela, você comentou que Dan Malone e sua filha não se falavam há algum tempo lembrou Garvan.

Garvan acenou com a cabeça.

— Disse que ele não aprovava o estilo de vida dela.

— Disse que não falava muito sobre ela depois que deixou a universidade e foi morar sozinha.

A expressão de Dell ficou tensa e fechada.

— Vocês estão muito próximos de pisar na linha errada — disse calmamente.

— Lamento que você pense assim, Frank — disse Kenmare. — É um passo que tem de ser dado.

Recostou-se na cadeira.

— Sabe tão bem como eu que, se não fosse um dos nossos, ele estaria sob suspeita já no primeiro dia. Assim que decidimos que não houve invasão, nem estupro, nem roubo, teríamos incluído um pai separado da filha em nossa investigação. Mas Garvan e eu esperávamos que surgissem provas conduzindo a outro suspeito. Infelizmente, isso não aconteceu.

— Escute, Frank — disse Garvan aplacando o tom —, não precisa ser uma coisa complicada. Pode ser, digamos, informal.

— Claro — concordou Kenmare, sua própria voz tornando-se também tranquilizadora. — Faça uma visita a

ele. Tome um drinque. Puxe uma conversa trivial com ele. E descubra onde ele estava nas horas críticas, basta isso.

— Claro — disse Garvan — basta isso.

Dell grunhiu baixinho. Como se fosse um passeio enganar daquele jeito um tira veterano de trinta e dois anos na profissão. Tomou um grande gole do seu drinque. Seus olhos fixaram Kenmare, depois Garvan, voltaram a Kenmare e depois fitaram a mesa, onde os dedos de uma das mãos tamborilavam silenciosamente. Finalmente Kenmare quebrou o silêncio.

— Ou vai ser assim, ou então nós dois vamos ter de entrar em campo, Frank. Mas tem de ser feito.

Com um suspiro que veio do fundo do corpo, Dell assentiu com a cabeça.

— Está bem.

A tensão que permeava o reservado deveria ter-se dissipado, mas isso não aconteceu. Dell tornava-se de novo, como no início da investigação, um estranho.

Dan Malone sorriu quando abriu a porta e viu Dell.

— Ah, Frank. Entre, entre. Que bom ver você, parceiro, senti sua falta.

— Também senti sua falta, Dan.

Abraçaram-se brevemente e, Dell sentiu, um pouco tensamente.

— Estava tomando uma cerveja depois do jantar — disse Dan —, quer uma?

— Claro.

— Sente-se no sofá. Vou buscar.

Desligou um jogo de hóquei que passava na TV, apanhou uma bandeja de plástico com os restos de um prato de congelado e levou-a à cozinha. Num momento voltou com uma garrafa aberta de Budweiser.

— Então — disse, passando a cerveja a Dell e sentando-se na sua espreguiçadeira. — Como está indo a coisa?

— Não está indo, Dan. Não está indo a lugar algum — replicou Dell suavemente, quase desanimado.

— Bem, eu imaginava. Caso contrário você me ligaria mais. O caso não está indo para a frente?

— Não. Eu queria vir conversar com você a respeito, mas achei que talvez estivesse com a família hospedada aqui.

— Minhas duas irmãs estiveram aqui por uma semana — disse Dan. — E houve sobrinhas e sobrinhos entrando e saindo como camundongos. Finalmente eu me enchi deles e despachei todos. Então meu telefone começou a tocar o dia inteiro e eu o tirei da tomada só para conseguir um pouco de paz e sossego. Acho que todos imaginam que eu seja um suicida ou algo assim.

— E você é? — perguntou Dell. Dan deu-lhe um longo olhar.

— Não. Algum motivo por que devesse ser? Dell encolheu os ombros.

— Às vezes coisas assim são difíceis de superar. Certas pessoas querem resolver a coisa da maneira rápida.

— Não é o meu caso — disse o homem mais velho. — Perdi Edie muito tempo atrás, Frank. Acho que provavelmente comecei a perdê-la quando ela foi para a cama com o seu primeiro homem. Então, a cada homem que aparecia, eu a perdia mais um pouco. Até que finalmente ela se foi por completo.

— Houve tantos homens assim?

— Você está cuidando do caso; deveria saber.

— Só encontramos três. Malone grunhiu cinicamente.

— Não devem ter pesquisado muito a fundo — e olhou para o espaço. — Eu costumava segui-la às vezes. Entrava num bar e saía uma hora depois com um homem. Noite após noite. Bares diferentes, homens diferentes. Era como uma espécie de doença.

Ambos ficaram bebendo em silêncio por vários minutos. Dell, que sempre estivera à vontade com seu parceiro, sentia-se peculiarmente constrangido, como se tivesse se tornado um estranho para Dan Malone, como em relação

aos dois detetives de homicídios. Finalmente decidiu não prolongar a visita mais do que o necessário.

— Há quanto tempo nos conhecemos, Dan? — perguntou.

— O que é que tem em mente, Frank? — perguntou o policial mais velho com lucidez. Fora ele quem ensinara a Frank que reminiscências geralmente conduzem a outras coisas.

— A noite do assassinato de Edie.

— O que tem?

— Preciso saber onde você estava.

Malone acenou com a cabeça com consciência.

— Eu estava me perguntando quando chegariam a este ponto — e deu um sorriso ligeiro e frio. — E se eu lhe dissesse que estive aqui em casa, sozinho, a noite toda. E então?

— Conte-me o que fez a noite toda.

— Assisti às lutas na televisão. Bebi demais. Apaguei aqui na minha poltrona.

— Quem lutou no evento principal?

Malone encolheu os ombros.

— Um porto-riquenho contra um crioulo, acho. Estava morrendo de sono quando chegou a hora da luta principal; não lembro dos nomes.

— Nem eu — disse Dell.

— O quê? — Malone franziu a testa.

— Não lembro dos nomes também. Mas você não estava sozinho naquela noite. Foi a noite em que passei para visitá-lo. Bebemos demais. Eu dormi no sofá. Só acordei depois de uma da manhã. Então coloquei você na cama e fui para casa. Foi naquela noite, não foi, Dan?

O cenho do velho se desfez e seu rosto pareceu relaxar.

— Sim — disse baixinho. — Sim, acredito que foi naquela noite.

O silêncio caiu entre os dois de novo. Nenhum deles parecia saber o que dizer e não podiam olhar um para o

outro. Malone olhou para o espaço, como fizera anteriormente. Deli olhou para a televisão, como se não tivesse sido desligada. Só depois de vários minutos Dell tomou o resto de sua cerveja e colocou a garrafa na mesa. Levantou-se.

— Estou indo. Você não vai voltar ao trabalho, vai, Dan?

Malone olhou pensativo para ele.

— Não — respondeu. — Estou pensando em pedir aposentadoria. Minhas irmãs na Flórida querem que me mude para lá.

— Boa ideia. Vai provavelmente se divertir. Tem um monte de tiras aposentados na Flórida.

Dell caminhou até a porta. — Boa noite, Dan.

— Boa noite, Frank.

Só quando saiu para o ar da noite Dell percebeu como estava suando.



Na manhã seguinte, Dell datilografou um resumo do depoimento de Dan Malone, com a sua corroboração do álibi. Depois de assinar, entregou o relatório a Kenmare. O detetive principal de homicídios leu e passou o papel para Garvan ler.

— Você estudou bem isso, eu creio — disse Kenmare.

— De trás para a frente — disse Dell.

Garvan ergueu as sobrancelhas mas não disse nada ao devolver o relatório a Kenmare.

— Não acho que nossos chefes vão comprar essa história — sugeriu Kenmare.

— O que é que vão fazer? — perguntou Dell. — Suspende Dan e eu? Abrir uma investigação interna? Baseados em que provas? E como isso apareceria no noticiário da noite?

— Os graudões podiam achar que valeria a pena — disse Garvan.

— Valeria a pena por quê? — pressionou Dell. — O que ganhariam com isso? O departamento está se livrando de Dan, de qualquer maneira; ele vai se aposentar.

— Mas você não — assinalou Garvan.

— E daí? O que foi que eu fiz para o departamento querer se livrar de mim?

— Ajudou-o a se safar, foi o que fez — disse Kenmare.

— Se é que foi ele o culpado — desafiou Dell. — E não sabemos se é. Tudo o que sabemos é que não podemos encontrar ninguém mais que o tenha feito.

Decidiu jogar a luva ali e agora.

— Vocês vão deixar passar esse relatório ou vão contestá-lo?

— Você não mencionou o álibi dele na noite passada quando conversávamos a respeito — acusou Kenmare.

— Talvez eu tenha confundido os dias — disse Dell, encolhendo os ombros. — Talvez achasse que o tinha visitado na noite da segunda-feira; talvez Dan tenha me lembrado de que foi na terça.

— Talvez — disse Kenmare. Olhou inquisitivamente o parceiro.

— Sim, talvez — concordou Garvan.

— Tem certeza de que Malone vai se aposentar? — perguntou Kenmare.

— Positivo — garantiu Dell.

Kenmare puxou uma gaveta e arquivou o relatório.

— Vejo você por aí, Dell — disse.

— É — falou Garvan. — Se cuida, Dell.

Dell saiu da sala da brigada sem olhar para trás.



Naquela noite, quando Dell chegou ao Three Corners Club e sentou no lugar de sempre, na ponta do bar, foi o proprietário, Tim Callan, quem preparou seu drinque e o serviu.

— Senti sua falta, Frankie — disse calorosamente. — Como tem passado?

— Já vi dias melhores — admitiu Dell.

— Ah, todos nós já vimos — Callan simpatizou. Baixou a voz. — Lamento muito pela garota. Edie, era assim que se chamava?

— Sim, Edie.

Dell sentiu a nuca esquentar.

— Vi a foto dela no jornal e nos noticiários. Precisei olhar um pouco para situá-la. Então falei comigo mesmo, ora, é a garota que Frankie costumava trazer aqui. Sempre queria um reservado lá nos fundos para ter sua privacidade.

Callan sorriu artificialmente.

— Lembro que cada vez que emprestava a chave para usar o apartamento de cima tinha que fazer com que promettesse sair à meia-noite para que eu pudesse dar início ao jogo de pôquer. E você nunca me deixou na mão, Frank. Nem uma só vez. Claro, somos velhos companheiros, você e eu.

Agora a expressão de Callan entristeceu, genuinamente.

— Sinto muito, sinceramente, Frank, que as coisas não tenham dado certo entre você e Edie.



— Obrigado, Tim. Eu também sinto — e o coração de Dell doeu ao dizer isso.

— Ainda não sabem quem a matou?

Dell olhou com firmeza para ele.

— Não.

Trocaram um olhar por um longo momento, dois velhos amigos, cada um capaz de ler o outro como uma escritura.

— Como é o nome daquele seu cunhado acusado de receptor propriedade roubada? — perguntou Dell finalmente.

— Nick Santore — disse Callan. — Curioso que você tenha perguntado. A audiência preliminar dele é depois de amanhã.

— Vou conversar com o assistente da promotoria — disse Dell. — Vou dizer que o cara vai ser meu informante e que preciso dele nas ruas. Vou pedir que o recomendem para a condicional.

— Ah, Frankie, você é um príncipe — louvou Callan, apertando a mão de Dell entre as suas. — Fico lhe devendo essa, amigão.

— Não — disse Frank Dell —, estamos quites, Timmy. Os dois homens sabiam que era a verdade.



## A Hollywood dela

A garota era Mary Alice Bunt e eles a encontraram perto do rio. Meu irmão Wade e eu achamos ter visto a forma do seu corpo, mas a chuva veio e o rio subiu pelas margens antes que pudéssemos encontrar o lugar. Foi bom que a equipe de busca a achou. Podia ter sido carregada e perdida, porque tudo veio rolando naquele dilúvio marrom: pneus furados, antenas de TV, um carrinho de boneca como o que eu costumava empurrar.

A garota morta, antes de morrer, morava em Tobo. Nos dias dos trens de comboio existia um Hotel Tobo. Foi assim que o lugar ganhou o seu nome. Era uma parada de viajantes, um local para darem uma respirada, tomarem um drinque, talvez passarem a noite. Mas o hotel se foi e não há nada além de trailers baratos — uma caixa de morar após outra — enfileirados ao longo da Tobo Road.

Mary Alice Bunt era bonita. Sei disso por duas razões. A razão número um é porque a foto dela estava na primeira página dos dois Dispatches, o matutino e o vespertino.

No dia seguinte colocaram sua foto na seção dos obituários, também, só que menor. A razão número dois de eu saber que Mary Alice Bunt era bonita porque minha mãe assim o dissera. Wade e eu tínhamos acabado de voltar da escola e lá estava mamãe se desmanchando em prantos.

Sua maquiagem não estava manchada, por isso calculei que não estava chorando há muito tempo.

— São sempre as bonitas que morrem — dizia repetidamente, e não tinha nada mais a dizer pois eu sabia que ela pensava que eu estava bem a salvo. Plain Jane,

costumava me chamar, me provocando para que eu estourasse os pulmões berrando que meu nome era Connie, não uma estúpida Jane. Ela se divertia muito com aquilo e ria como se fosse a piada do século. Mesmo quando me deixava sentar ao lado dela no toucador ela começava a comparar nossos rostos, o dela com o meu, e sempre lançava um "Você pode agradecer ao seu pai por este nariz". Do jeito que falava, eu não precisava agradecer nada a ninguém.

Enquanto mamãe chorava por Mary Alice, Wade e eu tentamos abraçá-la, porque achamos que era aquilo que ela esperava, mas ela nos empurrou para o lado e começou a caminhar pela cozinha — sua cabeça um pouco inclinada para o lado — movendo-se como uma estátua se moveria se pudesse. Não preciso lhes contar que mamãe era uma atriz num teatro da comunidade. Ela ensinou a mim e a Wade, desde o início, sobre arte dramática, que segundo ela se traduzia como "uma ampliação da vida". Graças a ela, eu e Wade éramos especialistas em arte dramática. Tínhamos de ser, do modo como mamãe mudava de humor como trocava de roupa. Todos nos lembramos da interpretação de mamãe em Mary Alice como um de seus últimos papéis, porque dez dias depois ela nos deixou e partiu para Hollywood. É estranho como essas duas coisas aconteceram, bam-bam, uma bem depois da outra, a garota morrendo e minha mãe indo embora.

Não conheci Mary Alice, mas ela estudava na minha escola, duas séries abaixo de mim e na mesma série do meu irmão Wade. Wade não a conhecia também, mas isso porque Wade não conhecia ninguém. Não era esperto em relação às pessoas, ou em geral, mas eu ainda gostava dele do jeito que você tem de gostar de cães que só olham para você quando joga uma vareta para irem buscar. Na escola, as crianças chamavam Wade de DA. Ele estava na turma especial para Deficientes de Aprendizado. Só havia três outros DAs em nossa escola. Wade e eles tinham aulas

numa sala em amarelo-vivo pintado sobre o concreto. "Olá, DA", as crianças diziam quando viam Wade no corredor. "Ei, DA", quanto é um mais um?"

Wade era mais velho do que eu, mas sempre o considerei meu irmãozinho menor. Como mamãe certa vez disse, a cabeça de Wade não funciona como deveria funcionar. Nunca vai ser igual às outras crianças, por mais que estude, treine ou se esforce.

Quando ela vivia eu nunca teria me interessado em saber quem era Mary Alice Bunt. Ou alguém assim. E uma vez que Wade não se ligava nas pessoas e eu não ligava para elas, ele e eu estávamos sempre juntos. Eu me encontrava com ele na hora do almoço em frente do refeitório, girando o pescoço em cento e oitenta graus até que me via. Os garotos na escola caçoavam de nós porque andávamos sempre juntos. Alguém me viu puxando-o pela mão de volta para casa uma vez e depois disso todo mundo passou a nos chamar de namoradinhos e às vezes faziam ruídos de beijos tão altos que os professores podiam ouvir. Os professores nada fizeram e eu deixei de esperar que fizessem.

Excetuando a gozação da garotada, eu não me chateava por causa de Wade. Ele precisava de alguém e eu era a única pessoa que ele tinha. Quando mamãe partiu para a Hollywood dela, papai transformou-se num fantasma e ficava sentado o tempo todo diante da televisão, assistindo a programas de entrevistas e outros que ensinavam como-fazer-isso-ou-aquilo no canal público. Parou de pentear os cabelos. Eles ficaram grudentos e se espalharam em todas as direções, de tão oleosos. Deixou a barba crescer também e ficava sentado esfregando a mão no rosto e fazendo aquele som de lixa que não posso aturar nem um minuto. Só se mexia para ir ao banheiro. Ia às vezes para a cama de noite, mas geralmente se estendia no sofá e se cobria com aquela manta preta maltrapilha. Ficou como um inválido, de tanto que amava mamãe.

Tentei não reparar que nossa casa estava caindo aos pedaços, rangendo e se queixando toda vez que a gente andava. O celeiro tinha um grande buraco no telhado que deixava entrar a água da chuva. Wade e eu tínhamos que cuidar das vacas, mas paramos de remover o esterco com pás todo dia. Uma novilha olhava para nós e berrava quando não conseguia encontrar um lugar quente. Eu sentia orgulho por não morar num daqueles trailers baratos de Tobo, mas depois que mamãe se mandou aquele orgulho encolheu até sumir.

Foi quando tive a ideia de procurar o local onde Mary Alice Bunt havia morrido. Não foi fácil encontrá-lo. Primeiro Wade e eu tentamos juntar fotos dos noticiários e dos jornais. Passávamos tardes inteiras ziguezagueando de nossa fazenda até Tobo e à ponte do Túnel mais abaixo no rio. Era exaustivo, embora nosso rio parecesse mais um riacho. Você só precisava dar doze passos para atravessar de uma margem à outra.

Quando nossa busca não deu em nada, tentamos conversar com os garotos de Tobo. Aqueles aos quais perguntei agiam como se nunca tivessem ouvido falar em Mary Alice.

Sua vida parecia tão descartável como o frasco de leite de plástico que chutavam porque não tinham uma bola. Uma parte de Mary Alice — uma lembrança, quero dizer — tinha de estar em algum lugar. Afinal, tinha passado sua vida aqui, debaixo daquelas estúpidas lâmpadas festivas rosa, amarelas e verdes penduradas dos trailers que tentavam iludir as pessoas e fazê-las pensar que Tobo era um lugar feliz. Foi o irmãozinho de Mary Alice quem finalmente nos mostrou o caminho. Não sabíamos que era ele no início, de modo que foi um feliz achado, sentado na rua empurrando um submarino de brinquedo através do cascalho. Tinha oito ou nove anos e estava coberto com a poeira branca da argila. Wade disse para ele, "Sabe onde acharam a garota que morreu?", e eu olhei para Wade meio

na bronca por ter falado daquele jeito, mas foi então que o menino acenou com a cabeça e nos contou que era o irmão da garota morta.

— Pode nos mostrar onde foi que a encontraram? — perguntei. Ele nos conduziu rio abaixo como se fôssemos turistas de fora que nunca tinham estado aqui antes. Observei o grosso colar de sujeira em seu pescoço enquanto ele se esquivava debaixo de urzes e saltava sobre toras negras no caminho. Wade tinha dificuldade para nos acompanhar porque era alto e um pouco grandalhão, e disse umas duas vezes que ia voltar.

— Cale a boca, Wade — falei. E ele calou.

O menino nos levou a um lugar onde o rio serpenteava ao longo de uma curva. Três árvores cinzentas debruçavam-se sobre a água, de tão desbastadas as suas raízes e a margem. Você podia ver a inundação, embora a água alta tivesse ido embora. Uma cadeira de jardim com todas as palhinhas arrebitadas estava <em pé no baixio. Em outros lugares, galhos caídos davam a impressão de que alguém tentara fazer uma fogueira pelo jeito cono os galhos tinham se amontoado. O menino correu até a cadeira e a chutou para a água.

— Foi ali — disse ele. Apontou com o seu submarino para uma ilhota verde no meio do rio. Estava orgulhoso de nos mostrar.

Wade correu na frente e debruçou-se sobre o monte de terra. Vestia seus jeans cortados como bermudas e botinhas de borracha, e no ponto mais fundo a água chegava aos joelhos de Wade.

— Acho que a cabeça dela estava aqui. Posso ver a marca do seu crânio — disse ele.

Eu o segui, olhei para onde apontava, mas ele estava vendo o que queria ver, tentando me impressionar. Seu rosto estava franzido e estúpido de empolgação. Queria que fosse embora. Subitamente tudo o que eu podia pensar era: como eu desejava estar só. Neste lugar onde Mary Alice

Bunt passara os últimos segundos de sua vida, eu queria ser eu mesma. A pequena ilhota verde provavelmente não muito maior do que Mary Alice era de certo modo minha.

— Não, não foi aqui — eu disse. — O menino está mentindo. Foi o que bastou para que Wade empurrasse o irmão de Mary Alice.

— Vou lhe ensinar a mentir — disse Wade. Agarrou o submarino e o agitou bem acima da cabeça do menino que gritava.

— Devolva a ele — eu disse. Wade olhou para mim envergonhado. Finalmente devolveu o brinquedo e berrou com o irmão de Mary Alice, que correu em direção a Tobo.

Olhei para a ilhota verde, do tamanho de um caixão, e imaginei Mary Alice ali, de rosto para baixo, como o jornal mencionara. Imaginei sua roupa de baixo puxada até os tornozelos, a saia levantada sobre a cabeça, suas *coisinhas* — como minha mãe as chamava — aparecendo. Eu queria ficar sozinha com ela. Qual era a sensação, viver e morrer dentro de seu corpo bonito? Eu queria perguntar.



No dia seguinte depois da escola eu disse a Wade que ia dar uma volta sem ele.

— Por que, Connie? Por quê? — ele perguntou.

Disse a ele que estava cansada de tê-lo em volta de mim o tempo todo. Disse-lhe que precisava de espaço e que não queria mais ser sua namorada.

Ele estava prestes a chorar, por isso me afastei rapidamente para não ter de ver aquilo. Eu o ouvi me

seguindo, por isso corri. — Vá embora! Me deixe em paz!

Em Tobo, quatro garotos brincavam de mastro enfeitado com pedaços atados de corda de varal. Se esquivavam uns dos outros até que acabaram se enredando e discutindo de quem era a culpa. Eu podia ouvir o som do rio murmurando sob suas vozes irritadas.

Do outro lado da rua dois garotos da minha idade estavam rolando pneus em volta de um carro que haviam colocado sobre blocos de madeira. Estavam sem camisa e eu podia ver as tatuagens em seus braços. Olharam para mim, pararam o que estavam fazendo e me olharam. Eu os encarei direto nos olhos.

A cara de um dos garotos parecia feita para ser vista de lado. A outra metade era toda arreventada e cicatrizada, como se tivesse sido esmagada por um tijolo. Sua boca tinha um espaço onde deviam ficar os dentes, e quando ele sorria um buraco negro se abria entre seus lábios.

A cara do outro menino era aberta como um livro e vermelha com sardas que combinavam com os seus cabelos. Seu braço direito era maior do que o esquerdo.

— Uuu-huu — ele assobiou.

Eu simplesmente olhei para ele, pensando como poderia facilmente ter sido aquele que matou Mary Alice, pensando foi você foi você foi você até que os garotos e seu carro não estavam mais à vista. Até que eu tinha caminhado tão longe que eles desapareceram com seus trailers decrépitos.

Cheguei ao lugar onde o rio dobrava. A cadeira que o irmão de Mary Alice chutara ainda estava de lado. Pequenos pitus fugiram quando minha sombra se aproximou. A única diferença era que uma das árvores inclinadas finalmente cedera e caíra. Seus galhos se esparramaram pela água a poucos metros da ilha de Mary Alice. A água estava fria e eu podia sentir lama e seixos se espremendo dentro de minha bota de borracha. A água me engoliu até os joelhos, mas eu não me importava. A ilha de Mary Alice estava à minha frente, tão brilhante e verde e



com um único ramo de chicória que parecia mais uma flor azul de seda do que uma de verdade em busca do sol. Deitei-me como se a ilha fosse uma cama na qual não havia dormido antes. Podia senti-la resistindo a mim e eu resistindo a ela, até que parei de me incomodar com a lama e a sujeira e a resistência desapareceu.

Juntando os pedaços da vida perdida de uma garota bonita, comecei com o seu assassino. Era gordo? Magro? Baixo? Alto? Todos os homens que eu já vira passaram por minha cabeça. Era como escolher a cor certa para pintar um quarto. Mais claro ou mais escuro? Marrom? Preto? Ou ruivo? Ruivo, sim, seria ruivo, e pensei no garoto que consertava o carro. Não o garoto com o rosto esmigalhado. O assassino da garota bonita não podia ser tão feio. Podia ser sem graça, mas não feio a ponto de ser assustador e não tão assustador a ponto de tomar os últimos momentos de sua vida insuportáveis.

Por isso pensei no garoto ruivo. Era fácil de desenhar na minha cabeça. Estava em pé sobre mim: seu rosto gotejando, gengivas vermelhas gotejando, sardas ruivas gotejando. Estava se apressando para abrir suas calças com seu braço fino. Derrubou-me. Disse que ia me matar e que eu devia relaxar e gozar. Eu podia muito bem gozar e dar a última volta da minha vida numa limusine. Suas mãos apertavam meus seios, seus dedos procurando. Eu estava ali à beira de algo quando ele me virou e enfiou meu rosto na ilha de grama verde com a argila de peixe e o cheiro do rio e eu não podia mais respirar. Dentro da minha cabeça eu gritava: "Você está morta, Connie. Agora, você está morta."

Minhas mãos estavam onde suas mãos estiveram e por um segundo meu coração parou. Não era uma parada completa, mas como se meu coração não pudesse se decidir se continuava batendo ou não, como alguém estendendo os braços para se manter equilibrado na corda bamba de um circo.

Depois daquela primeira vez no rio, eu fui assassinada muitas vezes. E nunca duas vezes pelo mesmo assassino.

Houve um homem grande com o peito e as costas cobertos de pelos. Sobrancelhas escuras caíam como penas sobre seus olhos.

Houve um homem com uma corcunda.

Um homem com dentes tortos.

Um homem que assobiou o tempo todo enquanto acontecia.

Todos eles me diziam o que iam fazer antes que o fizessem. Não eram homens horríveis como as pessoas poderiam imaginar. Eram apenas homens.



Quando não podia ir até o rio, eu me estendia na minha cama, enfiava a cabeça no travesseiro e respirava como se fosse a ilha de Mary Alice. Uma vez Wade me interrompeu quando estava sendo assassinada. Chovia. O rio estava tão longe das luzes coloridas festivas de Tobo. Eu estava na minha cama e queria morrer. O Sr. Farris, professor de álgebra do segundo período, me forçara a ficar deitada sobre o estômago. Me segurava pelos cabelos. Eu sabia que com um giro do seu pulso ele podia enfiar meu rosto na lama e me fazer respirar o rio para dentro dos meus pulmões. Ele me fazia repetir que o amava, que nunca o deixaria, que o acompanharia para qualquer lugar.

Eu continuava pensando na sua mão que agarrava meus cabelos, no seu relógio de ouro envolvendo o pulso logo depois da mão, o relógio de ouro que eu tinha de notar toda

vez que ele se debruçava sobre minha carteira cheirando bem ou escrevia no quadro negro. Eu sentia o tiquetaque daquele relógio em meus ouvidos. "Você está morta, Connie", comecei a dizer, quando ele finalmente enfiou minha cabeça na lama.

Foi quando Wade chegou. Tenho a certeza de que eu parecia estranha a ele, minha camisola puxada sobre a cabeça, minhas pernas chutando o ar no quarto de dormir.

— Me ajude — eu disse a ele antes que o rio chegasse à minha garganta, antes que afogasse minha voz.

Ele puxou meus braços, desligou o travesseiro debaixo do meu rosto, mas chegara tarde demais. "Eu lhe disse.

— Estou morta — falei. — Você me deixou morrer.

— Do que você está falando, Connie? O quê?

Sua respiração estava ofegante. Ele olhava para meus seios.

Durante um segundo maluco comecei a memorizar o rosto de Wade. Seu nariz gordo. Seus olhos azuis de bola de gude. Sua boca aberta que podia mudar de dor para alegria em um segundo. Nunca havia sido um de meus assassinos antes, eu o sentia tomando forma em meu pensamento. Mas, quanto mais olhava para ele, mais impossível parecia, e eu disse "Não". Wade não podia ser um assassino por mais que eu imaginasse.

Veio então uma palavra de mamãe. O cartão postal que ela mandou era simples e branco e na sua frente tinha os dizeres CARTÃO POSTAL GENÉRICO e nas costas, com o nosso endereço, ela rabiscara sua mensagem em letras grandes. Estava lendo vários roteiros, dizia. Alguns "filmes experimentais", dizia. "Interpretar é uma vida dura", dizia. Assinou o cartão Francine Barlow. Ou seja, a atriz. Não Francine Pratt, minha mãe.

Peguei uma folha de papel e caneta para escrever para ela e contar todas as coisas que tinham acontecido. Como papai estava saindo de noite. Como o professor de Wade mandou aquele bilhete para casa dizendo que ele não

estava progredindo como deveria. Então me lembrei de que mamãe não nos disse para onde fora; Hollywood, era tudo. Olhei para o cartão achando que ela espremera seu novo endereço em algum canto. A única coisa que encontrei foi o carimbo — Norriston, PA, não Hollywood, CA — borrado sobre o selo de um azulão de barriga amarela.

Enfiei aquele cartão postal bem no fundo da gaveta de bagulhos do armário da cozinha — atrás da fita adesiva e de chaves de fenda e baterias usadas — para que ninguém viesse a saber dele, a não ser eu.

Um dia, voltando da escola para casa, Wade e eu caminhávamos pela rua chutando cascalhos. íamos a pé à escola para não ter de andar no ônibus com toda aquela garotada de Tobo. Eu ouvia ele me contar que fora o único menino a sobrar no jogo de queimado durante a aula de ginástica, e de todo mundo que jogava a bola ele fora rápido o bastante para se esquivar. O jogo não podia recomeçar enquanto ele não fosse atingido, e então este cara veio correndo até ele — depois da linha, onde não era permitido! — e bateu com a bola na cara de Wade. Wade ficou com o nariz sangrando, teve de ir à enfermaria, mas o jogo continuou. "Não foi nada sério", disse o novo professor de ginástica de Wade.

Eu estava olhando para o nariz de Wade coberto de esparadrapo e pensando como podia ter sido nada sério quando Arnold Berry encostou de carro ao nosso lado e buzinou.

Wade deu um pulo, mas eu vira Arnold se aproximando. Era difícil deixar de ver seu Thunderbird verde-escuro vindo de mansinho na rua vazia.

— Querem uma carona? — disse ele, acenando para fora da janela para chamar nossa atenção. Ele estava para se formar e era o tipo de pessoa que alguém como eu ou Wade passava no corredor durante quatro anos mas não prestava atenção. A coisa engraçada foi que eu havia prestado atenção nele. Ele já me assassinara. Não lembro como ele

fez, mas eu estava olhando para seu rosto espinhento e sentindo suas costeletas eriçadas roçando na minha pele. Tinha belos olhos verdes. Essa era a razão principal por que o escolhi. Seus olhos faziam dele um destaque para mim, quando não significava nada para as outras pessoas.

— Então, querem uma carona? — perguntou de novo. Wade, subitamente surdo e mudo, apenas o olhou. Wade tinha medo de garotos mais velhos, especialmente formandos que tinham seu próprio carro. Quando olhei para Wade, ele sacudia a cabeça para mim. Eu sabia que estava dizendo "Não não não não" por dentro, mas eu disse a Arnold "Sim".

Wade subiu no banco traseiro, onde dois gigantescos alto-falantes cuspiam música ruidosa. Olhei para ele pelo espelho lateral e podia vê-lo tapando os ouvidos, por isso decidi não olhar mais.

— Gosta de Bon Jovi? — disse Arnold para mim.

— Claro — falei, embora não soubesse distinguir um Bon Jovi de um Whitesnake, um Whitesnake de um Poison. Comecei a marcar o ritmo com a cabeça como se estivesse curtindo.

Arnold dirigia com uma das mãos no volante e a outra em volta do meu ombro, seu braço apoiado nas costas do banco dianteiro. Eu esperava que ele me bolinasse, mas não o fez. Acho que porque Wade estava no banco de trás.

Arnold não falou nada em todo o trajeto até em casa. Deduzi que ele fumava, por causa de todas aquelas embalagens de celofane no chão do carro. Elas estalavam toda vez que eu mexia com os pés. O aromatizador de pinho pendurado no espelho retrovisor estava gasto. O para-brisa do carro estava sujo, com exceção dos dois semicírculos onde os limpadores tinham passado. Arnold mastigava algo e se inclinava o tempo todo pela janela para cuspir. Seria o pior dos namorados, mas como assassino era ótimo.

Quando deixou Wade e eu em nossa rua, eu me demorei por alguns minutos junto à porta do carro. Arnold

continuava mascando sei lá o que tinha na boca e olhava direto para a rua à sua frente.

— Quer alguma coisa? — disse afinal. Virou a cabeça como se estivesse vendo as palavras se formarem dentro de mim.

— Quero sair com você — eu lhe disse —, mas você tem de me convidar primeiro.

As sobrancelhas de Arnold se ergueram um pouco, mas abaixaram como se estivesse desfrutando o sabor do que eu lhe dissera. Podia ver Wade impaciente na beira da rua. Finalmente Arnold assentiu com a cabeça.

— OK. Que tal sábado? — perguntou, sua voz espessa.

— À uma hora — foi tudo o que respondi, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Quando Arnold partiu com o carro, eu sabia que iria a algum lugar onde nunca estivera antes. Sem volta. Wade pediu-me para explicar, mas eu não podia. Ele jamais entenderia.

No sábado, Arnold chegou com apenas quinze minutos de atraso. Eu podia ver que ele tentara se embelezar. Seus cabelos desgrenhados estavam puxados para trás com brilhantina e ele usava uma camisa que eu tinha certeza de que fora passada por sua mãe.

— Desculpe o meu atraso.

— Deixa para lá — eu lhe disse e entrei no carro. Eu passara a manhã inteira me arrumando. Queria que tudo estivesse perfeito: a saia curta, minha roupa de baixo.

Meu pai nem discutiu quando eu disse que ia sair. Antes de mamãe ir embora, teria tido um ataque se soubesse que sua filha de doze anos ia sair com um universitário.

Mas não esta versão de meu pai. Nem chegou a se levantar do seu sofá para acenar um adeus. Simplesmente ergueu um copo de refrigerante à boca, prendeu um cubo de gelo entre os lábios e o cuspiu de volta ao copo.

Wade me seguiu até o carro. Eu sabia que ele queria ir junto ou não queria nem que eu sáísse, mas eu disse

"Tchau" e ficou por aquilo. Quando Arnold partiu com o carro, eu podia ver Wade tentando se esconder atrás da árvore de bordo na frente da casa.

Arnold e eu fomos jogar minigolfe. Ele era desajeitado e não tinha uma boa mira com a bola. Eu joguei ainda pior que ele, porque não queria que se sentisse mal, inferiorizado como homem. Observei suas mãos viscosas acionarem o taco. A bola saiu totalmente sem direção. Arnold ficou frustrado e golpeou a bola com tanta força que ela quase atingiu o rosto de uma mulher. Vendo isso, eu sabia que ele seria perfeito.

Não tínhamos muito assunto, por isso, enquanto tomávamos sorvete, eu disse que queria lhe dar minha coisinha ele ficou chocado.

— Você está maluca — disse inicialmente.

— Não, estou falando sério.

Depois disto ele olhou para mim e sorriu como se fosse o que estivera esperando o tempo todo.

Eu o levei para o rio. Para o meu lugar favorito, disse a ele. Não lhe contei por quê. Sentei-me na ilha de Mary Alice, sentindo a grama debaixo da minha saia. Eu podia ver que Arnold estava pensando que eu só queria beijar. Enfiou sua língua gorda na minha boca e agarrou meus seios, mas não tentou puxar minhas roupas, por isso eu mandei que fizesse isso. Começou a resmungar que não tinha trazido camisinha.

— Não me importo — falei.

Foi o que bastou. Ele abaixou a calça e eu podia ver as manchas escuras na cueca branca. Aquilo me fez pensar que ele não tinha planejado ir tão longe, que talvez me respeitasse. Mas não era o que eu queria. Eu queria ser Mary Alice. Eu queria que suas mãos rudes me tocassem, que me roubassem de mim mesma.

Logo ele estava balançando para a frente e para trás em cima de mim e não era nada daquilo que eu imaginara. Ele era como um peixe se debatendo e batendo os braços como

se não tivesse nenhum controle. A dor lancinante estava lá como eu esperava, mas ele ficava dizendo coisas como "Oh Connie oh Connie".

Eu lhe disse o que sabia que ele queria ouvir: — Não vou deixar você nunca. Você é tão bonito, eu jamais poderia deixar você.

Sua respiração ficou ofegante e ele choramingou. Então ele parou de repente. Eu me senti aberta, suja e nova e foi quando disse a ele, "Me mate". Calma e séria.

"Não importa como", embora eu quisesse que ele afundasse meu rosto na ilha. Mas, na verdade, quem podia dizer a assassinos como matar?

— Ha-ha — ele riu.

Repeti o que eu disse e ele parou de rir.

— Você é uma garota muito maluca — falou. Começou a colocar as roupas, que estavam molhadas em certas partes por causa do rio.

— Você tem que fazer isso — eu falei de novo. Não me mexi do lugar onde seu corpo me deixara. Tenho certeza de que a minha marca estava moldada na ilha.

— Vamos andando? — perguntou ele, fechando o zíper da calça.

Não me mexi e olhei para ele pensando *foi você foi você foi você*.

— Escute. Não posso fazer de novo, se é o que quer.

— Quero que me mate.

— Vamos. Levante-se.

Quando eu não me mexi, ele sacudiu a cabeça, pendurando a camisa no ombro.

— Vejo você por aí — falou.

— Você não pode ir — e agarrei-o pelo braço.

Ele tentou se desvencilhar. Enfiei minhas unhas, deixando arranhões vermelhos do cotovelo ao pulso. Ele olhou para o braço e depois para mim, e empurrou o lado da minha cabeça. Eu caí de modo que minhas mãos e o queixo afundaram na argila.



Tudo o que podia fazer era ficar ali, minha respiração ofegante e presa no meu peito como um pássaro engaiolado. Pensei que Arnold estivesse se aprontando, esfregando as mãos, preparando sua força, mas então eu o ouvi se afastando, seus pés chapinhando através da água e das pedras. Estava indo embora. Meu corpo se expandiu, mas não relaxou.

O motor de um carro deu a partida, numa rotação tão alta que interferia com a voz da minha mãe, que dizia sem parar que são sempre as bonitas que são mortas. Tentei imaginá-la se debruçando numa sacada, sob o sol de Hollywood, lendo para um diretor com quem poderia dormir para se tornar uma Julieta em versão moderna. "Romeu, Romeu", ela dizia, arrastando os *Os* e *Us* como costumava fazer. Eu queria vê-la escrevendo para mim, papai e Wade de um quarto de hotel amarelo onde alguém importante estivesse no seu banheiro tomando um banho de chuveiro. Mas ela estava em outro lugar, em algum lugar de Norriston, morando num trailer, talvez, lendo para ninguém a não ser para si mesma.

Rolei para cima para encarar o céu enquanto o som do carro de Arnold diminuía cada vez mais ao longo da estrada de Tobo.

— Assassino — eu falei.

Como se fosse um nome próprio.



DAN LEONE

## Família

A casa do meu irmão seria igual a todas as outras casas naquela parte do estado: um daqueles "treco de juntar" pré-fabricados, como a chamava. Branca. Pequena.

A última à esquerda depois que a estrada passa para cascalho, antes de terminar num T.

— Dave — eu disse —, tem certeza de que não vai se incomodar de me ver?

— Você é o meu irmão — disse ele.

Houve uma pausa. Eu troquei o telefone de um ouvido para o outro.

— Obrigado — falei.

Ele me deu permissão para entrar; a porta dos fundos estaria aberta.

— Eu volto para casa lá pelas seis — disse. — Se chegar antes de mim...

Houve outra pausa, mais longa, e me fez pensar que ele estava realmente pensando no assunto. — Tem sobras de comida na geladeira — falou. — Toalhas limpas no armário do banheiro. Filmes, música... Sinta-se em casa.

Não me falou nada sobre uma namorada, porém, e eu a peguei inteiramente desprevenida na banheira. Sem espuma.

— Não me machuque — ela gritou, cruzando os braços e quicando as pernas à sua frente. A água transbordou pela banheira.

Pulei de volta ao corredor e me afastei, quase me mijando e cagando ao mesmo tempo.

— Não me machuque não me machuque não me machuque. Dinheiro na minha bolsa na mesa ali adiante. Oh, meu Deus.

Eu podia vê-la apanhando uma toalha, a água escorrendo.

— Tudo o que você quiser. Tudo. Não precisa me machucar. Abri a boca mas nada saiu. Meus joelhos batiam um contra o outro como pinos de boliche, a estrada ainda rolando debaixo de mim, trovoadas nos meus ouvidos.

— Bolsa na mesa. Pegue e vá embora. Não vale a pena me machucar. Não vou chamar os tiras. Pegue e saia, OK?

Ela não parava de falar, nem mesmo para respirar, o que me fez pensar na possibilidade de que planejava uma emboscada, me mantendo ocupado com o seu blablá e então, um desentupidor de vaso através do coração — por isso achei que era melhor juntar forças e dizer algo.

— Irmão de Dave — desabafei. — Desculpe.

— Na mesa da cozinha. Vou colaborar — ela disse. — Tudo o que você quiser. O quê? O que foi que disse? — falou.

— Sou o irmão de Dave. Não vou machucar você — eu falei, entre tomadas de fôlego. — Desculpe ter surpreendido você. Ele disse que eu podia entrar. Desculpe. Ela não disse nada.

— Sinto muito, realmente — falei, as mãos nos joelhos, pensando: Vou matar meu irmão por isso.

Ela também estava tomando fôlego. Depois de um momento disse: — Estou me secando.

— Não estou olhando — e fechei os olhos. — Não sou um tarado ou um bandido. Sou só um cara. Só o irmão de Dave — falei.

— Já conheci todos os irmãos dele — ela falou. — Não me disse que tinha mais um.

— Posso explicar isso — falei. — Vou lhe mostrar minha identidade, se quiser. Somos irmãos. Eu acabei me afastando de toda a família há muito tempo. Anos. Antes de

telefonar, eu e ele não nos falávamos há dez anos. Há quanto tempo você...?

Ela saiu do banheiro num roupão de banho curto com as mãos nos bolsos e um meio sorriso acanhado nos lábios.

— Meu Deus, estou tão embaraçada — disse. Seus cabelos castanhos molhados estavam colados na testa em cachos juvenis. Eu podia cheirar a sua limpeza e podia sentir o calor do banho irradiando dela.

— Meu nome é Thomas — falei.

— Sou Ellen.

Fez um gesto vago com a mão direita — um aceno, percebi, tarde demais. Minha mão já estava lá, desajeitada. Apertamos as mãos. Não durou muito, mas foi o primeiro toque humano que senti em pelo menos uma semana e a eletricidade ficou em mim.

— E então — disse ela — acho que Dave não falou de mim para você, assim como vice-versa.

Encolhi os ombros.

— Dez anos — eu disse. — Liguei de um telefone público em Wyoming. Não tivemos muito tempo para falar.

— Tudo bem — disse ela. — Está com fome?

— Antes de mais nada — falei — preciso ir ao banheiro. Estou dirigindo há muito tempo.

— Vá em frente.

Ela deu um passo para o lado, com um sorriso aberto agora.

— Cuidado — disse. — O chão está molhado.

Ainda vestia o roupão quando saí. Em vez de se vestir, estava em pé diante do balcão da cozinha, fazendo sanduíches de presunto picado.

— Gosta de mostarda? — perguntou.

— Claro, mas não precisa me servir.

— Também estou com fome. Sente-se — disse.

Passei por ela e sentei-me à mesa da cozinha. Lá estava a bolsa.

— Aí está a bolsa — falou.

— Ah, onde está o seu dinheiro, se não me engano.

Ela riu e era uma risada sexy. Era um roupão sexy. Eu podia ver o que meu irmão via nela. Comendo os sanduíches, com a luz do sol de dezembro caindo obliquamente através da janela da cozinha, tive uma melhor visão do seu rosto. Suas faces eram sardentas nas maçãs do rosto, mas fora isso sua pele era clara como celofane. Podia estar olhando para mim da capa de uma revista na prateleira de um posto de gasolina, só que um dente da frente era lascado e seu nariz era torto. Era real e bonita. Havia mostarda no seu queixo.

— Me conte então — falei. — Há quanto tempo conhece meu irmão?

— Há bastante tempo.

— Bastante tempo. Quanto?

— O bastante para conhecê-lo — disse ela. — Ele não me conta nada. E o Senhor Segredo. Me fale de você. Não vou julgá-lo.

— Falar o quê?

— Por que não o conheço? Por que o seu irmão... por que toda a sua família o apagaria dessa maneira? Não sou de julgar as pessoas.

— Então por que quer saber?

— Para entender — disse ela. — Sinto que nós... bem, do jeito que nos conhecemos, quero dizer.

Fez uma pausa, exibindo o mesmo sorriso acanhado e então continuou, mais rapidamente.

— Como se tivéssemos passado por algo juntos, eu acho. O que nos dá um laço, que me deixa curiosa. É só isso.

Coloquei meu sanduíche no prato e olhei pela janela. Era uma janela panorâmica, dando para o oeste, com um relvado de ervas daninhas em declive, um tanque d'água espumoso e um milharal eriçado. Se ficasse ali o suficiente, poderia testemunhar o meu primeiro pôr-do-sol explícito e frontal em muitos dias, e não através de um espelho retrovisor.

— Mora aqui? — perguntei.

— Somos casados — disse ela.

Olhei para ela, mas não podia saber por sua expressão se estava brincando ou não.

— Está brincando? — falei.

Ela me mostrou sua aliança, que estava ensanduichada no mesmo dedo entre dois anéis mais vistosos. Eu não sabia o que dizer.

— Meus parabéns — falei.

— Obrigada. Sabe qual é a melhor coisa de se casar? — perguntou ela, levantando-se e caminhando até a pia.

— Não — eu disse.

Ela pegou um rolo de macarrão de mármore do armário de pratos e segurou-o à sua frente como uma tocha ou um troféu.

— Presentes — falou.

— Há quanto tempo — disse eu — estão casados?

— O suficiente.

— A-hã.

— Não. Não foi isto o que eu quis dizer.

Largou o rolo de macarrão e apanhou um par de canecas do armário e levou-as até a geladeira. Por causa da luz do sol que entrava, eu podia ver cada partícula individual de poeira entre nós.

— Quer um pouco de Kool-Aid roxo? — perguntou.

Eu não podia acreditar que meu irmão não me houvesse contado que tinha se casado.

— Vocês bebem Kool-Aid? — eu disse.

— Principalmente Dave — disse ela. — Quer um pouco? Ou prefere outra coisa? Água? Suco? Cerveja?

Era uma daquelas geladeiras duplex com freezer na parte de cima e ela estava falando para a metade da geladeira.

— E então? — perguntou.

— Estou pensando, estou pensando — disse eu.

Ela fechou a porta da geladeira e abriu o freezer. Vapores rolaram, envolveram seus pés descalços e foram subindo enquanto ela apanhava cubos de gelo.

Vinho, pensei. Vinho, velas e música clássica. Mas eu receava dizer aquilo porque que tipo de vinho existiria na casa de bebedores de Kool-Aid roxo, se é que havia algum?

— Quer saber de uma coisa? — falei. — Eu trouxe para vocês uma garrafa do meu vinho favorito da Califórnia. Que tal a gente abri-la?

— Você trouxe para Dave uma garrafa — ela corrigiu.

— E para você — falei. — Só que eu ainda não sabia a seu respeito. Empurrei minha cadeira para trás e me levantei no momento em que ela estava se sentando.

— Vou até a minha van apanhar — eu disse. — E quando voltar, quero saber como você e Dave se conheceram.

— Não é uma grande história — disse ela.

— Não sou crítico — falei.

A porta dos fundos abria-se da cozinha para uma varanda de madeira de fabricação caseira com duas churrasqueiras, um par de cadeiras plásticas com costas de ripas e um gato. Quando eu descia as escadas, o gato, calculando seus passos com perfeição, caminhou pela balaustrada até o meu ombro e então se enroscou no meu pescoço.

Eu o vesti como um cachecol ao longo do quintal, dobrando a quina da casa até onde minha van estava parada. O gato queria entrar, naturalmente, mas isto já seria demais; e o afastei na porta lateral de correr. Já estava confuso demais dentro da van para um gato entrar.

Quanto a mim, a confusão estava em outra parte. Entrar na van, com todos os seus cheiros e outras esquisitices, era como me enfiar de novo debaixo das cobertas e mergulhar num bom sonho depois de uma corrida à meia-noite até os fatos frios e duros da vida no banheiro. Senti-me tentado a sentar no banco do motorista e ir embora, telefonar para o

meu irmão de Indiana, talvez tentar de novo vê-lo no caminho de volta.

Mas foi um pensamento passageiro. Quando você está na estrada, se você for eu, não vai estar na interestadual, antes de mais nada, e então vai ter ocasionalmente vislumbres fugazes de pequenas cenas domésticas, como dois irmãos jogando basquete na entrada de automóveis, ou um homem e uma mulher sentados a uma mesa junto à janela tomando café e conversando. Se você viaja por muito tempo, como eu, poderia até se sentir inclinado a invejá-los. Mas se aquele homem e aquela mulher são típicos como o seu vizinho ou a sua vizinha, pelo menos um deles repara no seu carro passando rapidamente, com uma ponta de desejo e inveja.

O apito do trem está sempre tocando, em outras palavras, e também o apito da chaleira.

Ou, para nossos propósitos, a van, todas as minhas coisas nela, minha música, minha bagunça, o colchão no jirau da traseira, a mesinha de jogo, as canecas de viagem e os pacotes de sementes de girassol... era muito convidativo, tudo aquilo; mas também o eram uma garrafa de vinho, um jantar e uma boa noite de sono no sofá do meu irmão. Um banho de chuveiro quente, uma garrafa térmica de café, um par de abraços e eu partiria de manhãzinha bem cedo... registrando visões fugazes da casa de outras pessoas, sem dúvida — sem dúvida desejando que ainda estivesse na cama em algum lugar, ou saboreando sossegadamente um café da manhã caseiro, ou jogando basquete com meu irmão na entrada de carros da nossa casa.

A vida é isto, ou o quê?

— Nos conhecemos numa loja de amortecedores — Ellen me informou enquanto eu servia o vinho em copos de suco.

— Espere um minuto — eu disse. Meu irmão, pelo menos isso eu sabia, sempre fora o tipo acadêmico, aspirando, da última vez que soubera dele, a um diploma avançado em



antropologia. — Dave trabalhava numa loja de amortecedores? — e eu sabia, assim que a fiz, que era uma pergunta burra.

— Não. Eu trabalhava — disse ela.

— Como assim? — perguntei.

— Por quê?

— Já que se trata de um trabalho de mecânico...

— Oh, eu não era mecânica — e mostrou-me suas unhas limpas, compridas e perfeitamente manicuradas. — Eu cuidava dos estoques.

— Oh, OK — eu disse. — Desculpe a interrupção.

Continue.

— Fim da história — disse ela. — Você não me interrompeu. Eu já havia terminado.

Eu ri.

— Não, é verdade. Foi apenas isso.

— Vamos rever os elementos básicos da história — eu disse. — Vocês se encontraram numa loja de amortecedores.

— Ele precisava de um amortecedor — disse ela. — Telefonei para ele. Me convidou para sair. Eu disse sim.

— E então, não mais que de repente... — falei.

— Felizes para sempre — e ela girou os três anéis ao mesmo tempo. Ergui meu copo para tocar no dela. Não retribui o gesto.

— Gostaria de propor um brinde — falei. Então ela entendeu. À sua história — eu disse.

— E à sua — disse ela. — Seja qual for.

Fizemos tintim e Ellen disse que gostava do vinho e eu disse sim, não é ótimo? É o meu *cabernet* favorito. Eu tinha duas caixas dele na van. Mas não se preocupe, ha ha, eu nunca abri uma garrafa antes de dar por encerrado o meu dia de viagem. Ha ha ha.

— Você ainda podia ser um assassino, sabia? — disse ela.

— Como assim?

— Ocorreu-me quando foi buscar o vinho — e ela bebeu um gole sem tirar os olhos de mim, mas não havia medo, nem desconfiança genuína neles — que talvez tivesse visto nosso nome na lista telefônica. Talvez visse o nome dele em alguma correspondência. Pelo que eu sabia, você ia voltar aqui com uma arma ou coisa parecida e me estuprar.

— Do que está falando? — e procurei minha carteira no bolso.

— Não preciso ver suas credenciais — disse ela. — Se fosse me estuprar e matar, já o teria feito a esta altura. Eu sei. Desculpe. Não quis insultá-lo ou coisa assim.

Só estava lhe contando o que passou por minha cabeça. Não se parece muito com Dave.

— Não. Nunca me pareci.

— Está nervoso porque vai se encontrar com ele?

— Sim. Eu quase fui embora — admiti. — Pensei em ir.

— Também me perguntei se iria fazer isso — disse ela.

— Mas então eu saberia que você era um assassino. Vamos, me conte: Qual é a sua história? Onde mora? Para onde está indo? O que faz? Ainda não posso acreditar que ele não tenha me falado a seu respeito. Nada. Que você existia, por exemplo.

— Ele não é um grande conversador, é?

— Não — disse ela, sacudindo a cabeça. — Seguramente não é.

— Moro em Seattle — falei. — No momento estou trocando de emprego. Eu trabalhava numa estamperia, mas saí.

— E para onde está indo? Algum lugar em particular? Pensei a respeito.

— Não — eu disse. — Não, na verdade. Quero dizer, eu sei que vou para a cidade de Nova York e sei que vou voltar para Seattle, e sei que estou percorrendo a rota panorâmica. Mas não são apenas umas férias. Como você chamaria, é como num conto de fadas quando...

— Lua de mel?

— Lua de mel? Não — falei. — Sabe, algo como "matar o dragão" — eu disse — ou "trazer a vassoura da Bruxa Má do Oeste, ou do Leste."

— Uma busca?

— Sim, foi mais ou menos no que acabou se transformando, eu acho. Para mim. Esta viagem.

Tomei um último gole do meu vinho, enchi de novo o copo e fiz o mesmo no dela. Ela pareceu confusa.

— Então — disse —, qual é a busca da sua busca?

— Não sei.

— Tem de saber — disse ela — se a quer chamar assim.

— Não sei se posso lhe contar. Quero dizer, não sei se eu sei.

Exatamente.

— Oh — pareceu desapontada. Baixou a cabeça, mas quase imediatamente levantou os olhos de novo, encantadora e inocentemente esperançosa. — Pode me contar — disse ela.

E do jeito como falou, do jeito como me olhou, ao dizer aquilo, a simplicidade da sua conclusão e expressão, me levaram a acreditar que eu podia contar a ela.

— Não vou contar a ninguém — disse ela. — Sei guardar um segredo. Eu prometo. E de qualquer maneira sempre existe alguém, não existe, uma fada boa, um duende, um elfo ou uma marmota ou qualquer outra coisa que ajuda a salvar o herói? Nada sério, apenas uma pequena informação ou um conselho, ou um amuleto que traz sorte, ou a arma certa.

Pensei: Marmota?

— Talvez eu possa ajudá-lo — falou ela. — E só o que estou querendo dizer.

Eu não disse nada por um longo tempo. Nem ela. Olhei para as paredes procurando algo para fitar. Olhei para a geladeira e olhei para o tampo do balcão. Nada de arte, ou pinturas, nada além de um velho e simples relógio institucional na parede acima do fogão.

— Eu não sei — falei, olhando para dentro do meu copo.

Mas quando terminamos a garrafa de vinho eu estava pensando que ela poderia me ajudar, claro, embora eu não conseguisse colocar em palavras qualquer maneira específica de ajuda que eu precisava. Convidei-a para ir comigo até a van pegar outra garrafa.

— Devíamos deixar um pouco para Dave — disse ela.

— Tenho muitas — falei.

— Então vamos — disse ela, e quando se levantou eu podia sentir que já tinha bebido bastante.

— Talvez queira pegar alguma roupa — falei. — Faz muito frio lá fora.

— Estou bem — disse ela. — Posso aguentar. Pegou a bolsa de cima da mesa e levou-a consigo.

— Quanto tempo leva para pegar uma garrafa de vinho?

Eu não sabia o que responder àquilo. Não sabia que ia fazer o que fiz, mas acabei fazendo, caso contrário, por que teria desejado que ela saísse comigo? Abri a porta lateral e ela entrou na van e ajoelhou-se no chão, examinando tudo, sorrindo como uma criança.

— Lar — disse ela, erguendo uma das cortinas e dando uma olhada pela janela para sua própria casa. — É aconchegante aqui.

Passei por ela e rastejei até a traseira da van. Com dedos trêmulos, abri o cadeado da porta de madeira que colocara debaixo do jirau e mostrei a ela minha coleção crescente de vestidos de noiva comprados em bazares de roupas usadas. Pendiam de um pedaço de corda, separados um do outro da cintura para cima enquanto a parte das saias caía e se juntava formando um mar espumante de renda branca, tule, poliéster e cetim. Só o cheiro bastava para trazer lágrimas aos olhos da gente, mas Ellen mergulhou no branco com as duas mãos, sentindo os tecidos, e quase perdeu a consciência. Inclinou-se dos joelhos para o lado do corpo e então se aprumou. A bolsa caiu sob a mesinha de jogo e seu roupão se abriu.

— Você está bem? — falei, tentando desviar os olhos enquanto ela se ajeitava.

— Fiquei tonta — disse. — O vinho. Estou bem — falou.  
— Então esta é a sua busca?

Eu disse: — Não. Na verdade, não. Quero dizer...

— Eles servem em você?

— Não é preciso que sirvam — falei. Apanhei outra garrafa de vinho. — Vamos entrar — eu disse. Ajudei-a a descer da van e fechei a porta de correr bem no instante em que o gato se aprontava para esgueirar-se para dentro. Ele me deu um daqueles olhares oblíquos de gato, do tipo *se-um-olhar-matasse*, e escapuliu para baixo do veículo. Eu me perguntava se não passaria por cima dele quando partisse na manhã seguinte.

— Então você vem invadindo o sótão das pessoas, ou o quê? — perguntou Ellen assim que servi o vinho.

Ocorreu-me que tínhamos deixado a bolsa dela na van.

— Não — falei. — Venho percorrendo bazares e brechós.

— São caros?

— Às vezes.

— As pessoas olham esquisito para você?

— Sim.

— Diverte-se com isso?

— Com os olhares esquisitos?

— É.

— Sim.

— Quantos você tem?

— Nove ou dez.

— Quantos quer ter?

— Centenas.

Ela riu, de um jeito agradável, compreensível, até, e continuou fazendo as perguntas fáceis. O sol acabou se pondo, sem que ela perguntasse o porquê, e eu amei minha cunhada por aquilo.

Devia estar na hora de meu irmão voltar para casa, cerca das seis, quando ela falou através da mesa para mim,

"Eu tenho um". A segunda garrafa estava pela metade, pelo menos, e a cozinha estava quase totalmente escura.

— Está no armário — disse. — Quer ver?

— Claro. Por que não?

Ela acendeu uma luz ao sair da cozinha e eu fechei os olhos para não ter de ver tudo com clareza demais. Podia ouvir o tiquetaque do relógio e podia ouvir os cabides de metal deslizando em outra parte da pequena casa. Pensei no som que o carro de Dave faria ao chegar, que tipo de carro ele dirigia e como se sentiria ao voltar para casa e encontrar sua mulher mostrando para mim o seu vestido de noiva. Certamente se sentiria mal. Bem feito para ele, por não me ter convidado para o seu casamento.

Pensei que ela fosse simplesmente mostrá-lo para mim, mas se passou mais tempo do que o necessário e tive de abrir os olhos e encarar o relógio. Eram seis e quinze.

— Ei, preciso de você aqui — me chamou do outro lado da casa. Esvaziei meu copo e levei a garrafa comigo.

A mulher do meu irmão estava em pé diante de um espelho de corpo inteiro no seu quarto. Nossos olhos se encontraram no espelho.

— Puxe o zíper para mim — disse.

Coloquei a garrafa na cômoda, caminhei até ela e fechei o zíper.

— Agora dê um passo para trás — falou.

Voltei à cômoda e apanhei uma pequena estatueta de um corvo feita de sucata soldada. Era magro e sinistro, mas era o único toque decorativo que eu encontrara em tudo o que vira da casa e gostei dele.

— acredite ou não — disse Ellen, colocando o véu na cabeça — eu perdi peso depois que me casei. Isso acontece com frequência?

— Não sei — eu disse, trocando o corvo pela garrafa. — Acha que está folgado?

— Um pouquinho — disse ela, assobiando um compasso ou dois da Marcha Nupcial. E então, virando de frente para

mim, afastou-se e disse: — Eu estava mais ou menos assim quando casei.

Fez uma reverência. Estava uma gracinha.

— Pena que eu perdi a cerimônia — falei.

— Também lamento — disse ela.

Tomei um gole de vinho.

— Dave vai pagar por isso.

— Não não não não não não — falei, passando a garrafa a ela. — Foi culpa minha.

Ela tomou um gole e me devolveu a garrafa.

— Sabe o que estou pensando? — disse.

— Não.

— Acho que caberia em você — falou. — Só é um pouco maior do que eu.

— Sabe o que eu acho? — eu disse.

— O quê?

— Não vai acontecer — eu disse. — Não existe vinho suficiente no mundo, menos ainda em minha van, menos ainda nesta garrafa...

— Vamos — disse ela. — Só para ver a cara de Dave.

Eu ri.

— Para ver a cara de Dave — eu falei — enquanto está me chutando para longe da família de novo.

— Não desta vez — disse ela. — Não vou deixar isso acontecer. Eu sou a família agora. Pode usar o que quiser.

Sentei-me na beira da cama deles. Eu não queria usar vestidos de noiva. Eu não sabia o que queria.

— Foi uma festa grande? — perguntei.

— Muito grande.

Tirou o vinho de mim e tomou um gole, depois segurou-o na mão ao lado do corpo, virando-se para lá e para cá, examinando-se ao espelho.

— Tem algumas fotos? — eu disse.

— Tenho.

— Onde?

— Vou lhe mostrar num minuto — disse ela. — Espere aí.

Fez uma pose.

— Aqui você tem a coisa verdadeira — sorriu do espelho para mim. Mesmo com a garrafa pendurada em sua mão, parecia celestial.

Devolvi o sorriso.

— Estava todo mundo lá? — falei.

— Quase todo mundo — disse. — A não ser você.

— Mas o resto da minha família? Da sua? Amigos? A tropa completa?

— Sim, a tropa completa.

— Que legal — falei. — Banda ao vivo?

Ela veio até a cama e me ofereceu a garrafa, e depois sua mão.

— Gostaria de dançar? — perguntou.

— Adoraria, mas acho que estou correndo perigo com o meu irmão do jeito que as coisas estão por aqui. Algo me diz que você devia sair desta indumentária antes que ele volte para casa.

— Por quê?

— Não sei. Podia parecer que estamos tentando descontar nele, fazer algum tipo de comentário ou coisa parecida. E a última coisa que quero no mundo é fazer qualquer comentário. Depois de dez anos.

— Não entendi — disse ela, sentando-se na cama a meu lado.

— Ele pode não gostar — falei. — Não há nada de concreto, na verdade. Eu também não entendo. Só estou com um mau pressentimento.

Ela deixou-se cair de costas, atrás de mim. O vestido farfalhou.

— Me conte o que foi que você fez — falou.

— O quê?

— Para merecer isso — disse. — Por que o deserdaram?

— Tire o vestido — falei. — Vamos voltar à cozinha e conversar sobre isso.

— Tarde demais.



Ela se soergueu e ficou sentada de novo na cama, calmamente, e colocou a mão no meu joelho. Do lado de fora a porta de um carro bateu.

— Ele chegou.

Eu não disse nada. Simplesmente me levantei, hesitei por um segundo e fui sem ela à cozinha.

Ele estava entrando pela porta dos fundos.

— Dave — disse eu, saindo de trás de uma coluna.



Ficamos parados nos olhando. Era um gigante careca num terno com colete e uma gravata gorda com peixinhos dourados. Tinha lábios molhados e inchados, olhos pequeninos e uma vermelhidão de fim de dia na pele, como se tivesse de atravessar um incêndio para ganhar a vida.

— Que porra está fazendo aqui? — ele disse.

— Querido? — Ellen chamou do quarto de dormir. — Dave? Eu estava na casa errada.

— Querido? — disse Ellen, farfalhando pelo corredor. Uma luz se acendeu nos olhos de Dave e então ele partiu para cima de mim. E lá estava eu voando através da janela panorâmica. E a seguir eu estava do lado de fora na grama, o gato em cima de mim, com as patas no meu peito.

Empurrei-o, fiquei em pé e olhei através do vidro quebrado. O homem de terno agarrara Ellen, ainda no seu vestido de noiva, pela garganta com as duas mãos. Ele a ergueu contra a parede da cozinha com os pés pendendo no ar.

Entre os gemidos e os arquejos dela e o jorro de palavras cuspidos por ele e o som da cabeça dela, ainda coberta pelo véu, batendo contra a parede, não tive problema em me esgueirar para dentro e quebrar a cabeça dele com o rolo de macarrão. Em algum ponto, de alguma forma, todos nós três tínhamos tomado caminhos muito errados.

Ellen, inconsciente, caiu dobrada sobre o marido. Eu a arrastei para longe dele antes de verificar o pulso dela. Ainda estava viva, mas não chegava a respirar. Eu não tinha certeza se conhecia técnicas de ressuscitação, mas pensei que, se um gato sabia fazer aquilo, era melhor eu começar logo a me virar. Pressionei sua caixa torácica algumas vezes e preendi o seu nariz e soprei em sua boca.

Ela respirou. Não abriu os olhos. Cerrou-os ainda com mais força e sacudiu a cabeça de um lado para o outro como se tentando se livrar de algo.

— Não se preocupe, querida — falei. — Você vai ficar bem. Tudo já passou.

E eu a segurei em meus braços e carreguei para fora na direção da van. Tanto Dave como eu tínhamos derramado sangue no seu vestido de noiva, mas imaginei que um dos meus caberia nela como uma luva.

— O vinho — disse ela.

— Não se preocupe — falei. — Meu irmão mora por aqui em algum lugar.



## Esporte sangrento

Na maioria das vezes a lembrança era desencadeada pela cor aquele vermelho primário dos cartões de Dia dos Namorados ou dos anúncios de Coca-Cola — a cor das unhas dos pés dela, juvenis e perfeitamente polidas. Ele se lembrava do corpo, pequenino, sem vida e morbidamente imóvel enquanto jazia aberto e era autopsiado na mesa da sala do necrotério. Ainda podia trazer à lembrança, mesmo passados tantos anos, a espiral do nó que o patologista atara no saco das vísceras, com todos os seus órgãos examinados por dentro, a borda em carne viva do ferimento de saída na sua perna direita e a horrível precisão do buraco no seu seio onde o homem que a matara colocara a boca da arma.

E lembrava também o árido inventário de detalhes, o vazio na voz da mãe dela na manhã em que telefonara para ele na agência funerária.

— Elena foi morta a tiros, Martin. Lá em Baldwin. Está no necrotério do condado de Lake. Vá buscá-la, Martin. Traga-a para casa.

Elena só tinha quinze anos quando seu pai morreu — a bela filha morena de uma bela mãe morena e de um homem que tinha câncer. Ele foi colocado num espesso caixão de metal. Foi um funeral grandioso. Martin se lembra de ter ficado em pé, entre Elena e sua mãe viúva, quando foram ver o corpo do morto. Calculava que tinha dez anos a mais do que a filha e dez anos a menos do que a mãe. Perguntara, conforme o haviam treinado para perguntar, se

tudo estava "satisfatório". Era o fracasso das palavras que sempre o intrigava.

— Ele ficou tão magro.

— Sim.

— Pelo menos não está sofrendo mais.

— Não.

— Obrigada, Martin.

— De nada.

E se lembrava de como Elena, depois de tentar ser corajosa por sua mãe, depois de ficar ali em pé olhando para a tampa do caixão como se pudesse suportar aquilo, como se pudesse olhar sem ver, deixara seus olhos caírem sobre o rosto do pai morto e gritara, numa longa expiração de dor, "Oh, papai! Por favor, não", e quase se dobrara ao meio segurando o umbigo, e de como seus joelhos fraquejaram e de como ele a segurou antes que caísse ao chão. E como Elena apertara seus soluços sobre a camisa dele, e como ele a abraçara forte e a sentira agarrando, e como podia sentir o cheiro dos seus cabelos e sentir o formato e a perfeita tristeza em seu corpo que sacudia, e como dissera a ela que tudo ia ficar bem porque realmente não sabia o que dizer. Aquilo o fazia sentir-se necessário e ele queria segurá-la e protegê-la e tornar tudo melhor porque ela era bonita e triste, e embora ele não pudesse resolver nada não a deixaria ir até que ela pudesse ficar sobre seus pés de novo. E pensou que o fato de ser o único embalsamador da cidade não era uma coisa ruim porque quando você ficava entre as viúvas e os órfãos eles lhe agradeciam pelo infeliz trabalho que você fizera com os seus entes queridos.

Cinco anos depois e foi a vez de Elena, morta pelo marido com uma espingarda.

Martin não podia deixar de pensar como era masculina a violência, o quanto tinha de caça, e de *faça-você-mesmo*, o filho da mãe ficar em pé na varanda da frente do seu trailer na floresta E ela colocava seus últimos pertences no carro

— seu aparelho de som e uma braçada de coisas em cabides — como ele deve ter revelado cuidadosamente o rifle, seus olhos se cerrando para a fixarem na mira. Colocou a primeira bala através de sua coxa. Um tiro fácil de menos de quinze metros.

Devia querer impedi-la de correr.

— Do jeito como você faria com um animal selvagem — disse o patologista gordo, cheirando a cerveja rançosa, a Martin no necrotério, tirando o charuto da boca para dissertar como um especialista: — Você o aleija primeiro, e daí não tem de perseguir um rastro de sangue através das árvores a noite inteira. Entusiasmou-se com o seu tema.

— Caçadores de arco e flecha procuram acertar o coração ou os pulmões na maioria das vezes. Não se incomodam de caçar através de pantanais e de charcos atrás de um gamo ferido. É parte do esporte para eles. Mas caçadores com armas de fogo procuram acertar na cabeça ou nas pernas.

E quando ela jazia sobre o espesso monte de folhas ao lado do carro, sangrando da artéria femoral dilacerada, ele encostou o cano no seu seio esquerdo e detonou outro cartucho.

Ela teria sangrado até morrer, de qualquer maneira — disse o patologista. A visão daquela mão gorda com o charuto tocando o local na coxa de Elena onde a bala rasgara a sua saída enojou Martin. E quando a mesma mão puxou o lençol mais acima para mostrar a terrível carnagem no seu torso — as incisões da autópsia foram costuradas muito frouxamente — e o pequeno ferimento preto, roxo e vermelho onde o assassino deve ter imaginado que estava o seu coração, Martin rapidamente deslocou sua maca para o lado da bandeja do necrotério, cobriu o corpo dela e assumiu o controle antes que o patologista levasse adiante a sua infeliz palestra. Assinou o livro de registro ao lado do nome de Elena e do número do caso, apanhou o atestado de óbito assinalando "ferimentos a tiro de

espingarda na perna e no peito" na seção que perguntava a causa da morte e "homicídio" onde se perguntava a maneira, e havia ainda o nome dela e a data da morte, tudo isso rabiscado na letra desleixada do patologista, e saiu dali.

A caminho de casa ficou imaginando como teria acontecido se alguém podia ter ouvido, o estampido do pequeno calibre, como se ela fosse uma corça se alimentando entre as bolotas ou vinda à jazida de salitre, seus grandes olhos castanhos cheios de pânico e quietude. Perguntou a si mesmo se ela sabia que ele era perigoso. Perguntou-se se ela se dera conta, depois do primeiro tiro, de que ele ia matá-la. Perguntou-se se ela morreu com medo ou com bravura. Perguntou-se se, sangrando do primeiro ferimento, ela poderia ter desmaiado e nunca vira o rosto do seu assassino, ou o cano da arma, ou se o sentira em seu corpo ou vira seus olhos enquanto ele apertava o gatilho.

Examinando a coisa em si, sem se deixar levar por seus deveres profissionais, considerada sob a ótica de humanidade, a aberração era incompreensível. Como podia alguém matar alguém tão friamente, alguém com quem fizera planos, fizera sexo, assistira à televisão, a quem prometera amor? Aquilo o deixava com uma ambiguidade funcional. Martin tentava juntar uma frase sensata em que as últimas palavras diziam mais ou menos e então ele lhe deu um, dois tiros, porque... mas nunca conseguia.

Olhou pelo espelho retrovisor para o comprimento da maca na traseira do carro fúnebre com sua asseada cobertura azul debaixo da qual o corpo de Elena estava afivelado, sua cabeça no travesseiro, uma pequena sacola com suas roupas ensanguentadas, suas joias e seus objetos pessoais do lado dela. Tentou ligar este horror à sua lembrança de uma garota triste e bonita chorando ao lado da sepultura do pai morto poucos anos atrás, esperando que o padre terminasse suas orações.

A manhã estava azul e ensolarada, os brotos dos bordos começando a se abrir, os homens que haviam carregado o caixão em linha de um lado da sepultura, Elena e sua mãe e avó do outro lado. E ao redor, cerca de duas centenas de pessoas que vieram prestar suas homenagens — mulheres que tinham trabalhado com a mãe de Elena nos escritórios da agência imobiliária, homens que haviam trabalhado com o seu pai na loja, paroquianos de Nossa Senhora da Misericórdia e garotos da turma de calouros da escola secundária. Depois que o padre terminou, Martin pediu aos homens que levaram o caixão para tirarem suas luvas e as deporem solenemente sobre ele — um pequeno gesto de despedida. E então, do pequeno monte de terra ao lado da sepultura, debaixo do capacho de grama verde, ele dera um pequeno punhado de terra primeiro para a mãe do morto, depois para a mulher do morto e depois para Elena; e, seguindo a sua orientação, cada uma delas caminhou até o caixão e traçou uma cruz com a terra que Martin lhes dera. Ele colocou a mão nos seus ombros enquanto elas pisavam nas tábuas, num gesto de prontidão e assistência sempre vigilante. E depois daquilo Martin anunciou as palavras que ensaiara a noite inteira.

— E isto conclui os serviços para o Sr. Delano.

Lembrou a si mesmo de falar lentamente, de enunciar, articular, projetar.

— A família deseja agradecer a cada um de vocês por suas muitas gentilezas, pelos tributos florais, cartões, pelo comparecimento à missa e mais especialmente por sua presença junto a ela esta manhã.

Tomou fôlego, tentou lembrar a parte que vinha em seguida.

— Estão todos convidados a voltar agora ao salão da paróquia de Nossa Senhora da Misericórdia, onde foi preparado um almoço em memória do Sr. Delano. Podem seguir diretamente para seus carros.

Com esta orientação dele, as pessoas começaram a se afastar, aliviadas ao final das solenidades, falando livremente, trocando notícias e pêsames. Martin ficara satisfeito com a cerimônia. Tudo correria exatamente como planejara — um tributo digno do morto, um bom funeral. Os carregadores de caixão saíram juntos num grupo, com um ar oficial. Alguém amparou a avó enquanto se afastava da sepultura. A mãe de Elena, seus olhos cansados e vermelhos, se apoiou no braço de Martin enquanto caminhavam para a limusine, segurando a rosa que Martin lhe dera, a multidão de pessoas abrindo espaço para eles enquanto passavam. E Martin pensava que não era nada mau as pessoas verem como o seu novo diretor funerário era um homem confiável — um tipo de homem com quem se podia contar, confortador — saído há menos de um ano da escola mortuária, hipotecado até a alma pelo negócio que comprara da viúva do seu antecessor, mas um cidadão claramente digno de crédito, alguém a se chamar, noite ou dia, se houvesse algum problema.

Na porta do carro a Sra. Delano parou, virou-se para Martin com um sorriso corajoso, inclinou ligeiramente a cabeça, abriu os braços e Martin, sentindo o que ela desejava que ele fizesse, sem hesitação se abaixou para abraçá-la. Ela disse, "Obrigada, Martin" e "Eu nunca teria passado por tudo isso sem você", alto o suficiente para que os passantes ouvissem e ele afagou as costas dela profissionalmente, todo cheio de cuidados e bondade como se deveria fazer com qualquer ser humano em sofrimento, dizendo a ela "A senhora se saiu bem; ele se sentiria orgulhoso da senhora" e ela deu tapinhas no ombro dele e então, depois que o abraço terminou, segurando o lenço junto aos olhos, rapidamente desapareceu no assento traseiro do carro num ímpeto de dor, alívio e gratidão e Martin se endireitou e segurou a porta.

Elena, que vinha para a limusine atrás de Martin e de sua mãe, segurando duas rosas que apanhara entre aquelas



lançadas sobre o caixão de seu pai, parou na porta do carro e, talvez porque seguisse o exemplo da mãe, ou porque achasse que era a coisa certa a fazer, encarou Martin nos olhos e disse, "Obrigada, obrigada por tudo", e estendeu os braços para colocar as mãos em volta do pescoço de Martin e, enquanto Martin começava a dizer, numa voz carregada de cuidados e bondade "De nada, Elena, de nada", ela ergueu-se nas pontas dos pés, apertou seu corpo firmemente contra o dele e beijou-o em cheio na boca. Martin podia sentir o peito dela contra o seu peito, suas mãos pequeninas segurando os lados do rosto dele e sua boca macia abrindo-se, e a ponta molhada da língua nos seus lábios. Largou o trinco da porta e segurou-a pela cintura, primeiro puxando-a para si, depois abrindo seus olhos e a afastando suavemente, e quando ela deixou de beijá-lo ele pôde sentir seu rosto se avermelhando e se perguntava se o padre, os carregadores de caixão e o pessoal da cidade teriam visto seu rubor e o clarão de desejo que podia sentir em si mesmo e a vontade começando a se formar em seu pensamento de que todo mundo desaparecesse para que ele pudesse segurá-la, tocar nela e consolar e possuí-la e então, antes que pudesse afagar suas costas profissionalmente, antes que pudesse dizer "Calma, calma, tudo vai ficar bem", antes que tivesse uma oportunidade de restaurar a atmosfera de solenidade e ordem, Elena ofereceu, com um sorriso corajoso, uma das rosas que segurava. Ele a apanhou e, como sua mãe, Elena se enfiou de cabeça na traseira do Cadillac negro e comprido, que então foi embora.

Havia uma sensação de segurança em cuidar apenas das partes — as artérias e a química, o fechamento dos olhos e a linha dos lábios, o conserto do crânio e do esterno, o tratamento das cavidades e das vísceras, a colocação das mãos, a sutura de ferimentos e cortes, o ruge, o batom e o esmalte de unha, a escolha das roupas e do penteado e ainda do caixão. O dever conseguia separar Martin daquilo

que ele fazia. Recheiar o crânio aberto com algodão, colocar a calota do crânio de novo no lugar e recolocar o escalpo sobre o crânio (restaurando assim os contornos faciais) e cuidar dos minúsculos pontos atrás de uma orelha e atrás de outra, tudo isso era apenas parte do processo de embalsamar, e embalsamar, era apenas parte de redesenhar os mortos, que era apenas parte do processo do funeral, e o funeral era apenas parte do conceito mais amplo de uma morte na família, e uma morte na família era uma perspectiva mais controlável, de certo modo mais genérica, do que o horror — redondo, insensato e reconhecível e bem além de suas capacidades profissionais — de uma garota adorável, que crescera para se tornar mais adorável como mulher, que se encostara nele e contava com ele e o beijara uma vez com sinceridade e que se afastara e fora morta a tiros como um animal na floresta por um homem de quem Martin não sabia absolutamente nada.

Durante meses depois do funeral do pai dela, Martin ficou de olho em Elena. Sua mãe veio pagar a conta e apanhar mais cartões votivos e notas de agradecimento. E depois veio encomendar uma lápide. "Querido Esposo e Pai" eram os dizeres. Martin a aconselhara contra uma lápide conjugal. Ela era jovem e certamente se casaria de novo, pensou.

E Martin sempre perguntava, "Como vai Elena?" em sua voz mais profissional e zelosa.

— Vem tendo problemas com os deveres da escola. Não dorme bem. Estou um pouco preocupada.

Martin deu à mãe de Elena uma lista de grupos de apoio a pessoas que perderam um ente querido, administrados pelo hospício e por igrejas da área. Lembrou a ela que costumava haver "um ano de luto" e disse que os sentimentos de Elena eram provavelmente "muito normais" e que o "tempo cicatriza todas as feridas".

— Sim — disse a mãe de Elena. — É muito duro.

Ela agradeceu de novo a Martin por tudo e disse esperar que ele entendesse se dissesse que não desejava encontrá-lo de novo.

Martin sorriu e com um aceno de cabeça sugeriu que entendia perfeitamente.

Em junho seguinte, Martin leu no jornal que Elena fora líder da equipe local de debates que foi às finais regionais em Ann Arbor, que no ano seguinte ela fora à Itália num intercâmbio de bolsistas do Rotary e em seu último ano tivera sua foto publicada na primeira página sorrindo em seu vestido de baile de formatura ao lado do filho do homem que era o dono da concessionária Lincoln-Mercury da cidade, sobre uma legenda que dizia "Uma noite inesquecível", e Martin se lembrava de como Elena parecia feliz e como estava bonita. Depois disso não teve mais notícia dela.

— Depois que o pai morreu — a mãe de Elena disse a Martin quando veio escolher um caixão e preparar o funeral da filha — ela parecia um pouco perdida.

Martin ouviu e acenou com a cabeça enquanto a mãe de Elena, parecendo tão mais velha agora, delineava os detalhes da vida de sua filha morta. Terminara o secundário, se candidatara para cursar faculdade, passara o mês depois da formatura trabalhando como garçoneiro num bar-restaurante no oeste de Michigan, para ficar por sua própria conta e ganhar um dinheirinho.

— Ela o conheceu lá. No Northwoods Inn.

Ele trabalhava para a comissão rodoviária do condado e aparecia de noite depois do trabalho nos dias de semana e nos fins de semana depois de pescar ou caçar. Tinha um trailer no mato. Fez galanteios, comprou flores e comprou cerveja e *cheeseburgers* para ela. E quando chegou a hora de ir para a universidade, para receber a educação para a qual seu pai economizara, ela telefonou para a mãe e disse que ia se juntar com este homem.

— Não aprovei, mas o que podia eu fazer, Martin? Seu pai nunca teria permitido aquilo. Mas o que podia eu fazer? Martin sacudiu a cabeça e concordou.

— Eu lhe disse que estava jogando fora sua vida numa aventura de verão, mas ela disse que o amava. Ela o amava e ele a matou, atirou nela como num maldito cachorro, Martin.

Os soluços da mãe de Elena aumentaram. Martin serviu-lhe um copo d'água, aproximou dela a caixa de Kleenex.

— Obrigada, Martin — disse ela. — Desculpe-me.

— Não é nada — disse ele. — Está tudo bem.

— Não demorou a ficar grávida e ele disse que "faria a coisa certa" em relação a ela. Eu disse a Elena que ela se sentiria sempre enjaulada, ou como se ele tivesse feito um grande favor, que ele era um homem tão grandioso e ela não era nada sem ele, mas ela disse que o amava e talvez tudo estivesse destinado a acontecer daquele jeito, e o que podia eu fazer, Martin? Seu pai teria ido até lá e a teria trazido para casa, mas eu não tinha ninguém, ninguém.

Casaram-se no escritório do condado em cerimônia civil, Elena com seu vestido do baile de formatura e o novo marido com chapéu de caubói, paletó jeans e gravata estreita de laço.

A mãe de Elena tirou da bolsa o instantâneo do casamento e disse a Martin. "Corte ele daí e use a foto para o jornal e para os cartões. Ela estava tão feliz naquele dia".

Elena abortou no terceiro mês e assumiu um emprego burocrático no escritório do xerife. Em meados do verão seguinte as coisas estavam ficando péssimas. O apetite do marido por Budweiser e esporte sangrento não se aplacava.

— Ela telefonava para casa chorando, Martin. Ele ainda ia aos bares nos dias da semana e voltava para casa bêbado e, bem, imprevisível. E passava os fins de semana vagabundeando pela floresta, atirando em caça pequena que trazia para casa e fazia ela limpar e cozinhar.

— Saía de noite para pegar salmões na desova e os trazia para congelar ou defumar e guardar em potes.

— Suas cartas para casa começaram a ficar tão tristes, Martin. "Ele quase não toma banho", me escreveu certa vez. "Parece tão zangado."

Tirou da bolsa um maço de envelopes cor-de-rosa e os segurava e balançava na cadeira diante da mesa de Martin.

— Tinha uma letra tão bonita.

Martin concordou com a cabeça, sorriu, entendeu.

— Ligou uma vez chorando de um modo horrível, eu lhe perguntei se ele tinha batido nela e ela disse não, não. Ele tinha matado uma corça, bem defronte do trailer deles. O bichinho viera com a mãe comer do monte de cenouras que ele usou para atraí-los. Estavam na cama. Domingo de manhã. Ele se levantou, foi até a janela, caminhou até a porta onde guardava o rifle. Faltavam meses para começar a temporada de caça legal. Ele atirou direto da porta. A corça, Martin. A pequenina corça.

Ela estremeceu de novo agora, soluçando e balançando na cadeira.

— Sabe o que disse quando ela gritou com ele por matar a corça?

Martin sacudiu a cabeça.

— Disse que de qualquer maneira o bicho não conseguiria viver sem a mãe.

Agora ela soluçava e sacudia em espasmos, e Martin estendeu o braço através da mesa para segurar suas mãos que apertavam o maço de cartas da filha.

— Não temos que fazer isso agora — Martin lhe disse.

Mas ela queria prosseguir, desabafar, deixar esta parte para trás. Depois que ele matou a corça, Elena se candidatou a uma vaga na universidade estadual em Mt. Pleasant, usando o escritório do xerife como endereço de resposta. Quando chegou a carta do departamento de admissão, começando com "Prezada Srta. Delano: Parabéns!" ela tirou uma cópia e mandou para casa com um

bilhete perguntando à mãe se ainda sobrara algum dinheiro para sua educação.

— Claro que sim, foi o que eu disse a ela — a mãe de Elena contou a Martin. — Queria que ela tivesse uma educação completa antes de formar família. Depois que perdeu o bebê, não tinha mais motivo para ficar com ele. E ele estava bebendo e andava deprimido. Trabalhava, bebia e ficava cada vez mais distante. Ela podia ver que cometera um grande erro. Eu podia sentir que não era feliz.

Elena contou à mãe como devolveu ao marido seu casaco de couro e o pequeno anel de diamante e disse que sempre pensaria nele, mas que era jovem demais e achava que tinha o dever para com a memória do pai de voltar aos estudos e colocar sua vida nos trilhos, que sempre guardaria com carinho a memória do tempo que passaram juntos, mas que precisava realmente ir embora. Achava que seria o melhor para os dois. Estava segura de que ele também não se sentia feliz.

Na noite anterior a sua planejada partida, lavou os cabelos, fez as unhas e cozinhou para ele um faisão, que comeram à luz de velas — "em nome dos bons tempos", dissera à mãe quando telefonou para avisar que estaria em casa no dia seguinte. Ela realmente não queria ressentimentos. Fora um erro seu e lamentava tê-lo envolvido naquilo. Certamente seriam amigos para sempre.

"Ele aceita a ideia. Não gosta da ideia, mas aceita", foi o que ela disse quando a mãe lhe perguntou como estava reagindo.

E, segundo o legista e o xerife conseguiram reconstituir aproximadamente, aconteceu depois que tudo dela fora colocado no carro, o baú cheio de livros e álbuns de fotos, o banco traseiro carregado com seu aparelho de som e um cabideiro de roupas e o banco do passageiro com sua única mala, cheia de produtos de beleza, meias e roupas de baixo; talvez ela estivesse se virando para dar um adeus antes de partir, ou talvez ele tivesse bebido Budweiser a

noite inteira, ou talvez ele a ajudara e depois ficara furioso, mas o que quer que tenha acontecido, fosse paixão ou cálculo, antes que ela se sentasse no banco do motorista ele pegou o rifle de onde o guardava. Do que podiam calcular aproximadamente pelo ângulo do ferimento, ele ficou em pé na varanda da frente, mirou e atirou, depois caminhou até onde ela estava caída sobre o monte de folhas ao lado do carro e atirou de novo nela, desta vez no peito.

Esta era a parte que Martin jamais pudera imaginar — o cálculo de atirar na sua perna e depois deliberadamente caminhar até lá e encostar a ponta do cano no seio esquerdo dela e apertar o gatilho. Será que tamanha loucura num homem não teria mostrado sinais antes? O primeiro tiro não o acordaria do sonho?

A mãe de Elena balançava na cadeira à frente de Martin, soluçando baixinho, segurando as cartas, olhando para a fotografia da filha sobre a mesa ao lado do homem que havia acabado de matá-la.

— Escolha você o caixão, Martin. Não posso fazê-lo. Algo como o do pai dela. Por favor, Martin. Faça o favor.

Ele usou o caixão cereja com o interior de veludo rosa avermelhado, e embora fosse consideravelmente mais caro do que aquele em que fora enterrado o pai de Elena, cobrou o mesmo e pensou que era o mínimo que podia fazer.

E agora, vinte anos depois, aproximando-se dos cinquenta, ainda não podia se livrar do sentimento de vergonha, de que os homens na vida dela a decepcionaram terrivelmente.

O pai que morrera jovem demais, o marido que a assassinara, até o embalsamador que só pudera tratar suas vísceras com fluido de cavidade, injetar seus braços, suas pernas e sua cabeça, costurar as horríveis incisões da autópsia — do ombro esquerdo até o osso pubiano — a pequena protuberância no umbigo onde o saco cheio de

órgãos quase a fizera parecer grávida, depois cobrir os pontos de sutura com algodão e adesivo. E depois colocar um pouco de *blush* no rosto, passar batom em seus lábios, enrolar e pentear seus cabelos. Ele a vestira com a suéter e o jeans que a mãe trouxera e a erguera e colocara no caixão, botara seu rosário da Primeira Comunhão nas mãos, um crucifixo na cabeça do caixão e pusera um braço em volta de sua mãe quando ela veio olhar.

— Oh não, não, não — soluçou, seus ombros subindo e descendo, a cabeça sacudindo, o corpo dobrando-se diante da visão do corpo morto de sua filha. Martin segurou-a pelos ombros, sussurrando, "Não pense mais; eu lamento muito", porque não conseguia pensar na coisa certa para dizer.



Com o tempo, Martin aprendeu a conviver com o desamparo, a tristeza e a vergonha. Parou de tentar achar a coisa certa para dizer. Ele ouvia. Ele ficava.

Ainda assim, todos estes anos depois, sempre que o matiz exato de vermelho aparecia, ele podia ver o velho patologista gordo e seu charuto e sua estúpida maneira didática lá no necrotério com o odor frio de desastre e formalina, e o carro fúnebre que dirigiu até lá para apanhá-la naquele outubro. E o jeito como jaziam em frigoríficos no canto da sala, os dois corpos, em bandejas lado a lado Elena e o filho da mãe que a matara.

Ele deu um tiro em si mesmo depois de matá-la. Caminhou de volta à casa, sentou-se na beira da cama e,



colocando a ponta do cano do rifle em seus dentes, apertou o gatilho com o polegar, dividindo seu rosto no septo.

— Não é sempre assim? — perguntou o velho patologista, retirando a bandeja com o corpo de Elena. — É a doença do amor. Um homem mata sua esposa e depois se mata.

Uma mulher mata o marido e depois faz as unhas.

Martin odiava aquelas frases e não conseguia esquecê-las. Que elas fossem verdadeiras às vezes e falsas em outras ocasiões, nunca chegara a ser um consolo para ele.

Finalmente, depois do velório e da missa, o corpo dela foi enterrado ao lado do corpo do pai, deixando uma sepultura do outro lado para a mãe. Era tudo o que Martin podia fazer — colocá-la onde se esperava que ela ficasse. Sua mãe mandou fazer uma lápide com os dizeres "Querida Filha" e uma rosa entre as datas, e outra com seu próprio nome e seu ano de nascimento seguido de um travessão, e fez com que fosse colocada no pedaço de terra ao lado de seu marido. Ela se mudou poucos anos depois.

Martin nunca mais soube dela.



DAVID MEANS

## O parque

O parque se ergueu lentamente, um espetáculo fragmentado que ninguém pareceu notar até que ficou totalmente pronto; pelo menos sua filha não o notou até que, passando na volta da escola para casa (John a apanhava na maioria dos dias em que trabalhava no turno da noite comprando e vendendo energia para a empresa local de serviços públicos), ela viu a roda-gigante e implorou que a levasse, que a deixasse ir. Você pensaria que era a primeira vez que ela vira uma roda-gigante, do jeito como reagiu, ele contou a sua mulher depois. Parques de diversão eram coisas arriscadas, com sua maquinaria inepta, montada às pressas, e acima de tudo os mascates, o pessoal do transporte e da montagem, os debiloides e os bêbados, a ralé que viajara ao fim da terra e estava desgastada pela vida. Ele os vira chegando à cidade quando crescia no Illinois: almas perdidas para o tédio de receber tíquetes e ficar horas em pé debaixo do sol quente diante dos brinquedos ajudando as pessoas a subir e a descer. Bem no fundo (é seguro dizer) John tinha um respeito saudável por eles, uma alta consideração pelo silêncio que estes estradeiros tinham a capacidade de suportar. Ele adorava os campos poeirentos ceifados pela metade onde eles geralmente se instalavam, o jeito como a luz do final de tarde se insinuava por entre o emaranhado de equipamentos.

Mas seu respeito não era o suficiente para dissipar seus medos. Vejam Ned Alger. Ned manejava uma de duas máquinas, dependendo de qual delas o seu parceiro, Zip

Jones, estava com vontade de cuidar; se Zip manejava o carrossel, Ned preenchia o seu turno junto ao Giro Maluco, uma imensa aranha de módulos metálicos que fazia a garotada rodar em círculos aleatórios. Nenhum desses brinquedos trabalhava a plena velocidade. Se você olhasse, ia ver Ned em pé com um ar ausente e vazio no rosto observando o funcionamento da máquina; veria seu tique nervoso de cruzar os braços bem no alto do peito e de inspirar e expirar o ar num movimento de fole, como se tivesse acabado de chegar de uma exaustiva nadada. Sofria com o cigarro que pendia de seus lábios. Se você passasse um dia observando os dois indo de uma máquina para a outra — silenciosamente trocando de lugar com um compromisso tácito de quebrar o tédio —, você se perguntaria que tipo de elos exatamente uniam Zip e Ned. Que laços — sagrados ou não — os mantinham juntos? A verdade é que eles eram ligados simplesmente por seu ponto de partida: ambos haviam entrado no parque quando ele passava por uma pequena cidade em Ohio. Zip vinha de carona do oeste, sem destino, e precisava de algum dinheiro. Ned, nascido e criado na cidade, viu um folheto de PROCURA-SE numa lavanderia e achou que era a sua chance de conhecer o mundo.

Mais do que aquilo, porém; o vazio morno dos campos além dos arredores das cidades onde eles acampavam; capim-do-campo, capim-rabo-de-gato e plantações de feno e milho, secos e quebradiços; o horizonte interminável, quase desnecessário. Vieram daquilo, os dois homens, vieram de dois anos passando de cidade em cidade.

A criança implorava e ele concordou em levá-la. Tão simples. Mais tarde, teria que encarar daquela maneira.

Zip estava na metade de uma garrafa de gim. O trabalho do dia havia terminado e a maioria do pessoal do parque descansava nas barracas, fumando, matutando. Um pedaço de milho tinha se alojado entre seus dentes da frente e ele trabalhava com a língua contra eles, sentindo prazer no

esforço, sem desejar usar os dedos senão como último recurso. Prestara uma espécie de testemunho para si mesmo nesta noite — escarafunchando o milho com a língua sobre algumas coisas que fizera algumas cidades atrás, em Pensilvânia; algumas coisas era como as via, embora, se quisesse, poderia conjurar memórias exatas; arrombamentos de casas nas tardes em que a maioria dos casais suburbanos estava fora ganhando a vida, enfiando um pé-de-cabra numa porta ou chutando uma janela de porão e descendo ao subsolo úmido e coberto de teias de aranha da propriedade de algum otário. Em Ohio — dois anos atrás — ele conseguira uma rápida carícia improvisada no marinho; podia se lembrar da boca úmida debaixo da palma de sua mão enquanto tentava sufocar as palavras que lutavam para sair. Remexendo no milho em sua própria boca, começou a falar consigo mesmo — como frequentemente fazia — à sua própria maneira: alguns petiscos de cadência e fraseologia bíblica — tu fostes, por conseguinte — misturados com o que os outros caras chamavam de dialeto-Zip, ou zipês, porque ele tinha sua maneira peculiar de falar.

Sei lá o que *pelomeninojesus* você ia estar fazendo para estar fazendo o que está fazendo é um bom exemplo. Ou: Que se foda aquele porra vou foder com ele até que o porra implore para ser fodido.

Agora ele lançava a cabeça para trás, bem para trás, e deixava um pequeno gemido escapar da goela. O gim se instalara na base do seu intestino, não o suficiente para aquecê-lo, mas o suficiente para sentir necessidade de mais.

Sim, existem mitos sobre este tipo de coisa e a gente quer evitar estereótipos — um monte de gente boa trabalhando na estrada até o dia de hoje, no exato final do século, anacrônica como o diabo, mas ali, fumando, tentando entender a situação geral. Deixa estar. Esta é a

sua história. Isso foi o que aconteceu neste incidente em particular.

Era o outro, Ned, quem viajava de verdade. No meio da noite, quando tudo estava fechado e as máquinas adormecidas esticavam suas juntas de metal cansadas (dava para ouvi-las gemendo ao vento), ele escapava para uma caminhada, uma jornada, uma aventura, uma investida na cidade, passando furtivamente por entre buracos de cerca e ao longo de cercas vivas, andando pé ante pé através das sombras azuis da noite.

Suas andanças o levavam através das topologias da noite: latas de lixo repousando silenciosamente junto ao meio-fio, esperando para serem recolhidas; brinquedos deixados do lado de fora para serem cobertos pelos xales do sereno; cães e gatos vadios escapulindo sobre suas patas traseiras prejudicadas. Caminhava através de ricos quintais com suas churrasqueiras a gás, suas piscinas e seus elaborados sistemas de alarme e sensores de que tinha o talento de se evadir, exceto uma vez, em Canton, Ohio, quando uma sirene apitou bem alto e ele foi caçado como um fugitivo (conforme contou depois para Zip), como Tommy Lee Jones no filme — apanhado e colocado na cadeia para passar a noite com nenhuma prova de que fizera qualquer coisa; seu radar estava desligado, pensou, não estava prestando a atenção costumeira — porque se havia uma coisa que sabia fazer, sabia disso, era se ligar, prestar atenção ao que estava diante de si; era o seu lado índio, disse a Zip, sem entrar em detalhes, ele que fora criado por uma pele-vermelha, sua velha, folclore da antiga, uma verdadeira sábia de cócoras que enfiara tanta merda na sua alma que ele mal podia sentir; era um homem na ponta dos pés; sentira aquilo ao crescer — homens capazes de achar caminhos na escuridão, de pisar de mansinho.

A gente gostaria de saber exatamente o que havia por dentro de Ned quando ele caminhava por quintais e outros

lugares que ninguém sabia à noite; talvez fosse o que sentia ao crescer, no pequeno lote de Petoskey, um pedaço de terra que reclamavam como sua, estacionando lado a lado os velhos Airstreams em forma de bala. Além deles ficava o velho Winnebago amarelo desbotado do chefe. E mais adiante, quase escondidas na cortina de pinheiros que as protegia dos ventos, as duas tendas índias, tentando dar um ar oficial à coisa.

Vocês sabem, existem variedades de escuridão. E simples. O dia inteiro controlando a máquina, fumando e encarando o olho duro e inclemente do sol enquanto a garotada entrava no Giro e repousava a bundinha para ser arremessada para cima e para baixo. Os olhos dos pais brilhavam com o seu amor, um amor grande, vasto, porque o que mais os obrigaria a comprar três bilhetes de cinquenta centavos por uns míseros cinco minutos de chacoalhação num equipamento velho e enferrujado? Lâmpadas de néon com sua luz reduzida a um brilho morno; música, antigamente produzida por um autêntico órgão com tubos de ar, agora as mesmas canções baratas saindo da caixa de som Sony que ele instalava no centro do carrossel. A cada trinta minutos tinha de ir até lá e virar a fita. Existem medos tão profundos e tão obscuros que ao admiti-los você sente o mundo fugir sob os seus pés; pelo menos era assim que John pensava. Cultivados por muito tempo, esses medos floresceriam sobre sua pele — a pele de sua própria vida — como uma imensa verruga. Ele vira fotografias numa revista pornô de tumores não tratados florescendo como cogumelos na pele. Os caras no vestiário a passavam de mão em mão e ele ficou sentado numa submissão aturdida diante do que via: um tumor gigantesco em forma de couve-flor saindo da fenda do rabo de um homem. Pensar que uma coisa daquelas podia passar sem tratamento. Olhou por tanto tempo a foto que finalmente Rick, que trouxera a revista e sentira que era sua para ser vista tão intensa e longamente, a pegou de volta. No

domingo seguinte ele foi à igreja e falou com Deus na esperança de nunca ter de encarar tal coisa em sua própria vida; não pedia proteção; sua esperança era de que Deus o esquecesse, o deixasse de lado, permitisse que trilhasse sua vida sem ser tocado.

Quando, agora, viu o sujeito no carrossel ir aos tropeços trocar a fita cassete; quando viu o sujeito voltar depois e segurar no cano bem atrás de sua filha; quando viu que o sujeito estava olhando para sua filha e o caimento das Wranglers desbotadas: quando ele rememorou e reconstituiu tudo, estava certo de que deveria ter visto: havia pontos vazios em todo o brinquedo. Os primeiros inchaços de um tumor de pele, ele devia ter detectado.

Uma teoria poderia sustentar que os parques vagabundos proporcionam um escape natural para uma necessidade mais obscura, que todos nós temos, de nos jogar contra as forças da transitoriedade; um parque de diversões limpo e eficiente iria contra aquela necessidade. Rejeitados, aberrações, errantes viajam nos brinquedos malucos. O inspetor estadual — quase cego de catarata — faz a visita para uma demonstração de exame civilizado; segura sua prancheta e verifica as juntas da roda-gigante, e talvez observe os homens colocando porcas de segurança em parafusos. Mas evita inspecionar o lado oculto da alma dos homens.

Estranhamente, os caminhos de John e Ned já se haviam cruzado antes, numa praia no norte do Michigan, perto do acampamento onde Ned cresceu. (Ninguém sabia ao certo como ele ganhou o nome de Ned, ou até mesmo o de Alger, sua mãe sendo Alger, mas também tendo o nome indígena de Caminho da Lua; e o homem era supostamente como seu pai, Jack-qualquer-coisa, que chegava de noite já com o cinto aberto.) Duas mulheres estavam sentadas na praia no Parque Estadual de Petoskey, no vértice da baía de Little Traverse. Era um verão incomumente frio e a praia estava

quase vazia — as duas mulheres observavam seus filhos brincando, mais adiante, perto da água.

Claro que John não se lembrava daquele dia entre incontáveis outros dias indo ao Meio-Oeste para visitar os avós no seu chalé de verão, mas se lembrava do acampamento indigente de seres residuais onde Ned foi criado, das advertências que o avô lhe fizera para ficar longe dali; um pequeno regato áspero serpenteava através da murta ao longo da beira da estrada, cheio de garrafas de gim quebradas e sacos de batatas fritas, e através do capinzal era possível divisar os velhos trailers, homens e mulheres em cadeiras de jardim bebendo cerveja e assim por diante...



A ideia do mero acaso colocou um buraco na barriga de John; ele a recusava inteiramente como uma explicação viável. Não servia. John fez um voto de que jamais admitiria de modo algum que toda a coisa dependera da sorte brutal (do ponto de vista de Ned) e do azar (do seu ponto de vista) e nada mais. O fato de que sua filha estava no parque naquele dia e dera um giro (dezesseis rotações) na máquina de Ned lhe permitiu fazer a ligação entre os dois, levando a uma condenação legal: mas aquilo foi tudo. Embora, quando tentasse visualizar, invocasse a imagem de um imenso arco, um raio de eletricidade bruto e azul de sua casa até aquela máquina. Um raio O parque desencadeado pelo destino, por forças engendradas pelas próprias ações dele. Depois de perambular um pouco, Ned se viu debaixo



da janela dela, agachado na espessura das hortênsias, examinando a janela parcialmente aberta e pegando seu estilete para cortar a tela de náilon com apenas um leve zunido, a lâmina penetrando nos quadradinhos como uma colher muito quente faria caracóis num sorvete.

Depois, com as mãos estendidas, colocou as palmas na base da janela e ergueu-a lentamente (os trilhos da janela haviam sido lubrificados recentemente para reduzir o atrito, que liberava pó de chumbo, capaz de causar envenenamento do cérebro), tão suavemente que o som se confundia mais ou menos com os movimentos costumeiros da noite: árvores roçando umas nas outras ao gentil embalo da brisa, ou um guaxinim escarvando o lado de uma lata de lixo tombada. Saltou acrobaticamente sobre a janela — seus passos amaciados, sentiu, ou sonhou, por toda a história de seus ancestrais imaginários andando na ponta dos pés nas trilhas das florestas ao longo da margem do lago Michigan.

Jesus expulsou os demônios dos idiotas e jogou os fornicadores no meio de uma manada de porcos e os empurrou de uma rocha de cabeça para o abismo, John leu um ano depois, tentando enveredar por algum tipo de resposta: frequentando um curso sobre a Bíblia na igreja evangélica local; lendo a passagem e depois dizendo "que se foda" e se levantando e caminhando até os fundos do prédio, onde balanços de crianças oscilavam ao vento; ouvira os guinchos suaves dos porcos no ar enquanto executavam movimentos desequilibrados na beira do rochedo, os baques quando atingiram o chão. Lera em outra parte também que expulsar os demônios apenas deixa um grande recesso, em que mais maldade se infiltra.

Estão vendo que contar isso como uma história ou como uma série de ações seria fazer a coisa ter um sentido e se prestar a alguma espécie de função ordenada no mundo; foi por isso que só se referiam a ela na mídia como o incidente — o nome da menina, naturalmente, omitido para preservar

o seu futuro; e sua mudez, seu silêncio, em torno do acontecimento fazia parte daquela omissão. Na horrorosa escuridão, Ned entrou e fez o que fez, e foi o básico que dominou a mente do público: a entrada no quarto escuro, a violação do silêncio seguro, quase sagrado, da noite, as cortinas cor-de-rosa franzidas e a cama com dossel.

Zip sentiu imediatamente que Ned saíra e fizera aquilo de novo, alguma coisa bem ruim. A aurora rosava o horizonte. Uma pincelada de altas nuvens de gelo lambia o céu. Os dois homens se curvavam debaixo das cobertas, sem desejo de deixar a superfície do seu amado carrossel, com ranhuras à prova de escorregão. Ouviram o *tink, tink* do metal se ajustando ao frio e, quando o vento se levantou, o matraquear dos cabos de sustentação da roda-gigante. Podia ser em qualquer lugar na terra estar nesta cidade, Zip disse suavemente. Cheiro alguma coisa ruim vindo com este ar, Ned, ele disse. À distância nas árvores, como um fiapo de tecido num pente, havia o som das sirenes — as equipes de socorro, os tiras e todos os assistentes eventuais vindo fazer a garota se abrir com seus interrogatórios. Ele sabia que levariam algum tempo para arrancar a história de sua alma amedrontada — se a verdade fosse contada, ele sentiu, por um pequeno segundo, uma ponta de remorso pelo outro lado do mundo (enquanto pensava a respeito): os espíritos escuros pensativos sobre os quais sua avó costumava resmungar através de seus lábios coriáceos, existe uma escuridão na brancura daquele mundo com a qual eu não me preocuparia se fosse você, garoto. Você é um índio fodido e esquecido, nada mais, e não se esqueça disso. Por isso ele pegou sua mochila no trailer, encheu-a rapidamente como pôde, deu um beijo na boca de Zip e partiu em busca da Interestadual, onde, se tivesse sorte, poderia pegar uma carona para outro lugar. Mudaria seu nome e identidade, encontraria uma nova maneira de se mostrar para o mundo e então se engancharia de novo com o parque, como fizera

antes, simplesmente tirando a barba e cortando o cabelo curto na nuca, procurando Nate e pedindo trabalho (Nathan sabia muito bem que era Ned com outro nome e rosto). O parque seguia para o oeste, ele sabia, e funcionaria em algumas patéticas feiras estaduais como atração paralela e depois em alguns festivais provincianos em Ohio, antes das aldeias terrivelmente chatas do interior de Indiana (era lá que ele finalmente se reencontraria com o seu querido Zip).

Trabalhando em retrospectiva, John examinou os acontecimentos daquele dia e traçou diagramas, fluxogramas parecendo aqueles intrincados esquemas das entranhas de um computador. Examinou todo o dia desde o seu início quando ele a acordou, cutucou levemente e deu-lhe um café da manhã de waffles congelados; uma coisa levando a outra, que acabou levando àquele brinquedo (porque Ned fora capturado, finalmente, em Albany, depois que um boletim de alerta geral a seu respeito fora mandado por fax. Prova irrefutável sob a forma de amostras de cabelos encontradas nos lençóis e no trailer de Ned vincularam o crime ao parque, como fora a intuição inicial de John, o vazio que sentira na barriga). Uma equipe de tarimbados, tiras, médicos e assistentes sociais ficou em contato com a família muito tempo depois do acontecimento para dar alguma garantia à família de que estavam fazendo tudo o que podiam de todas as maneiras possíveis. Não adiantou. Atrás de si, John sentia a teia dos acontecimentos desembaraçada como uma velha rede de pescar arremessada à praia; estava tudo ali, no passado, sumido, perdido. Nada mudaria mais aquilo. E, no entanto, ele achava que podia ser mudado. Pensou naquilo durante um ano, durante outro ano, o resto de sua vida. Ele vivia simplesmente fora do mundo do pensamento racional. Mantinha os pés na mágica. Meditou sobre o raio de eletricidade e prosseguiu com sua vida; chegou até, poucos anos depois, a levá-la a outro parque como um modo de

atravessar de novo a dor (conforme sugestão dos assistentes sociais).

O parque seguiu para Indiana, até Laketon, onde se instalou para outro festival de levantamento de fundos destinados ao corpo de bombeiros. Com olhos remelentos, a equipe montou os brinquedos numa tarde marrom e dura como amendoim, tirando as peças do caminhão, trabalhando lentamente com uma sonolência entediada, batendo com martelos de madeira, fazendo o que costumava ser música aos ouvidos de uma criança, mas agora passava inaudível pelas janelas dos carros. Os arredores da cidade fervilhavam de insetos. À esquerda do terreno nada havia além de um campo plano que se ia se casar com o horizonte; à direita deles ficava a última casa da cidade, na qual um velho morava sozinho. Olhando para ela, Zip podia dizer que um velho coroca morava ali, o madeirame da casa castigado pelo tempo e as ferramentas enferrujadas no banco de madeira dos fundos. De fato, o velho saiu, desdobrou uma cadeira de jardim, pegou um cachimbo e o enfiou entre os dentes. Observou-os durante horas sem fim com uma expressão vazia. *Viram, pensou Zip. Eu estava certo.*

Um velho esquisitão se arrastando através dos seus últimos dias. Suas visões estavam vindo com mais frequência desde que Ned fora apanhado, e seu dialeto-Zip estava ainda mais estranho, mais fanático, um blablablá incompreensível para os outros estradeiros, que o evitavam completamente sempre que podiam. Você não pode Cristalizar toda essa porra deste nada, dizia. Ele vai se foder no inferno antes que eu foda com ele eu mesmo. Alguns admitiam até que tinham medo do sujeito. Por um momento, repousando as costas numa viga de apoio da cobertura do carrossel, que ele mesmo estava montando (faltavam alguns parafusos), teve uma de suas visões de novo — o velho com uma lâmina entre os olhos, enfiada bem fundo, penetrando como num pedaço de madeira mole.

Em homenagem a Ned, eu podia fazer só esta visão se tornar realidade, disse em voz alta; então sacudiu o pensamento como se sacudiria para fora uma dor de cabeça de sorvete. O parque estava se erguendo pouco a pouco. Um verdadeiro trabalho de remendão. Seria inspecionado por um funcionário subornado do estado, que por acaso passava pela cidade para visitar sua tia-avó. Teria as lâmpadas habitualmente mortijas penduradas em gambiarras amarradas nas estruturas frágeis, e as pessoas chegariam sentindo a dubiedade de toda a empreitada, como se não passasse de um cercado para acolher os refugos do universo. Era aquilo o que lhes agradava na coisa, essencialmente. Dava-lhes a sensação de serem roubados, traídos, rejeitados. Odiavam-na, mas a amavam. Multidões cruzaram os portões na noite de abertura. Ficaram algumas horas. Saíram contentes por saírem.

Foi Zip que ficou sozinho com sua garrafa, recostado na fria placa de aço, observando a casa do velho amortalhada pela escuridão, rígida contra o horizonte em trevas como um cenário de papelão. Não era real o bastante. Estava ali como um testamento da irrealidade do mundo.



KENT NELSON

## Marés

Num fim de tarde de maio, o sol atravessa em ângulo a hidrovía Intracosteira até a ilha e até as portas abertas e as janelas altas da sede social da marina. Talvez eu devesse ter ido para casa, mas havia resolvido um caso em Charleston naquela tarde e Edie e as crianças ainda não estavam à minha espera, por isso dou uma passada para ver Billy e Purvis. Meus olhos se ajustam a separar luz e sombra, mas num canto só tem sol, onde Billy Prioleau e Pope Gaillard jogam cartas e bebem rum com Coca. Purvis ergue o olhar, sua silhueta contra os mastros dos veleiros além da porta aberta. Pope e Billy têm sessenta e qualquer coisa e cabelos grisalhos. Purvis está no final dos quarenta, embora pareça velho — inclinado sobre um pé, a mão esquerda sempre no bolso. Eu os conheço desde garoto, dos primeiros tempos da ilha, quando meu pai ainda era vivo.

Quatro pescadores de caranguejos com jarras de cerveja olham para as mulheres de shorts bebendo margaritas no bar. Uma das mulheres é morena, talvez trinta anos, mascando chiclete a um quilômetro por minuto. A outra é uma loura de cabelos crespos com olhos grandes, meio bonita. Do jeito como Donna, a *barwoman*, está reunida com elas eu concluo que são todas amigas.

Eu me sento a umas duas banquetas de distância, entre as mulheres e o jogo de cartas.

— Tudo o que sei é que não me sinto segura em lugar nenhum diz a morena.

— E ainda não pegaram o canalha — diz Donna. Ela se aproxima mas não diz alô.

— Um chope Sam Adam's — digo.

— Ei, Scotty — diz Pope.

Purvis acena e eu devolvo o aceno. Billy não ergue a vista de suas cartas.

Donna aperta os olhos através da fumaça do seu cigarro enquanto inclina a alavanca esmaltada da torneira.

— Soube do tiro? — pergunta.

— As pessoas estão comentando — digo. — A família era de Illinois. Soube que o menino estava fazendo um desenho quando morreu.

— Acha que foi um homem de cor quem atirou? — pergunta Pope.

— Quer dizer, se acho que foi racial?

— Claro que foi racial — diz ela. Coloca meu chope no balcão e anota na minha conta. — Está querendo dizer que foi um acidente?

— Pode ter sido uma bala perdida... alguém caçando.

— Não estamos na temporada de caça — diz Donna.

— Nada é um acidente — Billy diz a Pope — a não ser sua mãe ter tido você. É a porra da sua vez.

Pope mostra as cartas e conta.

— Bati com dez — e marca seus pontos e Billy apanha as cartas e embaralha.

A luz brilha sobre a água e na direção da cidade o céu amarela através da bruma do mar e do *smog* urbano. Há apenas uns dez anos, depois que terminei a escola de direito, Edie e eu alugamos uma casa aqui no pântano afastado. Ela era de Atlanta e no começo achou a ilha isolada demais, mas assim que as crianças nasceram — Carla tem oito agora e Blair tem seis — ela gostou. Podia ir a pé com eles até o playground e havia outras mães jovens com as quais fazia permuta de baby-sitting. Claro que eu era daqui e quando minha clientela deslançou conforme eu esperava, compramos uma casa na praia — quatro

quartos, uma cozinha com vista para o oceano e uma varanda que circunda toda a residência. Hoje ela não viveria em nenhum outro lugar.

Um barulho chama nossa atenção da frente da sala. Os irmãos Rupert, Shem e Marvin se acotovelam ao entrar pela porta. Marvin é pesadão, bochechudo, com cabelos grisalhos-acastanhados em rabo-de-cavalo. Shem é mais magro e mais alto e usa uma corrente de ouro no pescoço.

— Sirva duas doses para nós, Donna. Jack Daniel's. E ofereça uma rodada a todo mundo, especialmente às simpáticas jovens.

Os Rupert se aproximam do bar em passadas largas como se fossem os donos do lugar.

— E dê uma dose dupla a Scotty — diz Marvin. — Não se esqueça.

— Absolutamente — diz Shem. — Duas para ele. Sem Scotty estaríamos numa corredeira de merda sem remo.

— Eu só fiz o meu trabalho — digo, mais para Billy do que para os Rupert.

Billy não ergue os olhos.

— Você nos economizou todo aquele dinheiro dos impostos — diz Shem. Olha para a morena mascarando chiclete. — Scotty é o melhor advogado de Charleston.

Donna coloca dois copos pequenos no bar e serve Jack Daniel's.

Os Rupert são veteranos também — fazem serviços avulsos e pintam barcos. Meu pai nunca foi muito com eles — agressivos demais já naquela época —, mas quando me procuraram, o que eu devia fazer? Advogados dão conselhos.

Donna coloca os copos diante deles e enche uma jarra para os pescadores de caranguejos.

— Eu não quero um rum e Coca deles — diz Billy. Shem cutuca Marvin.

— Eu lhe falei que ele nos viu — diz. Marvin acena com a cabeça.



— Ele foi terrivelmente lento ao fechar a ponte para nós. Então Shem se vira para mim.

— Ei, Scotty, viu nosso novo Lincoln?

— Compramos o Town Car — diz Marvin. — Está lá fora à frente do fusquinha de Billy.

Donna derrama o excesso de líquido da jarra e a leva, contornando o bar.

— O que é que vocês vão fazer com um Lincoln Town? — ela pergunta. — Rodar por aí como a Máfia?

— Vamos viajar — diz Shem.

— Tipo para onde? — pergunta a loura cacheada. — Janine e eu, pode ser que a gente vá com vocês.

— Miami. Talvez as Bahamas. Aonde as garotas querem ir?

— Como é que vai dirigir até as Bahamas? — pergunta Janine.

— Vamos comprar um barco.

— Os rapazes ganharam na loteria ou coisa parecida? — pergunta a loura.

— Se fosse a loteria — diz Pope —, Billy não teria nenhum problema.

Donna serve dois copos de Sam Adam's e os coloca à minha frente.

Os Rupert desabam sobre as mulheres, uma de cada lado, e Marvin gira sua banquetta na direção de Billy.

— Sua mulher ainda está pegando o ônibus para a cidade? — pergunta. — Ainda viaja com as empregadas e os jardineiros crioulos?

Há um silêncio. Pope para de dar as cartas. Purvis olha para mim. Eu devia interferir, mas em vez disso observo Billy enquanto se vira lentamente para Marvin. Então ele pula e as cartas e o tabuleiro do jogo saem voando. Cadeiras se chocam. Ele corre até Marvin como um cachorro louco. Purvis o intercepta, mas só consegue desviá-lo do alvo. Billy desaba sobre as duas mulheres, que

voam de lado e para trás até o chão com Billy em cima delas.

Shem e Marvin riem enquanto Billy se desenreda e se levanta com os punhos em riste.

Não é uma luta, de verdade, mas apenas uma investida. Donna vem de trás do bar com um taco de beisebol e eu agarro Billy e o arrasto para o terraço. Sou duas vezes maior e tenho metade da sua idade.

Lá fora, Billy se desvencilha de mim.

— Você não pode resolver nada brigando — eu digo —, especialmente na sua idade.

— O que minha idade tem a ver com isto? — Billy me fuzila com os olhos azuis, sua mandíbula acinzentada tremendo.

— O que Arlene vai dizer?

— Ela não vai saber.

— Eu podia contar a ela.

— Não vai contar — diz ele. — Você não tem estrutura para isso.

— Se ajudei os Rupert, sou capaz de fazer qualquer coisa.

— Merda — diz Billy.

— Acalme-se agora, Billy. Acalme-se.

Purvis chega à porta como se para perguntar o que vamos fazer. Billy se afasta em direção à marina. Não quer entrar para ver os Rupert de novo.

— Por que não saímos no barco — sugiro. — Vamos até o acampamento de pescaria.

O barco é uma joça de lata de dezesseis pés de proa arrebitada com amassados e arranhões. Billy pula para dentro e sem se apoiar consegue chegar junto à tralha de pescaria e às duas geladeiras no centro — uma com isca, outra com cerveja que compramos no Gruber's. Senta-se na popa e eu empurro o barco e me sento na borda. É o velho barco do meu pai, mas eu não tenho tempo para usá-lo, por isso Billy o aciona.

Um puxão no motor Evinrude e estamos a caminho. Ele contorna os veleiros ancorados e segue na direção do escritório do capitão do porto, onde Purvis está esperando com a mão no bolso.

Purvis parou de falar aos catorze anos quando seu pai partiu para Piedmont. Deixou a escola e trabalhou em camaroneiros até os trinta anos, quando prendeu a mão num guincho. Ainda morava com a mãe na época. Um ano depois ela morreu e eu o ajudei a converter o galpão dos fundos num apartamento para que pudesse alugar a casa principal e ter uma renda.

Purvis cerra os olhos contra o sol, ergue a mão boa para proteger os olhos. Sua expressão faz uma pergunta, sim ou não, ou talvez diz apenas por favor. Billy encosta o barco na doca.

Purvis afasta as varas de pescar e se senta na geladeira das iscas. Billy libera a gasolina e em poucos minutos estamos fora da marina e a caminho da hidrovia interna. Purvis extrai duas Pabsts da caixa de meia dúzia na geladeira e passa uma para Billy e uma para mim. Bebemos cerveja e cavalgamos a água encapelada, rumo ao norte.

A ponte levadiça de aço onde Billy trabalha se aproxima. Está abaixada e o tráfego do fim de tarde de Charleston zune até a ilha. A um lado do centro fica a cabine de observação onde o operador se senta e Billy dá um apito imaginário de brincadeira para que o operador abra a passagem para nós. Billy acena e a silhueta do operador acena de volta.

Deslizamos por baixo da ponte e o tráfego ruge no céu acima de nós. E então passamos e o som se apaga. O céu azul pálido se abre de novo. Ninguém diz nada — Purvis porque não quer e eu porque não sei o que dizer. Billy é um mistério.

Durante quase um quilômetro batemos de frente com a maré vazante e então Billy desvia o barco da hidrovia para um riacho lateral. Além dos juncos verde-pálidos, um novo

mundo surge mais quieto, mais lento, como se voltássemos no tempo. Billy reduz a velocidade e o barco de lata desliza sobre a água mansa e espelhada, passando por baixios de lama e bancos de ostras expostos pela maré. Um frango-d'água grasna e uma brisa que não podemos ouvir por causa do motor passa por entre os juncos.

Depois de outra curva, uma garça branca se ergue de uma piscina criada pelo baixa-mar como uma aparição e pulsa com batidas de asa arredondadas, voando baixo sobre o pântano.

— Acha que eles estavam de tocaia? — pergunta Billy.

Sei do que Billy está falando... daquele menino que foi morto.

— Quem atirou provavelmente não sabia que havia um carro lá.

— Atiraram no carro sem nenhum motivo.

— Ninguém sabe disto.

— Moram brancos lá, também — diz Billy. — Por que iriam atirar num menino?

Reduz ainda mais o motor e nos arrastamos adejando riacho acima. O promontório à nossa frente é um dossel de carvalhos festonado em verde-escuro, abafado pelo ar úmido, simultaneamente próximo e distante na luz do entardecer, uns oitocentos metros, talvez, mas mais longe por causa das curvas traiçoeiras. Passamos por um veleiro afundado em 1989 pelo furacão Hugo, e ao dobrar outra curva uma garça noturna na margem nos observa passar lentamente.

Purvis olha para Billy. Até onde?

— Até o fim — diz Billy.

Mais perto do promontório, o canal principal se divide em regatos menores. Billy contorce o barco através da lama até uma última piscina, corta a gasolina e inclina o Evinrude para fora da água. Deslizamos até o banco de lama.

Billy acaba sua cerveja e abre outra, e ficamos sentados por um momento na quietude. O vento é discernível agora, mantendo os mosquitos no chão, farfalhando a grama.

Caranguejos fazem bolhas e aparecem no banco de lama. Galinhas-d'água guincham mais além no banhado.

— É maré baixa? — pergunto.

— Quinze, talvez vinte minutos — diz Billy. Purvis olha de novo para Billy.

— Você tem razão — diz Billy. — Podíamos ter escolhido uma hora melhor.

Purvis salta com botas de borracha, puxa o barco mais para cima no banco de lama e vadeia através do barro em direção das árvores. O céu se amplia com o sol baixo tingindo as nuvens de laranja. Billy tem o ar de que gastou sua última cota de energia para chegar aqui e agora não pode se mover.

Parece mergulhar fundo na memória e, embora não possa acompanhá-lo, fico bem perto. Talvez Billy esteja pensando em como acampava aqui com seu pai todo fim de semana e trazia meu pai, que tinha a idade de Billy, e como depois trouxeram Edgar e eu. Nós pescávamos do desembarcadouro, arpoávamos linguados e pegávamos percas e canhanhas nos troncos submersos do outro lado da ilha. Os restos do velho desembarcadouro ainda são visíveis, estacas paralelas apodrecidas dispostas aos pares no meio dos juncos.

O pai de Billy conseguira a terra em 1926, antes que a ilha tivesse uma ponte que conduzia até ela, em troca de carregar uma barcaça cheia de cavalos de polo até Palm Beach — vinte e cinco hectares de sambaquis, palmitos, carvalhos e vegetação rasteira infestada de carrapatos. Na ocasião, todo mundo riu do pai de Billy, mas hoje não riem mais. Os Rupert acabaram de vender seus quinze hectares, colados a este terreno, por 2,8 milhões de dólares.

— Quer caminhar até o monte dos índios? — pergunto finalmente.

— Gosto da vista daqui — diz Billy.

— Eu também.

Apanho mais duas cervejas da geladeira e passo uma para ele.

— Além do mais, só temos um par de botas. Abro minha cerveja e tomo um gole.

— Sabe o que eu compraria? — pergunta Billy.

— Era nisso que estava pensando?

— Umas tigelas.

— Tigelas?

— Arlene quer umas tigelas. E uma cama nova. Há quarenta anos dormimos numa porcaria de colchão velho que afunda no meio.

O sol se abaixa e o laranja nas nuvens muda para rosa. Um gorjeador canta no carvalho mais próximo e depois procura forragem na barba-de-velho que balança na brisa.

Outra garça levanta voo.

Billy joga sua lata de cerveja vazia no fundo do bote e abre outra.

— Use a bota você — diz ele e pisa na lama com os seus tênis. Purvis está de volta nas árvores em algum lugar, invisível como sempre. Billy caminha para o promontório, *chap, chap, chap*. Tiro meus mocassins, coloco as botas de borracha e saio do barco.

Cada passo na lama fofa é uma enfiada e um grunhido. A minha frente, Billy para e tira um carrapicho de seus jeans. Subindo mais à frente, a lama não é tão funda e fica mais fácil caminhar. Eu sei que está lá, mas ainda é uma surpresa — o sambaqui, de três metros de altura, onde sempre armávamos a barraca.

Os índios usavam o local do mesmo modo que a gente, como um acampamento de pesca, e ao longo de centenas de anos construíram aquele sambaqui. Eu digo que não vinha a este lugar há muito tempo, mas não é verdade. Não me esqueci. Meu pai e eu nos sentamos aqui da última vez em que estivemos juntos sozinhos e ainda posso ouvir sua

voz. Dizia que eu devia cuidar das pessoas e não querer mais do que a minha parte, e eu ouço minha própria voz falando: "Que quer dizer, que vai morrer em breve?"

— E você precisa cuidar de Billy — diz ele. — Arlene cuida dele em casa, mas não é a mesma coisa.

— Você não vai morrer — eu digo.



Mas em dois meses ele estava morto. Quando voltei a Charleston, tentei cuidar de Billy tanto quanto Edie permitia, tanto quanto Billy me deixava. No começo, antes que eu ficasse tão ocupado no trabalho, pegávamos o barco e íamos ao quebra-mar pegar enchovas ou aos riachos atrás de trutas. Jogávamos rede para apanhar camarões nos baixios além de Mount Pleasant e montávamos armadilhas para caranguejos no embarcadouro de Purvis. Às vezes, com Pope Gaillard, rebocávamos o barco até John's Island, onde Pope tinha amigos.

Edie entendia que nossas excursões tinham um significado que ela não apreciava e por algum tempo aceitou que eu fosse. Mas depois que Carla e Blair nasceram, eu não podia sair com Billy com tanta frequência. E minha clientela legal assumiu uma parte maior do meu tempo, também. Eu me ausentava tantas horas quanto antes, mas com uma razão mais permissível.

Billy chuta a lama dos seus tênis e caminha os últimos metros até a linha da maré. Assim que chegamos a um terreno mais alto e olhamos para trás, a hidrovía Intracosteira reaparece além do pântano. Faróis de carros

se movem através da luz crepuscular na estrada elevada; duas torres de TV piscam em vermelho contra o céu que escurece.

Purvis emerge dos arbustos um pouco mais abaixo e eu lhe faço um aceno. Arranjamos este momento sem conspirar — trazer Billy até onde está agora, sozinho perto do carvalho. Ele bebe sua cerveja, coloca a Iara suavemente no chão e olha para nós, como que Para se certificar de que ainda estamos ali. Então caminha debaixo do dossel do carvalho e ajoelha-se na sepultura do seu filho.

No caminho de volta eu assumo o leme — nenhum problema com os baixios, já que a maré está subindo. Na hidrovia, os sinais luminosos me guiam — vermelho, direita, retornando. Na viagem toda Billy bebe cerveja na proa.

No desembarcadouro, eu desço com a picape e o reboque e Purvis, na água até a altura dos joelhos, engancha o cabo no barco — A única coisa que gosto em você, Scotty, é a sua picape — diz Billy.

— Fico feliz de que goste de algo.

Deixamos o barco no reboque no estacionamento e rodamos até o salão da marina para pegar o carro de Billy. O Town Car se foi e tem mais picapes por ali. Donna está preparando drinques para uma freguesia mais jovem. Não vejo suas amigas.

Purvis abre a porta do passageiro.

— É melhor você dirigir o fusca — eu digo.

— Eu posso dirigir — diz Billy, mas entrega as chaves do carro para Purvis e desliza para a janela aberta do banco do passageiro.

A casa de Billy é um bangalô amarelo perto do Coleman Boulevard em Mount Pleasant. Musgo cresce num lado do telhado. As luzes estão acesas dentro da casa e eu encosto a picape no gramado enquanto Purvis dirige o fusca até o galpão do automóvel. A luz da rua lança um brilho púrpura sobre a casa e o terreno baldio do lado.



Apanhamos as geladeiras da traseira da picape e enquanto Billy coloca o camarão da isca no congelador eu lavo as geladeiras com uma mangueira e as viro sobre o gramado.

— Podíamos pelo menos ter voltado para casa com algum peixe — diz Billy.

Arlene ouve a agitação e abre a porta lateral.

— Aí estão vocês — diz.

É uma mulher pequena e gordota de cabelos curtos. Descalça. Seu vestido floreado está desabotoado no alto e à luz do galpão seus cabelos grisalhos parecem amarelo-azulados.

Não posso dizer se Arlene está aliviada ou zangada ao ver Billy.

Ele fecha o congelador e olha para ela. Ele está um espetáculo — jeans empastados de lama, os cabelos erguendo-se eriçados da cabeça. Abre um sorriso e dança até ela, cantando "Um metro e sessenta, olhos magenta, alguém viu minha garota por aí?" Toma suas mãos, a levanta do degrau para os seus braços e roda com ela sobre o cimento. "Sabia amar, sabia arrulhar? Sabia ela, será que sabia, arrulhar? Alguém viu minha garota por aí?" Arlene dança alguns passos e o afasta.

— Pare com isso — diz ela.

Billy deixa cair os braços e cambaleia um pouco.

— É minha culpa — digo a ela. — Compramos umas cervejas e eu saí com o barco.

— Me meti numa briga — diz Billy.

Suas palavras são uma variação orgulhosa da verdade. Ele e Arlene se entreolham por um momento e então ela sobe de novo o degrau em frente da porta.

— Foi um dia longo — diz ela. — Estou cansada. Olha para mim.

— Devo telefonar para Edie e dizer que você está a caminho?

— Tudo bem. Arlene abre a porta.

— Não atiraram nele — diz Billy. — Foi uma bala perdida. Arlene para, segurando a porta aberta, e olha de novo para mim.

— Do que é que ele está falando?

Eu sacudo a cabeça, encolho os ombros.

— Que tal, gostaria de ganhar umas tigelas? — pergunta Billy. Sai dançando do galpão, contorna a picape, atravessa o gramado. A meio caminho da rua, perde um tênis e sua meia molhada e lamacenta pende da ponta do pé. Faz piruetas debaixo do poste de luz da rua, ainda cantando.

Quando chego em casa, Carla e Blair estão dormindo. A casa está escura. Edie está na cama, também, embora deva ter ouvido a picape se aproximar. Subo os degraus até a varanda mas, em vez de entrar, caminho até o oceano. A praia está pálida sob a luz da meia-lua; as ondas, visíveis como linhas brancas oblíquas, correm para estourar na areia. Além delas, mal podendo ser distinguida do oceano, está a interminável extensão de água escura.

Penso no menino no banco traseiro do carro atrás de sua mãe e de seu pai. Está desenhando num bloco de papel e subitamente há uma explosão. Ele sente o quê? Dor? Um amortecimento. O sangue jorra de sua perna. Talvez grite ou chore. Talvez desmaie. Perde sangue rapidamente. Os pais se viram e olham para o banco de trás...

— Scott? — Edie aparece através da porta de correr numa camisola branca.

— Estou aqui.

Ela atravessa a varanda até a balaustrada a vários metros de mim. A brisa levanta sua camisola ao redor das pernas nuas.

— Onde estava?

— Com Purvis e Billy. Subimos até a ilha no barco.

— Para pescar?

— Não, não pescamos.

Ela olha diretamente para o mar.

— Onde esteve, realmente?

— Estou todo coberto de lama. Pode ligar para Arlene, se quiser.

— Não foi o que eu quis dizer.

Ela não fala nada por um longo minuto. A meia-lua se esconde por trás das nuvens a quilômetros de distância sobre o oceano.

— Como estão as crianças? — pergunto.

— Ótimas. Carla foi ao futebol depois da escola. Blair ainda quer uma bicicleta para correr nas dunas.

— Ele não pode correr nas dunas.

— Eu sei, mas tente lhe dizer isso.

— Me desculpe por chegar tarde.

De novo faz-se um silêncio muito prolongado. Finalmente ela se vira para mim.

— Venha para a cama, Scott. Está frio aí fora.



Durante vários dias depois, eu me preparo para um julgamento em Myrtle Beach — depoimentos, entrevistas com testemunhas, pesquisa sobre o caso. Uma mulher pode ser culpada pela doença de um homem pretensamente causada porque ela rompeu o seu noivado? Nos fins de tarde a caminho de casa, eu passo de carro pela casa de Billy e depois pelo elevado debaixo da ponte levadiça, e também pelo salão da marina. O carro de Billy não está em nenhum desses lugares.

Num começo de noite dou uma parada na casa de Purvis. Está às escuras, mas sua porta está aberta para a

brisa quente. Uma pequena televisão sobre o balcão projeta cores no ar. Eu digo alô através da tela e bato depois.

Purvis abre bem a porta de tela. Lá dentro há o cheiro de tomate, cebola e alho no ar. Ele está cozinhando espaguete e esquentando um molho de lata. Na mesa da cozinha tem uma pilha de quase meio metro de livros de biblioteca.

Purvis desliga a televisão e gesticula para a panela de espaguete no fogão.

— Edie está à minha espera — digo a ele. — Estava pensando como vai Billy. Tem visto ele?

Purvis sacode a cabeça e mexe o molho. Não sabe mais sobre Billy do que eu. Mas o momento é ainda mais complicado. Estamos habituados a não falar, mas existe um constrangimento, como se compartilhássemos uma perda que nos recusamos a reconhecer. Ele sabe que eu vou para casa para a minha família e vou comer bolinhos de caranguejo e salada, vou passar em revista o dia das crianças na escola, talvez sabatiná-las em aritmética. Carla gosta de ciência e matemática e Blair recolhe ossos de pássaros na praia. E eu sei que Purvis vai ler. Examino os títulos dos seus livros da biblioteca — mistérios dos Hardy Boys, Daniel Boone, menino da fronteira, dois da série Harry Potter que Carla lê. Invejo o seu tempo, ele inveja o meu.

No dia seguinte, depois de um depoimento, eu paro no Huguley's em King Street onde Arlene trabalha. Ela fica no setor de cartões de felicitações, gravuras e livros de culinária sulista, e quando eu entro está ajudando um freguês a escolher um quadro de uma casa de plantação com azaleias ao longo da entrada de veículos. Ainda faltam dois meses para o aniversário de Edie, mas eu examino cartões e mensagens.

Quando o outro freguês sai, eu levo um cartão para a caixa registradora.

— Você está legal — falei. — Este vestido é bonito.

Ela veste uma bata marrom com um broche folheado a ouro na lapela.

— Obrigada — diz ela, pega o cartão e faz a leitura do código de barras.

— Já está chegando o aniversário de Edie de novo?

— Como vai Billy? — pergunto.

— Está bem. Tem trabalhado à noite, por isso estou dormindo quando ele volta para casa e ele está dormindo quando eu saio.

— Não vi o carro dele.

— Dois dólares e onze centavos — diz ela.

Coloca o cartão numa sacola marrom e eu lhe dou uma nota de cinco.

— Ele podia me telefonar — digo.

— Scotty, ele está passando por alguma coisa. Não sei o que, mas temos de deixá-lo. Aprendi isso há muito tempo.

— Só quero que ele saiba...

— Ele sabe — diz ela, e me dá o troco.



Naquela tarde meu julgamento é adiado a pedido do queixoso, por isso paro na sede da marina a caminho de casa. Pope e Purvis estão no terraço observando um barco a motor de cinquenta pés ser colocado num ancoradouro. O capitão aciona o motor e o barco se arrasta para a frente; depois, engrena uma ré e segue em frente de novo.

Fumaça de diesel jorra no ar.

Donna chega com um chope.

— Acabaram de prender alguém culpado pelo tiro naquele garoto — diz ela. — Está no noticiário.

— Quem foi? — pergunta Pope.

— A última pessoa que você imaginaria — diz Donna. — Uma menina branca de doze anos.

Vamos todos para dentro e ficamos em pé atrás das banquetas do bar e olhamos para a televisão. Uma repórter está falando ao microfone na frente do tribunal no centro da cidade. "Ainda não está claro se a suspeita sabia que o rifle estava carregado" diz ela. "Os pais da menina não estavam em casa na hora do tiro."

Os detalhes são vagos. A garota voltou para casa do colégio e encontrou o rifle de caça do pai e o levou para as árvores. Afirmaram que a menina disse, "queria ver se aquela coisa era capaz de atirar". Não há nada sobre intencionalidade — se ela carregou o rifle, se ela mirou qualquer coisa com ele, ou se atirou deliberadamente no carro ou se desejava atirar em alguém.

— Jesus Santo Cristo — diz Donna. — Que diabo ela estava pensando?

Na tela passa um *replay* da chegada da garota ao tribunal — um carro da polícia se aproxima, um oficial desce, alguém segura um casaco em frente do rosto da menina.

A menina usa short e suas pernas magras são visíveis debaixo do casaco.

— Como foi que a pegaram? — pergunta Pope.

— Estavam interrogando as pessoas — disse Donna. — Até seus amigos só o protegem por algum tempo.

A televisão corta para a área onde aconteceu o tiro — uma estrada rural deserta, pavimentada, com uma vala correndo ao longo dela e, alguns metros atrás, moita cerrada e pinheiros. Então mostra o carro — um compacto azul modelo do ano num estacionamento da polícia — e um *close up* do furo da bala na porta traseira.

— Troço sinistro — diz Donna.

— Que vão fazer com ela? — pergunta Pope.

— Deviam fritá-la — diz Donna. — E a seus pais também.

— Não conhecemos os fatos — eu digo. Todos olham para mim.

— Sabem, onde ela estava em relação ao carro, o que podia ver. Ela sabia até onde uma bala pode alcançar? Chegou a ver o carro? Não sabemos o que aconteceu realmente.

— Um menino morreu — diz Donna. — Sabemos disso.



Edgar Prioleau tinha onze anos quando morreu. Eu tinha nove. Estávamos no acampamento de pesca num domingo. Meu pai preparava o almoço e Billy levava Edgar e eu à praia para pescar nas ondas. Eu carregava uma vara e um balde vazio, Edgar duas varas e Billy a geladeira das iscas. Estava quente e ensolarado. Não me lembro do que vimos na trilha ou do que dissemos. Edgar caminhava à minha frente; Billy vinha atrás porque a geladeira estava pesada. Tudo era familiar — os palmitos, as plantas rastejantes, os carvalhos frondosos banhados de sol. A única coisa fora do comum era como a trilha terminava na praia. Quero dizer, sempre terminava ali, mas naquele dia notei como as árvores estavam escuras e como a luz brilhava na praia. Notei a luz porque Edgar usava uma camisa vermelha e, quando ele saiu correndo das árvores para subir a duna, sua camisa parecia uma pipa no ar.

Eu o segui até a duna, lutando para firmar o pé na areia. Billy gritou, "Esperem um pouco, vocês", mas Edgar já

chegara ao topo e então desceu correndo para o outro lado. Ouvi o vento no capinzal marinho e no mar além das dunas, e na crista eu vi o próprio mar. Deslizei parte do declive de areia abaixo e parei, sem fôlego. Edgar já tinha deitado ao chão as varas de pescar e corria na direção do horizonte.

E assim que me lembro dele — um menino envolvido pela imensidão do oceano. Ele saltou na espuma das ondas e ressurgiu à luz do sol. Quando Billy chegou ao topo das dunas atrás de mim, Edgar havia desaparecido.

Na segunda-feira seguinte, por volta das onze, Billy aparece no meu escritório usando um terno azul. Fez a barba e seu cabelo está emplastrado com algo inominável.

— Tenho um encontro com Latimer — diz ele.

— E o único terno que tem?

— Qual é o problema dele? — esfrega a lapela, o ombro.

— Não foi passado. Está provavelmente mofado. O encontro é a respeito do quê?

— Sabia que os Rupert compraram um veleiro?

— Ouvi falar.

Billy examina meu diploma de advogado pendurado na parede e, ao lado dele, minha admissão ao tribunal.

— Latimer tem uma permissão de dragar para a construção de uma nova marina — diz Billy. — O Corpo de Engenharia do Exército vai fazer a dragagem. Agora ele quer construir um segundo campo de golfe.

— O que é que ele vai fazer com dois?

— Nunca existem campos de golfe suficientes — Billy contorna a escada e passa ao longo das estantes de livros que vão do chão ao teto e olha pela janela para Broad Street. — Se estivesse no meu lugar, você venderia?

— Não posso responder a perguntas hipotéticas. Onde vai se encontrar com Latimer?

— Em Mills House.

— Quer que eu vá com você? Billy me dá um olhar oblíquo.



— Sabe o que é pegar o ônibus para a cidade todo dia?  
— pergunta. — Às vezes vou apanhar Arlene no ponto de ônibus porque ela mal pode caminhar por ter ficado em pé o dia inteiro.

Faz uma pausa.

— Se eu vender, Arlene pode largar o emprego.

— Vocês dois podem rodar por aí num Town Car.

— Não me venha com gracinhas.

— Não chafurde na autopiedade.

Ele olha para mim e diz: — Pode vir comigo, se quiser.

Mas quando vamos saindo do escritório recebo uma ligação de um cliente em apuros, por isso Billy segue à minha frente. Quando chego ao restaurante, ele e Latimer estão debruçados um sobre o outro como companheiros de golfe, bebendo martinis. Dirijo-me até eles por entre mesas elegantemente cobertas com toalhas brancas e aparelhadas com pratos e cristais. Ao lado de Billy, Latimer parece um sacristão — bochechas rosadas, cabelos curtos, olhos úmidos e brilhantes — embora eu saiba, por representar os Rupert, que ele tem muita lábia e acredita que Deus é dinheiro. Veste um terno cinzento e gravata cinzenta, usa abotoaduras de ouro e um alfinete de gravata.

Fica surpreso ao me ver, embora eu não saiba se Billy não tencionava lhe contar que eu vinha ou se simplesmente esqueceu.

— Scotty! — fica em pé e aperta minha mão.

— Olá, Kevin — vou-me sentando sem ser convidado.

— Billy, você conhece Scott Atherton?

— Scotty é meu advogado — diz Billy. Latimer engole essa.

— Aceite um martíni — diz para mim.

Um garçom vestido a rigor surge do nada com um menu para mim e outro martíni, que coloca na toalha branca à frente de Billy.

— A sopa do dia é caldo de mariscos da Nova Inglaterra — ele me diz. — As entradas especiais são salmão grelhado

com molho de lagosta e medalhões de porco servidos com cogumelos *shiitake* e alho tostado. Gostaria de um coquetel?

— Não, obrigado.

Latimer levanta sua taça para Billy.

— Ao sucesso mútuo — diz. Bebe e vira-se para mim. — Estava dizendo a Billy que os Rupert talvez tenham vendido antes do tempo. Os lotes no interior da ilha estão saindo mais rapidamente do que previmos, por isso estamos discutindo a aceleração das vendas.

— Quer dizer que se tivessem esperado teriam conseguido mais?

— Quem sabe? De qualquer maneira, a terra de Billy ficou mais valorizada.

O garçom fantasma aparece e anota nossos pedidos — salmão para Billy e Latimer, uma salada de frutos do mar para mim.

— E outro martíni — diz Billy.

Durante o almoço, Latimer expõe o seu caso. Sua empresa, a Coastal Amenities, é proprietária de cada parcela — exceto os vinte e cinco hectares de Billy — da praia até o pântano. Planos de desenvolvimento já foram aprovados. A empresa doou dois hectares para uma escola primária que encorajaria a diversidade de faixas etárias.

— Nossa marina vem em primeiro lugar — diz ele — para que os iatistas possam ter acesso ao restaurante e ao clube campestre.

— Billy pode pegar o seu barco e ir almoçar no clube.

— E jogar golfe — diz Latimer.

Billy beberica o seu martíni e coloca a taça na mesa.

— Se eu vender — diz ele — quero três vezes mais dinheiro do que os Rupert.

Depois do almoço eu deixo Billy e Latimer no saguão do hotel. Billy quer ver os planos de desenvolvimento — onde vão ficar as casas, o campo de golfe, a piscina — e promete não tomar nenhuma decisão sem me consultar.



Caminho de volta ao meu escritório em Broad Street, atravessando a sombra da igreja de St. Michael, cujo campanário branco brilha acima das fachadas das lojas em cinza e pastel. Uma rajada de vento sopra um jornal no chão. O cenário que se desdobra me passa pela cabeça — não aquele entre Latimer e Billy, mas todo o futuro da ilha. Enquanto árvores são derrubadas, estradas abertas e casas construídas, o meio da mata se torna a beirada.

Árvores que eram protegidas por outras árvores se tornam vulneráveis a tempestades. A atmosfera se modifica. Pássaros que precisavam de espaço e cobertura — pardais, tordos, gorjeadores — cedem lugar para os mais adaptáveis gralhas, pássaros-das-cem-línguas e estorninhos.

E mesmo que Billy não venda, sua terra vai se confinar com uma dúzia de casas. No monte de ostras, vai ouvir portas de carro batendo, bolas de golfe recebendo tacadas, querelas domésticas. À noite, faróis de carros e lâmpadas de rua vão brilhar nos palmitos, pinheiros e carvalhos que nunca conheceram outra luz a não ser a da lua e a das estrelas.

Recomendo à minha secretária "nada de telefonemas" pelo resto da tarde, porque, se não conseguir me concentrar, minha hora de trabalho vai valer meia tarifa. Tudo em que posso pensar é na pressuposição arrogante de Latimer de que Billy é um tolo.

Por volta das três, Sylvia abre a porta.

— Falou em nada de telefonemas, mas é sua mulher. Ela diz que é uma emergência.

Aperto um botão e digo alô.

— Billy está aqui — diz ela.

— Fazendo o quê?

— Disse que queria apreciar a vista de nossa varanda.

— Tomou três martinis no almoço. Ele está bem?

— Acho que sim. Dei-lhe uma Coca e está me contando sobre sua vida sexual.

— Espero que não esteja contando a ele sobre a nossa.

— O que há para contar? De qualquer maneira, ele não perguntou. Sabia que ele e Arlene têm quase setenta anos e ainda fazem amor três vezes por semana?

— Ele falou se ia para o acampamento de pesca?

— Está me ouvindo, Scotty?

— Estou ouvindo.

— Ele diz, "Você está bonita, Arlene", e ela diz "Acho que é melhor você partir para o trabalho".

— Nós precisamos de um código? — eu pergunto.

— Precisamos de mais do que um código. O tempo passa, Scotty. As pessoas mudam. O que era bom antes não é necessariamente o que é bom agora.

— Estou indo para casa — eu digo. — Estou saindo agora. Arrumo minha pasta e coloco o paletó do terno. Quando vou saindo, Sylvia pergunta se terminei a súmula da réplica para o caso Ruisdale.

— Posso levar para o tribunal quando sair — diz ela.

— Que merda, eu esqueci.

— Achei que era por isso que não queria ser interrompido — diz Sylvia.

Volto para o meu escritório, levando uma hora para escrever a conclusão, e quando entrego a súmula para Sylvia já passa das quatro.

— Arlene Prioleau ligou — diz Sylvia. — Eu disse que você tinha ido para casa.

— Ela disse o que queria?

— Não, mas parecia preocupada.

— Telefone para o Huguley's. Veja se ela ainda está no trabalho. Sylvia disca, consegue o gerente e passa o fone para mim.

— Aquela mulher — diz o gerente — saiu porta afora como se não estivéssemos aqui. Somos uma companhia que presta serviços. Ela não devia ter feito isso.

— Talvez tenha ganho na loteria — eu digo, e desligo.



Dirijo para o norte no tráfego sobre a ponte do rio Cooper. Atrás de um caminhão no ápice do segundo vão, um bando de íbis brancas voa em V acima das longarinas, os bicos vermelhos curvados para o chão e as pontas negras de suas asas iluminados de baixo pelo sol. A súbita beleza de seu voo preciso e sua ignorância de si mesmos aumenta minha inquietação, como se o momento casual de sua passagem zombasse de nossas emaranhadas relações.

Não acredito em presságios, mas estou seguro de que o fato de Arlene deixar o trabalho mais cedo tem a ver com Billy.

Em Mount Pleasant faço o contorno familiar em Magnolia Street. O carro de Billy não está no bangalô. As persianas estão abaixadas nas janelas, mas eu paro mesmo assim e bato à porta. Ninguém responde, por isso dou a volta na casa. Um par de cadeiras de plástico com água da chuva nos assentos se defrontam no pátio dos fundos. No quintal, azaleias e rosas murcham, embora a horta

recentemente limpa de Arlene floresça contra a cerca dos fundos.

Dou uma olhada pela janela da cozinha. Lá dentro há sinais de tumulto — uma cadeira derrubada, armários abertos, uma frigideira e duas panelas no chão, com caixas de cereal, alface, enlatados. Uma bolsa que imagino seja de Arlene está sobre a mesa. A maçaneta gira em minha mão e eu abro a porta.

— Arlene?

A bolsa contém óculos, uma escova de cabelos, um passe de ônibus, mas nenhuma carteira.

Caminho por sobre os destroços até a sala de estar fracamente iluminada. Almofadas do sofá e recortes de jornal estão espalhados, com um par de tênis e os jeans de Billy.

— Billy?

Dou um tempo.

— Arlene?

Sigo até o quarto de dormir, temeroso do que vou encontrar, mas está vazio, limpo, a cobertura puxada sobre o colchão vergado. O único item fora do comum é um recorte de jornal, que eu apanho da cama e ergo junto à luz da janela: o desenho primitivo de uma criança de uma praia com o amplo mar azul e o sol caindo sobre as ondas.

A legenda diz: A Visão de Brett. O parque Estadual da Praia de Edisto, onde a família Herzberger acampou na noite anterior ao dia em que Brett foi alvejado.

As cores são azul, amarelo, castanho amarelado. O sol não tem nenhum reflexo na água e um único pássaro foi desenhado em marrom na linha da maré. Não há nenhum traço brusco indicando a interrupção no movimento de sua mão, nenhuma mancha de sangue no desenho. São estes os últimos pensamentos do menino? Talvez ele erguesse os olhos um instante antes de ser alvejado e visse a mata escura, ou talvez pensasse num amigo em Illinois. Talvez se lembrasse de uma palavra dura que a mãe lhe dissera vinte

quilômetros atrás ou pensara em como pintar outros pássaros na linha da praia. Quem pode saber?

Eu volto à cozinha, apanho o telefone e ligo para Edie.

Carla responde.

— Oi, papai. Pensei que viesse mais cedo para casa.

— Sua mãe está aí?

— Qual é o problema? -pergunta Carla.

— Chame sua mãe, por favor.

Edie pega a linha.

— O que é que está acontecendo, Scott? Onde está você?

— Billy ainda está aí?

— Não, ele...

— Disse para onde ia?

— Ao trabalho, eu acho.

— Diga a Carla que peço desculpas. Fui seco com ela.

Vejo você depois. Vamos conversar.

Levo um tempão para chegar ao elevador. Na interseção, uma fila de carros espera para se fundir à onda de gente que deixou o trabalho em direção à praia, mas ninguém anda. As buzinas insistem. Alguns carros se esgueiram através do tráfego e dobram à esquerda. Na estrada principal, as pessoas esticam os pescoços da janela de seus carros para espiar o que está acontecendo, mas não vêm carros da direção oposta porque a ponte está levantada.

Eu tento contornar os doze carros à minha frente, consigo escapar do congestionamento na interseção e, em vez de virar à esquerda para a cidade, viro à direita para a pista vazia da contramão. Um quilômetro e meio à frente a rodovia está inclinada no ar, e na frente do vão erguido, luzes da polícia giram acima dos carros que esperam.

De cada lado do elevador está o banhado de água salgada. Alguns carros fazem a volta e vêm na minha direção, e eu raspo nos oleandros do acostamento para passar, ainda paralelo aos carros parados à minha direita. Então, mais adiante, vejo Arlene atrás de dois caminhões

de entulho parados. Ela caminha a passos largos pela faixa de pedestres agitando os braços.

Usa um vestido estampado e um chapéu de palha com aba larga e sapatos pretos robustos. Desaparece atrás de um caminhão de entulho e reaparece atrás de uma Mercedes.

Eu reduzo a marcha, me inclino através do assento e abro a janela do passageiro: — Arlene!

Ela se vira, me vê e investe através da fila de carros até a minha picape. Eu abro a porta para ela e ela entra.

— Ele está lá em cima na cabine — diz ela. — Se recusa a abaixar a ponte e se recusa a sair da cabine.

— Como você sabe?

— Seu supervisor telefonou para mim no trabalho. Liguei para você, mas sua secretária disse que tinha ido para casa.

Então eu noto os barcos. De cada lado da ponte dúzias de mastros apontam para o ar — a ponte está aberta o suficiente para bloquear os carros, mas não o bastante para deixar passarem os barcos.

Arlene diz: — Você viu o desenho do menino no jornal?

— Acabei de ver na sua casa. Ele aprontou uma grande confusão por lá.

Um policial a pé passa por entre os carros à nossa frente, falando com os motoristas. Quando nos aproximamos, ele ergue a mão e eu paro.

Chega à janela de Arlene e se abaixa.

— Vocês não podem ir mais adiante — diz ele, erguendo o olhar.

— O que acham que estão fazendo?

— Sou a mulher de Billy — diz Arlene.

— Que Billy?

— O homem na cabine — diz ela. — Billy Prioleau.

O policial olha para mim.

— Scott Atherton. Sou o advogado dele.

— Achamos que o cara tem um rifle — diz o oficial.



— Billy não tem nenhum rifle — diz Arlene.

— Não é difícil conseguir um — diz o oficial. — Foi o que ele disse ao jornal e nós acreditamos nele. Eu estava justamente alertando as pessoas para esse fato.

— Não é um fato — eu digo. — É uma suposição.

— Podemos falar com ele? — pergunta Arlene. O policial aciona seu walkie-talkie.

— Estou com a mulher do cara aqui — diz ele, — e com o seu advogado.

Dois helicópteros da marinha chegam rugindo sobre o pântano e o barulho espanta as garças entre os caniços.

— O sargento diz que podem vir — diz o oficial. — Se eu fosse vocês, ficaria abaixado.

Quanto mais perto chegamos, menos carros vêm do lado contrário. Passamos por mais caminhões de entulho e veículos de assalto suburbano parados em fila. A faixa de rodagem se ergue para o alto e para longe, uma desajeitada lâmina de metal inclinada contra o céu azul. Os veleiros são mais claros, também — sloops, ioles, queches, um trimarã — ancorados na hidrovía. Os helicópteros pairam sobre a cabine.

O Volkswagen de Billy está parado na via lateral ao pé da ponte, com os carros da polícia e as vans da televisão. Quatro carros de patrulha têm suas luzes vermelhas girando e vários atiradores de elite se agacham atrás dos para-lamas com rifles de alta potência. Eu encosto ao lado do carro mais próximo, onde o sargento está encostado num pneu traseiro. Na cabine, as persianas estão abaixadas contra o sol. Billy não é visível, nem mesmo como uma sombra.

Arlene sai e fica parada contra a brisa, segurando a aba do seu chapéu.

— Que história é essa de rifle? — pergunta. Tem de gritar acima do ruído dos helicópteros.

— Fique abaixada — grita o sargento.

— Sou a mulher dele — diz Arlene.

— Ele é tão capaz de atirar na senhora como em qualquer outra pessoa — diz o policial. — Mais provável até na senhora.

— Ele disse o que quer? — eu pergunto.

— Têm de ficar abaixados — diz o sargento.

Arlene tira o chapéu e o joga dentro da picape, contorna a barricada na rodovia e se dirige para a passarela de metal do lado da ponte.

— Senhora? — grita o policial. — Senhora, pare. Por favor.

Um helicóptero desce ao nível da janela da cabine, um homem com um rifle apontado no assento do passageiro.

Arlene não para e vou atrás dela. Eu a sigo ao longo da passarela gradeada.

— Se ele vai ser alvejado — diz ela — eu quero dizer adeus.

— Ele não vai ser alvejado.

— Aquele menino foi — diz ela.

A hidrovia abaixo de nós está encapelada e o vento balança os veleiros ancorados. Andorinhas dardejам ao redor das longarinas da ponte. Ao norte, além dos veleiros, a hidrovia retrocede num amplo triângulo azul que se estreita e aplaina na distância. A divisa da hidrovia é o pântano e mais adiante, na terra firme, árvores frondosas.

No fim da passarela, uma escada de metal conduz a uma antessala abaixo da cabine. Arlene segura um degrau da escada e sobe.

— Billy? — grita. — Billy Prioleau, me ouça!

Os helicópteros são tão barulhentos que Billy não tem condições de ouvir nenhuma palavra.

— Suba lá, Scotty — diz ela.

Ela profere esta ordem como se não houvesse nenhum perigo. E o que ela faria se pudesse.

— Que devo dizer?

— Simplesmente fale com ele. O que vocês falam quando estão pescando?

Eu olho para cima, para a cabine.

— Eles deveriam recuar com os helicópteros. Dar a ele algum espaço para respirar.

— Vou falar com eles.

— Acha que ele tem um rifle?

Arlene pega minhas mãos nas suas e aperta.

— Ele adora você, Scotty. Traga-o para baixo. Ela se vira e volta ao longo da passarela.

Os helicópteros pairam por perto, mas eu subo a escada até a antessala protegida.

O ruído ainda é forte, embora abafado, e eu espero para ver se os helicópteros se afastam. Ao lado do alçapão há um teclado numérico, mas não passam de números para mim. Finalmente eu grito: — Billy, sou eu, Scotty! Você está aí?

Alguns segundos se passam. Do lado de fora das janelas reforçadas à prova de tempestades, os veleiros balançam em torno de suas âncoras, escotilhas abertas, a tripulação escondida abaixo do convés. Outra chalupa, sem saber de nada, aproxima-se deslocada a motor em direção da ponte com suas velas recolhidas. O capitão, na cabine, segura numa das mãos o que imagino seja um gim-tônica.

— Billy?

Ele já está morto, é o que eu acho. Abriu a ponte e depois desmaiou com um ataque cardíaco. A polícia, com sua mentalidade de sítio, inventou a história de um lunático entrincheirado com um rifle.

— Vamos, Billy, abra. Sou eu.

Finalmente o ronco dos helicópteros diminui e uma buzina de carro ocasional soa à distância. Ouço um ruído acima de mim.

— Quem? — Billy diz.

— Vamos falar sobre Edgar. Outra longa pausa.

Assumo o risco de falar isso, mas faz sentido. Tracei as mesmas associações que Billy traçou, só que não na mesma maneira. Ele recortou o desenho do menino do jornal; queria apreciar a vista da varanda da minha casa. Eu

imagino o que Billy viu naquele dia em que levou Edgar e eu para pescar — subiu as dunas e viu o oceano e a praia se estendendo à sua frente, mas não viu Edgar. Viu a mim.

O alçapão se abre lentamente com um zunido e o interior da cabine aparece — espaço mais do que detalhe — e então uma fatia da testa de Billy, seus olhos azuis, cabelos grisalhos. De tão pouco, posso dizer se está bêbado, raivoso ou perturbado.

— Estou sozinho — digo a ele. — Arlene...

O alçapão se abre mais e eu entro na cabine.

O espaço é espartano, surpreendentemente frio. Com exceção das persianas do lado oeste, as janelas estão abertas e deixam passar uma brisa. Existe um painel de controle para a hidráulica da ponte, uma cadeira, uma mesa com um binóculo sobre ela. Billy está espalhado no chão com uma caixa de meia dúzia de Pabsts — só sobrou uma — e segura um rifle.

— É uma arma de chumbinho — diz ele. — Quero que achem que sou sério.

Eu deslizo ao lado dele e pego a última cerveja.

— Sério em relação a quê?

— Sabe tão bem quanto eu.

Seus olhos fixam os meus. Não está perturbado, mas tomou três martinis e quase uma caixa de meia dúzia de cervejas.

Eu me ajoelho e estico o pescoço para olhar por cima do peitoril da janela. A luz empalidece no triângulo azul da hidrovía. O veleiro com motor está mais próximo.

A leste, além da ilha, o mar azul se esparrama para o horizonte. Ao sul, aonde os helicópteros se refugiaram, a silhueta dos arranha-céus da cidade quebra o horizonte em formas dentadas. Gaivotas voam tranquilamente sobre as casas na ilha.

Apanho os binóculos e focalizo numa andorinha-do-mar pairando sobre uma piscina de maré e depois assesto os binóculos para a sede da marina.

— Lá está Purvis — eu digo. — E Donna e Pope e algumas outras pessoas nos observando do terraço.

— Não viram nada ainda — diz Billy.

Focalizo os carros parados no elevador e nas duas direções em Center Street. Os caminhões de entulho da ilha estão vazios. Sigo o pântano até a ilha e o carvalho, mas de tal distância não consigo ver o monte de conchas.

— Latimer mostrou a você o que ele planeja fazer?

— Ele começou a aterrar os tanques d'água — diz Billy.

— Foi o que me deu essa ideia. Todos aqueles caminhões de entulho são de Latimer.

Eu abaixo os binóculos.

— Então você o obrigou a parar fechando a ponte?

— E um daqueles barcos lá embaixo pertence aos Rupert.

— Qual deles?

— Não consigo me lembrar — diz Billy.

— Quantos tem lá agora?

— Dezenas. E um barco da guarda costeira está trazendo reforços. Aponto os binóculos para o *cutter* que vem da enseada e entra na hidrovia. O sol embranquece o céu acima das árvores e nuvens viajam pelo azul. O ar está úmido; há a ameaça de um pôr-do-sol.

— Precisamos de mais cerveja — diz Billy, sacudindo sua lata vazia. Puxa o telefone para perto de si e disca um número. — Vamos chamar o serviço de quarto.

— Acho que a gente devia comer alguma coisa.

— Donna, sou eu, Billy. Ouça, Scotty e eu precisamos de uma caixa de cerveja. Sim, estamos na ponte. Sam Adam's vai bem. Uma caixa. E meia dúzia de cachorros quentes com pão de milho. Que mais você tem aí? Alguns pacotes de *beef-jerky* e cebolitos ... ponha tudo na conta de Scotty.

Ele escuta por um momento.

— Purvis pode entregar, mas vai ter que pegar um barco para atravessar a hidrovia.

Outra pausa.

— Agora, sim. Imediatamente. Estamos com sede.  
Desliga e me passa o telefone.

— Você é meu advogado — fala. — Diga à polícia para deixar Purvis vir até aqui.

O número para o jornal está escrito num bloco na letra rabiscada de Billy e eu disco, imaginando que se Billy ligasse alguma vez eles estariam de prontidão. Dá certo e eles me passam para sua unidade móvel que está bem perto.

— Aqui é Scott Atherton. Estou com Billy Prioleau na cabine. Preciso falar com a polícia.

Eu me levanto, olho por entre as persianas e vejo um homem sair de uma van da imprensa e correr até um dos carros da patrulha. Em poucos segundos, o sargento pega a linha.

— É o advogado de Billy — digo. — Billy quer que os caminhões de entulho saiam da ponte.

— Ele quer o quê?

— Ele não gosta dos caminhões de entulho. E encomendamos comida do bar da marina. Um amigo nosso, Purvis Neal, vai trazer a encomenda da ilha. E Billy quer falar com a mulher dele.

— Não, não quero.

— Ela está bem aqui — diz o sargento.

Passo o telefone para Billy.

— Alô, Arlene — diz ele.

Estou perto o bastante para ouvir a voz de Arlene.

— Você está bem? — pergunta ela. — O que é que você e Scotty estão fazendo aí?

— Não muito até agora.

— Quero que venha para casa.

— Não posso no momento — diz ele. — Talvez logo mais.

— Você precisa partir para o trabalho, Billy.

— Eu vou — diz ele. — Você é bonita.

Ela diz algo mais que não consigo ouvir e então ele passa o telefone para mim.

O sargento está de volta na linha.

— Está tendo algum progresso? — pergunta.

— Billy ainda não se ofereceu para entregar a arma — eu digo —, mas estamos conversando.

— Queremos resolver a situação — diz ele. — Queremos que esse tráfego volte a circular.

— Comece com os caminhões de entulho — digo a ele. — E a comida. Me dê o número do seu celular para que eu possa entrar em contato quando tivermos outras exigências.

Ele me dá o número.

— Não façam nada radical — digo. E coloco o fone no gancho.

Em poucos minutos os caminhões de entulho começam a sair.



A cerveja me relaxa e eu gosto do novo território aonde ela me leva. Billy vai querer imunidade de processo, ou pelo menos uma acusação reduzida se fizer um acordo.

Vai precisar da garantia de que o departamento rodoviário não vai demiti-lo. Uma transferência, talvez — não se pode esperar que eles o mantenham neste posto. Esses itens são negociáveis, mas as outras exigências não serão tão facilmente aceitas — parar com as dragagens e os aterros, cessar o corte de árvores e a construção de estradas, purificar o ar, limpar a água, impedir que os ricos fiquem mais ricos. Queremos a sepultura de Edgar intocada.

As nuvens rosadas esmaecem para cinza e a cabine escurece. Eu salto em frente e olho de novo. O elevador está em silêncio, quase deserto agora, a não ser pela polícia e pela mídia. Do outro lado da enseada, Charleston brilha no crepúsculo. O horizonte ainda se inflama, embora o pântano esteja escuro e os regatos e piscinas de maré estejam cinza-prateados com pinceladas de vermelho.

— Ainda estão lá? — pergunta Billy.

— Não vão embora ainda — eu digo. — Acho que é melhor ligar para Edie para dizer onde estou.

— Ela sabe onde você está — diz Billy. — Você está comigo e com Purvis.

Billy abre outra cerveja e a passa adiante. Mastiga um pedaço de beef-jerky.

— Sabe, o sambaqui? — diz Billy. — Adivinha o que Latimer diz que vai ser lá.

Espera um momento.

— O quinto *tee* do campo de golfe.

Billy ri. Purvis sorri e toma sua cerveja. Então ficamos quietos de novo. O sol explode pela última vez sobre as árvores e dança nas nuvens — seu laranja e vermelho profundo iluminando a cabine, mesmo quando a escuridão se abate sobre nós.





## **A garota com o olho roxo**

Este olho roxo que eu tive certa vez! Como um olho de palhaço pintado na cara. Meus olhos estavam machucados e feios, mas o direito estava inchado até quase fechar, as pessoas deviam me ver e imagino só o que elas pensavam. Quero dizer, eu tinha de imaginar. Ninguém disse uma palavra, ninguém queria se envolver, eu acho. Mas era preciso pensar no que se passava pela cabeça deles.

Às vezes eu me vejo num espelho, como no meio da noite me levantando para ir ao banheiro, vejo um rosto desfocado, um rosto de mulher que não reconheço. E vejo aquele olho. Vinte e sete anos. Na América isso é uma vida inteira.

Esta coisa estranha aconteceu comigo aos quinze anos, caloura em Menlo Park High, morando com minha família em Menlo Park, Califórnia, onde papai era cirurgião-dentista (tive sorte; precisei de cirurgia dental e das gengivas para reparar os danos causados à minha boca). Sinistro e maluco. Feio. Nunca contei a ninguém que me conhece hoje. Especialmente a minhas filhas. Meu marido não sabe, ele não teria suportado aquilo. Estávamos no final da casa dos vinte anos quando nos conhecemos, nenhuma necessidade de desenterrar o passado. Nunca faço isso. Não sou desse tipo. Deixei a Califórnia para sempre quando fui para a universidade em Vermont. Minha família se mudou, também. Meus pais moram em Seattle. Existe um constrangimento entre nós e nunca falamos daquela época. Nunca falamos o nome daquele homem. Portanto, é como se nunca tivesse acontecido.

Ou, se aconteceu, foi com outra pessoa. Uma escolar dos anos 70. Uma garota tola que vestia camisetas de ginástica e jeans tão justos que precisava se deitar na cama para se enfiar dentro deles e ajeitava seus cabelos numa juba. Aquela garota.

Quando me encontraram, meus cabelos estavam desgrenhados e emaranhados. Não puderam ser penteados, tiveram de ser cortados da minha cabeça em feixes. Havia algo pegajoso neles, como teias de aranha. Eu os usava compridos há muito tempo e depois daquilo eu os usei curtos durante anos. Como os cabelos de um homem, a nuca raspada e as orelhas aparecendo.

Eu fora sequestrada aos quinze anos. Era algo que podia acontecer a você, que está aí fora, ser sequestrada, como estar numa queda de avião ou ser atingida por um raio.

Não haveria nenhum agente humano naquilo, quase. O agente humano não teria nome. Eu caminhava pelo estacionamento do shopping até o ponto do ônibus, às cinco e meia da tarde, num dia de semana, viera ao shopping com alguns colegas, mas agora ia para casa e de certo modo aconteceu, não me pergunte como, um sujeito fazia perguntas, ou dizia algo, acima de tudo registrei que era um adulto da idade do meu pai possivelmente, todo homem adulto parecia ter a idade de meu pai exceto, obviamente, homens de cabelos brancos. Não tive nenhuma impressão clara desse sujeito a não ser que depois eu me lembraria de anéis nos seus dedos, o que teria me levado a olhar para o seu rosto com interesse, só que naquele instante algo bateu na minha nuca por trás da minha orelha, me jogando para a frente e para baixo, como se ele tivesse me acertado com um gancho, eu estava com o rosto no estofamento de vinil de um carro, ou de uma van, e outro golpe, ou outros golpes, me puseram a nocaute. Como anestesia, foi assim. Você se desliga.

Este foi o sequestro. Como poderia ser descrito por uma testemunha que estivesse lá, que era também a vítima. Mas

que não tinha lembrança alguma do que acontecera porque tudo acontecera tão rápido e ela não estivera envolvida pessoalmente.

É como eles dizem. Você está e não está lá. Ele seguiu até este lugar nas montanhas Sonoma. Eu saberia depois, chamariam aquilo de uma cabana, e ele me estuprou e me surrou, me deu choques com fios elétricos e apagou pontas de cigarros no meu estômago e em meus seios e disse coisas para mim como se me conhecesse, como se conhecesse todos os meus segredos, que menina sacana eu era, que menina levada e egoísta, como todo mundo da minha classe privilegiada, como ele falou. Estou dizendo que essas coisas foram feitas em mim, mas na verdade foram feitas principalmente no meu corpo. Que a cabana ficava nas montanhas Sonoma ao norte de Healdsburg, mas podia ser qualquer outro lugar durante aqueles oito dias e eu podia estar em qualquer lugar, eu me agarrava à vida como você se agarraria a uma palha através da qual pudesse respirar, deitada num leito de água profunda. E aquela água era opaca, você não conseguia enxergar a superfície através dela.

Ele se foi e ele voltou. Deixou-me amarrada na cama, era um catre com um colchão fino, muito sujo. Só havia duas janelas na cabana e havia cortinas sobre elas bem fechadas. Fazia calor durante o que eu adivinhava que fosse dia. Fazia frio, e era muito quieto, à noite. Minhas partes baixas estavam esfoladas e latejando de dor, e outras partes minhas estavam numa névoa de dor, por isso eu não era capaz de pensar e não estava acordada a maior parte do tempo, não o que vocês chamam de estar acordada de verdade, com uma personalidade.

O que vocês chamam de sua personalidade, vocês sabem? Não são os ossos, os dentes, algo sólido. É mais como uma chama. Uma chama pode ficar em pé, uma chama pode tremeluzir ao vento, uma chama pode ser

extinta de modo que não haja sinal dela, como se nunca tivesse existido.

Meus olhos ficaram machucados, ele enfiara seus punhos nos meus olhos. As pálpebras estavam inchadas, eu não podia enxergar muito bem. Era como se eu não tentasse enxergar, estava poupando meus olhos para quando ficasse mais forte. Eu não tinha visto o rosto do homem, na verdade. Eu o havia sentido, mas não tinha visto. Não seria capaz de identificá-lo. Não mais do que você seria capaz de se identificar se nunca tivesse se visto no espelho ou algo semelhante.

Num dos meus sonhos, eu dizia à minha família que não a veria por algum tempo, que ia viajar. Eu vou viajar, quero me despedir. Seus rostos estavam desfocados. Minha irmã, eu era mais apegada a ela do que aos meus pais, é dois anos mais velha e eu a adorava, minha irmã chorava, seu rosto estava borrado pelas lágrimas. Ela me perguntou aonde eu ia e eu disse que não sabia, mas queria dizer adeus e queria dizer eu amo vocês. E isso era tão vívido que me parecia ter acontecido realmente, e era mais real do que outras coisas que me aconteceram naquele tempo que, depois eu ficaria sabendo, foram oito dias.

Podia ter sido o mesmo dia repetido, ou poderiam ter sido oito dias. Era um lugar, não era um dia. Como uma dimensão dentro da qual você podia entrar, ou ser sugada para ela, por um refluxo das ondas. E está lá, mas ninguém se dá conta. Antes de estar dentro, você não tem noção; mas quando está dentro, é tudo o que você conhece.

Por isso não tem meio algum de falar no assunto a não ser assim. Gaguejando e ignorante.

Por que ele me trouxe água e comida, por que decidiu me deixar viver, nunca ficaria claro. As outras ele matara depois de alguns dias. Elas se tornaram desinteressantes para ele, é o que se pode imaginar. Um dos corpos foi enterrado na mata poucos metros atrás da cabana, outros foram desovados ao longo da Route 101 tão ao norte

quanto Crescent City. E possivelmente houve outras jamais conhecidas, jamais localizadas ou identificadas. Esses fatos, se é que são fatos, eu saberia depois, como saberia que as outras garotas e mulheres eram mais velhas do que eu, a mais velha tinha trinta anos e a mais jovem entre as comprovadamente mortas por ele tinha dezoito anos. Então se especulou que ele teve misericórdia de mim porque não havia percebido, ao me sequestrar no estacionamento, que eu era tão jovem e, na minha condição castigada na cabana, quando começara a perder peso, devia ter parecido a ele uma criança. Eu chorava muito e gritava, *Mamãe! Mamãe!*

Como meus próprios filhos, crescidos, gritariam *Mamãe!* quando oprimidos no meio de um pesadelo. Mas nunca penso em tais coisas.

O homem com os anéis nos dedos dizendo: “Existe alguma razão, ainda não sei qual, para você ser poupada”.

Depois eu olhei para trás e percebi que houve uma virada, uma mudança da sorte, quando ele permitiu que eu me lavasse. Me lavar! Ele podia ver que eu sentia vergonha, era uma garota naturalmente acanhada e limpa. Ele me permitiu aquilo.

Podia ter me ajudado um pouco. Ele arrancava carrapatos da minha pele, dos lugares onde eram invisíveis e cheios de sangue. Ele odiava carrapatos! Eles o enojavam.

Ele se foi e voltou com comida e uma *root-beer* diet. Comemos juntos, sentados na beira do catre. Outra vez, me deixou ir até a clareira ao cair da noite. Como num piquenique. Seus dedos gordurosos e os meus. Galinha frita, batatas fritas e salada de repolho, minhas mãos começaram a tremer e minha boca estava em fogo. E meu estômago latejando de fome, câibras que me fizeram dobrar o corpo como se ele tivesse enfiado uma faca em meus intestinos e girado a lâmina. Ainda assim, eu podia comer certas coisas, em pequenas mordidas. Não passei

fome. Vendo a cor voltar ao meu rosto, ele ficou impressionado, agitado. Ele disse, em leve repreensão, *Ei, uma borboleta é capaz de comer mais do que você.*

Eu me lembraria daquelas borboletas amarelo-pálido em volta da cabana. Um enxame delas. E galos silvestres cantando, esperando para descer e bicar a comida.

Acho que eu estava muito doente. Delirante. Minhas gengivas estavam infeccionadas. Quatro dos meus dentes estavam quebrados. O sangue escorria sem parar até o fundo da minha boca, me deixando enjoada, com ânsias de vômito. Mas eu podia caminhar até o carro apoiando-me nele, podia me sentar normalmente no banco do passageiro, afivelada, ele sempre tomava a precaução de colocar o cinto de segurança bem preso em mim e enrolar um arame apertado ao redor dos meus tornozelos. Dirigindo então para fora da floresta e nos contrafortes eu não poderia ter identificado as montanhas Sonoma e o sol alto e transparente no céu, e perdi a noção do tempo, entrando e saindo dele, mas notando que o tráfego na rodovia mudava para suburbano, mais sinais de trânsito, passávamos por estacionamentos tão grandes que não se via o final deles, espaços cegos pelo sol e fileiras de carros reluzentes como lápides: eu os vi subitamente num cemitério que continuava para sempre.

Ele me queria ao seu lado o tempo todo agora, disse. *Estou de olho em você, garota.* Talvez eu fosse o seu troféu? A única fêmea troféu nesta orgia de sequestro/estupro/assassinato com a duração estimada em dezessete meses para ser publicamente exibida. Não surrada, estrangulada, estuprada até a morte, chutada até a morte e enterrada como carniça animal. (Isto eu saberia depois.) Ou talvez ele quisesse que eu assinalasse ao mundo, se o mundo olhasse através do para-brisa do seu carro, sua filha. Um sinal de ... do quê? *Ei, eu sou normal, sou um cara legal, estão vendo.*

Só que os cabelos da filha estavam desgrenhados e grudados, seus olhos estavam machucados e um deles quase fechado de tão inchado. Sua boca era uma ferida frouxa e empolada. Hematomas no rosto, na garganta e nos braços e costelas quebradas, seu corpo magro coberto por queimaduras e equimoses purulentas. No entanto, ele permitira que eu me lavasse e permitira que lavasse minhas roupas, eu estava menos suja agora. Me dera uma camiseta grande demais para mim, já suja, mas fiquei agradecida.

Através de hectares de estacionamentos, nós rodávamos como tubarões em busca de uma presa. Eu tinha consciência de pessoas que olhavam para o carro, por acaso, me vendo ou talvez não me vendo, havia reflexos no para-brisa (não havia?) por causa do sol, então talvez não me vissem, ou não me vissem claramente. Outros, no entanto, ao me verem, desviavam o olhar. Não me ocorreu na ocasião que deviam estar à minha procura, meu rosto nos jornais, na TV. Meu rosto como havia sido. Na época eu tinha deixado de pensar naquele outro mundo. Mais do que tudo, tinha deixado de pensar. Era como anestesia, você cede a ela, existe paz nela, quase. Como ao rodar pelos estacionamentos com o homem que assobiava para si mesmo, cantarolava, falava num tom baixo monótono e afável, entendi que ele não estava pensando também, como um peixe predador não pensaria ao deslizar debaixo da superfície do oceano. O avanço silencioso dos tubarões, que nunca cessam o seu movimento. Eu estava preocupada principalmente em me sentar direito: a cabeça equilibrada no pescoço, o que não é fácil de fazer, e o arame enrolado bem justo em volta dos meus tornozelos cortando a circulação. Eu sabia sobre gangrena, sabia de dedos e do pé inteiro enegrecendo de podridão. Do meu pai eu sabia da podridão dos dentes, da podridão das gengivas. Eu tentava não pensar naqueles estranhos que deviam ter me visto, claro que me viram, e se afastaram, incertos do que

tinham visto, mas sabendo que era encrenca, não querendo saber mais.

Apenas uma garota com um olho roxo, você imaginava que talvez ela o merecesse.

Ele disse: Deve haver alguma razão para você ser poupada.

Ele disse, na voz do meu pai de muito tempo atrás: *Sabe uma coisa, garota? Você não é igual às outras. É por isso.*

Iam dizer que ele era insano, que estes eram atos de uma pessoa insana. E eu não discordaria. Embora soubesse que não era assim.

A mulher ruiva de casaco caqui e calça combinando. Ela acabaria tendo um nome, mas não era um nome que eu quisesse saber, nenhum deles era. Era uma mulher, não uma garota. Ele tinha me colocado no banco traseiro do seu carro agora, de modo que o banco do passageiro estava vazio. Me afivelara bem. *OK, garota? Seja boazinha agora.* Rodamos pelo gigantesco estacionamento ao cair da noite. Quando as luzes começam a se acender. (Onde era isso? Ukiah. Onde nunca havíamos estado. A não ser pela mulher de cabelos ruivos, não tenho lembrança alguma de Ukiah.) Tinha tirado os anéis. Usava um boné branco de beisebol.

E lá vinha esta mulher de cabelos ruivos ao lado dele sorrindo, conversando como se fossem amigos. Eu olhei, fiquei atônita. Vinham na direção do carro. Nunca podia imaginar do que aqueles dois estavam falando! Pensei, *Ele vai me trocar por ela*, e fiquei assustada. O homem do boné de beisebol usando óculos escuros reluzentes perguntando à mulher ruiva ... o quê? Pedindo orientação? No entanto tinha o poder de fazê-la sorrir, havia uma descontração sexual entre os dois. Era uma mulher madura com um corpo bem torneado, seios que eu podia invejar e quadris em uma calça caqui justa, uma calça de grife com uma cintura apertada por um cinto. Senti uma onda de raiva por essa mulher, desprezo, nojo, como era estúpida, ingênua, curvando-se para me olhar onde possivelmente ele dissera



que sua filha estava sentada, talvez tivesse dito que sua filha tinha uma pergunta a fazer a ela? Que precisava de um conselho de uma mulher adulta? E num instante ela se veria empurrada no assento da frente do carro, de rosto para baixo, peito para baixo, impotente, num estalar de um dedo, rápido demais para que gritasse. Tão rápido que você compreendia que tinha acontecido muitas outras vezes antes. A garota no banco traseiro piscando, olhando e incapaz de falar embora não estivesse amordaçada, tão incapaz de gritar por socorro quanto a mulher lutando por sua vida a poucos centímetros de distância. Ela tremeu, solidária, gemeu enquanto o homem batia na mulher com seus punhos. Furioso, grunhindo! Seus olhos se arregalaram.

Não havia testemunhas? Ninguém para ver? Agilmente ele enrolou um cobertor ao redor da mulher, que estava inconsciente, apertando-o em volta da cabeça e do peito, enfiou as pernas dela para dentro do carro, fechou a porta e subiu no banco do motorista e partiu cantarolando, feliz. No banco traseiro, a garota chorava. Se ela tivesse lágrimas, teria chorado.

Estranho como a nossa mente funciona: eu estava pensando que eu era aquela mulher, no banco da frente enrolada num cobertor, portanto o resto daquilo ainda não havia acontecido.

Foi naquele momento, eu acho, que vi minha mãe. No estacionamento. Havia pessoas que foram às compras, principalmente mulheres. E minha mãe era uma delas. Eu sabia que não podia ser ela, tão longe de casa, eu sabia que estava a centenas de quilômetros de nossa casa, portanto não podia ser ela, mas eu a vi, mamãe passando pela frente do carro, caminhando rapidamente para a entrada de Lord & Taylor.

Mas eu não podia acenar para ela, meu braço estava pesado como chumbo.

Sim. Na cabana fui forçada a testemunhar o que ele fez à mulher de cabelos ruivos. Via agora que esta era a minha importância para ele: eu seria uma testemunha da sua fúria, da sua indignação, do seu nojo. Amarrando os pulsos da mulher nos canos de ferro da cama, abrindo suas pernas e amarrando seus tornozelos. Nua, a mulher ruiva não tinha nenhum poder. Não havia nenhuma descontração sexual nela agora. Você a desprezaria agora. Você não desejaria ser ela agora. Ela se tornara uma galinha num espeto.

Eu tive de observar, não podia fechar os olhos ou olhar em outra direção.

Pois já havia acontecido, acabara. Havia certeza nisso e paz na certeza. Quando não há escapatória, o que está acontecendo já aconteceu. Não uma, mas muitas vezes.

Quando você desiste de lutar, há uma espécie de amor.

A mulher ruiva não sabia disso, no seu terror. Mas eu era a testemunha, eu sabia.

Eles me perguntariam sobre ele. Só vi partes. Como rápidos flashes e cortes de câmera. Suas costas eram pálidas e flácidas na cintura, mais musculosas nos ombros.

Eram costas largas espinhentas e suadas. Era uma parte de um homem, como meu pai, que eu não veria. Não desse jeito. Não se distendendo, se flexionando. E o cheiro de cabelos de homem, como de loção congelada. Seus cabelos eram duros, escuros, entremeados de cabelos prateados como arame, no topo da cabeça podia-se ver o escalpo debaixo. No seu torso e nas pernas, pelos cresciam em densas ondas e regatos como água ou capim. Ele grunhia, fazia um som agudo de gemido. Quando se virou, vi um rosto feroz nublado, eu não reconheci aquele rosto. E os mamilos do peito de um homem, da cor de vinho como amoras. No meio das coxas, a coisa raivosa pendia como um pedaço de borracha, lustrosa e escurecida com sangue.

Eu lembraria, sim, ele tinha tatuagens. Manchadas como borrões de tinta. Nunca as vi claramente. Nunca o vi

claramente. Não teria ousado, como você não olharia o sol com terror de ficar cega.

Ele nos manteve lá juntas durante três dias. Quero dizer, a mulher ruiva esteve lá por três dias, inconsciente a maior parte do tempo. Havia uma misericórdia nisso.

Você aprende a perceber pequenas misericórdias e a ser grata por elas. Ele nem a mataria na cabana. Quando terminou com ela, enojado dela, arrastou-a até o carro. Fiquei sozinha e assustada.

Mas então ele retornou e disse: *OK, garota, vamos dar uma volta*. Pude caminhar, muito mal. Estava muito tonta. Eu iria no banco traseiro como uma grande boneca de trapo, sem ossos e sem oferecer resistência.

Ele havia enfiado a mulher do seu lado, escondida por um cobertor enrolado em volta da cabeça e da parte superior do corpo. Ela não lutava agora, seu corpo estava mole e sem resistência porque também havia enfraquecido na cabana, tinha perdido peso. Você aprendia a ficar fraca para agradá-lo porque não queria contrariá-lo nem nas menores coisas. No entanto, a mulher conseguiu falar, naquela voz pequena e sufocada que implorava. *Não me mate, por favor. Não vou contar a ninguém. Não vou contar a ninguém, não me mate. Tenho uma filha pequena, por favor não me mate. Pelo amor de Deus. Por favor.*

Eu não estava certa se esta voz não seria (de certo modo) uma voz disfarçada. Uma voz da minha imaginação. Ou como na TV. Ou minha própria voz, se fosse mais velha e tivesse uma filha. *Por favor não me mate. Pelo amor de Deus.*

Para sempre é esta voz, quando você está sozinha e silenciosa, você a escuta.

Depois especulariam que ele entrou em pânico. Vendo anúncios na TV, as fotos de suas "vítimas". Quando foram vistas pela última vez e onde, Menlo Park, Ukiah.

Havia descrições de testemunhas do sequestrador e um retrato falado da polícia com uma versão mais bruta, mais

feia e mais velha do seu rosto, agora disfarçado por óculos escuros. No desenho ele estava barbeado, mas agora seus maxilares estavam cobertos por vários dias de barba, uma barba eriçada, seus cabelos amarrados num rabo-de-cavalo e o boné de beisebol afundado na cabeça. No entanto, era possível reconhecê-lo no desenho, que parecia ter sido executado por um cego. E então ele entrou em pânico.

O primeiro carro que dirigia deixou na cabana, agora dirigia outro, um carro roubado com placas trocadas. Você acabava vendo que sua vida era feita de tais manobras e, quando depois eu soube detalhes do seu passado, sua vida familiar em San José, suas primeiras prisões como "infrator" juvenil, depois adulto, agora em liberdade condicional da prisão de segurança máxima de Bakersfield, eu bloquearia tal informação como não relacionada comigo, não relacionada ao homem que existira exclusivamente para mim enquanto, por um breve tempo, eu existira exclusivamente para ele. Eu desprezava os "fatos" porque vim a saber que nenhuma acumulação de fatos constitui conhecimento e nenhum conhecimento impessoal constitui a intimidade do saber.

*Sabe de uma coisa, garota? Você não é igual às outras. Você é especial. Esta é a razão.*

Dirigindo rápido, mas para dentro dos contrafortes. A estrada ficava cada vez mais estreita e esburacada. Havia poucos carros na estrada, todos eles minivans ou veículos de camping. Ele nunca falava com a mulher ruiva, que gemia e choramingava ao seu lado, mas comigo no banco traseiro, como meu pai fazia quando eu ia no banco de trás e mamãe na frente com ele. Ele dizia: *Como vai indo, garota? OK. Está tudo OK, hein?*

Sim.

*Vou deixar você ir embora, garota, sabe disso, não é? Vou dar a sua liberdade.*

Eu não podia responder a isso. Meus lábios inchados se mexiam naquela espécie de sorriso quando você sorri por

polidez.

*A não ser que queira trocar? Com ela?*

De novo não pude responder. Não tinha certeza da pergunta. Meu sorriso doía no meu rosto, mas era um sorriso sincero.

Parou o carro num caminho não pavimentado que saía da estrada. Esperou, não havia veículos se aproximando. Não havia aviões acima. Estava tudo quieto, a não ser pelos pássaros. Ele disse, *vamos lá, me ajude, garota*. Eu movi minhas pernas que estavam duras, minhas pernas que me pareciam estranhas e esqueléticas, saltei do carro e combati a tontura ajudando-o com a mulher amarrada, ele tirara o cobertor dela, seu rosto inchado descolorido, seu rosto que não era atraente agora, a boca cheia de crostas e os olhos tomados pelo pânico, olhos castanhos, eu me lembraria daqueles olhos implorando. Pois eram os meus próprios olhos, mas em alguém que estava condenada como eu não estava. Ele disse então de um jeito tão estranho: *Fique aqui, garota. Tome conta do carro. Se aparecer alguém, toque a buzina. Duas ou três vezes. Entendeu?*

Eu sussurrei sim. Estava olhando para a terra farelenta.

Eu não podia olhar para a mulher agora. Não podia vê-los se afastando mata adentro.

Talvez fosse um teste, ele deixara as chaves na ignição. Era para me fazer pensar que eu podia escapar com o carro daqui, que podia dirigir e pedir socorro, ou que podia correr pela estrada e conseguir socorro. Talvez eu pudesse conseguir socorro. Ele tinha uma arma e tinha facas, mas eu podia ter fugido de carro. Mas o sol batia na minha cabeça, eu não podia me mexer. Minhas pernas estavam pesadas como chumbo. Meu olho estava fechado do inchaço e latejando. Acreditei que fosse um teste, mas não tive certeza. Depois eles me perguntariam se tive alguma chance de escapar naqueles dias em que ele me manteve cativa e eu sempre dizia não, não tive uma chance de

escapar. Porque foi assim mesmo. Foi assim para mim e eu não podia explicar.

No entanto eu me lembro da chave na ignição e me lembro de que a estrada estava bem perto. Ele estrangularia a mulher, aquela era a sua maneira de matar, e isso eu parecia saber. Seriam precisos alguns minutos. Não era uma maneira fácil de matar. Eu podia correr. Podia correr ao longo da estrada e esperar que alguém aparecesse, ou podia me esconder, e ele não me encontraria naquela vastidão, se me chamasse eu não responderia. Mas fiquei parada ao lado do carro porque não podia fazer essas coisas. Ele confiava em mim e eu não podia trair aquela confiança. Mesmo que ele me matasse, eu não podia traí-lo.

Sim, ouvi os gritos dela na floresta. Acho que ouvi. Podiam ser galos silvestres. Podiam ser meus próprios gritos que ouvi. Mas eu os ouvi.



Poucos dias depois ele estaria morto. Seria alvejado a tiros pela polícia no estacionamento de um motel em Petaluma. Por que estava lá, naquele lugar, a vinte e cinco quilômetros da cabana, não sei. Ele me deixara na cabana acorrentada à cama. Estava tudo sujo, havia moscas e formigas. A corrente era comprida o bastante para que eu pudesse usar a toailete. Mas a toailete estava sem água. As cortinas estavam fechadas nas janelas e eu não ousava abri-las ou quebrar as vidraças mas olhei por elas, vi apenas a clareira, uma mancha verde. Acima passavam

aviões, às vezes. Um helicóptero. Eu queria pensar que alguém ia me salvar, mas no fundo sabia que não, que ninguém me encontraria. Mas acabaram me encontrando.

Ele contou onde ficava a cabana quando estava morrendo. Fez aquilo por mim. Desenhou um esboço de mapa, e eu tenho aquele mapa! Não o pedaço de papel autêntico, mas uma cópia. Ele nunca mais me veria e eu teria dificuldade em lembrar seu rosto porque nunca o vi de verdade.

Fotografias dele não eram exatas. Até seu nome, impresso, é enganador. Porque poderia ser o nome de qualquer um e não o dele. Em minha vida atual, nunca falo dessas coisas. Nunca contei a ninguém. Não haveria nenhum sentido. Por que contei a você, eu não sei: você poderia escrever sobre mim, mas respeitaria minha privacidade.

Porque se escrevesse sobre mim, sobre estas coisas que me aconteceram tanto tempo atrás, ninguém saberia que sou eu. E você disfarçaria de tal maneira que ninguém poderia adivinhar, é por isso que confio em você.

Minha vida depois daquilo é que é irreal. A vida então, aqueles oito dias, foi muito real. As duas partes não parecem muito ligadas, parecem? Aprendi que você não descobre a prova de qualquer causa no seu resultado. Os filósofos debatem sobre isso, mas se você sabe, você sabe. Não existe nenhuma ligação, embora as pessoas queiram achar que existe. Quando me recuperei, eu voltei a Menlo Park High e me formei com a minha turma e fui para a universidade em Vermont, conheci meu marido em Nova York poucos anos depois e me casei com ele e tive meus bebês, e nada da minha vida seria diferente de modo algum, acredito, se eu não tivesse sido "sequestrada" quando tinha quinze anos.

Claro, eu o vejo às vezes. Com mais frequência ultimamente. Na rua, num carro que passa. De perfil, eu o vejo. Com seus óculos escuros reluzentes e seu boné de

beisebol branco. O antebraço de um homem, uma camada espessa de cabelos nele, uma tatuagem, eu o vejo. O chocante em tudo isso é que ele só tem trinta e dois anos.

Parece tão jovem, agora. A vida toda a sua frente, ou quase.





T. JEFFERSON PARKER

## Numa boa

No verão daquele ano, Clay Canfield aceitou uma transferência do escritório de Atlanta do Bureau para o condado de Orange, na Califórnia. Vinha trabalhando em assaltos a banco e era bom nisso. Tinha trinta e dois anos, cabelos escuros, era apresentável e sempre levava uma vida correta.

Deixou Atlanta com pequenos pesares: seu pequeno papel na detenção do suspeito da bomba das Olimpíadas, que, ficou provado depois, era inocente, e seus ingressos para a temporada dos Braves em casa.

Do lado positivo, foi uma maneira conveniente de romper com a mulher a quem estava ligado, Marie. E havia o sul da Califórnia, onde crescera. Seus pais há muito tempo tinham se mudado, mas o irmão caçula ainda estava lá. Quando Clay pensava em Sonny, via-o surfando grandes ondas em Rockpile, na praia de Laguna. Seria bom ver Sonny de novo. E aquela cidade, também.

Clay leu a revista de bordo deixando Atlanta, tomou o café da manhã bem apresentado, olhou para baixo e viu o deserto do Texas. Pensou nos anos que passara em Atlanta, disse a si mesmo que seria bom sentir falta de algo ou de alguém. Mas não sentia. O mesmo com relação a Washington, Miami e Dallas.

Sonny o esperava no aeroporto. Engordara um pouco, mas parecia ter adquirido mais músculo. Cabelos louros cortados a máquina para o verão, bafo de cerveja. Sandália de praia e camisa havaiana com palmeiras estampadas, usada fora da calça para esconder a bitola dos quadris.

Sonny era policial no departamento de Laguna Beach e estava de namorada nova da última vez que Clay tivera notícias.

Sonny estalou um dos suspensórios de Clay, endireitou sua gravata e sorriu.

— Federal.

— Sou eu.

— Você parece ótimo.

— Você também.

Sonny pegou Clay pelo braço e o levou para o bar do terminal.

— Esta é Laurel — disse.

Laurel tinha olhos azuis e sardas, e cheirava a óleo bronzeador. Vestido amarelo, boas pernas. Um sorriso pequeno, cabelos lisos escuros, óculos escuros pousados na cabeça. O tipo de Sonny, cem por cento.

— Sonny me deixou aqui para tomar conta do drinque dele — disse ela. Seu aperto de mão foi firme e seco. — Então eu o tomei.

— Não consigo segurar essa garota — disse Sonny.

— Me algeme.

— Vou pedir outro para nós — disse Clay.

Sentaram-se em banquetas numa mesa alta nos fundos do bar. Cada um deles tomou dois drinques. Sonny contou-lhe como o condado de Orange crescera nos dez anos que Clay tinha passado fora: mais estradas, mais casas, mais pessoas e mais a caminho.

— E um assaltante de banco bem ousado — disse Clay.

— Atacou oito bancos em oito semanas, todos no norte do condado — disse Sonny. — Pequenas somas, ninguém se machucou ainda. O Bandido da Moto.

Laurel disse: — Educado, fala macia. Cabelos compridos dourados e uma arma grande. Simplesmente monta na sua motocicleta e foge correndo. Espero que não atire nele.

— Laurel é romântica — disse Sonny.

— Ele é arrojado — disse ela. — Como Joaquin Murrietta ou Robin Hood. E muito bonito.

— Ainda aparece de capacete em todos os filmes — disse Sonny.

— Viseira abaixada. Tudo o que eles têm são os cabelos escapando pela nuca.

— Sei disso.

— Podemos deduzir sua altura pela fotogrametria — disse Clay.

— Escapa rápido na moto — disse Sonny.

— Ele praticamente some — disse Laurel. — Os caixas o veem partir acelerado, mas depois disso ninguém mais o vê. Isso é ousado.

— Talvez tenha alguma ajuda — diz Clay.

— Que tipo de ajuda? — perguntou Laurel.

— Uma mulher que ache assalto a banco uma coisa romântica.

— O federal acabou de me chamar de *uma mulher*, Sonny.

— Você é uma mulher e tanto.

Laurel sorriu para Clay, um sorriso longo desta vez, e seus olhos riram enquanto erguia o copo de plástico, inclinando o líquido para dentro da boca, o dedo médio estendido.



Clay estava sentado na sala de reunião do FBI com sua nova parceira para cuidar de assaltos a banco e o agente encarregado do escritório local no condado de Orange.

Salena Mendez era a parceira. Ele a encontrara uma vez em Quantico, anos antes. Na ocasião, parecera esperta, compacta e um pouco distraída. Ainda parecia.

Mostrou-lhe fotos dos filhos e depois as colocou de novo na carteira como se ele fosse surrupiá-las. Bateu na mesa com dedos gordos, fazendo a Clay perguntas sobre Atlanta num tom que confirmava a pouca atenção que dava a suas respostas.

O agente encarregado do escritório local do condado de Orange, Bob Tuvale, era esguio e de movimentos lentos, ou sutil ou sem vida, ou ambos. Parecia mole. Perto da aposentadoria, imaginou Clay.

Tuvale desfiou as estatísticas de assalto a banco no condado do ano anterior aos dias atuais. Houve treze assaltos ao todo, oito atribuíveis ao Bandido da Moto. Tuvale imprimira um gráfico comparando os números anuais retrocedendo em dez anos, advertindo Clay de que, ajustando o índice deste ano em função da temporada ativa de férias que se aproximava, os assaltos a banco totalizariam um índice colossal de 20 por cento.

— Mais roubos, naturalmente — disse ele. — Mais pessoas, mais bancos, mais assaltantes de bancos. Mas o Bandido da Moto, agindo isoladamente, está arruinando nossa curva — disse ele. — Os crimes violentos atingiram a maior baixa em duas décadas nacionalmente e este sujeito faz parecer que o bando dos irmãos James está de volta ao condado de Orange.

— Uma vez por semana durante oito semanas — disse Mendez. — Ele não pode continuar nesse ritmo sem ser apanhado.

Tuvale acenou, nada convicto.

— Não temos uma única testemunha ocular a não ser os empregados do banco e os clientes presentes no momento dos assaltos — disse ele. — Sai naquela motocicleta da área imediata e se perde no trânsito.

— Ele praticamente some — disse Mendez.

Clay procurou um pouco do tom de orgulho que Laurel injetara ao falar estas idênticas palavras na tarde anterior. Mas não ouviu orgulho. Ouviu exasperação.

Tuvale levantou-se da mesa, apagou as luzes e direcionou o fecho de um projetor suspenso na parede branca diante deles.

Clay ouviu a ventoinha. Um mapa do condado, do *Guias Thomas*, entrou em foco. Tuvale havia assinalado os sucessos do Bandido da Moto com Xs raivosos em vermelho.

A luz do projetor pegou o rosto de Tuvale por baixo e o fez parecer um velho de traços marcados. *Como um coveiro debruçado sobre sua lanterna*, pensou Clay. Algo que ele vira num livro infantil mil anos atrás.

— Clay, nós colocamos todos os departamentos de polícia e xerifes locais em regime de alerta direto desde o terceiro assalto — disse Tuvale. — Com isso, recebemos mensagens de rádio como uma primeira reação. Ora, você e Sal não podem ir daqui ao norte do condado em tempo útil para poder fazer algo. A distância é muito grande. O tráfego é muito pesado. Então provavelmente vai ter que ser um assalto local. Está bem para nós assim, não está?

— Não me importa quem o pegará — disse Clay, embora se importasse. Você pode engolir seu orgulho para os registros, para a imprensa, para o público e para a polícia local, mas não pode engolir no coração. Ninguém pode. — Gostaria de visitar os locais — disse ele.

— Já fiz isso — disse Mendez. — Uma via expressa por perto, locais movimentados, portanto existe grana, quanto menos janelas, melhor.

Clay pensou nisso e se perguntou por que algumas pessoas, inclusive do Bureau, se contentavam em fazer um trabalho medíocre.

— Ainda assim gostaria de visitá-los. E gostaria que a fotogrametria fosse feita em Washington. Alguns bons *stills* dos vídeos da vigilância?

Os olhos de Mendez lampejaram de raiva.

— Os *stills* são uma merda. Os vídeos dos bancos estão velhos, quebrados ou desligados.

Clay gostava da raiva de outras pessoas porque ela desencadeava a sua própria raiva e abria um grande espaço dentro da gente. Marie dissera o mesmo em relação ao amor.

— Posso ver os ruins então? Goodin, no Realce de Imagens, pode trabalhar com alguma coisa.

Ele percorreu todos os oito locais naquele dia. O tráfego do norte do condado era ruim, mas nada que se comparasse a Miami ou Washington. *Os californianos ainda não sabiam como viviam bem*, pensou.

Depois de visitar os locais dos assaltos, ele verificou que o Bandido da Moto escolhera sabiamente. Salena Mendez deduzira o óbvio: rápido acesso à via expressa, agências movimentadas, poucas janelas.

Mas havia mais: os assaltos ocorreram no final da manhã ou no começo da tarde, quando os clientes eram poucos, mas as gavetas dos caixas estavam cheias. Ele não se arriscava a esperar o dinheiro dos cofres — apenas o que havia nas caixas, e depois caía fora dali. Tempo médio do assalto do anúncio inicial à saída: cinquenta e oito segundos.

Eram pequenos prédios isolados à beira de bairros residenciais, mais fáceis de controlar e desprovidos de segurança armada.

Estavam distantes de postos policiais locais ou de subestações do xerife.

Eram todos construídos com estacionamento nas laterais ou nos fundos, oferecendo ao Bandido da Moto anonimato até que estivesse dentro do prédio e de novo até o momento em que partisse em sua escapada.

Tinham todos pelo menos quinze anos, aumentando as chances de câmeras de vigilância obsoletas ou deficientes.

Em cada um deles o Bandido da Moto escolhera caixas jovens, em vez de mais velhas ou homens, ambos estatisticamente mais propensos a oferecer resistência ou uma sacola marcada a tinta, embora instruídos pelo assaltante a não fazê-lo.

Claro que a partir do terceiro assalto cada caixa em cada banco acionara o botão de alarme no segundo em que o bandido de cabelos dourados e capacete entrara na agência.

Até o terceiro assalto, apenas dois clientes do banco chegaram a se dar conta vagamente de que um assalto a mão armada estava ocorrendo bem ao lado deles.

No quinto e no sétimo assaltos, ofereceram sacolas marcadas, mas ele sabia distingui-las e declinou das ofertas. Disse ao caixa número cinco que a única tinta de que precisava já estava na caneta.

Um homem com senso de humor.

Clay se indagou sobre a exclusividade dos locais no norte do condado. Estaria ele trabalhando em sua própria vizinhança, tirando vantagem de jogar em casa?

Ou estaria agindo fora de sua área, mantendo limpo seu próprio cesto de lixo?

Clay optou por esta última hipótese porque, para um assaltante armado, o Bandido da Moto era cuidadoso. Era esperto o suficiente para ocultar o rosto. Para obscurecer.

Para fugir. *Fora da área*, Clay pensou.

Dirigindo de volta à casa de Sonny naquele fim de tarde, ele passou pelo Matterhorn da Disneylândia na 1-5 e imaginou se o Mr. Toad's Wild Ride ainda estaria lá.

Seu brinquedo favorito quando garoto. Sonny, com oito anos de idade, deslizara para fora da barra de proteção, saltara do carro e correria a esmo através da paisagem ultravioleta alucinógena durante vinte minutos até que o segurança o arrastou, debatendo-se, para o portão de saída. Os irmãos receberam um sermão e os pais foram convocados a buscá-los. Com dez anos, Clay era o

responsável por Sonny, assim como por si mesmo, e recebera o grosso da ira do pai. Na longa viagem de volta para casa, Clay disse à mãe e ao pai que gostaria de ser segurança um dia, de ajudar as pessoas em dificuldades e na verdade só estava sendo meio sincero. A outra metade era cascata para se livrar da culpa. Sonny fora mais sincero, como sempre, e disse que da próxima vez gostaria de saltar do navio no brinquedo dos Piratas e ajudar a saquear o porto.

Foi até o escritório local do FBI e escolheu uma imagem do vídeo do Bandido da Moto e a preparou para o Realce de Imagens em Washington. Não eram tão ruins como Mendez fizera crer, embora o foco estivesse nublado demais para qualquer coisa exceto fotogrametria. Ninguém ia ler uma tatuagem de braço nessas fotos, ou um número de prisão ou o nome de um colégio num anel.

Ele só precisava passar pela agência roubada no dia seguinte e medir alguns conteúdos-chave da foto: a altura do balcão do caixa, a distância do chão até o relógio nos fundos, a distância da câmera ao relógio *etc.*

Goodin poderia traçar as coordenadas e fazer as extrapolações para dizer a eles — com uma aproximação de centímetros — qual era a altura do Bandido da Moto.

Sonny e Laurel hospedaram Clay no apartamento sobre a garagem em sua casa de Laguna Beach até que ele encontrasse um lugar para morar. A casa alugada não estava nas melhores condições, mas Sonny parecia feliz com ela. Não era fácil para um policial de Laguna Beach morar em Laguna, porque a cidade era muito cara. Sonny disse a Clay que gostava da ideia de que a Irmandade de Tim Leary havia distribuído LSD de uma casa pouco mais acima na mesma rua. Dava caráter ao lugar.

O apartamento era pequeno e ventoso à noite, mas Clay tinha uma vista da vizinhança sombreada pelas árvores, um sofá-cama um banheiro e uma geladeira. Uma pimenteira dava a sua sombra. Uma das janelas era de vitral — um



beija-flor colocando o bico numa flor de hibisco — o que dava ao quarto um brilho abafado quando o sol batia.

Em sua primeira noite ali, um imenso guaxinim espiou pela janela, olhou bem para ele e depois se arrastou para longe. O Ford cedido pelo Bureau a Clay estava coberto de sementes de pimenta rosada naquela primeira manhã, mas Sonny guardara sua van na pequena garagem de um só carro. Clay gostou do modo como as sementes foram dispersadas pelo vento quando acelerou pela Laguna Canyon Road, como se estivesse dirigindo através de uma tempestade rosa-pálido.

Sonny trabalhava na patrulha noturna, por isso teria saído antes que Clay chegasse em casa. Laurel trabalhava numa escola primária particular, portanto estaria em casa quando Clay chegasse.

Na segunda noite, ela preparou drinques e eles se sentaram em cadeiras de jardim de madeira no pequeno pátio da frente, à sombra da pimenteira, observando os carros de turistas chegando à cidade para os festivais anuais de arte.

— Você podia encontrar uma casa em Laguna — disse ela. — E um bom lugar para morar.

— Comprei o jornal para ver os aluguéis. São terrivelmente altos.

— São duzentas pratas ao mês por este pardieiro.

— Eu gosto dele.

— É pequeno.

— Vocês podiam arranjar algo melhor?

— Pelo dobro do preço. As coisas estão puxadas. Eu não ganho muito. A casa de Sonny em Canyon Acres queimou toda no grande incêndio de 93. Estava segurada muito abaixo do valor. Ganhou uma soma que daria para pagar apenas uma nova fundação, não passou disso. Rachou a soma com a ex.

— Ele disse que era um monte de dinheiro.

— Não o bastante para reconstruir uma casa em Laguna Beach. E ele torrou uma boa porção em apostas. O incêndio foi ruim, mas o divórcio foi pior. Tem um coração imenso, o seu irmão. Mas ele perde o senso às vezes. Tudo isso já passou. Largou o jogo. Mas ainda estamos pensando. Tem um sacola de compras cheia de contas ali que mal são pagas. Alguns cartões de crédito estão no vermelho há meses. Mas chegaremos lá. Está sob controle.

Clay não falou nada. Não houve divórcio nenhum. Não era da sua conta o que Sonny contara ou deixara de contar à namorada. Mas Clay não fazia ideia de que Sonny andava jogando.

— O que, basquete ou futebol universitário?

— Tudo. Tudo legal, senhor agente federal. Voávamos para Las Vegas fim de semana sim, fim de semana não, e ele jogava nas apostas esportivas do Caesar's. Voltávamos para casa lamentosos na noite de domingo, nos levantávamos na segunda e começávamos tudo de novo. Divertido. Mas agora acabou.

Clay pensou sobre isso e não disse nada. Sonny só telefonava e escrevia esporadicamente. Dera a entender que sua separação fora a melhor coisa que lhe acontecera.

Que o dinheiro do seguro fora além dos seus sonhos mais desvairados. Que a vida era danada de boa. Sonny sempre ocultara seus problemas com blefe e otimismo.

— Tenho a impressão de que ele está feliz aqui — disse Clay.

— Claro que está. Tem uma garota de plantão com quem não precisa se casar, um emprego e um bangalô em Laguna Beach.

Ela usava bermuda jeans cortada e blusa sem mangas. Olhos azuis e sardas. Por mais que não quisesse notar, Clay notou que estava sem sutiã. Ainda cheirava ao óleo bronzeador que o lembrava da Califórnia no verão. Era uma espécie de perfume, em sua opinião.

— Por que não quer se casar com você?

- Não quer se casar.
- Como sabe disso?
- A gente sente as coisas. Tenho vinte e quatro anos.
- Você quer?

Olhou para ele, sorriu, correu os dedos pelos cabelos para afastá-los do rosto.

— Cresci numa cidadezinha no deserto, tão pequena que nem aparecia nos mapas. Suja e sem esperança. O que eu quero é nunca mais voltar.

— Parece que se sente bem aqui, também.

— Quero o melhor que possa conseguir. Por enquanto, é isso. — Levantou-se. — Vou fazer o jantar para nós.

— Vou visitar alguns velhos antros esta noite.

— Então vou jantar sozinha.

Caminhou de volta à casa com seu drinque na mão. Clay viu onde as ripas das cadeiras tinham deixado marcas retas em suas coxas.

Clay se aproximou da cidade no crepúsculo. As colinas eram marrons e encrespadas contra o céu de julho que escurecia e as casas pousadas na crista do morro com uma pose solene, o sol transformando suas janelas em bronze.

Ônibus de excursão enfileiravam-se na estrada. Os visitantes eram despejados como líquido na direção das entradas do festival, do cruzamento, da calçada, da rua.

Clay juntou-se a um grupo numeroso e dirigiu-se à Broadway. Ao passar pelo teatro podia sentir o eucalipto, o oceano, a salva do *canyon*, os perfumes dos turistas e a descargas dos carros, tudo misturado, e era um cheiro que nunca encontrara em nenhuma outra parte do mundo.

Atravessou a Coast Highway e caminhou até Heisler Park para ver o quebra-mar de Rockpile, onde ele e Sonny tinham aprendido a surfar. As rosas no parque exibiam marcas vermelhas e brancas com o Pacífico além delas. Olhou para a água e os rochedos.

*Você percorreu um longo caminho, federal, pensou, e depois voltou. Obrigado, Bandido da Moto.*

Tomou uma cerveja no Marine Room, jantou no que era a velha Ivy House, tomou outro drinque no Saloon.



A noite havia caído, suave e úmida, e Clay estava parado na esquina da Coast Highway com Forest quando o carro patrulha branco e azul do departamento de polícia de Laguna Beach encostou e Sonny sorriu para ele de trás do volante. A janela estava abaixada.

— Entre, babaca.

— Valeu.

Clay deslizou sobre o banco duro e bateu a porta. Sonny enfiou o carro no tráfego e partiu para o norte.

— Tem que se livrar dessas camisas brancas e desses suspensórios.

— Eu sei. Minha vida está no guarda-móveis. Por falar nisso, vou arranjar um lugar para ficar nos próximos dois ou três dias. Não quero ficar encostado no seu apartamento pelo resto da vida.

— Fique um ano, se quiser. Dois. Vou lhe cobrar um terço do aluguel e fica resolvido. Está vendo aquele coroa de cabelos brancos ali adiante? É um dos caras do Leary, da Irmandade. Tem uma loja de artesanato de couro agora, sabe, bolsas, sandálias, cintos, uma porra assim.

Sonny aproximou o carro patrulha e se inclinou por cima de Clay até a janela.

— Ei, seu velho drogado! Que cores está vendo agora?

— Sonny! Estou mais limpo do que nunca. Vá prender um plantador de erva, cara!

— Não saia da linha, seu velho lagarto depravado. Ainda temos lugar na cadeia para você.

— Deus seja louvado!

— Fique assim, irmão. Você precisa Dele.

Sonny seguiu em frente, checkou o retrovisor e botou o carro de novo no tráfego.

— Temos uma nova lei na cidade contra o plantio de certas folhas.

— Foi o que eu deduzi.

— Você pode plantar provas contra um suspeito, mas não pode plantar erva. Imagine só. Coisa de cidade pequena, Clay, mas eu adoro isso. Está vendo aquele apartamento, aquele com as plantas na sacada?

— A garota. Estou lembrado.

— Finalmente conseguimos condenar o namorado.

Quatorze anos depois, nós o pegamos afinal. Foi ali que ele a matou.

— Eu estava me formando naquele ano.

— Eu era do segundo ano. Lembra como ficou puto quando eu deixei o time de beisebol para surfar?

— A minha ideia era que você podia fazer as duas coisas.

— Eu não queria fazer a porra das duas coisas. Eu queria surfar, mano. Olhe, aquele filho da puta no Lexus está bêbado.

— Talvez seja apenas velho.

— Deviam diminuir a idade dos motoristas para sessenta anos. Você não imagina, esses velhos babacas vindos de Dayton para ver arte na Califórnia. É mais assustador que o Vampiro da Noite, se quer saber minha opinião. Como trabalha de suspensórios, me explique?

— Jesus, Sonny, eles simplesmente seguram minhas calças.

Sonny riu e pisou no acelerador rumo ao norte, em direção a Emerald Bay.

— Não, de verdade, eu entendo. Você opera num nível superior ao meu. Pode ter conforto e estilo. Um pouco de

gel nos cabelos. Não tem que ser um tira da cidade num uniforme azul que é metade poliéster, o verão inteiro no calor.

— Use algodão.

— Metade poliéster não amarrota. Ainda carrega uma arma?

— Trabalho com assalto a banco, mano. Ando armado.

— Com o quê?

— Uma Smith 9.

— Arma de mulher. Eu ainda uso um 45 para segurança máxima de imobilização.

— E já imobilizou alguém com ele?

— Porra nenhuma. Nunca cheguei a sacar. Sabe de uma coisa? É bom ter você de volta. Sentiu saudade deste lugar?

Clay pensou.

— Não achei que sentisse. Mas agora que estou de volta, não tenho certeza.

— Você nunca foi muito decidido. Mas tem uma desvantagem.

— Qual é?

— Você é de Libra. Os pratos da balança. É sempre capaz de ver de um jeito e depois de outro. Por isso leva cinco anos para decidir algo que a maioria das pessoas decide em um segundo.

— Astrologia... Você morou tempo demais na Califórnia.

— Laurel fez alguma coisa para você comer?

— Ela ofereceu. Mas eu queria dar um pulo até aqui, talvez encontrar meu irmão por acaso.

— O que acha dela?

— Bem, é bonita. Inteligente. Acho que ama você. Devia casar com ela, fazê-la feliz.

Sonny sorriu.

— Não sei se posso sustentá-la.

— Gostos caros?

— Não tanto assim, mas, sim, levando em conta o que eu ganho. É difícil acompanhá-la. Bebe mais que eu, trepa

mais que eu, fala mais que eu. Só precisa de quatro horas de sono por noite e eu me arrasto para fora da cama depois das oito, ainda preciso de uma soneca antes do meu turno. Pegue uma garota de vinte e quatro anos que nasceu pobre e acha que sabe o que quer, é bom tomar cuidado.

— Talvez ela só esteja tentando fazer você feliz.

— Bem, sei lá, Clay. E quanto a você? E essa garota da Georgia que você deixou de coração partido em Atlanta?

— Deixei os ingressos dos Braves com ela, também.

— Por que não a traz para cá?

— Rompi para valer. Começar de novo. Sei lá.

— Você não sabe. Quem sabe?

— Não me venha com isso de novo.



O Bandido da Moto atacou uma agência da Wells Fargo em Fullerton na manhã seguinte às 11h25.

Salena Mendez tirara a manhã de folga, por isso Clay desceu voando os degraus do escritório local, entrou no carro e dirigiu rapidamente o tempo todo até lá, chegando vinte e um minutos depois. Suava muito, embora o ar estivesse ligado à toda, fazia cinco semanas que não atendia ao vivo a um alarme. Quanto mais se aproximava, com mais atenção examinava as ruas em busca de um sinal do Bandido da Moto de cabelos dourados rumando para o acesso de uma via expressa.

O Bandido sumira. O departamento de polícia de Fullerton já estava no local, seis policiais e um sargento,

acolhendo Clay com fingido desinteresse. Como era de se esperar.

Os funcionários do banco estavam atordoados e falavam rapidamente, aliviados por estarem vivos e só terem sido roubados de dinheiro impessoal — como era de se esperar, também. O Bandido era educado e de fala macia. O Bandido estava oculto por seu capacete e pela viseira. O Bandido "parecia bonito e calmo". O Bandido recusara a sacola marcada de novo. O Bandido levara US\$ 11,450, um pouco acima de sua média.

Clay recolheu o videoteipe, contente ao ver que a câmera era nova, esperando conseguir algo mais revelador do que tinham conseguido até agora.

Ele ouviu os interrogatórios da polícia e depois fez o seu. Usou um gravador de fita e um bloco de anotações para que nada lhe escapasse. A caixa escolhida disse a ele que a mão do Bandido que segurava a arma tremia enquanto ele fazia suas exigências.

Quais foram suas palavras exatas?

*Todo o seu dinheiro bem rápido, querida. Não aperte o botão, não toque na tinta de marcar. Rápido! Rápido! Tem de agir rápido!*

Duas horas depois Clay examinava o estacionamento do banco. Ficava atrás do edifício e longe das janelas de entrada e do tráfego de pedestres. Uma subgerente da agência tivera coragem e estupidez suficientes para seguir o Bandido fora do edifício e vê-lo partir em fuga. Descreveu a motocicleta como predominantemente preta, talvez algum detalhe amarelo, com um ruído agudo de motor, "não muito forte". Mostrou a Clay o estacionamento. Clay procurou uma marca de derrapagem na partida: nada. Olhou para o norte em direção de Pinehurst, a direção que o Bandido tomara, checkou o local onde a rua se encontrava com o estacionamento em busca de marcas — era geralmente um bom lugar, porque as águas da sarjeta ajudavam na derrapagem dos pneus. Nada.



Caminhou cinco quarteirões na direção de Pinehurst apenas olhando para a rua inócua que se transformava de semicomercial em residencial em menos de quatrocentos metros. Apartamentos, condomínios, algumas residências isoladas.

Bateu nas portas. Falou com alguns garotos. Encontrou um bloco de apartamentos de idosos onde havia sempre muita gente em casa. Ninguém vira uma motocicleta, a não ser um garoto jovem ansioso por ajudar. Teria dito a Clay que avistara uma nave espacial se Clay perguntasse isso. Queria segurar o distintivo de Clay — o que contrariava o protocolo do Bureau —, mas Clay acabou deixando.

Apenas uma pessoa notou algo fora do comum. Uma mulher mais velha, olhos claros e aguçados, vestido estampado floral e meia elástica grossa como um suéter.

O que ela viu na sua caminhada matutina foi uma van da ResCom Cable estacionada na rua, a meio quarteirão de onde morava. Eram 11h15 quando ela a viu e aquilo a fez pensar no péssimo sinal que vinha recebendo no canal de compras da sua TV. Às 11h35 ela estava de volta em casa e viu a van sair.

— O que há de incomum nisso? — perguntou Clay.

— Uma motocicleta entrando na van não é coisa muito comum — replicou ela.

— Explique.

— Acabei de explicar. Entraram com uma moto na traseira da van, por uma espécie de rampa. Depois a van da ResCom Cable foi embora. O que é ainda mais fora do comum, Sr. FBI, é que todos aqui somos servidos pelo Comcast Cable, não há nenhum motivo para a presença de uma van do ResCom.

Clay sorriu e nada disse por um momento. Lá estava: a pista.

Passou outra hora interrogando a mulher. Seu nome era Gladys Forbes.

Ela não podia descrever o piloto da motocicleta, não se lembrava de cabelos compridos dourados, não se lembrava se ele — ou ela, a Sra. Forbes o advertiu com um dedo severo — tinha uma mochila ou não.

Não podia descrever a motocicleta.

Não podia descrever a van, a não ser que era branca com o emblema da ResCom Cable na lateral.

Não podia imaginar o que a ResCom Cable estaria fazendo nesta parte do condado.

Mas podia mostrar-lhe exatamente onde a van ficara estacionada. Ela o levou até lá no seu vestido estampado de flores, piscando sob o sol quente. Clay examinou o asfalto manchado de óleo em busca de marcas de pneus. Examinou a rua de todas as quatro direções, porque o ângulo do sol pode obscurecer ou expor as leves marcas deixadas por pneus sobre superfícies duras.

Nada.

— Juro que foi aqui — disse Gladys.

— Eu acredito na senhora — disse Clay.

— Nenhuma razão para estar aqui, mas foi aqui.

— A senhora foi de uma imensa ajuda.

Do banco, ele discou informações para saber o número da ResCom, achando que devia começar pelo chefe de segurança. Não existia nenhuma empresa com esse nome em Fullerton, Irvine, Newport Beach, Tustin, Santa Ana.

Nenhuma empresa com este nome também no condado de Orange, a telefonista de informações lhe disse.

Nenhuma em Los Angeles, San Bernardino ou San Diego também.

Clay confirmou ao verificar a coleção atualizada de catálogos telefônicos do banco: nenhuma ResCom.

Apenas um par de emblemas magnéticos baratos, pensou: verificar os fabricantes de emblemas locais sobre a encomenda da ResCom.

Ligou para Tuvale, mas teve que falar com Salena. Parecia chateada, porque ele estava no caso há dois dias e

fizera mais progressos do que ela em oito semanas. Tirara a manhã de folga porque estava morrendo de dor de cabeça. Falou a ele que cobriria os fabricantes de emblemas, sugeriu que ele checasse de novo a rua porque marcas de pneus podem ser invisíveis quando a luz não ajuda. Clay pediu a ela que verificasse o registro de veículos de deficientes físicos para ver que informação tinham sobre veículos equipados com rampas — e não elevadores — para entrada e saída de cadeiras de rodas. Imaginava que o Bandido da Moto tivesse provavelmente preparado a coisa toda sozinho, mas valia uma tentativa. Salena disse que ia ver o que podia fazer.

Clay desligou e bateu de porta em porta por mais duas horas, fez mais anotações, mas não descobriu nada que parecesse útil.

Seguiu então de carro ao banco assaltado na semana anterior e tomou as medidas dos elementos fotográficos para o Realce de Imagens. Em seguida, foi ao correio em Irvine pegar a remessa da noite para Washington.

Estranhamente feliz e atordoado e por algum motivo pensando em Marie, Clay deu uma passada no estande de tiro das forças policiais em Anaheim e queimou alguns pentes de balas da sua nove milímetros. Cento e vinte tiros. Resíduo cinzento nos punhos da sua camisa. Arma de mulher ou não, seu pulso direito estava amortecido, os ouvidos zumbiam e as narinas tinham o cheiro de pólvora enquanto dirigia de volta a Laguna.

Sempre gostara daquele cheiro.

Sonny se levantara cedo naquela manhã, pouco depois que ouvira o Ford de Clay no cascalho da entrada. Enquanto Laurel estava no chuveiro, foi ao banheiro escovar os dentes. Escovou até afastar o bafo da noite anterior, olhando para ela através da porta de vidro do chuveiro. Sua cabeça estava inclinada para trás na ducha, os braços levantados, suas axilas pálidas quase brancas

brilhando com a água. Endireitou a cabeça e olhou para ele.

— Emboscada?

Ele concordou com a cabeça e sorriu ao redor da escova de dentes.

— Oh, céus.

Ele ficou deitado na cama e pensou nela. Ela veio com uma toalha ainda enrolada na cabeça. Ele tirou a toalha e o roupão dela e puxou os lençóis sobre eles contra o frio do canyon.

— Levantou cedo esta manhã — disse ela, descendo a mão pelo corpo dele. — Em mais de um sentido.

— Dia ocupado.

— Não se deve apressar as coisas boas.

— De jeito nenhum.

Colocou-se sobre ela e dentro dela. Pele sobre pele fria, mas dentro o calor no calor. Uma baixa voltagem o sacudiu e ele sentiu o lençol na sua pele arrepiada.

Ergueu-se e olhou para baixo. Os olhos dela eram cinzentos em manhãs cinzentas e azuis em manhãs azuis. Azuis hoje. Podia sentir o cheiro do sabonete e do xampu e ver os sulcos que o grande pente rosa deixara nos seus cabelos. Ela correu seus dedos para cima e para baixo na base de suas costas.

Às vezes, quando olhava para ele, o rosto dela estava relaxado e seus olhos claros e Sonny não tinha ideia do que ela estava pensando. Ele nunca perguntava porque acreditava que a privacidade era o ninho de segredos e que os segredos eram o centro da alma.

Mas tinham criado o hábito de conversas como esta e o fizeram: — Como vai ser o seu dia hoje, senhor policial?

— Limpar a garagem, dirigir com a van em volta do quarteirão para manter a bateria em forma... ora... coisas assim.

Ela riu e correu as unhas pela pele dele. Ele empurrou com força e ela empurrou de volta.

— Ir ao banco, apanhar aquele novo coldre. Ummm. E você?

— Temos uma excursão de estudos àquele novo museu para crianças em Santa Ana. Tem uma cama de pregos na qual elas podem se deitar. Algum lance de laser. Deixe-me virar.

Ela rolou e colocou os joelhos para baixo. Arquejou levemente quando Sonny penetrou e estabeleceu um ritmo.

— Vou comprar algumas coisas no armazém — disse ele. — Quase não temos mais nada em casa.

Estendeu os braços e palmeou os seios dela, massageou sua bunda. Ela gemeu enquanto ele apertava os polegares nos grandes músculos. Com o rosto dela de lado no travesseiro, ele podia vê-la de perfil e ela podia olhar para ele com um olho azul surpreendentemente claro. Como uma carta de baralho, ele pensou: rainha de algo.

Sonny saltou para trás e deixou a metade do seu corpo fazer o trabalho. Braços como asas, dedos estendidos como terminais de plumas.

O corpo elétrico.

— Porrrrra, isso é muito bom.

Ela gemeu no balanço do entrechoque de seus corpos.

— Eu amo você — disse ele.

— Com certeza, agora.

— Mas quando tivermos acabado também amarei.

— Oh... oh... oh. Ei... quando for ao Lucky's, não se esqueça de comprar... oh... não se esqueça de comprar uns...

— Ovos?

— Já tenho estes. Oh.

— Vinho?

— Já tenho... Oh... isso.

— O quê?

— Dinheiro vivo. Ohhh... ssiimmm. Precisamos de dinheiro. Quando ela começou a se sacudir, ele estendeu as mãos pelos quadris dela e a puxou para dentro, empurrou

para fora, puxou para dentro, empurrou para fora. Suavemente a empurrou para baixo e a cobriu com todo o seu peso, todo para a frente enfiado naquela coisa. Um turbilhão de nervos nela então, uma série de detonações, grandes e pequenas como fogos de artifício e se perguntou por que o dele parecia mais ritmo e o dela mais caos.

Os tremores dela tinham começado a diminuir quando ele sentiu no estômago um vácuo, como se tivesse saltado por cima de um rochedo.

E então a queda longa e doce.

— Ei querido — ela sussurrou de perfil. Seu rosto estava bem colado ao dela. — Vou chegar atrasada.

Quando ela se foi, Sonny se vestiu, tomou um café da manhã reforçado e bebeu uma dose de tequila Cuervo Gold para se acalmar. Seu estômago passara da longa queda livre com Laurel à tensão apertada, ligeiramente dolorida, que sempre sentia num dia de trabalho.

Leu o jornal, lavou os pratos do café da manhã, tomou outro drinque. Pegou a chave da gaveta de baixo da cômoda e saiu.

A manhã estava esquentando agora, com o sol bem acima da linha das montanhas ao leste. Às vezes o jeito como o sol surgia brilhante por sobre as colinas fazia Sonny sentir que ele estava à sua procura. Busardos circulavam numa corrente ascendente no desfiladeiro. Sentiu o cheiro da salva e dos pinheiros enquanto abria o cadeado da garagem e erguia a porta.

Saiu de ré com a grande van, certificou-se de que tinha gasolina e deslizou para fora do velho assento forrado de vinil, trancando a porta da garagem de novo. Verificou o óleo, a água e a pressão dos pneus e pegou o controle remoto do painel central debaixo de uma garrafa de Cuervo pela metade.

Caminhou dez passos para trás do veículo, acionou o controle e observou as portas traseiras se abrirem. Uma rampa se ergueu e depois desceu do piso da van. Tinha

sessenta centímetros de largura e dois metros e meio de comprimento. Gemeu até se colocar em posição no chão. Quando pousou sobre o asfalto, ele pôde ouvir a esforçada maquininha parar, seu motor auxiliar silenciar.



Sonny comprara a engenhoca completa num leilão da polícia, achando que seria útil um dia, sem saber ao certo para quê. Era propriedade de um distribuidor de cocaína com uma queda por Harley Davidsons, um cara que Sonny prendera aqui mesmo em Laguna Canyon. O receptor com a frequência da polícia já estava a postos.

Reequipara o motor e as junções de modo que funcionava com rapidez. Levava sete segundos para que as portas se abrissem e a rampa saísse, sete segundos para voltar tudo ao lugar.

Comprara aquilo com dinheiro ganho num bom fim de semana em Vegas — uma das poucas coisas que sobraram daqueles dias, além das dívidas.

Passavam alguns minutos das dez horas quando saiu para executar suas tarefas.

Parou na garagem de Santa Ana e subiu com a pequena motocicleta urbana de 200 cilindradas pela rampa até a traseira da van. Virar a moto era sempre uma espécie de esforço penoso.

Suava muito quando conseguiu colocá-la na posição certa, apertou bem as correias para que ela não caísse quando a van fizesse uma curva.

Já fazia 32 graus, segundo o anúncio do banco pelo qual passou na rua 17. Pegou o capacete e a sacola de acessórios e os emblemas magnéticos para o veículo, a correia de velcro para prender o controle no guidom da moto. Mais um gole da Cuervo no painel.

Depois, rumo a Fullerton, seus nervos apertados num feixe e tudo ao seu redor tão claro e tão agudo que parecia a Sonny o tipo de visão que um gavião teria, ou um grande felino predador. A adrenalina o fazia ver coisas que nunca soubera que estavam ali: o pardal perdido nas folhas do tamanho de pardais de um choupo, o velho com o pescoço enrugado observando-o da penumbra de sua garagem.

Agora estacionar. O aspecto crítico é que precisava de quase quatro metros de espaço limpo para a rampa na traseira da van. O melhor era não correr nenhum risco e estacionar a van num canto onde ninguém pudesse parar atrás dele. Era essencial também que estacionasse num lugar onde não houvesse pessoas agrupadas para vê-lo: uma área industrial, onde os operários batessem ponto, um estacionamento moribundo de uma escola em férias ou um negócio à beira da falência, vizinhanças ricas onde as pessoas tivessem uma vista do que a da rua. Era preciso uma certa privacidade, mas bastante atividade no local para que uma van não parecesse deslocada. Às vezes ele levava quinze minutos só para encontrar o lugar adequado.

Hoje estava difícil. Nada parecia correto. Ruas laterais amontoadas, apartamentos e casas perto demais da rua. Quanto mais se afastasse do local, maior o risco de que o vissem.

Circulou para longe do banco, cada vez mais, estacionando finalmente a cinco quarteirões da agência, na direção norte para Pinehurst. Um ótimo trecho de meio-fio aberto com um hidrante atrás, o que lhe deixava uns nove metros extras garantidos. Mais adiante ficava o que parecia um bloco de apartamentos de aposentados, mas pelo menos ele não estava diante da janela de ninguém. Tudo bem para



Sonny, porque gostava de velhos, achava que eles mereciam respeito e se convencera desde cedo na vida que ele próprio nunca se tornaria um idoso. O que acontecera com sua mulher parecia confirmar esta ideia.

Colocou a mochila e afrouxou as correias que prendiam a moto. Era desconfortável, porque ele não podia ficar em pé o tempo todo. Sentia-se bem sentado na pequena motocicleta segurando os guidons com as mãos enluvadas, sentindo o belo equilíbrio do seu peso sobre os pneus. Estendeu a mão ao painel e pegou a Cuervo.

Podia sentir seu coração batendo contra a camisa e o rugido seco do sangue em seus ouvidos. E aquele gosto estranho no fundo da garganta, como aço. E tudo tão claro, tão brilhante, tão real.

Deu a partida na moto, deixou o motor uivar dentro da caverna de metal laminado da van e acionou o controle que pendia do guidom direito. Colocou o capacete, primeiro sacudindo para trás a peruca loura que colara do lado de dentro.

Brilho. Luz do dia. Descarga nociva rolando para fora das portas que se abriram. Viseira para baixo. A rampa se estendendo, tocando o asfalto sete segundos depois.

Como uma ponte que o levaria para longe.

Descendo a rampa e tocando a rua. Saindo de si mesmo e entrando no mundo. Sonny apertou o controle remoto de novo. Mas não olhou para trás e não verificou no retrovisor porque sabia que funcionaria, porque todo o seu foco estava agora adiante, todos os seus recursos concentrados apenas no aqui e agora.

Era à prova de bala.

A coisa seguinte que Sonny soube foi que estava se preparando para aterrissar. O tempo começara a passar de novo, o mundo recomeçava a girar depois de uma longa pausa.

Esta era a sua parte favorita da operação. Apertou o controle. Alinhou o pneu dianteiro da motocicleta que rugia

com a traseira da van. Diminuiu a marcha e freou um pouco, sentiu o peso da mochila nas costas, sentiu sua percepção das coisas começando a voltar. Viu a rampa descer até a rua.

Estacionado OK.

Caixa bonitinha.

*Todo o seu dinheiro bem rápido, querida. Não toque no botão. Rápido! Tem que ser rápido!*

Mãos tremendo, revólver pesado, aquele rugido como o de um trem da Amtrak passando por sua cabeça...

Sonny tocou na rampa no momento em que ela pousou no chão. A pequena moto subiu o ângulo íngreme e, assim que se nivelou dentro da van, ele apertou de novo o controle e o botão que desliga a moto com o polegar esquerdo. Prendeu a moto nas correias rapidamente. A rampa voltou a seu lugar e a porta se fechou.

Tirou o capacete, enganchou-o no guidom e saltou por cima do painel central para o banco do motorista. Menos de dez segundos depois seguia para o norte em Pinehurst, a moto atrás dele jogando retesada contra as correias, a mochila com a arma e o dinheiro no piso, a garrafa de Gold presa entre as coxas.

Sonny ligou o ar-condicionado, depois o receptor da faixa policial, pegou a Central mandando unidades para a agência do leste de Fullerton da Wells Fargo.

Respirou fundo e seguiu para a via expressa. Podia já sentir o primeiro calor entorpecente da exaustão começando a se espalhar dentro dele.

Tomou um gole de Gold e se perguntou quanto tempo Clay levaria para chegar ao local. Uma coincidência terrível que as coisas tivessem acontecido daquele jeito, pensou, mas o que é se pode fazer? Não podia botar o irmão na rua só porque tinha um conflito de interesses com ele.

Mas Clay sairia do apartamento em breve. Tudo voltaria ao normal. E antes de muito tempo ele pagaria as contas e teria o suficiente para dar entrada numa casa de sonhos em

algum lugar, na praia, com muitos metros quadrados, cercada por um muro.

Parecia a Sonny que ele merecia ficar algum tempo numa boa.

Quando Sonny saiu da cama no fim daquela tarde, Clay já estava em casa, conversando com Laurel na cozinha. Não os ouvira sequer chegar. Mas o cansaço depois da operação e a tequila sempre o derrubavam por algumas horas.

Sonhou que era um esquilo voador, planando do topo de uma árvore ao de outra com elegantes asas cinzentas.

— Alô, crianças — disse. Ainda estava aturdido com tudo, ainda com suas cuecas folgadas.

Laurel passava uma das camisas do uniforme dele, seu copo de coquetel balançando na tábua a cada gesto.

— O Bandido da Moto está usando uma van para fugir — disse ela.

Sonny observou Clay erguer as sobrancelhas: era o que você ganhava por trazer trabalho para casa.

— Espero que não seja a minha — murmurou Sonny.

Dirigiu-se à cafeteira.

— Roubou um banco no norte do condado hoje — disse Laurel. Clay não o viu, mas descobriu sobre a van. Uma velhinha contou.

Sonny serviu-se de café.

— Ele tem um motorista para a fuga?

— Não acredito — disse Clay. — Acho que trabalha sozinho.

Sonny pensou, bebericou o café preto e quente, olhou através do vapor para o irmão.

— Placas?

— Gostaria.

— Alguém se machucou?

— Só a Corporação Federal de Seguros. Onze mil e quebrados.

— Vocês federais podem pagar isso. Um pouco menos de dinheiro para os suspensórios.

Laurel puxou um dos suspensórios de Clay.

— Eu gosto deles.

— Faz seu gênero — disse Sonny.

Não gostava de deixá-los agora. Não que desconfiasse deles, nada disso, mas desejava que Clay estivesse trabalhando à noite e ele pudesse ficar a sós com sua garota. Os assaltos sempre o deixavam cansado e com tesão.

Sonny passou a primeira hora do turno ajudando uma das cadetes a dirigir o trânsito do festival, parada na faixa de pedestres enquanto eles passavam apressados e os motoristas irados ignoravam seu apito e os comandos de mão.

*Cidade dura*, pensou.

Depois daquilo, serenou um marido furioso numa chamada de briga doméstica, ficou sentado com o casal e conversou amistosamente sobre os velhos tempos de Laguna por um momento antes de adverti-los de que os dois iam para a cadeia se ele tivesse que voltar lá de novo.

*Está bem, Sonny, desculpe a gente, cara, isso não vai acontecer mais...*

Uma noite tranquila, no geral. Quando os turistas se foram, as ruas ficaram quase vazias. O ar do oceano deixou as janelas do carro oleosas de névoa e ele podia ver o ar úmido envolvendo as lâmpadas das ruas. Recebeu uma chamada para um caso de bebedeira e desordem no clube noturno Sandpiper, levou o chato para o distrito.

Então um *voyeur* foi denunciado em Cliff; não pôde encontrá-lo, mas com sua lanterna viu pegadas no canteiro de flores fora da janela, bem onde ela disse que ele estava parado. O pé direito parecia normal. O esquerdo era maior, como uma prótese ou um gesso. Aquilo deu um arrepio em Sonny. A garota era uma bela universitária, June.

Ele disse que mandaria um detetive de manhã, talvez fizessem um molde das pegadas, armassem um esquema para apanhar o pervertido.

Dali até Newport. Newport era bem fora da jurisdição, claro, mas contas não eram a única coisa que trazia problemas para Sonny nesses dias. Quando perdera alto no Caesar's de Las Vegas, ele tentou cobrir o prejuízo com um *bookmaker* chamado Bobby aqui em Newport. Aquilo de certo modo funcionou, e de certo modo não funcionou.

Dois meses atrás ele voltou a Bobby, pegou treze mil e depois pagou, mas perdeu outros dezesseis mil num incrível azar com a Copa do Mundo de Futebol Feminino.

Não vira nenhum jeito na Terra de que nossas garotas pudessem bater as comunistas.

Sonny tocou o carro da patrulha pela Coast Highway. À sua esquerda o Pacífico brilhava em negro ao luar. O estacionamento de trailers de El Morro passou, depois os chalés de Crystal Cove.

Encontrou Attila no bar Snug Harbor. Attila era um homem enorme sem nenhuma gota de flacidez, chegado a camisas havaianas e charutos caros. Atuava no setor de coleta do negócio de Bobby. Attila pareceu a Sonny um sujeito sensato, mas não valia a pena você fazer uma promessa que não pudesse cumprir.

Sonny o odiava por princípio, mas todos os seus princípios a essa altura tinham ido para o espaço. O jogo fizera isso. E Bobby o enredara com gravações telefônicas e um teipe clandestino como garantia contra a posição de Sonny como agente da lei. Sonny tinha na cabeça que poderia alegar uma armação contra um policial se eles o denunciassem, embora provavelmente não funcionasse.

E também imaginava que, se os bancos estivessem lhe dando notas marcadas, seria uma surpresa e tanto para Attila e Bobby quando fossem flagrados com elas. Com tanto dinheiro passando por suas mãos, seria muito difícil descobrir que as notas vieram dele.

Attila não tomou conhecimento de Sonny quando ele entrou no Snug Harbor, mas dez minutos depois o

grandalhão saiu, arrastando-se ao longo da rua lateral até seu Jaguar. Sua camisa era azul cheia de tigras.

*Como uma maldita selva vindo na sua direção*, pensou Sonny, dando a partida no carro.

Encostou no Jag, faróis apagados, não queria de jeito algum ser apanhado fora de sua jurisdição, tentar explicar que perseguira um vagabundo que havia furado um sinal luminoso.

Attila abriu o porta-malas do Jaguar. Sonny jogou a sacola de compras selada com fita adesiva e Attila usou um dedo gordo para abaixar a tampa, o motor auxiliar zunindo e trancando a fechadura.

— Tem nove aí. O resto na próxima semana.

— Seriam sete, mais um pelo tempo que passou.

— Conheço a porra da fórmula.

— Você devia. Bobby manda um alô.

— Diga a Bobby para se foder. E por falar nisso vá se foder você também. Talvez você tenha um ataque do coração e eu não seja mais obrigado a olhar para suas camisas.

— Sonny, você é um sujeito engraçado.

— Vejo você na próxima.

Sonny tocou o carro de patrulha a cem por hora, voltando pela Coast Highway. Sentia-se melhor. Aliviado. Relaxado.

Era bom saber que os dois mil que guardara iriam para a sacola de contas e para a sacola do sinal. Já tinha quase quinze mil para a casa dos sonhos. Faltava só mais um pouco, pensou. Podia dobrar aquilo numa aposta no jogo dos All Stars. A Liga Americana tinha o arremesso, Martinez daria a saída. Não. Dinheiro era dinheiro, mas aquilo era um tipo diferente de dinheiro. Quando ele tivesse, digamos... cinquenta ou cem mil, então daria tudo a Laurel e eles podiam começar a procurar.

Sentiu-se cansado e era perto da meia-noite. Mas era um cansaço bom, merecido, sabendo que trabalhara duro para

prover sua garota, o seu futuro.

No domingo comemoraram a saída de Clay. Ele encontrara um bom lugar para alugar ali mesmo em Laguna e podia se mudar na semana seguinte. Depois teria tempo de procurar mais para o interior se quisesse comprar algo.

Mas, hoje, a praia. Depois de uma breve discussão entre Sonny e Laurel, decidiram que fazia sentido levar a van. Clay achava que Sonny estava cada dia mais nervoso: talvez simplesmente irritado com a intrusão. Não o culpava. Amontoaram-se com três das velhas pranchas de Sonny e uma geladeira portátil, toalhas e cadeiras de praia. Foram para Rockpile. Como só havia dois bancos na coisa, Laurel se ofereceu para ir atrás com a carga.

— Se segura, rapaziada! — começando sua curva à direita na Coast Highway do Pacífico. Clay se virou e ofereceu a mão para trás, enquanto Sonny fez a curva rapidamente.

Laurel agarrou sua mão e segurou-a, e a geladeira deslizou debaixo dela e a deixou sentada no vazio, ainda segurando a mão de Clay, até que ela se estatelou no chão.

Suas pernas se abriram numa posição desajeitada e foi apenas seu maiô preto que apareceu debaixo da canga, mas Clay viu o rubor subir ao rosto de Laurel e ele ficou contente que ela se sentisse assim.

— Vai com calma, cara — ela gritou, mais por humor do que por susto. — Acabei de me exhibir para o seu irmão.

— Desculpem, crianças.

Clay observou-a colocar a geladeira embaixo do corpo e se segurar contra o corpo da van, os braços estendidos.

— Não está indo a nenhum lugar agora — ela anunciou, sorrindo para Clay. — Por isso vá mais devagar, seu babaca.

Clay viu que o fundo da geladeira não se firmava no piso de metal liso.

— Sonny, o que é essa maquinaria toda aí atrás? — perguntou Clay.

— Uma rampa para cadeira de rodas e o motor que a aciona. Comprei este troço barato no leilão. Não precisava da rampa, mas a van estava em forma.

— Faz duzentos metros por litro — disse Laurel. — Além de ser a coisa mais feia sobre quatro rodas.

— Mas é útil para coisas como esta. Foi por isso que a comprei.

Clay olhou para Laurel e de novo para a rampa. Pensou na van branca da ResCom em que o Bandido da Moto fizera a sua fuga.

— É igual ao equipamento que o Bandido da Moto usa.

— Precisaria roubar bancos para pagar a gasolina — disse Laurel.

— Espero que não use a dele em corridas de alta velocidade — disse Sonny. — A mais de oitenta essas coisas capotam até numa brisa.

— Aquela curva lá atrás parecia a oitenta — disse Laurel.

Clay virou-se e sorriu para ela e ela abriu as pernas e ergueu a canga, devolvendo o sorriso.

— Acabei de me exhibir para o agente federal de novo. Desta vez de propósito.

— Vadia — disse Sonny.

— Você e seus elogios.

Ainda era cedo e eles tinham a praia toda à disposição. Um ligeiro vento sul tinha chegado do México e as ondas estavam se levantando nos rochedos e quebrando em íngremes muralhas.

Clay mal podia se erguer e equilibrar antes de ser derrubado. Lembrava que era um pouco mais rápido na água quando garoto. Levantara alguns pesos desde então e ganhara algum músculo, mas se sentia pesado e desajeitado na água. Federais não surfam. Não importava. Só estar ao ar livre já bastava, o sol quente na sua pele e a água fria ao seu redor. Havia algo em tudo isso: o sibilo de uma prancha no mar, a velocidade suave.



Mas Sonny parecia ter conservado seu talento: Clay o observou entalhando de alto a baixo as faces das ondas e se agachando bem baixo para deslizar através dos tubos.

E então saía com uma virada exagerada, a prancha e o corpo contorcendo-se rumo ao céu, o pé ligado à tábua pelo laço, terminando com um grito e um mergulho.

Clay virou-se e olhou para Laurel na praia, sentada numa cadeira portátil, o torso reto, lendo uma revista, a geladeira a seu lado. Ela acenou e ele retribuiu o aceno. Tentou pegar uma onda grande, talvez para se exhibir um pouco, mas escorregou na partida e foi jogado de cabeça e levado de roldão.

Poucos minutos depois ele olhou e ela estava presa embaixo de Sonny, tentando se desvencilhar. Clay podia ouvir seus gritos. Observou-a passar por ele e correr para a água. Um minuto depois, os dois vieram espadanando água e o derrubaram, e aí irrompeu uma briga pela prancha. Terminou com os três atravessados na prancha respirando ofegantes como filhotes de cão e vendo uma silenciosa lancha de cinco pés subitamente rolar na sua direção. Abandonaram o navio e mergulharam para o fundo.

Mais tarde, Clay trouxe vinho, cerveja e sorvete. Sonny comprou três enormes lagostas vivas do Maine, que Laurel chamou de Spike, Mike e Ike. Colocaram em ação as panelas e a churrasqueira no pequeno jardim da frente e abriram cervejas.

Comeram cedo e beberam muito. Clay ficou surpreso ao ver com que rapidez Sonny era capaz de beber uma caixa de meia dúzia de cervejas, a maior parte de uma garrafa de vinho e três margaritas reforçadas. Pegou-o tomando um gole de Cuervo na cozinha quando achava que ninguém o estava vendo.

Clay também ficou um pouco arriado. Estava sentado à sombra da pimenteira quando Sonny se arrastou para dentro de casa e não voltou. Laurel o acompanhou e também não voltou. Poucos minutos depois Clay os ouviu

no quarto. Dez, quinze minutos depois, ainda estavam em ação.

Pegou dois punhados de sementes de pimenta-rosa, imaginando quanto pesariam. Não muito. Pensou em Marie, discou para ela do celular e disse à secretária eletrônica que tinha chegado OK, esperava que ela estivesse bem.

*Que pentelho*, pensou.

Quando Laurel voltou, seus cabelos estavam bem escovados e ela cheirava a uma dose fresca de óleo de bronzear. Estava descalça, caminhando com um ar hesitante que o deixava ver que estava bêbada. Sentou-se numa cadeira do pátio.

— Desculpe — disse ela.

— Tudo bem.

— Ele fica assim às vezes. Atacado. Então começa a choramingar e quer fazer coisas.

— Ele ama você.

— Ele é pirado, Clay. Eu sei disso.

— Não é bem assim que o vejo.

Ela se levantou, entrou na casa e voltou um minuto depois. Colocou uma grande sacola de compras de papel com alça de barbante no colo dele.

— Como é que você vê isto?

Clay colocou a sacola entre os pés, debruçou-se e puxou alguns envelopes. Um rápido exame: contas, contas e mais contas. Todas vencidas, canceladas aqui e ali, transferidas para empresas de cobranças, blablablá.

— Qual é o total?

— Trinta, quarenta mil, não sei. Ele tinha quinze cartões de crédito em uso a certa altura. Sei que os juros se acumulam tão rapidamente que equivalem a nossos contracheques. Estas são as que ficaram na fila de espera. As contas que estamos pagando enchem outra sacola.

— Não brinque. E para onde foi tudo?

— Para onde você acha?

— Você disse que ele tinha parado.

— Roubou de Pedro para pagar a Paulo. Este é Pedro entre seus pés, o santo padroeiro do adiantamento.

Clay deixou cair o punhado de contas de volta na sacola.

— Não sei se isso começou com Suzanne. Você sabe a respeito.

— Sim.

— Eu também, mas ele nunca me contou. Eu me perguntei se você me contaria. Um de seus colegas achou que eu merecia saber, já que dividia a cama com ele.

— Sim.

— Sim, bem, se eu estivesse casada há um ano e meu marido morresse num acidente de carro, acho que ia pirar também.

Clay pensou no longo coma, nos dias que passara com Sonny e os pais e os irmãos de Suzanne na UTI, depois na enfermaria de condição crítica, depois no quarto comum e depois no cemitério. Os gradientes decrescentes de esperança. Foi tão duro, só de olhar para ela.

Ele entendera o que Sonny passava, sentindo uma boa parte daquilo também. Depois o fogo destruindo sua casa. E um seguro bem inferior ao valor da casa. Como se o Próprio Deus tivesse colocado a mão negra sobre Sonny, uma espécie de prova, maldição ou revide. Clay perdera então sua fé simplória num Deus bom e justo e nunca mais a recuperara. Ele se perguntava se Sonny estava tentando conseguí-la de volta quando apostava em algo, dando a Ele uma chance de mudar Seu desígnio. Mas sabia que Sonny estava tentando trazer Suzanne de volta porque Laurel se parecia muito com ela até no detalhe das sardas, nos cabelos escuros e nos olhos azuis. A mesma idade que Suzanne tinha quando Sonny se casou com ela. A mesma atitude suave de *que-se-foda-o-mundo*.

— Ou eu podia tentar encontrar outra pessoa como ela — disse Laurel. — Olha, estou bêbada. Vou descansar um tempo.

Ela pegou as contas não pagas, olhando para ele de perto.

— Somos diferentes, você e eu — disse ela. — Mas em algumas ocasiões, no último fim de semana, eu me perguntei como teria sido conhecer você primeiro. Não é cascata. Só eu falando com você. Surpreende-se com isso?

Clay sentiu um grande desejo de ficar em pé e agarrá-la, possuí-la. Não queria sentir aquilo, mas não podia se controlar, tanto quanto não podia fingir que sentia falta de Marie, Atlanta ou Dallas.

— Existem coisas que você não se permite pensar.

— Essa é uma das maiores mentiras que já ouvi.

— Bem, é. É.

— Então, qual é a sua?

— Queria que tivéssemos nos conhecido antes. Queria poder levar você àquele quarto agora mesmo e não sair de lá antes de cinco anos. Não é nenhuma cascata. Só eu falando com você.

Ela sorriu para ele.

— O agente federal tem sentimentos.

— E qual é a sua?

— Eu me sinto realmente embaraçada em dizer. Mas não vou tentar convencê-lo de que não me permiti pensar nisso.

— Desembuche.

— Não.

— Você não está jogando limpo.

— Você simplesmente foi iludido, é tudo.

Ela estendeu o braço e tocou o rosto dele. Pareceu a Clay um toque casual, um jeito de afirmar que ele era o que ela achava que era.

— Vejo você depois, Clay. Vou ficar um pouco com Sonny.

No crepúsculo cheio de trinados de pássaros, Clay abriu outra cerveja enquanto estudava a traseira da van do irmão. Estava trancada e ele não queria incomodá-los pedindo chaves, mas queria ter uma ideia de como o Bandido da Moto estava fazendo suas fugas.

O método fazia sentido: era rápido e mudava de aparência, como um disfarce. Uma vez lá dentro, era quase seguro. A velocidade era a chave, por isso devia haver outro tipo de motor envolvido. Levava muito tempo para estacionar a moto, abrir as portas da van e puxar a rampa, então subir com a moto, recolher a rampa *etc.*

Mas era fácil motorizar uma rampa e um par de portas de um veículo — vans de deficientes físicos como aquela de Sonny eram equipadas daquela maneira com a maior facilidade.

Sim, o veículo adequado manteria o Bandido da Moto fora de vista após apenas uns poucos segundos críticos para o embarque da moto. Foi por isso que nenhuma testemunha vira a moto além de um quarteirão ou dois dos bancos. Um bom local de estacionamento era essencial. O ponto negativo era que alguém um dia o veria saindo da van ou entrando nela e Gladys Forbes, em sua caminhada matutina, fizera exatamente aquilo.

Bebeu sua cerveja, olhou através da janela lateral do motorista. Não havia muito a ver na luz fraca. Quando olhou para a rampa, viu Laurel sentada suspensa no ar antes de cair sobre a rampa, e então aquele olhar em seu rosto.

*É melhor tirá-la da cabeça,* pensou. Diversão é diversão, mas veneno ainda é veneno.



Na terça-feira Goodin telefonou de Washington e disse que o trabalho de Clay na fotografia fora perfeito. O

suspeito na imagem tinha entre um metro e setenta e cinco e um metro e setenta e oito de altura e o peso aproximado de oitenta e quatro quilos. Sua mochila era uma No Fear, marca popular entre jovens de todo o país. O capacete era um Bell comum e era provavelmente impossível saber onde fora comprado.

— Consiga uma boa foto dos sapatos dele — disse Goodin. — Eu faço um bom trabalho com sapatos.

— Vou tentar.

Na quarta-feira Salena Mendez disse a ele que encontrara o fabricante do emblema ResCom: *Signs of the Times* em Santa Ana. Era uma lojinha de família, mas os donos se lembravam da encomenda da ResCom. Fora feita no dia 10 de maio deste ano e entregue em 18 de maio. O nome do cliente era Ed Presley, e o Sr. Presley deixou um endereço e um número de telefone que Salena verificou que eram fictícios. Nenhuma informação estadual sobre um Edward ou Ed Presley morando na Califórnia. Pagou US\$38,88 em dinheiro por dois emblemas com os dizeres ResCom Cable Services, seguido de um número de telefone que pertencia a uma agência funerária em San Clemente.

Homem branco, altura mediana, peso mediano, cabelos curtos — disse Mendez, olhando por cima do ombro de Clay para sabe Deus o quê. Trinta ou trinta e poucos anos. Usava uma camisa com palmeiras quando fez a encomenda. O proprietário se lembrou porque tem a mesma camisa. Sozinho as duas vezes. Nunca viram seu veículo.

Clay assimilou os dados enquanto seu coração palpitava, depois se estabilizava. Presley tinha a idade, a altura e o peso de Sonny, tinha cabelos curtos e uma camisa com palmeiras. Sonny tinha uma van motorizada com uma rampa. Sonny devia dinheiro, mas comprara sessenta dólares de lagostas para o jantar.

Do lado positivo, não existia nenhuma motocicleta e havia o fato de que Sonny era seu irmão e um tira, e um bom tira. Mais ainda deste lado, havia o bom senso e,

resumindo a história, as verdades simples reveladas pela fé num irmão, que era a fé em si mesmo.

— Uma camisa muito comum, então — disse, ouvindo o alívio em sua voz.

— Tão comum que o dono da loja tinha uma igual.

— Quantos anos tem ele?

— Sessenta, gordo, baixo. E esqueça-se dele. Não está querendo aparecer.

Foi quando o telefone tocou e o departamento de polícia de Placentia anunciou um assalto em andamento, na agência do Bank of America no Kraemer Blvd.

Estava rodando em menos de um minuto, Clay queimando a borracha dos pneus ao sair do estacionamento e Salena escolhendo este momento de turbulência para checar o pente do seu 357.

Nove minutos de confusão em alta velocidade, da Principal à 1-5 e à 55 e então para Kraemer, o tráfego esparsos e Clay voando, o rádio da polícia chiando com informações da agência.

Salena conhecia esta parte do condado e o guiou sem um mapa. Dispararam por Kraemer para o norte e Clay viu as luzes piscando à frente e os carros preto-e-branco espalhados pelo bulevar, os uniformes dardejando através do trânsito interrompido.

Ele parou com um guincho de pneus e saiu correndo, mostrou o distintivo ao comandante da polícia. O comandante disse que um patrulheiro estava a um quarteirão de distância quando o caixa apertou o botão e o bandido do banco agarrou um cliente como refém quando o carro de patrulha chegou. O Bandido da Moto ainda estava lá dentro, não queriam correr para a porta com todas as pessoas lá, a equipe de resgate de reféns estava a caminho, mas ninguém saía e aquilo não cheirava bem, se abaixe, porra, que ele está armado!

Clay fez um balanço: os carros da polícia estavam agrupados, as armas apoiadas no teto e as portas abertas,

um atirador da SWAT inclinava-se sobre o capô de um carro de patrulha com o tripé do seu M-16 de mira telescópica apoiado com firmeza e o rosto colado na coronha, as buzinas berrando ao longe no trânsito estagnado, mas em torno das unidades policiais um silêncio quebradiço na manhã clara e quente.

*Lá vem ele. Está saindo!*

Clay o viu, mãos ao alto, ainda de capacete e viseira, cabelos louros compridos e uma passada lenta e curta. Deu uma finta à esquerda e então se esquivou à direita, saltando por cima de uma mureta baixa no estacionamento.

As armas rugiram e poeira espoucou do muro, e Clay pôde vê-lo serpenteando entre os carros, abaixado e dando um salto maluco por cima de uma cerca no quintal de alguém.

O comandante gritou, ordenando um cessar-fogo.

Clay disse: — Vamos em frente.

Ele seguiu à esquerda por uma viela atrás de uma loja de bebidas e depois pela calçada. Calculou que o Bandido da Moto ficaria nos quintais enquanto pudesse, afastando-se do bulevar, e tentaria algo desesperado, como arrancar um motorista de seu carro num sinal, talvez fazer um refém.

Clay o viu pular outra cerca, ouviu o cachorro latir e depois rosnar. Atravessou a rua, a arma na mão agora e Salena atrás dele agachando-se ao longo dos jardins frontais, adivinhando-se numa rota paralela à do bandido do outro lado das ordeiras casas suburbanas.

O último metro terminava numa calçada larga e uma esquina. Um poste de luz. Um meio-fio alto. Clay contornou a esquina no momento em que o Bandido da Moto saltava na calçada a uns dez metros.

Clay empunhou sua nove milímetros, abriu as pernas e apontou para o peito.

PARE, FBI.



O capacete se virou. Os cabelos louros rodaram para trás. Um giro da mão do bandido e um brilho de metal.

— Sonny, NÃO.

Então uma explosão atrás dele. Outras três, rápidas. O ruído das balas na carne e no osso. O Bandido gemeu e desabou para fora do campo de visão de Clay.

*Que merda, ela o matou,* pensou, olhando para trás e vendo Salena ainda em sua posição de joelhos, respirando fundo e alto, a Magnum automática visando o alvo tombado no chão. *Mãe de deus,* ela sussurrava, *mãe de deus.*

Aproximaram-se dele lentamente, as armas estendidas, mas Clay baixou a sua quando viu o ângulo feio do capacete, para cima, o sangue jorrando na calçada, o revólver de aço inoxidável a um metro da mão direita do Bandido da Moto. Ele podia sentir o cheiro de cordite e o odor metálico do sangue.

Salena chutou o revólver para longe e Clay se ajoelhou para tirar o capacete.

Sabia que não era. Sabia que não podia ser. Você não faz isso a um irmão, seja quem for.

Quando tirou o capacete, os cabelos vieram junto e Clay fitou os olhos claros e sem visão de Sonny.

— Filha da mãe — disse Salena. — Mãe de deus. Você está bem?



Clay sentou-se à sombra da pimenteira e ligou para os pais. Não sentia nenhuma emoção a não ser desesperança.

O que quer que olhasse no mundo ao redor, tudo o que via era outra coisa.

Ouviu o velho carro de Laurel se aproximar, chacoalhando ao parar, o motor tossindo. A batida da porta. Passos.

Olhou para ela enquanto atravessava o pequeno portão. Ela parou, estudou o rosto dele e não disse nada.

Trouxe uma cerveja para ele e outra para ela. Quando se sentou na janela do pátio diante dele, ele lhe contou.

Ficou sentada muito quieta, sem beber, por quase uma hora. Clay registrou sons, mas não imagens. Seus olhos viam o que viam, mas seu cérebro não estava interessado.

Objetos passavam por sua visão como palavras numa língua desconhecida.

Mas ouviu cada canto de pássaro nas redondezas e cada motor de carro na Laguna Canyon Road, e podia ouvir o som do sangue em seus ouvidos e o som de Laurel respirando.

Ela se levantou e entrou na casa. Como não voltava, ele se preocupou e entrou para verificar. Ouviu o chuveiro, preparou um drinque forte de tequila e água e o levou para fora.

Escureceu de repente. Quando Laurel saiu, vestia um roupão pesado, embora a noite estivesse quente. Os cabelos penteados para trás e lustrosos, os olhos mortos em seu rosto.

— Vou fazer o que tem que ser feito — disse ela. — Você pode ir embora se quiser.

— Está bem.

— O que quer dizer?

— Que vou fazer o que for preciso também.

Ela se levantou sem outra palavra e voltou para dentro. Demorou muito tempo de novo. Ele olhou o relógio e viu os números, mas não podia saber a hora.

Encontrou-a no quarto, sentada no chão, apoiada na cama, a lâmpada na mesa de cabeceira lançando um leve

brilho laranja sobre ela.

— Fale comigo, Clay.

— Não posso. Desculpe.

— Então sente-se e fique quieto.

Sentou-se no chão em frente a ela, mergulhado quase por inteiro no escuro, as costas na parede. Seu copo formou uma poça redonda no velho chão de tábuas.

Ela empurrou uma garrafa de tequila para ele. Não sabia que estava com ela. Tomou um gole longo, pôs a tampa e empurrou a garrafa de volta para ela.

Ela bebeu, tremeu um pouco, depois estendeu a mão e apagou a lâmpada. Havia a luz dos vizinhos e o luar.

— Fique até quando estiver pronto para dormir. Então durma comigo nesta cama.

Olhou para ela no escuro e a viu claramente.

— Sei que não é certo, Clay. Mas acredito que pode ser considerado certo. É possível.

Clay não tinha certeza de que os conceitos de certo ou errado se aplicassem aqui. Havia uma chance de que você tivesse que administrar essas coisas sozinho, do nada, e isso não lhe trazia nenhum consolo. Nunca desejara aquilo. Tinha se tornado uma ferramenta da lei para não ter que fazer esse tipo de coisa por iniciativa própria. Mas entendeu o que tinha que fazer, ainda que não soubesse de onde vinha aquele entendimento.

— Primeiro, vou sentar no pátio e terminar a garrafa — disse ele.

— Eu também vou. Deixe as luzes apagadas. Todas. O escuro é luz suficiente esta noite.



## A grande mordida

Coloquei uma dama vermelha sobre um rei preto, ergui os olhos para Jay Colahan através da porta aberta do seu escritório. Ele caminhava de novo, de um lado para o outro diante de sua mesa, as mãos em constante e inquieto movimento do lado do corpo. O escritório era atapetado: seus passos não faziam nenhum ruído. Não havia nenhum som discernível por perto exceto o leve estalo e o toque quando eu virava uma carta e a colocava sobre a mesa. Um edifício de escritórios à noite é um dos lugares mais quietos que existem. Sinistro até, se você passar muito tempo ouvindo o silêncio.

Três. Nove de ouros. Dois. Valete de espadas. EU estava casando o valete com a dama vermelha quando Colahan parou de andar e veio se postar na porta. Observou-me por algum tempo, suas mãos ainda fazendo manobras de escavar com uma pá — um homem grande no final da casa dos trinta, bonito a não ser por um queixo recolhido, um pouco suado e desgrenhado agora.

— Como pode ficar sentado aí jogando cartas? — disse.

Havia várias respostas. Anos de vigilância e rotina monótona. Estávamos à espera havia apenas duas horas. O dinheiro, cinquenta mil em notas de cinquenta e de cem, não me pertencia. Eu não estava preocupado, perturbado ou temeroso de que algo pudesse sair errado. Passei por cima de todas estas opções e escolhi uma resposta neutra:

— Paciência é bom para quem espera. Mantém a cabeça desligada do relógio.

— Já passa das sete. Por que esse porra não liga?

— Conhece a resposta. Ele quer ver você suar.

— Canalha sádico.

— Isso faz parte do jogo da chantagem — eu disse. —  
Torture a vítima, dobre a vontade dela diante da sua.

— Jogo. Meu Deus.

Colahan saiu para a antessala e começou a caminhar em frente da mesa de sua secretária, onde eu estava sentado.

— Está me deixando louco, tentando adivinhar quem é ele, como descobriu sobre o meu passado. Nem uma pista, todas as vezes em que falei com ele. Mas sabe de tudo, de cada miserável detalhe.

— Não demora e vai ter as respostas.

— Sim.

Parou abruptamente e se inclinou sobre mim.

— Ouça, isto tem de ser o fim de tudo. Você tem de ficar com ele, fazer com que seja preso. Não aguento mais.

— Vou fazer meu trabalho, Sr. Colahan, não se preocupe.

— Cinquenta mil dólares. Quase tive um ataque do coração quando ele me disse quanto queria desta vez. O último pagamento, falou. Que escroque. Vai voltar um dia e pedir mais. Eu sei disso, Carolyn sabe disso.

Caminhando de novo.

— Pobre Carolyn. Sensível, emocional... foi ainda mais duro para ela. Queria que eu fosse à polícia desta vez, eu lhe contei isso?

— Contou.

— Devia ter ido, eu acho. Agora tenho de pagar a um intermediário pelo que podia ter conseguido de graça... sem nenhuma ofensa.

— De modo algum.

— É que eu não conseguia fazer aquilo, caminhar até o Palácio da Justiça e confessar tudo para um tira. Já foi difícil deixar que Carolyn me convencesse a contratar um detetive particular. Aquele problema quando eu ainda era garoto... é uma transgressão criminal. Eu ainda podia ser processado por aquilo. E provavelmente me custaria o

emprego se viesse à tona. Passei o diabo para contar a Carolyn no início e não entrei em todos os detalhes sórdidos. Com você, também. A polícia... não. Sei que o patife provavelmente vai contar toda a história quando for preso, vai tentar me arrastar com ele, mas ainda assim... fico na esperança de que não faça isso. Me entende?

— Entendo — eu disse.

— Eu não devia ter pago a ele quando rastejou do nada há oito meses. Sei disso agora. Mas na ocasião parecia o único jeito de impedir que arruinasse minha vida.

Carolyn também pensou assim. Se não tivesse começado a pagar a ele, metade da herança dela não teria ido embora...

Deixou o resto em suspenso, caminhou num silêncio amargo por algum tempo e recomeçou.

— Eu detestava tirar dinheiro dela, odiava aquilo, por mais que ela insistisse que pertence a nós dois. E odeio a mim mesmo por fazer isso, quase tanto quanto o odeio. Chantagem é o pior crime, é quase tão ruim como um assassinato.

— Não o pior — eu disse —, mas ruim o bastante.

— Isto tem de ser o fim da coisa. Os cinquenta mil aqui... é o que restou da herança dela, de nossas economias. Se aquele filho da mãe escapar com ele, vamos ficar a zero. Não pode deixar que isso aconteça.

Não falei nada. Já tínhamos repassado antes, mais de uma vez.

Colahan deixou o silêncio baixar de novo. Então, quando eu embaralhava as cartas para uma nova mão, "Este meu emprego, você deve achar que é muito bem pago, não? Meu próprio escritório, secretária, título executivo, cartão de despesas... parece bom e soa bom, mas é um tremendo beco sem saída. Executivo de finanças júnior entalado no escalão intermediário da administração — é tudo o que sou ou vou ser para sempre. Sessenta mil brutos ao ano. E Carolyn ganha vinte e cinco lecionando. Oitenta e cinco mil

para duas pessoas, sem filhos, parece muito, mas não é, não nos dias de hoje. Impostos, o elevado custo de vida, você tem que penar para poder poupar alguma coisa. É então um estúpido erro que você cometeu quando era criança volta para persegui-lo, esvazia o seu futuro e a sua conta bancária, atormenta sua cabeça e o impede de dormir, você mal pode fazer o seu trabalho... entende o que estou dizendo? Mas não creio que tivesse qualquer escolha, eu receava perder este emprego de merda, ir para a prisão. Imprensado entre dois rochedos. Ainda me sinto assim, mas agora não ligo mais, só quero que aquele bandido receba o que ele merece...

Blablablá repetitivo causado por sua ansiedade. Sua boca tinha um ar molhado e seus olhos ficavam saltando de mim para outros pontos na sala.

Eu disse: — Por que não se senta?

— Não posso. Meus nervos estão arrasados.

— Respire fundo algumas vezes antes que comece a passar mal.

— Olha, não me diga o que...

O telefone na sua mesa tocou.

O clamor súbito o fez dar um pulo, como se tivesse recebido uma descarga elétrica. No silêncio que se seguiu ao primeiro toque, eu podia ouvir o som áspero de sua respiração. Olhou para mim quando a campainha soou pela segunda vez. Eu estava em pé, também, a essa altura.

Eu disse: — Vamos, atenda. Cabeça fria.

Foi ao escritório, pegou o fone logo depois do terceiro toque. Sincronizei o tempo de erguer a extensão para que não houvesse um segundo clique na linha aberta.

— Sim — falou. — Colahan.

— Você sabe quem é.

A voz era áspera, abafada, indistintamente masculina.

— Está com os cinquenta mil?

— Eu lhe disse que juntaria. O último pagamento, me prometeu...

— Sim, o último.

— Onde desta vez?

— Golden Gate Park. Kennedy Drive, em frente ao cercado dos búfalos. Coloque no latão de lixo ao lado do banco que tem lá.

Colahan me olhava através da porta aberta. Sacudi a cabeça para ele. Ele disse ao telefone: — Não pode ser em outro lugar? Pode ter gente por ali...

— Não às nove da noite.

— Nove? Mas agora são sete e pouco...

— Às nove em ponto. Esteja lá com o dinheiro.

A linha ficou muda.

Coloquei a extensão no gancho. Colahan ainda estava em pé ao lado da mesa, segurando o fone como um afogado se agarraria a uma corda, quando entrei no seu escritório.

Eu disse: — Desligue o telefone, Sr. Colahan.

— O quê? Oh, sim... — e ele botou o receptor no aparelho. — Cristo — falou então.

— Está bem?

Sua cabeça sacudiu para cima e para baixo um par de vezes. Passou a mão sobre o rosto e partiu em direção a sua pasta de executivo. Os cinquenta mil estavam ali; me mostrou quando eu cheguei. Apanhou a pasta, largou-a de novo. Esfregou o rosto outra vez.

— Talvez eu não devesse arriscar o dinheiro — disse.

Não falava comigo, por isso não respondi.

— Podia deixá-lo aqui onde estará a salvo. Colocar um catálogo de telefone ou qualquer coisa para fazer peso.

Desabou de novo na cadeira diante da mesa, saltou como um boneco de uma caixa de surpresas. Estava tenso como uma corda de piano, podia ouvi-lo vibrando.

— Não, o que está havendo comigo? Isso não vai funcionar. Não estou pensando direito. Ele podia abrir a pasta no parque. Não se sabe o que faria se o dinheiro não estivesse lá. E ele tem que estar com o dinheiro em seu poder quando a polícia chegar.



— Foi por isso que insisti para que marcássemos algumas notas.

— Sim, eu me lembro. Prova de extorsão. Tudo bem, mas pelo amor de Deus, não o deixe fugir com o dinheiro.

— Não vai fugir com o dinheiro.

Outro aceno de cabeça trêmulo.

— Quando vai sair?

— Agora mesmo. Fique quieto até pelo menos oito e meia. Não vai levar mais de vinte minutos para chegar ao parque.

— Não sei se vou aguentar outra hora de espera aqui.

— Continue dizendo a si mesmo que vai acabar logo. Acalme-se. No estado em que se encontra agora, não devia nem pegar no volante.

— Vou melhorar.

— Volte diretamente para cá depois de fazer a entrega. Vai ter notícias de mim assim que eu tiver algo para informar.

— Só não me faça esperar demais — disse Colahan. E então de novo para si mesmo: — Vou melhorar.



O edifício ficava em Kearney, não longe de onde Kerry trabalha na agência de publicidade Bates & Carpenter no baixo Geary. Ela estava na minha cabeça enquanto eu dirigia em direção a Geary e virava para o oeste na direção do parque: meus pensamentos me impeliram a pegar o telefone do carro e discar para o condomínio. Nenhuma resposta. Como eu, ela faz muito trabalho extra à noite. E

um milagre que a gente consiga passar tanto tempo junto como consegue.

Tentei seu número particular na B&C e ouvi sua voz na secretária. Em trânsito, provavelmente, como eu estava. Faróis atravessando a cidade escura. Cavaleiros urbanos noturnos. Com a diferença de que ela estava indo para casa e eu estava a caminho de flagrar um artista do crime para um cliente pagante.

Aquilo me levou a pensar no trabalho que faço. Um dos problemas do passeio urbano noturno é que ela o induz às vezes a uma autoanálise profunda. Procura por devedores, investigações de seguros, verificações de funcionários — tudo isso é a essência do meu trabalho. Costumava haver algum desafio em trabalhos deste tipo, alguma manobra criativa necessária, mas hoje é muito mais andanças de rotina (minhas) e muito tempo de computador (Tamara Corbin, minha assistente tecnogênio). Não uso tanto minha cabeça como fazia antigamente. Meu problema, na opinião Geração-X de Tamara, é que eu era um "detetive retro" ansiando pelos velhos tempos e pelas velhas técnicas. Era verdade: nunca me adaptei bem às mudanças. A atividade do detetive não é tão satisfatória ou estimulante depois de trinta e tantos anos e com novas regras no jogo.

De vez em quando, no entanto, surge um caso que libera a adrenalina — um caso com brilho e calor e um nível de satisfação bem acima da coisa rotineira. Vivo para casos assim; são eles que me impedem de fazer as malas e partir para uma aposentadoria precoce. Geralmente envolvem um certo tipo de crime e às vezes um sussurro, quando não um grito de perigo, e me permitem usar meu pleno complemento de células cerebrais. Este caso Colahan, por exemplo. Eu gostava deste caso, porque artistas da chantagem estão no topo da minha lista de vagabundos imprestáveis e tenho um imenso prazer em mandá-los para trás das grades. Sim, particularmente, gostei muito deste.

O Golden Gate Park tem muitas atrações diurnas — museus, pequenos lagos, gramados extensos, moinhos e um jardim botânico — mas numa noite de cerração em novembro é principalmente um lugar quase vazio e escuro para se atravessar a caminho de outra parte. Quase vazio porque tem seus habitantes noturnos: invasores sem-teto, nem todos inofensivos ou imunes às drogas, e predadores à solta em seus hectares de sombras e formas noturnas. Numa noite como esta tem também uma atmosfera de isolamento e solidão, o nevoeiro ocultando as luzes da cidade e transformando as lâmpadas da rua e os faróis passageiros em borrões surreais.

O cercado dos búfalos fica na extremidade oeste, a pouco mais de um quilômetro do oceano — o local menos visitado do parque à noite. Não havia carros na vizinhança, em movimento ou estacionados, quando cheguei a Kennedy Drive. Meus faróis varreram a cerca do lado norte, o pasto que se estendia além; o latão de lixo e o banco estavam a meio caminho, na margem da ciclovia que corre paralela à rua. Passei com o carro por ali, procurando um lugar para estacionar e esperar. Eu não queria aguardar em Kennedy Drive; um carro sozinho no ponto de entrega chamaria muita atenção. Tinha de fazer a coisa certa. Se algo não parecesse normal toda a operação poderia deixar de correr conforme fora planejado. O local perfeito surgiu a uns cinquenta metros do latão de lixo do lado oposto do curral de alimentação dos búfalos — um caminho estreito que leva a Anglers Lodge, onde a cidade mantém tanque em que a pesca com vara pode ser praticada. Ninguém iria ali à noite e arbustos cercavam um dos lados, proporcionando sombras protetoras.

Kennedy Drive ainda estava vazia nas duas direções; passei com o carro pela placa do Anglers Lodge e segui o caminho até um ponto onde podia fazer a volta. Apaguei os faróis, fiz a curva em U e mergulhei nas sombras cerradas. Podia ver o ponto da entrega claramente, mesmo com a

neblina cerrada. Desliguei o motor e recostei-me no assento com as costas contra a porta.

Nenhum detetive, público ou particular, gosta de vigílias. É um tempo morto, monótono e exasperante, que pode ser uma chatice quando se prolonga demais. Esta não era das piores porque devia ser curta, apenas cerca de uma hora, mas o tempo custava a passar e se arrastava mesmo assim. De vez em quando um carro passava, suas luzes refletindo e não atravessando a muralha de névoa. Aqueles que seguiam para o oeste poderiam ver meu carro brevemente em silhueta enquanto passavam, mas nenhum era uma patrulha da polícia e ninguém mais seria curioso ou venal o bastante para investigar.

O mostrador luminoso do meu relógio indicava cinco para as nove quando Colahan chegou. Previsivelmente adiantado, porque estava ansioso demais para acabar com aquilo.

Aproximou-se de Kennedy Drive rápido demais para as condições; ouvi os freios cantarem enquanto ele se aproximava e parava perto do latão de lixo. Observei sua forma sair e correr pelo caminho para fazer a entrega e correr de volta ao carro. Dez segundos depois, seu carro passou assobiando por meu esconderijo, de novo rápido demais, e desapareceu.

Nove horas.

Nove e cinco.

Nove e oito.

Faróis se aproximaram, na direção leste, o carro baixo e pequeno. Rodou lentamente até que se postou do lado oposto ao latão, e em seguida fez uma curva brusca através da rua e uma parada abrupta com as luzes dos freios lampejando um vermelho sanguíneo. Sentei-me reto, coloquei a mão na chave de ignição. A porta do carro se abriu sem que a luz de dentro acendesse e o motorista saltou apressadamente, corpulento e indistinto num casaco pesado e algum tipo de cobertura na cabeça; correu até o

barril, pegou a pasta, correu de volta ao carro e jogou a pasta dentro dele; saltou a seguir para trás do volante e partiu. Rápido, até mais rápido do que Colahan vinha dirigindo, a traseira rabeando um pouco enquanto os pneus lutavam para pegar tração no pavimento escorregadio.

Eu estava na Kennedy Drive e em perseguição em poucos segundos. Não havia jeito de dirigir na escuridão coberta de névoa sem acender os faróis, e no alcance extremo dos fachoos eu podia ver um carro aproximadamente uns cem metros à frente. Mas quando acelerei, não podia chegar perto o suficiente para ler o número da placa.

Onde a rua bifurca na extremidade leste do cercado dos búfalos, o carro esporte fez uma curva fechada à esquerda, as luzes dos freios brilhando de novo, os faróis dando uma guinada enquanto o motorista se esforçava para controlar o veículo. Fazendo outra curva em Sprekels Lake para sair do parque na 36ª Avenida. Fiz a curva em cerca de metade da velocidade, mas ainda o tinha na mira quando deslizou numa curva à direita, furando um sinal em Fulton, escapando por pouco de colidir com um carro que vinha no sentido contrário, e desapareceu no leste. Eu nem estava mais tentando segui-lo. Se continuasse a perseguição, alguém — um terceiro inocente — poderia se machucar ou morrer. Era a última coisa que eu queria que acontecesse. Perseguições de carro a alta velocidade são para idiotas e produtores de filmes vulgares de Hollywood.

Encostei perto do cruzamento de Fulton, ainda dentro do parque, e usei o telefone do carro para ligar para meu cliente.

Colahan teve um ataque quando lhe contei o que acontecera. Xingou-me com todo tipo de palavrões, o menos ofensivo dos quais era "idiota incompetente". Simplesmente o deixei surtar. Não havia desculpas a dar e nenhum sentido em gastar meu fôlego.

Ele saiu finalmente das acusações e caiu na lamentação.

— O que vou fazer agora? O que vou dizer a Carolyn? Todas as nossas economias se foram e ainda não tenho ideia de quem seja aquele canalha chantagista. E se ele voltar pedindo mais? Não podíamos sequer vender a casa, ela ainda nem está totalmente paga...

Em pouco tempo chegou lá também. Esperei cinco segundos de ar morto. E então: — Tudo bem — seguido de um suspiro profundo. — Não espere que eu pague sua conta. Pode até me processar se quiser, que não vai arrancar um centavo sequer.

E bateu o fone no meu ouvido.

Grande Colahan. Grande trabalho.



O edifício de apartamentos ficava em Locust Street, a meio quarteirão de Califórnia Street, perto do Presidio. Construído nos anos 20, a julgar por sua fachada ornada, fora antigamente a mansão particular de alguém modestamente próspero, depois dividida em três andares de estúdios e apartamentos de um quarto. Não tinha garagem, forçando seus moradores — como a maioria daqueles nos prédios da vizinhança — a estacionar na rua. Não havia nenhum espaço permitido naquele quarteirão, ou no seguinte, ou em lugar algum das redondezas. De volta a Califórnia Street, parei meu carro numa zona exclusiva de ônibus. Se levasse uma multa, levaria a multa.

Não havia muita chance de que precisasse de uma arma para o resto da noite, mas às vezes a encrenca vem quando você menos espera. Por isso desafivelei o Colt

Bodyguard 38 que estava debaixo do painel e enfiei-o no bolso do paletó antes de sair para a caminhada até Locust.

O edifício tinha um pequeno saguão com o costureiro painel de caixas de correio. Encontrei o botão do 2-C, me apoiei nele. Esta era a parte arriscada; eu estava investindo no fato de que uma voz soa muito parecida a qualquer outra no interfone. Mas minha tese não foi sequer testada: a caixa de som ficou em silêncio e ouvi a cigarra da abertura da porta quase imediatamente. Confiante. Arrogante. Ou simplesmente estúpida.

Empurrei a porta e entrei, sorrindo um pouco, cinicamente, e subi as escadas até o segundo andar. O primeiro apartamento à direita era o 2-C. A porta se abriu assim que eu me aproximei e Annette Byers colocou a cabeça para fora, dizendo com excitação na voz.

— Você se saiu realmente bem...

O resto da frase ficou no ar quando ela me viu; a excitação deu lugar à confusão e ela ficou congelada na porta entreaberta. Tive tempo de chegar junto e enfiar meu ombro contra a porta antes que ela decidisse pular para trás e bater a porta na minha cara. Deu um balido e tentou me chutar enquanto eu a imprensava para dentro.

Agarrei seus braços e a empurrei para ficar livre dela. Depois fechei a porta com um toque de calcanhar.

— Vou começar a gritar — disse ela. Bravata pura, sem nenhum fundamento. Seus olhos estavam assustados agora. — Estas paredes são finas como papel e tenho um vizinho que é tira.

Esta última parte era mentira. Eu disse: — Vá em frente. Dou o maior apoio.

— Quem você acha que é...

— Nós dois sabemos quem eu sou, Srta. Byers. E por que estou aqui. A razão está na mesa ali.

Involuntariamente, ela olhou para a sua esquerda. O apartamento era um estúdio e a quitinete e sala de jantar ficavam naquela direção. A pasta estava sobre a mesinha

de jantar, a tampa erguida. De onde estava, eu não podia ver o que havia dentro, mas nem precisava.

— Não sei do que está falando — disse ela. Não tinha voltado há muito tempo; ainda vestia o casaco pesado e a cobertura da cabeça, um gorro de lã que escondia completamente seus cabelos louros. Suas bochechas estavam rosadas — o frio da noite, a luxúria do dinheiro e agora o medo. Era muito atraente de um jeito maduro, inteligente o bastante para manter um emprego numa agência de viagens no centro da cidade e imoral o bastante para ter enfrentado problemas com a polícia de São Francisco antes disso. Tinha vinte e três anos, era divorciada e evidentemente meio pirada: fora presa uma vez por posse de drogas e outra vez por tentar vender uma pequena quantidade de metanfetamina a um tira disfarçado.

— Contando o dinheiro, não é? — eu disse.

— ... O quê?

— O que fazia quando eu toquei o interfone? Cinquenta mil em notas de cinquenta e cem. Está tudo aí, conforme planejado.

— Não sei do que está falando.

— Já disse isso antes.

Andei um pouco para ter uma visão melhor do estúdio. Seu telefone estava num balcão de café da manhã que separava a quitinete da sala de estar, um daqueles modelos sem fio com uma secretária eletrônica embutida. O aparelho ao lado era claramente um toca-fitas portátil. Não se dera ao trabalho de afastá-lo antes de sair; não havia nenhum motivo, ou foi o que pensou então. A fita ainda devia estar ali dentro.

Olhei para ela de novo.

— Tenho que admitir, você é uma motorista e tanto. Mas imprudente como o diabo, do jeito como furou voando um sinal vermelho. Quase bateu em outro carro.

— Não sei do que...



Ela parou e recuou uns dois passos, a mão esfregando o rosto, passando a língua rapidamente entre os dentes. Estava se dando conta agora de como tudo dera errado, de como estava encrencada.

— Você não podia ter me seguido. Eu sei que não me seguiu.

— Está certa, eu não podia e não segui.

— Então como...?

— Pense. Você vai descobrir.

Um pequeno silêncio. E: — Oh, Deus, você sabia de mim o tempo todo.

— De você, do plano, tudo.

— Mas como? Como poderia? Eu não...

A campainha do térreo tocou de repente. O olhar dela saltou para a unidade do interfone ao lado da porta. Puxou o lábio inferior para dentro e começou a mordê-lo.

— Você sabe quem é — eu disse. — Não use o interfone, só abra a porta.

Ela fez o que eu mandei, movendo-se lentamente. Fui ao outro lado, primeiro até o balcão do café da manhã, onde tirei o cassete do toca-fitas e o enfiei no bolso e depois até a mesa de jantar. Fechei a tampa da pasta, travei os ferrolhos. Tinha a pasta na minha mão quando ela se virou para mim de novo.

Ela disse: — O que vai fazer com o dinheiro?

— Devolver ao verdadeiro dono.

— Jay. O dinheiro é dele.

Eu não disse nada.

— É melhor não tentar ficar com ele para você — disse ela. — Não tem nenhum direito a esse dinheiro...

— Garota idiota — falei com desprezo —, nem você.

Deixou de olhar para mim. Quando começou a abrir a porta eu disse a ela, não, espere até ele bater. Ela ficou de costas para mim, os ombros curvados. Não tinha mais medo; uma resignação morna tomara conta dela. *Para ela, pensei, o dinheiro era a única coisa que importava.*

Bateram na porta. Ela abriu sem nenhuma hesitação e ele irrompeu, falando rápido do jeito que fazia quando estava ligado.

— Garota, garota, nós conseguimos — e agarrou-a e começou a puxá-la contra ele. Foi então que me viu.

— Olá, Colahan — eu disse.

Ficou rígido por três ou quatro segundos, seus olhos se arregalaram, depois se afastou da mulher e me olhou de boca aberta. Tentou falar, mas nada saiu. Maníaco como o diabo no seu escritório, todo nervos e falando pelos cotovelos, mas agora estava mudo. Mentir era fácil para ele; a verdade tinha que ser arrastada para fora.

Mandei que fechasse a porta. Ele obedeceu, automaticamente, e virou-se rosnando para Anette Byers.

— Deixou que ele a seguisse!

— Não deixei — disse ela. — Ele já sabia. Sabia de tudo.

— Não, você está mentindo...

— Você foi tão esperto, tinha tudo planejado. Mas não o enganou nem por um minuto.

— Cale a boca.

Seus olhos se viraram para mim.

— Não escute o que ela diz. Ela é que está me chantageando...

— Sem essa, Colahan — eu disse. — Ninguém está te chantageando. Você é que é o artista da chantagem no caso, você e Anette ... um pequeno esquema maroto para arrancar o dinheiro de sua mulher. Não podia tirar toda a bolada dela e não podia consegui-la com um divórcio, a herança de um cônjuge não é propriedade comum neste estado. Então tramou essa farsa ridícula de chantagem. O que é que os dois planejavam fazer com os cem mil? Fugir juntos para algum lugar? Comprar uma partida de droga para revender, tentar aumentar ainda mais o capital?

— Está vendo? — disse Anette Byers com amargura. — Está vendo, espertinho? Ele sabe de tudo.

Colahan sacudiu a cabeça. Tinha superado o choque inicial; agora parecia arrasado e seus nervos se agitavam de novo. Suas mãos começaram a repetir aquele movimento de cavar com uma pá dos lados do corpo.

— Você acreditou em mim, eu sei que acreditou.

— Errado — falei. — Não acreditei em você. Sou melhor ator que você, só isso. Sua história não me cheirou bem desde o começo. Elaborada demais, cheia de ângulos improváveis. Cinquenta mil é uma mordida de chantagista grande demais para qualquer crime, excetuando assassinato, e você me jurou, e sua mulher também, que não cometera nenhum crime mais grave. Chantagistas raramente trabalham com mordidas grandes. Sangram suas vítimas com lentidão e regularidade, em pequenas bicadas, para evitar que elas joguem o anzol. Nós simplesmente não acreditávamos nisto, nenhum de nós dois.

— Nós? Jesus, quer dizer... você e Carolyn...?

— Isso mesmo. Sua mulher é minha cliente, Colahan, não você... foi por isso que nunca pedi um sinal. Ela apareceu no meu escritório logo depois que você esteve lá pela primeira vez; se não o fizesse, eu talvez a tivesse procurado. Estava desconfiada, mas lhe dava o benefício da dúvida, até que você veio com a mordida de cinquenta mil dólares. Ela desconfiou de que você estivesse tendo um caso, também, e não levei muito tempo para descobrir a respeito de Annette. Você nunca teve a menor ideia de que estava sendo seguido, não? A partir do momento em que soube dela, foi bem fácil juntar as peças, incluindo a palhaçada da entrega do dinheiro esta noite. E aqui estamos nós.

— Desgraçado — disse ele, mas não havia nenhum calor na palavra. — Você e aquela puta frígida.

Não falou de Annette Byers, mas ela aproveitou a oportunidade para alfinetá-lo de novo.

— Espertalhão. Grande gênio. Eu lhe disse para pegarmos o dinheiro e fugirmos com ele, não foi?

— Cale a boca.

— Não me mande calar a boca seu filho da...

— Não diga isso. Vou dar uns tabefes em você se disser.

— Não vai dar tabefe em ninguém enquanto eu estiver aqui — disse eu.

Ele enxugou a boca na manga do paletó.

— O que vai fazer?

— O que acha que vou fazer?

— Não pode ir à polícia. Não tem nenhuma prova, é sua palavra contra a nossa.

— Errado de novo.

Mostrei-lhe o gravador ativado por voz que escondera no meu bolso a noite toda. Equipamento *hi-tech*, tecnologia de ponta, cortesia de George Agonistes, colega de investigações particulares e especialista em eletrônica.

— Tudo o que foi dito no seu escritório e aqui, esta noite, está gravado. Tenho também a fita cassete que Annette tocou quando telefonou mais cedo. Impressões vocais vão provar que a voz abafada na fita é dela, que estava falando consigo mesmo no telefone, dando ordens e instruções. Se sua mulher quiser apresentar queixa, terá provas suficientes para colocar vocês dois na cadeia.

— Ela não vai dar queixa — disse ele. — Não Carolyn.

— Talvez não, se você devolver o resto do dinheiro. O que você e a garota aqui ainda não detonaram.

Enxugou a boca na manga de novo.

— Imagino que vá levar a pasta diretamente a ela.

— Imaginou certo.

— Eu poderia impedi-lo — disse, como se estivesse tentando convencer a si mesmo. — Sou tão grande quanto você, mais jovem, eu podia arrancar a pasta de você.

Coloquei o gravador no bolso de novo. Podia ter mostrado o 38, mas sorri em vez disso.

— Vamos lá, tente. Ou então se afaste da porta. Tem cinco segundos para se decidir.

Ele se afastou em três segundos, quando parti em sua direção. De lado, bem afastado de mim e da porta. Annette Byers deu uma risada aguda de desprezo e ele investiu contra ela — alguém do mesmo tamanho com quem se defrontar.

— Cale sua boca, imbecil! — gritou para ela.

— Cale a sua, grande homem. Você e suas ideias brilhantes.

— Desgraçada...

Saí e fechei a porta contra sua vozes odiosas e lamuriantas.



Lá fora a neblina havia engrossado e virado quase numa garoa, molhando o pavimento e transformando as fileiras de carros estacionados ao longo dos dois meios-fios em formas negras bidimensionais. Estacionar era tão difícil nesta vizinhança que havia agora um carro, escuro e silencioso, parado em fila dupla do outro lado da rua. Caminhei rapidamente até a Califórnia Street. Ninguém, nem a polícia, se incomodara com minhas rodas na faixa do ônibus. Tranquei a pasta no porta-malas, entrei no carro. Uma ligação rápida para Carolyn Colahan para avisá-la de que eu estava chegando, um trajeto curto até sua casa perto do zoo para entregar os cinquenta mil e eu estaria liberado para a noite.

Só que ela não atendeu ao telefone.

Estranho. Quando telefonei para ela antes, do parque, ela disse que esperaria minha próxima ligação. Não havia motivo para sair de casa no intervalo. A não ser...

Cristo!

Saltei do carro e corri de volta a Locust Street. O veículo escuro ainda estava parado em fila dupla do outro lado do prédio de Annette Byers. Invadi o saguão, apertei o dedo no botão do 2-C e o deixei ali. Nenhuma resposta. Empurrei a porta — trancada firme — e então comecei a apertar os botões de todas as outras caixas de correio. O interfone respondeu, a voz de alguém disse "Quem está aí?" e eu disse "Emergência policial, me deixe entrar". Nada, nada e então ouvi a cigarra da porta; empurrei com força e mergulhei no saguão.

Estava no pé da escada quando o primeiro tiro ecoou lá de cima. Outros dois em rápida sucessão, um quarto enquanto eu pisava no patamar do segundo andar.

Vozes lamuriasas, o som de uma porta se abrindo estrepitosamente em algum lugar e eu estava no 2-C. A porta estava fechada, mas não trancada; eu a abri com um chute, recuando com o 38 em minha mão para me proteger. Mas não havia necessidade. Tudo acabado. Tarde demais e tudo acabado.

Os três estavam no chão. Colahan de costas perto do sofá, o sangue obscurecendo seu rosto, imóvel. Annette Byers esparramada e gemendo ao lado da mesa de jantar. E Carolyn Colahan sentada com as costas contra a parede, um 22 de cano longo no tapete ao lado, chorando em soluços fundos e entrecortados.

Encostei-me no batente da porta, o fedor de cordite nas narinas, a garganta cheia de bile. Dizendo a mim mesmo que não era minha culpa, não tinha jeito de saber que não era o dinheiro que interessava a ela, mas dar o troco aos dois — o grande acerto de contas, a maior mordida que existe. Dizendo a mim mesmo que eu nada podia fazer para impedir isso e lembrando o que eu vinha pensando antes no

carro, como vivia para casos como este, como tinha gostado muito deste caso...



## Desaparecido em ação

As pessoas desaparecem o tempo todo na guerra, naturalmente, mas não com frequência meninos de nove anos. Além do mais, a guerra mal tinha começado. Era apenas 20 de setembro de 1939 quando Mary Critchley chegou martelando na minha porta por volta das três horas, interrompendo minha soneca da tarde.

Era uma quarta-feira e normalmente eu estaria lecionando Shakespeare aos alunos da Escola Secundária de Silverhill (uma tarefa das mais inglórias), mas o Ministério decidira construir abrigos antiaéreos e por isso a escola estava fechada durante aquela semana. Ora, eu seria um dos primeiros a admitir que a mais elevada aspiração de um professor é uma escola sem alunos, mas naquele intervalo o governo, em sua eterna sabedoria, encarregou-nos, professores supérfluos, de executar tarefas intelectuais complexas como preparar cartões de racionamento para o Ministério da Alimentação. (Afinal, eles sabiam o que estava a caminho.) Tudo isso era uma pequena parte do caos que parecia reinar na época. Não o caos da guerra, do tipo que eu lembrava das trincheiras de Ypres em 1917, mas o caos da burocracia do governo tentando organizar o país para a guerra.

De qualquer modo, tive a sorte de me tornar polícia especial, um título um tanto grandioso para um suboficial em meio expediente e foi por isso que Mary Critchley veio correndo a mim. Isto e a pouca reputação que eu tivesse de resolver os problemas das pessoas.



— Sr. Bashcombe! Sr. Bashcombe! — gritou. — É o nosso Johnny. Ele desapareceu. O senhor tem que ajudar.

Meu nome na verdade é Bascombe, Frank Bascombe, mas Mary Critchley tem um ligeiro defeito de fala, por isso eu lhe perdoei o erro de pronúncia. Ainda assim, com metade das crianças da cidade correndo desordenadamente pelas ruas e a outra metade amontoada em plataformas de estações ferroviárias, agarrando suas máscaras contra gás com a efígie de Mickey Mouse em pequenas caixas de papelão, pronta para ser embarcada em trens destinados a refúgios próximos no campo como Graythorpe, Kilsden e Acksham, pensei talvez que ela estivesse exagerando, e não posso dizer que tenha acolhido com prazer sua chegada depois de apenas alguns cochilos.

— Provavelmente está na rua brincando com os colegas — falei a ela.

— Não o meu Johnny — disse ela, enxugando lágrimas dos olhos. — Não desde... o senhor sabe...

Eu sabia. O Sr. Critchley, Ted para os amigos, fora da Marinha Real desde bem antes da guerra. Também tivera a infelicidade de servir no porta-aviões da frota Courageous, afundado por um submarino alemão ao largo da costa sudoeste da Irlanda apenas três dias atrás. Mais de 500 homens foram perdidos, entre eles Ted Critchley. Claro, nenhum corpo foi encontrado, e provavelmente nunca seria, por isso ele foi dado oficialmente como desaparecido em ação.

Eu também conhecia o jovem Johnny Critchley e o considerava um menino sério, um pouco imaginativo e inocente demais para o seu próprio bem. (É verdade que muitos são assim naquela idade — não são? — até que o mundo os agarre pelos culhões e injete alguma realidade neles.) Johnny confiava em todo mundo, até em estranhos.

— Johnny não tem tido muita vontade de brincar com os colegas desde que recebemos as notícias sobre o navio de Ted — prosseguiu Mary Critchley.

Eu podia entender aquilo muito bem — o jovem Johnny era filho único e sempre adorara o pai —, mas ainda assim não via o que pudesse fazer a esse respeito.

— Fez perguntas nas redondezas?

— O que o senhor acha que venho fazendo desde que ele não chegou em casa ao meio-dia, como tinha prometido? Perguntei a todo mundo na rua. A última vez que foi visto estava no canal, cerca de onze horas. Maurice Richards o viu. Que posso fazer, Sr. Bashcombe? Primeiro Ted e agora... agora o meu Johnny! — e irrompeu em lágrimas.

Depois que consegui acalmá-la, suspirei e lhe disse que eu mesmo ia procurar Johnny. Certamente não havia mais muita esperança de tirar mais alguns cochilos agora.



Era um dia glorioso, tão quente e ensolarado que mal se podia acreditar que havia uma guerra em andamento. O sol do final de tarde fazia até nossas ruas estreitas de casas de fachada de tijolos, amontoadas em série, parecerem atraentes. À medida que as sombras se alongavam, a luz assumia um tom de ouro derretido. Primeiro, dei uma busca no campo local onde as crianças costumavam jogar críquete e futebol e os cães corriam livres. Alguns soldados estavam ocupados cavando trincheiras para abrigos antiaéreos. A simples visão daqueles sulcos longos e escuros na terra me deixava arrepiado. Além das trincheiras, barragens de balões antiaéreos repuxavam as suas amarras na brisa como botos brincalhões, alaranjados e rosados ao sol. Perguntei aos soldados, mas não tinham

visto Johnny. Tampouco o viram quaisquer dos outros garotos que estavam por ali.

Depois do campo me dirigi às casas abandonadas de Gallipoli Street. O senhorio as deixara se arruinar por completo há dois anos e eram totalmente inabitáveis, até mesmo para aquartelar soldados. Eram também perigosas e deveriam ter sido demolidas, mas eu acho que o velho sovina esperava que uma bomba as atingisse para que pudesse pedir seguro ou indenização do governo. As portas e janelas haviam sido cobertas por tábuas, mas as crianças são engenhosas e não era difícil, nem mesmo para mim, remover uma ou duas placas de compensado frouxas e entrar. Gostaria de ter trazido minha lanterna, mas tive de me contentar com a pouca luz que atravessava os buracos. Toda vez que eu me locomovia, meus pés levantavam nuvens de poeira, o que não fazia nenhum bem a meus pobres pulmões.

Pensei que Johnny pudesse ter caído ou ficado preso numa das casas. As escadas estavam podres e outros meninos haviam caído quando tentavam subir. Os assoalhos também estavam péssimos e um dos alunos de Silverhill precisou levar quinze pontos há duas semanas quando uma de suas pernas atravessou a madeira podre e as lascas cortaram sua carne.

Procurei da melhor maneira que pude naquela luz fraca e gritei o nome de Johnny, mas não houve nenhuma resposta. Antes de sair, fiquei imóvel, em silêncio, tentando escutar quaisquer traços de respiração áspera ou gemidos. Nada.

Depois de três horas de buscas na vizinhança, não tiver nenhuma sorte. O blecaute começava às 19h45, de modo que ainda me restava cerca de uma hora e meia, mas se Johnny não estava em nenhum dos pontos costumeiros das crianças locais, eu não tinha a menor ideia de onde procurar. Falei com outros meninos que encontrei aqui e ali, mas nenhum dos seus amigos o vira desde que a família

recebera a notícia da morte de Ted. O pequeno Johnny Critchley, ao que parece, tinha evaporado.

Às seis e meia fui visitar Maurice Richards, grato por seu convite para uma xícara de chá e pela oportunidade de descansar meus pés doloridos. Maurice e eu nos conhecíamos há um tempão. Sobrevivêramos à primeira guerra, Maurice com a perda de um braço e eu com cicatrizes faciais permanentes e uma tosse devastadora que vem e vai, graças ao gás mostarda que vazou para dentro da minha máscara na Terceira Batalha de Ypres. Nunca falamos de guerra, mas ela estava lá, ambos sabíamos, um elo invisível nos unindo e ao mesmo tempo nos excluindo de muitas outras relações humanas normais. Poucas pessoas viram as coisas que tínhamos visto e deviam agradecer a Deus por isso.

Maurice acendeu um *Passing Cloud* com uma das mãos e depois serviu o chá. O noticiário das sete surgiu no rádio, um monte de asneiras sobre nosso compromisso de continuar lutando até que derrotássemos o inimigo. Ainda era muito uma guerra de palavras àquela altura e, quanto mais retórica soasse a linguagem, melhor os políticos achavam que estavam se saindo. Houve um par de escaramuças aéreas menores e o afundamento do *Courageous*, naturalmente, mas toda a ação estava se desenrolando na Polônia, que parecia tão remota quanto a lua para a maioria das pessoas. Alguns engraçadinhos já a estavam chamando de a Guerra Chata.

— Ouviu Tommy Handley na noite passada, Frank? — Maurice perguntou.

Sacudi a cabeça. Havia muito estardalhaço em relação ao novo programa de rádio de Tommy Handley, *It's That Man Again* ou *ITMA*, como as pessoas o chamavam. Nunca fui um fã. Podem me chamar de esnobe, mas quando a noite chega eu me sinto muito mais feliz me enroscando com um livro ou ouvindo um programa de entrevistas interessante no rádio do que escutando Tommy Handley.

— Eu dei umas boas risadas — disse Maurice. — Teve aquele esquete sobre o Ministério das Dificuldades e o Gabinete dos Beócios. Quase morri.

Eu sorri.

— Não está longe da verdade — falei. Existiam agora tantos desses ministérios, juntas e departamentos obscuros envolvidos em metas tão absurdas — todas visando o bem comum, naturalmente — que eu pensara em escrever uma sátira distópica. Eu me propunha a ambientá-la num futuro próximo que não passaria de uma versão veladamente disfarçada do presente.

Até agora, tudo o que eu tinha era uma grande ideia para o título: eu reverteria os dois últimos números do ano em curso, por isso, em vez de 1939, eu o chamaria de 1993. (Bem, eu achei que era uma boa ideia!) — Escute, Maurice — falei — trata-se do jovem Johnny Critchley. Sua mãe me disse que você foi a última pessoa a vê-lo.

— Oh, sim — disse Maurice. — Ela andou perguntando por ele há pouco. Ainda não apareceu?

— Não.

— É motivo de preocupação, então.

— Estou começando a achar que é. O que ele fazia quando você o viu?

— Estava simplesmente caminhando pelo canal, no ferro-velho do Woodruff.

— Só isso?

— Só.

— Estava sozinho?

Maurice assentiu com a cabeça.

— Ele falou alguma coisa?

— Não.

— E você não disse nada para ele?

— Não havia motivo. Ele parecia preocupado, simplesmente olhando para a água, as mãos nos bolsos. Eu soube do que aconteceu com seu pai. Um garoto tem o direito de ficar na fossa.

— É verdade. Viu alguém mais? Algo suspeito?  
— Não, nada. Espere um minuto...  
— O quê?  
— Ora, vai ver não é nada, mas depois que vi Johnny, quando eu atravessava a ponte, tropecei em Colin Gormond, você sabe, aquele sujeito que é meio... você sabe...

Colin Gormond. Eu o conhecia bem. E não era boa notícia; aliás, não era boa notícia de jeito nenhum.



De todos os policiais que podiam ter mandado, foram mandar logo o desgraçado do sargento-detetive Longbottom, um sujeito manco de aparência bruta e uma testa de Cro-Magnon. Longbottom era grosso como duas tábuas curtas. Duvido que fosse capaz de encontrar o próprio rabo mesmo que alguém colocasse uma tabuleta nele, ou de achar o caminho de saída de um abrigo pequeno ainda que estivesse em seu próprio quintal. Mas este é o calibre dos homens que esta guerra miserável deixou no país. Ao lado de gente boa como eu, é claro.

O sargento-detetive Longbottom usava um terno marrom lustroso e uma gravata da Escola Secundária de Silverhill. Eu me pergunto onde a conseguiu; talvez a tenha roubado de algum colegial que pegou furtando guloseimas da lojinha da esquina. Enfiava no colarinho sem parar os dedos rosados como salsicha enquanto conversávamos na sala de estar de Mary Critchley. Seu rosto estava

avermelhado pelo calor e o suor se acumulava nas grossas sobranceiras e escorria pelos lados do pescoço.

— Então ele está desaparecido desde a hora do almoço, não é? repetiu o sargento-detetive Longbottom.

Mary Critchley concordou com a cabeça.

— Saiu por volta das dez e meia, só para uma caminhada. Disse que estaria de volta ao meio-dia. Quando deu três horas... bem, fui procurar o Sr. Bashcombe aqui.

O sargento-detetive Longbottom torceu o lábio para mim e grunhiu.

— Sr. Bascombe. Polícia especial. Presumo que entende que isto não lhe dá nenhum poder policial de verdade, estou certo?

— Na verdade — falei — eu achava que isto fazia de mim o seu superior. Afinal, o senhor não é um sargento especial, é?

Olhou para mim como se quisesse me bater. Talvez tivesse feito isso se Mary Critchley não estivesse na sala.

— Chega de conversa fiada. Limite-se a responder a minhas perguntas.

— Sim, senhor.

— Diz que procurou em toda parte por esse garoto?

— Nos seus pontos costumeiros.

— E não achou nenhum sinal dele?

— Se tivesse, acha que o chamaria?

— Eu o avisei. Deixe de conversa e responda às perguntas. Este, como é o nome dele, Maurice Richards, foi a última pessoa que viu o garoto?

— Johnny é o nome dele. E sim é a resposta, até onde sabemos.

Fiz uma pausa. Ele acabaria sabendo afinal e, se eu não contasse, Maurice contaria. Quanto mais demorássemos, pior seria a longo prazo.

— Havia outra pessoa na área na ocasião. Um homem chamado Colin Gormond.

Mary Critchley sufocou um grito. O sargento-detetive Longbottom franziu a testa, lambeu a ponta do lápis e rabiscou algo no seu bloco de anotações.

— Vou ter uma conversa com ele — disse. E então virou-se para ela. — Reconheceu o nome, não foi, madame?

— Eu conheço Colin — falei, talvez rapidamente demais.

O sargento-detetive Longbottom olhou para Mary Critchley, cujo lábio inferior começou a tremer, depois se virou lentamente para mim.

— Fale-me dele.

Suspirei.

Colin Gormond era um esquisitão. Algumas pessoas diziam que era um pouco retardado, mas eu nunca tinha visto nenhum indício real disso. Morava sozinho e não tinha muito contato com os cidadãos locais; isto era prova suficiente contra ele para algumas pessoas.

E havia também as crianças.

Por algum motivo, Colin preferia a companhia dos garotos locais à dos adultos. Para ser bem honesto, não posso dizer que o culpe, mas numa situação dessas isto pareceria suspeito. Especialmente se o policial investigador fosse alguém com a sensibilidade e compreensão de um sargento-detetive Longbottom.

Colin levava os meninos para ver quem enxergava primeiro os trens, do alto da colina que dava para a linha principal, por exemplo, ou jogava críquete com eles no campo ou preparava o jogo das castanhas quando chegava a temporada. Às vezes comprava balas e sorvete para eles, até lhes dava livros, bolas de gude e revistas em quadrinhos.

Segundo meu conhecimento, Colin Gormond nunca colocara um pé fora da linha, nunca chegara a botar sequer um dedo em nenhum dos garotos, por raiva ou amizade. Houvera, no entanto, uma ou duas reclamações de alguns pais — principalmente de Jack Blackwell, pai de um dos amigos de Johnny, Nick — de que de certo modo não era



certo, de que não era natural um homem que devia estar no fim da casa dos trinta ou no início da dos quarenta anos passar tanto tempo brincando com crianças. Devia haver algo que não funcionava bem na sua cabeça, ele devia estar para aprontar alguma coisa, insinuava Jack Blackwell e, como de costume quando alguém dá início a um rumor maldoso, não faltavam seguidores. Tal reação só podia ser esperada de alguém, naturalmente, mas eu sabia que a história não cairia bem junto ao sargento-detetive Longbottom.

Não sei por que, eu sentia uma estranha necessidade de proteger Colin.

— Colin é uma pessoa do lugar — expliquei. — Mora nestas redondezas há anos. Brinca com os garotos um pouco. A maioria gosta dele. Parece um sujeito inofensivo.

— Que idade tem? Encolhi os ombros.

— Difícil dizer. Cerca de quarenta, talvez.

O sargento-detetive Longbottom ergueu uma espessa sobrelanceira.

— Cerca de quarenta e brinca com os garotinhos, você disse?

— Às vezes. Como um professor ou um líder de agremiação juvenil.

— Ele é professor?

— Não.

— E líder de agremiação?

— Não. Escute, o que eu quis dizer...

— Sei exatamente o que quis dizer, Sr. Bascombe. Agora ouça o que eu quero dizer. Temos aqui um homem mais velho que gosta da companhia de garotinhos e ele foi visto perto da cena do desaparecimento de um menino. Ora, não acha isso uma coisa um tanto suspeita?

Mary Critchley soltou um grande uivo e começou a chorar de novo. O sargento-detetive Longbottom a ignorou. Concentrou todo o seu veneno em mim, o molenga, o liberal, o defensor de molestadores de crianças.

— O que tem a me dizer sobre isto, Sr. Polícia especial Bascombe?

— Apenas que Colin era amigo das crianças e não tinha nenhuma razão para fazer mal a ninguém.

— Amigo — escarneceu o sargento-detetive Longbottom, levantando-se com esforço. — Só podemos ser gratos pelo fato de que não pertence à polícia regular, Sr. Bascombe — disse ele, acenando com a cabeça para si mesmo em reconhecimento de sua própria sabedoria. — Com toda a certeza podemos ser gratos.

— E então, o que vai fazer? — perguntei.

O sargento-detetive Longbottom olhou para seu relógio e franziu a testa. Ou tentava equacionar o que significava quando o ponteiro pequeno e o ponteiro grande estavam nas posições em que se encontravam, ou apertava os olhos por causa de um problema de visão.

— Vou ter uma conversa com este tal de Colin Gormond. Fora isso, não há muito que se possa fazer esta noite. A primeira coisa a fazer amanhã de manhã é dragar o canal.

Foi até a porta, virou-se, apontou para as janelas e disse: — E não se esqueça de colocar suas cortinas de blecaute, madame, ou vai ter de se explicar com o homem das Precauções Antiaéreas.

Mary Critchley explodiu em novos jorros de lágrimas.



Até mesmo a suave luz do alvorecer nada podia fazer pelo canal. Ele escorria através da cidade como um esgoto a céu aberto, manchas de óleo brilhando como arco-íris ao

sol, água marrom pontilhada de espuma e bolhas industriais, pedaços de madeira e de papel flutuando na sujeira. De um lado estava o ferro-velho de Ezekiel Woodruff.

O velho Woodruff era uma espécie de excêntrico. Circulava pelas ruas com seu cavalo e sua carroça gritando "Qualquer ferro-velho", mas agora que o governo tinha outros usos para os restos de metais — supostamente a serem usados na fabricação de aeronaves — o pobre Woodruff não tinha mais nenhum meio de ganhar a vida. Já mandara a velha Nell puxadora de carroça para o matadouro, onde ela provavelmente dera sua contribuição para o esforço de guerra ajudando a fazer a cola para manter inteiros os aviões. Velhos destroços e cacos de móveis sobressaíam das ruínas do ferro-velho como estilhaços de artilharia depois de uma batalha.

Do outro lado, a margem erguia-se íngreme até os fundos das casas de Canal Road e as pessoas que moravam lá pareciam considerá-la seu depósito de lixo pessoal. Moscas e marimbondos zuniam ao redor de velhos sacos de cânhamo e sacolas de papel cheias sabe Deus do quê. Um par de rodas de bicicleta empenadas e um carrinho de bebê sem rodas completavam o quadro.

Fiquei parado observando Longbottom supervisionar a dragagem, um processo lento e laborioso que parecia estar sugando à superfície todo tipo de objetos insalubres — exceto o corpo de Johnny Critchley.

Eu me sentia tenso. A qualquer momento esperava ouvir o grito de um dos policiais nos barcos de que o tinham encontrado, esperava ver a pequena e patética trouxa surgir sobre a superfície da água. Não achava que Colin Gormond tivesse feito nada a Johnny — nem Maurice acreditava, embora Longbottom parecesse suspeitar dele, também, mas eu achava que, considerando como estava transtornado, Johnny poderia ter simplesmente se jogado no canal. Ele nunca me parecera do tipo suicida, mas não

tenho ideia se o suicídio entra na mente de garotos de nove anos. Tudo o que eu sabia é que estava perturbado em relação ao pai e fora visto pela última vez ensimesmado nas margens do canal.

Por isso fiquei ali com o sargento-detetive Longbottom e os demais enquanto o dia esquentava e ainda não havia sinal de Johnny. Depois de cerca de três horas, a polícia desistiu e foi atrás de bacon com ovos no Betty's Café em Chadwick Road. Não me convidaram e fiquei agradecido de ser poupado da comida e da companhia desagradáveis.

Fiquei parado ali em pé olhando a água oleosa um pouco mais, sem saber ao certo se era ou não um bom sinal que Johnny não estivesse no canal, e então decidi ir ter uma conversinha com Colin Gormond.

— O que é, Colin? — perguntei gentilmente. — Vamos. Pode me contar.

Mas Colin continuava em pé, de costas para mim, no canto escuro da sua sala de estar entulhada de coisas, as mãos no rosto, fazendo estranhos sons abafados, sacudindo a cabeça. Lá fora brilhava a luz do dia, mas as cortinas de blecaute ainda estavam bem fechadas e nem uma fresta de luz penetrava por entre suas bordas. Eu já tentara o interruptor, mas ou Colin havia retirado a lâmpada ou não tinha uma.

— Vamos, Colin. Isso é bobagem. Você me conhece. Sou o Sr. Bascombe. Não vou machucá-lo. Conte-me o que aconteceu.

Finalmente, Colin virou-se silenciosamente e saiu do seu canto com sua maneira cômica e arrastada de caminhar. Alguém falara que ele tinha um pé deformado e outra pessoa dissera que fizera uma série de operações no pé quando era criança, mas ninguém sabia ao certo por que ele caminhava daquele jeito. Quando se sentou, acendeu um cigarro, o fósforo iluminou seu nariz grande, a testa reluzente e os olhos azuis aquosos. Usou o mesmo fósforo para acender uma vela na mesa ao seu lado e então eu vi:

seu olho roxo, o machucado na face esquerda. O sargento-detetive Longbottom. O canalha.

— Você disse alguma coisa para ele? — perguntei, receoso de que Longbottom pudesse ter arrancado à força uma confissão de Colin, sem sequer pensar que Colin provavelmente não estaria mais em casa se tivesse feito algo.

Sacudiu a cabeça com tristeza.

— Nada, Sr. Bascombe. Eu juro. Não havia nada que eu pudesse contar a ele.

— Viu Johnny Critchley ontem, Colin?

— Vi, sim.

— Onde?

— No canal.

— O que ele estava fazendo?

— Estava por lá jogando pedras na água.

— Falou com ele?

Colin fez uma pausa e virou-se antes de responder.

— Não.

Eu tive uma breve crise de tosse, a fumaça do seu cigarro se insinuando nos meus pulmões gaseados. Quando a tosse passou, eu disse:

— Colin, tem alguma coisa que você não está me contando, não tem? É melhor me contar. Sabe que não vou machucar você e poderia ser a única pessoa capaz de ajudá-lo.

Olhou para mim, os olhos pálidos implorando.

— Só gritei da ponte para ele, foi o que fiz.

— E o que aconteceu depois?

— Nada. Eu juro.

— Ele respondeu?

— Não. Só olhou para mim e sacudiu a cabeça. Eu sabia então que ele não queria brincar. Parecia triste.

— Tinha acabado de saber que seu pai morreu. Os olhos de Colin se encheram de lágrimas.

— Pobre garoto.

Acenei com a cabeça. Pelo que sabia, Colin devia estar pensando também no seu pai. Pouca gente sabia, mas o Sr. Gormond pai fora morto na mesma guerra desgraçada que me deixara com os pulmões feridos e o rosto coberto de cicatrizes.

— O que aconteceu depois, Colin?

Colin sacudiu a cabeça e enxugou os olhos com as costas da mão.

— Nada — disse. — Era um dia tão bonito, eu simplesmente continuei caminhando. Fui até o parque, fiquei olhando os soldados cavarem trincheiras, depois comprei meus cigarros e voltei para casa para ouvir rádio.

— E depois disso?

— Fiquei em casa.

— A noite toda?

— Exatamente. Às vezes vou ao White Rose, mas...

— Mas o que, Colin?

— Bem, o Sr. Smedley, o senhor conhece, o homem das Precauções Antiaéreas?

Assenti com a cabeça.

— Conheço ele.

— Ele falou que minha cortina de blecaute não estava em ordem e que ia me multar se eu não conseguisse um material mais adequado até ontem.

— Eu entendo, Colin.

Tecido de boa qualidade para blecaute, espesso e impenetrável, se tornara tão raro quanto caro, o que levava Colin a ser ludibriado.

— Enfim, comprando o pano e os cigarros...

Enfiei a mão no bolso e puxei algumas moedas para ele. Colin desviou o olhar, envergonhado, mas coloquei o dinheiro sobre a mesa e ele não me disse para pegá-lo de volta. Sabia o quanto devia ferir o seu orgulho próprio aceitar caridade, mas não fazia ideia de quanto ele ganhava, ou de como sobrevivia. Nunca o vira pedindo

dinheiro, mas tinha a impressão de que vivia de bicos e em grande penúria.

Levantei-me.

— Está bem, Colin — falei. — Muito obrigado.

Parei na porta, sem saber ao certo como dizer o que havia me passado pela cabeça. Finalmente, fui em frente aos tropeços.

— Seria melhor se você ficasse na moita até que o encontrassem, Colin. Sabe como são algumas das pessoas por aqui.

— Que quer dizer, Sr. Bascombe?

— Quero que tome cuidado, Colin, só isso. Tome cuidado.

Ele concordou com a cabeça desajeitadamente e eu saí.

Quando estava deixando a casa de Colin, notei Jack Blackwell parado na soleira da sua porta, os braços cruzados, uma pequena multidão de habitantes locais em volta dele, suas sombras se entrecruzando na rua de pedras. Olhavam para a casa de Colin e quando me viram sair todos se afastaram, exceto o próprio Jack, que me lançou um olhar severo antes de entrar e bater a porta de sua casa. Senti um arrepio subir pela espinha, como se um ganso tivesse pisado no meu túmulo, como dizia minha querida mãe, que Deus a tenha, e quando voltei para casa não consegui me concentrar nem um pouco no meu livro.

Na manhã seguinte, quando Johnny estava sumido há mais de trinta e seis horas, os ânimos na rua começara a ficar feios. Em minha experiência, quando você chega à essência das coisas, não há nada pior ou mais perigoso do que a mentalidade da multidão.

Afinal, exércitos não são mais do que multidões, mesmo quando organizados, em maior ou menor grau. Estive em Ypres, como sabem, e não há nada que possam me ensinar sobre organização militar. Por isso, quando ouvi as palavras sussurradas nos vãos das portas e vi os pequenos magotes de pessoas aqui e ali, Jack Blackwell indo de porta em porta

como um cabo eleitoral, eu tinha de fazer algo e mal podia contar com qualquer ajuda do sargento-detetive Longbottom.

Uma coisa que aprendera igualmente como soldado e professor era que, se você tivesse uma chance, tinha de partir para cima do líder da coisa. No caso, Jack Blackwell.

Jack era do tipo perverso e nós dois já tivéramos mais do que uma divergência em relação às provocações e ao mau desempenho do seu filho Nick na classe. Nick era o tipo de coisa imprestável que devia ter sido afogado ao nascer, um desperdício de pele, tendão, tecido e osso, e não era difícil ver de onde herdara aquilo. O irmão mais velho de Nick, Dave, já estava cumprindo uma longa sentença na penitenciária por ter arreventado um vigia noturno durante um roubo, e nem mesmo o exército podia encontrar uma desculpa para liberá-lo e alistá-lo a seu serviço para matar alemães. A Sra. Blackwell fora vista mais de uma vez caminhando com dificuldades e com machucados no rosto. Quanto mais cedo Jack Blackwell recebesse o aviso de convocação, tanto melhor ficariam as coisas na cidade.

Interceptei Jack entre as casas dos Deakins e dos Kellys e ficou claro do seu rosnado "O que você quer?" que não desejava falar comigo.

Mas fui inflexível.

— Bom dia, Jack — cumprimentei-o. — Que dia maravilhoso para uma caminhada, não é?

— O que pretende?

— Apenas estou tentando ser educado. O que pretende você, Jack? O que está acontecendo?

— Não é da sua conta.

— De volta a seus velhos truques? Espalhando veneno?

— Não sei do que está falando.

Fez menção de se afastar, mas agarrei o seu braço. Fuzilou-me com o olhar, mas nada fez. Ainda bem. Na minha idade e com meus pulmões, eu não ia durar nem dez segundos numa luta.



— Jack — falei — não acha que usaria melhor o seu tempo procurando o pobre garoto?

— Procurando o garoto! Que piada. Você sabe tão bem quanto eu onde está o garoto.

— Onde? Onde está ele, Jack?

— Você sabe.

— Não. Conte para mim.

— Está morto e enterrado, com certeza.

— Onde, Jack?

— Não sei o lugar exato. Se não estiver no canal, então está enterrado em algum lugar não muito longe.

— Talvez esteja. Mas você não sabe disso. Não com certeza. E mesmo que acreditasse nisso, não sabe quem o colocou ali.

Jack desvencilhou seu braço do meu fraco aperto e deu um sorriso zombeteiro.

— Eu tenho uma ideia bem melhor do que a sua, Frank Bascombe. Com toda a sua sabedoria aprendida nos livros! Virou-se então e seguiu em frente.

De certo modo, tive a impressão de que eu só havia piorado as coisas.

Depois do meu breve entreviro com Jack Blackwell, eu chegara a um impasse. Sabia que a polícia ainda estaria à procura de Johnny, fazendo perguntas, fazendo buscas em áreas baldias, por isso não havia muito que eu pudesse fazer para ajudá-la. Sentindo-me impotente, fui até o canal, perto do ferro-velho de Woodruff. O velho Ezekiel Woodruff em pessoa estava futucando nas ruínas do seu negócio, e então decidi falar com ele. Mantive a distância, porém, pois mesmo num dia quente como este Woodruff usava seu casacão e luvas pretas de lã com os dedos cortados. Não era conhecido por sua higiene pessoal, por isso procurei ficar longe da rota do seu vento.

Não que houvesse muito vento, mas bastava bem pouco.

— Bom dia, Ezekiel — falei. — Soube que o jovem Johnny Critchley esteve por aqui ontem.

— É o que dizem — resmungou Ezekiel.

— Por acaso chegou a vê-lo?

— Eu não estava aqui.

— Então não o viu?

— A polícia já andou fazendo perguntas.

— E o que contou a ela?

Apontou para o outro lado do canal, para os fundos das casas.

— Eu estava lá. Às vezes as pessoas jogam fora coisas de algum valor, mesmo nos dias de hoje.

— Mas chegou a ver Johnny?

Fez uma pausa e disse: — Cheguei.

— Deste lado do canal?

Woodruff assentiu com a cabeça.

— Que horas eram?

— Não tenho relógio, mas não foi muito tempo depois que aquele sujeito meio bobo passou e foi embora.

— Quer dizer Colin Gormond?

— Sim, ele mesmo.

Então Johnny ainda estava sozinho no canal depois que Colin passou por lá. O sargento-detetive Longbottom provavelmente sabia disso e mesmo assim surrou Colin. Um dia eu encontraria uma maneira de ficar quites com ele. A brisa mudou um pouco de rumo e eu peguei um sopro de suor rançoso e coisa pior.

— E o que o Johnny estava fazendo?

— Fazendo? Nada de especial. Estava só caminhando.

— Caminhando? Onde?

Woodruff apontou.

— Por ali. Na direção do centro da cidade.

— Sozinho?

— É.

— E ninguém o abordou?

— Não. Não enquanto eu estava olhando.

Não achei que houvesse mais a arrancar de Ezekiel Woodruff, por isso lhe desejei um bom dia. Não posso dizer

que não tenha suspeitado de que ele pudesse ter algo a ver com o desaparecimento de Johnny, embora não tivesse exatamente a ideia de como ou por quê. Por mais esquisito que fosse o velho Woodruff, nunca houvera nenhum rumor ou suspeita de que se interessasse por garotinhos e eu não queria fazer conclusões precipitadas como Jack Blackwell fizera. Ainda assim, arqueei minhas suspeitas para mais tarde.

Um caça zumbiu sobre minha cabeça. Acompanhei seus mergulhos e rodopies no ar azul e desejei estar lá em cima. Sempre lamentei não ter sido piloto na guerra. Uma barcaça cheia de soldados passou e eu me afastei do caminho da margem para dar passagem ao cavalo que a puxava. Pela gentileza, recebi um sopro suarento vindo dos pelos de cavalo e uma pilha fumacenta de estéreo a meus pés. Aquilo bateu até o próprio Ezekiel Woodruff.

A esmo, segui o caminho que Ezekiel me dissera que Johnny havia tomado — em direção ao centro da cidade. Enquanto andava, as palavras de desdém de Jack Blackwell sobre minha incapacidade de achar Johnny ecoaram na minha cabeça. Sabedoria dos livros. Aquele era exatamente o tipo de insulto barato que você podia esperar de um idiota como Jack Blackwell, mas feria, de qualquer maneira. Não havia sentido em contar-lhe que eu ficara enterrado na lama debaixo dos corpos de meus camaradas durante dois dias. Não havia sentido em lhe contar sobre o jovem soldado alemão que eu surpreendera e atacara com a baioneta até matá-lo, retorcendo a lâmina até que ela estalou e quebrou dentro dele. Jack Blackwell era jovem demais para ter entrado em ação na última guerra, mas se havia alguma justiça no mundo ele veria muita ação nesta guerra.

O canal passava pelos fundos da estação ferroviária, onde atravessei a ponte estreita e caminhei através de multidões de evacuados até a frente da praça do Município.

A angústia de Mary Critchley reverberava em minha cabeça, também: "Sr. Bashcombe! Sr. Bashcombe!", eu a ouvia gritando.

Então, subitamente, enquanto olhava para a fachada negra dos correios e para a estátua do Príncipe Negro no centro da praça do Município, tive um estalo. Eu achava que sabia o que havia acontecido a Johnny Critchley, mas primeiro tinha de voltar à rua dele e fazer apenas uma pergunta importante.



Era o final da manhã. A estação cheirava a fuligem úmida e óleo quente. Multidões de crianças se acotovavam tentando descobrir aonde deviam ir. Carregavam plaquetas de identidade e pequenas caixas de papelão. Adultos com pranchetas na mão, na maioria professores temporariamente desempregados e voluntários locais, orientavam as crianças para as filas certas e seus nomes eram riscados da lista à medida que iam embarcando nos vagões.

Apesar de não ser criança retirada nem supervisor, consegui comprar um bilhete e acabei dividindo um compartimento com uma mulher de aparência severa num uniforme marrom que não reconheci e um civil com um bigode de escova e um monte de brilhantina nos cabelos. Pareciam estar encarregados de várias crianças, também no compartimento, que não conseguiam ficar paradas. Eu mal podia culpá-las. Estavam indo para o campo, um lugar que não conheciam, morar com estranhos, longe de seus

pais, sabe Deus por quanto tempo, e a ideia os assustava quase à morte.

As almofadas de botões estavam quentes e o ar no compartimento parado e opressivo, apesar da janela aberta. Quando finalmente partimos, o movimento agitou uma leve brisa, que ajudou um pouco. Na parede à minha frente havia um cartaz da orla de Scarborough e passei a maior parte da viagem me lembrando das despreocupadas férias da infância que passara com meus pais nos primeiros anos do século: outro mundo, uma outra época. No resto da viagem, olhei pela janela, além do canal sujo de espuma, e vi passar a paisagem urbana industrial: jardins de fundos onde algumas pessoas haviam instalado pequenos abrigos, recobertos por terra para o cultivo de legumes; a massa da torre do relógio da municipalidade atrás dos edifícios do centro da cidade; um pátio de fábrica onde vários homens carregavam pesadas caixas num caminhão, corados e suando debaixo do calor.

E então estávamos no campo, onde os odores de capim, feno e estéreo substituíam o fedor da cidade. Vi pequenas casas de fazenda atarracadas, muros de pedra e gado pastando. Logo, os trilhos e o canal divergiram. Passamos por baixo de um túnel comprido e barulhento e as crianças choramingaram. Depois, me surpreendi ao ver tantos comboios do exército arrastando-se pelas estradas estreitas e o grande aeródromo por que passamos parecia fervilhar de atividade.

Ao todo, a viagem levou pouco mais de duas horas. Apenas cerca de dez ou onze crianças foram arrebanhadas e desceram na pequena estação rural, e eu as segui enquanto eram recebidas e escoltadas até a prefeitura, onde os homens e mulheres que cuidariam delas esperavam. Era mais civilizado do que alguns dos esquemas de evacuação de que eu ouvira falar, que mais pareciam os mercados de escravos dos velhos tempos, onde fazendeiros esperavam nas plataformas para escolher os

rapazes mais fortes e dignitários locais surrupiavam os garotos e garotas mais bem vestidos.

Procurei o voluntário encarregado, uma atraente jovem do campo num blusão azul simples com um colarinho de renda branca e um cinto em torno de cintura fina, e perguntei-lhe se tinha algum registro de um evacuado chamado John, ou Johnny, Critchley. Ela verificou em seus registros e sacudiu a cabeça, como eu imaginara que faria. Se eu estivesse certo, Johnny não chegaria aqui com seu próprio nome. Expliquei meu problema à mulher, que me disse se chamar Phyllis Rigby. Tinha uma fita amarela nos longos cabelos ondulados e cheirava a maçãs frescas.

— Não vejo como algo assim pudesse ter acontecido — disse Phyllis. — Temos sido muito meticolosos. Mas, de certo modo, as coisas têm andado mesmo um pouco caóticas.

Franziu a testa, pensando por um momento, e delegou seus deveres a outra voluntária.

— Vamos — disse —, vou ajudá-lo de casa em casa. Não houve tantos evacuados assim, sabe. Muito menos do que esperávamos.

Acenei com a cabeça. Ouvira dizer que muitos pais não estavam se dando ao trabalho de mandar seus filhos para o interior.

— Eles não conseguem ver algo acontecendo ainda — falei. — Aguarde só. Depois do primeiro ataque aéreo, você terá tantos que não vai sobrar espaço para todos.

Phyllis sorriu.

— Coitadinhos. Deve ser um transtorno terrível para eles.

— Sem dúvida alguma.

Respirei fundo o ar do campo enquanto Phyllis e eu saíamos da prefeitura para visitar as famílias listadas na sua prancheta. Havia talvez umas duzentas casas e menos de cinquenta por cento haviam recebido evacuados. Mesmo assim, suamos a camisa visitando todas. Ou eu suei, na

verdade, pois suar não parecia pertencer à natureza de Phyllis. Fomos conversando no caminho, eu lhe contando de meu trabalho de professor, ela me falando do marido, Thomas, que treinava para ser piloto de caça da RAF. Depois de uma hora e tanto sem nenhum resultado, paramos no seu chalé para uma revigorante xícara de chá e recomeçamos a busca.

Até que, no fim da tarde, encontramos ouro.

O Sr. e a Sra. Douglas, que hospedavam Johnny Critchley, pareciam um casal muito agradável, e ficaram tristes ao saber que não poderiam mais tê-lo em casa. Expliquei-lhes tudo e garanti que encontrariam outro menino assim que resolvêssemos toda essa história.

— Ele não está aqui — disse Johnny enquanto caminhávamos com Phyllis até a estação. — Procurei em toda parte, mas não encontrei.

Sacudi a cabeça.

— Desculpe, Johnny. Você sabe que sua mãe tem um problema de fala. Foi por isso que eu tive que procurá-la e perguntar o que tinha dito exatamente a você, antes de vir até aqui. Ela lhe disse que seu pai estava desaparecido em ação, o que, do jeito que ela pronunciou, pareceu como desaparecido em Acksham, não foi? Foi por isso que veio para cá, não? Para procurar seu pai?

O pequeno Johnny acenou com a cabeça, lágrimas nos olhos.

— Desculpe — disse. — Eu não podia entender por que ela mesma não vinha procurar aqui. Ela deve estar realmente muito zangada comigo.

Dei-lhe uns tapinhas no ombro.

— Creio que não. O mais provável é que fique contente em rever você. Como conseguiu se infiltrar entre os evacuados de verdade, a propósito?

Johnny enxugou as lágrimas com sua manga encardida.

— Na estação. Tinha tanta gente lá que no começo eu não sabia. Então encontrei um garoto que eu conhecia do

campo em que a gente jogava críquete.

— Oliver Bradley — eu disse. — O nome sob o qual Johnny estava registrado.

— É. Ele estuda em Broad Hill.

Acenei com a cabeça. Embora nunca tivesse ouvido falar de Oliver Bradley, eu conhecia a escola; ficava do outro lado do vale, na nossa frente.

— Prossiga.

— Perguntei a ele aonde ia e me disse que o estavam mandando para Acksham. Era perfeito.

— Mas como conseguiu que ele trocasse de lugar com você?

— Ele não queria trocar. Não no começo.

— Como foi que o convenceu?

Johnny olhou para o chão e raspou um pouco de cascalho com a ponta desgastada do sapato.

— Me custou uma coleção completa de cartões de cigarro "Gigantes do Críquete". Meu pai me deu antes de partir.

Sorri. Tinha que ser algo do tipo.

— E fiz ele prometer que não ia contar a ninguém, que voltasse para casa e dissesse que não tinha lugar para ele e que era para tentar outra vez em alguns dias. Eu só precisava de tempo para encontrar meu pai... o senhor sabe.

— Eu sei.

Chegamos à estação, onde Johnny sentou no banco e Phyllis e eu conversamos sob a luz do fim de tarde, nossas sombras se estendendo através dos trilhos. Além dos pássaros cantando nas árvores e nos arbustos, eu podia ouvir gafanhotos, um som que raramente ouvia na cidade. Eu pensara muitas vezes em como gostaria de morar no campo, e quando me aposentasse do ensino dentro de uns poucos anos talvez pudesse fazer isso.

Não tivemos que esperar muito por nosso trem. Agradei a Phyllis toda a ajuda e desejei os melhores votos



ao marido dela, e ela nos acenou enquanto a velha maria-fumaça saía bufando da estação.

Já passava da hora do blecaute quando finalmente caminhei por nossa rua segurando Johnny pela mão. Ele estava cansado depois da aventura e passara a maior parte da viagem de trem com a cabeça no meu ombro. Uma ou duas vezes, das profundezas de um sonho, chamara o nome do pai.

Eu podia sentir que algo estava errado assim que dobrei a esquina. Não era nada específico, apenas um calafrio súbito na nuca. Por causa do blecaute, eu não podia enxergar nada claramente, mas tive uma forte impressão de um bando de sombras que se moviam, um pouco mais escuras do que a própria noite, reunindo-se do lado de fora da casa de Colin Gormond.

Apressei o passo e, ao chegar mais perto, ouvi um murmúrio percorrer a multidão quando viu Johnny. Então as sombras começaram a se dispersar, caminhando de lado e esquivando-se, desaparecendo como fumaça no ar. De algum lugar, Mary Critchley lançou-se para a frente com um grito e apertou o jovem Johnny em seus braços. Eu os deixei. Podia ouvi-la me agradecendo entre soluços, mas eu não conseguia parar de andar.



A primeira coisa que notei quando cheguei à casa de Colin foi que a janela estava quebrada e metade da cortina de blecaute fora rasgada e arrancada. Depois, vi que a porta estava entreaberta. Fiquei preocupado de que Colin

pudesse estar ferido, mas por cortesia bati à porta e chamei seu nome. Nada.

Empurrei a porta e entrei. Estava escuro como breu. Não tinha uma lanterna e sabia que a luz de Colin não funcionava, mas lembrei-me dos fósforos e da vela sobre a mesa. Acendi e ergui-a diante de mim enquanto caminhava.

Não tive que procurar muito. Se não estivesse com a vela, poderia ter dado um esbarrão nele. Primeiro vi seu rosto, nivelado ao meu. Seus lábios cobertos de espuma tinham arroxeadado e um filete de sangue coagulado corria da sua narina esquerda. O pano da cortina de blecaute fora enrolado em seu pescoço num laço corredio improvisado, preso a um gancho parafusado no batente acima da porta da cozinha. Afastei-me para trás e examinei melhor a cena, e vi que seus dedos dos pés apontados para baixo estavam a uns dez centímetros do chão e não havia sinal de cadeira ou banquetada derrubada.

O inofensivo Colin Gormond, amigo das crianças da cidade. Morto.

Senti a raiva crescer dentro de mim, junto com a culpa. Fora meu erro. Eu não devia ter saído às pressas para Acksham daquele jeito em busca de Johnny, ou pelo menos devia ter levado Colin comigo. Eu sabia o perigo que ele corria; havia falado com Jack Blackwell antes de partir. Como pude ter sido tão estúpido, tão descuidado a ponto de deixar Colin entregue a seu destino apenas com um aviso que ele não pudera entender?

Talvez Colin tivesse conseguido se enforcar, sem ficar sobre uma banquetada, embora eu duvidasse disso. Mas, ainda que Jack Blackwell e o resto não tivessem colocado um dedo nele, eram todos culpados de levá-lo àquilo, na minha opinião. Além disso, se Jack ou alguém mais da rua tivesse enforcado Colin, haveria provas — fibras, impressões digitais, pegadas, o que fosse — e até mesmo o maldito sargento-detetive Longbottom não seria capaz de ignorar aquilo.

Cambaleei para fora e me dirigi à cabine telefônica da esquina. Nenhuma alma se mexia agora, mas ao passar ouvi uma porta — a porta de Jack Blackwell — se fechar suavemente desta vez, como se ele achasse que barulho demais poderia acordar os mortos, e os mortos poderiam ter uma história ou outra para contar.



## A plástica facial

Aconteceu em San Salvador, não faz muito tempo. Minha amiga Cristina voltava do almoço num restaurante do centro da cidade com sua mãe, Elvira, e a amiga de sua mãe, Consuela. Estavam no carrão de Cristina, as três sentadas no banco traseiro. O motorista estava sozinho no banco da frente.

Cristina ia deixar a mãe e Consuela na casa da sua mãe, que morava numa rua estreita com uma sucessão de muros de estuque altos e portões sólidos. Todo mundo naquela vizinhança tem portões grandes e pesados, controlados eletronicamente. O carro chega ao portão, o chofer aciona um controle remoto, as portas se abrem para dentro, o carro entra e as portas se fecham atrás dele. Os muros em San Salvador sempre foram altos. No passado, garrafas quebradas eram cimentadas no topo deles — uma fileira de dentes brilhantes para impedir que as pessoas pulassem o muro. Agora, arames eletrificados substituíram as garrafas quebradas. El Salvador sempre foi assim, mas desde a revolução a segurança se tornara um problema ainda maior.

O carro de Cristina aproximou-se da rua limpa e sossegada de Elvira. Todas as casas ali eram arrumadas, todos os muros de estuque pintados recentemente, todos os portões fortemente fechados. Seguiam lentamente no quarteirão da casa de Elvira. Um carro, que ninguém notou, estava parado a meio caminho do quarteirão.

Na casa de sua mãe, Cristina mandou o motorista encostar junto à calçada para que a mãe e Consuela

descessem. Não iam entrar de carro pelos portões imensos porque Cristina prosseguiria dali. As duas mulheres saltariam diante da pequena porta da rua, bem junto à calçada.

— Por aqui, por aqui, por aqui — Cristina disse rapidamente ao motorista. Cristina fala tudo com rapidez; anda rápido e fala rápido. É muito bonita, com cabelos castanho-escuros espessos e olhos escuros grandes e brilhantes. Tem um rosto oval e um nariz curto e reto. Suas pálpebras são ligeiramente caídas, o que lhe dá um ar sonolento e aristocrático. Foi minha colega de quarto no internato.

Cristina e eu frequentamos o mesmo colégio interno para moças, nos arredores da Filadélfia, numa área residencial da alta sociedade, mas viemos de mundos muito diferentes.

Eu cresci no campo, no oeste da Pensilvânia. Minha mãe era a bibliotecária na minha escola primária e meu pai era médico. Morávamos numa velha casa de fazenda de pedra, um tanto escura por dentro, com janelas pequenas. Eu era filha única. Toda noite nós três nos sentávamos para jantar à mesa redonda de madeira na cozinha.

Curvávamos a cabeça e minha mãe dava graças pela comida. Depois levantávamos a cabeça e eu servia um copo d'água a cada um de nós. A jarra era de porcelana azul-escura.

Meu pai falava muito pouco durante as refeições e o interior de nossa casa era muito quieto. Do lado de fora havia campos suaves que se estendiam ao longe. À noite eu podia sentir nós três em nossa casinha iluminada, sozinhos em toda aquela terra vazia, no meio dos campos escuros.

Fui criada para ser boa e obedecer aos regulamentos, e correspondi. Não podia imaginar a violação daquelas crenças que os adultos sustentavam: que as regras eram importantes, que mentiras eram intoleráveis, que ser boa era a maneira correta de ser. Na escola eu era boa. Não era

boa o bastante para ser estrela em nada (era uma estudante medíocre), mas não era má. A pior coisa que cheguei a fazer foi escapar durante o Halloween e sair cobrando guloseimas através das ruas escuras de Bryn Mawr, coberta por uma fronha e batendo timidamente à porta da frente das casas. Nunca menti aos professores ou saí para me encontrar com garotos, nem coleí nas provas ou trouxe bebida às escondidas ou fumei maconha ou fiz qualquer coisa errada. Aquelas coisas estavam além de mim de um certo modo, fora do meu alcance.

As regras que haviam estabelecido para mim me mantinham dentro dos limites.

Mas Cristina vinha de uma família grande e de um lugar escaldante que era inimaginável para mim e ela quebrava qualquer regra que tivesse vontade de quebrar. Guardava vodca em nosso quarto na escola, bem na sua cômoda. Estava numa garrafa de Phisohex, na cara da encarregada do dormitório. Cristina encarava os professores nos olhos e mentia sobre o local onde ia passar o fim de semana. Mentia sobre como ia chegar lá e com quem ia sair. Fazia tudo isso com uma segurança ousada e absoluta que eu admirava: tinha uma certeza extrema das regras que queria romper e das coisas que precisava fazer. Não ligava para suas notas, nem para honestidade, nem para corresponder às expectativas das pessoas. Tudo isso era imaterial para ela. As coisas que precisava fazer eram ir passar o fim de semana em Princeton. As coisas que não precisava fazer eram coisas como os deveres de casa.

Depois que nos formamos, fui para a universidade e Cristina voltou para El Salvador. Na escola, ela riu quando lhe perguntei sobre a universidade.

— Está brincando? — disse. — Você não tem a menor ideia de como é lá em El Salvador. Ninguém que eu conheço vai para a universidade.

— Mas o que vocês fazem então?

— Fazemos os cabelos e depois fazemos as unhas — olhou para mim e riu de novo. — O que fazemos muito é nos visitar. Viajamos e nos hospedamos nas casas de campo de amigos; depois eles vêm se hospedar conosco em nossa casa de praia. Vamos até o rancho de alguém na Argentina. Viajamos ao Rio, às vezes. Somos muito ocupados!

Isso consome todo o nosso tempo.

— E depois nos casamos — acrescentou.

Enquanto me contava isso, Cristina estava sentada na sua cama, sem roupa, uma toalha grossa marrom em torno da cabeça. Tinha uma toalha maior e mais grossa enrolada no corpo, enfiada em si mesma na altura da axila esquerda. Suas pernas eram perfeitamente depiladas e lisas. Estava pintando as unhas dos pés muito meticulosamente e colocara pequenos tufo de algodão separando os dedos. Tinha um vidro de esmalte de unha escarlate, base, verniz e frascos de outras coisas luxuriantes — emolientes, óleos e loções. Parecia que uma profissional saíra do quarto por um momento, em meio a um trabalho nos pés de Cristina.

Nunca pinteí minhas unhas dos pés na escola. Até hoje, nunca cheguei a pintar as unhas dos dedos dos pés. Meus pés são grandes e um tanto sem graça. Colocar esmalte escarlate nas minhas grandes unhas quadradas seria um erro e não posso ignorar isso. Eu adorava o jeito como Cristina colocava brilho nos dedos dos pés, o jeito como colocava brilho por toda parte, onde quer que quisesse.



Cristina se casou dois anos depois que nos formamos no internato. Convidou-me para o casamento, mas foi durante meus exames finais e não pude ir. Na verdade, nunca fui visitá-la. Nos correspondemos durante alguns anos, mas Cristina não se interessa muito por escrever. Depois que as cartas pararam, ela mandava cartões de Natal e todo ano eu examinava seu retrato de família: havia Cristina, maravilhosa, bronzeada e radiante, com sua pele cor de caramelo deliciosa e lisa e os cabelos escuros cheios e seus olhos sonolentos, em pé ao lado do marido, que era muito bonito. Cristina sempre dissera que só se casaria com um homem bonito. Seu nome era Carlos, que ela pronunciava "Car-los" com um adorável tipo de gargarejo entre as sílabas. Car-los era bronzeado também, com um rosto quadrado, sobrancelhas baixas vistosas, olhos negros grandes e brilhantes. As crianças se pareciam com Cristina, exatamente. Duas meninas e um menino. Eu os observava nos cartões de Natal, ficando ano a ano mais parecidos com Cristina, queixos pontudos, seus pequenos corpos perfeitos, elásticos e alerta, suas feições nítidas e animadas. Sabia seus nomes: Analisa, Jorge, Elenita. Às vezes, quando eu pensava em Cristina, dizia aqueles nomes num sussurro para mim mesma: Analisa, Jorge, Elenita. Crepitavam de tal modo, tinham tanta cadência. Aquela parecia a maneira de ser que cercava a vida de Cristina.

Depois da universidade, eu me casei, e no começo achei que ia ter filhos também. Mandava cartões de Natal para Cristina, às vezes imagens natalinas de renas ou florestas nevadas e às vezes instantâneos de Mark e eu. Todo ano esperava que pudesse colocar um bilhete em nosso cartão: "No próximo Natal seremos três!" Imaginei escrever os bilhetes. Imaginei diferentes formas de dar a notícia, às vezes com animação, graça ou esperteza. Uma foto de nós dois com uma anotação ao lado: "Quantas pessoas estão nesta foto? Errou."



Cristina não veio ao meu casamento porque estava grávida da primeira filha. Estava gorda demais para viajar, me disse. Não podia se mexer, me disse. Eu sorri ao ler isto, tentando imaginar Cristina grande como uma casa, deitada como uma baleia langorosa num sofá numa varanda, plantas de folhas longas em vasos gigantescos de cada lado. Eu gostava da imagem dela sonolenta e inchada. Então a coisa é assim, pensei com um pequeno arrepio de expectativa. Logo eu conheceria aquilo: enjoo matinal, fadiga, tornozelos inchados.

Quando soube que tinha engravidado de novo, três anos depois, senti um choque. Parecia injusto que ela ficasse grávida pela segunda vez antes que eu ficasse pela primeira. E então aconteceu uma terceira vez. Vi sua barriga inchada na foto do cartão de Natal daquele ano, mão casual sobre ela, e me senti traída e abandonada, como se alguma promessa feita a mim não tivesse sido cumprida. Eu adorava Cristina e não a invejava por ter filhos. Mas quando ela o fez, senti a ausência dos meus próprios filhos.

Cristina sempre perguntava em seus cartões de Natal quando eu iria visitá-los e pensei durante anos que o faria. Mas nunca encontrei uma ocasião conveniente, por isso simplesmente guardei Cristina, Carlos e as três pequeninas cristinas em minha cabeça. Eu os imaginava vivendo em grande luxo numa cidade colonial de prédios baixos de pedra, avenidas amplas margeadas por colunatas, palmeiras e flores escarlates irrompendo por toda parte.

Quando soube da revolução, de assassinatos, reféns e desaparecidos, eu me preocupei. Escrevi a Cristina duas vezes, mas ela não respondeu. Torci para que tivessem se mudado para a Guatemala, onde Carlos tinha família e interesses comerciais, ou para algum lugar menos perigoso. Carlos e Cristina eram de famílias muito ricas e parecia que todo mundo que conheciam era rico. Ser rico inicialmente lhes servira como uma grande carapaça

reluzente de proteção, defendendo-os de tudo: de ter que ir para a universidade, de ter que acordar no meio da noite com um bebê chorando, de ter que carregar dinheiro, de ter que ficar na fila do supermercado, de ter que encontrar um local para estacionar. Mas, durante a revolução, ser rico assumiu outro aspecto. Parecia um sinal que emitissem contínua e involuntariamente e que os tornava terrivelmente vulneráveis, como se fossem alvos para mísseis que detectam o calor e que os seguiam sempre, por mais que se esquivassem ou rodopiassem, não importa o que tentassem fazer para se salvar.

Eu esperava que Cristina e sua família estivessem a salvo em algum lugar e descobri depois que estavam. Haviam ido para a Guatemala.

Então, um ano, apareceram em Nova York, a família inteira, para passar uma semana antes do Natal. Cristina me telefonou e combinamos de nos encontrar para um almoço.

Estava atraente como sempre — cheia de vida e exótica, suas roupas um pouco mais coloridas do que as de uma nova-iorquina, suas joias um pouco mais brilhantes. Segurou meus ombros com força em suas mãos e me beijou nas duas faces.

— Julie! — disse ela. — Você está ótima.

Eu não estava ótima. Sabia daquilo. Sou uma mulher comum, de pele pálida e sardas. Engordei um pouco na cintura e uso minhas saias abaixo dos joelhos. Meus cabelos são como eram no internato, à altura dos ombros e afastados do rosto por um arco de tartaruga. Mesmo quando me lembro de usar brincos, como naquele dia, dão a impressão de que os tomei emprestados de alguém. Sempre tive essa aparência. Nunca tive a coragem de usar roupas justas e reluzentes, berrantes e elásticas. Quando estava no colégio, usar roupas como aquelas parecia errado. Eu sentia que tinha de fazer uma escolha moral e que de certo modo eu estava optando pelo lado certo. Acho

que eu acreditava numa meta de longo prazo, como se mais tarde eu pudesse conquistar um prêmio de Elegância Discreta. Agora não posso mudar; este é o único modo de vestir que conheço.

Estou divorciada agora. Mark casou de novo e mora em São Francisco, onde trabalha para uma empresa de software. Tem dois filhos — meninos, eu acho. Não ouço falar dele há anos. Não temos razão nenhuma para nos falarmos de novo. Nada nos liga agora senão sofrimento. Lembrar o tempo que estivemos juntos é como olhar para dentro de um túnel escuro de desgosto — tumultuado, interminável, sem consolo. Só pensar em seu nome já me traz de volta a lembrança daquela infelicidade.

Estou acostumada a viver sozinha, embora não o desejasse. Moro num pequeno apartamento em Murray Hill. Dirijo uma fundação de arte familiar especializada em educação musical e concedemos US\$ 50,000 anuais em pequenas bolsas. Examinamos os candidatos muito meticulosamente. Visitamos os locais, entrevistamos os participantes, conversamos com outras pessoas do ramo em busca de referências. Queremos sentir que estamos recompensando as pessoas que mais merecem. Quero dar a elas o seu quinhão.

Sempre tentei ser justa e responsável. Eu pensava que era assim que o mundo funcionava, que todas as pessoas viviam. Na escola sempre ficava atônita que Cristina saísse impune de tudo o que fazia. Confesso que às vezes eu quase esperava que Cristina fosse apanhada fazendo algo. Naqueles momentos, eu me ressentia da sua impressionante jactância.

Eu me lembro dela numa tarde de sexta-feira durante nosso primeiro ano. Cristina estava parada com um ar indiferente no belo saguão da escola, sobre o tapete oriental, ao lado da grande arca espanhola. Usava um novo vestido laranja e esperava um táxi que a levaria ao trem com a sua mala.

— Agora, deixe-me ver, Cristina. Este é o nome do seu tio, Alfredo Pacheco? — a Sra. Winston, a encarregada do dormitório, segurava a ficha de fim de semana de Cristina, que ela havia devidamente preenchido. A Sra. Winston era uma mulher simpática, alta, esguia e atraente, com óculos de aros pretos, cabelos grisalhos perfeitamente cacheados e costas perfeitamente retas.

— É isso mesmo, Sra. Winston — disse Cristina. Ela sorriu encantadoramente para a encarregada do dormitório. Os sapatos e a carteira de Cristina combinavam, ambos em marrom escuro.

Seus cabelos estavam lustrosos e cheio de vitalidade. Tinha um lenço de seda marrom e laranja em volta do pescoço.

— E ele mora na Filadélfia, neste endereço? — a Sra. Winston olhou para a ficha.

— Correto — disse Cristina. — Coloquei o número do telefone dele.

Ela estava indo para o Fim de Semana das Festinhas particulares dos estudantes de Princeton.

— Muito bem — disse a Sra. Winston olhando de novo para a ficha. — Parece que está tudo certo.

O táxi encostou na porta e Cristina apanhou a mala.

— Divirta-se — disse a Sra. Winston, e Cristina acenou ao entrar no táxi. Olhou para mim e acenou de novo, seu sorriso para mim um pouco diferente. Nunca foi apanhada; e eu nunca fui ao Fim de Semana das Festinhas.

Mas em Nova York naquele dia, quando ela me agarrou e abraçou, fui envolvida de novo por sua intimidade magnética, conquistada pelo seu charme.

— Me conte tudo — disse Cristina, sentando-se de novo — e vamos tomar um drinque, pelo menos espero que você tome um drinque. Todo mundo parou de beber. E de fumar. Incomoda-se? — Olhou para mim com um ar solícito, segurando um cigarro.

— Eu não me importo — falei —, mas o restaurante não vai permitir.

Estávamos num pequeno restaurante italiano no leste, na altura das ruas Setenta, perto de Madison Avenue. Ela não podia fumar ali ou em nenhum outro restaurante de Nova York; agora era ilegal.

Cristina fez um gesto com a mão.

— Oh, eles não se incomodam que eu fume — disse ela. — Já falei com o garçom.

Alguém colocara um cinzeiro ao lado dela e ela abriu a tampa do isqueiro, acendendo o cigarro. Fiquei surpresa com isso. Não vira ninguém fumar num restaurante desde que a lei entrara em vigor e olhei nervosamente para o garçom, mas ele passou direto por nós com uma garrafa de vinho, ignorando-nos por completo.

Eu me perguntei se existia alguma regra no mundo que Cristina tivesse que obedecer.

— O que aconteceu com todo mundo? — perguntou Cristina, aspirando fundo o seu cigarro, as faces chupadas para dentro numa longa e indecorosa tragada. Exalou, sacudindo a cabeça e expelindo uma nuvem azulada. — Eu me afasto por dois anos e de repente toda a população de Nova York ficou careta. Que foi que houve? — Sorriu para mim. — Aposto que você não fuma, não é? — disse, inclinando a cabeça.

— Não — admiti —, mas eu nunca fumei.

— Nunca, é verdade — disse Cristina, lembrando-se. Recostou-se na cadeira e deu outra luxuriante tragada no seu cigarro. Sorriu de novo. — Você nunca fumou. Nunca desobedeceu nenhuma regra. Fazia-me sentir uma garota tão má!! Eu me sentia uma criminosa!

Riu e sacudiu a cabeça.

— Mas agora você é um grande sucesso, não? Soube que é a presidente da sua fundação! La Exigente!

É assim que Cristina fala — cheia de pontos de exclamação e sorrisos escarlates. Qualquer coisa é mais

engraçada quando contada por ela. Ouvindo-a e observando-a fumar, eu me vi dilacerada, como sempre, entre adorá-la e desejar rancorosamente que de certo modo ela não saísse impune de todas as situações.

— Você está fantástica — eu disse, e era verdade. Cristina encolheu o queixo e me deu um olhar cúmplice.

— Por favor — disse num tom extravagante, rolando os olhos. Pôs o cigarro no cinzeiro e virou-se de lado, projetando a cabeça e esticando o pescoço. Uma minúscula dobra de pele pendia abaixo do seu queixo. Cristina bateu nela com a mão. — E quanto a este horror? Mas vai sair — anunciou. Virou o rosto para mim e tocou uma ruga entre as sobrancelhas. — E isso aqui.

Baixei a voz.

— Vai fazer plástica no rosto? — perguntei, impressionada. Cristina encolheu os ombros de uma maneira elaborada.

— Eu não diria plástica — falou. — Só o queixo e a ruga na testa. Pequenas alterações.

— Ei! Ninguém é perfeito!

Pegou o cigarro de novo e acrescentou: — A não ser este cirurgião, espero. Dizem que é um gênio. Mora no Brasil.

Houve outra pausa enquanto ela sorria. Então acrescentou: — Provavelmente vou sair da cirurgia parecendo um macaco.

Confesso que, quando ouvi isso, sobre fazer plástica facial, senti um pequeno surto de triunfo moral. Unhas escuras eram uma coisa, pensei, mas uma plástica do rosto era outra bem diferente. Uma plástica facial, pensei, era um excesso deplorável — agora ela fora longe demais. A maquiagem me parecia basicamente diferente da cirurgia e o respeito próprio devia nos afastar desta última. Uma linha tinha de ser traçada e ela envolvia integridade, honestidade e probidade. Plásticas do rosto estavam definitivamente do outro lado, do lado distante daquela linha. Parecia claro que as mulheres se degradavam

tentando combater a realidade biológica do envelhecimento. Mulheres que a combatiam estavam agindo de maneira tola, eu acreditava, e mulheres que não a combatiam estavam agindo com dignidade e confiança em si mesmas. Por isso, quando ela me disse o que ia fazer, senti uma emoção, como se tivesse finalmente superado Cristina em algo. Senti um tranco de farisaísmo.

— Sabe que nos mudamos de novo para El Salvador? — perguntou Cristina. Deu outra tragada demorada no cigarro. — No verão passado. Todo mundo está voltando.

— É seguro? — perguntei.

— Bem. Temos assaltos a mão armada, sequestros e assassinatos, mas não temos estupros. O que equivale a dizer que San Salvador é mais segura do que Nova York.

Sorriu e depois encolheu os ombros.

— É a minha terra. Foi onde cresci. A revolução acabou. Todo mundo está voltando.

Os problemas de Cristina tinham passado. Estava de volta à sua casa, depois da revolução, com os três filhos e o belo marido e ainda era rica. Dentro de poucas semanas pareceria ter vinte e oito anos de novo, em vez de trinta e dois. Eu me vi pensando se ela prosseguiria eternamente se safando das situações. Mas sabia que isso era mesquinho e não gosto desse lado de mim mesma. Por isso o que disse a ela foi que estava feliz com sua volta ao país e fui sincera naquilo. Adoro Cristina e não gosto do meu lado anticaridoso. Disse-lhe que estava contente de que o perigo tivesse passado.

— Bem — Cristina falou, e fez uma nova pausa. — Não passou realmente. Nunca vai passar realmente, certo?

Apagou a ponta do cigarro no cinzeiro e me deu seu grande sorriso radiante.

— E quem está ligando?



Naquele dia em San Salvador, Cristina mandou o motorista encostar o carro ao lado da calçada, atrás do carro que já se achava estacionado ali. Por alguma razão o motorista estava levando muito tempo para encostar atrás do outro carro, que era onde tinha de parar para ficar perto da porta da rua, de modo que Elvira e Consuela pudessem atravessar a calçada e entrar pela porta para o pátio de Elvira.

— *Ándale, ándale, ándale* — disse Cristina rapidamente, inclinando-se para a frente. O motorista começou a dizer qualquer coisa para ela, mas Elvira, falou ao mesmo tempo e Cristina se virou para a mãe. Seu carro encostou no meio-fio atrás do outro e parou. Consuela abriu a porta mas não saiu; aguardava Elvira, que perguntava a Cristina sobre uma peça de prata que ela ia devolver.

— Está bem, está bem — Cristina dizia muito rapidamente: está bem, Mama, a senhora está certa. Claro que si. Amanhã mesmo. Não sei por que não devolvi antes. Está certa, quanto antes melhor. Está bem — disse ela de novo. E foi então que as três mulheres perceberam que algo estava acontecendo.

A porta que Consuela segurava quase fechada foi puxada com força, e a própria Consuela, cabelos grisalhos, num vestido cinzento liso e carregando uma bolsa preta, foi arrancada do carro pelo braço. Assustada, caiu na faixa de grama ao longo da calçada. O homem junto à porta segurava uma arma maior do que o seu rosto e agarrou



Elvira, puxando-a para fora também. O tempo todo ele falava, rápido, rápido, rápido.

Saia, dizia. Saia ou vai ser morto. Saia, disse para o motorista. Eu mato vocês todos, saiam, saiam. Chutou Elvira enquanto a puxava. Ela cambaleou um pouco e caiu sentada na grama ao lado de Consuela, que estava debruçada segurando o joelho. Não havia ninguém na rua; as calçadas estavam vazias. Todas as casas estavam escondidas atrás dos altos muros e dos portões eletrônicos fechados.

Saia, saia, saia, o homem dizia, apontando a arma para o motorista. O motorista virou o rosto imediatamente, como se isso lhe desse maior segurança. Depois se abaixou e saiu do carro, caindo de joelhos. Todas estas coisas aconteceram rapidamente — as duas mulheres mais velhas sentadas pesadamente na grama, o motorista com seu uniforme escuro rastejando de joelhos ao longo do pavimento duro da rua.

O homem com a arma usava uma camisa escura e calças, nenhum paletó. Tinha a pele escura e cabelos pretos e seu rosto era bexiguento. Seus olhos negros estavam raivosos, como se o ódio e a brutalidade fossem as únicas coisas dentro dele. Puxou Cristina do banco traseiro e continuou segurando o braço dela quando parou em pé ao lado dele no gramado. Ele a segurava com firmeza ao abrir a porta da frente do passageiro. Estava de olho em Elvira e Consuela, e apontou sua arma para elas. Eu mato vocês, eu mato vocês, prometia sem parar e sua voz estava carregada de tanta violência, tanto calor, tanta fúria, que ninguém duvidava dele. Deslizou para o banco do motorista, puxando Cristina depois dele, mantendo a arma apontada para as duas mulheres mais velhas. Não se mexam ou eu mato vocês, cantou.

E então foi como um filme, tudo acontecendo sem que ninguém pudesse interromper — ele entrando no carro, o chofer rastejando cada vez mais para longe na rua. Os

olhos de Cristina brilhantes enquanto o homem lhe dava uma gravata no banco da frente. E, exatamente como num filme, todo mundo podia ver como as coisas iam se desdobrar — que era assim que acontecia, era assim que a pessoa se tornava uma desaparecida. Cristina podia ver que não ia ter nenhuma ajuda. Viu-se entrando neste carro com este homem e sua arma, deixando a mãe e os filhos com Carlos, e o homem resmungando num jorro constante e violento que ia matar todos eles.

Então algo aconteceu. Elvira, que se esforçava para ficar em pé, percebeu que Cristina fora jogada para dentro do carro com o pistoleiro e se virou e correu os poucos passos através do gramado até o capô do carro jogando-se sobre ele, seus brincos de ouro reluzindo contra o brilho duro do carro negro.

— Não a leve! — gritou Elvira. — Não a leve, ela é mãe! *Es una madre! Tiene tres niños!* Leve a mim! — Elvira bateu com seus braços finos de velha contra o capô de um modo horrível, desordenado, constrangedor. — Me leve! — gritava, sua voz aguda e exigente. — Me leve! Não a leve! Ela tem três filhos! Me leve!

Subiu mais no capô com seu belo vestido estampado de seda, batendo no carro com seus punhos frágeis, seus braceletes de ouro tinindo no metal e seu rosto transtornado agigantando-se sobre o para-brisa.

O pistoleiro estava tentando se organizar — agarrar Cristina com o braço enganchado em sua garganta, segurar a arma apontada, fechar a porta do motorista, encontrar a chave e dar a partida e ignorar a terrível gritaria da mulher que estava socando o capô à sua frente.

Inclinou-se para fora da janela e berrou para ela.

— Não queremos uma velha — gritou com desdém. — Queremos a jovem.

Quando falou aquilo, foi como se tudo parasse para Cristina, apenas por um momento. Tudo se cristalizou lenta e perfeitamente na sua cabeça. Ela ouviu o berro do

pistoleiro e podia ver o que aconteceria a seguir: podia ver o carro partindo, com sua mãe jogada na rua, chorando e arremessando as mãos para o alto. Podia ver a si mesma sendo levada de carro aonde os amigos do pistoleiro aguardavam. Sabia a dor que a aguardava entre eles. Podia ver que ia morrer, que eles a matariam.

Não significava nada para eles e, assim que seu corpo fosse imobilizado eles a jogariam para fora do carro. Seu corpo seria encontrado à beira de uma estrada e depois levado, machucado e descolorido, à sua família. Então sua mãe choraria de verdade. Foi aquele pensamento — o pensamento de sua mãe quando encontrassem seu corpo e de seus filhos afundando momento a momento na profunda escuridão da dor — que mudou tudo para Cristina.

Enquanto o pistoleiro a mantinha presa ao seu corpo, sua mente se distraiu e ele inclinou-se pela janela do motorista para gritar à mãe dela, que berrava com ele através do para-brisa. Cristina dobrou o braço e o arremessou para baixo com tanta força quanto podia, a ponta do seu cotovelo mergulhando fundo — tão duramente como jamais imaginara — no local macio onde as pernas do pistoleiro se encontravam com o seu corpo. O que ela fez foi tão tranquilo e certo, como num sonho, como se tivesse treinado aquele único golpe toda a sua vida, em preparação para este momento.

O rosto do pistoleiro caiu como uma pedra no lugar onde o cotovelo dela o atingira. Todo o seu corpo pareceu girar sobre si mesmo, como se tivesse agora algum assunto secreto, rolando profundamente sobre si mesmo com um grunhido. E antes mesmo que a cabeça do pistoleiro começasse a cair, antes mesmo que ela o sentisse desabar, Cristina se viu em movimento, deslizando pelo banco da frente, abrindo a porta e saltando para o gramado.

Fora do carro, as coisas tinham mudado: Elvira estava se afastando do capô, Consuela conseguiu se colocar em pé e pelo canto do olho Cristina podia ver o segurança —

alertado por toda aquela comoção, pelas batidas no capô e pela furiosa gritaria e pelos apelos de sua mãe — em pé na porta aberta da casa.

— Porfirio! — Cristina gritou para ele com toda a força dos seus pulmões. — Chame a polícia! Sequestradores! Ladrões! Chame a polícia!

Agora era a vez dela, agora ela berrava sem parar, raiva e comoção em sua voz. O pistoleiro saiu atabalhoadamente do carro e começou a correr para o outro carro que estava à sua frente. O motorista achou que estava sendo perseguido, por isso deitou-se na rua sem nenhum movimento, como se já estivesse morto, para que não atirassem nele. O pistoleiro abriu a porta traseira do outro carro e mergulhou para dentro e antes mesmo que a porta se fechasse o carro rabeou e derrapou, partindo a toda pela rua. Era um seda vermelho, um carro americano velho. Nunca foi encontrado.

Cristina me contou tudo aquilo enquanto almoçávamos. O restaurante era chique, cheio de mulheres de cabelos louros com mechas, vestidos feitos sob encomenda e brincos de ouro. Os garçons italianos usavam aventais brancos sobre calças pretas e camisas brancas de mangas compridas enroladas.

Cristina me contou a história do jeito que conta tudo, com pontos de exclamação e pausas, rolando os olhos. Contou como se fosse uma história extravagante e hilária, como se o pistoleiro, agarrando sua garganta desesperada na dobra do seu braço brutal, fosse engraçado; como se seus três filhos, à beira de um sofrimento interminável, fossem engraçados; como se sua própria escapada brilhante e ousada fosse engraçada — como se o mundo inteiro se espalhasse diante dela numa série de aventuras malucas e hilariantes que ela decidira ver como absurdas, embora soubesse exatamente o quanto eram perigosas e graves. Ela falava como se a audácia, a segurança e a prontidão a quebrar as regras, todas as regras, fossem

características normais — comuns, insignificantes, desprezíveis. Falava como se os desafios para ela fossem mera diversão, como se fossem simplesmente coisas diante das quais reagir, como um nadador pairando milagrosamente sobre as cristas das grandes ondas.

E eu perdoei em Cristina a vodca, os fins de semana de festas, a fumaça do cigarro, a plástica facial e os filhos. Eu a perdoei por tudo.



JOHN SALTER

## Rancho grande

Embora livre para caminhar por onde quisesse, Anna Lee nunca deixava a ilha de grama quebradiça na qual a cabana, o celeiro e o paiol ficavam. Não havia sentido.

Contaram-lhe mais de uma vez que uma alta cerca de aço circundava o rancho, uma cerca presa por arames a uma série de postes de ferro plantados para cima e para baixo na espinha das Sierras. Hank abrira as páginas da enciclopédia e lhe mostrara com que frequência os relâmpagos atingiam a terra. Às vezes o céu demonstrava isso para ela e, embora nunca tivesse visto a cerca, nem mesmo através da luneta de inspeção de Hank, durante tempestades ela achava que podia ouvir o metal fritando.

E, mesmo sem a eletricidade para se preocupar, havia pumas além da cerca, e ursos. O rancho era remoto demais para captar sinais de televisão, mas havia uma Sony de tela grande, um videocassete e uma pilha de filmes que aumentava toda vez que Hank e seus convidados vinham aqui para caçar e pescar. Um dos filmes era sobre um urso imenso que invadia um acampamento de verão e devorava todo mundo, exceto uma bonita garota cega e um conselheiro com músculos salientes não muito diferente de Hank. Balas não conseguiam parar o urso, conforme um desafortunado guarda florestal descobrira, mas o conselheiro e a garota cega, ambos excelentes nadadores, o atraíram para o rio nas corredeiras. O urso caiu da cachoeira e morreu, embora Hank dissesse que ele provavelmente voltaria num outro filme, uma sequência. Ursos semelhantes aos do filme tinham sido vistos tentando

abrir buracos debaixo da cerca, acrescentou Hank, e tinham uma preferência por comer garotas índias.

Assim, o lugar mais seguro era o seu alojamento, no velho paiol, com sua pesada porta de carvalho e fechadura maciça da qual só Hank tinha a chave. As janelas eram pequenas, quase à altura do teto, feitas mais para ventilar o corpo aquecido dos caubóis que dormiam do que para adorar a paisagem dos pastos, a cortina escura das árvores, os picos das montanhas. Para ver lá fora, Anna Lee tinha de ficar em pé sobre a sua cadeira de balanço pisando em duas enciclopédias com os dedos agarrados ao peitoril da janela para se equilibrar. Mesmo assim, era feliz e não acreditava numa barraca de lona bem arejada, como aquelas do filme, vulneráveis a garras e dentes aguçados.

Estava em pé na soleira da porta e observava Hank chegar de carro, lentamente, seu braço bronzeado pendurado na janela e cortando a estrela de ouro da Madeireira King Segurança pintada na porta. A estrela estava cheia de arranhões causados pela passagem em estradas de terra estreitas margeadas por arbustos. Durante algum tempo, Hank dirigira uma nova picape a cada dois anos, mas esta, uma surrada Chevrolet com uma mozza profunda no para-choque traseiro, estava por aqui há tanto tempo que os outros carros apareciam na memória de Anna Lee como simples manchas de cor, rostos borrados do seu passado. A única vez em que perguntou a ele quando ia comprar uma nova picape, depois que esta não quis pegar numa manhã gelada de novembro, Hank simplesmente rira.

— Só quando descobrirem um jeito de fazer madeira grande crescer mais rápido.

Ele buzinou e acenou. Ela respondeu o aceno. Sabia que ele iria voltar logo. Só lhe restavam duas refeições de micro-ondas da marca Diners Delight, dois macarrões com queijo, as que menos gostava, mas Hank nunca a deixara ficar sem comida. Ela obedecia a um horário: jantar, sua

grande vitamina de laranja, o pequenino comprimido branco e uma hora de exercício com o videoteipe antes de tomar banho e ir para a cama. Se omitisse uma parte que fosse da rotina, Hank a advertira com frequência, iria tudo para o ralo. As vitaminas não funcionariam sem a comida e sem o exercício, a comida ficaria parada numa pilha no seu estômago. Ela morreria.

Ela caminhou até a entrada de carros para ajudar a descarregar a picape. Hank sempre vinha um ou dois dias antes de trazer hóspedes, para estocar a cabana e verificar as coisas. Às vezes trazia ferramentas e madeira e fazia consertos. De vez em quando, embora não com muita frequência, ele aparecia bem tarde da noite, cheirando a cigarro e cerveja, e dormia com ela no paiol. Nestas noites estranhas ela não dormia muito bem, porque Hank tremia, praguejava, se mexia e gritava, roncando pesadamente o tempo todo.

Sem falar, carregaram caixas de Budweiser e Corona, bifos congelados, peitos de frango, Pepsi e café, leite e ovos. Papel higiênico. Para ela, mais refeições de microondas. Sua camisola e sua roupa de baixo da lavanderia num saco plástico. De absorventes íntimos.

Sentaram-se em cadeiras de jardim, na varanda. Hank fumou, observou um gavião que rodava no céu bem acima do pasto. Transformou seus dedos numa pistola e atirou nele. Olhou para ela.

— Alguém esteve por aqui, nas duas últimas semanas?

— Sim — disse ela. — Uma Testemunha de Jeová.

Ela se lembrou do seda verde empoeirado, do homem de pele escura sorridente caminhando pela entrada de carros segurando uma brochura.

Hank riu.

— Isso é que é ambição — e olhou de soslaio para ela. — Algo que precise me contar sobre isso?

Do paiol, ela vira o Jeová bater na porta da cabana, depois olhar pelas janelas com as mãos em concha antes de



vir na direção do paiol. Devido ao ângulo, ela o perdera de vista, mas com a orelha encostada na pesada porta o ouviu assobiando, ouviu o arrastar dos seus sapatos nos degraus. O Jeová chocou a tranca. Depois, de volta à sua janela, ela o viu ir até o seu carro, parando para urinar na grama seca com a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados.

— Não — disse ela. — Ele não ficou muito tempo aqui.

— Bom.

— Foi um teste?

— Não importa — disse Hank, esticando o braço para esmagar a ponta do cigarro com o salto da bota de caubói.

— Você nunca me conta. Gostaria de saber quando é um teste.

— Não, não gostaria. Limpou aquela grelha como lhe mandei? Toda aquela gordura?

— Limpei — disse ela. — Precisamos de mais gás, eu acho. O bujão foi fácil de levantar.

Hank acenou com a cabeça.

— Seremos três, chegando amanhã. Eu e outros dois.

— Grant está vindo?

Hank olhou para ela. Seus olhos eram azuis aquosos, os cantos marcados por rugas. Ela lhe dissera certa vez, depois que assistiram a *Rebeldia indomável*, que ele se parecia com Paul Newman, só que um pouco mais velho. "Bem, ele é judeu" dissera Hank, mas parecera contente. Agora ele sorria.

— Você gostou daquele garoto, não gostou, Grant?

Ela concordou com a cabeça. Grant não tinha trepado com ela. Só lhe pedira um lápis e na chapa de gesso acima da sua mesa fizera um desenho dela sentada no chão com as pernas estendidas para a frente e as mãos plantadas atrás de si. De tempos em tempos ele vinha até ela para arrumar seus cabelos compridos ou inclinar sua cabeça.

Ainda se lembrava do toque de suas mãos macias e quentes debaixo do seu queixo. Grant tinha uma mulher, lhe contara, e um bebê chamado Paige. Não gostava de

trabalhar para a Madeireira King. Queria ensinar arte no colégio, frequentara a universidade para isso. Anna Lee violara uma regra, então, uma das grandes regras de Hank: Nunca fale de si mesma, ainda que lhe perguntem. Ela contara a Grant sobre um projeto de arte no colégio, um vaso que fizera para sua tia na roda de tornejar, uma das poucas peças da classe que sobreviveram ao calor do forno. Enquanto detalhava cuidadosamente com o lápis os olhos dela, Grant perguntara que colégio ela frequentara e Anna Lee gelou de repente, subitamente receosa de que pudesse ser um dos testes de Hank. Mas Grant não pressionou mais. "Já viu o oceano?" perguntou.

Ela não o tinha visto, a não ser em filmes. E então Grant desenhou o oceano Pacífico na parede também, com um veleiro e gaiotas. Estava preocupada de que Hank a obrigasse a lavar a parede e apagar o desenho, mas até agora ele não o fizera.

— Bem — disse Hank. — Grant não vai voltar mais.

— Não?

— Não trabalha mais na companhia. Seremos eu, Pink e um outro sujeito...

— Ele está ensinando no colégio? — perguntou ela.

Hank encolheu os ombros e levantou-se abruptamente.

— Vamos entrar. Eu tenho que voltar logo.

Depois, ela ficou em pé nua diante dele, as mãos dos lados do corpo. Hank estendeu o braço da beira da cama e beliscou seu quadril.

— Que merda é esta?

Ela olhou para baixo. Seu quadril tinha a marca das impressões digitais dele, uma trilha de círculos brancos que iam se esmaecendo em sua pele marrom.

— Tem feito o exercício do vídeo?

— Toda noite — disse ela.

— Está ficando muito fácil para você?

— Não. Estou ralando.

— Cansou do método Fonda? Existem outros novos, agora. De todos os tipos.

— Eu gosto da Jane.

— Bem — Hank gesticulou com o dedo para que ela se virasse. — Um dia vou lhe contar tudo sobre Hanoi Jane. Fique durinha agora. Ela retesou os músculos. Sentiu suas mãos ásperas no seu traseiro, cutucando, beliscando. Virou-a de lado, inclinou-se para trás, examinou sua barriga. Ergueu seus seios e depois os deixou cair. Suspirou: — Anna Lee, você está ficando velha. Sem dúvida nenhuma.

— Estou?

— Está.

Levantou-se do colchão, deu um tapa na própria barriga, repuxando o elástico de suas cuecas largas.

— Estamos todos.

Ela riu e apertou o bíceps dele. Era duro, a pele sobre sua tatuagem da marinha ainda esticada, embora a cor tivesse desbotado nos dez anos em que ela o conhecia.

Hank examinou os dedos dela. O quarto estava muito quieto; o sol baixo da tarde estriava os dois de sombras das árvores no espaço à frente da grande janela panorâmica.

Cobriu a mão dela com a sua. Seus olhos se encontraram e ele desviou o olhar.

— Procure dar um jeito nessas unhas até amanhã de noite.



Em fins de tarde frios, sempre que acendia o fogo no pequeno fogareiro no paiol, Anna Lee lembrava, via seu tio

Raymond girando sua tia Aletha num círculo aberto, jogando contra o fogão alaranjado de calor na sua casa em Indian Hill, que pertencia à madeireira. Via sua tia caindo sobre o metal, dobrando as costas, os lábios arreganhados num sorriso que não era sorriso, via Raymond chutando a mulher com suas botas de lenhador com solado de cravos, caindo ao chão metade do tempo porque estava bêbado como um gambá, sacudindo a casa, fazendo vibrar as janelas, derrubando o vaso de Anna Lee do aparador, derrubando cãezinhos de cerâmica. Ela se lembrava de que saía do seu esconderijo debaixo da mesa de café para impedir que os bibelôs caíssem, o tio agarrando seu braço fino. Via a si mesma passar por ele, porta afora, quase correndo para a picape de Hank enquanto ele derrapava na estrada lamacenta da serraria. Hank a puxava para o banco traseiro, dizendo abaixe-se, abaixe-se, abaixe-se. Hank a levando para longe, para o rancho, onde ela ficou no chão como ele a mandara.

— Boa menina — dissera. — Boa menina.

Ela jogou uma nuvem de spray de Elizabeth Taylor's White Diamonds no ar e caminhou rapidamente através dela, algo que vira alguém fazer num filme. Colocou seu quimono preto, empoleirou-se na beira da cama e esperou. Sabia que podia demorar dez minutos ou podia demorar uma hora. Ou nem acontecer. Às vezes, Hank dissera, os homens não estavam interessados. As pessoas eram complicadas, dizia. Aquilo explicaria os homens que às vezes rompiam em lágrimas depois, ou os homens que mantinham os olhos fechados o tempo todo, ou homens como Grant, que faziam desenhos na parede.

Pegou uma enciclopédia, mas a largou imediatamente. Estudou as unhas que acabara de pintar. Rosa da China, era o nome da cor. Olhou ao seu redor no quarto. Desejava ser fumante, para ter algo a fazer enquanto Hank, Pink e o outro homem, que ela não vira ainda, ficavam sentados na varanda bebendo e conversando sobre caçadas, madeira,

Japão, Sacramento, Washington. Era sempre a mesma conversa. O outro homem era novo, então seria o primeiro. Pink ficaria para a noite de amanhã. Ela estava contente. Não gostava de Pink. Pink era mau, dizia palavrões para ela o tempo todo.

A porta se abriu. Um homem gordo com um chapéu mole de aba e estampado de camuflagem entrou no quarto. Deixou cair sua sacola. Piscou. Tirou os óculos, enxugou o rosto suado com a manga. Virou-se para olhar lá fora. Hank e Pink estavam rindo, o som se perdendo na noite, enquanto caminhavam de volta à cabana.

— Ora, ora — disse o gordo. Tomou um longo trago da sua Corona. — Hank disse que o paiol não era um lugar ruim para se dormir.

Anna Lee sorriu, deu um tapinha na cama.

Debaixo de montanhas de gordura, através dos grunhido e do fedor do suor nervoso e do álcool, Anna Lee encontrou uma estreita corrente de ar fresco passando por um antigo buraco de prego na parede. Pensou na *Ponte do rio Kwai*, em William Holden respirando através de um caniço. Ou foi em outro filme? Não podia se lembrar.

O homem gordo estava tendo dificuldades. Isto acontecera mais vezes com mais homens que era capaz de lembrar e ela aprendera maneiras de ajudar, "truques de corda", Hank assim chamava, mas o homem gordo a afastou de si. Pousou seus pés pesados no chão e inclinou-se para a frente, como se sua barriga doesse. Anna Lee acendeu a lâmpada de cabeceira. Às vezes ajudava se eles a pudessem ver.

O gordo continuava com os olhos nos joelhos.

— O que você está olhando? — sibilou.

Outra regra: Nunca desista. Ela sorriu, esfregou-se nele, correu as unhas ao longo de sua coxa. Nada. Ele agarrou sua Corona da mesa de cabeceira e ficou em pé, caminhou até a parede. O gordo olhou para o desenho de Grant,

lambeu o polegar, esfregou-o numa das gaiotas até que ficou um borrão negro, um corvo morto.

— Desenho de merda — disse. — Onde foi que Hank encontrou você, afinal?

Anna Lee levantou-se da cama, chegou por trás dele, segurou seus ombros rechonchudos e pálidos. Encostou o rosto em suas costas.

— Quer uma massagem? Vai relaxá-lo.

Ele se virou e deu-lhe um tapa no ouvido. Ela caiu no chão. Ele se movia rápido para alguém do seu tamanho. Agarrou-a pelos cabelos, jogou-a sobre a cama, empurrou seu rosto no travesseiro. Ela sentia o gargalo de sua garrafa de Corona correndo por suas costas. Tremeu. O gordo estava ofegante. Seu peso inteiro parecia repousar sobre o antebraço esquerdo contra a nuca de Anna Lee. A garrafa desceu mais um pouco. O gordo grunhiu e enfiou a garrafa nela brutalmente. Relâmpagos explodiram em seu crânio. Uma regra estava sendo quebrada, e não por ela. Pensou em Jane Fonda e o empurrou com toda a força. O antebraço escorregou e o gordo começou a rolar.

Agarrou desesperadamente o ar e caiu da cama. Sua cabeça bateu na quina do fogão com um som como a lâmina de um machado se enterrando em madeira verde. Seu corpo grande e carnudo estremeceu desenfreadamente. A garrafa de Corona caiu de Anna Lee e rolou pelo chão.

— Bem, isso é um problema — disse Hank. Sentou-se na cadeira de balanço dela, fumando. Estudou a ponta do seu Salem. — Quer cobrir ele, sim?

Qualquer movimento doía, mas ela arrastou seu lençol sobre o gordo. O sangue dela estava no lençol.

Rancho grande — Este filho-da-puta é um deputado estadual — disse Hank. — Era um deputado estadual.

— O que é isso?

— Um figurão muito importante. Vista-se agora.

— Um chefão.

— O quê? É. Um chefão.

Pink chegara pouco atrás de Hank. Agora estava lá fora, vomitando. Anna Lee colocou as calcinhas, o jeans. Encontrou sua suéter de malha da Madeireira King, mas Hank sacudiu a cabeça.

— Não esta suéter. Use outra, uma comum.

Ela colocou uma das velhas camisetas brancas de Hank. Ele aprovou com um gesto de cabeça. Ouviram por um momento Pink vomitando, praguejando, tossindo. Hank olhou para ela e rolou os olhos.

— Pink é um chefão também? — perguntou ela. Hank gemeu, ficou em pé.

— No momento, todo mundo é meu chefe. A porra do mundo inteiro é chefe de Hank neste exato momento.

Cutucou a barriga do gordo com a ponta da bota de cáuboi.

— Filho-da-puta. Uma garrafa de cerveja. O que se passa na cabeça das pessoas?

Pink apareceu na porta. A pele rosada que lhe dera o apelido agora estava cinza, da cor dos velhos chifres montados sobre a porta do paiol. Pink não olhou para Anna Lee nem para o gordo. Fuzilou Hank com o olhar: — Estamos fodidos, você sabe disso, não é?

Hank agachou-se perto da garrafa de Corona. Parecia menor do que a sensação que causara, pensou Anna Lee. No chão, numa poça de cerveja, parecia inocente. Incapaz de machucar alguém. Ela viu Hank apanhá-la delicadamente, com dois dedos, e examiná-la brevemente antes de colocá-la sobre o gordo, numa fenda profunda do lençol.

— Relaxe, sim — disse calmamente.

Por um momento Anna Lee pensou que ele estivesse falando com o gordo, mas então Pink falou: — Relaxar? Está querendo me gozar?

— Vá lá dentro, tome um drinque. Eu vou cuidar disso.

— Seu caipira de merda — disse Pink. Enxugou um filete de vômito do rosto. — Tem alguma ideia do que vai acontecer quando souberem disso?

Hank apurou-se. Seus joelhos estalaram.

— Este bêbado imbecil exagerou no álcool e bateu com a cabeça. E daí?

— Acredita realmente que seja tão simples assim?

— Ele caiu — disse Hank. — Fim da história.

— Está se esquecendo de algo, Flynn. De alguém.

— Não existe alguém — e Hank olhou para ela. — Alguém não existe. Não tem existido há dez anos.

A cabeça calva de Pink passou de cinza para rosa e para vermelho. Apontou um dedo para Hank.

— Você não vai existir. Eu não vou existir. A porra da Madeireira King não vai existir se a sua putinha paiute um dia se cansar da vida no campo.

Anna Lee olhou para o gordo.

— Eu não fiz de propósito.

Os homens a ignoraram. Pink jogou as mãos para o alto.

— Você jurou que quando chegasse a hora ia dar um jeito nas coisas.

— E vou. Vou levá-la para outro lugar por uns tempos.

— Não.

— Você está metido nisso também — disse Hank. — Não devia cair tudo em cima de mim.

— O problema é seu. Você a trouxe para cá. Você tem a estrela dourada na sua picape. Suas mãos nunca foram muito limpas, de qualquer maneira. Que mal faz mais um pouco de sujeira?

Hank acendeu outro cigarro e olhou feio para Pink. Pink devolveu o olhar. Um longo tempo se passou. Anna Lee olhou para a parede, para si mesma, bonita na praia, sorrindo para o oceano.

— Eu dirijo — disse Pink.

Fazia frio lá fora. O céu estava claro, o rancho iluminado por estrelas, a lua cheia. Hank agarrou-a pelo braço e



seguiram Pink até a cabana.

— Quando voltarmos — disse Pink —, vamos limpar tudo e jogar a porra do gordo morro abaixo.

— Como quiser — disse Hank. Seus dedos apertaram mais no braço dela. Ele a puxou bem próxima de si e durante alguns passos caminharam como se fossem um só. Ela sentiu o seu bafo, fumacento, doce do conhaque. Quando Pink abriu a porta de tela e entrou, os lábios de Hank roçaram sua orelha.

— Corra — sussurrou. — Vá e siga em frente.

Ela correu. Foi na direção das árvores além do pasto. Ouviu Hank praguejando, ouviu o guincho da porta de tela se abrindo e se fechando com força. Seu traseiro estava em fogo, mas ela mordeu o lábio e seguiu correndo. Alcançou o pasto, tropeçou na franja de ervas daninhas, rolou no chão. Olhou para trás enquanto se levantava.

Pink estava diante da casa, com seu rifle de caçar veados, vindo a passos largos na sua direção.

Perto da floresta de árvores cerradas, ela se lembrou da cerca, três metros de altura, a corrente elétrica tão forte às vezes, segundo Hank, que pássaros que pousavam nela explodiam em chamas. Diminuiu o passo. Seu estômago doía. Tudo doía. Parou, virou-se. Pink já tinha quase atravessado o pasto. Mais atrás, Hank caminhava em círculos, as mãos nos quadris, olhando para o céu. Ursos, pensou ela. Um urso americano era capaz de correr mais rápido do que um cavalo num trecho de quatrocentos metros. Tentou entrar no meio das árvores, mas suas pernas não lhe permitiam. Não queria ser comida viva. Fechou os olhos e ouviu os passos que se aproximavam. Talvez, pensou, com uma ponta de esperança, talvez fosse apenas um teste.



## Um empurrão e tanto

O golpe final do Martelo se chamava A Martelada. Começava como uma pegada forte, mas de repente ele girava o adversário de tal maneira que o sujeito caía de cara na lona. Depois de cada luta, a vítima do Martelo simplesmente ficava deitada ali e tinham de arranjar uma maca e carregá-la para fora. O Martelo lamentava sinceramente tudo aquilo, percorria a metade do caminho até os vestiários ao lado da maça, depois subitamente voltava correndo para o ringue, recolocava suas antenas de TV e recebia uma grande salva de palmas da multidão.

Eu conheci o Martelo numa gravação de TV. Cada um dos lutadores, inclusive eu, fazia pelo menos três lutas, para que Lou Boone, o promotor de eventos, pudesse ter videoteipe suficiente para manter os fãs ligados durante algumas semanas. Eu já completara minhas lutas; esmagara dois caras e na terceira me deixaram exibir alguns golpes de artes marciais antes de apanhar pra valer.

A luta do Martelo era depois da minha última. Seu adversário era um sujeito novo cujo nome não cheguei a captar. Um "frila" avulso. Ainda estavam preparando o Martelo para encarar um dia um adversário de verdade.

Depois da Martelada, vi pelo monitor do vestiário levarem o sujeito embora. Então fui dar uma mijada antes de dirigir o carro de volta ao motel. Mas caminhei na direção errada e acabei perto de uma saída. Vi carregarem o "frila" através de uma porta até o estacionamento e o desovarem num carro. Eles o manuseavam como se fosse um saco de batatas.

Esqueci da ida ao banheiro e voltei ao vestiário para ver que porra tinha acontecido. Mas quando cheguei lá, Tommy Buffone disse que Lou queria que eu assumisse o lugar do sujeito martelado numa dupla com Tommy contra os Barrister Brothers. O dinheiro extra parecia bom. Eu podia descobrir sobre o cara depois.

Os Barrister eram uns bandidos da pesada, por isso eu tive de ser o mocinho pela primeira vez naquela noite. Coloquei uma das minhas malhas justas de bom menino.

Ninguém na multidão jamais chegou a notar que eu usava uma roupa diferente, dependendo de quem fosse o adversário, mas eu estava me lixando. Aquilo me ajudava a desempenhar melhor o papel.

Claro que o pagamento era o mesmo. Fui surrado e imobilizado. Tommy teve de me arrastar para fora do ringue.

Depois que o programa acabou, comecei a perguntar pelo lutador que fora martelado. Avistei Joe *o Grego* Pappas, o bandido na equipe de anunciantes.

— O que aconteceu com o novo sujeito?

Joe me lançou o olhar que eles chamavam de Olho Maligno quando ainda estava no ringue.

— Ele está ótimo — disse.

— E onde está? Outro Olho Maligno.

— Deve estar de volta semana que vem em Springfield.

— Abriu com um empurrão a porta metálica cinzenta da saída e caminhou para a chuva.

Olhei para ele por um segundo e depois voltei para pegar minhas coisas e lá estava Lou segurando minha bolsa de viagem. É mais baixo do que parece na TV, mais magro e mais pálido. Jogou a bolsa para mim.

— Bom trabalho essa noite — disse ele. — Gostei muito de como você pregou aquela varejada dupla dos Barrister. O público engoliu numa boa.

— Obrigado.

Lou segurou seus óculos contra a luz como se fosse checar se estavam limpos.

— O que você acha do Martelo? — perguntou.

— É bastante grande.

Nunca sabia ao certo o que falar para Lou.

— Os fãs gostam muito dele.

Agora estava limpando os óculos com a gravata.

— E a melhor coisa que tivemos em muito tempo. Eu não gostaria que nada viesse atrapalhar isso.

Colocou os óculos, vestiu a capa de chuva e disse: — Eu estava pensando que talvez seja tempo de dar um pequeno empurrão em você.

Imaginem algo caindo do nada como aquilo. Eu era um frila perdedor. Ganhava a vida apanhando. E sabia que não possuía aquela qualidade que fazia alguns lutadores conquistarem a simpatia do público. Mas aquela palavra mágica, "empurrão", me fez esquecer tudo aquilo.

— Pensa mesmo isso? — perguntei.

— Só preciso de tempo para bolar uma imagem para você. Provavelmente não até Springfield, mas na fita seguinte eu já deveria ter alguma coisa pronta. Então eu talvez o programe contra o Alienígena Ilegal. Ilegal era um frila das estrelas. Sempre vencia os frilas regulares, mas quando alguém recebia um pequeno empurrão era ele geralmente o eleito para perder. Só tem uma coisa — disse Lou.

— Pode dizer.

— Quero que se esqueça do novo cara.

Lou me lançou um olhar que fazia o Olho Maligno de Joe parecer um refresco.

Pensei naquilo por um segundo. E então fiz o que qualquer frila perdedor faria.

— Claro, Lou — eu disse. — Considere o cara esquecido.



As pessoas pensam que é fácil ser um lutador frila. Achem que tudo o que você tem de fazer é fingir que está apanhando por um tempo e depois dar a impressão de que está impotente enquanto o superastro o imobiliza, e depois sair mancando do ringue, recolher o seu pagamento e ir para casa.

O que não pensam é como você se sente fora da arena. Você sabe que é tudo fingido, seus amigos e sua família sabem, mas as pessoas na rua às vezes não sabem. Alguns dos fãs, aqueles que nós chamamos de "otas" (de idiotas ou de otários) acham que tudo aquilo é real. Param você na rua e dizem, "Você devia desistir", ou "Você não vai ganhar nunca", e dão um risinho estúpido quando vão embora. E você quer chamá-los de volta e contar-lhes que é tudo cascata, mas não pode, porque não quer estragar os sonhos deles.

Quando comecei, eu era apenas esse cara fortão que conhecia alguma coisa de artes marciais e não queria trabalhar como lenhador a vida inteira. Agarrei a oportunidade de ser lutador profissional. Naquela época, todas aquelas derrotas me incomodavam muito. Na época, eu me preocupava de que as garotas pudessem pensar que eu era um perdedor.

Então um dia me dei conta, ao inferno com tudo aquilo, se são tão imbecis para acreditar que é verdade, então não quero ter nada a ver com eles. E aí me tornei um frila

perdedor e faço seis ou sete lutas por mês e, com o que Sue ganha, temos o suficiente para ir levando.

Passaram uma de minhas lutas na TV naquele fim de semana e eu a vi em casa com Sue. Mostraram o combate com os Barrister e, quando tomei aquela varejada dupla, foi realmente um desempenho bastante pobre. Até Sue sabia disso.

— Já estava caindo antes mesmo que eles tocassem em você disse ela. — Se é que chegaram a tocar em você.

Fitei seus grandes olhos azuis e lhe contei como Lou dissera que eu tinha feito um trabalho tão maravilhoso, fingindo ter levado aquele golpe.

Ela encrespou o nariz e levantou-se para pegar mais cerveja. Da cozinha disse: — Você tem de se afastar de Lou. Encontre outra equipe com a qual possa trabalhar.

— Não existe uma grande demanda para frilas, querida — falei. — Você vai aonde tem trabalho. No caso, Lou.

Ela voltou, sentou-se no meu colo e beijou meu nariz. Então bebeu um pouco da sua cerveja e disse: — Não vamos nos preocupar com isso agora — e colocou a cabeça no meu ombro e ficou toda contente como costuma ficar. Mas um minuto depois as lutas tinham acabado e entrou no ar *Gilligan's Island*, e eu pulei para desligar a TV — o controle remoto estava quebrado — e a joguei no sofá. Porque realmente odeio aquele programa.

Não contei a Sue o que Lou dissera a respeito de um empurrão. Deixaria que fosse uma surpresa quando — e se — acontecesse.



Em Springfield, na semana seguinte, escalaram Tommy Buffone e eu contra os Barrister Brothers de novo. Mas os Brothers tinham ficado com cara de bebê nesse meio tempo. Lou estava com falta de duplas boazinhas, por isso mudou o nome deles para *Pro Bono* e os caracterizou fazendo com que dessem umas porradas em pleno ringue no seu empresário Sammy o *Rato Almiscarado* Deegan depois que ele os fizera perder uma luta por interferência para Frick e Frack, uma dupla de frilas que trabalhava com as estrelas. Portanto agora eu e Tommy tínhamos de parecer maldosos ao sermos anunciados, fazer caretas para a plateia e depois Pearl-Harborizar *Pro Bono* enquanto estavam tirando seus roupões. Claro que não deu nada certo. Tommy foi imobilizado e eu fui jogado para fora do ringue quando corri em seu socorro. Vendi aquela queda com muita arte, isso eu posso garantir.

Eu estava programado para mais uma luta naquele dia, contra o Homem-Montanha Beazel e, como ele era um bandido, troquei a roupa vestindo minha malha de mocinho.

Então acompanhei a luta seguinte pelo monitor. Era Lenny Lemaire contra o Martelo. Lenny fazia coisas, como se chamar Larry Levine em Nova York e Luis Larriva onde quer que houvesse muitos mexicanos, mas naquela noite usava seu verdadeiro nome.

Depois de uns dois minutos, o Martelo deu a Martelada em Lenny e a multidão vibrou. Estavam sacudindo o



vestiário, de tão entusiasmados. Quero dizer, este Martelo era demais. Eu ouvira que iam programá-lo contra a Besta Benton em disputa do título e naquele momento soube que era verdade. A Besta mantinha o título há um mês, desde que o ganhara de Terry Casino usando o que eles gostavam de chamar de um objeto estranho e Lou não gostava de deixar que um vilão fosse campeão por muito tempo.

O monitor mostrou-os carregando Lenny na maça e Martelo o acompanhou. Todo mundo, exceto eu, observava o Martelo. Eu observava Lenny. Não se mexia nem um pouco.

Então fizeram a cena em que o Martelo corre de volta ao ringue e a câmera abandonou Lenny, mas pouco antes que o fizesse vi um sujeito no canto da tela abrindo uma porta. Não era a porta do vestiário. Ela conduzia a algum lugar debaixo das arquibancadas.

Deslizei pelo corredor e depois de um momento me vi em outro corredor escuro que cheirava a cerveja velha. Alguém abriu uma porta que dava para a rua e pude ver outra pessoa suspender algo sobre o seu ombro. Era Lenny. Jogaram-no no porta-malas de um carro e fecharam a tampa. O sujeito voltou para dentro e Lou vinha logo atrás dele. Os faróis de alguém atravessaram a fresta da porta e lá estava eu, bem iluminado pelo facho. Lou me viu. Colocou as mãos à sua frente e fez um gesto de empurrar e depois desapareceu na escuridão.

Encontrei o caminho de volta ao vestiário e lá estava o Martelo. Eu nunca o vira de perto antes. Devia ter quase dois metros de altura. Um verdadeiro búfalo. Não chegava perto dos 160 quilos com que o anunciavam, mas tinha uns sólidos 140, pelo menos. Ainda usava seu uniforme, malhas e botas peludas brancas e ainda tinha as miseráveis orelhas de coelho na cabeça. Seu rosto era rosado de verdade, um daqueles rostos que davam a impressão de que nunca precisava se barbear.

Ele me viu e sorriu.

— Ei, camaradinha — disse, como o Capitão de Gilligan's Island. Ora, eu não costumo ser o camaradinha de ninguém. Tenho um metro e noventa de altura e 105 quilos.

Por isso odiei especialmente quando me chamou aquele jeito. — Cê me viu martela?

Contornei a mesa de massagem e a coloquei entre nós dois.

— No monitor.

— Gosto de martelar — disse. — Claro, às vezes eu martelo forte demais. Eu detestava quando fazia isso, mas agora estou começando até a gostar. Porque os fãs gostam disso. E Lou gosta muito, também, e diz que se eu continuar martelando posso chegar a ser campeão um dia.

Arrancou as botas e tirou a malha e colocou-as com muito cuidado dentro de uma bolsa de viagem verde do exército. Então disse: — É melhor tomar cuidado, camaradinha. Pode ser que eu tenha de martelar você dia desses.

Sorriu, mas o sorriso emoldurava toda a sua boca. Seus olhos eram olhinhos de porco naquele rosto rosado de coelho.

Ainda usando as orelhas, seguiu em direção aos chuveiros.

— Não me chame de "camaradinha" — eu falei.

Uma semana depois Lou me telefonou.

— Estou ligando a respeito do seu empurrão — disse. — Ainda não esquematizei todos os ângulos, mas queria que soubesse que está a caminho.

— Isso é muito bom, Lou.

Deu sua risada engraçada bem alta.

— Você viu o Martelo na TV o outro dia?

— Devo ter perdido.

— A melhor coisa que aconteceu a esta federação em muito, muito tempo.

— Sim — eu disse. — Por falar no Martelo, não tenho visto Lenny Lemaire ultimamente.

Não demorou um segundo e ele disse: — Você não soube? Sua mãe está muito doente e ele voltou ao Alabama para cuidar dela.

— É uma grande pena — falei.

— É mesmo.

Lou limpou a garganta.

— Agora vamos ter um programa em Easton...

— A-hã.

— Você vai pegar de perdedor lá, mas na próxima gravação vou ter uma grande surpresa preparada para você.

— Será ótimo, Lou — falei. — Gosto de surpresas.

Easton aconteceu numa noite de sexta-feira. Era um programa em casa, o que significava que a maioria das lutas não tinha frilas, mas bandidos estrelas contra mocinhos estrelas. Só havia dois frilas no vestiário. Eu devia lutar contra Monstro Madigan e Paul Tompkins ia enfrentar o Martelo.

Paul usava malha preta e uma máscara com grandes dentes brancos de feltro e levava o nome de O Tubarão. Às vezes formávamos uma dupla, deixavam-me usar a mesma indumentária e nos chamávamos Os Tubarões. Eu nunca conseguira fazer uma máscara com dentes, e acabava sempre tendo de colar alguns com fita adesiva no último minuto. Quando éramos Os Tubarões, Lou nos dava uma colher de chá e deixava que batêssemos nos adversários por algum tempo, eu demonstrando alguns golpes de artes marciais, antes que um de nós acabasse caído de costas na lona — um, dois, três.

Encontrei Paul sentado num canto do vestiário. Já estava bastante suado, embora tivessem ligado o ar-condicionado bem forte. Enchia as bochechas de ar e o soprava para fora lentamente.

— Sabe muito sobre o Martelo?

— O bastante — eu disse.

— Ninguém sabe seu nome verdadeiro — ele falou. — Ninguém tem mesmo certeza de onde ele veio.

— Lou deve saber.

Os Michigan Men entraram no vestiário. Tinham acabado de perder para *Pro Bono*. Estavam rindo e falando de alguma garota em Cleveland.

— É a minha vez — disse Paul.

— Capriche.

Acenou com a cabeça, enfiou sua máscara de Tubarão e atravessou a cortina caminhando para a arena. Sentei-me ao lado do monitor. Coisas engraçadas, esses monitores.

Durante as partes do show em que o pessoal em casa vê todos os comerciais, os monitores ainda mostram o que está acontecendo no ringue. Por isso eu acompanhei Paul seguindo pelo corredor, passando pelos fãs que não tinham a menor ideia de quem era, e pela cabine de transmissão.

Algo aconteceu ali que tenho certeza de que ninguém viu, exceto eu. Quando Paul passava pela cabine, virou-se na direção de Joe e de Lou. E Lou colocou as mãos à frente e deu um pequeno empurrão. Depois daquilo, Paul caminhou para o ringue um pouco mais rápido e um pouco mais reto. O problema é que ele não caminhou na volta.



Mais tarde, eu estava sentado no escuro em meu quarto de hotel. Acabara de dizer ao sujeito na recepção para me ligar e acordar às seis. Assim, estaria em casa e com Sue por volta de uma hora da tarde seguinte. Como era um sábado, poderíamos passar a maior parte do dia juntos.

Eu esfregava meu joelho direito, que machucara durante meus três minutos e meio com Monstro Madigan, pensando como poderia achar algum gelo para embrulhar em volta do joelho. Alguém bateu à porta.

— É Lou.

Caminhei lentamente até a porta e a abri.

— É tarde, Lou.

— Só vou ficar um minuto.

Entrou. Vestia aquela miserável capa de chuva. Seus olhos examinaram o local.

— É um tremendo pardieiro.

— É o quarto de um frila.

Assentiu com a cabeça e sentou-se numa das frágeis cadeiras de madeira.

— Assim que você levar o seu empurrão, poderá pagar por coisa melhor do que esta.

— E vai ser...

— Semana que vem, na gravação em Grandville. Vamos chamá-lo de Samson Sanders. Você vai aparecer neste embate de gigantes.

— Mocinho ou bandido?

— Ainda não tenho certeza. Provavelmente mocinho. Tenho um par de negociações de contratos nos próximos dias e vou fazer um balanço depois disso.

Eu simplesmente não podia me conter. Aquele grande sorriso estúpido brotou no meu rosto.

— Só tem uma coisa — disse Lou.

O sorriso estúpido voltou para o seu devido lugar.

— E o que é?

— Nada demais — disse ele. — Só preciso que você faça mais um frila perdedor. Vai ser no começo do programa. O público não vai nem se lembrar de você quando Samson Sanders aparecer.

Levantou-se e saiu sem dizer mais uma palavra.

Tirei a roupa e fui para a cama. Liguei o rádio baixinho, porque às vezes me ajuda a adormecer. Uma canção de

Tom Petty surgiu, e foi quando me lembrei de que Lenny Lemaire não vinha do Alabama. Ele sempre cantava esta canção. Louisiana Rain, era o seu nome.

O uniforme chegou pelo correio dois dias depois. Uma tanga fajuta imitando pele, braçadeiras e caneleiras de couro e a peruca mais ridícula que já vi. Sue também a viu e teve um acesso de riso. Coloquei a roupa e logo ela estava rolando no chão de tanto rir. Fiz então uma pose de malhador e me puxou para o chão por cima dela.

Fiquei de peruca enquanto transávamos.

A gravação para a TV era no sábado seguinte. Deixei Sue dormir e escapei antes das sete. Dirigi lenta e cautelosamente e ainda cheguei à arena com duas horas de sobra.

Coloquei meu novo uniforme, examinei-me no velho espelho decrépito e o tirei. Fiquei sentado um pouco com minha roupa de baixo e então botei minha malha de bandido.

Tive a sensação de que ia ser o bandido naquela última luta no papel de frila perdedor.

Joe entrou no vestiário com o programa. Dezessete lutas, o suficiente para alimentar o público da TV durante semanas, o bastante para manter a plateia da arena feliz, embora a maioria das lutas tivesse perdedores certos. Comecei de baixo para cima e não vi nenhum Samson Sanders. Não figurava na lista. Continuei examinando até que cheguei à primeira luta da noite. Lá estava meu nome. Meu nome verdadeiro.

Do lado dele estava o nome do Martelo.

O resto do bando começou a chegar aos poucos. Todo mundo, menos o Martelo. Às três horas alguém enfiou a cabeça no vestiário e me chamou para o ringue. Fechei o zíper da minha bolsa e joguei-a no chão, e comecei a sair lentamente do vestiário e depois a andar pelo longo corredor até o ringue. Só metade do local estava ocupado pelo público, embora ainda houvesse muita gente

chegando. Ao passar pela cabine da transmissão, pensei em procurar Lou com os olhos, mas então disse a mim mesmo, que vá para o inferno. Se ele ia me dar aquele maldito sinal do empurrão, então eu não queria nem saber.

O anunciante do ringue me apresentou e eu encenei a minha bravata de bandido, lançando os punhos para o ar, batendo no peito, uivando para uma ou duas pessoas que me haviam notado.

O anunciante respirou bem fundo.

— Senhoras e senhores — disse — seu adversário, pesando 180 quilos, de Green Meadow, Nebraska... O Martelo!

Ele veio marchando pelo corredor, parecendo mais cheio de si do que nunca, recebendo um grande aplauso da multidão. Gritaram. Berraram. As mulheres jogaram beijos.

Os homens levantaram seus filhos.

Ele veio para a lateral do ringue com aquele grande sorriso de Green Meadow, aquele que parava em algum lugar ao redor do seu nariz. Subiu lépido os degraus de metal e saltou por cima das três cordas do ringue. Fuzilou-me com os olhos através do ringue, apontou seu dedo grande e gritou: — Você vai beijar a lona, camaradilha! Eu disse: — Não me chame assim.

Ele simplesmente riu.

Começamos com um agarra-agarra de pescoço e cotovelo. Ele me jogou para longe. Como bandido, cabia a mim dar o primeiro golpe ilegal. Assim que fizesse aquilo, ele podia me surrar e finalmente me martelar. Agarrei-me com ele mais umas duas vezes, deixando que me jogasse bem longe do outro lado do ringue na última vez. Queixei-me ao juiz de uma puxada de cabelos e ele investiu sobre o Martelo como eles sempre fazem, dizendo-lhe para não fazer aquilo de novo. Nos enroscamos de novo e eu saí com meu braço esquerdo preso numa chave.

Era tempo de dar-lhe com o cotovelo no rosto. Coloquei um pouco mais de força do que precisava para quem devia

estar fingindo, e ele exibiu uma expressão de surpresa.

Mas não tanto que a plateia notasse. Chutou-me no estômago e eu caí. Levantei-me um pouco mais rápido do que ele esperava. Desferiu um par de esquerdas, um par de direitas e eu desabei de novo. Bateu com seu corpo no meu e me arrastou pelos cabelos, jogou-me e me ergueu de novo. Então me arremessou por cima do seu ombro.

— E isso aí, camaradinho — sussurrou. — Hora de martelar.

Correu para a frente e começou a me torcer de modo que meu rosto ficasse esmagado contra a lona.

Foi a história do camaradinho que funcionou.

Quebrei o pescoço dele.



É fácil quando você sabe. Quando você praticou o tipo correto de artes marciais. Enquanto ele me rodopiava em torno de sua cabeça, eu simplesmente joguei uma das mãos, depois a outra, agarrei e torci. Ninguém na multidão viu nada a não ser eu tentando me agarrar a alguma coisa. E berravam tão alto que nenhum deles ouviu o estalo.

Vendi o resto do lance e beijei a lona no tempo justo para que o Martelo desabasse em cima de mim. Consegui me apoiar nos dois ombros antes que ele me atingisse como um grande saco de cimento. Naquele momento, ele parecia ter 180 ou 160 quilos ou seja lá o que estavam dizendo naquela semana.

O juiz não sabia o que fazer.



— Conte — eu sussurrei. — Ele finalmente contou — um, dois, três e lá estava, o Martelo tinha vencido. Exatamente como se esperava.

E é o que realmente conta, não é?



# Colaboradores

**Jennifer Anderson** mora com seu marido em Napa, Califórnia. *Coisas que fazem seu coração bater mais rápido* é seu primeiro conto publicado.

- A protagonista desta história é minha Emma Bovary, procurando transcendência numa fictícia e provinciana Saint Amelia, um local inspirado por cômicas ocorrências policiais. Ela também parece amar o marido e vive numa era pós-feminista de opiniões livres. Claro, precisa de um seguro-saúde, mas está mais empolgada pelo conhecimento esotérico e transformador do trabalho policial. Eu vinha lendo sobre descidas mitológicas no Hades e estava interessada em conflito gerado quando se coloca um personagem, neste caso de pensamento idealista e abstrato, numa situação oposta ao seu temperamento; o trabalho policial e os vinhedos frios e verdes de Dionísio, ambos representam a mesma presença física que a confunde.

Visão em oposição a introspecção é um motivo central: ela vê, ela não vê, ela vê diferentemente e essa história é primordialmente sobre personalidade, não gênero.

**Russell Banks** é o autor de treze livros de ficção, inclusive os romances *Continental Drift*, *Ruk of the Bone* e *O divisor de nuvens* e quatro coletâneas de contos, mais recentemente *The Angel on the Roof: New and Selected Stories*. Dois de seus romances, *O doce amanhã* e *Temporada de caça*, foram transformados em filmes premiados. Seu trabalho recebeu inúmeros prêmios e ele tem sido amplamente traduzido e incluído em antologias.

É membro da American Academy of Letters and Arts e presidente do Parlamento Internacional dos Escritores. Mora no norte do estado de Nova York com a mulher, a poeta Chase Twichell.

- *Noite da lagosta* é uma transformação ficcional de três histórias diferentes que me foram contadas por três pessoas diferentes, uma mulher que foi atingida por um raio, um homem que era dono de um restaurante e certa noite perdeu o controle e atirou num urso que veio se alimentar diante dos clientes, arruinando assim o negócio, e de outro homem que, embriagado, atirou e feriu um urso, que partiu para derrubar a cabana do homem e soterrá-lo nela. As três histórias pareceriam ter pouco em comum, exceto talvez pela violência inesperada, mas de certa forma para mim elas se conectaram na cozinha daquele restaurante em *Noite da lagosta*, estabelecendo as causas, se não os motivos, de um assassinato.

Ex-repórter e crítico de restaurantes, **Michael Downs** aprendeu a escrever ficção no Graduate Programs in Creative Writing da Universidade de Arkansas, onde recebeu uma Bolsa Truman Capote. Publicou contos na *Georgia Review*, na *Michigan Quarterly Review* e na *Oxford Magazine*. Ensina jornalismo na Universidade de Montana, onde trabalha também em dois livros, ambos passados na sua cidade natal de Hartford, Connecticut. Um é uma coletânea de contos; o outro é um livro de não-ficção, apoiado por uma bolsa do Freedom Fórum.

- Quando eu trabalhava como repórter em Montana, uma das principais coberturas jornalísticas foi a de uma execução, a primeira em décadas no estado do Céu Grande. Um homem havia estuprado e assassinado uma professora e ia receber uma injeção letal por causa daquilo. Não cobri sua morte, mas, como era a primeira execução em Montana em tantos anos, ela recebeu um grande espaço na imprensa. Li cada palavra. Um colega que cobriu a

execução atrás do painel de vidro especial notou que, para sua última refeição, o condenado pediu filé, batatas fritas, sorvete de laranja e leite integral. Mas as boas almas da cantina da prisão também mandaram para ele uma salada mista; funcionários da prisão acharam que ele precisava comer um pouco de verdura. Este foi o começo de *Comida de prisão*.

**Leslie Edgerton** é um ex-presidiário que mudou de comportamento e agora é convidado regularmente a visitar as casas das pessoas, onde a prataria não é mais contada depois que ele sai. Tem cinco livros publicados, inclusive o romance *The Death of Tarpons* e a coletânea de contos *Mondays Meal*. Seus contos foram indicados para o prêmio O. Henry e o prêmio Pushcart, entre outros, e Tarpons recebeu menção honrosa dos Violet Crown Book Awards, oferecidos pela Liga dos Escritores de Austin.

Edgerton ensina redação criativa na Universidade de Vermont e anteriormente ensinou online no Writer's Program da Universidade da Califórnia em Los Angeles. Ensina também a como falar em público na Universidade de St. Francis e redação nas aulas de educação de adultos na Ft. Wayne (Indiana) Neighborhood Connection. No ano passado, uma de suas peças foi semifinalista nos Nicholl's Awards e outra finalista na competição das Melhores Peças da América do Writers Guild. O trabalho de Edgerton também foi indicado para o prêmio Edgar Allan Poe (na categoria de conto) e sua coletânea *Mondays Meal* foi indicada para o prêmio Jesse Jones do Texas Institute of Letters.

- *No ozônio* é baseado com grande fidelidade numa experiência real que tive enquanto cumpria pena na prisão estadual de Pendleton (Indiana). Não vou revelar quais partes são verídicas e quais são ficcionais, porque existe algo como um estatuto de limitações... Acho que capturei o verdadeiro espírito e atmosfera de muitos daqueles

presidiários com essa história. Para sobreviver ao inferno de uma prisão, uma pessoa precisa criar seu próprio mundo, à maneira do "ozônio", ou tudo se torna loucura. Você cria um mundo insano para escapar de outro mais devastador e degradante.

A ficção de **William Gay** foi publicada em *Harper's*, *The Atlantic Monthly*, *Georgia Review* e outras revistas, bem como nas antologias *New Stories from the South* e *O. Henry Prize Stories*. Ele é o autor de dois romances, *The Long Home* e *Provinces of the Night*.

- Sempre considerei *O forrador de papel* uma espécie de conto de fadas gótico, e o fato de que é inteiramente uma obra da imaginação me atrai. Embora seja uma história bem recente, cresceu a partir do relato que um bombeiro hidráulico me fez há muito tempo a respeito de um cão maldoso, uma chave de grifo e uma providencial caixa de ferramentas.

**Jeremiah Healey** é formado pelo Rutgers College e pela Faculdade de Direito de Harvard. Autor de treze romances com o personagem John Cuddy e dois *thrillers* jurídicos, foi indicado doze vezes para o prêmio Shamus e o recebeu por *The Staked Goat*. Healey já foi presidente da Private Eye Writers of America e é no momento presidente da Associação Internacional de Escritores de Mistério.

- Em visita a Chicago, mencionei a uma amiga que, embora meus ancestrais tivessem vindo da Irlanda, todo mundo com sotaque irlandês morrera antes de eu nascer. Ela sugeriu que visitássemos o Irish-American Heritage Center, que ocupava espaço numa escola primária que ela havia frequentado. Ao entrar no edifício, eu me senti estranhamente "em casa" e ao ver no centro o magnífico o fac-símile de *Um livro de Kells*, eu sabia que tinha encontrado também o cerne de outra história de John Cuddy.

Depois de passar a maior parte de sua vida no Meio-Oeste, **Steve Hockensmith** recentemente se mudou para o norte da Califórnia a tempo de encontrar sua força acendendo e apagando em intervalos ocasionais. Ele é o editor-chefe principal de *Cinescape*, uma revista dedicada a filmes e programas de TV em que naves espaciais, carros e/ou humanos explodem. *O último dia de Erie* foi sua primeira história de mistério publicada. Ele mora com a mulher, Mary, um grande gato amarelo e um grande gato preto.

- A maioria das histórias de detetives é sobre dar ajuda às pessoas. Nosso herói descobre o assassino/recupera o diamante/impede o sequestro/seja lá o que você quiser, fazendo assim do mundo um lugar melhor para todos nós. Em *O último dia de Erie* eu quis escrever sobre como é realmente difícil praticar o bem. Apanhar o assassino chega a fazer do mundo um lugar melhor? Pode você sair para ajudar alguém e acabar destruindo a pessoa? Acho que "o caminho do inferno está calçado de boas intenções" é bem mais verdadeiro que a minha história, mas felizmente pude pegar aquela ideia básica e dar a ela um colorido extra.

No baixo West Side de Chicago, **Clark Howard** cresceu sob a tutela do condado e se tornou um fugitivo habitual, acabando num reformatório estadual por ser, lembra ele, "recalcitrante". Depois serviu em combate na Guerra da Coreia com os fuzileiros navais e começou a escrever pouco depois. Tendo escrito mais de uma centena de contos, dezesseis romances e cinco livros de crimes verídicos, foi indicado oito vezes ao prêmio Edgar dos Mystery Writers of America nas categorias de conto e crimes verídicos e ganhou o Edgar pelo melhor conto. Conquistou também cinco vezes o prêmio dos Leitores do *Ellery Queen Magazine* e foi indicado para o prêmio Shamus dos Private

Eye Writers of America e duas vezes para o prêmio Spur dos Western Writers of America.

- Boa parte de minha obra está fincada nas ruas de Chicago. Apesar de ter tido uma juventude que muitos consideram sem privilégios e carente, minha memória está permeada de lembranças de muita diversão e excelentes amigos, roupas puídas e estômago vazio às vezes, mas nunca um dia sem um desafio, sempre uma boa corrida antes de ser apanhado e nunca nenhum arrependimento ao olhar para o passado. Golpes duros tornam os bons tempos ainda melhores. Eu não poderia ter escrito *Sob suspeita* sem que o temperasse com lembranças de Chicago.

**Michael Hyde** cresceu em Dover, Pensilvânia, e recebeu seu bacharelado na Universidade da Pensilvânia em 1995, e o mestrado pela Universidade de Columbia em 1998. Sua ficção foi publicada na *Alaska Quarterly Review*, em *Xconnect* e na *Ontario Review*. Vive atualmente em Nova York e está trabalhando num romance.

- Gosto de pensar que Connie Pratt, em *A Hollywood dela*, é algo que Nancy Drew poderia ter sido, caso tivesse nascido em circunstâncias diferentes. Agradecimentos especiais a Ronald Spatz, Robert Clark e à *Alaska Quarterly Review*.

**Dan Leone** vem de Ohio e mora em São Francisco, onde escreve uma coluna gastronômica de humor para o *Bay Guardian* e ficção semanal para o site do Guardian na Web, [www.sfbg.com](http://www.sfbg.com). Tem dois livros, uma coletânea de contos chamada *The Meaning of Lunch* e uma coletânea de não-ficção chamada *Eat This, San Francisco*. Ganhou o prêmio de Humor John Train da *Paris Review* e publicou ficção recentemente em *Literal Latte* e na *Antioch Review*. Quando não está escrevendo ou comendo, está geralmente fazendo música com a mulher, Tami, e o irmão, Chris.

- Venho de uma família gigantesca e muito unida: onze irmãos, pai e mãe... razoavelmente funcional... mais vestidos de casamento do que esqueletos em nossos armários, de qualquer modo. Não estou seguro de como isso influenciou o conto *Família*, mas devo tirar o chapéu aqui para o irmão nº 5, Dave, que mora numa casa pré-fabricada numa rua suja no Missouri rural, a última casa à esquerda... você não tem como errar.

**Thomas Lynch** é autor de três coletâneas de poemas, mais recentemente *Still Life in Milford* (1998) e duas coletâneas de ensaios, *The Undertaking* (1997), que ganhou um American Book Award e foi finalista do National Book Award, e *Bodies in Motion and at Rest* (2000), que levou o Great Lakes Book Award. Seu trabalho tem sido publicado na *Harper's Review*, em *The New Yorker*, *Esquire*, no *New York Times*, em *Poetry*, na *Paris Review* e outros veículos. Mora em Milford, Michigan, onde dirige uma agência funerária há vinte e sete anos e em West Clare, Irlanda, onde mantém um chalé ancestral.

- *Esporte sangrento* é a primeira peça de ficção que publiquei e inspirou-se em acontecimentos nos quais me envolvi ao longo dos anos com o diretor de uma agência funerária numa cidadezinha do Michigan. Fico impressionado com os diferentes territórios da poesia, do ensaio e do conto — como cada um oferece desafios essenciais e proporciona satisfações inteiramente diferentes. Tentei lidar com a dinâmica de *Esporte sangrento* na poesia e na não-ficção, sem sucesso. O consolo — palavra estranha aqui — de ocupar esta narrativa, quando a escrevi, foi real.

O segundo livro de contos de **David Means**, *Assorted Fire Events* (2000), foi indicado para um National Book Critics Circle Award e venceu o *Los Angeles Times Book Prize*. Ele nasceu e cresceu em Kalamazoo, Michigan, antes



de migrar rumo ao leste para Nova York. Agora mora à margem do rio Hudson.

- Sempre me interessei por aquelas figuras míticas movendo-se secretamente como sombras ao redor da cultura americana: vagabundos, nômades de parques mambembes, artistas circenses e gente desse tipo. Então, poucos anos atrás — num dia quente de verão —, um parque de diversões se instalou num campo perto da nossa casa. Fui com minha família e, enquanto estávamos na fila, fiz contato visual com um dos empregados do parque, um garoto de aparência má e sinistra que fumava um cigarro (claro que pendia de seus lábios) enquanto recolhia os ingressos. Daquele longo olhar e da profunda ansiedade paterna que ele provocou, nasceu esta história.

**Kent Nelson** já escreveu três romances e quatro coletâneas de ficção curta, além de mais de uma centena de contos publicados nas melhores revistas literárias da América.

Trabalhou como juiz municipal, treinador de *squash*, peão num rancho e professor universitário. Em 1997 correu a Maratona de Pikes Peak (uma elevação de 2.400 metros) no seu estado natal do Colorado em 5h53min.

- A Ponte Ben Sawyer, que faz a ligação da ilha de Sullivan, na Carolina do Sul, me intrigou por sua simplicidade operacional. Anos atrás escrevi um esboço de uma história sobre um operador de ponte perturbado, mas a motivação para seu gesto naquela primeira história ainda não estava bem delineada. Espero que esteja, nesta versão.

**Joyce Carol Oates** é a autora, mais recentemente, de *The Barrens*, um romance de suspense, e *Faithless: Tales of Transgression*. É membro da American Academy of Arts and Letters e professora de humanidades em Princeton.

- Há muito tempo sou fascinada pelos efeitos causados sobre as pessoas "comuns" por atos de violência súbitos e

aparentemente aleatórios. A história da minha família foi marcada, décadas atrás, por dois acontecimentos misteriosos, nenhum dos quais foi explicado satisfatoriamente: o suicídio violento de um bisavô e o assassinato brutal de um avô. O segundo acontecimento, em particular, mudou irrevogavelmente o curso da vida de minha família. Uma das consequências é que eu pareço estar sob o encanto do "mistério" especialmente conjugado com a violência. *A garota com o olho roxo* dramatiza a maneira totalmente gratuita em que uma jovem mais ou menos comum é selecionada para um destino horrível. Ela fica rapidamente anestesiada à emoção, adapta-se a sua nova situação, sobrevive e nunca se esquecerá. No entanto, sua situação horrível — estuprada, atacada, brutalizada por um assassino psicótico — fica, para ela, banhada por uma espécie mórbida de romance: ela descobriu que é "especial", como num conto de fadas malévolo.

**T. Jefferson Parker** nasceu em Los Angeles e morou no sul da Califórnia a vida inteira. Trabalhou como faxineiro, garçom, atendente em hospital de emergência veterinária, repórter de jornal e editor técnico. Todos os seus nove romances se passam no sul da Califórnia. Ele mora no condado de San Diego com a mulher e dois filhos. O *T* não quer dizer absolutamente nada.

- Jim Seels, da editora ASAP, me pediu que escrevesse um conto para ele e eu o fiz. Tinha a ideia de irmãos que competem entre si há muito tempo, mas nunca consegui encaixá-la num romance. Os crimes são vagamente inspirados em uma série de assaltos a banco no condado de Orange. Gosto da sexualidade explícita da história, da atmosfera de perigo indolente, da sensação de desespero que leva Sonny a fazer com que as coisas deem certo para Laurel. Parece mais um romance compactado do que um conto autêntico.

Numa carreira que cobre mais de trinta anos, o californiano **Bill Pronzini** publicou quase sessenta romances, quatro livros de não-ficção, dez coletâneas de contos e uma quantidade de contos, artigos e ensaios avulsos. Foi aquinhoado com o prêmio Lifetime Achievement e três prêmios Shamus dos Private Eye Writers of America e foi indicado para seis prêmios Edgar dos Mystery Writers of America, e para o prêmio Hammett da International Crime Writers Association. Seu romance mais recente é um *thriller* não-serial, *In an Evil Time*, publicado no começo de 2001.

- Contrariamente à opinião de alguns críticos, a série do *Detetive Sem Nome* não é do gênero violento. Faço um esforço consciente para manter a violência e o conteúdo sexual implícitos, ocupando um espaço mínimo. Se tivesse de colocar um rótulo, eu diria que se trata de "ficção criminal humanista com um toque crítico". Definindo ainda melhor, é uma crônica em muitos volumes da vida pessoal e profissional de um detetive — todas as coisas boas, ruins, engraçadas, tristes, amargas, feias que o afetam e modificam de um jeito ou do outro ano após ano, livro após livro. De 1967 a 1995 produzi vários contos com o *Detetive Sem Nome*, o suficiente para preencher duas coletâneas, *Casefile* (1983) e *Spadework* (1995). A *grande mordida* é meu único caso curto desde a publicação de *Spadework*.

**Peter Robinson** nasceu em Castleford, Yorkshire. Seu primeiro romance, *Gallows View* (1987), introduziu o inspetor-chefe Alan Banks, que apareceu desde então em onze outros livros, inclusive *Wednesday's Child* e *In a Dry Season*, ambos indicados para o Edgar. *In a Dry Season* conquistou os prêmios Anthony e Barry. Os contos de Robinson também foram indicados para muitos prêmios, inclusive Edgar, Arthur Ellis e Agatha. *The Two ladies of Rose Cottage* ganhou o Macavity. Suas primeiras histórias

foram reunidas em *Not Safe After Dark*, publicado por Crippen & Landru em 1998.

- Desaparecido em ação é a segunda história do policial especial Frank Bascombe, sobre o qual escrevi em *In Flanders Fields*. Acho que a abertura do conto resume realmente o seu tema principal: que em meio à matança sancionada da guerra, outros crimes são cometidos que não podem ficar sem punição. Gosto de Frank como narrador, é sarcástico e não tem paciência para aturar tolos, mas possui também compaixão e erudição. Espero escrever mais histórias sobre ele no futuro.

**Roxana Robinson** nasceu em Pine Mountain, no Kentucky, e cresceu no condado de Bucks, na Pensilvânia. Frequentou o Bennington College e formou-se pela Universidade de Michigan. É autora de duas coletâneas de contos, dois romances e uma biografia de Georgia O'Keefe. Três destas obras foram indicadas como Livros Notáveis do Ano pelo *New York Times* e uma pela American Library Association. Seu trabalho foi publicado em *The New Yorker*, *The Atlantic Monthly*, *Harper's*, no *New York Times*, em *The Best American Short Stories* e outros veículos. Recebeu bolsas da National Endowment for the Arts, da MacDowell Colony e da Fundação Guggenheim. Mora em Nova York.

- Fico honrada em me encontrar aqui, embora surpresa, uma vez que não identificaria o que escrevo como literatura de mistério. Minhas modestas qualificações são as seguintes: meu pai, diretor de uma pequena escola *quaker*, era famoso em toda a comunidade — e em nossa família — como contador de arrepiantes histórias de fantasma. Eu mesma sou uma velha admiradora de Agatha Christie, Dorothy Sayers, Margery Allingham, Josephine Tey, Ngaio Marsh e P.D. James. *A plástica facial* não é uma história de mistério convencional, mas fico feliz em pensar que ela contém um certo suspense, bem como um tipo de músculo narrativo necessário à fórmula do mistério. Para mim, a

história — verdadeira — é sobre fins alternativos, sobre mulheres resolvendo o problema da violência de um modo corajoso e inesperado. Mas talvez toda a ficção séria seja uma espécie de literatura de mistério, na qual autor e leitor desatam juntos o nó enredado da confusão que obscurece o coração humano.

**John Salter** nasceu na Carolina do Norte e foi criado em oito estados e educado na Universidade de Dakota do Norte. Mora em Minnesota com a mulher, Nancy, e três filhos. Sua coletânea de contos *Alberta Clipper* será publicada em 2002.

- Quando eu morava nas Sierras do norte, havia lá um rumor sobre bacanais que estariam ocorrendo num rancho de uma remota companhia madeireira. A busca dessa propriedade secreta ensejou passeios dominicais de carro, a esmo. Percorrendo aquelas montanhas bem delineadas e sombrias em minha picape, comecei a pensar na mentalidade atrás dessas festinhas e como mulheres poderiam estar envolvidas. Foi assim que nasceu *Anna Lee*. Nunca encontrei o rancho, mas fiquei com essa historinha *noir* cozinhando no fundo do meu cérebro.

**Nathan Walpow** começou a escrever aos quarenta e três anos e gosta de salientar que, como Raymond Chandler, publicou seu primeiro romance aos cinquenta. Foi *The Cactus Club Killings*, primeiro da série de Joe Portugal, que também inclui *Death of an Orchid* e o anunciado *The Petal Pushers*. Completou recentemente o trabalho em *Steel Cloud*, um romance de suspense. Suas histórias saíram numa variedade de publicações de ficção especulativa; *Um empurrão e tanto* é sua primeira ficção curta de crime. Walpow mora em Los Angeles com sua mulher e inspiração, Andrea Cohen. Para mais, veja [www.walpow.com](http://www.walpow.com).

- Sou um fã intermitente de lutas profissionais desde a adolescência. Há cerca de cinco anos topei com um anúncio que pedia contos a serem submetidos a uma antologia de histórias de horror relacionadas com lutadores. Produzi uma primeira versão de *Um empurrão e tanto*, mas quando a enviei, o mercado já estava fechado. Tentei sem êxito emplacar a história mais umas duas vezes e depois a encaixotei no meu baú eletrônico. Dois dias depois, a sucursal local de *Sisters in Crime* fez uma convocação de contos para uma coletânea. Tirei a poeira de *Um empurrão e tanto* e descobri que consistia de quatro mil palavras de uma boa história e mil queridinhas a serem eliminadas. Fiz os cortes e os editores gostaram do que sobrou. Gosto dessa história porque seu protagonista é muito diferente dos neuróticos urbanos que geralmente povoam minha obra. Apenas um sujeito se defrontando com um grande problema enquanto tenta fazer seu trabalho. Achei que a vestimenta e a persona do Martelo podiam parecer um tanto exageradas, mas recentes evoluções na Federação Mundial dos Lutadores provaram que eu estava enganado.

# Obras

- *Coisas que fazem seu coração bater mais rápido*, Jennifer Anderson. Primeira publicação em *The Missouri Review*.
- *Noite da lagosta*, Russell Banks. Primeira publicação em *Esquire*. Reimpresso de *The Angel in the Roof*.
- *Comida de prisão*, Michael Downs. Primeira publicação em *Witness*.
- *No ozônio*, Leslie Edgerton. Primeira publicação em *High Plains Literary Review*.
- *O forrador de papel*, William Gay. Primeira publicação em *Harper's Magazine*.
- *Um livro de Kells*, Jeremiah Healy. Primeira publicação em *Mary Higgins Clark Mystery Magazine*.
- *O último dia de Erie*, Steve Hockensmith. Primeira publicação em *Alfred Hitchcock's Mystery Magazine*.
- *Sob suspeita*, Clark Howard. Primeira publicação em *Ellery Queen's Mystery Magazine*.
- *A Hollywood dela*, Michael Hyde. Primeira publicação em *Alaska Quarterly Review*.
- *Família*, Dan Leone. Primeira publicação em *Literal Latte*.
- *Esporte sangrento*, Thomas Lynch. Primeira publicação em *Witness*.
- *O parque*, David Means. Primeira publicação em *Witness*.
- *Marés*, Kent Nelson. Primeira publicação em *The Georgia Review*.
- *A garota com o olho roxo*, Joyce Carol Oates. Primeira publicação em *Witness*.

- *Numa boa*, T. Jefferson Parker. Primeira publicação em *Easy Street* por T. Jefferson Parker, ASAP Press.
- *A grande mordida*, Bill Pronzini. Primeira publicação em *The Shamus Game*, organização de Robert J. Randisi, Signet.
- *Desaparecido em ação*, Peter Robinson. Primeira publicação em *Ellery Queen's Mystery Magazine*.
- *A plástica facial*, Roxana Robinson. Primeira publicação em *The Atlantic Monthly*.
- *Rancho grande*, John Salter. Primeira publicação em *The Third Coast*.
- *Um empurrão e tanto*, Nathan Walpow. Primeira publicação em *A Deadly Dozen: Tales of Murder in Los Angeles*, organização de Susan B. Casmier, Aljean Harmetz e Cynthia Lawrence, Uglytown.



Este livro foi composto na tipologia Goudy, em corpo 11/14, e impresso em papel Chamois fine 80g/m2 no Sistema Cameron da Divisão Gráfica da Distribuidora Record.